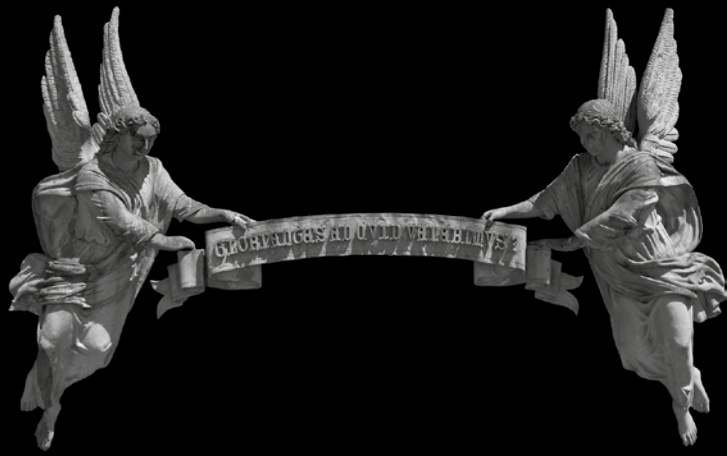

São Torcato:

história, devoção e património





GEORGIUS AD ULRICUM





Irmandade de São Torcato

Irmandade de São Torcato

Juiz: Paulo Jorge Freitas Oliveira Novais

Vice-juiz: Manuel Macedo Carvalho

Secretário: José Manuel Magalhães Teixeira

Tesoureiro: Ricardo António Torres Faria de Freitas

Vogais: Miguel Ricardo Freitas Rodrigues, Rui André Freitas de Sousa, Manuel Freitas da Silva, Daniel Augusto Piairo de Castro, Francisco da Cunha Santos, Maria Teresa Vaz Batista Vieira e Brito, José Miguel Oliveira Guimarães Matos

www.irmandadesaotorcato.pt

Título

São Torcato: história, devoção e património

Coordenação editorial

Raul Pereira, Francisco Brito

Autores

Aires Gomes Fernandes, António Amaro das Neves, António José de Oliveira, Armindo Cachada, Francisco Brito, Hugo Castro, João Durães, João Luís Marques, João Paulo Braga, Luís Fontes, Manuel Miranda Fernandes, Maria José Queirós Meireles, Nuno Vieira e Brito, Paulo Abreu, Raul Pereira, Rita Salgado, Rui Faria, Vitor Fernandes

Revisão

Filipa Araújo

Design editorial

Pedro Simões

Fotografia da capa

Arquivo da Irmandade de São Torcato

Edição

Município de Guimarães

www.cm-guimaraes.pt



CÂMARA
MUNICIPAL DE
GUIMARÃES

ISBN

Edição impressa — 978-972-8050-72-6

Edição digital — 978-972-8050-74-0

Depósito Legal

515177/23

ANNO MMXXIII

O cumprimento do Acordo Ortográfico de 1990 ficou ao critério de cada autor(a).



São Torcato: história, devoção e património



**Prefácios
institucionais**

19

— História —
**A numerosa e bem
escolhida livraria
de Frei Domingos
da Soledade Sillos**
—
Francisco Brito

43

— História —
**A fixação no vale, o
cenóbio primitivo
e a sua importância
nos alvares do
reino de Portugal**
—
Aires Gomes
Fernandes

67

— História —
**A história da vila
e do culto a São
Torcato**
—
Francisco Brito,
Rui Faria

101
— História —
**As efemérides
de São Torcato,
segundo João Lopes
de Faria**
—

António Amaro das
Neves

143

— História —
**“Porque tudo é
permanente e
visível”. O culto
e as anteriores
vestes do corpo
de São Torcato de
Guimarães**
—

João Durães

165

— História —
**São Torcato na
pena de Camilo
Castelo Branco e
de outros romeiros
literários**
—

João Paulo Braga

183

— Devoção —
**São Torcato:
“Milagres
tantos e de tanta
magnitude...”**
—

Paulo Abreu

205

— Devoção —
**São Torcato de
Guimarães: Céu
e terra numa
sinfonia de pedra**
—

Raul Pereira

233

— Património —
**Arqueologia e
arquitecturas**

—
Luís Fontes

249

— Património —
**O verde e o vale
na paisagem
trans-substancial
de São Torcato**

—
Manuel Miranda
Fernandes

271

— Património —
**O património
arbóreo e vegetal de
São Torcato**

—
Rita Salgado

283

— Património —
**Obras de pedraria,
carpintaria e talha
da Igreja Paroquial
de São Torcato
(1686 - 1800)**

—
António José de
Oliveira

335

— Património —
A escola de cantaria

—
Vitor Fernandes

355

— Património —
**SIT 1867,
a arquitectura
(des)conhecida de
Ludwig Bohnstedt**

—
João Luís Marques

389

— Património —
**São Torcato:
uma paixão e
curiosidade de
décadas**

—
Armindo Cachada

415

— Património —
O vale do sustento

—
Nuno Vieira e Brito

429

— Património —
**São Torcato:
música,
comunidade e
património**

—
Hugo Castro

455

— Património —
**Os tesouros e a
arte desconhecida
de São Torcato: a
identidade e a fé**

—
Maria José Queirós
Meireles



O ser humano é um ser imerso em busca de respostas ao seu próprio mistério, ao mistério da vida e ao mistério de Deus. Posiciona-se como um eterno peregrino (*per+agros*), caminhante, discípulo da via, romeiro, no seu sentido etimológico do termo, até ao encontro do sentido possível da existência e da sua verdade mais íntima, ou seja, do seu “*Fiat lux*”.

Neste âmbito, os Santos apresentam-se para nós como exemplos vivos e concretos desse “caminho de luz”, de “verdade e de vida” (Jo, 14, 6). Nesta nossa itinerância terrena, tão exigente quanto angustiante, os Santos, e particularmente o exemplo de São Torcato, são modelos, que nos incitam a procurar a verdade e a beleza no íntimo de cada um de nós, para além das meras aparências que nos aturdem diariamente, a resposta a tantas dúvidas que assaltam a nossa pessoa. Cada um deles (Santos), ao seu modo e ao seu jeito próprios, apresentam-se como caminhos de luz e de acesso à verdade e beleza supremas. Como refere D. José Policarpo, Cardeal-Patriarca de Lisboa, “a contemplação da beleza não gera, apenas, uma experiência estética, conduz o homem à consciência das verdades fundamentais sobre o sentido da vida” (*Ecclesia*). Assim, São Torcato, o Santo do Povo, é esse exemplo de luz e de beleza, que ilumina, aprofunda a vida espiritual de milhares de devotos, nos abraça e envolve num itinerário de devoção, que passa por três marcantes festas litúrgicas:

- o dia de São Torcato comemora o martírio do Santo Mártir Félix Torcato, que se realiza em cada 27 de fevereiro;
- o aparecimento da relíquia do Santo e o brotar da sua Fonte Milagrosa, que se festeja em 15 de maio, na Romaria Pequena;
- a trasladação do Corpo do Santo, ocorrida em 4 de Julho de 1852, do velho mosteiro para a Basílica, que se celebra no primeiro domingo de julho e dura três dias, na Romaria Grande.

Volvidos quase treze séculos, a vida de São Torcato é um testemunho de vida cristã e de consagração à vida religiosa, continuando a ser espelho de beleza nas nossas vidas, conducente à suprema beleza de Deus.

São Torcato: história, devoção e património surge como um documento fundamental para compreender a devoção ao Santo do Povo. Num contexto em que São Torcato e o seu exemplo de vida inspiraram uma devoção secular e ininterrupta, e um património único, a Irmandade de São Torcato e os seus devotos desempenharam um papel central nesse desiderato. Neste livro, São Torcato é perspectivado em múltiplas dimensões: a histórica, a religiosa e a patrimonial, que se materializam num ambiente único e sagrado.

O nosso muito obrigado a todos os que nos ajudaram nesta travessia do conhecimento sobre a história, a devoção e o património de São Torcato. O coração e a memória não o esquecerão...

2023

Mesa Administrativa da Irmandade de São Torcato





A presente obra é fruto de um trabalho ambicioso, delineado pela Irmandade de São Torcato, com o objectivo de promover uma actualização do conhecimento científico relativo ao culto do Santo e a temas relacionados. Com este intuito, considerámos que deveríamos envolver neste projecto dezenas de pessoas das mais diversas áreas científicas, artísticas e técnicas, de forma a cobrir o maior número de áreas do conhecimento possível sobre a devoção milenar a São Torcato.

Todo este esforço resulta aqui, nestas páginas, naquele que é, sem margem para dúvidas, o maior trabalho multidisciplinar realizado sobre São Torcato após o livro de Frei Domingos da Soledade Sillos, publicado em 1853. Para cada área temática convidámos especialistas que não só possuem reconhecidas capacidades científicas, como um conhecimento da realidade torcatense e, logo, um gosto e interesse inerentes em integrar esta equipa.

Este trabalho é, todavia, apenas o início de uma nova romagem ao vale infundável de São Torcato — um espaço aberto à exploração pelas novas gerações e por novas investigações. Foi para o futuro delas que nos propusemos a fazer esta reserva de conhecimento e memória.

Os coordenadores,

Raul Pereira

Francisco Brito





Pax!

A Irmandade de São Torcato desenvolve uma obra evangelizadora, litúrgica, social e cultural de reconhecida dimensão. Por isso, saudamos e felicitamos a hodierna publicação *São Torcato: história, devoção e património*.

De facto, São Torcato faz-nos entrar no mistério de Deus e da humanidade, porque «*Os santos são as chamas do fogo sagrado*» (David Maria Turolde).

No calendário próprio bracarense de 1924 a 1998, a memória de São Torcato assinalava-se no dia 27 de fevereiro. A tradição inscreve o Arcebispo São Torcato nas listas episcopais de Dume (décimo Bispo) e de Braga (quadragésimo sexto). Atualmente está em revisão o Próprio da Arquidiocese.

Ao longo dos anos o seu culto mantém-se vivo, em especial na Basílica Menor com o mesmo nome. A este lugar sagrado peregrinam muitos féis ao encontro do Mistério no lugar da celebração (igreja) que é muito mais do que um edifício, é a casa para a assembleia do povo de Deus (*domus ecclesiae* = casa da Igreja). A Basílica de São Torcato é digna e bela como sinal e símbolo das realidades celestes.

No século X, o nome de São Torcato encontrava-se no ordenamento geral da Missa segundo o Rito que nasceu e se desenvolveu na Península Ibérica, conhecido por Hispano-Moçárabe. Com efeito, aquando das intercessões solenes pode ler-se: «*Em memória dos santos Apóstolos e Mártires, da gloriosa sempre Virgem Maria, de Zacarias, João, os Inocentes, Estêvão, Pedro e Paulo, João, Tiago, André, Acílio, Torcato, Frutuoso, Félix, Vicente, Eulógio, Justo e Pastor, Justa e Rufina, Eulália, a outra Eulália, Leocádia*».

Atendendo às convulsões provocadas pela invasão muçulmana do século VIII, não se estranha a ausência de fontes documentais referentes a São Torcato. Todavia, ele ficou guardado na memória popular e eclesial como testemunha eloquente da fé, da esperança e da caridade.

Na verdade, «*A linguagem é viva, quando falam as obras. Cessem, portanto, as palavras e falem as obras. De palavras estamos cheios, mas de obras vazios*» (Santo António de Lisboa).

Auguramos que esta obra com a colaboração de tantos autores, seja um precioso contributo para um reconhecimento cada vez maior da história, da devoção e do património a que São Torcato nos desafia nos tempos atuais.

† **D. José Manuel Cordeiro**

Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas





É sabido que Guimarães se orgulha da sua rica e vasta história, sendo o seu expoente a Batalha de S. Mamede, momento seminal da fundação da nacionalidade. Poderia Guimarães, enquanto ex-líbris de Portugal, ter permanecido amarrado aos propectos factos de 1128 e se ter desenvolvido enquanto comunidade?

Sem retórica, insisto na ideia que tem vindo a ser a base do pensamento que molda a orientação das políticas públicas que persigo. E, para tal, recorro a Guilherme d'Oliveira Martins, que, em *Património, Herança e Memória. A Cultura como criação* refere os três tempos identificados por Santo Agostinho: *“Um presente das coisas passadas, um presente das coisas presentes e um presente das coisas futuras. O presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presentes é a vida e o presente das coisas futuras é a espera”*. Guimarães olha para a memória e constrói, na sua vida, pontes para o que se espera. E fá-lo através da Educação, Cultura e Ciência. Lanço de novo mão a Guilherme d'Oliveira Martins, que, na mesma obra, diz: *“O desenvolvimento humano não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural, em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência”*.

Podemos então dizer que a realidade emerge de um conjunto de acontecimentos oriundos de diversos tempos, que influenciam o nosso Património material e imaterial. Importa perceber essa realidade, perceber o que herdámos e o que criámos, que é a base do que construiremos para o futuro. Sendo

o Património cultural uma realidade dinâmica, preservá-lo significa traçar os vários pontos do trajeto que já trilhámos, para que possamos perceber como chegámos aqui. Perante a fugacidade do presente, preservar a memória é fundamental, como fundamental é ter em conta não apenas o valor histórico e patrimonial do que queremos preservar, mas também a relação que a comunidade estabelece com esse objeto.

A presente obra, *São Torcato: história, devoção e património*, é um documento que cumpre esses dois valores: o histórico e patrimonial e o da relação que se estabelece entre a comunidade da Vila de São Torcato, e de Guimarães, com o seu Santo. Reúne um conjunto de textos que permite perceber porque chegámos a este presente, aqui entendido como a “realidade” que emerge de um conjunto de produção científica que não prescinde da influência do “presente da sua produção”, mas que recorre sempre ao passado como fonte de conhecimento. Esse “presente das coisas passadas” que é deixado como legado.

A importância para a Vila de São Torcato, e para Guimarães, de *São Torcato: história, devoção e património* é inegável. É um documento que guarda histórias, memórias, que preserva, restaura e conta. Um povo que não o faz, não sabe quem realmente é.

Domingos Bragança

Presidente da Câmara Municipal de Guimarães





O MR Prior de Villa do Conde Domingus da Sociedade Sillos, Pregador Regio e Cavalleiro da Ordem de Christo falle-
cido aos 22 d Agosto de 1855 zelozo e incansavel protector d'este Sanctuario, em memoria do que se collocou aqui
o seu retracto hoje 6 de Julho de 1856.



Francisco Brito

Historiador

Livreiro

A numerosa e bem escolhida livraria de Frei Domingos da Soledade Sillos

1 — Breve nota biográfica de Domingos da Soledade Sillos

Domingos de Silos e Sousa nasceu em Braga (Sé), na Rua dos Sapateiros, no dia 17 de Dezembro de 1805, sendo baptizado no dia seguinte. Era filho de Martinho José de Sousa e de sua mulher, Águeda Teresa. Teve por padrinhos Domingos Fernandes Vilaça e Maria Rosa, moradores no Campo das Hortas. Era neto paterno de Custódio de Sousa e de Catarina Teresa, moradores em Braga, na Rua do Carvalhal, freguesia de São João de Souto e neto materno de Pedro Álvares e Maria Gonçalves, dados como moradores em Esporões e em Palmeira, então freguesias rurais do concelho de Braga¹. Na sua Inquirição

1) Arquivo Distrital de Braga. Inquirição nº 34499.



de Genere, realizada em 1820, é referido que os pais moravam na rua do Campo, freguesia da Sé Primaz. A Inquirição é omissa quanto à profissão dos pais. Contudo, Inocêncio Francisco da Silva², no seu *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, afirma que os pais de Domingos da Soledade Sillos eram “pessoas de honrado tracto, mas pouco abastados de fortuna”³.

Nada conseguimos apurar sobre a sua infância. E sobre a sua juventude apenas sabemos que, em 1820, fez a já referida Inquirição de Genere (o que indiciava que poderia abraçar a vida eclesiástica) e que dois anos depois o seu pai, Martinho José de Sousa, morreu na sua casa da Rua do Campo em Braga⁴. É de supor que tenha crescido e vivido na cidade de Braga até ter ingressado, em 1824, na Província da Soledade (Franciscanos), sendo Opositor e Leitor de Filosofia no Colégio de Castelo Branco. Em 1832, terá sido expulso do Convento devido às suas ideias liberais⁵. Depois, com a extinção das ordens religiosas, passa a clérigo regular, tendo sido nomeado, em 1835, Abade de Gémeos (uma freguesia de Guimarães), sendo de seguida pároco de Touguinhó e, mais tarde, Prior de Vila do Conde⁶, Igreja em que foi apresentado “em 18 de Abril de 1839”⁷ e que deixaria em 1850. Foi na qualidade de Prior de Vila do Conde que lavrou o assento de baptismo de Eça de Queiróz, um registo em que o baptizado foi dado como filho de mãe incógnita, o que levou a que este procedimento (na época relativamente comum em certos contextos) fosse posteriormente tratado como uma espécie de bizarria (digna de nota e até de debate!) perpetuando assim, de uma forma algo inusitada, o nome de Frei Domingos da Soledade Sillos.

A apresentação da rendosa paróquia de Touguinhó, da Igreja Matriz de Vila do Conde, a nomeação como Pregador Régio e o facto de ter sido agraciado com a Ordem de Cristo, em 1845, demonstram a militância liberal de Frei Domingos da Soledade Sillos, uma vez que estes cargos e distinções eram mais facilmente atribuídos a pessoas próximas do regime. O posicionamento político de Sillos é amplamente referido por diversos autores que ora o classificam como liberal “exaltado” ou, a partir de um certo momento, o colocam na esfera do cartismo⁸.

2) Inocêncio Francisco da Silva (1810 – 1876) foi um dos mais importantes e marcantes bibliógrafos portugueses. O seu “Diccionario Bibliografico Protuguez”, um trabalho de grande fôlego, é ainda hoje uma referência incontornável para investigadores e bibliófilos.

3) Silva, Inocêncio Francisco da. (1859). *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa. Imprensa Nacional. Tomo II pp. 198 -199.

4) Morreu a 6.07.1822 na freguesia da Sé, concelho de Braga.

5) Marques, João Francisco. (1998). A Pregação Fúnebre na Igreja da Lapa no Aniversário da Morte de D. Pedro IV: Os Sermões do P. Domingos da Soledade Sillos. pp. 389-390. in D. Pedro Imperador do Brasil Rei de Portugal Do Absolutismo ao Liberalismo Actas do Congresso Internacional. Porto. Universidade do Porto. pp. 390.

6) Alves, José Maria Gomes. (88 Jan-Dez. 1978). Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães. Manuscritos do Abade de Tagilde. Notas e comentários. Iª Parte. Revista de Guimarães. pp. 198.

7) A Razão 8.05.1855.

8) Marques, João Francisco. (1998). A Pregação Fúnebre na Igreja da Lapa no Aniversário da Morte de D. Pedro IV: Os Sermões do P.

As suas qualidades como pregador levaram-no a diversos púlpitos, onde se desdobrou em vários sermões e orações tendo alguns chegado a ser publicados. Num dado momento, terá conseguido acumular alguns bens de fortuna, pois apresenta-se como fiador de António José de Castro Júnior num negócio de ascensão a mais de 600 mil de réis (e que lhe viria a trazer problemas, como se verá adiante).

Sillos não se limitou apenas ao exercício das suas funções eclesiásticas. Colaborou ocasionalmente em periódicos como *O Nacional*, *Brás Tisana*, *A Razão*, *O Moderado*, entre outros (tendo publicado nestes periódicos artigos sobre os melhoramentos nas Caldas das Taipas, sobre os festejos pela visita que Alexandre Herculano fez a Fafe, etc), respondeu a polémicas em que se achou envolvido e interessou-se por livros e manuscritos (tendo reunido a biblioteca que é objecto deste estudo).

Da sua vida pessoal, é de destacar o seu relacionamento com D. Maria José de Carvalho de quem teve um filho, Viriato Tito Sousa Carvalho (exposto na Roda de Braga) e, ainda, um outro relacionamento (com uma mulher que não conseguimos identificar) do qual nasceu um outro filho, Tito Viriato Sousa Miranda (exposto na Roda do Porto). Apesar de ambos os filhos terem sido expostos na roda, é certo que, num determinado momento, foram legitimados ou reconhecidos pelo pai, uma vez que ambos figuram no Inventário Orfanológico de Frei Domingos da Soledade Sillos.

Em 1850, logo após deixar o priorado de Vila do Conde, Sillos fixa residência em Guimarães. Ao longo da década de 50 do século XIX, Sillos manteve-se activo enquanto pregador e intelectual. Supomos que esta dupla condição, a de religioso e erudito, terá sido decisiva para que a Irmandade de São Torcato lhe encomendasse um estudo sobre a vida e culto de São Torcato que intitularia “Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torquato”, uma obra impressa em 1853 e que traria grande notoriedade a Sillos.

Em 1852, acompanha a visita régia a Guimarães e recita uma oração a Suas Majestades⁹. Nesse mesmo ano secretaria e faz parte das solenidades da trasladação do corpo de São Torcato, uma cerimónia que contou com a presença de uma boa parte da elite vima-ranense de então, e que foi encabeçada pelo Arcebispo de Braga, D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Melo e pelo Governador Civil do Distrito, Dr. António Clemente de Sousa Gião. Supomos que por essa altura Sillos estaria ainda a trabalhar afincadamente no seu livro sobre São Torcato. Em 1853, dos prelos da Imprensa Nacional sai “Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torquato, Arcebispo de Braga...”, uma encomenda da

Domingos da Soledade Sillos pp. 389-390 in D. Pedro Imperador do Brasil Rei de Portugal: Do Absolutismo ao Liberalismo, Actas do Congresso Internacional. Porto. Universidade do Porto.

9) Braga, Alberto Vieira. (1946) Curiosidades de Guimarães. X Visitas régias e aposentadorias fidalgas. Revista de Guimarães, 56 (3-4) Jul.-Dez. p 203.



Irmandade de São Torcato que Sillos aceita motivado pela necessidade e não pelo orgulho¹⁰. No início de Fevereiro de 1854, vamos encontrar Sillos como pregador em Ponte de Lima, por ocasião das “exéquias por alma de sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Segunda”¹¹. Em Agosto de 54 (entre os dias 21 e 23), recebe Alexandre Herculano em sua casa, pelas dez da noite¹², por ocasião das visitas do historiador a Guimarães e a Fafe¹³ e, daí em diante, Sillos diz-se seu “intimo amigo”¹⁴. Nesse mesmo ano, faz a doação do manuscrito de “Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torquato” à Irmandade de São Torcato. No ano seguinte, em Março, Sillos é anunciado como o principal pregador numa “função de Passos” promovida pela Santa Casa da Misericórdia de Valença¹⁵. Em Junho, é também noticiado que irá pregar em Caminha¹⁶. Em 1855 terá passado por algumas dificuldades financeiras pois um amigo a quem havia servido de fiador não cumprira com a sua palavra, recaindo sobre Sillos a responsabilidade de assumir a dívida ou de chegar a acordo com o credor, o que acabou por acontecer¹⁷.

Nos seus últimos anos de vida, após deixar o priorado de Vila do Conde, passou a viver em permanência em Guimarães, numa casa na Rua da Fonte Nova (actual Rua de Santo António). Supomos que a sua saúde se terá começado a deteriorar rapidamente no ano de 1855. Morreu a 22.08.1855 no Hospital da Ordem Terceira de São Domingos¹⁸.

2 — Uma biblioteca no centro de um inventário

Pouco tempo após a morte de Frei Domingos da Soledade Sillos, dava-se início ao inventário dos seus bens que acabariam por ser vendidos em hasta pública. O inventário era obrigatório, uma vez que o antigo egresso franciscano havia deixado dois filhos menores. Contudo, a versão que chegou a Inocêncio Francisco da Silva, o celebrado autor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, foi um pouco diferente. Sobre o destino da biblioteca de Sillos dizia-lhe o seguinte o conhecido bibliófilo vizelense Dr. Pereira Caldas: que Sillos

10) Sillos, Domingos da Soledade. (1998). – Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato. Guimarães. Irmandade de S.ão Torcato. pp. 16.

11) O Pharol do Minho 13.02.1854.

12) Herculano, Alexandre; Nemésio, Vitório. (1973) (Ed. e pref.) Cenas da Minha Vida: Poesia e Meditação 1831 – 1832; Apontamentos de Viagem. 2ª Ed. Lisboa. Betrand. p. 242-243.

13) Arquivo Historico Português. Vol IX. 1914. pp. 430.

14) Herculano Inédito. Ottosgrafica. 1955. pp. 35.

15) A Razão 27.02.1855.

16) A Razão 2.07.1855.

17) AMAP. Inventário de Menores por óbito de Frei Domingos da Soledade Sillos. Maço 288 nº 1 fl. 549.

18) O assento de óbito encontra-se no livro de óbitos de São Paio (existente no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta). A referência ao local do óbito – Silva, Inocêncio Francisco. Diccionario Bibliographico Portuguez. Tomo II. pp. 198 - 199 e Freitas, Bernardino Senna de. (1891). “Memorias de Braga”. Braga. Imprensa Catholica. Tomo IV. pp. 445.

“deixara um filho natural, em cuja educação muito se desvelara; e ao qual legou a sua livraria (...)”¹⁹. Pela forma como a informação aparece transcrita fica a ideia que Sillos teria apenas um filho, com uma certa preparação intelectual e que, como tal, viria a manter a biblioteca do seu pai da qual se serviria no futuro. Na verdade, a biblioteca de Sillos acabou por servir o propósito para o qual havia sido destinada, mas apenas em certa medida e não de uma forma linear, como será demonstrado adiante.

O inventário correu da forma costumeira pela pena do escrivão Bento José Ferreira Porto. Trata-se de um documento extenso (com 769 fólhos), onde foram seguidos os trâmites normais que consistiam, grosso modo, em fazer uma relação de bens (móveis e imóveis) e a avaliação do património do inventariado. A estes procedimentos juntavam-se intermináveis burocracias (requerimentos, junções, publicação de anúncios para arrematação dos bens, petições, listas de emolumentos, etc.)²⁰. A inventariante e usufrutuária dos bens foi D. Maria José de Carvalho, o herdeiro testamentário foi o seu filho Viriato Tito de Carvalho (que terá recebido a parte disponível da herança) e como herdeiro legatário foi indicado o outro filho, Viriato de Sousa Miranda (com quem supomos que Sillos manteria uma relação mais distante). O testamenteiro foi Joaquim José de Azevedo Machado²¹ e o Conselho de Família era constituído pelos seguintes elementos: Domingos José Ribeiro e Silva, cirurgião e proprietário do lugar da Pisca (em Creixomil), António Ribeiro de Faria da Casa de Corrodela (em São Torcato), Gaspar António dos Guimarães Susana, proprietário do Lugar da Conceição (em Fermentões) e José de Freitas Guimarães.

No inventário, cujo valor líquido era de mais de 2.500.000 (dois contos e quinhentos mil réis) a biblioteca estava avaliada em 334.260 réis (trezentos e trinta e quatro mil duzentos e sessenta réis), representando cerca de 12% do valor total do inventário. O conjunto dos livros (a segunda parte mais valiosa do inventário, só ultrapassada pela suas casas em Vila do Conde que foram avaliadas em cerca de 800.000 réis) representava um valor considerável para a data e para o estatuto de social de Sillos que, muito embora tivesse tido a seu cargo paróquias rendosas e obtivesse alguns proventos dos seus sermões e publicações, não terá conseguido chegar ao fim da vida numa situação financeira confortável, conforme se depreende do valor do seu inventário²². Se comparada a outras

19) Silva, Innocencio Francisco da. (1895). Diccionario Bibliographico Portuguez. Lisboa. Imprensa Nacional. Tomo II. pp. 198 e 199.

20) A ideia que fica após consultar ao longo dos anos diversos inventários é que se, por um lado, o documento é estruturado para que a Lei seja cumprida (com o envolvimento de tutores, louvados, escrivães, advogados, juizes, etc.), poderá haver, em certos casos, a omissão ou não inclusão no inventário de certos bens (legados possivelmente pouco antes da morte do inventariado ou por ele previamente destinados informalmente para um determinado herdeiro) e que o valor final atribuído aos bens (móveis e imóveis) dependeria da competência ou – arrisco dizê-lo – cumplicidade dos louvados.

21) Importante negociante e proprietário.

22) O valor do inventário reflecte uma situação económica estável mas não demonstra um grande desafogo financeiro e abundância de bens.



bibliotecas da época, não é descabido dizer que se tratava de uma livraria valiosa²³. Contudo, apesar do valor da biblioteca representar cerca de 12% do valor total do inventário, nenhum dos louvados responsáveis pela avaliação tinha um conhecimento profundo do mundo dos livros. Na época em que o inventário foi elaborado, existiam em Guimarães pelo menos dois negociantes de livros, bem como diversos bibliófilos²⁴ com capacidade e conhecimento para fazer uma descrição e avaliação correcta da biblioteca de Sillos. Mas não foram nomeados louvados nem terão sido consultados para a feitura inventário. Este facto poderá causar alguma estranheza, mas, na verdade, o mercado do livro antigo e usado, em Portugal, no século XIX, era ainda incipiente e a variação de preços e a volatilidade das avaliações parecia ser frequente²⁵. Para além disso, fica a sensação que os livros não seriam devidamente valorizados como um objecto de rápida e apetecível transacção²⁶. Tarefa morosa e ingrata para os louvados, em muitos inventários não é invulgar encontrar a descrição da biblioteca relegada para o final dos volumes, com obras agrupadas em lotes ou inventariada posteriormente, por ordem do magistrado que dirige o inventário. Por vezes, mesmo em inventários de letrados e de outras gentes que cuja profissão e condição social indicaria a posse de livros, o arrolamento dos livros é escasso ou inexistente²⁷. No inventário por óbito de Frei Domingos da Soledade Sillos a biblioteca ganha, em certa medida, um lugar central. Talvez pela sua dimensão e valor acaba por ser inventariada com a indicação de “Livraria”, o que nem sempre acontece noutros inventários da época e com algum cuidado (cada livro é descrito individualmente). Ainda assim a lista dos livros é feita sem grande rigor, o que decorre da falta de habilitações dos louvados, como se verá adiante.

23) Se considerarmos a relação entre o número de exemplares e o valor global atribuído aos livros pode dizer-se que a biblioteca era valiosa. A biblioteca do religioso vimaranense Frei Bento de Freitas Guimarães, composta por cerca 55 títulos, valia cerca 18.880 réis. Este frade era um homem abastado, sendo o valor total do seu inventário de cerca de 6 contos de réis. A biblioteca de Hery Burnay, 1º Conde de Burnay (1838 – 1909), um dos homens mais ricos do país, era composta por 940 volumes e valia cerca de 300.000 réis. A biblioteca do 1º Conde de Farrobo (1801-1869) com mais de 3000 exemplares valia cerca de 900.000 réis. Apenas certas bibliotecas com milhares de exemplares, detidas por regra por bibliófilos com uma capacidade financeira significativa ultrapassavam a barreira de 1 conto de réis. Diz-nos Inocêncio, no seu já citado *Diccionario Bibliographico Portuguez*, que a biblioteca do Monsenhor Ferreira Gordo terá custado cerca de 3 contos e 500 mil réis. As informações sobre as bibliotecas de Henry Burnay e do Conde do Farrobo foram retiradas de Lima, Nuno Miguel Silva. (2009). Henry Burnay no contexto das fortunas da Lisboa Oitocentista in *Análise Social*. vol. XLIV (192). 565-588.

24) Entre as décadas de 40 e 60 do século XIX, existiram em Guimarães alguns negociantes de livros, livreiros, encadernadores e bibliófilos que poderiam ter sido chamados para efectuar a avaliação dos livros. Dos bibliófilos podemos destacar o Dr. Bento de Oliveira Cardoso (que mais tarde será referido no inventário como comprador de alguns livros). Como negociantes ocasionais de livros ou livreiros podemos referir os nomes de Domingos António de Lemos, António José Dias de Sousa Azevedo e um livreiro estabelecido n.º 14 da Rua da Sapateira (que não conseguimos identificar mas supomos ser alguém que herdou a livraria de Manuel José da Silva Guimarães, antigo livreiro e encadernador naquela rua).

25) Uma leitura atenta do *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocêncio Francisco da Silva permitirá encontrar diversas referências à disparidade na atribuição de preços e às variações a que estavam sujeitos.

26) Em 1863, num edital apenso ao inventário é dito que ainda não foram vendidos diversos bens, nomeadamente 34 livros. (AMAP. Inventário de Menores por óbito de Frei Domingos da Soledade Sillos. Maço 288 n.º 1 - folha apensa).

27) Veja-se a esse exemplo o Inventário por óbito do Advogado, Deputado e Conselheiro José Fortunato Ferreira de Castro.

O que causa mais prejuízo ao leitor contemporâneo do inventário desta biblioteca é a incapacidade dos louvados no que diz respeito à identificação e classificação das obras, das edições e, por vezes, da língua em que os livros foram editados. É apenas referido um título (não raras vezes uma aproximação ou abreviação do título original), o número de volumes e o valor atribuído a cada obra. A indicação das edições é inexistente. A identificação dos livros e do idioma em que estão escritos é também um problema. A título meramente exemplificativo diremos que a obra “Entrétiens de Ciceron sur La Nature des Dieux” (traduzida para francês por L’Abbé d’Olivet) é identificada pelos louvados apenas como “Entretenimentos de Cícero”, o que pode gerar as mais variadas confusões...

É então pela pena confusa e imprecisa destes louvados que entramos na “numerosa e bem escolhida” livraria de Frei Domingos da Soledade Sillos.

3 — A “numerosa e bem escolhida” livraria de Frei Domingos da Soledade Sillos

“Desejo que esta biblioteca seja tão diversa como a não saciada curiosidade que me induziu (...) à exploração de tantas linguagens e tantas literaturas” – Jorge Luís Borges

Com uma simples frase o Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas (1818 – 1903), conhecido bibliófilo e erudito, conseguiu descrever a biblioteca de Frei Domingos da Soledade Sillos: era “numerosa e bem escolhida”. Esta informação chegou a Inocêncio Francisco da Silva, que a reproduziu na entrada sobre Sillos do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*. A biblioteca descrita no inventário era composta por 411 títulos (repartidos por 829 volumes), valia 334.260 réis e era formada por livros dos mais variados assuntos (alguns que parecem ser pouco comuns, se comparados com os que encontramos em algumas bibliotecas e gabinetes de leitura já estudados). É possível que a sua biblioteca tenha tido uma dimensão maior, uma vez que no inventário é referido que em Vila do Conde tinha “quatro estantes de livraria de pinho avaliadas em 1680 réis”²⁸, sendo provável que por lá tivessem ficado alguns livros que não despertaram o interesse dos louvados. Para além disso, nenhuma das obras da autoria de Sillos consta do seu inventário e algumas obras que subscreveu (como a “Chronica de El Rei D. Sebastião” de Frei Bernardo da Cruz, publicada em 1837), que consultou (como a História de Portugal de Alexandre Herculano, citada no seu trabalho sobre São Torcato) ou ainda que foram dadas como estando em seu

28) AMAP. Inventário de Menores por óbito de Frei Domingos da Soledade Sillos. Maço 288 n.º 1 fl. 118v.



poder, como é caso de uma parte da versão manuscrita d'Os Lusíadas de Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, não aparecem arroladas no documento.²⁹

É difícil chegar a uma conclusão quanto ao significado (no plano local e nacional) do número de livros que Sillos possuía quando foi elaborado o inventário. Como já foi referido foram arrolados 411 títulos. É possível que, num dado momento, a biblioteca tivesse conhecido uma outra dimensão (tendo o seu possuidor vendido, trocado, emprestado ou oferecido alguns exemplares). Mas o mais provável é que Sillos tivesse tomado boa nota do conteúdo das obras com que se cruzou nos conventos, nas bibliotecas públicas e nas casas de outros literatos que frequentaria, acabando por adquirir os livros que achava indispensáveis ou que teria dificuldade em encontrar noutros locais.

Se trabalharmos com os números indicados no inventário (411 títulos distribuídos por 829 volumes) podemos afirmar estar perante aquilo que seria uma biblioteca de média dimensão para a altura, no que ao número de títulos diz respeito. Como exemplo podemos referir que o advogado e historiador Alberto Sampaio (1841 – 1908), tinha 696 títulos (era de uma outra geração e teria uma capacidade financeira superior à de Sillos)³⁰. Sir Gubian tinha mais de 1000 livros vendidos em leilão em 1867³¹ (outros tantos terão sido vendidos num segundo leilão em 1876³²) e o mesmo se pode dizer de J. F. Judice Bicker (bibliotecário do Ministério dos Negócios Estrangeiros) que reuniu cerca de 1000 livros e manuscritos, leiloados em 1899³³. O bibliófilo português José Gomes Monteiro (1807 – 1879) tinha uma biblioteca com mais de 2000 livros³⁴. Cerca de 6000 livros teria o Marquês de Sousa Holstein, que acabaram vendidos judicialmente em hasta pública em 1879³⁵. Se estes últimos números se afastam da realidade de Sillos, há outros que parecem

29) Não é de excluir que Sillos possa ter vendido algumas destas obras ainda em vida e que possa ter consultado outras em bibliotecas públicas ou particulares. O caso do manuscrito é mais complexo. O tutor de um dos menores, João António Fernandes Ferreira (ourives) acusa a depositária dos bens (D. Maria José Carvalho) de ter sonegado o manuscrito camoniano e alguns sermões, como se percebe da peça presente no inventário: “sermões manuscritos”, “um rico livro manuscrito em latim de muza de Camões” (p. 303 v). Bento Cardoso, advogado e bibliófilo (conhecedor da bibliografia camoniana), defende D. Maria José de Carvalho alegando que “consultando a esse respeito pessoas doutas e designadamente o Rev. Francisco Xavier de Sousa desta cidade que foi informador para a louvação da livraria, nenhuma destas pessoas quis, nem soube, dar-lhe valor, declarando que isso não devia descrever-se nem vender-se sem primeiramente ser examinado por pessoa muito competente e se verificar assim o valor que por ventura possa ter” (p. 330). É sabido que após a morte de Sillos o manuscrito de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo passou a estar na posse do Dr. Pereira Caldas.

30) Nóvoa Faria, Emília. (2016). Os Livros de Alberto Sampaio. Famalicão. Humus. 20 – 23.

31) Catálogo dos Livros Raros Manuscritos e Impressos que Compunham a Biblioteca de Sir G...Livros raros e curiosos, clássicos portugueses, hespanhois e latinos; edições originaes, raras, e algumas desconhecidas...Lisboa. Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves. 1867.

32) Franco, Luís Farinha, & Monteiro, Isabel Líbano. (2002). Leilões de Livros, erudição, colecionismo e negócio séculos XVIII-XIX. Lisboa. Biblioteca Nacional. 17.

33) Catálogo da Livraria do Fallecido J. F. Judice Bicker...Lisboa. Imprensa Lucas. 1895.

34) Catálogo dos Livros que foram do falecido senhor Jose Gomes Monteiro e que hão de ser vendidos em leilão...Porto. Typ. de Alexandre da Fonseca Vasconcelos. 1880.

35) Catálogo da livraria do finado Marquez de Souza Holstein...Lisboa. Typographia de J. H. Verde. 1879.

aproximar-se. Em Lisboa, no século XVIII, as bibliotecas mais comuns das elites teriam cerca de 500 livros³⁶ (apesar de estarmos a falar de uma época mais recuada, o que é significativo, o grupo social sobre o qual incide o estudo a que fazemos alusão teria um estatuto socioeconómico superior ao de Sillos, o que pode permitir uma certa equiparação).

É sabido que, em Portugal, os primeiros catálogos impressos de leilões de livros (uma fonte importantíssima para o estudo desta temática) remontam ao século XVIII, ainda que só se tenham começado a tornar mais frequentes na segunda metade do século XIX³⁷. Muito embora também se encontrem inúmeras referências às livrarias do século XIX na literatura (de que Camilo é um bom exemplo), em certos documentos e em alguns estudos antigos e contemporâneos, não existe ainda uma sistematização da informação que torne possível efectuar comparações e análises rigorosas sobre esta matéria.

3.1 — Formação da biblioteca: acesso ao livro e contacto com bibliófilos

Nas primeiras décadas do século XIX, a edição de livros na Europa era uma realidade que, não sendo incipiente, não pode ser de forma alguma comparada ao movimento editorial dos dias de hoje. Apesar de se ter verificado um aumento significativo das casas impressoras entre os séculos XVI e XVIII, o número de leitores e de pontos de distribuição era reduzido, o que causava dificuldades acrescidas aos editores e influenciava a tiragem de cada edição³⁸. Em Portugal, a situação era idêntica. Na primeira metade do século XIX, havia já uma rede de livreiros internacionais estabelecidos em Portugal³⁹. Para o início do seu contacto no mundo dos livros poderá ter sido importante a sua juventude passada em Braga, onde os prelos trabalhavam desde o século XVI, e onde facilmente poderia ter contacto com bibliófilos e livreiros⁴⁰. Determinante foi certamente a passagem de Frei Domingos da Soledade Sillos por Castelo Branco. Lá, não só foi professor, mas também terá tido contacto com os livros existentes nos Conventos da sua ordem religiosa. No Norte do país, onde Sillos terá passado grande parte da sua vida, existiam as Bibliotecas Públicas do Porto e de Braga (formadas em grande parte com os fundos bibliográficos dos extintos Conventos) e Gabinetes de Leitura (nomeadamente em Guimarães, no Porto, possivelmente em Braga

36) Franco, Carlos. (2015). Casas das elites de Lisboa: objectos, interiores e vivências, 1750-1830. Lisboa: Scribe. p. 391.

37) Martinho da Fonseca. (1913). Lista de alguns catálogos de bibliothecas publicas e particulares de livreiros e alfarrabistas. Lisboa. Imprensa Libanio da Silva. pp. 18-53.

38) Febvre, Lucian, & Martin, Henri-Jean. (1984). The coming of the Book. Verso Editions. pp. 216-239.

39) Guedes, Fernando. (1987). O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua História. Séculos XVIII - XIX. Lisboa. Verbo. pp. 15 - 116.

40) Na sua Inquirição de Genere, o livreiro João Ferreira é uma das testemunhas ouvidas e afirma que não conhecia Sillos, mas que “conhecia muito bem seu pai”.



e noutras cidades minhotas)⁴¹ onde se podiam consultar (e possivelmente ouvir ler) certos livros e publicações periódicas. A estes juntavam-se as livrarias ou lojas em que, juntamente com outros produtos, se vendiam livros. Por estas lojas e por mãos particulares passaram também outros livros das antigas bibliotecas conventuais, milhares de livros desencaminhados “distribuídos a esmo, enxurradas sem rumo e sem norte”⁴² que certamente serviram muitos colecionadores particulares. As bibliotecas privadas, de maior ou menor dimensão, existiam, conservavam-se, dispersavam-se e floresciam em cidades como Guimarães⁴³, terra em que abundavam os literatos e amadores de antiguidades⁴⁴ e onde às velhas bibliotecas das casas aristocráticas se juntavam as novas bibliotecas de uma certa burguesia nobilitada pelas letras e provida de bens materiais que permitiam o acesso aos livros⁴⁵. Supomos que

41) Ver a este respeito: Brito, Francisco. (2017). Breve notícia da existência de um gabinete de leitura em Guimarães durante o vintismo in Veduta; Domingos, Manuela D. (1985). Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e leitores do século XIX. Lisboa. Centro de Estudos de História da Cultura Portuguesa; Esteves, Rosa. (1984). Gabinetes de Leitura em Portugal no século XIX (1815 – 1853) in “Revista da Universidade de Aveiro/Letras” nº 1, 1984 p. 214. ; Guedes, Fernando – O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua História. Séculos XVIII e XIX. Lisboa. Verbo. pp.167-208.

42) Franco, Luís Farinha, & Monteiro, Isabel Líbano (2002). Leilões de Livros, erudição, colecionismo e negócio séculos XVIII-XIX. Lisboa. Biblioteca Nacional. p. 13.

43) Convirá referir que depois da extinção das ordens religiosas em 1834, Sillos viveu em Guimarães (paróquia de Gémeos) entre 1835 e final de 1836, tendo escolhido depois Guimarães para fixar residência após deixar o priorado de Vila do Conde. Tal facto leva-nos a pensar que foram as suas relações e amizades no burgo vimaranense que o fizeram tomar essa decisão.

44) Sillos, Domingos da Soledade. (1998). Vida Preciosa e Glorioso Martírio de São Torcato. Guimarães. Irmandade de São Torcato. p. 9.

45) Temos notícia de diversas bibliotecas que existiram (e se dispersaram) ou que se começaram a formar em Guimarães da primeira metade do século XIX em diante, bem como de diversos possuidores de livros. Daremos, a título meramente exemplificativo, notícia de algumas destas bibliotecas e de possuidores de livros: a dos Condes de Vila Pouca (biblioteca antiga, construída por diversas gerações e composta de milhares de volumes, hoje em grande parte na Sociedade Martins Sarmento), a antiga biblioteca de Rodrigo de Freitas de Melo e Castro, Morgado de Nossa Senhora do Ó (mal arrolada num inventário de 1805, dividida por vezes em lotes, com um valor de cerca de 36000 réis e que se deve ter dispersado nos anos seguintes à morte do seu possuidor), a biblioteca da Casa do Costeado (onde os editais da Real Mesa Censória mantinham uma salutar convivência com os livros proibidos existentes nas mesmas estantes), a biblioteca que supomos ter existido na casa do Conde de Santa Luzia (cujo tio, José Duarte Machado Ferraz, publicou vários livros jurídicos e deu à estampa em 1850 “Da Natureza das Cousas” de Lucrécio, naquela que supomos ser a primeira versão desta obra impressa em língua portuguesa), a pequena biblioteca de Frei Bento de Freitas Guimarães (cerca de 60 livros descritos num inventário de 1868, herdada pelo seu testamenteiro herdeiro, o notário João de Oliveira Bastos que depois a engrandeceu), a biblioteca dos Morgados de Tresmonde existente na sua Casa do Toural (um dos maiores edifícios habitacionais urbanos de Guimarães, cabeça de mais de 100 propriedades e foros, com uma livraria esquecida num conjunto de bens que ficaram por arrolar e descrita de forma displicente: “quinhentos e noventa e um volumes de diversos autores sendo alguns com capas em pergaminho” – o que faz adivinhar a existência de mais!), a biblioteca do Dr. José Joaquim da Silva Areias (que comprou alguns livros à herança de Sillos e que tinha uma livraria composta por cerca de 100 livros, na sua maioria sobre medicina e redigidos em francês), a biblioteca do conhecido causídico Bento António de Oliveira Cardoso (que de acordo com o Dicionário Bibliográfico Português continha “preciosos thesouros, e passa por ser em numero e qualidade dos volumes, uma das melhores bibliothecas particulares da provincia do Minho” e que foi depois adquirida pela Sociedade Martins Sarmento, hoje guardiã das suas preciosidades das quais se destaca a 1ª edição d’Os Lusíadas), a do seu irmão Cónego Oliveira Cardoso, a biblioteca do historiador e advogado Alberto Sampaio (que se se conservava na sua quinta de Boamense em Famalicão), a do seu irmão Dr. José da Cunha Sampaio, a grande biblioteca de Francisco Martins Sarmento (composta por milhares de livros adquiridos em grande parte pelo próprio e doada à Sociedade Martins Sarmento), a biblioteca do Barão e do Conde de Paço-Vieira, a biblioteca do Barão de Pombeiro, as bibliotecas de José Ribeiro Martins da Costa e do seu irmão Francisco Ribeiro Martins da Costa (Agra), a biblioteca de José Nepomuceno da Silva Ribeiro (que supomos ter sido de grande dimensão), a que se juntam as livrarias dos arrematantes dos livros de Sillos, como por exemplo o Dr. Fernando Augusto da Costa Freitas, dos Padres Sebastião da Costa Vieira Leite e António da Cunha Mendes de Oliveira, do médico Dr. Agostinho António do Souto, entre outros.

noutras cidades de dimensão igual ou superior a realidade não seria muito diferente⁴⁶. Este conjunto de instituições, comerciantes, bibliófilos e leitores ajudava a formar uma pequena comunidade que favorecia a troca de livros e de informações bibliográficas e onde, havendo interesse e disponibilidade financeira por parte dos intervenientes, seria possível, com maior ou menor dificuldade, ir obtendo todo do tipo de livros (desde livros bastante antigos provenientes dos conventos e casas nobres, a livros mais recentes, encomendados no país ou do estrangeiro a livreiros, negociantes, intermediários e até a outros bibliófilos). Naturalmente que no século XIX, o acesso aos livros era apanágio de uma certa elite. A maioria da população era analfabeta e os livros eram relativamente caros quando comparados com alguns bens essenciais. O preço médio de um livro da biblioteca de Sillos era de cerca de 813 réis, ao passo que, sensivelmente pela mesma altura, o preço de um alqueire de milho em Guimarães era de 550 réis⁴⁷. Ainda assim, como já foi referido, os preços eram voláteis e uma mesma edição de uma determinada obra podia ser vendida por preços completamente díspares.

Sabemos que Sillos procurava livros e manuscritos, pois é dado como certo que conseguiu obter uma parte do manuscrito camoniano da autoria de Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo⁴⁸ “por compra da livraria de um religioso”⁴⁹. Não é por isso errado presumir que Sillos, nas suas passagens por Guimarães, Vila do Conde e Porto (onde tinha ligações pessoais e imprimiu alguns dos seus sermões) tenha mantido contacto com livreiros, editores e com outros bibliófilos e que terá sido assim que foi construindo a sua biblioteca.

46) Na cidade de Braga existiam grandes bibliotecas, como a do já referido bibliófilo vizelense José Joaquim da Silva Pereira Caldas (uma das maiores bibliotecas do país) e a de Fernando Castiço (leiloadas em 1889, juntamente com as do Cônego Manuel António da Costa e José António de Sousa Lobo). Na Póvoa de Varzim tinha residência o Visconde de Azevedo, notável bibliófilo. No Porto, na primeira metade do século XIX, existiam diversos bibliófilos, livrarias, casas editoras e, inclusive, livreiros estrangeiros (como os Moré). 47) Tesoura de Guimarães 9.12.1856.

48) Este manuscrito (uma tradução em versos latinos d'Os Lusíadas) conheceu duas versões diferentes e foi da autoria de Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo (1596-1681), uma figura de vasta erudição, estudou com os Jesuítas, tomou depois o hábito de São Francisco e foi professor em Roma e em Pádua. O manuscrito referido que esteve na posse de Sillos foi comprado a um religioso e após a morte de Sillos pertenceu a Pereira Caldas, sendo depois adquirido por António Augusto de Carvalho Monteiro (conhecido por “Monteiro dos milhões”). A outra versão do manuscrito pertenceu a Frei Francisco de São Luís (Cardeal Saraiva), que o deixou a ao seu sobrinho António Correia Caldeira, sendo mais tarde de Venâncio Deslandes que o iria publicar (cotejando-o com o manuscrito de Pereira Caldas) na Imprensa Nacional, em 1880. Mais tarde o manuscrito de Venâncio Deslandes acabaria por pertencer a António Augusto de Carvalho Monteiro que, desta forma, viria reunir as duas versões desta tradução saída da pena de Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo.

49) Juromenha, Visconde de. (1860). Obras de Luiz de Camões...Lisboa. Imprensa Nacional. pp. 219.



3.1 — A biblioteca: divisão temática

É sempre com alguma dificuldade (e risco) que se empreende a classificação temática de uma biblioteca. As diferentes opções são válidas e certamente cumpririam a missão de dividir e agrupar por temas a livreria de Sillos. Chegamos a considerar a hipótese de seguir Brunet⁵⁰, numa tentativa de tentar perceber como seria vista a biblioteca de Sillos através de um olhar coevo. Contudo, com o intuito de simplificar a abordagem geral e de aprofundar a análise ao bibliófilo em questão, optamos por dividir a classificação em grandes áreas temáticas e acrescentar outras que se ajustassem ao percurso da figura em análise. Lembremo-nos que estamos a falar de alguém que foi um religioso e bibliófilo, com interesse na história religiosa e na história secular, com uma posição político-ideológica conhecida e que participou na vida pública através da intervenção em publicações periódicas, tendo também publicado alguns dos sermões que pregou, bem como uma hagiografia.

O trabalho de identificação dos livros e edições foi problemático devido à incapacidade dos louvados em descrever adequadamente as obras. Tal facto teve repercussões na divisão e classificação das obras e forçou-nos a algumas opções questionáveis (como por exemplo a de agrupar em “outros” obras que não se inseriam nas categorias escolhidas para a classificação e obras cuja identificação levantou dúvidas).

A divisão foi, então, feita nas seguintes áreas temáticas: Religião (que inclui as obras sobre história religiosa), Literatura, História, Filosofia, Dicionários, Enciclopédias (e publicações similares), Linguística, Ciência, Educação, Direito, Política, Periódicos e Outros.

As percentagens da divisão temática são, sensivelmente, as seguintes: Religião – 41%; Outros – 13%; Literatura – 12%; História – 12%; Filosofia – 6%; Dicionários, Enciclopédias (e publicações similares) – 5 %; Linguística – 3%; Ciência – 2%; Educação – 2%; Direito – 1,5%; Política – 1,5%; Periódicos; 1%

3.2 — A biblioteca: um conjunto eclético

Sem que muitas vezes seja possível identificar as edições (ficando incógnita a data, local de edição e língua), conseguimos perceber que a biblioteca de Sillos era composta por livros sobre os mais variados temas⁵¹. Supomos que certos livros seriam destinados a complementar e aprofundar o seu conhecimento sobre as matérias e disciplinas a que se dedicava, ao passo que outros parecem ter tido por objectivo satisfazer a sua curiosidade pessoal e pontual relativamente a alguns assuntos.

50) Utilizando a metodologia do seu “Manuel du libraire et de l’amateur de livres”, 5ª ed. Paris. 1860-65. 6 vol.

51) Como é sabido uma biblioteca não acolhe só livros da preferência e do interesse do seu possuidor. Em qualquer biblioteca poderá ser possível encontrar livros herdados, ofertas e outros elementos estranhos ao gosto do bibliófilo.

Vale a pena elencar alguns títulos da biblioteca para que se compreenda a diversidade de que a compunha. Nas estantes de Sillos vamos encontrar a “Crónica da Provincia da Soledade”, “Constituições Franciscanas”, “Poética” de Aristóteles, “Tratado da Amizade e Velhice” [Catão, o velho ou diálogo sobre a velhice] de Cícero, “Obras de Virgílio traduzidas em Francês”, “Obras Completas de Demostenes”, “Chronica del Rei D. Manoel”, “Obras de Camões”, “Sermões do Padre António Vieira em espanhol”, “Guia de Casados” de D. Francisco Manuel de Melo, “O Condestable de Portugal” de Rodrigues Lobo, “Gil Bras de Santilhana”, “Diccionario Filosófico” de Voltaire, “Paraíso Perdido” de Milton, “Ensaio sobre o Homem” de Alexander Pope, “Obras...” de Racine, “Tratado dos Delitos e das Penas” (de Beccaria, uma das primeiras obras a defender a abolição da pena de morte), “Os Mártires” de Francisco Manoel do Nascimento, “Obras completas de Filinto Elísio”, “Portugal Enfermo” de José Daniel Rodrigues da Costa, “Os frades julgados no tribunal da Razão”, “Triunfo da Natureza” de Nolasco da Cunha, “Reflexões sobre o correio Brasiliense”, “D. Branca”, de Almeida Garrett, “Enciclopédia das Ciências e das Artes”, “O Panorama”, “O ano de 2440” de Mercier, “História das Imaginações extravagantes por Oufle” (uma obra sobre magia e criaturas fantásticas), “Phisica experimental” por Sigaud, “Geografia Universal” por Lacroix, “História da Reforma Protestante”, por Cobbett, “O Alcorão de Maomé”, “História dos Judeus”, “Moral” de Confúcio, entre muitos outros livros de temáticas variadas.

O que esta pequena amostra demonstra é que na livraria de Sillos podemos encontrar os clássicos gregos e latinos, obras clássicas da literatura portuguesa, obras autores iluministas e liberais, periódicos, livros científicos, livros sobre a religião católica e sobre outras religiões, literatura portuguesa coeva, importantes obras jurídicas e até obras esotéricas e de ficção científica.

Estamos sem dúvida perante uma biblioteca eclética e bem reveladora do espírito aberto do seu possuidor.

3.3 — A biblioteca: dispersão, valores e destino

O destino idealizado por Sillos para a sua biblioteca não se cumpriu da forma que ele gostaria. De acordo com as já referidas notícias dadas pelo Dr. Pereira Caldas a Inocêncio Francisco da Silva, o antigo egresso franciscano pretendia legar a biblioteca ao seu filho Viriato Tito de Sousa Carvalho. Contudo no inventário apresentam-se dois herdeiros (Viriato Tito Carvalho e o seu meio-irmão Viriato Miranda) e nos legados a biblioteca não é incluída. Em 1859, o inventário ainda decorria, quando chega aos autos a notícia da morte, no Porto, de Viriato de Sousa Miranda (a 17.11.1859).



A biblioteca, composta por obras de valores muito díspares⁵², foi à praça (sem catálogo impresso) em duas ocasiões distintas. Primeiro em 1856, ocasião em que foram arrematados 46.020 réis de livros a doze licitadores⁵³. E depois, em 1857, em que foram vendidos directamente 45.950 réis e arrematados 141.845 réis. As duas sessões renderam 233.815 reis. Em 1862 ainda se encontravam por vender 34 livros, mas não é crível que o valor desta venda rendesse os 100.000 réis necessários para igualar a estimativa dos louvados. Convirá recordar que o valor indicado pelos louvados era de 334.260 réis, uma quantia que seria suficiente para comprar uma casa digna na cidade de Guimarães⁵⁴.

O inventário prolongou-se ao longo da década de 60 e é nessa altura que Viriato Tito de Sousa Carvalho, com 16 anos de idade, pede ao seu tutor e à herança 50.000 reis para embarcar para o Brasil, onde se viria a estabelecer. Supomos que, num sentido figurado, Viriato terá levado com ele um pouco da biblioteca e do espírito do seu pai. Pelo Brasil, este filho que Sillos tentou educar com desvelo e a quem faria intenção de legar a sua biblioteca, revelou-se um homem versátil, capaz de trabalhar como caixeiro viajante, comerciante, fabricante (de caixas de papelão), escriturário, etc. O casamento com a filha de um fazendeiro de Paraguaçu (Minas Gerais) trouxe-lhe certamente alguns meios de fortuna o que lhe permitiu dedicar-se a uma paixão, o ensino, e a montar uma escola/internato para alunos de ambos os sexos que dirigia e onde leccionava juntamente com a sua mulher, sendo considerado “portador de um largo tirocínio pedagógico”. Foi vereador e homem dedicado à causa pública. Homem do seu tempo e de espírito aberto, esteve ligado a alguns empreendimentos industriais e fundou um cinema, o Cine Odeon. Era considerado um homem humilde e extremamente educado, granjeando grande prestígio e simpatia, ficando assim o seu nome gravado na memória da comunidade⁵⁵.

Se uma parte da herança (em que se inclui naturalmente o produto da venda da biblioteca) serviu para financiar a ida do filho de Sillos para o Brasil, uma boa parte dos livros do antigo frade franciscano também acabaria por chegar a uma instituição cultural vimaranense, a Sociedade Martins Sarmento, que, nos finais do século XIX, tinha como uma das suas principais missões a instrução popular e funcionava como biblioteca pública⁵⁶.

52) A obra menos valiosa arrolada na biblioteca é “Lucerna Mística” por Lopes, avaliada em 20 réis. A obra “Direito Eclesiástico Canónico de Barbosa” em 18 volumes (que supomos ser da autoria de Agostinho Barbosa) estava avaliada em 18.000 réis, só superada pelas obras “Biblioteca de Pregadores” de Houdry, que valia 19.200 réis e pela “Enciclopédia das Ciências e Artes” avaliada em 40.000 réis.

53) Foram eles Bento António de Oliveira Cardoso (advogado), Roque Teixeira de Araújo (padre), António Augusto Marques da Silva, António da Cunha Mendes de Oliveira (padre), Fernando Augusto da Costa Freitas (advogado), Sebastião da Costa Vieira Leite (padre), José Pereira Alves Cardoso da Costa, Agostinho António do Souto (médico), Domingos José Ferreira da Silva Guimarães (negociante e proprietário), José Joaquim Ribeiro de Castro Meireles (padre), José Joaquim da Silva Areias (médico) e Joaquim Teixeira de Araújo.

54) Frei Bento de Freitas Guimarães, um eclesiástico já referido neste trabalho que possuía uma fortuna de cerca de 6 contos de réis vivia numa casa que, de acordo com o seu inventário, valeria cerca de 340.000 réis.

55) Informações retiradas de <https://historiadeparaguacu.com.br/>. Consultado a 28.04.2022.

56) Pinto dos Santos, Fernando «A Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento», *Cultura*, Vol. 22. 2006. pp. 137-150.

A história explica-se de forma breve. Um dos principais compradores e arrematantes dos livros de Sillos foi o Dr. Bento António de Oliveira Cardoso (1806 – 1886), notável jurisconsulto e Cavaleiro da Ordem de Santiago. Ao longo dos anos, Bento Cardoso terá reunido uma biblioteca fabulosa, que incluiria, entre outras preciosidades, a primeira edição d'Os Lusíadas. Em 1886, a Sociedade Martins Sarmento adquire uma boa parte da biblioteca do jurisconsulto⁵⁷. Com esta aquisição os livros de Sillos comprados por Cardoso passam a integrar a Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, que durante largos anos funcionou como Biblioteca Pública de Guimarães.

Esta viagem – figurada e real – dos livros de Sillos para instituições ligadas à instrução, ensino e cultura não deixa de ser uma curiosidade que merece ser assinalada. Afinal Sillos foi professor, um homem de cultura e, sendo liberal e estando imbuído do espírito progressista do seu tempo, é natural que entre as suas preocupações estivesse a instrução e educação das classes populares, tema tão caro ao seu amigo Herculano. É por isso aceitável conjecturar que, de uma forma estranha ou pelo menos não linear, a biblioteca de Sillos acabou por cumprir o seu destino.

4 — Os trabalhos de Sillos. Obras impressas: Os Sermões, as Orações e a Vida de São Torcato

É sabido que, ao longo da sua vida, Sillos publicou correspondência e alguns artigos em periódicos e que terá sido convidado regularmente para ser o orador em diversas solenidades e festividades religiosas (tendo por certo sido o autor de grande parte das orações e sermões que proferiu). Contudo, de acordo com o Dicionário Bibliográfico Português, ao longo da sua viu serem impressas apenas seis obras, a saber:

— *Sermão recitado em 4 de Abril de 1842, na festividade que mandou faser a Câmara e autoridades de Villa Nova de Famalicão, em testemunho de agradecimento a Sua Magestade a Rainha...Braga, Typ. Bracharense. 1842*

— *Oração fúnebre, que nas exéquias anniversarias pela infausta morte de S. M. I. o Sr. D. Pedro, recitou na real capella de N. S. da Lapa em 25 de Setembro de- 1843. Porto, Typ: Commercial 1843*

— *Oração fúnebre nas exéquias... pela morte de S. M. I. o sr. D. Pedro de Alcântara, etc, tributada á sua memória pela segunda vez em 24 de Setembro de 1844 na real capella de N. S. da Lapa da cidade do Porto. Porto, Typ. do Gandra 1844*

57) Neves, António Amaro das. (2009). Os Lusíadas da Sociedade Martins Sarmento. http://araduca.blogspot.com/2009/11/os-lusias-das-da-sociedade-martins_5567.html



— *Oração fúnebre, tributada terceiro e successivo anno, á memória de S. M.I. o sr. D. Pedro de Alcântara, etc, nas exéquias anniversárias que em 24 de Setembro de 1845 se celebraram no real templo de N. S. da Lapa... Porto, Typ. do Gandra 1845*

— *Oração recitada na real capella de N. S. da Lapa da cidade do Porto, por occasião do solemne Te Deum Laudamus que a ex.ma Câmara mandou cantar no dia anniversario 27 de Janeiro de 1845, em honra da restauração da Carta Constitucional. (Porto), Typ. da Revista 1845*

— *Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torquato, Arcebispo de Braga. Lisboa. Imprensa Nacional. 1853.*

4.1 — Sermões e Orações

Relativamente aos sermões e orações publicados facilmente se percebe que a temática está sempre relacionada com datas relevantes para o liberalismo. São sermões com uma marca ideológica clara, que não escondem a orientação política do Pregador Régio. Sillos teria uma larga experiência enquanto pregador e autor de sermões. Não só a experiência que lhe era dada pelo púlpito, mas também uma experiência teórica, atestada pelas dezenas de volumes de sermões, orações e panegíricos que podemos encontrar na sua biblioteca.

Um estudo efectuado aos sermões de Sillos diz-nos que estes se ficam “por afirmações de fé cartista”, sendo denunciado o “sentir oposicionista crescente que denomina de ingratição” e que estes sermões são

argamassados por uma oratória comprometida política e ideologicamente e na glorificação do herói transmite do rei D. Pedro IV uma imagem idealizada pelo tendencioso aproveitamento dos factos e pela empolada exaltação das virtudes - desprendimento, coragem e humanidade - aliás ditada pelo teor do panegirico oficial que do pregador se esperava⁵⁸.

4.2 — Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torquato

A “Vida e Glorioso Martírio de S. Torcato” poderia ter sido um verdadeiro trabalho de Hércules para Frei Domingos da Soledade Sillos, não fosse o facto de ter encontrado um precioso manuscrito que, em parte, o aliviou do fardo que carregava. É o próprio que nos dá nota da tarefa hercúlea que tinha entre mãos na introdução do livro quando nos diz:

58) Marques, João Francisco. (1998). A Pregação Fúnebre na Igreja da Lapa no Aniversário da Morte de D. Pedro IV: Os Sermões do P. Domingos da Soledade Sillos, in D. Pedro Imperador do Brasil Rei de Portugal: Do Absolutismo ao Liberalismo: Actas do Congresso Internacional. Porto. Universidade do Porto. pp. 389-390.

Quando tomei sobre os meus ombros a publicação da Vida e Martírio de S. Torcato, julguei ser uma empresa de pouco trabalho. Porém, quando entrei no emaranhado bosque das opiniões, confesso que me arrependi. (...). Desanimei e lancei-me nos braços do descorçoamento.” Apreensivo quanto aos méritos da sua obra o autor defende-se: “Não temo a crítica nem a mereço, pois a necessidade e não o orgulho me submeteu a esta empresa. Demais: pouco ou nada é meu, e nem disso me ufano. Portanto, qualquer censura que apareça fere os autores que reli, e não a mim. Os sábios, como tais, pensarão deste modo, os zoilos desprezam-se; e nem eles sabem fundamentar a sua diatribe senão copiando os mesmos autores. Neste caso resta-me a glória de os fazer estudar (...). Aqueles que, porém, conhecem os erros, esses melhor os sabem desculpar”⁵⁹.

Sillos começa por ensaiar uma defesa do seu trabalho por temer a crítica, mas não deixa de partilhar os seus métodos de trabalho, de afirmar que “como filósofo [quer] indagar a verdade” e que será “fiel, lacónico e imparcial”⁶⁰. É também claro ao dizer que foi graças a um manuscrito da autoria do Arcebispo da Baía,⁶¹ que conseguiu dar uma linha de rumo à sua obra, e que o animou a retomar a investigação que, pelo que se depreende da leitura do “Antelóquio ao Leitor”, terá sido interrompida num dado momento.

A metodologia para a elaboração da obra divide-se em duas partes distintas: a investigação histórica e a recolha de testemunhos e de tradições populares.

Seguindo um pouco a metodologia utilizada pelo Arcebispo da Baía, Frei Domingos da Soledade Sillos procurou recolher referências a milagres e a tradições populares. No que aos milagres diz respeito, Sillos faz referência a seis milagres, afirmando existirem “outros milhares”, que poderiam ser relatados pedindo que “falem os agraciados”. Os milagres narrados por Sillos são relativos a factos ocorridos sensivelmente entre os finais do século XVIII e, possivelmente, a década de 40 do século XIX. Das descrições de milagres referidas na obra, o autor dá destaque a um acontecimento passado com o Padre Tomás de Valadares (1754 – 1811) que foi afiançado a Sillos por um outro padre da Ordem de São Domingos de Guimarães e um milagre “autêntico” que foi relatado pelo filho do miraculado ao Tesoureiro da Irmandade de São Torcato, António Ribeiro de Faria, da Casa de Corondela (amigo pessoal de Sillos). Contudo, apesar de relatar estes e outros milagres no seu trabalho dando-lhes crédito, Sillos deixa uma nota onde diz que “estes milagres são

59) Sillos, Domingos da Soledade. (1998). *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*. Guimarães. Irmandade de São Torcato. p. 16.

60) Idem, *ibidem*.

61) Frei Francisco de São Dâmaso de Abreu Vieira (n. Guimarães 11.12.1769 m. São Salvador da Baía 18.11. 1816). Franciscano. Bispo de Malaca (entre 1804 e 1814) e Arcebispo da Baía (entre 1814 e 1816). Era tio de José Inácio de Abreu Vieira, Cavaleiro da Ordem de Cristo e editor do periódico “Tesoura de Guimarães” que deixou o manuscrito com o estudo do tio sobre São Torcato à Irmandade de São Torcato.



apoiados em testemunhos puramente humanos e nem eu quero prevenir, acerca deles, o juízo da Santa Sé, a quem só compete autoriza-los”.

Para a investigação histórica, Sillos começa por ler os melhores autores, ouvir os melhores literatos e amadores de antiguidades, fazer pesquisa nos arquivos das Catedrais do Porto e de Braga e confrontar todas as informações recolhidas para tentar chegar a uma conclusão.

Ao longo da obra, Sillos cita uma série de livros, autores e documentos antigos (como Gaspar Estaço, Frei Bernardo de Brito, “Catálogo dos Bispos do Porto” de D. Rodrigo da Cunha, a “Benedictina Lusitana”, de Frei Leão de São Tomás ou documentos recolhidos nos arquivos da Colegiada de Guimarães) não deixando de recorrer a fontes mais recentes (como a “História de Portugal” de Alexandre Herculano e diversa documentação dos séculos XVIII e XIX). Rege-se pela máxima do Arcebispo da Baía, “a verdade não está nas pessoas, mas sim nos factos” e procura seguir um estilo “claro e compreensível a todas as capacidades”.

Espírito curioso, Sillos não se limita apenas a plagiar (como o próprio diz) o que achou escrito nos apontamentos do Arcebispo da Baía. Reduziu a obra, fez nova pesquisa, acrescentou novos elementos (históricos e antropológicos) e, sem deixar de ser rigoroso, adaptou-a para que chegasse a um público mais vasto. Termina o seu opúsculo dedicando-o ao povo de São Torcato: “Bem aventurado és tu, ó povo! Quem semelhante a vós, que tendes a protecção de São Torcato?”⁶².

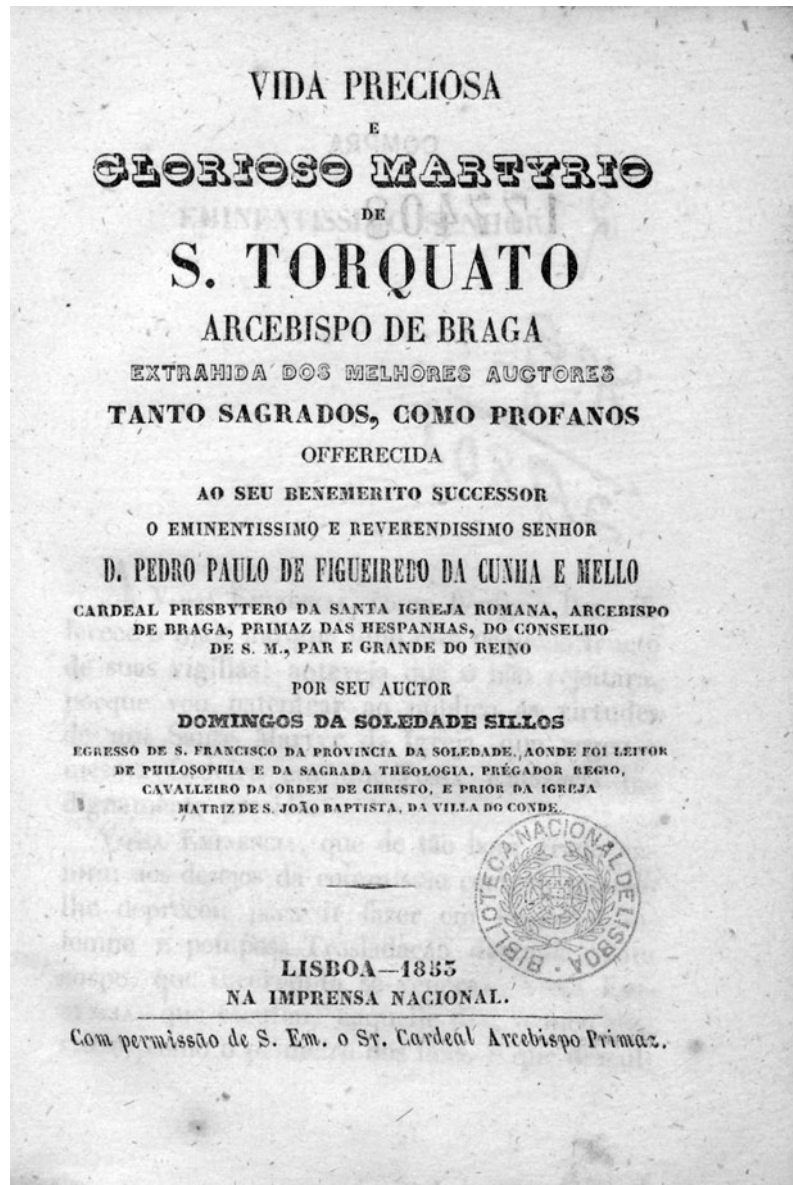
Desde que foi editada a obra tornou-se um marco incontornável para quem estuda a vida de São Torcato e o culto ao Santo prestado na vila de São Torcato. Disso são testemunhas as referências em obras coevas, como na reedição aumentada da “Corografia Portuguesa” (1868) do Padre António Carvalho da Costa⁶³ ou as “Memórias de Braga” (1891) de Bernardino Senna de Freitas, bem como em diversas obras publicadas no século XX e XXI.

Em 1998, o livro conhecia a sua vigésima edição, o que parece atestar não só a sua popularidade, mas também o facto de ter cumprido o fim a que se destinava, condensar e justificar “a versão oficiosa divulgada pelas autoridades civis regionais, directa ou indirectamente implicadas na administração, direcção e expansão do culto”⁶⁴.

62) Sillos, Domingos da Soledade. (1998). Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato. Guimarães. Irmandade de São Torcato. pp. 9 a 46.

63) Esta obra foi originalmente publicada em III tomos entre 1706 - 1712 pelo Padre António Cavalho da Costa (1650 - 1715). A segunda edição, impressa em Braga na Tipografia de Domingos Gonçalves Gouvea em 1868, foi revista e aumentada.

64) Silva, Augusto Santos. (1994). Tempos Cruzados. Porto. Edições Afrontamento. pp. 211-212.





5 — Notas finais

Conhecendo um pouco da vida de um bibliófilo, podemos adivinhar-lhe o critério da escolha das obras ou, por vezes, o porquê de uma determinada compra. Com sorte talvez possamos seguir o destino de uma biblioteca desfeita e encontrar alguns dos livros que a formaram através de *ex-libris*, de marcas de posse e de outras pistas.

É antiga a ideia de biblioteca enquanto edifício sempre em construção que se desmora quando a comunidade ou o indivíduo que o constrói e sustenta desaparece. Pode dizer-se que, desde sempre, a existência de uma biblioteca parece estar ligada à própria possibilidade do seu desaparecimento físico, da sua destruição (propositada ou acidental) ou dispersão, da mesma forma que está ligada a uma certa ideia de universalidade, de infinitude ou de um labirinto ou de uma rede em que o leitor se pode facilmente perder. Como exemplo destas possibilidades, bastará lembrarmo-nos da criação e desaparecimento da Biblioteca de Alexandria, da referência cervantina à escolha e destruição criteriosa de parte da biblioteca de D. Quixote (onde existia uma obra do próprio Cervantes!)⁶⁵ ou da “Biblioteca de Babel” imaginada por Borges.

“Uma livraria é um edifício que se constrói lentamente, dia a dia, e a que o próprio construtor não chega nunca a por a cúpula”⁶⁶. A “numerosa e bem escolhida livraria” de Sillos foi um desses edifícios e o seu proprietário foi um dos arquitectos dessas construções que um dia se desmoronam, ficando o registo da sua existência no fundo de um qualquer inventário ou em memórias quase desaparecidas.

Felizmente, no caso da biblioteca de Frei Domingos da Soledade Sillos, conseguiu-se recuperar um pouco dessa memória. Foi possível perceber que o antigo egresso franciscano foi um homem curioso e com múltiplos interesses, espelhados nas suas estantes. Seguimos e encontramos o rasto de alguns dos seus livros, que hoje podemos encontrar fisicamente na biblioteca de uma instituição cultural em Guimarães e descortinar - sob a forma de uma curiosa alegoria - numa antiga escola no Brasil.

A viagem da livraria de Sillos não termina assim, nem aqui. Um dia, num qualquer alfarrabista ou biblioteca, é bem possível que reapareça um dos livros saídos da livraria deste eclesiástico e que alguém continue a construir esta história.

65) Cervantes, Miguel de. (2005). D. Quixote de La Mancha. Madrid. Lunwerg Editores. Vol. I. pp. 57-61 (Del Donoso y Grande Escrutinio que el Cura y El Barbero Hicieron en La Librería de Nuestro Ingenioso Hidalgo).

66) Pimentel, Alberto. (1890). 20 Anos de Vida Litteraria. Lisboa. Livraria de A. M. Pereira pp. 70-71.

Bibliografia

Alves, José Maria Gomes. (1978). Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães. Manuscritos do Abade de Tagilde. Notas e comentários. Iª Parte. Revista de Guimarães, 88 Jan-Dez.

Archivo Historico Português. Vol IX.

Borges, Jorge Luís.(2014). Biblioteca Pessoal. Lisboa. Quetzal.

Braga, Alberto Vieira. (1946). Curiosidades de Guimarães. X Visitas régias e aposentadorias fidalgas. Revista de Guimarães, 56 (3-4) Jul.-Dez, 203.

Brito, Francisco. (2014). Guimarães entre 1853 e 1901: um apontamento político e social, III série, vol. III do Boletim de Trabalhos Históricos. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

Brito, Francisco. (2017). Breve notícia da existência de um gabinete de leitura em Guimarães durante o vintismo in Veduta.

Carvalho, Francisco Augusto Martins de. (1910). Algumas horas na minha livraria. Coimbra. Imprensa Académica.

Catálogo da Biblioteca Pública de Guimarães. (1888). Porto. Typographia de António José da Silva Teixeira.

Catálogo da Importante e Preciosíssima Livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e Samodães...redigido por José dos Santos. (1921). Porto. Tip. da Empreza Literária e Tipografica. 2 vol. [catálogo de leilão].

Catalogo da Livraria do Fallecido J. F. Judice Bicker...Lisboa. (1895). Imprensa Lucas. [catálogo de leilão].

Catalogo da livraria do finado Marquez de Souza Holstein. (1879). Lisboa. Typographia de J. H. Verde. [catálogo de leilão].

Catálogo da Livraria que pertenceu ao falecido bibliófilo Inácio Teixeira de Menezes (de Guimarães). Porto. Livraria de Fernando Machado & Ca. Limitada. s.d. [catálogo de leilão].

Catalogo dos Livros que foram do falecido senhor Jose Gomes Monteiro e que hão de ser vendidos em leilão... (1880). Porto. Typ. de Alexandre da Fonseca Vasconcelos. [catálogo de leilão].

Catálogo dos Livros Raros Manuscritos e Impressos que Compunham a Biblioteca de Sir G...Livros raros e curiosos, clássicos portugueses, hespanhois e latinos; edições originaes, raras, e algumas desconhecidas...(1867). Lisboa. Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves. [catálogo de leilão].

Catálogo da Rica e Preciosa Livraria que faz parte do espolio da falecida Condessa de Azambuja. (1909). Lisboa. Imprensa Libanio da Silva. [catálogo de leilão].

Cervantes, Miguel de. (2005). D. Quixote de La Mancha. Madrid. Lunwerg Editores.

Chartier, Roger. (1997). A ordem dos livros. Lisboa. Vega.

Curto, Diogo Ramada. (2003) (coord.). Bibliografia da História do Livro em Portugal séculos XV a XIX. Lisboa. Biblioteca Nacional.

Curto, Diogo Ramada. (2002). “A história do livro em Portugal uma agenda em aberto” in Leituras Revista da Biblioteca Nacional nºs 9 -10 pp. 13 a 61. Lisboa. Biblioteca Nacional.

Dadson, Trevor J. (1998). Libros, Lectores y Lecturas. Madrid. Editorial Arco/Libros.

Domingos, Manuela D. (1985). Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e leitores do século XIX. Lisboa. Centro de Estudos de História da Cultura Portuguesa.

Esteves, Rosa.(1984). Gabinetes de Leitura em Portugal no século XIX (1815 – 1853) in“Revista da Universidade de Aveiro/Letras” nº 1, p. 214.

Febvre, Lucian, & Martim, Henri-Jean.(1984). The coming of the Book. Verso Editions.

- Fonseca, Matinho da. (1913). *Lista de alguns catálogos de bibliothecas publicas e particulares de livreiros e alfarrabistas*. Lisboa. Imprensa Libanio da Silva. Sep. do Boletim da Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado, pp. 18-53.
- Franco, Carlos. (2015) *Casas das elites de Lisboa: objectos, interiores e vivências, 1750-1830*. Lisboa. Scribe.
- Franco, Luís Farinha, & Monteiro, Isabel Líbano. (2002). *Leilões de Livros, erudição, coleccionismo e negócio séculos XVIII-XIX*. Lisboa. Biblioteca Nacional.
- Freitas, Bernardino Senna de. (1891). *Memorias de Braga*. Braga. Imprensa Catholica.
- Guedes, Fernando. (1987). *O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua História. Séculos XVIII e XIX*. Lisboa. Verbo.
- Herculano, Alexandre, & Nemésio, Vitório. (1973). (Ed. e pref.) *Cenas da Minha Vida: Poesia e Meditação 1831 – 1832; Apontamentos de Viagem*. 2ª Ed. Lisboa. Bertrand.
- Herculano Inédito. (1955). Ottosgrafica.
- Juromenha, Visconde de. (1860). *Obras de Luiz de Camões...*Lisboa. Imprensa Nacional.
- Lima, Nuno Miguel. (2009). Henry Burnay no contexto das fortunas da Lisboa Oitocentista in *Análise Social*, vol. XLIV (192), 565-588.
- Marques, João Francisco. (1998). A Pregação Fúnebre na Igreja da Lapa no Aniversário da Morte de D. Pedro IV: Os Sermões do P. Domingos da Soledade Sillos pp. 389-390 in D. Pedro Imperador do Brasil Rei de Portugal Do Absolutismo ao Liberalismo Actas do Congresso Internacional. Porto. Universidade do Porto.
- Nóvoa Faria, Emília. (2016). *Os Livros de Alberto Sampaio*. Famalicão. Húmus.
- Pimentel, Alberto. (1889). *20 Annos de Vida Litteraria*. Lisboa. Livraria de A. M. Pereira.
- Pinto dos Santos, Fernando. (2006) «A Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento», *Cultura*, Vol. 22. pp. 17-150.
- Sillos, Domingos da Soledade. (1998). *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*. Guimarães. Irmandade de São Torcato.
- Silva, Augusto Santos. (1994). *Tempos Cruzados*. Porto. Edições Afrontamento.
- Silva, Innocencio Francisco da; Brito Aranha, et al. (1858 – 1923). *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa. Imprensa Nacional.
- Vallejo, Irene. (2021). *O infinito num junco*. Lisboa. Bertrand Editora.

Arquivo Distrital de Braga:

Inquirição de Genere de Domingos Silos de Sousa

Cota: A – 1537 Inquirição nº 34499

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta:

Inventários:

António Vaz Vieira de Melo e Nápoles

Cota: Maço 35 nº 1 (1852)

Padre Bento José de Freitas Guimarães

Cota: Maço 291 nº 11 (1868)

Dr. José Joaquim da Silva Areias

Cota: Maço 11 nº 4 (1868)

Padre Domingos da Soledade Sillos

Cota: Maço 288 nº 1(1855)

José Fortunato Ferreira de Castro/Maria Rita F. Castro

Cota: Maço 287 n 1 (1863)

Rodrigo de Freitas de Melo e Castro

Cota: Maço 335 nº 4 (1805)

Registos notariais:

“Doação que fez o Illmo. Rmo. Domingos da Soledade Sillos (...) a Irmandade do Glorioso Mártir (...) S. Torcato”

Cota: 9-18-0-13 pp. 24 v.

Registos paroquiais:

Paróquia de Gémeos

Livro de Baptismos de Santa Maria de Gémeos (1803 – 1860)

Cota: P – 311

Paróquia de São Paio

Registos de Óbitos (1802 – 1880)

Cota: P - 436

Documentos (outros):

Vieira, (Arcebispo da Baía) D. Frei Francisco de São Dâmaso de Abreu - “Dissertação Histórica Acerca de S. Torcato” (documento fotocopiado).

Sociedade Martins Sarmiento/Casa de Sarmiento (Hemeroteca):

Publicações Periódicas

O Pharol do Minho

Tesoura de Guimarães

O Vimaranense

Publicações Periódicas (outras, consultadas online):

A Razão

Sites consultados:

www.araduca.blogspot.com

www.csarmiento.uminho.pt_

www.geneall.net

<https://historiadeparaguacu.com.br/>



Raul Pereira



A fixação no vale, o cenóbio primitivo e a sua importância nos alvares do reino de Portugal

— As origens do mosteiro

O mosteiro de São Torcato encontra-se, seguramente, entre os de fundação mais antiga no atual território português. As suas origens parecem recuar ao século X. Tal cronologia, como veremos a seguir, apesar da escassez de fontes documentais, apresenta alguma sustentabilidade. Há, desde logo, duas questões a considerar e cuja clarificação é fundamental para o conhecimento das origens desta instituição, ou de outras similares para estes períodos recuados da nossa história. Em primeiro lugar, a questão da terminologia, é que o vocábulo “mosteiro” assumia, por vezes, uma significação muito mais abrangente do que aquela que lhe damos hoje, não sendo, por si só, indicador da existência de uma comunidade monástica (Viterbo, 1966, vol. 2, p. 429). Ainda no seguimento desta ideia, convém também ter presente que o



próprio termo “igreja”, embora de forma menos comum, poderia assumir um significado mais amplo que aquele que lhe atribuímos hodiernamente e um clamoroso exemplo disso é a carta de couto de D. Afonso Henriques a São Torcato, que fala em Igreja e não em mosteiro embora com o sentido e significado deste último, porque se está a referir a uma comunidade já firmada. Posto isto, a mesma ponderação tem de ser aplicada em relação à segunda questão: a eventual proximidade temporal entre a fundação da igreja e a construção do mosteiro. Guiando-nos agora pelos nossos padrões interpretativos e de significação atual, importa dizer que, face ao seu carácter autónomico, a primeira não carece da existência do segundo, mas o inverso já não sucede, ou seja, um mosteiro está sempre associado ou dependente de uma igreja. Significa, por esta ordem de ideias, que a construção da igreja se tenha iniciado mais cedo, até porque esta “era a primeira parte do edifício monástico a ser erguida e a mais importante de todo o conjunto do cenóbio” (Morgado, 2012, p. 68). Neste particular não restam quaisquer dúvidas, à luz do conhecimento atual, que a primitiva igreja de São Torcato foi fundada no século X, hipótese que já tinha sido avançada por alguns historiadores, nomeadamente por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (2001, p. 27), tendo por base a análise de elementos arquitetónicos do templo inicial. Tal possibilidade foi confirmada pelos estudos arqueológicos recentes (Fontes, 2010, p. 18-24). Como vimos, o facto de a igreja já existir no século X não nos permite pressupor que, por essa altura, já tivesse uma comunidade monástica associada. De igual modo, não devemos desconsiderar a importância da sua existência, porque estando um mosteiro, naturalmente, dependente de um local de culto, a existência da igreja deverá ser tida em consideração como elemento imprescindível na génese do complexo monástico. Em termos concretos, a primeira indicação que nos permite confirmar a existência de uma comunidade monástica remonta a 1059, surgindo referenciado o “Monasterio Sancti Torquati” no inventário dos bens do mosteiro de Guimarães, bem como o património que lhe estava associado (VMH, Parte I, p. 51)¹. E se esta é a prova inequívoca da existência do mosteiro de São Torcato em meados do século XI, o mesmo documento revela-nos, de forma indireta, que o mosteiro é de fundação anterior uma vez que aí se informa que tais bens foram instituídos pelo rei Ramiro II, que governou entre 931 e 951 (Barroca & Real, 1992, pp. 135-136). Utilizando tal referencial cronológico, poderemos recuar a sua fundação para a primeira metade do século X, o que significa, neste caso particular, que, quer a igreja quer o mosteiro deverão ser de origem fundacional próxima.

1) Trata-se da obra *Vimaranis Monumenta Historica: a saeculo nono post Christum usque ad vicesimum...*, que, no corpo do texto, identificaremos apenas pelas iniciais.

Sabe-se também que o mosteiro de São Torcato e o mosteiro de Guimarães tiveram uma forte ligação, pelo menos ao longo do século XI, chegando mesmo a estar unidos, embora se desconheçam os contornos dos vínculos existentes (Barroca & Real, 1992, pp. 137-138). A este propósito não deixa também de ser curioso que São Torcato fosse, justamente, “titular secundário do mosteiro de Guimarães” (Costa, 1959, Vol. I, p. 341), o que, por si só, poderá ser interpretado como mais um indício dessa mesma ligação. Aliás, o inverso também ocorre, sendo que, no séc. XII, aquando da sagração da nova igreja de São Torcato entre os oragos titulares de que havia relíquias encontrava-se Santa Maria (Costa, 1959, Vol. I, p. 342), sendo que aquando da concessão da carta de couto de D. Afonso Henriques ao mosteiro de São Torcato, em 1173, é dirigida à “Ecclesiae Sanctae Mariae et Sancti Torcati” (VMH, Parte II, p. 94). Também Frei Nicolau de Santa Maria diz que a invocação com que o mosteiro torcatense foi fundado foi a de Santa Maria (Santa Maria, 1668, Tomo I, p. 334), no entanto o aparecimento e conseqüente estudo das caixas relicário de São Torcato provam que o altar do século X tinha apenas relíquias de São Torcato, do Santo Lenho e de São Cosme e São Damião, surgindo apenas relíquias de Santa Maria para o século posterior (Barroca & Real, 1992, pp. 146, 165), o que parece inviabilizar a fundação inicial sob a invocação de Santa Maria. E se é indiscutível a associação do orago de Santa Maria a São Torcato ao longo do século XII, tal parece mais simbólica que efetiva, não colocando em causa a primazia do santo patrono, podendo ser antes entendida como reminiscência dessa ligação anterior. Sendo conjeturável que possa ter existido alguma relação de dependência de São Torcato ao mosteiro de Guimarães, sobretudo no século XI, o certo é que no século XII São Torcato já surge autonomizado. Desconhecem-se os meandros que conduziram a tal via de autonomização, de qualquer modo parece-nos bastante sustentável a tese avançada por Jorge Barroca e Luís Real (1992, p. 138), segundo a qual o mosteiro de São Torcato deverá ter sido incluído no património da Coroa leonesa, integrando, posteriormente, o dote recebido pelo Conde D. Henrique ao assumir o condado Portucalense, situação que explicaria o facto de São Torcato ser mosteiro do padroado régio bem como a sua entrega aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho por D. Afonso Henriques.

— São Torcato: mosteiro de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho

E se em relação aos dois primeiros séculos da sua existência, a história do mosteiro de São Torcato persiste envolta numa teia de nebulosidade, nada se sabendo sobre a primitiva comunidade, o mesmo sucede, de forma genérica, para o século XII, sendo que, grosso modo, só a partir das três últimas décadas desse século é que as fontes nos permitem



reconstituir e acompanhar a evolução desta instituição com mais acuidade. Até aí temos dados parcelares, embora utilíssimos para a reconstituição da história da instituição. Sabe-se que no início da década de trinta do século XII decorreu uma importante campanha de obras, com a reconstrução da igreja (Barroca & Real, 1992, p. 138), surgindo o bispo D. Paio Mendes a proceder à sagração do seu altar mor em 1132² (Costa, 1959, Vol. I, p. 342). Embora não tenhamos elementos que o permitam afirmar, é crível que a comunidade monástica, eventualmente, a já existente ou uma nova, provavelmente, já sob a regra de Santo Agostinho, se tenha aqui instalado por esta altura. A este respeito, aquilo que poderemos adiantar é que, em 1173, a comunidade vivia debaixo da regra agostiniana, como revela a já referida carta de couto dada a São Torcato por D. Afonso Henriques, a 26 de Abril de 1173, ao dizer claramente: “secundum canonicam regulam Beati Augustini” (VMH, Parte II, p. 94).

No início do século XIII, o mosteiro de São Torcato, à semelhança da Colegiada de Guimarães e do mosteiro de Santa Marinha da Costa, apresenta grande resistência à autoridade episcopal, com o bispo bracarense, à altura D. Estêvão Soares da Silva (1213-1238) a procurar que o mosteiro lhe preste obediência, com a questão a chegar à Santa Sé e o papa a ordenar, em 1213, através da bula “Cum non liceat”, aos priores dos dois mosteiros de cónegos regrantes que se sujeitassem e obedecessem à autoridade do arcebispo de Braga (Ferreira, 1928, Tomo I, p. 368). O acordo entre o mosteiro de São Torcato e o arcebispo bracarense foi estabelecido a 14 de Novembro de 1214, altura em que era prior D. Martinho, tendo sido subscrito por mais cinco cónegos regrantes do mosteiro (VMH, Parte II, p. 123-125). Esta posição de força para com a diocese de Braga alicerçava-se, muito provavelmente, numa estratégia concertada com a Colegiada e Santa Marinha da Costa, mas poderá também levantar-se a hipótese se tal não advirá do facto de São Torcato já ter alguma importância no panorama religioso português da altura, ao ponto de lhe permitir tal posicionamento.

— São Torcato: centro de peregrinação

Convém não esquecer que São Torcato é um dos centros de peregrinação do Norte do país que ganha importância ou é reavivado ao longo dos séculos XII e XIII (Mattoso, 1995, vol. I, p. 295), com muitos romeiros a dirigirem-se aí. A visibilidade e o crescente interesse em termos de culto e peregrinação obrigavam à necessidade de criação de uma série de infraestruturas e espaços especificamente direccionados para toda uma logística

2) Esta data pode corresponder a 1094 na Era de Cristo, ainda que a mesma não coincida com os dados que se conhecem do arcebispado de D. Paio Mendes.

de centro de peregrinação. Desde logo era necessária uma boa “rede viária” e se a proximidade geográfica de um pólo urbano como Guimarães facultava os acessos, também eram necessárias vias para o interior, mormente para a zona transmontana e para o Alto Minho, situação que também parece ter sido facilitada pelas diversas ligações que existiam a uma série de concelhos vizinhos (Faure, 2017, p. 343). A própria documentação faz referência a algumas dessas vias, falando, por exemplo da estrada que vai para São Torcato³, ou já nas proximidades da localidade, especificando o caminho que vai para o mosteiro⁴.

As fontes medievais, pelo menos das que contactamos até agora, são completamente obscuras em relação à presença e veneração do corpo de São Torcato, mas o facto de se ter transformado num local de peregrinação, nestes séculos medievos, poderá indiciar a presença do sarcófago com o corpo de São Torcato na igreja, muito provavelmente, na capela anexa conhecida como “capela do santo” (Barroca & Real, 1992, pp. 139, 165). Esta é apenas uma hipótese teórica, podendo prestar-se culto às relíquias e não ao corpo, porque, apenas a partir do princípio do século XVI, é que temos referências documentais precisas em relação ao corpo de São Torcato (Magalhães, 2021, pp. 47-53), numa altura em que o mosteiro de São Torcato já tinha sido extinto e transitado para a dependência da Colegiada de Guimarães e que coincide com um período de reavivamento do culto. De qualquer modo, ainda a este propósito, tivemos a felicidade de encontrar uma referência, num documento datado de 1424, que nos parece de extraordinária relevância para um melhor conhecimento de toda esta temática. Esse documento é respeitante a um inventário do património que é feito aquando do empossamento do prior Álvaro Martins, surgindo entre as dependências e edifícios que integram o mosteiro o “corporall de Sam Torcade”⁵. Numa primeira análise, estamos em crer tratar-se de um espaço ou local onde estaria presente o túmulo de São Torcato, embora não o possamos afirmar perentoriamente, sem que surjam outras fontes que o possam corroborar. Independentemente de vir a confirmar-se esta nossa hipótese, tudo indica tratar-se de um espaço de grande importância cultural, mais a mais se levarmos em consideração que é o primeiro a ser referenciado nessa mesma listagem.

O culto a São Torcato parece ter perdido algum fulgor a partir dos finais do século XIV, isto tendo apenas em conta os sinais transmitidos pelas populações mais próximas, já que os paroquianos de vinte e nove freguesias vizinhas tinham por costume ir ao mosteiro, em penitência, na terceira sexta-feira da Quaresma, dia em que se deslocava aí um

3) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.24, Doc.36.

4) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.24, Doc.37.

5) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.43, Doc.38.



frade franciscano de Guimarães para fazer a pregação, sendo que quando o arcebispo D. Lourenço Vicente (1374-1397) visitou São Torcato, a 31 de Março de 1390, teve conhecimento da crescente contestação dessas populações em relação ao cumprimento de tal acto penitencial, com o prelado a ameaçar os incumpridores com a excomunhão (Marques, 1988, p. 735). Os fregueses que tinham por uso e costume ir em romaria “ouvyr a dicta pregaçom e depois a missa cantada no dicto moesteyro”⁶ eram os moradores das freguesias de: São Torcato, São Fins de Gominhães, do mosteiro de Souto, de Santa Maria do Souto, de Santo Tirso de Prazins, de Santa Eufémia, de Corvite, de São Lourenço de Riba de Selho, de São Fausto, de Tagilde, de Santa Maria de Vila Nova de Infantas, de São João das Caldas, de Matamá, de São Romão de Arões, de Santa Cristina de Arões, de Santa Eulália de Golães, de São Vicente de Paços, de Travassós, de São Bartolomeu de Vila Cova, de São Julião de Serafão, de São Pedro de Freitas, de São Miguel de Gonça, de Santa Lucrecia de Sixto, de São Romão de Rendufe, de São Cosme da Lobeira, de Santa Maria de Atães, de Santa Cristina de Caíde, de São Romão de Mesão Frio, e de São Mamede⁷.

Tal ameaça parece não ter surtido o efeito desejado, uma vez que aquando da visita do arcebispo D. Martinho (1398-1416), a 26 de Abril de 1410, a situação mantinha-se, tendo nessa altura o prior de São Torcato, João Anes, pedido ao bispo traslado da carta, dessa anterior visita pastoral de D. Lourenço Vicente, de 1390, tendo sido lida aos paroquianos sem que ninguém contestasse o seu conteúdo⁸. Naturalmente que não se pode estabelecer uma relação causal direta entre este afrouxamento ou decaimento acentuado de peregrinação com o agravar das dificuldades económicas da instituição, mas é provável que tenha tido alguma influência.

Papel importante na difusão do culto de São Torcato e em toda a logística da peregrinação, que lhe estava associada, deverá ter tido a Confraria de São Torcato que remonta, pelo menos, ao século XIII, sendo referenciada em 1273 (Mattoso, 1995, vol. I, p. 293). Dela nos dá nota também um documento dos princípios do século XIV, respeitante ao testamento de Vicente Anes, feito a 10 de Abril de 1312, onde, entre outras disposições, mandava à Confraria de São Torcato um maravedi: “Item mando aa Conffraria de Sam Torcade huum maravedi”⁹. Sabe-se que as confrarias tinham uma importante função assistencial e caritativa, tendo a seu cargo a gestão de hospitais e albergarias (Ferreira, 2010, p. 656). É, por isso, bastante plausível e natural que a albergaria de São Torcato estivesse

6) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-1-3.

7) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-1-3. Aqui é seguida a enumeração das freguesias de acordo com a ordenação presente no documento.

8) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-1-3.

9) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.25, Doc.1.

na dependência da respetiva Confraria. Não são muitas as informações respeitantes à albergaria de São Torcato, mas sabemos que já existia em 1280, altura em que aparece contemplada no testamento de Maria Peres, através do qual lhe deixa um leito, uma almocela e um chumaço bom¹⁰. Ora, ao que tudo indica, tal albergaria situava-se na vila de Guimarães, como se deduz, a partir de um instrumento datado de 26 de Maio de 1423, dia em que o prior D. João Anes e o convento do mosteiro de São Torcato emprazam casas que têm em Guimarães, na Rua do Gado, abaixo da albergaria que chamam de São Torcato¹¹. Pelo modo como se referem à albergaria, somos levados a admitir que esta já não teria qualquer ligação ao mosteiro de São Torcato, caso contrário utilizariam certamente a expressão “a nossa albergaria”. Desconhecemos a existência de instalações ou infraestruturas assistenciais nas imediações do mosteiro mas, e mesmo considerando a proximidade de Guimarães com múltiplos hospitais e albergues, tratando-se de um centro de peregrinação é muito provável que existissem. Já a Confraria deveria estar instalada em São Torcato, havendo também a possibilidade de São Torcato ter sido a sede de uma outra Confraria no século XIII, a Confraria dos Alfaiates de Guimarães ou Confraria de São Vicente (Carvalho, 1944, p. 125-126), embora esta questão seja de difícil clarificação (Ferreira, 2010, p. 669).

Um outro aspeto a explorar, e que nos parece interessante para ajudar a aquilatar da projeção do culto e da devoção a São Torcato, é o da própria antropónimoia. Este será um campo que também poderá ser revelador da influência e importância de São Torcato. A título meramente exemplificativo, e centrando-nos apenas na primeira metade do século XIV, e para uma área geográfica relativamente próxima do mosteiro, deparámo-nos com um clérigo denominado Torcato Mendes¹², um indivíduo chamado Torcato Eanes morador na freguesia de São Cosme da Lobeira¹³, um Torcato Lourenço¹⁴ ou o mercador vimaranense Domingos “Sam Torcade”¹⁵, embora neste último caso o apodo surja, simultaneamente, como elemento identificativo e um indicador das suas próprias origens. E se todos estes casos referenciados são da região, poderemos também dar um exemplo de alguém, aparentemente, vindo de fora deste âmbito geográfico, caso de Torcato Mendes, clérigo do bispo de Viseu, D. Miguel Vivas (1329-1333), que foi apresentado, em 1329, pelo cabido de Guimarães, para a igreja de São Tiago de Murça¹⁶.

10) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.12, Doc. 32.

11) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-1-7.

12) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.22, Doc.17.

13) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.25, Doc.5.

14) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-3-10.

15) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.24, Doc.35.

16) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-2-3-24.



— O património monástico entre séculos de florescência

Quer a simples sobrevivência quer o eventual florescimento de um mosteiro era, em grande medida, condicionado por fatores aleatórios, estando dependente das doações, benesses e bens com que era contemplado. Neste particular, e no que respeita ao século XII, São Torcato enfrentava forte concorrência, face ao predomínio de Santa Maria de Guimarães na região, mas também à proliferação de outros institutos religiosos, caso dos também mosteiros de cónegos regrantes de Santa Marinha da Costa e de São Salvador de Souto ou os mosteiros beneditinos de São Miguel de Refojos de Basto e de São Salvador de Fontarcada. O certo é que São Torcato conseguiu sobreviver, expandir-se e ganhar notoriedade ao longo destes séculos medievais. E se a boa fortuna, o engenho e o prestígio eram fundamentais para a obtenção de riqueza e património, não era de somenos importância uma boa capacidade de gestão desse mesmo património. Um dos elementos que nos permite avaliar a importância social e devocional de determinada instituição é a maior ou menor frequência com que é mencionada nos testamentos, sobretudo da sua área de influência, e o mosteiro de São Torcato era-o com assiduidade. Por vezes extravasava essa dimensão regional como atesta o facto de, em 1221, D. Afonso II legar cem morabitinos ao mosteiro de São Torcato (VMH, Parte II, p. 127). Obviamente que os legados pios acabavam por constituir também uma forma de obter alguns rendimentos para a instituição, embora se tratasse, na generalidade dos casos, de valores simbólicos, de qualquer forma não deixa de ser um elemento revelador do seu prestígio.

Além disso, quanto maior fosse a projeção maiores seriam as possibilidades de atrair doações substanciais. Tais doações consistiam, normalmente, em bens fundiários ou em casas, contribuindo assim para o aumento patrimonial da instituição. Neste capítulo São Torcato também foi presenteado com inúmeras doações, casos da que ocorreu a 15 de Outubro de 1292, dia em que Maria Anes doa ao mosteiro todo o herdamento que lhe ficou de seu pai¹⁷, ou da que sucedeu em 1297, com Domingos Peres e Sancha Pais a doarem todo o direito e quinhão que tinham num casal¹⁸.

Como seria expectável, a generalidade do património de São Torcato concentra-se numa área geográfica relativamente restrita, mormente na freguesia de São Torcato e em localidades vizinhas ou relativamente próximas, de que poderemos destacar Vilar¹⁹, São Emilião²⁰, São Romão de Sisto²¹ ou São Tiago de Candoso²². Detinha ainda património

17) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.15, Doc.17.

18) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.16, Doc.09.

19) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-2-3-6.

20) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.28, Doc.07.

21) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.30, Doc.36.

22) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.11, Doc.04.

considerável na vila de Guimarães, sobretudo prédios urbanos, nomeadamente casas na Rua de Santa Maria²³, na Rua de Gatos²⁴, na Judiaria²⁵, na Rua do Gado²⁶ e no Castelo²⁷.

— O couto do mosteiro

Destaque ainda para o couto de São Torcato que, como já acima exposto, foi dado ao mosteiro por D. Afonso Henriques. Nessa carta de couto, o nosso primeiro rei define os limites desse território, onde o mosteiro iria exercer a sua jurisdição, sendo que esse couto era constituído por uma ampla área territorial, localizada nas proximidades do mosteiro. Tal benesse e respetiva jurisdição seriam confirmadas a São Torcato pelos diversos monarcas que lhe sucederam (Guimarães, 1898, pp. 142-146). Em termos simplistas, tratava-se de um espaço, devidamente marcado e sinalizado, em que outros senhores poderosos não poderiam deter património nem exigir tributos, sendo que alguns dos impostos que aí caberiam ao rei poderiam ser arrecadados pelo mosteiro. Além disso, o prior detinha aí prerrogativas de cariz judicial, havendo um juiz do couto que era eleito pelos moradores e confirmado pelo prior. Esse juiz podia julgar algumas questões de foro cível relacionadas, por exemplo, com roubos de bens, derrube de cercas e invasão de propriedades e destruição das culturas por parte dos animais, questões sobre utilização de águas, desavenças envolvendo delimitação de propriedades, sendo que das sentenças desse juiz poderia haver recurso para o prior. O juiz era auxiliado por um mordomo que fazia cumprir as penas, ordenar ou impedir a colocação de tapaduras nos caminhos ou campos, prender malfeitores que aí andassem, sendo que a jurisdição do crime no couto estava vedada ao prior, sendo da competência da justiça régia (Fernandes, 2011, pp. 157). No couto, São Torcato, segundo as inquirições de 1220, tinha trinta e sete casais, número que nas Inquirições de 1258 desce para os trinta e um (Guimarães, 1898, pp. 142-143). Tal oscilação é justificada com a ingerência de outros senhores que aí compravam terras, contrariando os privilégios do mosteiro e as determinações régias, o que levou o mosteiro a apresentar queixa a D. Sancho II, com este a intervir em 1229, reafirmando essa proibição, ordenando que nem cavaleiros, nem clérigos, nem burgueses aí adquirissem terras e aqueles que já as tivessem, as devolvessem, ficando também o mosteiro em posse das terras que se encontrassem por cultivar (VMH, Parte II, p. 200). Apesar da intervenção

23) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.27, Doc.10.

24) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.44, Doc. 27.

25) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.44, Doc. 22.

26) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-1-7.

27) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.40, Doc. 21.



régia os abusos persistirão ao longo do século XIII e princípio do XIV, levando o rei D. Dinis a intervir, em 1310, para tentar pôr cobro a essa situação (Guimarães, 1898, p.144).

Perante isto, facilmente se depreende que o facto de ter um couto não significava que as terras aí situadas pertenciam exclusivamente ao mosteiro, apenas a jurisdição e os direitos estipulados. Essas terras poderiam também ser transacionadas, como acontece com Martim Martins, ferreiro, morador no Porto e filho de Martim Durães e de Maria Mendes da Pena, que, a 25 de Janeiro de 1332, vende herdades que a mãe lhe deixara em Segade, couto de São Torcato²⁸. Em 1338, Domingos Eanes, dito Baraço, e Maria Domingues, sua mulher, moradores na freguesia de Santa Eulália de Pentieiros vendem a Fernão, homem do prior de São Torcato, a herdade que têm dentro do couto do mosteiro de São Torcato²⁹. Naturalmente que a maioria das terras pertencia ao mosteiro e eram geridas por este. Tome-se como exemplo o emprazamento que é feito, em 11 de Janeiro de 1431, a Luís Lourenço e a sua mulher, Leonor Anes, do casal da Ribeira, situado no couto do mosteiro³⁰.

O grosso dos rendimentos da instituição provinha, justamente, das rendas auferidas com o emprazamento e arrendamento das diversas propriedades do mosteiro. Aqui o prior assumia um papel fulcral, e se tais contratos eram feitos em concordância e com a anuência do convento, na qualidade de responsável máximo da instituição competia-lhe encontrar as soluções mais vantajosas. Além dos contratos enfitêuticos, o património também era gerido através de compras, vendas ou escambo de propriedades. Este último consistia numa permuta de bens entre as partes, como sucede, em 1286, com a troca de terras entre o mosteiro torcatense e o vizinho mosteiro de Souto³¹ ou a 26 de Junho de 1403, quando o convento do mosteiro de São Torcato permuta com Lopo Fernandes as casas que tinham em Guimarães, na cerca velha do castelo, onde ele vivia com a mulher, pelo casal dos Moinhos, situado em São Emilião, na Póvoa de Lanhoso³². As motivações para estas transações eram diversas, mas normalmente ocorriam para se proceder à unificação de certa propriedade ou para a concentração de património numa determinada área, desfazendo-se de bens situados em locais longínquos, embora também pudessem servir para solucionar questões com determinados foreiros ou para evitar conflitos. E estes eram muitos e de variada índole, obrigando o mosteiro, sobretudo através dos seus priores, a aplicar-se na defesa intransigente dos seus interesses, face às múltiplas contendas

28) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.25, Doc.29.

29) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.28, Doc.15.

30) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.46, Doc.18.

31) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.14, Doc.02.

32) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.40, Doc. 21.

e desavenças que iam surgindo. Entre esses conflitos e respetivas intervenções, desde logo, em 1096, uma questão por causa de dízimos³³, mas a situação mais recorrente ao longo destes séculos, eram contendas envolvendo direitos e serventia de águas como sucede em 1293³⁴, 1295³⁵, 1317³⁶, 1363³⁷, 1411³⁸ e 1413³⁹. Também a eficiência ao nível da cobrança das rendas e a sua efetiva entrega era fundamental para a saúde das finanças do mosteiro, situação que nem sempre ocorria como nos mostra instrumento datado de 13 de Dezembro de 1326, em que vários prestameiros são sentenciados a entregar valores em falta ao mosteiro⁴⁰.

Estes incumprimentos, bem como outros quer de semelhante quer de diferente natureza, acabavam por ser impactantes para as contas do mosteiro, até porque estamos a falar de uma instituição que nunca deverá ter atingido grande desafio económico. Note-se que, para este período concreto, temos o catálogo das igrejas de 1320-1321, que é um excelente indicador da condição económica das instituições eclesiásticas, sendo que o mosteiro de São Torcato foi taxado em 300 libras (Almeida, 1971, p. 108). E se o valor, isoladamente, pouco sugere, se o compararmos com as taxas que foram aplicadas aos rendimentos de outras instituições assume grande relevância. Estas são as mesmas 300 libras aplicadas ao mosteiro de Souto, já o mosteiro de Santa Marinha da Costa foi taxado em 1000 libras e Santa Maria de Guimarães em 3600 libras, sendo 2000 respeitantes ao cabido e 1600 à mesa prioral (Almeida, 1971, p. 108).

A maior ou menor capacidade económica do mosteiro poderia ter reflexos na constituição da própria comunidade monástica, ou seja, no número de elementos que a compunham. E se é certo que nos mosteiros portugueses de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho as comunidades são relativamente reduzidas, à exceção de Santa Cruz de Coimbra, São Vicente de Fora e Grijó, a generalidade das outras apresentam por norma cinco ou seis elementos, embora existam flutuações pontuais, mas raramente ultrapassam os dez elementos (Fernandes, 2011, pp. 252-261), a escassez de recursos económicos condicionaria, certamente, o número de religiosos. O mosteiro de São Torcato parece ter mantido alguma estabilidade em termos de população monástica entre os séculos XII e o início da década de trinta do século XV, sendo possível, através das diversas fontes, ir reconstituindo

33) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-2-3-6.

34) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-2-1-31.

35) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-2-1-35.

36) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.21, Doc.28.

37) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.24, Doc.33.

38) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-2-3-47.

39) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-2-14.

40) AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-3-3-10.



esse quadro humano, concluindo-se que apresenta números similares ao de outros mosteiros, ou seja entre os cinco e os seis religiosos⁴¹.

Torna-se, naturalmente, muito difícil apresentar números exatos para um determinado período cronológico específico, até porque a generalidade das fontes que nos permitem conhecer esses religiosos são instrumentos redigidos no próprio mosteiro, mas temos que ter em consideração que alguns dos cónegos se encontravam, por vezes, ausentes da instituição porque tinham também serviço pastoral, sendo os titulares de algumas igrejas tuteladas pelo mosteiro. Não nos podemos esquecer que São Torcato deteve, ao longo da Idade Média, embora em períodos díspares, e algumas em condições muito específicas e durante tempo muito limitado, o padroado de seis igrejas: São Martinho de Louredo, pelo menos em parte do século XII⁴², São Emilião ou Santo Emilião, Santa Lucrecia de Sisto, São Romão de Rendufe, São Cosme da Lobeira e Santa Comba de Monte Longo, (Fernandes, 2011, pp. 159-164).

O certo é que logo no início do segundo quartel do século XV, já é evidente essa tendência decrescente da comunidade, sendo que a 5 de Novembro de 1332 ainda havia três cónegos no mosteiro de São Torcato⁴³, no entanto a partir desta altura acentua-se esse decréscimo, ao ponto de ter apenas um cónego em 1450 (Marques, 1988, p. 736).

— O ocaso

Parece indiscutível que o mosteiro de São Torcato começa a enfrentar algumas dificuldades económicas, no final do século XIV, e que se vão agudizar à medida que vamos caminhando pelo primeiro quartel do séc. XV e que obrigariam à intervenção do arcebispo D. Fernando da Guerra (1416-1467), que visitou o mosteiro a 21 de Janeiro de 1424 (Marques, 1978, p. 35)⁴⁴. Entre as medidas tomadas encontra-se a alteração a nível do priorado, com a colocação no cargo de Frei Álvaro Martins e a anexação ao mosteiro de São Torcato da igreja de Santa Comba, no entanto tal união só seria válida durante o tempo em que fosse prior Álvaro Martins⁴⁵. A 29 de Janeiro de 1424, coincidindo com o empossamento de Frei Álvaro Martins como prior da instituição, é feito um inventário pelo prior claustral e sacristão do mosteiro, o cónego João Vicente⁴⁶. Este documento,

41) Para se ficar com uma melhor perceção sobre o percurso de alguns dos religiosos que integraram o mosteiro de São Torcato consulte-se os elementos compilados por Fernandes (2011, pp. 448-454; 625-630) respeitantes a priores e cónegos dessa comunidade.

42) ANTT – CSMO, Docs. Eclesiásticos, M.1, Docs.7 e 8.

43) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.47, Doc.9.

44) Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra...*, 1978, p.35.

45) A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra, fl.1.*

46) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.43, Doc.38.

lavrado por Nicolau de Freitas, tabelião de Guimarães, é revelador do estado em que se encontrava o mosteiro. Os ornamentos eram constituídos por dois cálices brancos pequenos de prata; um cálice grande dourado; três capas festivas e quatro de uso comum; quatro dalmáticas, sendo duas delas douradas e duas de quinas; uma vestimenta festiva com um manto de quinas e um manto verde com sinais de leões e duas vestimentas velhas e rotas, e outra vestimenta de dois cantores; três cruces de Limoges de pau; os livros que são mencionados e escritos no livro da visitação do senhor arcebispo; três sinos grandes e dois pequenos. Foi também perguntado ao prior claustral se havia aí mais alguma prata partida ou boa, ao que este respondeu que havia aí mais prata mas tinha sido furtada do mosteiro. De seguida, Gil Afonso, chaveiro do mosteiro e filho de Afonso Gomes da Corredoira, da freguesia de São Cosme da Lobeira foi mostrar os seguintes bens: duas tulhas velhas sem pão, duas cubas velhas na adega do claustro, e na adega nova uma cuba grande velha que tinha vinho. O prior também perguntou ao chaveiro se existiam aí algumas roupas de cama, sendo-lhe respondido que não. Por fim são elencadas as casas que o prior aí encontrou, convém a saber: o corporal de São Torcato; o cabido para o claustro; a adega do claustro; o paço de cima; o refeitório; o dormitório dos cônegos; a casa nova; a câmara em que dormia o prior; a casa de fora em que está o gado; o palheiro; as cavaliças e as vinhas todas mortas⁴⁷.

Apesar das dificuldades evidentes que transparecem deste relatório, a projeção e o prestígio de São Torcato mantinham-se intactos, continuando a merecer a atenta vigilância e afetuosidade dos nossos monarcas, por isso não se estranhe que quer D. Duarte, quer o regente D. Pedro e também D. Afonso V, tenham confirmado os privilégios e mercês que os seus antecessores haviam concedido ao mosteiro (Guimarães, 1898, p. 146).

À luz da documentação de que dispomos somos levados a concluir que a ação do prior Álvaro Martins parece ter sido meritória, procurando, embora sem sucesso, reerguer a instituição. No cotejar dos documentos fica a impressão que este prior conseguiu recuperar economicamente o mosteiro, mas esse eventual sucesso foi aniquilado pela incapacidade ou dificuldades de renovação da comunidade monástica. Demonstrativo disso é que aquando da sua morte, já só restava um cônego no mosteiro, Frei Luís Domingues, que foi confirmado no priorado de São Torcato (Marques, 1988, p. 736). Este prior viria a falecer em 1451, no entanto o arcebispo D. Fernando da Guerra não desistia de tentar viabilizar a existência do mosteiro, recrutando para o seu priorado um cônego de São Simão da Junqueira, de nome D. Frei Vasco Afonso (Marques, 1988, pp. 736-737). O problema é que este prior viria também a falecer, prematuramente, em 1453. Perante

47) ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M.43, Doc.38.



este novo contratempo o arcebispo confirmou no priorado torcatense Frei João Afonso, cónego regrante de Santa Cruz de Coimbra, que viria a resignar, assumindo o mosteiro, em 1459, João de Barros, cónego e tesoureiro do Cabido de Braga na qualidade de prior comendatário (Marques, 1988, p. 737). O papa Sixto IV (1471-1484), a 6 de Julho de 1474, e face à ausência de comunidade monástica acabou por extinguir e unir o mosteiro de São Torcato à Colegiada de Guimarães (Marques, 1988, p. 737). A 26 de Outubro de 1474, o cabido da Colegiada de Guimarães reuniu-se para constituir procuradores para tomarem posse das igrejas e do mosteiro que lhes tinham sido anexadas, uma vez que o “santisimo papa Sisto quarto ora presidente na Igreja de Deus hunira e anexara e incorporara ora novamente o moesteiro de Sam Troquade...”⁴⁸. Um desses procuradores era Afonso Pires de Freitas, cónego e tesoureiro da Colegiada de Guimarães, que no dia 2 de Novembro de 1474 se deslocou a São Torcato e tomou posse real e corporal do mosteiro em nome do Cabido vimaranense (Fernandes, 2011, p. 159).

— Conclusão

Encerrava-se assim um ciclo, maioritariamente brilhante, com mais de quatro séculos e meio de história autónoma de uma instituição que germinou na idílica pacatez de um vale e soube crescer, projetar-se, conquistar a afeição e o amparo dos nossos reis, receber milhares de peregrinos, solidificar e propagar o culto a São Torcato. Não deixa de ser curioso que o mosteiro de São Torcato tenha tido nas suas origens uma ligação umbilical ao mosteiro de Guimarães e que, volvidos mais de quinhentos anos, volte a ficar sob a dependência da Colegiada de Guimarães, nascida e herdeira desse mesmo mosteiro, outrora, fundado por Mumadona Dias. Mas este seria apenas mais um passo na caminhada de uma instituição que haveria de se reabilitar, abraçar as centúrias vindouras e, fazendo jus aos seus pergaminhos ancestrais, resplandecer novamente, ao ponto de hoje inscrever o seu nome entre o dos maiores santuários portugueses.

48) ANTT – CSMO, Docs. Eclesiásticos, M.5, Doc.21.

Bibliografia

- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (2001). *História da Arte em Portugal*, vol. 1: O Românico. Lisboa: Editorial Presença.
- Almeida, Fortunato de (1971). *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres. Barcelos/Porto-Lisboa: Portucalense Editora/ Livraria Civilização Editora.
- Barroca, Mário Jorge, & Real, Manuel Luís (1992). As caixas-relicário de São Torcato, Guimarães (Séculos X - XIII). In *Arqueologia Medieval*, 1, pp. 135-168. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola / Porto: Edições Afrontamento.
- Carvalho, A. L. de (1944). *Os Mesteres de Guimarães*, volume V. Instituto para a Alta Cultura / Junta da Província do Minho.
- Costa, Padre Avelino de Jesus da (1959). *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos.
- Faure, Francisco G. C. Líbano Monteiro (2017). Viajar no tempo de D. Afonso Henriques. Vias e pontes no território vimaranense. In Mário Jorge Barroca (coord.), *No tempo de D. Afonso Henriques. Reflexões sobre o primeiro século português* (pp. 303-357). Porto: CITCEM.
- Fernandes, Aires Gomes (2011). *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Norte de Portugal em finais da Idade Média: dos alvores de trezentos à Congregação de Santa Cruz*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Ferreira, Maria da Conceição Falcão (2010). *Guimarães “Duas Vilas, Um Só Povo”*. Estudo De História Urbana (1250-1389). Braga: CITCEM / Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto (1928-1930). *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III - Séc. XX)*, Tomos e II. Edição da Mitra Bracarense.
- Fontes, Luís (2010). *O Norte de Portugal entre os séculos VIII e X: balanço e perspectivas de investigação*. Comunicação apresentada ao Simpósio Internacional Visigodos y Omeyas VI: Astúrias entre visigodos y mozárabes (Madrid, 2010). Consultado em 26-12-2021. . archc3d.f.a.utl.pt/outputs/Fontes_com_10.pdf
- Guimarães, João Gomes de Oliveira (1898). O Couto de S. Torcato. In *Revista de Guimarães*, 15 (4) Out.-Dez. 1898, pp. 139-151.
- Magalhães, João Luís Durães Teixeira (2021). *Entre o mito e a história. A construção da memória de São Torcato de Guimarães nos séculos XVI e XVII*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Marques, José (1988). *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Marques, José (1978). *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1417-1467)*. Porto Centro de História da Universidade do Porto.
- Mattoso, José (1995). *Identificação de um país – Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)*, 2 vols., 5ª ed. revista e actualizada. Lisboa: Editorial Estampa.
- Morgado, Duarte Nuno Ferreira Madaleno Ferreira (2012). *Cister: espiritualidade, estética e teologia na arquitectura cisterciense*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal.
- Santa Maria, Frei Nicolau de (1668). *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Sancto Agostinho*, 2 tomos. Lisboa: Na Officina de Joam da Costa.
- Vimaranis Monumenta Historica: a saeculo nono post Christum usque ad vicesimum, Partes 1 e 2 (1929-1931). Coordenação da Sociedade Martins Sarmento; com introdução e compilação de João Gomes de Oliveira Guimarães. Guimarães: Tipografia de A. L. da Silva Dantas.
- Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de (1966), *Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal se usaram e que hoje regularmente se ignoram...*, edição crítica por Mário Fiúza, 2 vols. Porto-Lisboa: Livraria Civilização.

Apêndice Documental

Doc.1

1410 ABRIL, 26, Mosteiro de São Torcato – D. Martinho, arcebispo de Braga, em visitação ao mosteiro de São Torcato, passa traslado, a pedido do prior D. João Anes e do convento do mosteiro, de uma carta dada pelo arcebispo D. Lourenço.

1390 MARÇO, 31, Mosteiro de São Torcato – D. Lourenço, arcebispo de Braga, em visita ao mosteiro, ameaça com pena de excomunhão os fiéis de diversas freguesias vizinhas do mosteiro de São Torcato, que não cumpram com a tradição de virem em romaria ao mosteiro na terceira Sexta-feira da Quaresma e aí ouvir missa e a pregação de um frade franciscano, com a obrigação de se manterem no local até ao final das cerimónias.

AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Pergaminhos, 8-3-1-3. Preserva o cordão que segurava o selo pendente.

Dom Martinho per graça de Deus e da Santa Igreja de Roma Arcebispo de Bragaa e primas. A quantos este traslado de carta virem ffazemos saber que visitando nos pessoalmente o moesteyro de Ssan Torquade da hordem de Sant'Agostinho do dicto nosso arcebispado ssegundo a nosso officio pastorall pertencee visitar presentes os rellegiosos Dom frey Johane Anes prioll e convento do dicto moesteyro ffoynos per elles mostrada huua carta scripta em papell e assignada per maa de Dom Lourenço da boa memoria nosso antecessor que ffoy e sseellada nas costas do sseu camaffeu da quall o teor de vervo a vervo tall he:

Dom Lourenço pella graça de Deus e da Ssanta Igreja de Roma Arcebispo de Bragaa e primas. A quantos esta carta virem fazemos saber que visitando nos o mosteiro de Ssan Torquade da ordem de Ssanto Agostinho do nosso arcebispado como a nosso officio pastorall pertencee ffoynos querellado por parte dos prioll e convento do dicto mosteiro e ouvemos per certa enfformaçom que d'antigamente e de huso e de custume em cada hum anno em na terceira Sesta ffeyra da Coreesma veem ao dicto moesteyro hum frade de Ssan Francisco de ffora dos muros de Guimaraaens a fazer ssua pregaçom e que a esse dia husarom de ssenpre e costumarom de virem ouvyr a dicta pregaçom e depois a missa cantada no dicto moesteyro os freegeses das Igrejas que sse adeante ssegem e que ora novamente a mayor parte dos dictos freegeses nom veem ouvir a dicta pregaçome e missa e delles chegam hy contanto(?) a pregaçom acabada e a missa dicta vansse pera ssuas casas e ffica o pregador ssoo e ffazem por esto tirar aos fiees chrisptaaos a devaçom que aviam em viirem aa tal Romaria por proll de ssuas almas e que era em ho serviço de Deus e os freegeses das freguesias que nos disserom que hy ham de viir som estas os moradores e freegeses do dicto mosteiro e de Ssam Fynz de Gominhaaes e do mosteiro de Ssouto e de Ssanta Maria de Ssouto e de Santo Tisso de Praziis e de Santa Offmea e de Corvyte e de Ssam Lourenço de Riba de Sselho e de Ssam Frausto e de Taagillde e de Ssanta Maria de Villa Nova dos Iffantes e de Ssan Hoane das Calldas e de Mata Maa e de Ssam Romaao d'Aroens e de Ssanta Chrysptinha d'Aroens e de Ssanta Ovaya de Gullaaes e de Ssam Vicente de Paaços e de Travaços e de Ssam Bertallomeu de Villa Cova e de Ssam Juyaa de Cerafaao e de Ssam Pero de Ffreitaas e de Ssam Migell de Gonça e de Sancta Logriça do Sisto e de Ssam Romaao de Renduffe e de Ssam Cosmade de Lobeira e de

Ssancta Maria d'Ataens e de Ssanta Chrysptinha de Cayde e de Ssam Romaa de Meijoom Frio e de Ssom Momedede. E ffoinos pedido per esses prior e convento que olhassemos ssobre ello e aquello que entendessemos pera serviço de Deus e saude de ssuas almas dos ssobredictos de guisa que ffofse acrecentado o serviço de Deus e nom sse perdesse e nos veendo o que nos pediam e querendo a ello acorrer como ao nosso officio pastorall pertence amoestamos todallas pessoas das dictas freiguisias que o dicto moesteiro husarom de virem e veerem ao dicto dia da dicta terceyra Sesta ffeyra de Coreesma a ouvir a dicta pregaçom e missa no dicto moesteiro que venham hi em cada huum anno a ouvyr a dicta pregaçom e sse nom partam do dicto moesteiro ataa que a dicta pregaçom e missa ssejam acabadas como ssenpre se usou e costumou de fazer damoslhes por todas¹ amoestaçoens e termho perentoreo trynta dias primeiros sigintes da publicaçom desta nossa carta facta em quallquer Igreja e logares que della possam aver noticia en diante e fazendo o contrairo e passados os dictos termhos das dictas amoestaçoens poemos em as dictas pessoas e freegeses subredictos que assy costumarom de viir aa dicta Romaria e esta a dicta pregaçom d'antigamente e dicto assy o dicto moesteiro esta em posse per tanto tempo que a memoria dos homeens nom he em contrairo sentença d'escomunhom em estes scriptos per sse alguua razom lydema ouverem pera o nom fazer venhomna ou emviamna mostrar perante nos nos termhos das dictas amoestaçoens e nollos ouviremos com seu derecho. Dante em no dicto moesteiro pustumeiro dia do mes de Março Era de mill IIII^c vynte oyto annos.

A quall carta assy perante <nos> mostrada como dicto he ffoynos pedido per os ssobredictos prioll e convento do dicto moesteiro que lhe mandassemos dar este treslado della com nossa auctoridade em purgaminho porquanto sse temiom de lhes apodrecer ou sse perder a dicta carta porquanto asy era scripta em papell. E nos veendo o que nos diziam e vista a dicta carta e perante nos levada e outrossy como ella fora publicada e levada aas dictas pessoas ssegundo era contheudo em huum stromento que andava scripto² nas costas della facta e assignado per maa de Pero Annes tabeliom dell rey em Guimaraaens aa quall publicaçom os dictos freegesses nom responderom nem contradisserom nenhuua cousa contra a dicta carta mandamoslhes dar della este tresllado assignado per nossa maa e sseellado do nosso seello da quall damos e outorgamos nossa auctoridade ordinaira que valha [e] seja firme e valliosa assy e per a guisa que em a dicta carta he contheudo e como o proprio original della. Dante em o dicto moesteiro XXbI dias d'Abrill Joham Lourenço a ffez Era de mill IIII^c R^aVIII annos. Martinus Bracharensis Archiepiscus (assinatura).

1) Buraco no suporte com consequente perda das palavras aí presentes. Não sendo possível reconstituir com exatidão o texto em falta, trata-se da indicação específica da admoestação canónica, provavelmente “tres canonicas”, como se poderá inferir de passagens de textos similares, caso das Constituições de Braga do Arcebispo D. Diogo de Sousa (Constituição XXXVIII), onde se diz: “[...] os quaaes lhes damos e assinamos por todas tres canonicas amoestaçoens e termo perentorio...” (*Synodicon Hispanum, II-Portugal* (1982). Dirigido por Francisco Cantelar Rodriguez, Avelino de Jesus da Costa, Antonio Garcia y Garcia, António Gutierrez Rodriguez, Isaías da Rosa Pereira. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p.170).

2) Repete “scripto”.

Doc.2

1424 JANEIRO, 29, Mosteiro de São Torcato – D. Álvaro Martins, na sequência do seu emposamento como prior de São Torcato, procede à inventariação dos bens do mosteiro, recorrendo a João Vicente, prior claustral e sacristão, e a Gil Afonso, chaveiro do mosteiro.

ANTT – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos Particulares, M.43, N.º38.

Era do nascimento de Nosso Senhor Salvador Jhesus Chrispto de mill e quatrocentos e viinte e quatro annos viinte e nove dias do mes de Janeiro em o moesteiro de Sam Torcade termo da villa de Guimaraaens do arrcebispado [de Braga]. Em presença de mim Nicolaa de Ffreytas publico tabaliam del rey do paaço na dicta villa e testemunhas adeante escriptas estando hy presentes Dom Alvaro Martinz priol do dicto moesteiro e o convento dell e o dicto priol achou por priol crasteiro em o dicto moesteiro e ssamcristam Joham Vicente coonigo do dicto moesteiro e lhe requeriu logo que lhe mostrasse todollos hornamentos que avya em o dicto moesteiro pera sse poerem em enventairo. O quall dicto Joham Vicente mostrou logo dous callezes brancos chaens pequenos de prata e mays huum calez grande dourado. Item mays tres capas festivaens e quatro de feria e quatro dalmatigas duas douradas e duas de quinas e huua vestimenta festivall com huum manto de quinas e huum manto de verde com sinaaes de leoens e duas vestimentas velhas rotas e outra vestimenta de dous cantores e tres cruces d'Alimogeas de paaço e os livros que ssom contheudos e escriptos no livro da visitaçom do dicto senhor arrcebispo e tres sinos grandes e dous pequenos de sotelha. O quall sobredicto priol ffez pergunta da parte do dicto senhor Arrcebispo ao dicto Joham Vicente sse avya hy outra alguua mays prata britada ou ssa ou outros alguuns hornamentos que lhe fossem entregues e elle disse que nom tiinha mays prata que a sobredicta porque a mays prata que hy avya fora furtada do dicto moesteiro seendo elle samcristam. Outrosy achou por chaveiro em o dicto moesteiro Gill Affonso filho d'Affonso Gomez da Corredoira da ffreiguesia de Sam Cosmade de Lobeira o quall me mostrou em o dicto moesteiro estes beens que sse seguem primeiramente duas tulhas velhas ssem pam e duas cubas velhas na adega da crasta e na adega nova huua cuba grande velha que tynha vinho. O quall priol ffez pergunta ao dicto chaveiro sse avya hy alguuas roupas de camas e elle disse que a nom avya hy. Item estas ssom as cassas que o dicto priol achou edvificadas³ convem a saber o corporall de Sam Torcade e o cabido per a crasta e a adega da crasta e o paaço de cima e o reffreitoiro e o dormidoiro dos coonigos e a cassa nova e a camara em que dormia o priol e a cassa de fora em que esta o gaado e o palheiro e as cavallariças e as vinhas todas mortas. E o dicto priol pediu assy de todo huum estormento e dous e mays os que lhe comprissem pera ssua guarda. Testemunhas presentes Vasco Martinz abbade d'Aroees e Gill Vaasquez abbade de Meedello e Alvaro de Mozege e Pedro de Puveiras e Andre de Soveredo e Alvaro Gonçallvez tabaliam de Montelongo e outros e eu tabaliam sobredicto que este estormento e emmentairo escrepvy e aqui meu signall fiz que tal he (sinal). Pagou X reais.

3) A leitura desta palavra levanta-nos algumas dúvidas. Não poderemos excluir outras possibilidades como “edemficadas” ou “e denificadas”. A opção pela presente leitura advém do facto de esta nos parecer a expressão que mais sentido faz no contexto da frase, porque são aí enumeradas as casas e diversas estruturas edificadas ou construídas.

Doc.3

1431 JANEIRO, 11, Guimarães – D. Álvaro Martins, prior do mosteiro de São Torcato, faz nota de prazo a Luís Lourenço e a Leonor Eanes, sua mulher, moradores no lugar de Conselheiros (fr. de São Torcato), e a uma terceira pessoa, a nomear pelo postumeiro, do casal da Ribeira, localizado no couto do mosteiro.

ANTT – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos Particulares, M.46, N.º18

Sabham os que este stromento de nota de prazo virem que nos Dom Alvaro Martinz prior do mooesteyro de Sam Torcade do arçabispado de Bragaa fazemos nota de prazo a vos Luis Lourenço e a Lionor Eanes vossa molher nom presente moradores no lugar de Concelheiros freygesya do dicto mooesteyro e a huua pessoa que o prestumeiro de vos nomear e nos obligamos a vos fazer prazo per Bragaa aa vossa custa segundo manda a constituicòm quando conprir do casal da Ribeyra que jaz no couto do dicto mooesteyro e que o ajades com suas entradas e saydas novas e antigas e com todas suas perteenças e que o lavredes e afruitedes e repairedes e corregades e apostedes logo as casas da cozinha e celeiro de todo aquelo que conprir e esso ajedes de hy en deante e façades en o dicto casal e perteenças delle toda bemfeytoria e melhoramento de guisa que melhore e nom peiore e que dedes e pagedes de renda e penssom en cada hum ano a mim e ao dicto meu mooesteyro quatro maravedis de moeda antigua ou como pagarem dos prazos antigos do dicto mooesteyro e pagardes a dicta renda per dya de Natal e fazerdes a primeira paga per Natal primeiro que vem e com condiçom que nom dedes lavra(?) nenhuua do dicto casal a nenhuum do couto e que se façam os prados acostumbrados segundo se senpre fezerom sem nosso embargo e dardes o dizemo de todo aquelo que Deus hy der e que nos dicto prior nom ajamos poder de vos tolher o dicto casal en as dictas vidas nem vos leyxar nem dar nem doar nem outra cousa fazer sem nosso outorgamento e quem contra esto for que sobredicto he en parte nem en todo que pague de pena aa parte stavel mil brancos e a pena levada ou nom este stromento valer e seer firme e stavel como sobredicto he e asy o outorgarom as dictas partes e pedirom dello senhos stromentos. Fecto foy na villa de Guymaraens nas pousadas de mim tabaliom onze dyas de Janeyro Era do nacimiento de nosso Senhor Jhesus Chrispto de mil e IIII^o e trinta e hum annos. Testemunhas Joham do Campo morador na freyguesya de Santa Logriça do Sisto e Gonçalo Martinz de Puveyras morador na freyguesya do dicto mosteyro e Diego Martinz do Sisto e Stevom Martinz homem do dicto prior e eu Johane Anes tabaliom del rey en a dicta villa de Guimaraens que este stromento screpvi e aqui meu signal fiz que tal he. (sinal). Pagou VI reais.

Doc.4

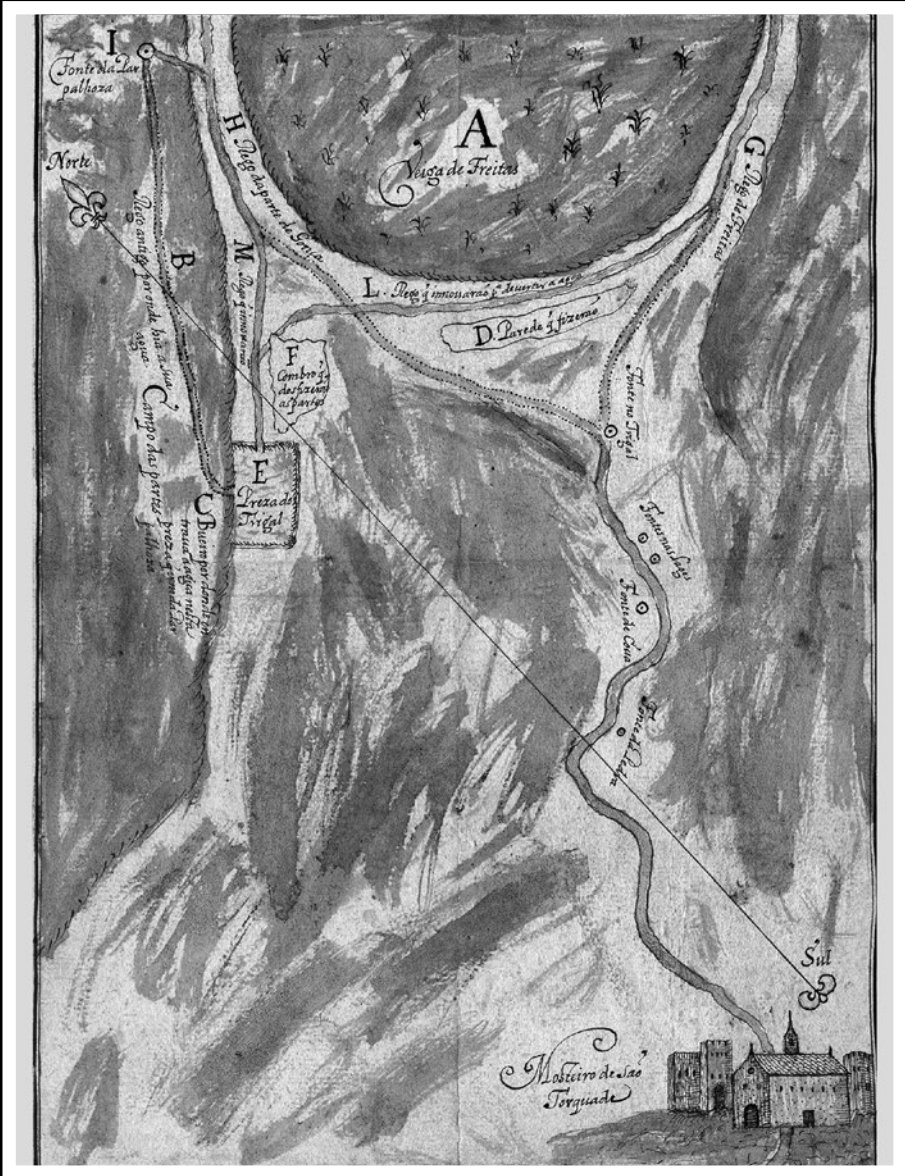
1432 NOVEMBRO, 05, Mosteiro de São Torcato – D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, encontrando-se no mosteiro de São Torcato, valida o empraçamento que o prior Álvaro Martins, juntamente com os cônegos, fazem a Domingos Lourenço e a sua mulher, Catarina Afonso, moradores em Gominhães, e a uma terceira pessoa, a nomear pelo postumeiro, da quebrada de Comedella, localizada no couto do mosteiro e pertencente à mesa prioral.

ANTT – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos Particulares, M.47, N.º09. Preserva vestígios do cordão que sustentava o selo pendente.

Dom Ffernando per mercee de Deus e da Ssanta Egreja de Rroma Arcebispo de Bragaa e primas. A quantos esta carta d'enpraçamento vyrem fazemos saber que perante nos <parecerom> i hos rreligiosos Alvaro Martinz prior do moesteiro de Ssam Torcade da hordem de Sancto Agostinho do nosso arcebispado e Joham Vycente e Bernalde Anes e Luys Dominguiuz coonigos delle todos juntamente e nos disseram que elles ssentindo por proveito do dicto sseu moesteiro enpraçava e fazia prazo e escriptura de firmydoem como logo de factio fezeram a Domyngos Lourenço do Picoto que presente stava e a ssua molher Catellin'Afonosso moradores na freeguysia de Ssam Pero Fynz de Guminhaeens ella nom presente e a huua pessoa depos elles quall o pestumeiro que delles mays viver nomear em ssua vyda ou aa ora de ssua morte que nom sseja de mayor condiçom que elles huua quebrada que o dicto moesteiro ha em o sseu couto⁴ ha quall he da mesa do prior a que chamam de Comedella com todas ssuas perteenças pella guisa que a ssoya trazer Afonso Martinz coonigo do dicto moesteiro que foy e assy como ora esta toda de per ssy cercada per onde a elles mylhor e mais cconpridamente poderem aver e achar per esta guisa e condiçom que ell dicto Domingos Lourenço e ssua molher e pessoa depos elles façom e rrefaçom em ella quanta bemfeitoria fazer poderem per guysa que nom perca per mingua d'aproveitamento e milhore e nom peiore e a ajam e possuam em tenpos [de] ssuas vydas e darem e pagarem em cada huum anno ao dicto moesteiro e convento delle de foro e penssom tres maravedis de boa moeda antiga ou o sseu verdadeiro intrinsico vallor della em ouro ou prata como soya de valler no tenpo antigo per comunall extimaçom(?) e nom a como irem mandar em ssuas ley nem hordenaçoens antes destio factas nem despois pagados em paz e em ssalvo dentro no dicto moesteiro aas terças do ano scilicet Natall e Pascoa Ssam Joham Baupista e mais duas galinhas e cada pessoa aa ssua morte por luitosa outro tanto como he a dicta penssom. E que o dicto moesteiro e prior e convento possa penhorar e mandar penhorar nos bees dos sobredictos Domingos Lourenço e Catellin'Afonosso sua molher e pessoa depos elles honde quer que os acharem por os seus direitos e que as dictas pessoas ssejam bem obedientes ao dicto moesteiro com os sseus direitos e que nom possam chamar nem chamem contra elles outro nenhum senhorio nem possam dar doar alhear scanbar nem vender e empraçar aforar o dicto enpraçamento a pessoa nenhuma que sseja ssem auctoridade e outorgamento do dicto moesteiro e convento delle e rrecrecendosse alguua demanda ou contenda per rrazom da penssom ou dagnificamento do dicto enpraçamento que as dictas pessoas e cada huua dellas sejam citadas e demandadas e rrespondam por ello per a dicta nossa Egreja de Bragaa e per hy sse comece o factio fyne e acabe e nom perante outro nenhum juiz nem justiça e quallquer das dictas partes que contra esto quyser virem pera britar o dicto enpraçamento em parte ou em todo que nom

4) Repete "couto".

possa e pague por pena e em nome de pena aa outra parte outorgante quinhentos soldos da dicta boa moeda antiga e a dicta pena levada ou nom o dicto prazo em ssy valler e sseer firme nas vydas das dictas tres pessoas pella guysa que dicto he. E o dicto Alvaro Martinz prior do dicto moesteiro de Ssam Torcade em sseu nome e do dicto sseu moesteiro assy lho enprazou e outorgou e o dicto Domingos Lourenço em sseu nome e da dicta ssua molher e pessoa depos elles assy o rrecebeo e obligousse a o manteer e pagar a dicta penssom e guardar as clausollas e condiçoeens ssobre dictas. E mortas as dictas tres pessoas que o dicto enprazamento com toda ssua bemfeitoria fique livre e desenbargado ao dicto moesteiro cujo he e pediromnos as dictas partes que lhes dessemos a ello nossa auctoridade e nos visto sseu dizer e pedir porquanto certo per juramento dos Ssantos Evangelhos per o dicto Bernalde Anes coonigo do dicto moesteiro que a ello per nossa carta foy dado por veedor que o dicto prazo assy fecto era e sseria a proveito do dicto moesteiro porem damos e outorgamos a elle nossa auctoridade hordinaria com interposiçom de degredo que valha e seja firme nas vydas das dictas tres pessoas pella guisa que dicto he pedindonos as dictas partes que lhes mandassemos assy desto dar senhas cartas anbas de huum theor e nos lhas mandamos dar per nos sygnaadas e seellaadas do nosso seello. Dante no dicto moesteiro de Ssan Torcade cinco dias do mees de Novembro Bras Afonso a fez Era do nacimiento de Nosso Senhor Jhesus Chrispto de mill IIII^c e XXXII annos. Fernandus Archiepiscus (assinatura).



História



Francisco Brito

Historiador

—
Livreiro

Rui Faria

Historiador

—
CECS - Universidade do
Minho

A história da vila e do culto a São Torcato

— São Torcato: o território e o Mosteiro

Nó de uma espinha de montes que lhe vertem as encostas.

(Almeida, 1923: 271)

É com esta prosaica e feliz analogia que Eduardo de Almeida caracteriza o território do vale de São Torcato, onde o próprio vale e o rio Selho assumem uma unidade orográfica, que marca a paisagem e lhe confere identidade. Encimado na sua posição altaneira, o incontornável velho Mosteiro senhoreia todo este amplo anfiteatro que se fecha a sul, entre as encostas das freguesias de Selho e Pencilo, na margem direita, e com Aldão e Azurém, na margem esquerda do rio.

Sabe-se que este território é povoado desde tempos imemoriais, apesar de serem escassos os vestígios arqueológicos que



permitam evidenciar a fixação humana nos períodos mais remotos. Contudo, a toponímia local oferece indícios suficientes que acentuam a antiguidade da sua ocupação (Enciclopédia Luso Brasileira, 1981, vol. XXVII: 654-657).

Durante as últimas décadas do século XIX, Francisco Martins Sarmiento percorreu meticulosamente os montes que rodeiam São Torcato em busca de vestígios de ocupações passadas, das chamadas “cidades mortas”. Aos seus olhos, o morro onde assentava o velho Mosteiro duplex, do qual resiste a velha igreja paroquial, era tido como ideal para encastrear uma edificação castreja. Sobranceiro e em escarpa, onde o alcance da vista se dilata, o sítio transmite-nos ainda hoje uma confortável sensação de segurança e domínio sobre a paisagem em redor (Faria, 2008: 215).

Em resposta ao inquérito paroquial de 1758, o Pároco Manuel Ferreira Cardoso dá-nos conta da visibilidade desta zona ao falar da residência paroquial:

A Casa da Residencia ezta chegada à Igreja, tem vista ezpaçoza, pois de humaz janellaz se ve parte da Serra de Santa Catharina q[ue] dizta quoazi huma Legoa e de outras se ve muito maiz e o que se ve sam terraz cultivadas montez e valez” (ANTT: Memórias Paroquiais de 1758, volume 36, Memória 66: 581-585).

Fora talvez este morro o sustentáculo do povoamento desta área.

A edificação do Mosteiro ascende ao século X, facto a que não serão alheios os atributos do espaço como um pólo aglutinador de homens, e, segundo alguns autores, terá sido seu fundador um tal Rodrigo Forjaz (Costa, Tomo I: 21). Outros, como Gaspar Estaço, não o arriscam, e atribuem a iniciativa ao próprio D. Ramiro, que se não o foi, pelo menos contribuiu para a constituição do património do mosteiro. De todo o modo, estas referências asseveram sem dúvida a sua antiguidade, talvez mesmo anterior ao Mosteiro de Vimaranes fundado por Mumadona Dias (Estaço, 1625: 39).

Fora a este mosteiro e aos seus padres agostinianos que, a 26 de Abril de 1173, o Rei D. Afonso Henriques atribuiu carta de couto. Após ter convertido o Mosteiro de Mumadona em Colegiada, subtraiu-lhe a jurisdição sobre o território de São Torcato, que lhe pertencia, atribuindo-a aos cónegos do Mosteiro que lá existia. Disto denota, com base em Gaspar Estaço, o Padre Manuel Ferreira Cardoso nas Memórias Paroquiais ao falar do corpo incorrupto de São Torcato o qual:

mudaram para o Mosteiro que se fez da sua vuçam dizem lhe mandou fazer El Rei Radmiro Thio da Condeca Momadona, q[ue] dipois foi senhora do dito Mozteiro, e della passou ao senhor Dom Affonso Henrriques o qual fez merce delle aos padrez de Santo

Agozinho com grandessimos preuilegioz e lhe determinou q[ue] dahi en diante se chamase Mosteiro de Sancta Maria pello muito que era deuoto da Senhora mas oz moradoresz dezta freguezia como tinham tanto impressoz os fauorez q[ue] recebiam do Santo sempre continuaram em lhe chamar Mosteiro de Sam Torquato. (ANTT: Memórias Paroquiais de 1758, volume 36, Memória 66: 581-585).

O Mosteiro sobreviverá quase mais três séculos, até que, resultado da crise que a vida monástica sofreu nos finais da Idade Média, deixa-se de ter notícia dos seus Piores. O último prior de que temos conhecimento foi Álvaro Gil, apresentado a 24 de Agosto de 1451 (Guimarães, 1898: 140). Nos anos seguintes, o silêncio das fontes quanto aos Piores do Mosteiro, donatários do Couto de São Torcato, poderá ser revelador da decadência que atingiu o quotidiano monástico. Em 1473, mais precisamente a 14 de Maio, por escritura dada no Porto, sabemos que é donatário do Couto de São Torcato João de Barros, cónego da Sé de Braga, camareiro do arcebispo D. Fernando da Guerra. Neste documento, o cónego prometeu ao cabido de Guimarães que dentro de um mês renunciaria condicionalmente nas mãos do Papa ou seu legado o benefício da Igreja e Mosteiro de São Torcato, do qual era administrador comendatário, sob as condições de que este benefício fosse logo unido à mesa capitular da Colegiada de Guimarães, com exclusão da prioral; e que o cabido pagar-lhe-ia no Porto a pensão vitalícia de 40.000 reais de dez pretos o real (Guimarães, 1898: 139-151).

Em grande parte do século XX, era ainda possível ver diversos vestígios do edifício original: a zona das celas dos monges, o claustro, a alpendrada. No entanto, após as escavações arqueológicas ocorridas durante a década de oitenta e posteriores intervenções fizeram desaparecer alguns dos elementos identificativos destes espaços, restando agora apenas o templo.

E assim, a ruína do Mosteiro acompanhou o seu abandono. A ilustração mais recuada de que se conhece do espaço, data de 1661, e consta num processo judicial de disputa de águas.

Nesta ilustração, no canto inferior direito, é possível ver a Igreja rodeada por três casas torre, prováveis dependências do Mosteiros medieval, uma delas, a da esquerda mais afastada, já sem ameias, quem sabe, arruinada.



Pormenor do mapa das águas, C-1406, doc. 73
Arquivo Municipal Alfredo Pimenta



Numa primeira análise, pode-se duvidar da realidade representada, já que a restante ilustração não tem quase mais referentes que a associem ao actual espaço do Mosteiro. De imediato, se equaciona uma possível deriva criativa do ilustrador, contudo uma crítica de fonte permite validar a representação como real. A imagem integra um mapa que legenda nascentes de água e seus cursos disputados numa contenda judicial entre o Cabido da Colegiada, como senhor do Mosteiro de São Torcato, e os moradores de Gonça, pelo que é pouco provável que resultasse do fruto da imaginação do autor, mas antes do seu profundo conhecimento do local representado.

Se qualquer dúvida persistisse, dissipar-se-ia após a leitura das *Memórias Ressuscitadas de Entre Douro e Minho* de Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, já que a descrição que deixa do Mosteiro refere ainda as casas torre representadas no mapa de 1661:

(...) Conservaõ-ce ainda memórias do dito mosteiro na grande cazaria, que tem para a parte do Poente; e ainda, para o Sul, existe hum claustro coadrado, com huma taça no meio, de pedra, que era do chafariz, que ali antigamente avia; e à roda, todo de columnas de pedra, e entre ele e a parede, huma alpendrada coberta, e também coadrada, de 110 palmos em coadra, e toda lajeada, com varias pias à roda, que eraõ túmulos, en que jazeraõ religiosos naquele tempo, e algumas campas com comendas, sem letreiros; e as casarias, que ficaõ para a parte do Poente, servem de recebimento da renda e vivenda do vigário da dita igreja; mas, nas que se achaõ cuidadas, se vê antiguidade e nobreza, com que foraõ feitas, coroadas algumas em parte, com suas ameas; e venerando o citio, não só pelos seos fregueses, mas por todos os habitadores desta comenda e das circunvizinhas.

E em o canto do cunho, da sobredita Casa da renda, se acha huma pedra com o letreiro seguinte:

ERA MCCXXIII (ANO 1186)

*Adiante do dito cunhal, está como reformada a parede e nela este letreiro, tão somente:
1657*

Junto da porta da dita Caza da Renda (que era a porta do Mosteiro), está ao alto, junto aos sinos, hum escudo das armas reaes d'el Rei D. João 1º; e, afastada está huma pedra com o seguinte letreiro:

E(RA) MCCCCLIX (Craesbeeck, 1726, Tomo II: 305-306)

No confronto entre a descrição e a imagem torna-se evidente que estamos perante uma representação fidedigna; mais ainda, é possível datar a torre da casa da renda a 1181, com inscrições posteriores associadas a novas intervenções.

— A origem do Culto do Santo

A origem do culto *carnibus ossum* - em carne e osso - de São Torcato é tudo menos consensual entre os escritores que se debruçam sobre o Santo. De acordo com João Afonso Ferrão (2016), a sua génese insere-se no movimento peninsular que, entre os séculos VIII e IX, criou diversas lendas hagiográficas associadas à Reconquista.

Lendo estes autores, deparamos com uma miríade de divergências relativamente significativas, sejam relativas ao percurso de vida, cronologia, sejam mesmo no que se refere ao seu estatuto de mártir ou de apenas confessor entre os bem-aventurados da Igreja. Apesar destas posições, é possível agrupar entre os diversos escritos duas trajectórias distintas: para uns autores, a origem do Santo remonta ao século I e fazem-no discípulo do apóstolo Santiago; já para outros, havia sido o 15º arcebispo de Braga, Felix Torcato, ou Torcato Félix, que governou a diocese entre 693 e 719. Esta última posição é a tese oficial adoptada pela igreja bracarense desde o século XVII.

Na primeira linha de autores, destacam-se Gaspar Estaço em *Várias Antiguidades de Portugal* (Estaço, 1625: 131-138) e o padre Carvalho da Costa em *Corografia Portuguesa* (Costa, 1706: 20-21), já que ambos informam que o Santo foi um dos Varões Apostólicos, ou seja, um dos sete discípulos que São Tiago doutrinou na Hispânia e que, ordenado bispo com seus companheiros em Roma, regressou à Península para evangelizar os pagãos. Segundo estes autores, São Torcato foi sepultado em Cadiz, antiga Acci, cidade de que foi bispo. Anterior a estas publicações, o *Flos Sanctorum*, do padre Frei Diogo do Rosário, publicado no ano de 1577, em Braga, identifica-o apenas por bispo e confessor, não como mártir, indicando também Acci como local onde faleceu (Rosário, 1681: 747)

A mesma narrativa é veiculada por frei Bernardo de Brito na *Monarquia Lusitana* (Brito, 1690, II Parte: 19) e pelo padre Pedro Ribadaneira no seu *Flos Sanctorum* (traduzido para português em 1674) (Ribadaneira, 1674, I Parte: 554). Contudo, há entre estes dois autores uma diferença a assinalar, visto que para Ribadaneira, citando o *Martirologio Romano*, São Torcato faleceu bispo de Cádiz. Já para Brito, Torcato, bispo de Accitano, sê-lo-ia não de Acci, mas da Citânia, antiga cidade situada no cimo de um monte junto ao Ave, entre Guimarães e Braga, ou seja, a actual estação arqueológica da citânia de Briteiros. Terá sido, enquanto bispo desta cidade, martirizado pela população pagã da Serra da Vieira, no tempo do imperador Nero. Por este motivo, e em penitência pelo crime dos seus antepassados, a população fora então obrigada a cumprir um voto: todos os anos se deveria deslocar em romaria de desagravo ao túmulo do Santo, porém foram desobrigados, no século XVI, por Bartolomeu dos Mártires. (Ferrão, 2016: 1).

O *Agiologo Lusitano* de Jorge Cardoso, publicado em 1666, em Lisboa, aclara a existência de duas versões quanto à diocese onde Torcato foi bispo: se para uns foi discípulo de



Santiago, bispo de Accitania, no reino de Granada, actual Cádiz; para outros, fora bispo de “Cinania”, no Entre Douro e Minho (a citânia de Frei Bernardo de Brito), (Cardoso: Tomo III, 1666: 4-5).

Frei Silvestre da Conceição Xavier, em manuscrito publicado em 1986 pelo Arquivo Alfredo Pimenta, constitui mais um defensor de que Torcato fora varão apostólico. Para este franciscano, o Santo descendia da nobre família dos Torcatos romanos, tendo sido convertido em Guimarães, de onde seria natural, por São Tiago e batizado na capela do mesmo nome (Xavier, 1986).

No segundo um grupo de autores, o grande sistematizador das narrativas genésicas foi o franciscano Frei Domingos de Silos, que foi encarregado pela Irmandade de São Torcato de «...compilar o que de mais precioso ouver nos diversos autores que tem tratado e escripto acerca deste precioso tesouro...». A obra foi publicada pela primeira vez em 1853, com o título de *Vida e Martírio de S. Torcato Arcebispo de Braga e Bispo do Porto, do Padrão e Dume*, com aprovação apostólica da arquidiocese de Braga. É aqui que refere que o Santo nasceu em Toledo, descendente da família patrícia romana dos Torcatos, e que no seu percurso eclesiástico foi bispo de Padrão, a Iria Flavia romana, e também do Porto. Mais tarde, já como arcebispo de Braga e bispo de Dume, partiu com vinte e sete companheiros ao encontro do exército invasor do árabe Muça, acabando por ser, juntamente com os 27 companheiros, martirizado nos arrabaldes de Guimarães, no dia 26 de Fevereiro de 719. Esta versão, adoptada por Frei Domingos, é inspirada, segundo o mesmo informa, na obra manuscrita de 1797, do franciscano Francisco de São Dâmaso Abreu Vieira, bispo de Malaca e arcebispo da Baía de Todos os Santos. Todavia, esta versão, apenas se limita a confirmar a posição oficial da igreja bracarense, que datava já do século XVII. Em 1639, D. Rodrigo da Cunha indicara que o Santo Mártir Félix fora bispo do Porto, Braga e Dume e fixou a sua festa no dia 26 de Fevereiro, o que seria reafirmado em 1718 pelo seu sucessor D. Rodrigo de Moura Teles (Ferrão, 206: 2).

— O corpo do Santo

A existência do corpo está documentalmente provada desde o reinado de D. Manuel, sendo já no período objecto de culto pela população local (ANTT: Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos régios, mç. 4, n.º 4). Para os defensores da tese do varão apostólico, a explicação da chegada do corpo à região de Guimarães merece também algumas variantes: para uns, aquando da invasão árabe os fiéis em fuga para o Norte transportaram o corpo para evitar a sua profanação e sepultaram-no na freguesia de São Torcato, onde, anos mais tarde, por intermédio de luzes milagrosas no céu é descoberto

pelos monges beneditinos do mosteiro. No local, jorrou uma fonte de água e os fiéis logo fizeram edificar uma capela onde recolheram o corpo até à sua transladação para o mosteiro, ficando conhecida a ermida por São Torcato O Velho (Estaço, 1625: 138-139), (Costa, 1706: 20-21).

Para outros, porém, o corpo não foi sepultado em Guimarães, antes foi levado para a Galiza, onde o depositaram em Santa Comba de Bande. Aí esteve, operando grandes milagres, até que um grupo de portugueses o furtou para o fazerem regressar Portugal. Todavia, sobre eles caiu um espesso nevoeiro na viagem de regresso e, perdendo o rumo, foram dar ao mosteiro beneditino de Celanova, do qual era abade e fundador o português São Rosendo (907-967). A história indica-nos que, de facto, o corpo do São Torcato «Varrão Apostólico» esteve em Santa Comba, até que São Rosendo, depois de fundar o mosteiro de Celanova, o trasladou para aí (Cunha, 1634, I Parte: 419-420; Sillos, 1998: 14-15).

A narrativa de Frei Domingos de Silos não é muito distinta das que aqui já se expuseram. Um beneditino do Mosteiro, inquietado por uma miraculosa chuva de estrelas que caía sobre o local, alertou a população que, afastando o mato, descobriu um monte de pedras das quais exalava um agradável perfume e quando retiradas expuseram o corpo do santo. Quando foi descoberto «trazia vestida uma samarra côr de telha, e ao lado esquerdo um pau ou cajado tôsko insígnia da sua jurisdição». Para dar provas da Santidade e vincar o poder deste seu intercessor, Deus teria feito brotar de imediato uma fonte de «água salutífera» no lugar onde estivera o cadáver, cuja água corre para o vizinho rio Selho. Com mostras de devoção cristã, a população logo erigiu uma ermida no local, a que se chamou São Torcato-o-Velho e onde o Santo permaneceu até ser trasladado para o mosteiro vizinho. Ainda segundo frei Domingos, aí foi depositado em capela própria, num túmulo especialmente construído sobre quatro colunas e «cercado por um gato de ferro» (Sillos, 1998: 31-33).

Nos “Autos de exame para a elevação do Corpo e Relíquias do Venerável São Torcatto”, requeridos por um comerciante de Guimarães em 1804, encontramos redigidos uns itens da visitação de 1741, que afirmam que o corpo foi trasladado de São Torcato Velho para o adro da Igreja do Mosteiro, onde esteve largos anos «colocado sobre colunas». Posteriormente, teria sido trasladado para o interior da Igreja, para a designada capela do Santo «...e existia no tempo de el-Rey Dom Manuel e athe ao anno de mil seiscentos e trinta e sette». (Faria, 1891-1892, Vol. II: 33).

Esta última data está associada a uma outra renovação do túmulo quando, durante a visita do arcebispo Sebastião de Matos Noronha, a 20 de Março desse ano, o povo cuidando que lhe iriam roubar o Santo “por estar em a sepultura que agora se vê engastada em outra nova, sem mais guarda que um gato de ferro” se amotinou, acorrendo gentes de



todas as vizinhanças com “animo de oferecer as vidas em a defença do que tinham por tam precioso tesouro” (Almeida, 1922: 269). A nova estrutura, em pedra de Gonça, será ornada com pináculos e volutas maneiristas e protegida com grades de ferro.

Outras tentativas de retirar o corpo da Igreja haviam sido realizadas. A primeira no reinado de D. Manuel, quando este pretendeu recolher todas as relíquias que se veneravam nas aldeias «para melhor decência e culto aos mártires do senhor». A 28 de Fevereiro de 1501, este monarca escreve ao Cabido ordenando aos cónegos a trasladação do corpo para a Igreja Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. (ANTT: Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos régios, mç. 4, n.º 4). O povo pegou em armas e travou o intento (segundo Torcato Peixoto de Azevedo no local designado por Cruz da Galharda). Em 1597, Frei Agostinho de Jesus, com o propósito de ver o corpo, deslocou-se a São Torcato, mas o povo, uma vez mais, temendo que lhe levassem o santo, impediu-o. (Ferrão, 2016: 4).

A decisão de protecção do túmulo conduziu à sua solene abertura a 14 de Julho de 1637, com a presença de vários dignitários do cabido, entre eles o mestre-escola Rui Gomes Golias e o arcepreste Baltazar de Meira, funcionários judiciais e o povo. Relativamente ao corpo:

Estava inteiro em carne sem lesão alguma mais em que o pescoço tinha um buraco redondo, que denotava ser golpe, e na pá entre uma, e outra um buraco redondo o mais estava inteiro. As mãos eram muito compridas e alvas, a esquerda assentava sobre o peito a direita sobre ella; mas os quatro dedos em vão os olhos cheios e compostos, era calvo, e o rosto grande; mas agudo em a barba, era muito grosso, porque com a sepultura ser muito grande, e alta, e as mãos terem cobertura, e os pés estão ainda encolhidos. A cabeceira está uma almofada grande, e aos pés vimos um sapato de couro descosido; trazia vestido uma alva da Olanda, que lhe cobria os pés, e sobre ela uma Opa como a que trazem os Badeis e o Porteiro da Massa, de barbilho côr de telha; mas não trazia mangas perdidas, mas vestidas, e os braços eram muito grossos. Junto ao Corpo à mão esquerda ao longo da parede (porque a cabeça está para a porta) está um báculo de pau o qual até o meio é redondo, e bem torneado d’ahi abaixo é oitavado meúdo, e está muito forte, porque o tiramos e vimos bem. (Faria, 1891-1892, Vol. II: 40 v.)

— O culto do Santo em Guimarães

A referência mais antiga ao orago do Santo na região vimaranense consta da *Kartula* de Moreira de Monte Longo, que data de 1014, e informa que o rei Ramiro II (931-951) tinha,

no seu testamento, doado ou legado alguns bens na área de São Torcato ao mosteiro de Guimarães «ao *Mandamento de Avizella* faziam fronteira com *Sancto Torquato*». Contudo, a referência expressa ao Mosteiro apenas se encontra em 1059, no inventário dos bens pertencentes ao mosteiro de Guimarães, que se lhe refere nos seguintes termos: «*monasterio Sancti Torquati per se, etiam cum suas villas*», isto é, por si e com suas «vilas». Tais «vilas» constavam já do testamento do rei leonês Ramiro II, como refere o mesmo documento: «*has villas quomodo tamento de rex domno Ranimiro et in commissorium conligatas sunt*». (Port. Mon. Hist. Dpl. et Ch: 262). É pois verosímil que a fundação do Mosteiro date do reinado deste monarca (c. 910-951) que, como se constata, contribuiu para a constituição do seu património.

O culto do Santo ter-se-á espalhado pela região com o beneplácito dos Condes Portucalenses, via Celanova, onde se venerava o corpo de São Torcato, bispo de Cádiz, aí depositado. De notar que a Condessa Mumadona era prima directa de São Rosendo, fundador de Celanova. Alberto Feio vai mais longe nesta acepção ao identificar um tal *Aloitus Celanovensis*, monge beneditino em Celanova que testemunha uma venda realizada ao vizinho Mosteiro de *Vimaranis* em 953, como o possível responsável pelo transporte das relíquias de São Torcato, mencionadas noutro documento datado de 959, subscrito por *Aloitus* e por *Rudesindus episcopus* (São Rosendo), a par das relíquias de São Saturnino e Santo Agostinho (Feio, 1930; Feio, 1954: 61-78).

A edificação do Mosteiro estaria, provavelmente desde os seus primórdios, ligada a Santa Maria e São Torcato, documentando-se que o Mosteiro sofreu uma requalificação no século XI, período no qual a sagração da nova igreja, realizada pelo arcebispo Bracaraense D. Plágio em 1094, lhe agrega mais três evocações: São Salvador, São Miguel e São Pedro:

Dedicata est ecclesia ista a Domino Plagio Bracharenci Archiepiscopo in honore Sancti Salvatori, Sancti Salvatoris, Sancte Mariae, Sancte Michaelis, Sancti Pedri Apostili, Sancti Torcatti, Anno ab incarnatoris Domini milésimo, e centésimo trigésimo secundo. (Faria, 1891-92, Vol. II: 23).

Esta referência torna claro que o orago do Santo já se encontrava associado ao Mosteiro, pelo menos desde a primeira intervenção que se conhece. No entanto, é possível recuá-lo ao segundo quartel do século X, como atesta um documento do reinado de Fernando Magno, que fala na “terra” de São Torcato, ainda que sem referências a qualquer comunidade religiosa. É provável que na época fosse uma terra coutada na dependência do mosteiro vimaranense (Barroca & Leal, 1992: 135), como se presume pela carta de



Couto que o Rei leonês atribui ao mosteiro vimaranense, em 1049, que dilata a aplicação da justiça além da área de Guimarães, “in omnem terram Sancti Torquati similiter faciant” (Idem: 136).

Dez anos depois, o inventário dos bens pertencentes ao Mosteiro Vimaranense enumera nove “vilas” e quatro Igrejas na dependência do Mosteiro. Duas realidades resultam inegáveis deste documento: a existência de uma comunidade monástica cujo património se antevê bastante mais vasto do que aquele que irá ser definido no Couto dos cônegos Agostinhos, após a reforma do século XII; e o papel activo de Ramiro II na constituição do património do mosteiro. A figura deste monarca encontra-se ainda associada a dois outros locais onde se venera Torcato: o primeiro mencionado num documento de 941, em que João e sua mulher, Cirilo, cedem ao mosteiro de Cardeña, possessões em São Torcato, provavelmente na Região de Burgos, o outro o convento de Celanova fundado em 936. (Barroca & Leal, 1992: 135).

Carmem Garcia Rodriguez defende a difusão das Vita Torquati, posterior à invasão árabe (Rodriguez, 1966: 347-351), com o epicentro em Toledo, com a difusão para a Galiza associada às migrações moçárabes nos séculos IX-X (Barroca & Leal, 1992: 136). O ciclo fecha-se com a ligação dos Condes Portucalense a Celanova e Guimarães, como se disse.

Ainda no elóquio das crónicas, como a de Frei Nicolau de Santa Maria, para quem a associação do orago ao templo se devia à trasladação do corpo do Santo de São Torcato o Velho para o Mosteiro:

(...) O quinto Mosteiro que foi dos nossos Cônegos, e se uniu à Igreja Colegiada de Guimarães, é o de São Torcato, distante uma légua da mesma vila. A invocação com que foi fundado era de Santa Maria; mas depois que nêle foi pôsto o corpo de S. Torcato, Arcebispo de Braga, que, no tempo da perda de Espanha e entrada dos Mouros em Portugal, pelos anos de 719, foi martirizado pela Fé, pelo Capitão dos Arabes chamado Muça, em razão dos contínuos milagres que o Santo Mártir naquela Igreja obrava, foi pouco e pouco perdendo o nome de Santa Maria e se chamou de S. Torcato (...) (Maria, 1668: 275).

O mesmo autor assiná-la que, aquando da doação do Mosteiro aos cônegos regantes de Santo Agostinho, D. Afonso Henriques ordenou em carta que este se chamasse Santa Maria «título com que foi fundado». Porém, tal determinação não foi cumprida como é possível perceber. O padre Manuel Cardoso, provavelmente conhecedor dos escritos de Dom Nicolau, vigário ao tempo do inquérito paroquial de 1758, resume nas seguintes palavras esta realidade:

(...) dizem lhe mandou fazer [o Mosteiro] El Rei Radmiro Thio da Condeca Momadona, q[ue] dipois foi senhora do dito Mozteiro, e della passou ao senhor Dom Affonso Henriques o quaal fez merce delle aos padrez de Santo Agoztinho com grandessissimos preuilegioz e lhe determinou q[ue] dahi en diante se chamase Mosteiro de Sancta Maria pello muito que era deuoto da Senhora mas oz moradores dezta freguezia como tinham tanto impressoz os fauorez q[ue] recebiam do Santo sempre continuaram em lhe chamar Mosteiro de Sam Torquato (...). (ANTT: Memórias Paroquiais de 1758, volume 36, Memória 66: 581-585).

Do edifício original, pré românico, é ainda possível admirar-se alguns elementos que foram incorporados na fase de reconstrução de 1094, nomeadamente os elementos de decoração em calcário, os frisos que guarnecem a parte interna da capela-mor (Real, 1995: 64); dois aximezes (janelas duplas de arcos ultrapassados) na mesma capela, um do lado da Epístola, outro do lado do Evangelho e duas vieiras no interior da igreja (uma sobre o arco da capela-mor, outra sobre o da capela de São Torcato); ainda os fustes de mármore e os estilizados capitéis coríntios do claustro. A gramática da escultura decorativa revela uma clara influência moçárabe comum a outros exemplos, nomeadamente São Frutuoso de Montélios (Real, 2007: 164).

O pé de altar existente na capela-mor de influência moçárabe, é composto por toros geminados, continha uma pedra de ara com oito caixas relicário ou lipsanotecas, que, segundo Barroca e Real, estariam associadas ao edifício original, ou seja à fundação, que situam na primeira metade do século X, (Barroca & Leal, 1991: 144). Uma destas caixas apresenta uma decoração biselada de características moçárabes e contém as relíquias de São Cosme, São Damião e São Torcato. É ainda de salientar que o Museu de Alberto Sampaio possui, entre o seu espólio, frisos e um capitel coríntio pertencentes a São Torcato.

Considerando assim a associação do orago ao Mosteiro desde a sua fundação e a existência de relíquias do Santo, parece ser lícito questionar se já na época o Mosteiro guardava o corpo incorrupto do Santo. Se assim fosse, qual a necessidade das relíquias aquando da primeira sagração?

E eis que o próprio túmulo calcário do Santo, encerrado no século XVII num invólucro granítico, é suportado por colunas cilíndricas geminadas, semelhantes aos do pé do altar, o que permite considerar a possibilidade deste ser contemporâneo das mesmas, o que recuaria o túmulo ao período da fundação.



— A Confraria do Santo

A confraria do Santo teve confirmação dos seus estatutos em 1693, mas há indícios de uma existência anterior que recua à Idade Média, como é agora sinalizado nesta mesma publicação por Aires Gomes Fernandes.

No Misto 1 de São Torcato na folha 107 v, encontramos uma “eleição da confraria”, com nomes de confrades e seguidos de respetivas descargas de votos em traços verticais. Na folha 108 v, encontra-se a seguinte declaração «deram contas g[on]ç[al]o pi[re]z de riba selho, e André pi[re]z das rañs aho juis da co[n]fraria de Santo troq[ua]de somaram os rendimentos sinco mil, menos trinta réis e de gastos seis mil e novecentos réis (...)»», sabemos tratar-se de uma confraria, porém poderá contrapor-se que não a do Santo, mas antes a do Santíssimo Sacramento de que se conhece existência antiga. Não possui qualquer data anexa, todavia sabemos que Gonçalo Pires de Riba de Selho faleceu a 12 de Fevereiro de 1627 e que André Pires das Rãs nasceu a 29 de Novembro de 1584, vindo a falecer a 27 de Fevereiro de 1655, pelo que se baliza a eleição posterior a 1584 e anterior a 1627.

A existência da confraria de São Torcato é, porém, confirmada em 1651, através do livro das condenações do Couto, onde se encontra a seguinte referência datada de 27 de Setembro desse ano:

E logo no ditto dia mês e anno attras declarado pelo Senhor ouvidor Miguel da Silva de Mello que presente esttava foi tomado conttas ao mordomo Torcatto G[onça]l[ve]z das condenasois asima q[ue] achou enportavão duzentos e quarenta réis que mandou se desem a mim taballyão de meu trabalho e asynou Jeronimo de Abreu taballyão que o escrevy // declara que mandou dar ha mim t[abeli]am dosentos reis e os quarenta que sobejarão aplicou p[ar]a a confrarya do glorioso São Torcato que se entregarão ao R[everen]do Jerónimo Coelho (...) (Amap: M-3122, fls. 7, 8 v.º.)

A referência à confraria do glorioso São Torcato não deixa margem para dúvida de que se trata da confraria do Santo, possivelmente, a mesma a que se refere a votação do primeiro livro misto da freguesia e, assim sendo, poderemos remontá-la a período anterior a 1627. A reforçar esta hipótese tomamos uma vez mais os autos para Elevação do Corpo e Relíquias do Venerável São Torcato, de 1804, que referem o seguinte:

(...) // Justificará, que há na Igreja Confraria cujo protector é São Torcato, e ao seu culto se dedica, e já no ano de mil e seiscentos e vinte e seis tinha estatutos antigos, que então se reformaram, o que bem convence a veneração antiquíssima do mesmo Santo // (...). (Faria, 1891-1892, Vol. II: 33).

Face a estes elementos é crível que a confraria do Santo fosse instituída com estatutos, na década de vinte do século XVII, e que os estatutos de 1693 fossem uma confirmação e ou reformulação dos estatutos originais.

Será pois a partir da segunda metade do século XVII, e em particular no século XVIII, que o culto assume maior dimensão no concurso de fiéis como se depreende de referências inscritas nos capítulos de visitação:

(...) E no mesmo livro folhas cinquenta se acha outro capítulo do ano de mil setecentos e cinquenta em o qual se encontram as palavras seguintes = Não é menor a falta, que se conhece no aceio da capela de São Torcato, e Santa Catarina; porque no altar de São Torcato não há mais que um frontal de madeira, e necessita de um de seda para o dia do Santo em que é grande o concurso, que acode a visitá-lo, e de duas toalhas porque nenhuma tem, e de ser concertado o pavimento da sua capelinha. (Faria, 1891-1892, Vol. II: 33).

Esta expansão do culto, alimentado pelos milagres que se multiplicavam, conduziu à petição para “Exame para a Elevação do Corpo e Relíquias do Venerável São Torcato sita na freguesia e Igreja de seu nome” custeado pelo mercador vimaranense Domingos Álvares de Abreu, negociante da vila de Guimarães, pois, como nos diz Frei Domingos de Silos, «... este precioso tesouro continuava escondido aos olhos dos fiéis, e não havia uma mão poderosa, que o desenterrasse, e o manifestasse ao público (...)”. (Sillos, 1998: 41).

Na sequência deste processo, espoletado a 26 de Agosto de 1804, o corpo foi examinado na presença de numerosas testemunhas e, no dia 30 de Junho de 1805, procedeu-se à sua trasladação, na presença do arcebispo Frei Caetano Brandão, do túmulo modificado no século XVII para a igreja paroquial contígua.

O século XIX foi, sem margem para dúvidas, o século em que o culto a São Torcato se sistematizou e ganhou forma. Convirá sempre recordar que a primeira metade do século XIX português foi marcada por inúmeras guerras e conflitos que atingiram grande parte do território nacional. A Guerra Peninsular (1807-1814), a implementação do liberalismo e a Guerra Civil (1820 – 1834), a Maria da Fonte e a Patuleia (1846 – 1847) causaram um grande impacto económico e social em todo o país, impedindo, adiando e atrasando a realização e concretização dos mais diversos projectos. Serve esta pequena nota para enquadrar o complexo processo de sistematização do culto e da construção do Santuário de São Torcato no tempo em que se levaram a cabo estas empreitadas, um período marcado pela guerra e por uma forte instabilidade política, económica e social.



Em São Torcato, o século XVIII termina com o que parece ser uma tentativa de dar uma nova vida ao antiquíssimo Mosteiro, que conservava o corpo de São Torcato, conforme se pode depreender da leitura do seguinte documento:

Obrigaçõ de obra de pedraria de São Torcato que fez o mestre Custódio Moreira da Rua Travessa desta Vila

21 de Julho de 1800

[...] e por eles muito reverendos senhores dignidades e cônegos prebendados foi dito que eles se achavam justos contratados com o dito Custódio Moreira mestre de pedreiro de lhe fazer a obra que por virtude de capítulo de visita determinaram fazer na sua igreja de São Torcato na forma seguinte a saber que crescerá a capela mor da dita igreja para a parte do nascente 9 palmos na sua traseira e na altura crescerá por toda ela 5 palmos metendo-se-lhe e ornando-se-lhe este crêscimo sua cornigem em roda, e no espaço do dito acréscimo se meterá e fará de cada parte uma fresta apilarada por dentro somente, de 12 palmos de altura e 6 de largo [...]. (Sociedade Martins Sarmiento - Faria, João Lopes de, Velharias da Colegiada Vimaranes, Manuscrito, Guimarães. vol. IV: 1894-1895).

Supomos que este projecto nunca terá sido levado a cabo (pelo menos na sua totalidade), desconhecendo-se qual o motivo para o abandono ou para a não concretização de grande parte da obra. Se por um lado o Mosteiro estava bem localizado, no cimo de um monte e marcava toda a paisagem circunvizinha, os seus acessos por caminhos estreitos de perfil medieval podem ter contribuído para a sua decadência num período em que a concepção dos espaços públicos ou destinados ao público começava a conhecer novas formas e conceitos. Poderá ter sido este um dos motivos para que a obra que faria crescer o Mosteiro nunca tenha sido concretizada na sua totalidade ou tenha sido posta de parte, optando-se por um projecto mais arrojado num outro local. O facto de este melhoramento não ter sido efectuado não é sinónimo de nenhuma espécie de desinteresse por parte da comunidade em relação a São Torcato pois, nos anos que se seguiriam, verificar-se-ia um autêntico frenesi de iniciativas e actividades em torno do Santo, do seu corpo e do seu culto. Não podemos deixar de parte a hipótese deste melhoramento em nada estar relacionado com o culto do Santo e tratar-se apenas de uma tentativa de arranjo do Mosteiro, que na época servia de igreja paroquial de São Torcato.

Nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, o culto a São Torcato continuava a ter uma forte expressão popular, vinda dos séculos anteriores, traduzida nas peregrinações dos “romeiros, que prostrados diante do túmulo do Santo imploravam o seu socorro contra as suas enfermidades (...)” (Sillos, 1938: 23). Já algumas elites pareciam ter dúvidas

(ou a necessidade de as levantar, como se verá adiante) quanto à autenticidade ou quanto ao carácter sagrado do que se venerava no Mosteiro, conforme se depreende da seguinte descrição:

O Reverendo Padre Tomaz de Valadares, oriundo de uma das famílias mais nobres de Guimarães, contava, com profundo respeito, o milagre acontecido com ele mesmo, e que tanto eco tinha feito por estas terras. Sendo estudante, foi com outros muitos a S. Torcato, e só a fim de ridicularizarem os romeiros (...). Ele, como mais ousado, subiu acima do túmulo, desvanecendo deste modo os fiéis das suas orações, e que naquele mausoléu não existia objecto algum miraculoso. De repente fica preso sobre o túmulo sem que dele pudesse arrancar os sapatos, nem os sapatos dos pés. Tocam os sinos, acode o Pároco, junta-se o povo principiam-se as rezas e as preces, até que finalmente desceu arrependido o que tinha subido libertino; confessa a realidade do Santo, o que pretendia nega-la e ficou sendo um apologista de São Torcato até à hora de sua morte (...). (Sillos, 1938: 24).

Este episódio, que terá ocorrido na década de 70 do século XVIII, pode ter várias leituras. Se por um lado serve para afirmar a “realidade do Santo” e narrar um acontecimento miraculoso, por outro, indirectamente, demonstra que o culto era abraçado pelas classes populares (os romeiros que rezavam junto do túmulo do Santo) e, talvez, desacreditado pelas classes mais instruídas (no caso um estudante nobre e outros estudantes) que se deslocavam aquele local para “ridicularizarem” os romeiros, zombando, com essa atitude, do Santo e do seu culto.

Não é, contudo, de descurar o impacto do episódio narrado pelo Padre Tomás de Valadares e, como refere Sillos, o “eco feito por estas terras”, do referido acontecimento que terá sido contado e repetido pelo próprio Padre Tomás de Valadares durante largos anos. Este eclesiástico, Tomás José Carvalho de Valadares, nascido em 1754, foi clérigo *in minoribus* em 1778, conforme se pode ver num documento coevo do Arquivo Distrital de Braga (Arquivo Distrital de Braga. Provisão (...) a favor de Tomás José Carvalho de Valadares, 1778). De acordo com os dados recolhidos relativos à paróquia de Nossa Senhora da Oliveira pelo Grupo de História das Populações da Universidade do Minho, Tomás José Carvalho Valadares nasceu em 1754, filho de Luís António Carvalho (Sargento-Mor) e de Madalena Vaz Portela, sendo portanto oriundo de uma família da elite local, conforme é referido por Sillos. O episódio narrado por Sillos terá ocorrido na década de 70 do século XVIII, altura em que Valadares seria estudante. Sabemos que morreu em 1811 (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Paroquial Óbitos: 398. 1800-1860) pelo que é legítimo presumir que este episódio terá sido contado pelo próprio (ou estando o próprio vivo, sem



o negar) pelo menos até ao início do século XIX. É possível que esta história, repetida ao longo de décadas, tenha contribuído para o reavivar do interesse das autoridades eclesíasticas do Arcebispado de Braga neste Santo que, apesar de não ser reconhecido pela Igreja como tal, reunia em seu torno um importante culto há centenas de anos. Dada a falta de informações coevas, poderá não ser descabido afirmar que o episódio, não sendo verdadeiro, terá sido um mecanismo bem urdido de começar a preparar o enquadramento do culto pela Igreja, fortalecendo-o através da palavra de um prestigiado eclesiástico (que a essa condição juntava a ascendência nobre) e legitimando-o através daquele que é um dos primeiros milagres da época moderna/contemporânea sobre o qual temos notícia, com a dupla vantagem de no sucedido ter estado envolvido um estudante que viria a ser Padre e várias testemunhas.

É neste contexto que em 1804 por iniciativa de “Domingos Álvares de Abreu negociante (...) da Vila de Guimarães [e] único devoto que concorreu para as despesas da elevação de São Torcato” ficou para memória futura a seguinte certidão lavrada em pública forma:

O Doutor Francisco José de Sousa Lima vigário capitular e governador, por Insinuação do Príncipe Regente Nosso senhor que Deus Guarde nesta Corte e Arcebispado de Braga, Arcediago de Neiva na Santa Sé Primaz, Provisor, juiz das justificações de Genere, victa et moribus, Patrimónios, Emprazamentos Igrejários, e doutras mais cousas neste mesmo arcebispado etc. A Todas as justiças a quem o conhecimento desta pertencer, saúde e paz para sempre em Jesus Cristo Nosso Senhor. Faço saber em como por parte e em nome de Domingos Alves de Abreu negociante da vila de Guimarães me foi requerido por uma petição lhe mandasse passar em pública forma os autos de exame para a elevação do corpo e relíquias do Venerável São Torcato sita na freguesia e Igreja de seu nome, na qual declarava, que pedia a referida certidão em pública forma por mera devoção que tem, e ser ele o que fez todas as despesas com a função da mesma elevação a qual petição sendo-me apresentada nela proferi o meu despacho seguinte:

Despacho

Passe // Sousa Lima // Em virtude do meu despacho se passou a presente com o teor dos ditos autos que é a seguinte

Título dos autos

Exame para a Elevação do Corpo e Relíquias do Venerável São Torcato sita na freguesia e Igreja de seu nome // Camara Ecclesiastica // Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e quatro” (Sociedade Martins Sarmento - Faria, João Lopes de, Velharias da Colegiada Vimaranense, Manuscrito, Guimarães. vol. II 1891-92).

A autoria do financiamento desta iniciativa é controversa pois na obra *Vida Preciosa de Glorioso Martírio de S. Torcato Arcebispo de Braga*, da autoria de Frei Domingos da Soledade Sillos, o pagamento das despesas é atribuído a José Fernandes Guimarães, “da Freguesia de S. Pedro Fins (...) de Guimarães [Gominhães] que tinha regressado do Brasil (...)” (Sillos, 1938: 26).

Estas informações contraditórias podem ter uma explicação relativamente simples, caso tenha sido Alves de Abreu a financiar o exame ao corpo de São Torcato e Fernandes Guimarães a pagar a sumptuosa festividade que se seguiu à “Solene exposição ao público do corpo de S. Torcato”, como se verá adiante. Embora não seja um facto muito relevante, a existência de dois relatos (quase coevos) contraditórios, demonstra a importância social que uma contribuição para o culto a São Torcato já tinha na comunidade vimaranense de então.

A 27 de Agosto de 1804, por ordem do Arcebispo de Braga, é lançado um “Edital para a Inquirição dos Milagres” (Almeida, 1923: 319) de São Torcato e começam a ser recolhidos diversos relatos dos milagres atribuídos a São Torcato.

Todas estas iniciativas terão estado não só na origem da “solene exposição ao público” do corpo de São Torcato mas também de uma nova polémica entre a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e a Irmandade de São Torcato (e os habitantes daquela freguesia).

Em 1805, dá-se a:

solene exposição ao público, do corpo de S. Torcato, que até esta data existia encerrado num túmulo de pedra na capela de Santa Catarina, contígua à igreja do mosteiro do mesmo santo e é trasladado para um altar na mesma capela, com assistência do Arcebispo de Braga, D. Frei Caetano Brandão, Cabido e autoridades de Guimarães, etc., sendo orador nesta solenidade o franciscano frei Manuel Luís da Conceição, leitor de teologia e filosofia. O Cabido, como padroeiro da Igreja de S. Torcato, oferece neste dia na Casa de Gilde, um lauto jantar, ao Arcebispo, em que tomaram parte diversas pessoas, o qual custou 340\$660 réis sendo uma grande parte da importância de doce para a sobremesa. (Sillos, 1938: 27)

Por essa mesma ocasião, o corpo do Santo é examinado pelo médico Miguel Rebelo [de Basto] que descreveu o seu estado pormenorizadamente (Almeida, 1923: 319). É de notar que esta “exposição ao público do corpo de S. Torcato” e as obrigações dela decorrentes viriam a estar na génese da Romaria Grande, instituída anos mais tarde em 1852 (Silva, 1994: 213).



Alguns dias depois da solenidade acima descrita:

(...) tentou o Reverendo Cabido de Guimarães estabelecer uma Irmandade à qual se opôs toda a freguesia [de S. Torcato] com todo o povo dela e suas vizinhanças, com toques de Sinos a rebate não só na dita freguesia mas também nas circunvizinhas do que resultou um levantamento em que ficaram culpados os Párcos das vizinhas freguesias e os sujeitos que tocaram os sinos e outros mais. Houve contas dadas pelo provedor e corregedor da Comarca à Secretaria de Estado e outra do Governador do Porto Pedro de Mello Breyner. A instância do mesmo Senhor Arcebispo de Braga obtiveram do Sereníssimo Príncipe um perdão para todos. Desprezou-se a Irmandade que quis estabelecer o Cabido e foi sua Alteza servido de confirmar os estatutos da Irmandade que já havia na dita freguesia [de São Torcato]. (Moraes, 1999: 254).

É, portanto, neste contexto de conflito que é feita a confirmação dos estatutos da Irmandade de São Torcato que seriam novamente reformados ou confirmados em anos seguintes (1873, 1893, 1912, 1937, etc.).

Apesar da Guerra Peninsular, que entre 1807 e 1814 abalou todo o país e teve consequências também em São Torcato, onde se interrompeu o registo dos milagres (Sillos, 1938: 27), não se verifica um abrandamento nas diligências para aquilo que se poderá considerar uma reafirmação ou um reenquadramento do culto do Santo e da afirmação da Irmandade de São Torcato como veículo principal para o culto do Santo. Pelo contrário, desde a polémica de 1806, há uma sequência de acções e processos com que a Irmandade procurou consolidar o seu ascendente sobre o culto a São Torcato nos mais variados aspectos.

Através do Inventário do Fundo Documental da Irmandade de São Torcato (Meireles, 1996) é possível traçar um roteiro que nos permite perceber a actividade daquela instituição e tirar várias conclusões. Em 1805, como já foi referido, são confirmados os Estatutos da Irmandade. Em 1807 é dado o primeiro passo para a independência da Irmandade e do Mosteiro em relação à paróquia com a “Publica forma e acções que os clérigos passaram em como se diz Missa no Altar do Mosteiro sem licença dos párcos”. Em 1812, a Relação do Porto confirma a independência da Irmandade de São Torcato, não a sujeitando à jurisdição paroquial e, nesse mesmo ano, é passada uma “Publica Forma da Mesa do Desembargo do Paço que autoriza a Mesa a ter as chaves da Urna do Santo e a distribuir as esmolas”. Em 1816, por “Sentença Cível”, o pároco da freguesia é excluído de “paroquiar ou funcionar” na Capela da Irmandade. Em 1819 a Irmandade e o pároco da freguesia chegam a acordo sobre os toques dos sinos nas festividades e ocasiões fúnebres, ficando

impedido o toque a rebate para evitar motins. Contudo, a preponderância da Irmandade na vida religiosa da paróquia daria ocasião a alguns conflitos entre a instituição e alguns párocos, como se depreende de um documento de 1828 em que o vigário se queixa de “ter sido arrancado da Igreja um edital” e de não ter sido pedida licença à Santa Sé para se “expor São Torcato sem saber as virtudes da sua morte”.

No que ao funcionamento interno da Irmandade diz respeito, verifica-se sempre uma continuidade nos trabalhos de organização e gestão daquela instituição, continuando a haver registos nos “Livros de Contas” e no “Livro das Esmolas” ao longo dos séculos XIX e XX (os primeiros livros desta instituição datam de finais do século XVIII, desconhecendo-se o paradeiro de livros ou registos anteriores). É também importante realçar o registo sistemático dos resultados dos peditórios levados a cabo por elementos da Irmandade (Irmãos do Peditório), que ao longo do século XIX assumem uma particular importância.

No início do século XIX, é de notar a intenção por parte da Irmandade de começar (ou recomeçar) a registar de forma sistemática os milagres de São Torcato, o que acontece com a criação do “Livro dos Milagres de S. Torcato” (1807-1850), que poderá ter sido precedido por outros livros semelhantes.

Findo, ou pelo menos consolidado, este processo do assumir das responsabilidades relativas ao culto de São Torcato pela Irmandade, pode-se dizer que é ainda na primeira metade do século XIX que começa a sistematização de pelo menos alguns aspectos do culto, tal como o conhecemos nos moldes actuais.

A comprovar esta premissa está a provisão de 29 de Novembro de 1824, dada por D. João VI “em que não só concede se faça a trasladação de S. Torcato, para o novo templo, mas autoriza a demarcação do terreno, e cede do que for caminho em favor da obra”.

Estavam lançados os alicerces para a construção do Santuário de São Torcato, que teria início a 7 de Março de 1825, com um projecto e direcção do arquitecto vimaranense Luiz Inácio de Barros Lima (Sociedade Martins Sarmento - Faria, João Lopes de – Efémerides Vimaranenses, Manuscrito. 4 trimestres). E a Irmandade, dotada da capacidade financeira resultante da obtenção de esmolas e de outros privilégios, seria o motor da renovação ou redefinição do culto que cedo aconteceria.

Apesar de iniciada em 1825, a construção do Santuário demoraria mais de um século e meio a estar próxima da sua conclusão, sem, contudo, se considerar que as obras terminaram (tal facto esteve na origem da expressão popular “obras de São Torcato” para designar algo que nunca termina).

Em 1835, fruto das novas políticas do liberalismo, é extinto o Couto de São Torcato, perdendo assim a localidade a sua independência administrativa que, como já foi referido neste texto, tinha origens na Idade Média. O Couto consistia numa pequena Câmara



local, com autonomia administrativa em relação a Guimarães numa série de matérias, que iam desde a administração (exercida por um Juiz Presidente), justiça, cobrança de certos impostos, e outros domínios. Tanto quanto sabemos, a extinção do Couto em nada afectou os projectos da Irmandade de São Torcato no que à construção do novo templo diz respeito. Percebe-se que as obras continuaram ao longo da primeira metade do século XIX, ainda que num ritmo relativamente lento, até se obterem avanços relevantes na edificação do santuário e até se chegar àquele que seria o momento mais marcantes para São Torcato no século XIX: a trasladação do corpo do Santo. A extinção do Couto não afastou as elites locais do principal desígnio da comunidade torcatense (a edificação do santuário) e não terá criado qualquer atrito com a administração municipal vimaranense que não se furtou às suas responsabilidades nesta matéria.

Durante o período que medeia o lançamento da primeira pedra do Santuário (1825) e a trasladação do corpo de São Torcato para o novo santuário (1852) o culto continua nas suas formas populares, transcendendo as fronteiras do termo de Guimarães.

Em 1853, dá-se um facto importantíssimo que é a publicação daquela que supomos ser a primeira edição da obra “Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato” (Lisboa, Imprensa Nacional, 1853), um instrumento fundamental para a sistematização de uma versão histórica de São Torcato e, também, do seu culto.

No período que antecede a publicação do livro, são conhecidos diversos relatos de curas milagrosas. Uma delas, referida por Frei Domingos da Soledade Sillos, é a de Filipe José da Silva, da Póvoa de Varzim, em 1839 (Sillos, 1938: 25). Através da consagração de diversos ex-votos (como o de 1847, referido no Inventário do Museu da Irmandade de São Torcato) também nos chegam relatos de mais milagres. E, possivelmente, também constituem testemunho de curas miraculosas outras formas de devoção que se viriam a massificar nas décadas seguintes, como por exemplo a oferta de reproduções de partes do corpo em cera, como pedido ou agradecimento pela cura de moléstias que afectavam os membros e órgãos representados.

A 4 de Julho de 1852, o corpo de São Torcato foi finalmente trasladado do antigo Mosteiro para o Santuário em construção. A cerimónia contou com a presença de D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Melo, Arcebispo de Braga, Par do Reino e Cardeal-presbítero, Cônegos da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Ordens Terceiras da Cidade de Guimarães (São Francisco e São Domingos), António de Sousa Gião então Governador Civil de Braga, a Câmara Municipal de Guimarães, Manuel Bernardino de Araújo e Abreu, Administrador Substituto do Concelho e diversas individualidades

e dignidades civis, militares e eclesiásticas locais, municipais e regionais.

Contudo, a grandeza e o sucesso da cerimónia terão ficado a dever-se não só à legitimação conferida pela presença das dignidades acima mencionadas, mas também ao esplendor e detalhe cénico com que a cerimónia foi planeada. A juntar a estes dois importantes factores terá tido um grande peso na população o facto de uma grande parte da elite vimaranense de então (titulares, proprietários, comerciantes, médicos, juizes, delegado, advogados, notários, boticários, militares, etc.) ter participado activamente na cerimónia quer na sua organização (Sillos, 1938: 33-55), quer, inclusive, embora de forma menos significativa, na própria representação cénica que ali teve lugar em que se misturaram diversas pessoas de diferentes classes sociais oriundas de Guimarães, de São Torcato e de outras freguesias (Irmandade de São Torcato. Doc. 255. “Auto Solemne da Trasladação de São Torcato 1852 – 1853).

A cerimónia em si, descrita de forma sucinta na já citada obra de Domingos da Soledade Sillos (que foi o 1º Secretário da Comissão Central para a Trasladação) e amplamente detalhada num documento existente na Irmandade de São Torcato e em edições posteriores da obra de Sillos, teve por base um elaborado arranjo cénico em que o corpo de São Torcato, após tocado pelo Arcebispo de Braga e erguido por quatro Abades, iniciou o seu trajecto do antigo Mosteiro para o novo templo escoltado por uma força de Cavalaria do Regimento nº 6. A acompanhar o préstito, ou a ladear o caminho, estavam dezenas de figuras alegóricas ricamente decoradas a representar os mais variados símbolos (a Igreja, a Fé, os quatro Continentes, diversas figuras bíblicas, cidades, catedrais, Santos, figuras históricas, entre outras).

O jornal “A Nação”, de Lisboa, de 10 de Julho de 1852, transcrevendo um artigo do “Periódico dos Pobres no Porto”, descreve assim a cerimónia:

S. Torcato – Foi majestosa a função que se fez a S. Torquato em Guimarães no sábado e principalmente no domingo. No sábado percorreu as ruas da vila uma música de curiosos da terra, que mal podia transitar em consequência da grande multidão que andava por toda a villa. No domingo fez-se de manhã a grande função d’igreja e de tarde pelas quatro horas saiu o préstito do antigo templo de S. Torquato para a sua nova capella. Á noite houve fogo preso de vistas e do ar, e a competente música. As autoridades tinham tomado as medidas competentes para que houvesse sossego e para isso estava ali um batalhão do 8 de infantaria e um destacamento de cavalaria 7; fizeram-se algumas prisões pois ali tinham acorrido todos os gatunos desta cidade que trataram de surripiar caixas e tudo quanto podiam surripiar.



Infelizmente, no ano de 1852, a imprensa vimaranense não estava activa, pelo que não nos chega nenhum relato local da trasladação. Em Setembro de 1856, a imprensa local renasceria (após mais de 30 anos de interregno) e, com o aparecimento do periódico “A Tesoura de Guimarães”, surgem várias notícias locais sobre a romaria de São Torcato.

Em 1857, surge uma das primeiras notícias de um periódico local sobre a festividade de São Torcato. A notícia, publicada no jornal “A Tesoura de Guimarães” de 7/07/1857 reveste-se de bastante interesse, pois não só dá conta de alguns dos dados mais importantes da festa (número de pessoas, programa, clima, etc.), mas também nos relata pequenos aspectos, por vezes negativos, que, quer no passado, quer nos anos que se seguiriam, parecem ter estado associados à romaria:

Festividade e Romaria – Terminou ontem a festividade e romaria de S. Torcato. A Mesa cumpriu o programa anunciado melhor do que o prometera. O dia esteve ameno. A concorrência foi extraordinária; calcula-se acima de vinte mil pessoas, mil das quaes foram a cavallo, ou em veículos. Não houve qualquer ocorrência desagradável, a não ser a prisão de dois homens, aos quais imputaram o roubo de um macho que apareceu. A procissão recolheu-se depois das 6 e meia horas da tarde. O fogo foi dado com precipitação por que, ao por do sol, cobriu-se a atmosfera de névoa, e às nove horas já caía orvalho grosso, que foi sucessivamente aumentando. Tudo correu às mil maravilhas, só desagradou verem-se ali tantos ladrões disfarçados com jogos de vermelhinha, roda da fortuna, e outros inovados; alegando e mostrando consentimento (indubitavelmente falso) do illmo. Administrador do Concelho, sem que o Regedor da freguesia obstasse aos roubos industriosos, e ao ardiloso testemunho contra a autoridade a que está imediatamente sujeito! Também não causou pequena admiração verem-se alguns soldados a convidar o povo incauto para ir ali encontrar a sua felicidade! – Cuidado! O Batalhão 7 pode em um momento perder a sua antiga reputação. – O hábil e distinto Capitão Guimarães, comandante da força regular, tarde descobriu estes cuviz (sic), que a sua actividade não pode inutilizar entre tamanha população e terreno desconhecido, particularmente havendo consentimento do chefe de polícia da localidade.

No número seguinte deste mesmo periódico, publicado a 10/07/1857 são ainda relatadas duas outras notícias relativas à Romaria de São Torcato. Uma dando conta que o dentista João Henriques Schmidli, que então se encontrava estabelecido temporariamente em Guimarães, esteve em São Torcato onde atendeu gratuitamente os pobres. Outra dando conta que “certo estrangeiro” entrou na casa onde almoçavam vários empregados da festividade e depois destes se levantarem sentou-se, comendo sem ser convidado e quando perguntado por um dos empregados se queria alguma coisa terá respondido “Nada (...) até agora queria comer, agora já estou satisfeito”.

No ano seguinte, em 1858, novamente n' "A Tesoura de Guimarães", volta a ser notícia a Romaria de São Torcato começando por pôr-se em evidência a expectativa que aquela celebração causava na comunidade, conforme se depreende desta notícia de 25 de Junho de 1858:

Grande arraial – Está a aproximar-se a romaria e grande arraial, por ocasião da festividade de São Torcato venerado nos subúrbios desta cidade. (...) Domingo (4) haverá missa cantada e musica instrumental e sermão com exposição do Santíssimo Sacramento, - De tarde sairá a Procissão na qual se verá dous magníficos carros triunfais alusivos à Religião e Glória do milagroso Santo, com mais três coretos dois de Virgens e um de Anjos. À noite ilumina-se a fronteira da majestosa capela e logo ao escurecer principiará o fogo do ar e preso que talvez seja igual ou superior ao que há pouco custou em Lisboa 1:500 reis! Nos três dias de festividade estará o corpo inteiro do milagroso Santo exposto à veneração dos fieis. É hoje a maior e melhor romaria destes contornos.

Nesse ano, a expectativa saiu um pouco gorada "por causa do tempo". Ainda assim a festa, abrilhantada pela música da banda "de Sande" não gorou as expectativas. O fogo-de-artifício, comparado ao que dias antes teria sido usado em Lisboa, "agradou a todos" e a ordem pública foi mantida pelos militares e administração do concelho, apesar dos habituais cuidados com ladrões, jogo ilegal, etc., conforme se percebe de uma outra notícia publicada novamente no periódico "A Tesoura de Guimarães" de 6 de Julho de 1858.

Em 1860, passa por São Torcato o célebre romancista Camilo Castelo Branco. Nas suas "Memórias do Cárcere" (publicadas em 1862) descrevia assim a sua breve passagem:

(...) das Caldas [das Taipas] fui a São Torcato visitar a múmia do miraculoso Santo. Comprei um livrinho que historiava conjeturalmente a vida e morte de Torcato, e um panegírico do mesmo pelo famoso Silos, que já passou desta vida. Beijei devotamente o pé do santo, e comprei umas nóminas, imagens e fitinhas milagrosas. Comigo ia o meu barbeiro, vestido das duplas qualidades de escanhoador e jockey pedestre. Mostrou-me ele a fontinha, que brotara do local, onde os frades do convento próximo, guiados por uma estrela cadente, descobriram o cadáver incorrupto do santo. Os milagres, de que no rezava o livro, contou-mos ele, de modo que nenhuma duvida me podia ficar da sua autenticidade. Chegamos a uma chã, onde estava arvorada cruz de pedra, chamada a cruz de Lestoso. O meu barbeiro rezou um Padre nosso por alma de um pintor vimaranense, que ali fora assassinado poucos anos antes (...).



A breve descrição tem interesse pois expõe o aspecto popular do culto (através da devoção e das histórias contadas pelo barbeiro e pelas compras feitas pelo próprio Camilo Castelo Branco) e reforça a ideia da preponderância e do enraizamento da narrativa sistematizada por Frei Domingos da Soledade Silos.

Nas décadas seguintes, a Romaria continua a ser noticiada em jornais de todo o país, sendo reveladas algumas particularidades sobre o culto e sobre a origem dos romeiros. Em 9 de Julho de 1872, o “Jornal do Porto” publicava a seguinte:

Correspondência Particular – Foi hoje a romaria de São Torcato a cinco quilómetros de distância desta cidade indo ali muita gente, não só daqui mas das aldeias circunvizinhas. Os romeiros que já ontem e anteontem afluíam de longe, sendo muitos da Póvoa de Varzim e da beira-mar, regressavam hoje da romagem todos contentes e satisfeitos, com o seu lenço de doces enfiado num pau, o registo do santo no chapéu, tocando viola ou cavaquinho. Pouco acima da casa do senhor Visconde de Lindoso [à saída de Guimarães, para S. Torcato] era a estação dos veículos para transportar gente de ali para a romagem, havendo todo o dia um levar e trazer de gente sem cessar. Ainda ficou muita gente para o fogo que é hoje à noite. De tarde saiu a procissão levando os carros triunfais do costume. Costuma ir ali policiar a romagem uma força de tropa. Correu tudo com sossego. Hoje é a iluminação que se faz em S. Torcato.

A 6 de Julho de 1881, no jornal vimaranense “Religião & Pátria” vamos encontrar uma interessante notícia em que é referido o movimento da romaria afirmando que nas “estradas que convergem para o Santuário [estavam] cheias de numerosas caravanas de romeiros vindas de toda a província e ainda de fora dela. Calcula-se que a concorrência foi este ano numa terça parte maior do que no ano anterior” e dá-nos nota de alguns pormenores então já tradicionais da festa como “os carros triunfais com coros de virgens”, “o fogo muito bonito e variado” e a música, desta feita “dos artistas de Braga”.

Várias notícias recolhidas nas edições do periódico “Religião & Pátria” de 7 de Julho de 1880, 6 de Julho de 1881, 6 de Julho de 1889 e 8 de Julho de 1891 permitem-nos, em certa medida, elencar alguns elementos presentes na romaria, como os carros triunfais (ou alegóricos), as oferendas (de ex-votos, de objectos em cera, ouro, etc.), os doces, os registos de São Torcato, os trajes dos romeiros (ao que parece, como já foi referido, seria usado um chapéu com um registo de São Torcato), a origem dos romeiros e a uma certa predominância de peregrinos do litoral norte (de Vila do Conde a Viana do Castelo), o fogo-de-artifício, a música (popular ou de bandas filarmónicas), a exposição pública de chagas e ferimentos por parte de romeiros portugueses e estrangeiros, o culto da água da

Fonte do Santo (para beber e para lavar feridas), entre outras práticas que se foram repetindo e que se encontram documentadas na imprensa da época. No periódico “O Zirro” de 8/7/1888 é referida a “concorrência extraordinária (...) da maior romaria do Minho”.

Das notícias dispersas por inúmeros periódicos podemos passar a um dos mais interessantes e completos relatos que nos chega em 1887 pela pena de José Augusto Vieira no seu “O Minho Pittoresco”. Para além de vários dados históricos sobre São Torcato que o autor partilha com os seus leitores é-nos também transmitida a perspetiva do viajante:

Leva-nos o trem pela estrada de S. Torquato. A formosa planície, para onde vamos descer, depois de ter deixado o largo do castelo, é como um tapete vasto de esmeralda e oiro, desdobrado ao sol, fingindo a cultura intensa o entretecido da tela, formando os campanários e as aldeias o alto bordado em relevo. Veja o leitor como é um encanto todo este vale em que assenta Azurém, e como a fecundidade parece misteriosamente evoluir-se de toda esta natureza abeberada em luz (...). Se o vale é uma formosura no sitio em que vamos, imagine o que será visto do outeiro em que assenta a Igreja paroquial de Aldão, d’onde se avistam umas oite freguesias e para o qual o leitor pode tomar pelo caminho velho que destaca da estrada junto da capelinha da Madre de Deus (...). Vai a estrada descendo por renques formosíssimos das vinhas de enforcado quando, à esquerda, por entre os pinhais da encosta surge a poética igreja de Pencelo (...). É preciso deixar a estrada e trepar um pouco pela colina se se quiser ver Gominhães, a terra do soco e da chinela (...). Agora atenção. O burgo de S. Torquato populoso e rico surge na nossa frente, o carro toma pela avenida de carvalheiras, que leva ao vasto adro do santuário. Fica a igreja paroquial em cima, numa situação ridente, mas é claro que o touriste e a piedade se esquecem dela a face do monstruoso templo que está edificando ao santo arcebispo (...).

Feita esta descrição inicial, Vieira insere na publicação o que parece ser um cartaz com o programa das festas em que nos é dada uma descrição das iluminações, a notícia de uma ascensão de “um balão monstro e ainda outro em forma de cavalo”, “variadíssimo fogo” e ainda a indicação dos transportes e de outras novidades relativas o que se preparava para o primeiro domingo de Julho do ano em que o autor visitou Guimarães. De seguida acrescenta:

(...) em face de tantas pompas festivas, a que dá um vivo colorido o génio artístico do sineiro do santuário, com a musica alegre dos seus carrilhões, eu teria de lamentar o Bom Jesus e o Sameiro, se não houvera para estes largos créditos estabelecidos e quasi uma clientela à parte, e se também o S. Torcato pudesse competir com eles na magnificência panorâmica,



não obstante ser um encanto o largo e delicioso vale que se estende em frente e vai subindo por degraus aveludados de vegetação até à crista pitoresca da Penha.

Estava assim traçada uma descrição para o *touriste* que quisesse visitar São Torcato e as suas imediações.

Contudo o autor de “O Minho Pittoresco” não se fica apenas pela descrição da parte turística do burgo torcatense. Procura descrever as suas gentes e o seu trabalho:

Dissemos já que o burgo de S. Torcato era dos mais populosos do concelho; dos seus habitantes devemos acrescentar, que se entregam bastante ao trabalho industrial alternando-o com a vida agrícola. A industria dos couros floresce no lugar da Corredoura (...). Uma outra indústria, hoje decadente, nobilitou em tempos a freguesia de S. Torcato. Era a da famosa ourivesaria portuguesa, que reduz, na formosa aldeia à fabricação, em prata, de alguns faqueiros, fivelas e aneis e em ouro à de bijouteries de uso mais comum (...).

Ao laborioso quotidiano da freguesia sobrepunha-se o esplendor da festa e do culto ao Santo que, aparentemente, nos finais do século XIX não parava de crescer.

Apesar da leitura de diversas publicações periódicas dar a entender que a festa estava em permanente crescimento, só uma análise detalhada aos jornais da época, ano após ano, é que permitiria traçar de uma forma mais consistente e rigorosa a sua evolução. Ainda assim, graças ao precioso trabalho realizado pelo investigador João Lopes de Faria (1860-1944), é possível perceber, e em certa medida tornar mensurável, o assinalável crescimento da festa através dos dados relativos à recolha de esmolos, cera e de outros objectos oferecidos a São Torcato:

1877— Domingo da romaria de S. Torcato. Esmolas ao santo, em dinheiro, além de cera e outros objectos: em 1877, 2:800\$000 réis; em 1888, idem, 3:082\$89 réis; em 1894, idem, 3:820\$545 réis; em 1900, idem, 4:719\$680 réis; em 1917, idem, 3:782\$820 réis e o ágio de 8 libras e meia em ouro; em 1928, 41:313\$600 réis, 42 libras, 1 moeda de 5\$000 réis e 70 gramas em objectos de ouro.

A este crescimento não foram estranhos diversos factores. A Vereação da Câmara Municipal de Guimarães determina a “Arrematação da composição da estrada que vai para São Torcato” (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta Actas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães. Cota: M – 1841: 55). A “24-2-1870 a Câmara [Municipal de Guimarães] resolveu a criação da feira anual nos três dias seguintes ao 1º Domingo de

Julho, em que se celebra a festividade do Santo” (Braga, 1939: 141). Também na década de 70 seria aberta uma estrada para São Torcato (Brito, 2014: 64). O processo foi moroso mas a Câmara tinha noção da necessidade da rápida conclusão da estrada como se pode ver numa deliberação da Vereação “em que se disse ser de urgente necessidade a construção do 3º lanço da estrada de Guimarães a São Torcato, e daqui a entroncar na de Fafe à Póvoa [de Lanhoso] (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Actas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães. Cota: Cota (M – 1857; 184v). Contudo, foi a chegada do comboio a Guimarães, em 1884, que trouxe ainda maisromeiros à festa. O facto, relatado nos jornais da época (como se pode ver a título de exemplo os periódicos “Religião & Pátria” de 9 de Julho de 1884 ou o “Comércio de Guimarães” de 5 de Julho de 1888), está também plasmado na azulejaria da Estação de São Bento, no Porto, onde um dos painéis é alusivo à Romaria de São Torcato.

A par desta evolução da festa propriamente dita foi-se desenvolvendo, muito por conta das esmolas recebidas, dos esforços da Irmandade de São Torcato e dos donativos de inúmeros beneméritos (dos quais podemos destacar o Conde de São Bento), o imponente Santuário iniciado em 1825 pelo Arq. Luís Inácio de Barros Lima. Transcrevemos uma cronologia (Ramos et al., 2016: 8-9) em que é resumida a evolução da obra ao longo dos séculos:

| | |
|------------|---|
| 04.1825 | “(…) Dr. José António de Almeida, demarca em São Torcato, no lugar dos Penedos de Maria do Monte Maio “um quadrilongo com o comprimento de 194 varas no sentido Norte Sul e a largura de 88 varas de Nascente para Poente (...)”, para a construção da igreja.” |
| 04.07.1852 | “É trasladado o corpo de São Torcato para a capela-mor entretanto concluída.” |
| 1846 | “Conclusão da capela-mor.” |
| 1853 | “Inaugurado o sacrário.” |
| 13.01.1866 | “(…) as obras passam a ser acompanhadas a partir desta data e até à sua morte por Cesário Augusto Pinto.” |
| 08.1866 | “A Mesa da Irmandade lança um concurso internacional para o projecto do novo santuário, impondo algumas condições, nomeadamente que ter-se-ia de aproveitar os alicerces já feitos (...)” |
| 24.11.1867 | “Na sequência da decisão da Mesa da Irmandade, reúne no Palácio de Cristal do Porto, um júri (...) tendo atribuído o 1º prémio ao projecto de [Ludwig Bohnstedt] (...)” |
| 1871 | “Conclusão dos alicerces; início da primeira empreitada do novo templo, erguendo-se o lado esquerdo do transepto até à altura das portas.” |
| 12.03.1872 | “É adjudicada a segunda empreitada, correspondendo às paredes laterais e torres até ao primeiro patamar da escada.” |
| 02.11.1873 | “António José Pereira é encarregue da empreitada do lado direito do transepto até à altura das portas.” |



| | |
|------------|---|
| 29.10.1876 | “António Salgado, de Guimarães, é encarregue da quinta e última empreitada.” |
| 1877 | “A torre provisória esquerda recebeu 14 sinos.” |
| 1880 | “Colocação do relógio na torre.” |
| 1892 | “Colocação sob o pórtico de dois anjos.” |
| 07.1895 | “Falecimento de Cesário Augusto Pinto, passando a condução das obras para a responsabilidade do arquitecto portuense José Marques da Silva o qual acrescentou significativas alterações ao projecto inicial, principalmente ao nível da cúpula e das torres.” |
| 1899 | “Colocação na frontaria das estátuas de São Dâmaso e São Geraldo, da autora do escultor Francisco Couceiro.” |
| 1910 | “As torres ainda não estavam concluídas.” |
| 1946 | “Inauguração do templo sem estarem concluídas a capela-mor, capelas laterais e a cúpula do cruzeiro.” |
| 1950-1960 | “Continuação do levantamento do transepto.” |
| 1982 | “Recomeço dos trabalhos graças à acção da Escola de Cantaria nascida de um acordo entre a Irmandade de São Torcato e o Instituto de Emprego e Formação Profissional.” |
| 1985 | “Inauguração do Museu de Arte Sacra e Etnografia de São Torcato.” |
| 06.03.2006 | “Colocação da cúpula sobre o zimbório, finalizando as obras de construção da igreja.” |

No início do século XX, a romaria mantém as suas principais características e é neste período que em várias ocasiões, por iniciativa de diversas publicações (como a "Ilustração Católica" de 24 de Julho de 1915) e de diversas casas fotográficas multiplicam-se e difundem-se diversas imagens da Romaria e do Santuário. A Romaria Pequena começa a ser notícia não só pela sua imemorial ligação à água e à Fonte do Santo, mas também por algumas peculiaridades de que se revestia neste período, como por exemplo ter como atractivo a própria construção do Santuário ou o facto de "A Portugueza" e o "Hino da Maria da Fonte" serem tocadas – não sem alguma polémica – pelos carrilhões do templo, como podemos ler no periódico “Alvorada” de 25 de Maio de 1911. É por esta altura que o cinema também chega à Romaria de São Torcato com as películas “Festas de S. Torcato em Guimarães. Portugal, 1912” (Cinemateca) e, em 1917, com o filme “Romaria de São Torcato” (Cinemateca). Estas imagens e filmes ilustram a festa e dão-nos uma ideia do que terá sido a romaria em anos anteriores.

No final da década de 20 (1928), foi criado o Grupo Desportivo União Torcatense, dotando a freguesia de um clube desportivo que, nesta matéria, a punha a par das principais localidades do concelho. Um dos principais acontecimentos da primeira metade do século XX foi a criação ou a instituição formal da “Feira dos 27” que, de acordo com Alberto Vieira Braga (Braga, 1939: 141), foi criada em 1931 “a par de certa festividade religiosa”,

que estaria relacionada com o martírio de São Torcato e dos seus 27 companheiros (Silos, 1938: 9-13) no ano de 714 ou 719 (Silos apresenta datas diferentes para este acontecimento).

Como refere Santos Silva (Silva, 1994: 160) a feira propriamente dita “é apresentada como feira franca e romaria de dois dias, com missa cantada, concurso pecuário, arraial, corridas de cavalos, provas de ciclismo...”. A feira de gado existente nesta data poderá ter alguma relação com a antiga “feira franca de gado” que, pelo menos desde meados do século XVIII, tinha lugar no 1º de Maio na Devesa do Maio (como já foi referido neste texto).

Neste período, é ainda de assinalar o aparecimento da publicação periódica “S. Torcato” em 1947 (propriedade da Irmandade de São Torcato), o centenário da trasladação do corpo em 1952 (cerimónia que contou com as principais autoridades religiosas, civis e militares do concelho e da região) e o descontentamento/desconfiança para com as autoridades eclesiásticas que marcou as décadas de 40, 50, 60 e 70 do século XX (Silva, 1994: 193-257). É ainda de assinalar o aparecimento de dois grupos folclóricos (Grupo Folclórico de São Torcato e o Grupo Folclórico da Corredoura) que, daí em diante, passariam a ter um papel preponderante na vida cultural torcatense.

A segunda metade do século XX seria marcada por vicissitudes relativas a um certo reenquadramento do culto (com alterações, autorizações e mudanças a nível eclesiástico) e com as próprias transformações decorrentes das profundas alterações sociais em São Torcato resultantes das mudanças ocorridas na sociedade portuguesa de então. Após o 25 de Abril de 1974, é de assinalar o assumir do cargo de Juiz da Irmandade de São Torcato por um cidadão natural da freguesia de São Torcato, a promoção de eleições para a Irmandade em que participariam mulheres e em que os cargos da Irmandade seriam ocupados por “personalidades locais”, quebrando uma “ligação com a Colegiada de Guimarães” e promovendo, em certa medida, a laicização da Irmandade (Silva, 1994: 202-205). A “retirada da Festa do Martírio, a 27 de Fevereiro, do calendário litúrgico diocesano (...) [triumfando] assim a identificação do culto de São Torcato como o bispo de Cadiz do século I, a versão do antigo Breviário Bracarense, principal ponto de apoio erudito para Silos e as autoridades eclesiásticas locais” (Silva, 1994: 216-217) marcaria também este período.

Em 1995, a freguesia de São Torcato é formalmente elevada à categoria de Vila. Contudo, dispunha já de uma série de equipamentos (posto da G.N.R, Escola, entre outros) que, a par de um número de habitantes relativamente elevado e da monumentalidade do seu Santuário, desde cedo lhe conferia, em certa medida, o estatuto de um pequeno burgo (como é referido por José Augusto Vieira em 1886 no “Minho Pittoresco”).



A 3 de Novembro de 2018, um outro importante anúncio seria feito publicamente numa missa dominical celebrada na Igreja do Santuário de São Torcato: a data de 27 de Fevereiro voltaria a ser introduzida no calendário litúrgico e o Santuário de São Torcato seria elevado à categoria de Basílica Menor pela Igreja de Roma. Tal anúncio demonstra um alinhamento de posições entre o Arcebispo de Braga e a Irmandade de São Torcato que adivinha um fortalecer e um reavivar de um culto que, com períodos de maior ou menor expressão, nunca deixou de ser um marco da religiosidade popular da região e do país.

Volvidos 170 anos da trasladação do corpo de São Torcato do Mosteiro para a capela que então ainda se encontrava em construção — e que hoje é a Basílica de São Torcato —, o Santuário e o terreiro adjacente continuam a ser o grande ponto de interesse de toda a zona envolvente (marcando a paisagem) e o centro da Vila, onde se sente o pulsar de uma comunidade que de várias formas ali se manifesta.

Bibliografia

Livros, artigos e trabalhos académicos

- Almeida, Eduardo (1922), «São Torcato. Algumas notas dispersas», in *Revista Guimarães*, Guimarães, Revista 33 (4), Outubro-Dezembro, Sociedade Martins Sarmento.
- Alves, José Maria Gomes, Out.-Dez. 1898, “Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães, Manuscritos do Abade de Tagilde – O Couto de São Torcato”, *Revista Guimarães*, Sociedade Martins Sarmento, n.º 15 (4), Guimarães, p. 140.
- Barroca, Mário Jorge e Real, Manuel Luís, (Fev. 1992), «As caixas-relicário de São Torcato Guimarães (séculos X-XIII)», in *Arqueologia Medieval: Campo Arqueológico de Mértola. - nº 1*, p. 135-168.
- Brito, Francisco (2014), «Guimarães entre 1853 e 1901: um apontamento político e social» in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Série III, Vol. III, 2014.
- Castelo Branco, Camilo (1862), *Memórias do Cárcere*. Porto. Viuva Moré. 1862.
- Cardoso, Jorge (1666), *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal e suas Conquistas*, Lisboa, ed. António Craesbeeck de Melo.
- Craesbeeck, Francisco Xavier da serra (1726), *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no Ano de 1726*”, Edição Carvalhos de Basto, Barcelos, 1993.
- Cunha, Rodrigo (1634), *Da História Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, E Varões illustres, que florecerão neste Arcebispado*, Braga, ed Manuel Cardoso.
- Enciclopédia Luso Brasileira XXVII vol., São Torcato, Editorial Enciclopédia. Limitada Lisboa – Rio de Janeiro, p. 654-657.
- Estaço, Gaspar (1625), *Várias Antiguidades de Portugal*, ed. Pedro Craesbeeck, Lisboa.
- Faria, Rui (2008), «Um olhar sobre os registos paroquiais de São Torcato – Uma Crítica de Fonte» in *Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães.
- Feio, Alberto (1954), «A Arte da Alta Idade-Média no distrito de Braga», *Bracara Augusta*, 5(1-3), Braga.
- Ferrão, João Afonso (2016), “São Torcato, um Santo do Povo - Documentos de suporte a reconhecimento da santidade e do culto de São Torcato”, documento digital, Guimarães, Irmandade de São Torcato.
- Guimarães, João Gomes de Oliveira (1898), «O Couto de S. Torcato». *Revista de Guimarães*, 15 (4) Out.-Dez. 1898, p. 139-151.
- Inventário do Museu da Irmandade de São Torcato (2015), Guimarães. Museu de Alberto Sampaio.
- Meireles, Maria José Marinho de Queiroz (1996), *Irmandade de S. Torcato. Inventário do Fundo Local*. Guimarães.
- Morais, Maria Adelaide Pereira de (1999), *Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira*, Guimarães, ed. autor.
- Ramos, Luís; Ribeiro, Carla; Pinho, Neuza Gisela; Sampaio, Nuno; Gomes, Sónia (2016), *Conservação e Restauro do Património Construído. Intervenção Projectual no Santuário de São Torcato| Baldaquino*. 2016.
- Real, Manuel Luís (1995), «Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular» in *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica (Lisboa, 1992)*, 1995, pp.17-68.
- Real, Manuel Luís (2007), «A escultura decorativa em Portugal: o grupo “portucalense”». In *Escultura decorativa tardorromana y altomedieval en la Península Iberica*. Anejos de AespA, XLI, Instituto Arqueologia Mérida, Madrid, pp. 135-151
- Rodriguez, Carmem García (1966), *El culto de los santos en la España romana y visigoda*. Instituto P. Enrique Florez de Historia Eclesiástica.

Rosário, Diogo (1681), *Flos Sanctorum História das Vidas de Cristo S. N. E de sua Santíssima Mãe, Vidas Dos Santos E Suas Festas Repartidas Pelos Doze Meses, Com Sermões E Práticas que servem para muitas Festas do Ano*, Lisboa, ed. António Craesbeeck de Mello

Sillos, Frei Domingos da Soledade (1938), *Vida Preciosa de Glorioso Martírio de S. Torcato Arcebispo de Braga*. 12ª edição, Guimarães, Tip. das Oficinas de S. José. 1938.

Sillos, Frei Domingos da Soledade (1998), *Vida Preciosa de Glorioso Martírio de S. Torcato Arcebispo de Braga*. 20ª edição, Guimarães, Irmandade de São Torcato, Tip. Guimarães.

Silva, Augusto Santos (1994), *Tempos Cruzados. Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, Porto, Edições Afrontamento.

Vieira, José Augusto (1886), *O Minho Pittoresco*, Lisboa, António Maria Pereira.

Xavier, Frei Silvestre da Conceição (1986), «Um manuscrito de Frei Silvestre da Conceição Xavier, O.F.M. (séc. XVIII), sobre a naturalidade e a vida do Mártir São Torcato», *Separata Boletim de Trabalhos Históricos*, vols. 30 e 31, 1979/1980.

Arquivos

Arquivo da Torre do Tombo

Memórias Paroquiais de 1758, volume 36, Memória 66, pp. 581 a 585.

Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos régios, mç. 4, n.º 4. “Carta de D. Manuel dirigida aos cônegos da Igreja de Guimarães sobre a trasladação do corpo de São Torcato para esta Igreja”

Arquivo Distrital de Braga

PROVISAO DE ADICAO A IGREJA DE SÃO DAMASO DA VILA DE GUIMARAES, FAVOR DE TOMAS JOSE DE CARVALHO VALADARES, CLERIGO IN MINORIBUS, DA MESMA VILA. Cota: A - 209-281-281v

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

Atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães:

Ano: 1852 Cota: (M – 1842: 54v)

Ano: 1861 Cota: (M – 1841: 55)

Ano: 1874 Cota (M – 1857: 184v)

Ano: 1877 Cota: (M – 1859: 113)

Livro das condenações do Couto de São Torcato

Ano: 1652 (M-3122: 7, 8 v.º.)

Fundo Paroquial

Anos: 1564-1598 Cota: (P-717: 107 v-108 v)

Sentença do Cabido e os moradores de Gonça

Ano 1661: (C-1406, doc. 73)

Arquivo da Irmandade de São Torcato

Doc. 255. “Auto Solemne da Trasladação de São Torcato 1852 Jul. 4 – 1853 Jul. 13. 1 liv. 18

Sociedade Martins Sarmento

Faria, João Lopes de (1891-1892), *Velharias da Colegiada Vimaranesense*, Manuscrito, Guimarães, vol. II

Faria, João Lopes de (1894-1895), *Velharias da Colegiada Vimaranesense*, Manuscrito, Guimarães, vol. IV

Faria, João Lopes de, *Efemérides Vimaranesenses*, Manuscrito. 4 trimestres

Publicações periódicas

Ilustração Católica Braga. R. Martires da República. 24/07/1915

Jornal do Porto Porto : Typ. Commercial. 9/07/1872

A Nação, Lisboa. I.H.C. Semmedo. 11/04/1882

Religião & Pátria, Guimarães. Typ. de São Paio. 7/7/1880; 6/07/1881; 9/07/1884; 6/7/1889 e 8/7/1891

A Tesoura de Guimarães, Tipografia de Francisco José Monteiro. 7/07/1857; 6/07/1858; 25/06/1858.

Correio do Minho, Braga, 21/01/1930 “S. Torcato de Guimarães. Restos de uma Igreja moçárabe” de Alberto Feio (reeditado in A. F., Coisas memoráveis de Braga, Braga Universidade do Minho, Biblioteca Pública de Braga, 1984:150-154

Sites consultados

www.pedraformosa.blogspot.com (Sociedade Martins Sarmento)

<http://reimaginar.webprodz.com/> (Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património).



António Amaro
das Neves

Historiador

As efemérides de São Torcato, segundo João Lopes de Faria

Acanhado, excessivamente modesto, ninguém diria ao vê-lo atravessar as ruas citadinas, quase misantropo, sempre só ou acompanhado do seu inseparável xaile-manta, que ali ia um homem culto que à sua terra prestou relevantes serviços.

O Comércio de Guimarães, n.º 5384, 10 de Novembro de 1944

Se Guimarães é geralmente descrita como uma cidade monumental, nem todos os seus monumentos são feitos de granito ou de bronze. Também os há em papel. E destes, o mais imponente, pela sua importância e pela sua dimensão, é constituído pelas dezenas de volumes de folhas de papel almaço preenchidas com uma caligrafia impressionantemente regular e com encadernação em pele preta, que João Lopes de Faria coligiu pacientemente ao longo da vida e deixou em testamento à Sociedade



Martins Sarmento. É verdade que o autor deste tesouro em forma de manuscrito, não tendo produzido obra original própria de relevo, não era bem um historiador. Foi um trabalhador incansável, um recolector omnívoro de documentos e memórias da sua terra, fossem eles manuscritos, em pergaminho ou em papel, ou publicações impressas, livros, jornais, revistas. João Lopes de Faria foi um paleógrafo de inegável competência, um infatigável coleccionador de memórias, um apaixonado pelo chão onde nasceu. Se não foi um historiador, no sentido mais estrito do termo, a verdade é que não há obra histórica que trate de Guimarães produzida nos séculos XX e XXI que não tenha o seu dedo. Um amigo, o pintor Abel Cardoso, apelidou-o de *Dicionário de Guimarães*, por não conhecer em Guimarães quem melhor conhecesse a cidade. Um *dicionário* que sobreviveu à sua morte e que continua a ser consultado, tendo-se justamente afirmado como uma obra de referência para os estudos históricos vimaranenses.

Nascido numa família muito humilde (o seu pai, António, era sineiro da Colegiada de Guimarães), no dia 21 de Setembro de 1860, João Lopes de Faria viveu uma infância pobre, mas não lhe faltaram os meios que permitiram sustentar a sua propensão para o estudo. Menino do Coro da Colegiada, cresceu rodeado de eruditos, tendo encontrado no cónego José de Aquino, músico e homem de letras, o seu primeiro protector e mentor intelectual. Aprendeu a ler e a escrever na escola do antigo sargento Francisco António Almeida e prosseguiu estudos com Francisco Viana, o célebre professor *Venâncio*, que também era o organista titular da Colegiada, com quem aprendeu latim e aperfeiçoou os conhecimentos da língua materna. Ao mesmo tempo, ia avançando nos seus estudos musicais, que iniciara com Lucínio Fernandes Trindade, regente da banda Boa União. Com o padre maestro Eugénio Mota, aprimorou a sua formação como organista e cantor. A música assegurou-lhe o ganha-pão, tendo sido o último organista da Colegiada de Guimarães, sucedendo, em 1889, ao seu mestre *Venâncio*.

A inclinação de João Lopes de Faria para a história é relativamente tardia. Tinha quase 30 anos quando começou a decifrar os papéis velhos do arquivo da Colegiada, com o apoio do Padre Abílio Passos, estudioso da história local, então responsável pelo cartório do Cabido. Ao longo do meio século seguinte, lançou mãos a um projecto ambicioso, que, com o tempo, foi ganhando sentido e solidez no seu propósito de decifrar e transcrever toda a documentação que encontrasse e criar um repositório sistemático de informação sobre Guimarães e a sua história. Esse repositório não tinha nome, mas assenta-lhe bem o que Abel Cardoso inventou para o seu autor: o *Dicionário de Guimarães*.

A obra de João Lopes de Faria é hoje fundamental para o estudo de qualquer assunto histórico relacionado com o concelho de Guimarães, como é o caso deste livro. O objectivo deste texto é cotejar, organizar e publicar os verbetes das *Efemérides Vimaranenses*

relacionados com São Torcato, que permitem tratar assuntos tão diversos como os que se relacionam com o santo, as suas relíquias, os seus milagres, o culto, a igreja, o couto, a irmandade, as romarias, a economia, a sociedade, as personalidades ligadas à terra, a governação local, as relações com a Colegiada e com a Sé de Braga, a criminalidade, etc. Neste texto não iremos desenvolver os assuntos que podem ser explorados a partir do texto das *Efemérides*, por não ser esse o objectivo que nos foi proposto, nem ser acomodável no espaço disponível nesta publicação. No entanto, iremos tomar dois exemplos para tentar dar algumas sugestões sobre o modo de consultar e de usar a obra de João Lopes de Faria.

Não obstante a complexidade e a imensidão do trabalho que comporta, o processo de trabalho de João Lopes de Faria na compilação das suas *Efemérides Vimaranenses*, era simples: durante grande parte da sua vida, Lopes de Faria leu e transcreveu tudo o que encontrou sobre Guimarães e a sua história. O resultado desse labor está reunido nas dezenas de volumes que podem ser consultados na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães. Paralelamente, ia respigando todas as informações datadas que encontrava e que registava em cadernos organizados pelos dias de cada mês, que foram encadernados em quatro volumes, cada um correspondendo a um trimestre. As efemérides que registou eram retiradas das mais diversas fontes, como pergaminhos medievais, livros, arquivos institucionais e privados, livros de memórias, jornais, documentação avulsa ou as informações de acontecimentos de que foi testemunha ou que lhe era transmitida oralmente por terceiros. O modo como as *Efemérides* estão organizadas reflecte este processo de trabalho. As suas páginas estão organizadas por dias e meses e nelas Lopes de Faria ia lançando, umas após outras, nos dias correspondentes, as informações que ia encontrando nas suas leituras, sem nenhuma preocupação de sequência cronológica, aliás impraticável, se atendermos ao modo como o autor ia coligindo e registando as informações que ia vertendo para as *Efemérides*.

Assim sendo, faz sentido advertir que as *Efemérides Vimaranenses* devem ser entendidos como cadernos de registo de apontamentos que serviriam de base para a preparação dos trabalhos que o incansável paleógrafo ia dando à luz em diferentes publicações, periódicas ou em livro, e não como obra pronta para o prelo. A sua natureza inacabada revela-se, por exemplo em entradas que são completadas, aclaradas ou mesmo rectificadas por registos introduzidos posteriormente. Por outro lado, nunca se deve esquecer que factos ocorridos no tempo em que o autor viveu podem estar embebidos nas suas próprias memórias que, como sabemos, não são os testemunhos mais fiáveis. Impõe-se, portanto, aplicar ao trabalho com este precioso manuscrito os procedimentos da crítica de fontes, não descurando a necessidade de confirmação das informações que regista. O resultado deste trabalho de formiga é monumental: mais do que um *dicionário*, uma *enciclopédia*



sobre Guimarães com muitos milhares de entradas, que tem sido uma preciosa ferramenta de trabalho para quem se dedica ao estudo da história de Guimarães, algumas vezes esquecendo-se de creditar o seu a seu dono. Dificilmente se encontrará um assunto que, de algum modo, não esteja registado cronologicamente nesta obra de João Lopes de Faria. É essa a sua importância.

O primeiro exemplo que iremos tratar, na tentativa de mostrar o potencial das *Efemérides Vimaraneses* e os cuidados a adoptar na sua utilização, decorre da leitura e análise dos verbetes em que João Lopes de Faria registou factos relacionadas com as relíquias que são veneradas no templo dedicado a São Torcato.

É do princípio do século VIII a mais antiga referência a São Torcato que encontramos nas *Efemérides Vimaraneses*. Extraiu-a João Lopes de Faria do *Breviário Bracarense*, que classifica como lendário, sinalizando a falta de credibilidade histórica da fonte onde colheu a informação. É a suposta data do martírio de São Félix Torcato (ou Torcato Félix), 26 de Fevereiro de 719, junto a Guimarães.¹ Como nas versões mais antigas do *Breviário Bracarense* não constava qualquer referência ao hipotético martírio, João Lopes de Faria terá compulsado a versão reformada, em 1634, pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que introduz dez novos titulares, uns mais fictícios do que os outros, na galeria dos arcebispos de Braga. Entre eles, São Torcato Félix, que já antes o mesmo autor apresentara como Bispo de Porto, no seu *Catálogo e História dos Bispos do Porto*, publicado em 1623 (Cunha, 1623, p. 437).

Passarão quase oito séculos até à data da primeira efeméride que se refere ao “corpo incorrupto de S. Torcato”, que regista uma carta régia de D. Manuel I, de 28 de Fevereiro de 1501, autorizando os cônegos de Guimarães a trasladarem os restos mortais de São Torcato para a igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira — que não se concretizaria, porque o povo se lhe opôs.

A primeira descrição de um exame às relíquias de São Torcato aconteceu na sequência de um incidente com um monge espanhol, melindrado com a falta de concorrência de fiéis ao sermão que pregou na igreja da Oliveira, a que o povo preferiu a festa a São Torcato, que se celebrava naquele dia. Disse o pregador que o povo andava enganado, porque São Torcato não estava enterrado em Guimarães. No dia 1 de Maio de 1538, organizou-se uma procissão de desagravo, com ladainha, que se dirigiu ao mosteiro de São Torcato, onde se abriu o túmulo. O corpo, que “estava inteiro”, ficou todo o dia exposto, para quem o quisesse ver. Neste caso, como tantas outras vezes acontece, João Lopes de Faria indica a

1) Para evitar repetições desnecessárias, todas as citações extraídas para este texto das *Efemérides Vimaraneses* remetem para a cronologia que se publica no final, nas datas que são indicadas.

fonte onde colheu a informação que reproduz, o capítulo 100.º das *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, do padre Torcato Peixoto de Azevedo (Azevedo, 1845, pp. 422-423).

Um século mais tarde, no ano de 1637, o túmulo de São Torcato esteve duas vezes, em menos de dois meses, na origem de dois incidentes inusitados. O primeiro está registado numa efeméride de 20 de Maio. O arcebispo de Braga, D. Sebastião de Matos e Noronha, estava em Guimarães em visitação. No dia em que visitou a igreja de São Torcato, o povo impediu o prelado bracarense de “visitar o corpo incorrupto de S. Torcato”, por desconfiar que “o prelado desejava conduzir esta relíquia para a sua Sé”, em Braga.

O episódio mais surpreendente e grotesco, de todos quantos envolvem as relíquias de São Torcato, foi descrito numa efeméride que João Lopes de Faria registou inicialmente no dia 22 de Junho de 1636, mas que na verdade aconteceu no dia 14 de Julho de 1637², como o autor das *Efemérides* notará num registo referente a este dia, em que um grupo de cónegos da Colegiada da Oliveira, acompanhados pelo vigário da paróquia, procedeu à abertura do túmulo para examinar o corpo que lá se encontrava, episódio que Torcato Peixoto de Azevedo também relatou circunstanciadamente nas suas *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* (Azevedo, 1845, pp. 255-256). Entre os membros da comitiva contava-se o doutor Rui Gomes Golias, mestre-escola da Colegiada, que num momento de devoção em que abeirou a demência, arrancou “com os dentes um tornozelo ao mesmo santo”, que levou para sua casa e guardou, como relíquia preciosa, até ao dia da sua morte. Cinco anos depois, ainda corria a causa que o promotor da Mitra de Braga abria contra os participantes na abertura do túmulo. Foi-lhe posto termo no dia 30 de Outubro de 1641, data de uma provisão do Cabido de Braga, passada a requerimento do Cabido de Guimarães, que mandava “pôr perpétuo silêncio na causa que contra alguns cónegos de Guimarães e vigário de S. Torcato, corria sobre a abertura que em 1637 fizeram da sepultura de S. Torcato”.

O Mestre-Escola Golias mandou fazer um relicário onde colocou o osso de São Torcato (que, afinal, não era um tornozelo, mas um calcanhar), expondo-o na capela da sua casa das Lamelas, na antiga rua dos Fornos, hoje João Lopes de Faria, que agora aloja o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Quando Rui Gomes Golias faleceu, no dia 29 de Março de 1649, os seus bens passaram para a posse das herdeiras, a suas sobrinhas Inês, Catarina e Luísa, que ficaram senhoras da relíquia até ao dia 21 de Dezembro de 1662, data em que se organizou uma procissão solene para acompanhar a condução do relicário

2) O Padre Torcato Peixoto de Azevedo situa este acontecimento no dia 22 de Junho de 1512 (cap. 74.º, p. 255). João Lopes de Faria transcreveu o auto de abertura de 14 de Julho de 1637, no Vol. 5.º, fl. 8 das suas *Velharias da Colegiada* (Neves, 2009).



à Igreja da Oliveira, onde foi integrado no Tesouro da Colegiada.³ Está hoje exposto no Museu de Alberto Sampaio.

Já no início do século XIX, quando se decidiu elevá-los do sepulcro e colocá-los em exposição permanente, os restos mortais atribuídos a São Torcato dariam origem a novos registos de *Efemérides*. O processo iniciou-se no dia 26 de Agosto de 1804, com uma portaria em que o arcebispo D. Frei Caetano Brandão designou o desembargador da relação eclesiástica de Braga, Inácio José Peixoto, para ser o procurador dos actos de averiguação sobre os milagres atribuídos a São Torcato. Num segundo momento, registado por João Lopes de Faria no dia 17 de Junho de 1805, procedeu-se ao exame do corpo de São Torcato. Pelo relatório daquela vistoria, transcrito nesta efeméride, percebemos que dificilmente se poderiam classificar aqueles restos mortais como um *corpo incorrupto*. O relatório da inspecção, muito minucioso, nada diz em relação a um detalhe significativo, que levou João Lopes de Faria a “estranhar que no auto e nesta declaração não se note a falta de um tornozelo do santo, que se guarda na Real Colegiada”. O corpo de São Torcato foi retirado do sepulcro em meados da semana seguinte, sendo colocado no altar que seria solenemente inaugurado no dia 30 de Junho, em cerimónia presidida pelo arcebispo D. Frei Caetano Brandão, com a assistência das autoridades civis e religiosas vimaranenses. O Cabido da Colegiada, que detinha o padroado da igreja de São Torcato, brindou o arcebispo com “um lauto jantar”, na casa de Gilde, que não lhe ficou barato, “sendo uma grande parte da importância de doce para a sobremesa”.⁴

Mas aquele não estava destinado a ser o último local onde repousariam os restos mortais de São Torcato. A partir do momento em que o corpo que ali se venerava desde o século XVI passou a estar permanentemente visível, a velha igreja do mosteiro não tardou a revelar-se demasiado pequena para a dimensão do culto ao santo, concluindo-se pela necessidade de erguer um templo de maiores dimensões, que começaria a concretizar-se com uma provisão do rei D. João IV, que autorizava a demarcação do terreno para a construção da nova igreja e cedia o terreno de caminho que fosse necessário, ao mesmo tempo que autorizava a futura trasladação de São Torcato. Esta provisão está resumida numa efeméride referente à data em que foi emitida. A transferência da relíquia só aconteceria quase três décadas depois, na tarde do dia 4 de Julho de 1852, com a assistência de

3) O *Auto da trasladação do tornozelo de S. Torcato para a Colegiada em 21 de Novembro de 1662* está transcrito por João Lopes de Faria no primeiro volume das suas *Velharias da Colegiada*, fol. 59 e 59v. (Neves, 2009).

4) No segundo volume das *Velharias da Colegiada*, fls. 97 a 98v, João Lopes de Faria publicou as contas deste banquete, com a transcrição integral de um documento com o título *Despesa que o Cabido fez no jantar que em 30-6-1805 deu ao Arcebispo, na elevação e exposição do corpo de S. Torcato* (Neves, 2009).

uma “grande multidão” e “todos os gatunos” da cidade do Porto, segundo a notícia de *O Periódico dos Pobres no Porto*, que João Lopes de Faria verteu para a efeméride que regista aquela data. As obras da igreja demorariam quase dois séculos até que fossem dadas como concluídas.

Para além do corpo que tem sido identificado com São Torcato, a igreja do velho mosteiro guardava muitas outras relíquias. Numa efeméride de 4 de Junho de 1685⁵, João Lopes de Faria dá notícia de uma licença concedida ao Cabido da Colegiada pelo arcebispo D. Luís de Sousa, então em visita a Guimarães, para procurar nas paredes da igreja de São Torcato “as relíquias de dez mártires que os antiquários diziam ali acharem-se”. A tarefa, que foi cometida ao mestre-escola Domingos Pinto de Araújo, seria bem sucedida: uma efeméride de 17 de Novembro daquele ano dá conta da entrada na Colegiada de “numerosas relíquias de santos, encontradas nas paredes do antigo mosteiro de S. Torcato”. Quando dá esta notícia, João Lopes de Faria confidenciou que se desconhecia o destino que teria sido dado àquelas relíquias, que “já há muitos anos que não existem na Colegiada”.

O culto das relíquias e a crença nos seus poderes protectores e taumatúrgicos alimentava, muitas vezes, a ânsia da sua posse, que esteve na base, desde a Idade Média, de um comércio muito rentável de objectos falsificados ou obtidos por meios ilícitos dos locais de culto onde eram guardados, de que são exemplos ilustrativos o roubo dos restos mortais de São Nicolau, em 1087, de Mira, a sua terra natal, onde estava sepultado, por comerciantes de Bari, na Itália, para onde foram transferidos ou a singular façanha do cónego mestre-escola Rui Gomes Golias, já aqui contada. Poderia, portanto, aventar-se como muito plausível o descaminho das relíquias para tráfico ou, simplesmente, para uso privado. Na verdade, sabemos hoje que o que realmente aconteceu foi bem diferente.

Em meados da década de 1980, o mosteiro de São Torcato foi objecto de prospecções arqueológicas, de que resultaram algumas descobertas importantes. Uma delas seria mesmo classificada pelo arqueólogo que conduzia os trabalhos, Manuel Luís Real, como “um achado dos mais notáveis da arqueologia medieval portuguesa nos últimos tempos”. A notícia do achado saiu em 1987, no jornal *O Povo de Guimarães* (Fernandes, 1987):

Foi na Capela-Mor que se deram os achados mais espectaculares. Para além dos frisos, ajimezes e grande parte da silharia da era pré-românica, são de realçar as pedras de altar de três épocas distintas. O altar mais antigo, que se supõe ser do século X-XI, poderá ser o primeiro descoberto em Portugal relativo a este período. Daqui surgiram vários elementos

5) O termo das relíquias encontradas nas paredes da igreja de S. Torcato em 7-11-1685, está transcrito no segundo volume das *Velharias da Colegiada*, fl. 32 e 32v. (Neves, 2009).



do altar românico, a parte central da mesa vinha ainda com a cavidade das Relíquias no seu estado primitivo. Encontrava-se coberta com uma tampa de pequenas dimensões e nela continha as oito caixas com as relíquias. Uma das caixas é ornamentada, sendo as restantes de construção tosca. Dois registos de actas escritas com letra da época, revelam que as relíquias foram encontradas pela primeira vez em Outubro de 1685 e o segundo escrito data de Maio de 1802.

Afinal, as relíquias do mosteiro de São Torcato foram devolvidas ao lugar a que pertenciam.

Para a compreensão o método de registo de João Lopes de Faria, damos um segundo exemplo, seguindo o fio de uma história tão surpreendente que, se não tivesse acontecido na vida real, poderia ter migrado da imaginação fértil de Camilo Castelo Branco para as páginas de uma das suas novelas. Começa a ser contada nas páginas do dia 1 de Fevereiro, onde se regista um homicídio violento que ocorreu em 1854:

Na noite deste dia para o seguinte, morreu em casa de Manuel Joaquim Marques, na estrada de S. Cláudio do Barco, um indivíduo de nome Oliveira, da freguesia de S. Torcato, em razão de uma rixa que teve com o seu pároco (o célebre “Subdevesa”) devido a que, enquanto esteve no Brasil, a esposa cá o traiu com o dito prior. Fez-se o competente auto de delito e, em virtude dele, conheceu-se que tinha morrido de morte violenta, por se lhe descobrir os testículos genitais esmagados e o escroto ofendido.

Como nem sempre o paleógrafo indica as fontes de onde extraiu as informações que regista, a necessidade de as confirmar e aprofundar pode implicar algum trabalho de pesquisa. Neste caso, partindo da data do acontecimento, verificamos que a fonte do essencial da informação de João Lopes de Faria terá sido uma pequena notícia local publicada no dia 9 de fevereiro de 1854, jornal *O Pharol do Minho*, que então se publicava em Braga:

—Morte violenta. — Na noite do dia 1 para 2 do corrente morreu em casa de Manuel Joaquim Marques, na estrada de S. Cláudio do Barco, do concelho de Guimarães, um brasileiro da freguesia de S. Torcato, em razão de uma rixa que teve com o seu pároco. Fez-se o competente auto, e em virtude dele conheceu-se que tinha morrido de morte violenta, por se lhe descobrir os testículos genitais esmagados, e o escroto ofendido. A acção da justiça continua.

Passados alguns dias, esta notícia originaria uma interrogação jocosa de um outro jornal bracarense, *O Moderado*, na sua edição de 13 de Fevereiro, dirigida aos redactores do *Pharol*: “haverá outros testículos? Será descoberta na anatomia deles?”. Nas *Efemérides* encontrámos a notícia transcrita quase *ipsis verbis* do jornal onde saiu, mas João Lopes de Faria acrescenta-lhe duas informações: a alcunha do pároco homicida, “o célebre “*Subdevesa*”, e o motivo para a desavença que terminou em tragédia, o adultério (“enquanto esteve no Brasil, a esposa cá o traiu com o dito prior”). Percebe-se que parte da informação acrescentada à que trazia a notícia poderá resultar de informação oral, transmitida a Lopes de Faria por uma outra pessoa, já que, à data dos factos, ele ainda não era nascido. Se a transcrição do jornal é fiel na transmissão do que consta no original, já o que acrescenta de memória não o será. E, se é introverso que se o padre então titular da paróquia de São Torcato, padre Francisco Joaquim de Sousa Pereira, respondia pela alcunha de *Subdevesa* e era célebre porque já tinha sido acusado de outros delitos que o puseram a braços com a justiça, a suposta traição conjugal que estaria na origem do crime não se confirma, uma vez que o falecido era solteiro. É o próprio João Lopes de Faria que esclarece o que teria estado por trás do conflito que o conduziu à morte, numa entrada das *Efemérides* do dia 24 de Junho, em que transcreve uma informação que leu no jornal *A Revolução de Setembro*, que reproduzia uma notícia anteriormente publicada no *Nacional*, segundo a qual a razão da desavença seria a relação de *grande intimidade* que o prior de São Torcato mantinha com uma irmã do *brasileiro*, Maria Joana, aparentemente acobertada pela sua própria mãe. O padre, a irmã e a mãe do infausto João de Oliveira seriam presos, mas havia rumores que falavam de tentativas para *abafar* o processo. As mulheres seriam libertadas em seguida, mas o prior de São Torcato foi pronunciado no dia 16 de fevereiro, sem direito a fiança. Mas, logo no dia 24, *O Moderado* punha em letra de forma o que era voz corrente em Guimarães:

Assassinato —Consta e diz-se por aqui que o processo principiado por ocasião do assassinato do Brasileiro, Oliveira, de S. Torcato, vai ser abalado! A pessoa, a quem geralmente se atribui aquele crime, costuma ter muitos e bons padrinhos; duvidamos, todavia, que as suas influências possam levar os honrados, e honestos juizes e delegado de Guimarães a praticar um tão imundo escândalo.

Uma notícia inserida na edição do dia 17 de Março daquele jornal deixava perceber que o padre *Subdevesa* não tinha ficado preso muito tempo, pois havia movimentações da justiça para o voltar a colocar atrás das grades:



Tentativa de prisão. — A justiça de Guimarães requisitou uma força de 60 caçadores, e na noite de 10 do corrente tentou prender o pároco de S. Torcato por se achar indiciado no crime de morte, praticado na pessoa do brasileiro Oliveira.

Pelas *Efemérides* ficámos a saber que, ainda aquele ano não tinha terminado, já o homicida de João de Oliveira Guimarães estava em liberdade, em resultado de um acórdão da Relação do Porto.

Partindo das informações anotadas por João Lopes de Faria nas suas *Efemérides* e cruzando-as com outras fontes, podemos tentar traçar a biografia trágica e atribulada de João de Oliveira Guimarães, que faleceu na estrada de São Cláudio do Barco, em Guimarães, numa madrugada do Inverno de 1854.

Nasceu no dia 1 de Outubro de 1825, na freguesia de São Torcato. No baptismo, que recebeu no dia seguinte na igreja paroquial, recebeu o nome de João e, de acordo com os resultados da reconstituição de famílias daquela paróquia, feita pelo investigador Rui Faria, seria o quarto dos seis filhos registados por um casal do lugar da Corredoura, de onde era natural a mãe, Maria Teresa, com 33 anos de idade, filha de António Fernandes Fontela e Ana de Oliveira. O pai, António de Oliveira, aparece no registo de casamento, celebrado no dia 11 de Outubro de 1816 na igreja paroquial de São Cosme e Damião da Lobeira, como exposto e criado no lugar da Corredoura, o que revela que tinha sido abandonado pouco depois de nascer, desconhecendo-se quem fossem os seus progenitores. Ou seja, tinha sido abandonado, sem que tivesse sido registada a identidade dos seus progenitores. Todavia, a apresentação no acto do casamento de uma sentença de dispensa de parentesco de segundo grau de afinidade demonstra que não eram desconhecidas as suas origens familiares. A mãe, Maria Teresa, tinha dado à luz uma menina, que foi baptizada como filha natural no dia em que nasceu, 15 de Março de 1816, sete meses antes do casamento com António, mas que não terá sobrevivido muitos dias. Morreu, vítima de homicídio violento, no dia 1 de Fevereiro de 1854 e, por trágica ironia, o registo do seu falecimento no livro de óbitos do cartório paroquial de São Torcato foi lavrado pela mesma mão que o matou.

O pai de João também tinha tido morte violenta. Morreu de um tiro de espingarda que lhe deram no dia 30 de Setembro de 1831, na freguesia de Santo Tirso de Prazins.

As efemérides que nos contam os acontecimentos relacionados com as relíquias veneradas em São Torcato e a história trágica de João de Oliveira Guimarães, permitem-nos perceber a relevância das *Efemérides Vimaranenses* como fonte de informação sistemática, mas também nos previnem para os cuidados que se devem usar na sua utilização. Por

respeito ao autor, acima de tudo, esta obra monumental deve ser percebida como aquilo que ela é: uma impressionante colecção de informações organizadas por datas, mas que não é uma obra acabada, pronta a ser publicada. Nunca um ponto de chegada na demanda de informação por parte do investigador que as compulsa, mas mais um ponto de partida ou de percurso onde se colhem os azimutes para os passos seguintes no processo investigativo. Uma linha do tempo que ajuda a contextualizar a informação e aponta o caminho para a sua confirmação e para o seu aprofundamento. As *Efemérides Vimaranenses*, de João Lopes de Faria, são uma magnífica ferramenta auxiliar da investigação da história de Guimarães.

Dito isto, aqui ficam as efemérides de São Torcato, segundo João Lopes de Faria.

— São Torcato nas Efemérides Vimaranenses, de João Lopes de Faria

26-02-0719: Segundo se lê no lendário breviário bracarense, S. Félix Torcato, bispo da Citânia e de Braga, padece o seu glorioso martírio junto a Guimarães.

11-07-1103: Menendo Veniegas, Gomice Nuniz, Totuta Eitat e todos os seus herdeiros dão em escambo a sua herdade, que tinham na vila Pousada de Caíde, que era entre S. Torcato e a Portela de Morteira, ao Conde D. Henrique e mulher D. Teresa, aos frades e clérigos do Mosteiro de Guimarães de que era abade Pedro Toergis e propósito Pelágio Fruitat e recebem em troca a herdade que no mosteiro era chamada de Pombeiro de Riba de Avizela.

26-04-1173: Neste dia, e não no dia 20 deste mês, como disse “O Espectador” (semanário), que em 1883 e 1884 se publicou nesta cidade, n.º 25, el-rei D. Afonso Henriques com os seus filhos D. Sancho e D. Teresa, faz doação do couto de S. Torcato a D. Paio, prior do mosteiro de S. Torcato, e a seus frades da ordem dos cónegos regulares de Santo Agostinho, em honra de Santa Maria, S. Torcato e outros santos de que havia relíquias no mosteiro. Era prior de Guimarães Pedro Amarelo, vigário de Guimarães, Vilano e prior da Costa, D. Mendo. — Vide Vimar. Mon. Hist. Doc. CXI, fl.94. — O mosteiro foi fundado por D. Rodrigo Forjaz, em 887, duplex, para Beneditinos e Beneditinas. — Vid.

01-11-1196: Sentença proferida em Guimarães por Didaco, prior de Guimarães, e D. Vilano, auditores especiais, julgando que pertenciam ao mosteiro de S. Torcato



as dizimas de um casal sito no extremo de Vilar, as quais havia usurpado João de Rupela, prior de Santo Tirso, a quem sucedeu João de Oliveira, depois da inquirição feita por mando real a requerimento do prior de S. Torcato Pelágio Daniel. — Pergaminho XI da Colegiada. — (curioso)

03-05-1213: Bula do Papa Inocência III, em Latrão, aos priores dos mosteiros da Costa e S. Torcato, dizendo-lhes que, não sendo lícito separar os membros da cabeça, era para admirar que eles, cujas igrejas estavam situadas na diocese de Braga, se recusassem a obedecer ao arcebispo da mesma, sem privilégio algum de isenção, o que considerava grande crime, porque a prescrição não aproveitava à desobediência; portanto, manda-lhes obedecer à igreja de Braga, como os demais clérigos da diocese, sob pena de confirmar a sentença que contra eles desse o dito arcebispo.

30-06-1225: O arcebispo D. Estêvão confirma, em Braga, o estatuto ou determinação que neste mês tinha feito, em Guimarães, o Prior do Mosteiro de S. Torcato, D. Martinho, assinando aos religiosos para seu vestido e para pitanças, quando enfermos ou cansados (*minuti*), a décima parte das rendas que o mosteiro possuía fora do couto. — Vid. *Vimaranis Monumenta Historica*, doc. 207, fl. 193.

12 de Julho de 1262: Alvará de El-rei D. Afonso III, em Guimarães, passado a Pedro Nunes, prior de S. Torcato e ao seu convento, concedendo-lhe a jurisdição no couto de S. Torcato e a faculdade de nomearem juiz, quem e quando quiserem.

22-02-1282: O arcebispo de Braga, D. Frei Telo, lançou neste dia a primeira pedra para a fundação da igreja do segundo convento de S. Francisco, que foi fundado no sítio em que estava o denominado Hospital do concelho, em razão de ser administrado pelo “governo” da vila. Crê o padre Caldas que este hospital ficava fora dos muros da vila, ocupando um lugar muito provável entre a Fonte dos Passarinhos e a igreja de S. Dâmaso, e não dentro dos mesmos muros, a norte da Torre Velha, como opinam alguns escritores, que fazem fundado o referido hospital no sítio em que assenta o recolhimento das Beatas do Anjo, se é que não consideram este o mesmo edifício. Estiveram também presentes o bispo D. Fernando e o mestre-escola D. João Fernandes, ambos da Sé de Tui, D. Domingos Esteves, arceidiago de Braga, D. Pero Nunes, prior de S. Torcato, o D. Prior de Roriz e outros eclesiásticos e seculares de muita autoridade. — *História Seráfica da Província de Portugal*, por fr. M. da Esperança, liv. 1.º, cap.43.

29-09-1282: Foi confirmada (por el-rei?) a eleição de Durando Anes para Prior do mosteiro de S. Torcato. – Arquivo Nacional, gav. 19, maço 14, n.º 2. – Torre do Tombo, Liv. 1.º dos Padroados, fl. 206.

14-03-1289: confirmação régia da eleição de Durando Anes para prior do mosteiro de S. Torcato. — Liv. 1.º dos Padroados, fl. 209.

16-04-1294: Composição entre o Cabido de Braga e D. Durando Anes, prior do mosteiro de S. Torcato, feita em Braga, pela qual o mosteiro não pagaria taxaço ao cabido, mas sim dativa e mortuária, ficando o capelão obrigado a mandar anualmente a relação das mortuárias. — Vimarani Monumenta Historica, doc. 283, fl. 370.

09-02-1349: João Domingues, filho de Domingos de Vila Cova e de Luisa Pais, Lourenço Domingues, Maria Joanes, João do Casal e Maria Joanes (outra?) fazem doação do direito que tinham no padroado da igreja de S. Romão de Rendufe a Lourenço Martins, prior, e a seu Mosteiro de S. Torcato. — vide 2-02-1350.

02-02-1350: Pero de Cernado, da freguesia de S. Romão de Rendufe, Marinha Domingues, Domingos Peres, filho daquele, Domingas Domingues, sua mulher, Marinha Domingues, filha de Domingos Esteves da Lama, Senhorinha Domingues, sua irmã, Antoninho Peres, neto de Domingos da Lama, João Linhares, abade de Queimada, João Esteves, de Travassós e Pero Esteves, clérigo, dão a Lourenço Martins, prior de S. Torcato, e a seu convento o direito de padroado que tinham na igreja de S. Cosme da Lobeira e confirmam-lhe o padroado da igreja de S. Romão de Rendufe. — Vide 9-11-1349.

21-10-1357: Carta de El-Rei D. Pedro I, dada em Coimbra, confirmando ao prior e convento de S. Torcato todos os seus privilégios, foros e liberdades que lhes foram dados e confirmados pelos reis seus antecessores, e de que sempre usaram até à morte de El-Rei seu pai.

24-12-1387: Carta de el-rei D. João I, dada em Braga, confirmando todos os privilégios que até à morte de el-rei D. Fernando, seu irmão, pertenciam ao mosteiro de S. Torcato. É esta a sétima carta dos privilégios do dito mosteiro e seu couto.



25-12-1387: É dada em Braga, por el-rei D. João I, carta de privilégios ao mosteiro de S. Torcato. — Liv. de D. João I, fl. 178.

31-03-1390: O arcebispo D. Lourenço visita o mosteiro de S. Torcato e, na respectiva carta, admoesta, sob pena de excomunhão, aos moradores de 29 freguesias, sc: S. Torcato, Gominhães, Salvador e Santa Maria (2) de Souto, Prazins e Sta. Eufémia (2), Corvite, S. Lourenço de Riba de Selho, S. Fraústo, Tagilde, Infantas, S. João das Caldas, Matamá, S. Romão e Santa Cristina (2) de Arões, Golães, Paços, Travassós, Vila Cova, Serafão, Freitas, Gonça, Santa Logriça de Sixto, Rendufe, Lobeira, Atães, Caíde, Mesão Frio, S. Nomedo [Mamede], a assistirem, segundo o antigo uso e costume, à missa e à pregação que, na terceira sexta feira da Quaresma, vinha fazer na igreja do mosteiro um frade do convento de S. Francisco de Guimarães. — Pergaminho 172 da Colegiada.

27-11-1403: Carta régia, dada em Lisboa, confirma a eleição do prior do mosteiro de S. Torcato, João Anes. — Chancelaria de D. João I, liv. 2.º, fl. 199.

26-04-1410: O arcebispo D. Martinho visita o mosteiro de S. Torcato e a requerimento do prior do mesmo D. frei João Anes, manda trasladar a carta de visitação do seu antecessor D. Lourenço de 31 de Março do ano de 1390 (vide).

24-04-1425: Sentença do arcebispo D. Fernando da Guerra, dada em Braga, decidindo que a igreja de S. Cosme de Lobeira ficasse anexa *in perpetuum* ao Mosteiro de S. Torcato, conforme o julgamento que em tempo fez o vigário geral do arcebispado D. Guilherme, confirmado pelo arcebispo D. Lourenço, mas tendo efeito só pela vacatura que se desse depois desta sentença porque ele, arcebispo, tinha confirmado e instituído canonicamente João Anes Albernaz, abade desta igreja, por óbito do último abade, Gil Esteves, apresentado pelo prior e convento de S. Torcato. — Pergaminho n.º 224 da Colegiada.

27-11-1433: Carta de el-rei D. Duarte confirmando todos os privilégios do mosteiro e couto de S. Torcato. Liv. 1.º. D. Duarte, fl. 137.

15-12-1450: São concedidos, em Santarém, privilégios ao mosteiro de S. Torcato.

24-08-1451: Foi apresentado prior do Mosteiro de S. Torcato, vago por óbito de Luís Domingues, Álvaro Gil, familiar da rainha-mãe falecida e actualmente servidor da Condessa de Arraiolos, parenta de el-rei. — Torre do Tombo, liv. 1.º dos Padroados, fl. 105 v.º.

19-07-1474: Bula de Xisto IV, datada em S. Pedro de Roma suprimindo o Mosteiro de S. Torcato, de que era comendatário João de Barros, cónego da sé de Braga, e que já há muito não tinha prior nem cónegos, e o uniu e incorporou no Cabido de Guimarães, e bem assim as igrejas de Santo André de Tolões e de S. Gens de Montelongo (que também tinham sido mosteiros), que o mesmo cónego tinha anexas, em sua vida, ao seu canonicato. Esta união foi feita pela renúncia do dito mosteiro e igreja, dada perante a Sé Apostólica pelo bispo de Ceuta, D. João, como procurador do referido cónego, em atenção ao diminuto rendimento da Colegiada, que se compunha de chantre, tesoureiro, mestre-escola, 30 cónegos prebendados e 25 clérigos do coro. — Pergaminho n.º 310 da Colegiada. — Outorga do arcebispo D. Luís, por alvará de 10-07-1475

13-10-1474: Alvará, passado em Santarém e assinado por Rui Gomes de Alvarenga, doutor em leis, cavaleiro, conde palatino, do conselho de el-rei e seu chanceler-mor, concedendo o beneplácito régio à bula do Papa Xisto IV que suprimiu o mosteiro de S. Torcato e o uniu e incorporou no cabido de Guimarães e bem assim as igrejas de Santo André de Tolões e de S. Gens de Montelongo.

01-11-1474: O cónego Martim Lourenço Riconado, como procurador do cabido, toma posse da igreja de Santo André de Tolões, e o cónego Pedro Afonso, também procurador do Cabido, toma posse da igreja de S. Gens de Montelongo; e, no seguinte dia 2, tomou posse do Mosteiro de S. Torcato o tesoureiro-mor Afonso Peres de Freitas; cujo mosteiro e igrejas haviam sido unidas à mesa capitular por Bula de Sixto IV, de 19 de Julho de 1474. — Pergaminho n.º 313 da Colegiada.

05-11-1474: Carta do duque de Bragança e Guimarães, escrita na vila de Chaves, mandando conservar o cabido de Guimarães na posse dos mosteiros de S. Torcato, S. Gens e Tolões.



28-02-1501: Carta de el-rei D. Manuel I mandando aos cónegos de Guimarães trasladem para a igreja Colegiada o corpo incorrupto de S. Torcato. Não o realizaram, pela oposição dos povos daquela freguesia e circunvizinhas. NB: A carta é datada de 28, e não de 8, como noticiaram alguns jornais vimaranenses.

15-10-1507: O arcebispo de Braga manda aos seus visitadores não continuem a constranger os capelães e curas das igrejas de S. Torcato, S. Gens e Tolões a mostrar cartas de curas passadas pelo seu provisor, porque o Cabido de Guimarães, segundo a bula que lhe anexou as ditas igrejas, pode pôr nelas quem as cure sem precisar de tais cartas.

01-05-1538: “No ano de 1538 chegou à Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira um monge, prelado na Espanha, homem de autoridade, e se ofereceu para pregar na dita igreja o 1.º de Maio e, vendo que toda a gente concorria para a igreja de S. Torcato, por ser sua festa neste dia (1), e estar distante da vila só “meia légua”, disse então do púlpito para aquela gente, estava enganada em cuidar que S. Torcato estava enterrado nesta terra: ao que os assistentes fizeram grande rumor; acudiu o chantre Mateus Peixoto, que estava no coro e, chegando ao púlpito, disse: “Reverendo padre, nesse lugar não se pregam mentiras, descei-vos daí e não digais mais palavra”, e ele desceu mal reputado. — E para que este dito do espanhol não fizesse e causasse espanto de novidade nos povos, vai o Cabido com o povo em procissão com ladainha ao Mosteiro de S. Torcato, a primeira sexta-feira de Setembro em todos os anos, a qual procissão anuncia o chantre do púlpito a domingo antecedente, em que iam abrir o sepulcro de S. Torcato, para mostrar que o pregador espanhol se enganara e não falara verdade. Abriu-se o sepulcro e o santo esteve todo o dia patente a quem o quis ver. O corpo estava inteiro, com uma vestimenta branca franzida pelo pescoço como de estamena, tinha uma mitra na cabeça de tabi branco, um báculo de pau ao pé e cruz de pau sobre o peito; depois de estar exposto e visto por todo o povo, o tornaram a encerrar no sepulcro, aonde está e onde tem Deus obrado muitos milagres.”— Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães, pelo padre Torcato Peixoto de Andrade, cap. 100.

20-10-1547: O dr. Manuel Ferreira, visitador do arcebispo, faz visitação à paroquial igreja de S. Torcato e faz idêntico acto no ano de 1548, mas em dia e mês ignorados.

24-11-1549: Pelo visitador de Braga, Álvaro Revelhão, é visitada a paroquial de S. Torcato. Esta igreja também nos anos de 1550, 1551 e 1551 [sic] (mas em dias desconhecidos) foi visitada pelo visitador André Ferreira.

10-11-1565: Neste dia foi feita visitação à igreja de S. Torcato por ...(?) [sic]. — Nos anos de 1568 e 1576 (não sei dias, nem meses) foi a mesma igreja visitada pelo arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

11-11-1572: O arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, por despacho desta data, ordena ao seu provisor e à relação que deem provimento, “como parecer serviço de Deus”, ao requerimento do Cabido de Guimarães, em que este, expondo que por costume antigo ia com o povo da vila em procissão no dia 6 de Maio à igreja de S. João de Ponte e na 1ª sexta-feira de Setembro à igreja de S. Torcato, e como tais distâncias eram grandes, o que era motivo de irem poucas pessoas eclesiásticas e seculares, pedia lhe fossem comutadas as ditas procissões, aquela para a ermida de N. Senhor. da Conceição e esta para a de N. Sra. co Chamiço (da Madre de Deus); a relação proferiu o seu acórdão, concedendo o pedido, mas sem data.

18-06-1580: “Mandaram comprar os senhores do Cabido duas pescadas e dois rui-vos, que mandaram ao arcebispo a S. Torcato, que custaram 390 réis”. — Arquivo da Colegiada.

04-01-1606: Em vereação: Foi resolvido que o juiz de fora fosse à Quinta de Poveiras, em S. Torcato, que era do cónego Cosme de Meira [verificar] uma tomada há pouco feita e [ficando] tapada a estrada pública que vai de Guimarães para Gonça, etc.

18-08-1606: No mosteiro de S. Francisco, no taburno da confraria de S. Francisco que é da invocação de Nossa Senhora do Ó e do bem-aventurado S. Torcato e Santo André, a confraria de Nossa Senhora do Ó fez um prazo, etc.

02-06-1613: Toma posse o 2.º cónego magistral, licenciado João do Vale de Azevedo ou também João do Vale Peixoto; foi comissário do Santo Ofício, ouvidor do Couto de S. Torcato e vigário geral do isento da Colegiada.

28-12-1617: O Cabido delibera eleger um capitão que ordenasse a gente dos coutos da Colegiada, que pudesse pelejar, que eram os de: S. Torcato, Moreira de Cónegos, Codeçoso e Moreira de Rei, para que possa acudir à defesa desta pátria, quando



os mouros, turcos e outros infiéis pretenderem nela entrar, ou nas terras vizinhas, e que o mesmo que for eleito será capitão dos caseiros do D. Prior e dele Cabido, que eram privilegiados para não irem a guerras, e porque se esperava a entrada dos infiéis em Vila do Conde, Azurara, Matosinhos e outros portos elegeram. Braz de Meira Peixoto, morador nesta vila, capitão dos ditos coutos, que logo aceitou e jurou.

19-09-1627: Morreu o licenciado João do Vale de Azeredo, que também assinava João do Vale Peixoto, Cónego magistral (foi o 2.º), cujo benefício resignou no também licenciado Francisco de Freitas, que tardou em ir servir a igreja. Foi comissário do Santo Ofício, ouvidor do couto de S. Torcato pertencente à Colegiada e vigário geral da mesma.

23-10-1627: O Corregedor e a Câmara dividem pelo termo e comarca as armas seguintes: — A Guimarães e termo: 35 mosquetes, 140 arcabuzes e 265 piques; Abadim: 1 mosquete, 10 arcabuzes e 10 piques; Amarante: 6 mosquetes, 20 arcabuzes e 15 piques; Chaves? 6 mosquetes, 20 arcabuzes e 20 piques; Roças: 2 mosquetes, 10 arcabuzes e 10 piques; Ribeira de Pena: 6 mosquetes, 20 arcabuzes e 20 piques; Vila Pouca de Aguiar: 12 mosquetes, 60 arcabuzes e 30 piques; Felgueiras: 10 mosquetes, 40 arcabuzes e 60 piques; Vieira: (a) 4, 10 e 15. Ribeira de Soajo e Parada de Bouro: 5, 15 e 20; Vila Boa de Roda: 1, 6 e 5; Lindoso: 9, 30 e 20; Gestaçô: 6, 20 e 20; Ovelha: 1, 3 e 5; Monte- Longo: 10, 40 e 20; Gouveia: 4, 20 e 20; Santa Cruz: 14, 50 e 50; Unhão: 6, 20 e 5; S. João de Rei: 1, 5 e 5; Canaveses: 2, 10 e 15; Tuias: 1, 3 e 5; Ronfe: 0, 7 e 10; S. Torcato: 0, 6 e 5; Celorico de Basto: 15, 15 e 40; Cerva: 2, 20 e 10; Atei: 2, 20 e 10; Mondim: 2,20 e 10; Arnelo: 2, 20 e 10. Devem ser 200,800 e 800 (só os mosqueteiros é que estão certos).

26-11-1629: O Cabido e o vigário geral elegeram capitão de todos os privilegiados de livro das Tábuas Vermelhas e dos 4 coutos da sua igreja (S. Torcato, Moreira de Cónegos, Codeçoso e Moreira de Rei) a Pedro Vieira da Maia cavaleiros fidalgo da casa de S. M., alcaide-mor e capitão-mor que foi nas partes da Índia, “para que em qualquer tempo que houver rebate de inimigos nos portos circunvizinhos possa acudir com os ditos privilegiados a defender esta Nossa Pátria e Igreja a que nós com nossas pessoas e familiares acudiremos por ser grande serviço de Deus e de el-rei Nosso Senhor”, etc., foi-lhe deferido o juramento pelo chantre presidente.

22-06-1636: O doutor Rui Gomes Golias, cónego mestre-escola da nossa Real Colegiada, indo com mais alguns cónegos examinar o corpo de S. Torcato, arranca com os dentes um tornozelo ao mesmo santo.

20-05-1637: O arcebispo de Braga, D. Sebastião de Matos e Noronha, vindo visitar o corpo incorrupto de S. Torcato, não conseguiu vê-lo por oposição do povo, que julgava que o prelado desejava conduzir esta relíquia para a sua sé.

14-07-1637: Conclui-se o antigo túmulo de pedra, onde até 1805 esteve o corpo de S. Torcato. Devia ser neste dia que o cónego mestre-escola, Rui Gomes Golias, arrancou o tornozelo ao santo, porque neste dia abriu-se o anterior túmulo, sob a sua presidência. — Vide o meu livro 5º, Col., fl.8

30-09-1641: O Cabido de Guimarães requer ao de Braga sede vacante para que seja posto silêncio na causa que o promotor da mitra interpusera contra o mestre-escola, arcipreste e outros cónegos, vigário de S. Torcato e notário Diogo da Barca, por abrirem a sepultura do dito Santo, em 1637, cuja causa estava parada.

03-10-1641: Provisão do Cabido de Braga, sede vacante, mandando, a pedido de Guimarães, pôr perpétuo silêncio na causa que contra alguns cónegos de Guimarães e vigário de S. Torcato, corria sobre a abertura que em 1637 fizeram da sepultura de S. Torcato.

29-03-1649: Falece o Dr. Rui Gomes Golias, filho de Ambrósio Vaz Golias e de Inês de Guimarães, da casa da rua dos Fornos, Lamelas. Foi o 7.º cónego mestre-escola da Colegiada e o que, indo com muitos outros cónegos, notário apostólico, etc., em 1637, fazer a abertura do túmulo de S. Torcato, arrancou um tornozelo ao mesmo Santo, cuja relíquia se guarda no tesouro da Colegiada.

21-12-1662: Solene procissão de trasladação da relíquia, tornozelo, de S. Torcato, que o cónego mestre-escola dr. Rui Gomes Golias trouxera em 1673 quando, com outros capitulares, foram guarnecer de pedra o sepulcro do Santo, cuja relíquia o dito cónego deixara a suas sobrinhas Inês de Guimarães, Catarina Golias e Luísa de Guimarães, que a entregaram ao D. Prior. A procissão saiu da capela do Menino Jesus para a Colegiada, acompanhada pelo D. Prior e clero da sua jurisdição, cabido, câmara, autoridades, religiões de S. Domingos e S. Francisco, nobreza, que tomou



as varas do pátio, capela e música da Colegiada, as costumadas danças e muito povo. Na Colegiada, houve missa solene em que orou o padre prior de S. Domingos, terminando a solenidade com dar a beijar a relíquia a todos os assistentes.

04-06-1685: O arcebispo de Braga, estando em Guimarães, concede licença ao Cabido da Real Colegiada para procurar nas paredes da igreja paroquial de S. Torcato, anexa ao mesmo Cabido, as relíquias de dez mártires que os antiquários diziam ali acharem-se, cometendo ao cónego mestre-escola, Domingos Pinto de Araújo, “que individualmente faça os actos nestas ocasiões costumados com a circunspecção e madureza que nestes casos encomendam os livros que tratam deles”.

17-11-1685: São solenemente conduzidas para a Colegiada numerosas relíquias de santos, encontradas nas paredes do antigo mosteiro de S. Torcato; já há muitos anos que não existem na Colegiada.

14-07-1691: O D. Prior, D. Pedro de Sousa, visita, no espiritual e temporal, a Colegiada. Na carta da visitação, que contém 30 artigos providenciais, assinada a 18 de Agosto de 1691, o artigo 12 é como segue: Louvamos muito o costume que nesta igreja há-de acompanhar o Cabido a imagem de Nossa Senhora da Lapinha e S. Torcato quando vem de clamor a esta Colegiada, porém para evitarmos os inconvenientes que se nos representaram, mandamos que daqui em diante, ao sair dos clamores desta igreja, o Cabido, com pena de suspensão as não acompanhar mais que até a entrada da Rua de Santa Maria como era antigo costume.

27-07-1723: É feito o tombo com a medição e descrição da igreja paroquial de S. Torcato. — Arquivo da Colegiada.

28-01-1727: Provisão de el-rei D. João V pela qual, a pedido do Cabido de Guimarães, manda copiar da Torre do Tombo uma provisão de el-rei D. Afonso V que confirma os privilégios e mercês do mosteiro de S. Torcato, anexo à Colegiada.

18-03-1748: “Pedro Pedro Sem” (sic), cavaleiro professo do hábito de Cristo e nobre cidadão dos da Governança da cidade do Porto, comprou por seu procurador e por escritura na nota de Manuel Pereira da Silva, a propriedade de Grilé, em S. Torcato, por 5 mil cruzados.

21-07-1759: Sentença, dada em Amarante pelo corregedor de Guimarães, para que o vigário de S. Torcato não continue a impedir que o juiz e câmara do Couto se sentem no banco particular ao arco da igreja, defronte de onde ele vigário faz estação.

15-06-1760: Decreto do arcebispo de Braga ordenando ao pároco de S. Torcato que dê cumprimento à sentença que o Cabido de Guimarães obteve, como donatário do couto da dita freguesia, contra o mesmo pároco, por este não querer consentir na igreja que a câmara do couto se sentasse o banco defronte de onde ele fazia estação, conforme a antiga posse.

22-06-1761: O Cabido, como donatário do Couto de S. Torcato, nomeia a António de Sousa de Araújo e Meneses para ouvidor do mesmo couto.

10-12-1761: Os moradores do couto de S. Torcato fazem uma procuração, não declarando nela fim especial.

27-03-1762: Sentença de agravo, dada na Relação do Porto, pela qual se mostra que o ouvidor do couto de S. Torcato pode conhecer de agravos.

31-01-1767: O D. Prior, Paulo de Carvalho e Mendonça, escreve de Lisboa ao seu Cabido, agradecendo a oferta que lhe fez da apresentação da igreja de S. Torcato, recusando-se não só a aceitá-la, mas recomendando-lhe que a desse a um padre que a servisse bem, que fosse exemplar, e não como o provimento do antecedente, a quem foi dada por 85 moedas, porque lhe constava que para o de agora já havia votos com promessas, o que era uma simonia real; também remeteu um memorial dos capelães do coro para ser considerado em cada Cabido como determinava o estatuto.

01-11-1795: Nasce no lugar de Bugalhós, freguesia de Mascotelos, Plácido António de Abreu, barão de S. Torcato, título que lhe foi concedido por decreto de 22 de Outubro de 1851. Faleceu no Porto a 15 de Agosto de 1852. Dicionário Histórico, v. 6. fl. 739.

05-10-1796: Provisão concedendo licença para laboração e aumento da fábrica de sola e bezerros que em S. Torcato estabeleceram Domingos Mendes e irmão Manuel Mendes, e concedendo privilégios de armas reais, etc.



26-08-1804: Portaria do arcebispo D. frei Caetano Brandão nomeando o desembargador da relação eclesiástica de Braga, Ignacio José Peixoto, para procurador da diligência relativa ao exame sobre os milagres do glorioso S. Torcato, a fim de se fazer, como fez em 30 de Junho de 1805, a solene elevação do mesmo santo, para ficar ao culto dos fiéis, em contínua exposição.

03-09-1804: O Cabido escreve ao desembargador da relação eclesiástica de Braga, procurador da diligência para exame aos milagres de S. Torcato, remetendo-lhe a resposta aos queixosos sobre diversas investigações, a fim de fazer a elevação e exposição do mesmo santo.

17-06-1805: O abade de Santo Tirso de Prazins, António Lopes Paulo, comissionado pelo provisor de Braga, preside à abertura do sepulcro de S. Torcato e exame do corpo do mesmo santo, a fim de, em 30 deste mês, ser posto em exposição pública, a que assistiram: Manuel José Vaz, cónego e vigário geral da Real Colegiada, Manuel Lopes Martins de Macedo, beneficiado em S. Gens e vigário de S. Paio de Guimarães, José Bento Ribeiro, juiz do couto de S. Torcato, com sua câmara, procurador José Martins e escrivão José Leite Duarte e outros. — O túmulo foi aberto pelos pedreiros Francisco José de Castro, da freguesia de S. Torcato, e Manuel Domingues, da freguesia de S. Sebastião de Guimarães. — O exame foi feito pelo doutor Miguel Rebelo, médico de Guimarães, que descreve o estado do Santo Cadáver da seguinte forma: — “Os ossos que formam a cabeça, todos se acham unidos por meio das suas suturas e músculos; no rosto, as maxilas se acham unidas ou articuladas nas suas próprias articulações, e os dentes da mesma sorte, à excepção do superior que se não acha no peito; as costelas estão unidas nas suas próprias cavidades; no pescoço, se acham destruídas as partes musculosas e desarticuladas as vértebras cervicais, aonde se divisa uma rotura grande que se pode conjecturar, conforme a tradição, que seria a parte aonde sofreu o martírio; no braço direito, o osso úmero se acha articulado e destituído de músculos, e os dois ossos, cúbito e rádio, e toda a mão, se acham articulados e todos os dedos com suas unhas à excepção do pólex, que lhe falta; o mais corpo e pernas se acha em parte desorganizado e a perna direita se acha articulada e destituída de músculos; e todo o mais restante do esqueleto se acha sem músculos, mas com todos os seus próprios ossos.” — (anotação na margem: “É preciso ver o processo no arquivo do Cabido”).

26-06-1805: Neste dia é trasladado do sepulcro para o altar em que no dia 30 deste mês havia de ser solenemente exposto à veneração dos fiéis, o corpo de S. Torcato, fazendo-se no auto de exame do corpo (vide a 17 deste mês) a declaração (escrita por Pedro Inácio Rodrigues Costa, escrivão da câmara eclesiástica de Braga) seguinte: “que na mão em que se diz que faltava o dedo pólex se achava este unido debaixo do outro dedo, de modo que está a mão perfeita, assim como a outra do braço esquerdo, que também se acha perfeita com os cinco dedos”. Esta declaração foi assinada pelo abade de Santo Tirso de Prazins, António Lopes Paulo, comissionado pelo provisor de Braga para presidir ao exame e mudança do santo, padre Tomás Francisco da Silva, vigário da freguesia, padre Manuel Monteiro Viegas, cura da mesma, António Vaz de Melo Nápoles e Filipe Nery de Freitas, ambos de Guimarães. — É de estranhar que no auto e nesta declaração não se note a falta de um tornozelo do santo, que se guarda na Real Colegiada, apesar de ser um dos quesitos do processo para a referida solenidade.

30-06-1805: Solene exposição ao público do corpo de S. Torcato, que até esta data existia encerrado num túmulo de pedra na capela de Santa Catarina, contígua à igreja do mosteiro do mesmo santo, e é trasladado para um altar na mesma capela, com assistência do arcebispo de Braga, D. frei Caetano Brandão, Cabido e autoridades de Guimarães, etc., sendo orador nesta solenidade o franciscano frei Manuel Luís da Conceição, leitor de teologia e filosofia. O Cabido, como padroeiro da igreja de S. Torcato, oferece neste dia na Casa de Gilde, um lauto jantar ao arcebispo, em que tomaram parte diversas pessoas, o qual custou 340\$660 réis sendo uma grande parte da importância de doce para a sobremesa.

11-10-1806: Provisão de D. João VI aprovando os estatutos da irmandade de S. Torcato e dando à mesma toda a ingerência na administração das obras [e] na distribuição das esmolas do Santo, ficando assim prejudicada a pretensão do cabido de Guimarães, padroeiro da sua igreja.

11-04-1811: Por sentença em julgado, proferida pelo corregedor de Guimarães, obtém a irmandade de S. Torcato a isenção da jurisdição paroquial. E. R e P. – 17 de Julho.



29-11-1824: Provisão de D. João VI, da resolução tomada em consulta da mesa do Desembargo do Paço tomada a 22 deste mês, em que não só concede se faça a transladação de S. Torcato para o novo templo, mas autoriza a demarcação do terreno e cede do que for caminho em favor da obra.

07-03-1825: Principiaram as obras para a nova igreja de S. Torcato (pelo risco do architecto vimaranense Luís Inácio de Barros Lima – J. L. de F.) que se reduziram à capela-mor ainda existente que, afinal, não se aproveitou, em virtude do risco que se está executando e é de L. Bohnfledt [Bohnstedt], architecto alemão.

09-04-1825: Compareceu na freguesia de S. Torcato o doutor provedor da comarca, José António de Almeida, com a sua alçada, e, na presença da mesa da irmandade do santo, nos Penedos de Maria do Monte Maio, demarcou um quadrilongo que tem de norte a sul 194 varas e de nascente ao poente 88 varas, e deste terreno empossou a mesa, à vista do que determinava a provisão régia de 29 de Novembro de 1824, para a construção de uma nova igreja.

30-01-1826: Provisão confirmando o estabelecimento da fábrica de curtume de couro de casca e sumagre de José Gomes e filho João Gomes Guimarães, no lugar da Corredoura, freguesia e couto de S. Torcato, concedendo-lhe os respectivos privilégios.

07-01-1834: Por sentença do Corregedor, em execução do decreto de 29 de Novembro de 1830 e 28 de Junho de 1833 são extintos os Coutos de Ronfe e S. Torcato e unidos a Guimarães

24-03-1834: Saiu a força que tinha vindo de Santo Tirso nesta mesmo dia de manhã, e foi pernoitar em S. Torcato, recolhendo outra vez a esta vila no dia seguinte. P.L.⁶

25-03-1834: Marcham outra vez daqui para Santo Tirso os lanceiros realistas que de lá tinham vindo no dia antecedente. Da tarde saiu outra vez a força de infantaria para as partes de S. Torcato, em observação do Barão de Vila Pouca e da força que ele comandava. P.L.

6) As efemérides indicadas com a sigla PL foram colhidas por João Lopes de Faria nos livros de lembranças (diário manuscrito) do Cônego José Pereira Lopes de Lima, que cobrem o período de 1819 a 1835.

28-04-1834: Tinha sido nomeado juiz do Couto de S. Torcato José António de Faria, e procurador Manuel de Matos Peixoto — Câmara do Couto de Ronfe conservada por aderir à rainha. No seguinte dia 29 ainda câmara em Ronfe do Usurpador. — Admin. do Concelho — Vide 7 de Janeiro de 1835.

15-05-1834: Foi mandado arrancar dos livros das câmaras de S. Torcato e Ronfe as páginas em que estavam exarados os autos da aclamação de D. Miguel. — Administração do Concelho — Vide em outra página ou folha.

07-01-1835: Sentença do corregedor desta comarca unindo ao concelho de Guimarães os dois coutos de Ronfe e S. Torcato, dando assim execução aos decretos de 29 de Novembro de 1830 e 28 de Junho de 1833, ficando extintos.

17-02-1839: Toma posse da paróquia de S. Sebastião o padre Francisco Souto, prior de S. Torcato, nomeado pelo Governo, por vacatura do vigário antigo, sendo expulso o padre José Mendes que a curava há cinco anos, como futuro sucessor do defunto vigário, tendo melhores virtudes religiosas e morais. P.L.

20-03-1839: O egresso José Mendes, da rua de Couros, recebeu um decreto, pelo qual a Rainha o nomeia cavaleiro da Ordem de Cristo, por ter servido de graça como coadjutor da freguesia de S. Sebastião desta vila, tendo sido substituído pelo Prior de S. Torcato, Pe. Francisco Souto. “Assim foi indemnizado um Egresso que tinha jus a ficar Pároco de uma Igreja que tinha servido de graça cinco anos, e a quem por todo o direito pertencia!...” P.L.

19 de Julho de 1841: Faleceu, na sua casa da praça de S. Tiago, José Bento Ribeiro que muitos anos residiu na sua Quinta de Agra, freguesia de S. Torcato, que de lá veio viver com sua família. Foi sepultado no dia seguinte na igreja das Capuchinhas. Era pai do cónego José Bento de Agra.

27-03-1846: “Marchou desta vila para S. Torcato o destacamento de infantaria 8 que aqui se achava, em consequência das mulheres daquela freguesia terem apedrejado um empregado da administração que ali tinha ido para fazer cumprir as ordens do sub-provedor da Saúde acerca do enterramento de uma mulher. À chegada do destacamento, as mulheres continuaram a dar pedradas, em consequência do que os soldados chegaram a fazer fogo, sendo ferido um rapaz.” P.L.



27-03-1846: Os povos de S. Torcato, tendo aí uma força do destacamento de infantaria n.º 8 estacionado em Guimarães que ali fora com um oficial da administração do concelho para os obrigar a cumprir a lei sobre os enterramentos nos cemitérios ou adros, amotinaram-se chegando a apedrejar a força, que viu-se obrigada a dar alguns tiros.

01-05-1846: Saiu uma força do regimento de infantaria n.º 13 em direcção de S. Torcato, pelas 3 horas da manhã, que aqui tinha entrado no dia 29 do mês passado. Desta coluna ficou na vila a cavalaria, continuando o sossego na mesma com as autoridades antigas, vindo os regedores e os povos entregar bastante armas ao administrador do concelho, das que os revoltosos tinham tirado aos soldados e aos cabos de polícia. PL

04-05-1846: O tenente-coronel José Maria da Fonseca Moniz marcha a toda a pressa, com a restante força do 6 de infantaria, a socorrer parte do 13 que, perseguido pelos populares, retirava dos lados de S. Torcato, debaixo de um vivíssimo fogo. Avança até à Cruz da Argola e consegue repeli-los e batê-los, quando já estavam prestes a aprisionar, na Arcela, a força que vinha em retirada. Os soldados do 6 continuam a persegui-los, estendendo-se até à Portela, e regressam a Guimarães, trazendo consigo alguns dos populares, vindo dois destes armados de machados. P.L.

05-07-1846: “Deram um tiro em um romeiro, natural da Isabelinha, que tinha vindo e mais sua família à romaria de S. Torcato, do qual morreu logo, e isto por meia canada de vinho que ele dizia ter pago e o vendeiro dizer que não, sendo este o que lhe deu o tiro. Não foi desta vila a justiça tomar o corpo de delito por não estar em acção e ter medo. O assassino foi um sujeito que tinha sido caixeiro do Aguiar. Nesta romaria houve muitíssima porrada.” PL

04-11-1846: Ainda vieram a esta vila alguns homens armados da freguesia de S. Torcato, os quais, por não serem precisos, voltaram outra vez para suas casas. P.L.

23-06-1847: “De tarde saiu desta vila a Patuleia, composta de alguns voluntários de Fafe e desta vila, na direcção de S. Torcato. O Visconde também se retirou, acompanhando-os até ao Sabugal e depois para fora desta vila. Esta retirada do Visconde de Azenha e mais os voluntários, foi em consequência de terem a notícia de ter chegado uma divisão de espanhóis a Fafe. Logo depois que se retirou a Patuleia, apareceu o

antigo administrador do concelho, João Cardoso (cartista), assim como outros indivíduos cartistas que estavam homiziados. Já depois de chegar a notícia à vila de que tinham chegado os espanhóis à Cruz da Argola, passou pelo Toural “O Manco” da Senhora da Oliveira (ferrador e regedor da Patuleia) e vendo-o o Faria, escrivão de Braga, que estava homiziado nesta vila, o seguiu até S. Domingos (ia para o Porto) e lhe deu dois tiros de pistola, escapando-se milagrosamente. Este patuleia era um malvado que se tinha feito muito célebre desde a Maria da Fonte. P.L.

10 de Julho de 1847: Foi preso um desertor e ultimamente voluntário do batalhão desta vila (patuleia) armado, lá para os Capuchos. Quem o prendeu foi um caçador do nº 1. Foi preso pelas 3 horas da tarde e às 6 horas foi chibatado na Loja dos Coutos levando tantas chibatadas que foi conduzido para o hospital, indo quase moribundo. Os patuleias ficaram aterrados com este castigo, estando reservado outro igual para aqueles que fossem encontrados armados. O infeliz era de S. Torcato. P.L.

09-01-1851: O padre Francisco Joaquim de Sousa Pereira (Subdevesa), pároco da freguesia de S. Torcato, por despacho deste dia foi indiciado no crime de ser um dos que, na noite de 7 para 8 de Dezembro de 1850, praticou o furto feito então na capela de S. Torcato. Joaquim de Sousa, morador na dita freguesia e João de Sousa, desta vila, irmãos do padre, e Jerónimo José Ribeiro, servo da capela de S. Torcato, todos 3 idem como o padre. O 1.º foi afiançado; e despronunciado por acórdão da Relação do distrito de 31 de Maio de 1852 e mandado cumprir por despacho de 30 de Junho de 1852; o 2.º e o 3.º foram despronunciados como o 1.º, e o 4.º foi absolvido em audiência geral de 2 de Dezembro de 1851.

30-06-1852: Neste dia dizia o “Periódico dos Pobres no Porto”: —“É tanto o povo que concorre à festa de S. Torcato, em Guimarães, que, se formos a avaliar pelas pessoas que vão desta cidade, Guimarães não tem capacidade para acomodar tanta gente.”

04-07-1852: Soleníssima trasladação do corpo de S. Torcato. — “O Periódico dos Pobres no Porto” disse, referindo-se a esta solenidade: “Foi majestosa a função que se fez a S. Torcato em Guimarães, no sábado 3 e principalmente no domingo 4. No sábado, percorreu as ruas da vila uma música de curiosos da terra, que mal podia transitar em consequência da grande multidão que andava por toda a vila. No domingo, fez-se a grande função de igreja e de tarde, pelas 4 horas, saiu o préstito do



antigo templo para a nova capela. À noite, houve fogo preso de vistas e do ar, e a competente música. As autoridades tinham tomado as medidas necessárias para que houvesse sossego e para isso estava ali um batalhão do 3 de infantaria e um destacamento de cavalaria 7: fizeram-se algumas prisões, pois que ali tinham acudido todos os gatunos desta cidade (Porto) e de outras partes, que tratavam de roubar caixas e lenços e quanto podiam surripiar.”

15-08-1852: Faleceu na cidade do Porto o vimaranense Barão de S. Torcato, Plácido António de Abreu, cujo título lhe foi concedido por decreto de 22 de Outubro de 1851. Nasceu a 1 de Novembro de 1795, no lugar de Bugalhós, em Mascotelos.

01-04-1853: Portaria do cardeal arcebispo de Braga, D. Pedro Paulo, concedendo licença à Irmandade de S. Torcato para colocar sacrário na nova capela do seu padroeiro.

15-05-1853: É pela primeira vez colocado em sacrário o Santíssimo Sacramento na nova capela igreja (sic no original) de S. Torcato.

04-10-1853: Em Henbach [Kleinheubach], com água da miraculosa fonte de S. Torcato de Guimarães, pelo bispo da Guarda foi ministrado solenemente o baptismo a D. Miguel II de Bragança.

01-02-1854: Na noite deste dia para o seguinte, morreu em casa de Manuel Joaquim Marques, na estrada de S. Cláudio do Barco, um indivíduo de nome Oliveira, da freguesia de S. Torcato, em razão de uma rixa que teve com o seu pároco (o célebre “Subdevesa”) devido a que, enquanto esteve no Brasil, a esposa cá o traiu com o dito prior. Fez-se o competente auto de delito e, em virtude dele, conheceu-se que tinha morrido de morte violenta, por se lhe descobrir os testículos genitais esmagados e o escroto ofendido.

16-02-1854: Por despacho deste dia, foi pronunciado sem fiança o prior da freguesia de S. Torcato, Francisco Joaquim de Sousa (Subdevesa), autor da morte de João de Oliveira Guimarães. Foi livre por acórdão da Relação do Porto em Dezembro de 1854. —Vide 9-III-1853.

24-02-1854: A Revolução de Setembro dá do Nacional o seguinte: — Pessoa que há dias chegou da província informa-nos que no princípio deste mês fora assassinado um brasileiro, chamado Oliveira, pelo abade de S. Torcato, próximo de Guimarães. Parece que o abade vivia em grande intimidade com a irmã do assassinado, e este, não querendo consentir na continuação de semelhante intimidade, caiu vítima da ferocidade do padre. A justiça tomou conhecimento do crime; houve auto de delicto e já se passou ordem de prisão contra a mãe e irmã do brasileiro, como cúmplices no assassinato. Consta-nos que se fazem os maiores esforços para se abafar este processo; mas acreditamos que o não hão-de conseguir: crime tão atroz não deve ficar impune.

06-07-1854: Domingo. — Cantou a missa em S. Torcato o D. Prior de Guimarães, D. José Francisco de Paula de Almeida.

01-06-1858: O bispo de Pequim, que estava desde há pouco nesta cidade e guardando rigoroso incógnito, vai em visita a S. Torcato, e aí por um seu criado é descoberto o incógnito.

26-12-1858: A mesa da irmandade de S. Torcato promove uma reunião de pessoas devotas e entendedoras, na sala do despacho da Ordem Terceira de S. Domingos, para com a dita irmandade ali reunida tratarem da modificação do santuário; foi deliberado que o antigo risco fosse alterado e nomearam para este fim uma comissão.

05-07-1863: Domingo. — Romaria de S. Torcato; houve sossego. Às 3 da tarde houve, no Eirado do Forno, grande desordem; não apareceu nem um só polícia.

06-01-1864: Houve duas missas novas, mui solenes: em S. Torcato, do padre Augusto de Ascensão Costa, da Cruz de Pedra, pregando o Padre Sebastião “minhoto” José Leite, jantar de 150 talheres; e na capela de Nossa Senhora da Conceição o Padre António “sargenta” Afonso de Carvalho, pregando o Padre José “mico” Leite de Faria Sampaio.

07-07-1867: Domingo da romaria de S. Torcato: em 1867, ofertas em dinheiro ao santo, 1:411\$500 réis; em 1889, idem, 3:476\$785 réis; em 1895, idem, 4:176\$490 réis; em 1901, idem, 5:093\$390 réis, afora o ágio; em 1907, idem, 5:110\$820 réis; em 1912, idem, 3:558\$290 réis.



24-02-1869: A Câmara, em sessão, autoriza a criação de feira quinzenal, aos domingos alternados, em S. Torcato, e anual, em três dias imediatos ao domingo da festa de S. Torcato. Aprovada a quinzenal pela Junta Geral mandou informar a Câmara. Esta, em 10-3-1870, modificou a deliberação, criando uma feira mensal no segundo domingo de cada mês, sendo esta deliberação aprovada pela Junta Geral em 11-5-1870. (Arq. da Câmara liv. 26 de Reg., fl. 108 e segs.)

30-08-1869: Acórdão da Junta Geral do distrito para se fazer feira anual em S. Torcato na segunda-feira depois do 1.º domingo de Julho. A Câmara, em sessão de 14 de Outubro de 1885, transferiu-a para o 3.º domingo de Maio.

11-05-1870: Acórdão da Junta Geral do Distrito confirmando a deliberação camarária de 10 de Maio de 1870, que criava um mercado mensal em S. Torcato no 2.º domingo de cada mês. A Câmara, em sessão de 14 de Outubro de 1885, mudou este mercado para a 1.ª sexta-feira de cada mês.

09-02-1870: Às duas horas da madrugada, foi derrubado o polígono que circundava a oliveira (e esta serrada, pouco mais de um metro acima do tronco) que se achava defronte do padrão de Nossa Senhora da Vitória. Este polígono havia sido reedificado em 1824 ou 1825 por 185\$440 réis, sendo plantada por essa mesma ocasião a oliveira que ora foi serrada, em substituição da original oliveira que, por ser mui frondosa, os vizinhos haviam feito secar. A primitiva oliveira, a que dera o nome a Nossa Senhora e à praça, diz-se que era uma que nos princípios do século XIV existia junto do antigo mosteiro de S. Torcato, para cuja lâmpada produzia azeite, e que, dali arrancada, viera para Guimarães. Plantada defronte da porta principal da Colegiada, secou e aí se conservou seca até 1342, ano em que Pero Esteves lhe colocou perto a cruz que se vê levantada debaixo do padrão de Nossa Senhora da Vitória. Quando estavam com a demolição, o ajudante da sacristia (era o meu pai) que ouviu o bater das alavancas, disse para o Cego, sineiro, que habitava em quarto pegado ao dele, na casa do sacristão, “Ó Zé, lá vai a oliveira c’os diabos”, e foi à torre tocar o sino a moribundos; os pedreiros, logo à primeira badalada, cuidando que ia tocar a rebate, fugiram, alguns deles adoecerem com o susto.

2-05-1870: Segunda-feira. Principiaram os trabalhos de construção do 1º lanço da estrada para S. Torcato.

04-10-1870: É aprovado pela Comissão de Viação o projecto da estrada desta cidade a S. Torcato.

30-10-1872: Portaria do Ministério das Obras Públicas concedendo à Câmara de Guimarães o subsídio de 1:578\$723 réis, terça parte do total arcado para a construção do lanço da estrada municipal de Guimarães a S. Torcato, situado entre Guimarães e Madre de Deus, no cumprimento de 2.220,62 m.

16-08-1876: A Câmara Municipal delibera exarar na acta da sessão um voto de louvor e agradecimento ao reverendíssimo Cabido pelo acto generoso de ceder gratuitamente, em favor do município, a importância dos laudémios devidos pelas expropriações feitas a António Ribeiro de Faria e outros para a construção da estrada de Guimarães a S. Torcato.

19-01-1877: Portaria do Ministério das Obras Públicas, concedendo à Câmara de Guimarães o subsídio de 1.367\$881 réis, equivalente à terça parte da quantia orçada para a construção do lanço da estrada municipal de Guimarães a S. Torcato situado entre o rio Selho e S. Torcato, no comprimento de 2.676,16 m.

01-07-1877: Domingo da romaria de S. Torcato. Esmolas ao santo, em dinheiro, além de cera e outros objectos: em 1877, 2.800\$000 réis; em 1888, idem, 3.082\$89 réis; em 1894, idem, 3.820\$545 réis; em 1900, idem, 4.719\$680 réis; em 1917, idem, 3.782\$820 réis e o ágio de 8 libras e meia em ouro; em 1928, 41.313\$600 réis, 42 libras, 1 moeda de 5\$000 réis e 70 gramas em objectos de ouro.

11-04-1878: Chegaram de Lisboa os sinos afinados para S. Torcato.

26-06-1878: Em sessão de Câmara: leu-se o officio do Governo Civil remetendo o mapa das quotas com que no ano futuro as câmaras tinham de contribuir para as despesas do distrito, tocando a este concelho 6:626\$139 réis; foi resolvido responder-lhe, sobre as obras de viação a fazer no futuro ano, que a Câmara é de parecer que seja construída a estrada vicinal n.º 2 de S. Torcato a Gonça, depois de pagas as despesas do 3.º lanço da estrada de Guimarães a S. Torcato e do lanço da estrada de Vizela a Refojos.



04-07-1880: Domingo da romaria a S. Torcato. — Esmolas em dinheiro ao santo: em 1886, 2:823\$835 réis; em 1880, idem 2:537\$295 réis; em 1897, idem 4:012\$620 réis, fora o ágio; em 1926, 40:944\$400, ouro e cera; em 1920, 10:518\$205 réis, incluindo 139 gramas de ouro e 68 libras e meia, cera 66,750 quilos.; em 1915, 4:497\$170 réis incluindo 85 e meia libras, duas peças de 8\$000 réis, duas moedas de 5\$00 réis, e 120 gramas em objectos de ouro, 72,450 quilos de cera; em 1909, idem 4:898\$135 réis, incluindo 9 e meia libras, uma moeda de ouro de D. Pedro II do Brasil, objectos de ouro com peso de 5 gramas, uma junta de bois (de Barcelos) e 1 boi (de Barrosas), 1 relógio de prata e 67,5 de cera.

03-07-1881: De tarde, um carro que ia para S. Torcato, ao chegar ao lugar da Mãe de Deus, tendo-se-lhe quebrado as molas, tombou e quase todos os passageiros que iam nele ficaram mais ou menos gravemente feridos, uns com pernas ou braços quebrados, outros com ferimentos e contusões no corpo e cabeça; quem ficou mais gravemente ferido foi o ourives “conteiro” António Soares Pereira Guimarães, fabricante de contas e negociante feirante de ouro e prata, desta cidade, que, além de diversas feridas e contusões, teve uma perna partida pelo colo do fémur, ficando muito coxo durante os anos que ainda viveu.

03-07-1881: Domingo da romaria de S. Torcato. — Ofertas ao Santo, só em dinheiro: em 1881, 2:635\$415 réis; em 1887, idem 2:815\$540 réis; em 1892, idem 3:591\$160 réis; em 1898, idem 4:412\$265 réis; em 1904, idem 5:125\$890 réis; em 1910, idem 4:792\$560 réis; em 1927, 33:747\$100 réis, cera e ouro.

12 de Julho de 1881: “O Diário do Governo” publica duas portarias concedendo à Câmara 2 subsídios, 1 de 1:974\$700 réis, e outro de 461\$500 réis. O 1.º para continuação do lanço único da estrada municipal de S. Torcato a Gonça, na extensão de 3640 metros, e o 2.º para continuação do lanço da estrada municipal de Vizela a Refojos de Basto, compreendida entre a Ponte Velha sobre o Vizela e a estrada real nº 36 de Guimarães a Entre Rios, na extensão de 350 metros.

31-05-1882: Decreto, declarando de utilidade pública e urgente a expropriação de 161 metros quadrados de terreno inculto pertencente a António José de Freitas, “o Órfão”, e a seu filho, situados na freguesia de S. Torcato, terreno que era preciso para as obras do prolongamento da estrada municipal n.º 2, de S. Torcato a Gonça.

02-07-1882: Domingo — Romaria de S. Torcato. Esmolas ao santo em dinheiro, fora cera e mais objectos: em 1882, 2:627\$995 réis; em 1893, idem 3:888\$690 réis; em 1899, idem, 4:111\$465 réis; em 1905, idem, 5:598\$725 réis, fora o ágio de 91 e meia libras em ouro e uma moeda de 2\$000 réis; em 1911 foram 3:758\$995 réis, incluindo umas argolas de ouro com o peso de 5,006 gramas, 59 quilos de cera e o ágio de 105 libras e de moedas de 2\$000 réis, em ouro; em 1916, 3:776\$280 réis, incluindo 56 libras em ouro, 23,108 quilos de cera; em 1922, 21:637\$445 réis, incluindo 36 e meia libras em ouro a 4\$500; em 1933, 30.186\$050 réis.

06-06-1883: A Câmara resolve aceitar o donativo de 1: 2000\$000 réis, oferecido pela mesa da Irmandade de S. Torcato para requerer a expropriação por utilidade pública de prédios pertencentes a João António Viegas Mendes, António Ribeiro de Faria, António José de Freitas, “o Órfãos”, Sebastião Ribeiro de Faria, José António Fernandes, José António de Meira, de Poveiras, e Jerónimo Ribeiro, para ali estabelecer uma feira mensal; também resolve requerer a dita expropriação.

06-07-1884: Domingo da romaria de S. Torcato. Em 1884 esmolas em dinheiro ao santo: 2:746\$385 réis; em 1890, idem, 3:698\$385 réis; em 1902, idem, 5:055\$765 réis; em 1919, 8:187\$100 réis inclusive 93 libras e meia em ouro e 118 quilos de cera; em 1913, 3:875\$865 réis; em 1924, 37:463\$975 réis, 26 libras, 40 francos, 70,5 gramas de ouro, 47 quilos de cera e o ágio das libras; em 1930, 36: 248\$350 réis, 20 e meia libras, 66 gramas de ouro em obra e 61 quilos e meio de cera.

05-07-1885: Domingo da romaria de S. Torcato, em 1885, esmolas ao santo, só em dinheiro, 2:759\$840 réis; em 1891, idem 3:509\$290 réis; em 1908, idem 4:528\$645 réis.

14-10-1885: A Câmara resolve que a feira anual que se fazia na freguesia de S. Torcato, na 2.^a feira seguinte ao 1.^o domingo de Julho, se transferisse para o 3.^o domingo de Maio, e os mercados mensais que era na mesma se faziam nos 2.os domingos, se efectuassem na 1.^a sexta feira de cada mês.

16-05-1886: Visita Vizela, às 10 horas da manhã, onde teve grandes manifestações, o nosso querido deputado João Franco Castelo Branco e, de tarde, visita a freguesia de S. Torcato, onde teve imponente recepção. — Vide jornal “28 de Novembro”.



15-06-1887: Chegou a Guimarães um pára-raios para ser colocado na igreja de S. Torcato.

17-11-1887: O arcebispo visitou S. Torcato, S. Miguel do Castelo, hospital, Carmo, asilo de Santa Estefânia e capela das Trinas; partiu para Braga ao meio-dia de 18, acompanhado até às Taipas por 25 carros.

06-05-1888: Bênção do novo cemitério paroquial de S. Torcato.

13-11-1889: O deputado por este círculo, João Franco Castelo Branco vai à freguesia de S. Torcato, sendo festivamente recebido (devido às famílias Aldão e Agras), a agradecer aos povos a sua reeleição.

02-02-1891: Faleceu em Donim o abastado capitalista João Antunes Guimarães, fundador do Asilo de Inválidos em Donim. Legou às corporações e instituições religiosas do concelho de Guimarães o seguinte: Câmara Municipal, a casa, mobília e utensílios da escola que já tinha criado em Briteiros, para nela ser instalada a dita escola, 4: 000\$000 réis para manutenção da mesma e 1: 000\$000 réis para fundo de prémios anuais aos alunos; à Irmandade dos Santos Passos, ao asilo de mendicidade da mesma, à Irmandade de S. Bento, em Santo Emilião, e à das Almas, em S. Bento, 1 conto em inscrições, a cada uma (são 4); aos asilos de Entrevados de S. Domingos e S. Francisco, 50\$000 réis a cada um; aos presos da cadeia da cidade, 50\$000 réis; à Irmandade de S. Pedro, para obras na sua igreja, 300\$000 réis; às Capuchinhas e ao Asilo de Santa Estefânia, 500\$00 réis a cada; à Misericórdia, para o seu Asilo de Inválidos a S. Paio, 200\$000 réis e para sustentação do asilo que ele fundara em Donim, 11: 000\$000 réis; aos recolhimentos das Trinas e Anjo, 50\$000 réis a cada um; aos albergues de S. Paio e de S. Crispim, 20\$000 réis a cada um; à Conferência de S. Vicente de Paulo, 100\$000 réis; à Sociedade Martins Sarmiento, 150\$000 réis; para as obras de S. Torcato, 100\$000 réis e para o monumento a Pio IX, 50\$000 réis; à Confraria do Coração de Jesus de Guimarães, 100\$000 réis e à de Souto, 50\$000; à Confraria do S. S. Sacramento em Donim, 2 contos nominais em inscrições e à do Salvador de Briteiros 1:500\$000 réis; para os pobres de cada freguesia deste concelho 13\$500 réis. Fez idêntica distribuição para diversas terras, principalmente para Braga.

26-03-1893: Às 11 horas da manhã, faleceu na vila de Santo Tirso o conde de S. Bento, que legou oito contos de réis para as obras de S. Torcato.

26-04-1893: Por proposta do vereador José Miguel da Costa Guimarães, foi resolvido pela Câmara que se mande, não só proceder à conclusão da planta da cidade, incluindo-se na já existente as alterações que sobreviveram, mas também ao levantamento das plantas das povoações de Vizela, Taipas, S. Torcato e Campelos, para ser organizado um plano metódico dos melhoramentos a realizar; e também foi aprovada a proposta do presidente, Dr. António Coelho da Mota Prego, criando um prémio anual de 30\$000 réis para ser dado ao estudante mais distinto que nesta cidade fizer exame de admissão aos liceus.

05-05-1896: Saiu de S. Torcato uma procissão de penitência e veio à capela de Nossa Senhora Madre de Deus, trazendo quatro andores com as imagens de S. Torcato, S. Sebastião, Santíssimo Coração de Maria e Senhor crucificado. Orador o padre José das Portas, da Póvoa de Lanhoso.

13-11-1897: Respondeu em audiência geral, em Lanhoso, o réu Júlio (de Campos) de Abreu Lemos, de S. Torcato, pelo crime de fornecimento de instrumentos para arrombamento da cadeia; foi condenado em 3 anos de prisão maior celular, seguidos de 5 de degredo, ou na alternativa de 10 em posseção da 1.^a classe.

10-06-1898: Sexta-feira. — Chegaram a S. Torcato as estátuas de S. Dâmaso e S. Geraldo, para serem colocadas na frente da igreja em construção, as quais foram esculpidas no Porto, oficina de marmorista de Bernardo Marques da Silva.

18-09-1898: A igreja de S. Francisco, onde desde o dia 10 esteve à veneração, foi conduzida processionalmente para a paroquial igreja de S. Torcato a imagem do Senhor dos Passos, pertencente à confraria do Santíssimo da mesma freguesia.

28-04-1899: Sexta-feira — Em direcção a S. Torcato, para cumprimento de promessa, passou nesta cidade, às 11 horas da manhã, um carro conduzindo várias pessoas que vinham de Felgueiras e no meio do carro traziam um caixão funerário e dentro dele uma moça de 20 anos, vestida de cetim branco e véu da mesma cor.



08-11-1900: Bom tempo — O Arcebispo, solenemente, visita pastoral a freguesia de S. Torcato, onde crismou; também visitou no dia 9 as de Creixomil e Silvares e a de S. Jorge de Selho, sendo nas 3 recebido com música e foguetes; mais visitou: a 18 a da Costa, a 19 a de Mesão-Frio a 20 a de S. Romão de Arões a 21 a de Infantas e a Penha, a 22 as dos Gémeos, Tabuadelo e Urgeses, a 24 a cadeia e a 25 foi para Vizela.

26-06-1901: Morreu na sua quinta de Agra, em S. Torcato, vítima de um tiro de espingarda que traiçoeiramente lhe atirou de trás de uma parede “José Segade”, o nosso considerado vimaranense Francisco Ribeiro Martins Costa, vulgo “Francisco Agra”, chefe local do partido “franquista”. O seu funeral teve lugar no dia... [em branco, no original] na igreja Colegiada e o cadáver foi conduzido ao cemitério, fazendo o acompanhamento, em 56 trens, todas as pessoas de distinção desta cidade e bastantes de diversas terras que vieram prestar homenagem ao cadáver. No cemitério, discursou o nosso mui distinto e querido deputado João Franco P. F. Castelo Branco.

30-08-1901: Foi removido para a Relação do Porto, para segurança, preso Júlio de Campos, suposto assassino de Francisco (Agra) Ribeiro Martins da Costa.

12-12-1901: — 5ª feira — No comboio das 11 horas da manhã chegou, vindo da Relação do Porto, acompanhado por 1 oficial de diligências e 5 soldados, o indigitado assassino de Francisco Ribeiro Martins Agra, (o inocente) Júlio de Campos, que seguiu pela cidade para a cadeia com o chapéu desabado e embrulhado em um cobertor de lã. Ao atravessar juntou-se muita gente, sem manifestações.

13-12-1901: 6ª feira — Começou o julgamento de “Júlio de Campos”, como suposto assassino de Francisco (Agra) Ribeiro Martins da Costa. A inquirição de testemunhas terminou às 2 horas da tarde do dia 17 e o julgamento às 10 da noite do dia 19, sendo absolvido; o delegado apelou da sentença e o réu, depois de prestar fiança de 5 contos de réis, partiu em trem para a sua residência, Campos, na freguesia de S. Torcato, advogado [acompanhado?] do seu advogado defensor, Afonso Costa. Foram advogados da acusação o dr. Avelino César Calisto, de Coimbra, e dr. Gaspar de Abreu Lima, residente em Guimarães.

28-12-1902: A mesa da irmandade de S. Torcato resolve fundar na freguesia um asilo para pobres inválidos, devendo tal deliberação ser sujeita à aprovação do definitório.

16-02-1903: Principiou a julgar-se de novo Júlio de Campos, o suposto assassino de Francisco Agra, sendo encerrada a sessão às 5 horas e meia da tarde, e o mesmo em 17,18 e 19, sendo de novo aberta às 11 horas da manhã dos ditos 17,18 e 19 em que foi a terminação de testemunhas. Na 6ª feira, 20, foi aberta a sessão às 10 horas da manhã, terminando os debates às 5 e meia da madrugada de sábado 21, sendo o acusado absolvido por unanimidade. Esta absolvição foi bem recebida no geral, excepto por alguns regeneradores caturras e pela família do assassinado.

21-02-1903: Às 4 horas e meia da madrugada é proferida a sentença absolvendo novamente Júlio de Campos suposto assassino de Francisco Agra, durando este segundo julgamento cinco audiências, a última das quais desde as 11 horas da manhã de ontem até às já mencionadas 4 e meia da madrugada de hoje, durando o discurso da acusação, Dr. Calisto, de Coimbra, 4 horas e o da defesa, Dr. Afonso Costa, de Lisboa?, cerca de 5 horas. Este segundo julgamento correu com melhor ordem e regularidade que o primeiro.

31-08-1903: No salão da Associação Artística Vimaranense, reuniram os industriais de curtumes, desta cidade e de S. Torcato, e tomaram algumas resoluções para obter a reforma das novas e pesadíssimas contribuições que lhes pretendiam lançar neste ano. Em 3 de Setembro, voltaram a reunir-se e aprovaram a representação que tinham deliberado enviar ao Governo.

03-07-1904: Romaria de S. Torcato: 5: 125\$890 réis, incluindo 62 libras em ouro, 2 moedas de 5\$000, 1 de 2\$000 e 1 pinto em ouro; 87 kilos de cera.

11-11-1904: Foi guindada para o alto da frontaria de S. Torcato a estátua do mesmo, feito de um só bloco, em granito, e medindo 3,30m de alto, trabalhada por João Ribeiro da Silva, artista da obra do mesmo santuário. Tocou uma banda de música e houve foguetes, algumas dúzias delas.

07-07-1907: Domingo. — Realizou-se a romaria de S. Torcato. Depois das 9 horas da noite, no arraial, Francisco Mendes Guimarães, “o Pescocinho”, andando desavin-do com seu sogro, deu um tiro de revólver com direcção ao mesmo, cuja bala não o atingiu, mas sim a António do Couto, da freguesia do Salvador da Avelada, concelho de Lousada, que estava a tomar uma refeição com a mulher e filhos, cuja bala lhe perfurou o pulmão esquerdo e o coração matando-o quase instantaneamente.



03-07-1910: Domingo. — Romaria de S. Torcato: 4:792\$560 réis, inclusive 49 gramas de ouro, 1 relógio, 99 libras e meia, 2 moedas de 2\$000 réis.

09-02-1912: Caiu um raio sobre a cúpula da torre, lado norte, de S. Torcato, derrubando parte dela.

07-07-1912: S. Torcato. — Por um descuido do fogueteiro, neste Domingo, de manhã, ardeu todo o fogo que lhe pertencia, levando na sua devoração a casa ou barração que lhe servia de abrigo. Não houve mortes, a não ser o fogueteiro, que ficou com um braço esfacelado, sendo-lhe amputado no hospital da Misericórdia, para onde o levaram. Também morreu um cavalo que estava próximo. As bombas desta cidade chegaram a ir ao local, ver se os seus socorros eram precisos.

05-07-1914: Domingo. Romaria de S. Torcato: 3:551\$920 réis incluindo 108 libras em ouro, 1 moeda de 5\$000 réis, 34 gramas de objectos de ouro, cera 53,850 quilos. Em 1931: 34 882\$200 réis, ouro 122,5 gramas, cera 51 quilos.

13-10-1915: Esteve nesta cidade, visitando a Penha e S. Torcato, o dr. José de Castro, presidente do ministério; depois de jantar no hotel do Toural retirou para Braga.

03-07-1921: Domingo. — Romaria de S. Torcato: 15:000\$000 réis, 43 e meia libras em ouro, 150 gramas em ouro.

03-01-1922: Assassínio em S. Torcato — Um Custódio “o Conas”, que havia sido negociante numa casa da rua Nova de Santo António, sobrinho do negociante de mercearia António Joaquim de Sousa, “o Conas”, que andava a gozar os rendimentos, foi merceeiro e dizia-se que comprava roubos, assassinou com dois tiros o regedor de S. Torcato, que morreu instantaneamente. Deram-lhe muita pancada e, em segredo, veio preso para a cadeia, onde faleceu e, sendo autopsiado, verificou-se que foi por envenenamento; parece que andava falto de juízo. Deixou herdeira a Misericórdia. — Ver os jornais da época.

01-07-1923: S. Torcato rendeu: papel, prata e cobre 33.041\$720 réis, 32 libras, objectos de ouro 35,4 gramas, cera 68 quilos.

05-07-1925: Domingo. Romaria de S. Torcato: 32.247\$260 réis e o ágio de 36 libras de ouro.

04-03-1926: Às 5 horas da manhã, estando a tocar a fogo nas torres de S. Torcato e das freguesias circunvizinhas, repetiu-se o toque em algumas torres desta cidade. Os bombeiros voluntários foram no seu automóvel e com algum material para S. Torcato. Afinal, não era incêndio; era a chamuscar uma porca.

07-07-1929: Domingo. — S. Torcato rendeu 43: 051\$870 réis, libras em ouro 42, ouro em objectos 106 gramas, cera 83,50 quilos. 1918, idem, 5:124\$795 réis, incluindo 39 libras em ouro, 1 moeda de 8\$000 réis, 1 dita de 10 francos, cera 49,70 quilos. 1907, idem, 5:110\$820 réis.

27-02-1931: Inauguração de um mercado quinzenal na freguesia de S. Torcato. A Câmara Municipal isentou-o de impostos municipais durante um ano.

Fontes manuscritas

Efemérides Vimaraneses, manuscrito em 4 volumes de João Lopes de Faria, da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

Registos Paroquiais de S. Cláudio do Barco, Oliveira, Santo Tirso de Prazins e S. Torcato, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

Publicações citadas

Azevedo, T. P. (1845). *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*. Porto. Tipografia da Revista.

Cunha, D. R. (1623). *Catalogo, e historia dos bispos do Porto, etc.* Porto. João Rodriguez, Impressor.

Fernandes, J. (1987). Encontradas (8) caixinhas com relíquias seculares. *O Povo de Guimarães*, edição de 22 de Maio de 1987.

Neves, A. A. (2009). Índices dos manuscritos de João Lopes de Faria. *Revista de Guimarães*, 117-118-119, 197-415.

O Pharol do Minho. (1854). Braga. Edição de 9-02-1854.

O Moderado. (1854). Braga. Edições de 13-02-1854, 24-02-1854 e 17-03-1854

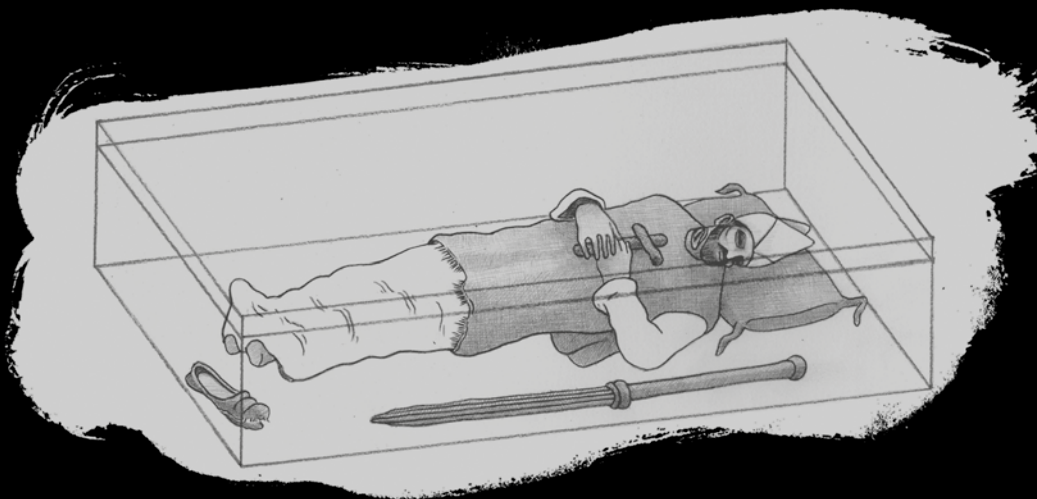


Ilustração de acordo com os autos de abertura do túmulo e de uma maquete elaborada pelo autor.
Pedro Simões



“Porque tudo é permanente e visível”. O culto e as anteriores vestes do corpo de São Torcato de Guimarães

1 — Introdução

Ao longo do último quartel do século XIX e do primeiro da centúria seguinte, as descrições dos autos das aberturas do sepulcro de São Torcato, presente na igreja do antigo mosteiro de que era orago (situado no concelho de Guimarães), já foram alvo da atenção de Freitas (1890), Ferreira (1923) e Almeida (1923). É certo que o primeiro e o último autores destacam alguns episódios da história da veneração do corpo atribuído a São Torcato; contudo, o seu propósito era, tal como o do segundo estudioso, demonstrar a falsificação da hagiografia de São Torcato de Guimarães produzida por Jerónimo Román de la Higuera (1538-1611) e a impossibilidade da correspondência do cadáver vimaranense com os relatos hagiográficos de São Torcato, bispo de Acci (atual Guadix (Granada)), e de São Torcato, mártir



de Braga (tendo, por isso, de admitir o desconhecimento da verdadeira identidade do corpo em causa). Compreende-se, assim, que os três investigadores referidos não tenham procurado documentar o percurso histórico desta veneração popular de um modo mais abrangente – no que respeita à totalidade das fontes existentes e à contextualização deste fenómeno – e dado a conhecer aos seus leitores uma representação mais concreta do estado em que foram encontrados os restos mortais de São Torcato.

É precisamente a esta lacuna que o presente artigo visa responder. Retomando – e atualizando – o que tivemos oportunidade de estudar na nossa dissertação de mestrado em torno destes temas¹, seguiremos uma abordagem bipartida. Na primeira parte do texto, apresentaremos e discutiremos os dados que as fontes históricas – arquivísticas e bibliográficas – nos relatam acerca do culto do “homem santo” de Guimarães, entre inícios do século XVI e meados de Oitocentos (sem esquecer o envolvimento da arquidiocese de Braga e da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira nesta veneração popular); por sua vez, na segunda parte, sugeriremos uma figuração do estado em que foi encontrado o cadáver atribuído a São Torcato na primeira metade de Quinhentos, em 1637 e em 1805². De forma a tornar este trabalho de reconstituição mais sólido, impõe-se a análise de fontes que narram as aberturas e os exames do túmulo que continha originalmente este corpo. Paralelamente, intenta-se uma aproximação ao vocabulário de época e às descrições associadas à indumentária e aos acessórios com que o corpo foi inumado. Este exercício é, no entanto, obstaculizado pela escassez de estudos especializados e pela profunda evolução sofrida pelas vestes clericais romanas ao longo dos séculos.

Ao contrário do que esperávamos inicialmente, não tivemos oportunidade de consultar os autos originais das aberturas do sepulcro de São Torcato (conquanto os tenhamos procurado e, em parte, localizado³), o que nos obriga a recorrer a transcrições destes documentos para serem analisados neste artigo. De maneira a suprir parcialmente essa lacuna, consultámos as *Velharias da Colegiada Vimaranense*, coleção manuscrita da documentação da Colegiada reunida por João Lopes de Faria, em cujos primeiro, segundo e quinto volumes o paleógrafo transcreveu fontes históricas com interesse para o nosso

1) Vide Magalhães (2021). Serviu de base para este artigo o texto das pp. 47-54 e 217-224, com as adaptações e adições – de informação que entretanto lográmos descobrir – necessárias. À semelhança da dissertação, o presente trabalho contou com a releitura diligente do Prof. Doutor Luís Carlos Amaral (CITCEM), cujo reconhecimento agora prestamos.

2) Agradecemos ao Prof. Dr. António Manuel Nunes (CEIS20) a revisão atenta da reconstituição das vestes e dos adereços com que foi encontrado o corpo nas três aberturas do sarcófago. Para a realização desta, foi essencial a sua prestável interpretação do vocabulário vestimentário legado por fontes seis e oitocentistas.

3) Encontram-se no fundo da Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, pertencente ao acervo do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (Guimarães), um dos autos do exame do túmulo de São Torcato realizado em 1637 – desconhece-se o paradeiro do *Livro dos usos da freguesia de São Torcato*, que integra o outro auto coevo – e o auto da trasladação do calcanhar de São Torcato, ocorrida em 1662.

estudo (nomeadamente, os autos das aberturas do túmulo e da trasladação do calcanhar de São Torcato). De maneira a tornar a leitura destes textos mais compreensível para o leitor, atualizámos a grafia e a pontuação sempre que necessário, sem prejuízo do significado do texto⁴.

2 — A veneração do “homem santo” de Guimarães

Entre a documentação, a primeira referência que nos surge relativa à existência de um corpo de São Torcato na região vimaranense data de 1501, numa carta enviada pelo rei D. Manuel I ao Cabido da Colegiada de Guimarães. De acordo com T. P. Azevedo (2000), “muito trabalhou el-rei D. Manoel para que se recolhessem ás igrejas das cidades, e villas as reliquias dos Santos que se achavam nas aldêas, por lhe parecer que assim estariam com maior veneração” (pp. 253-254). Desta maneira, o monarca ordenou que “o corpo do bem-aventurado Sam Torquato seja trelado a Igreja Colegiada da dita villa [*de Guimarães*] en loguar honde ao prior parecer bem”⁵ (Manuel I, 1501). Não obstante a particular atenção votada por D. Manuel I “à renovação de cultos antigos do reino”⁶ (Rosa, 2010, p. 139), convém perguntarmo-nos se não terá havido uma petição prévia por parte dos cónegos de Guimarães ao rei para que se efetuasse a dita transferência⁷, alegando que a conservação do corpo em São Torcato não lhe proporcionaria a veneração que lhe era devida⁸. A presença do corpo de um discípulo de São Tiago Maior e varão apostólico, conhecido em toda a Península, na Colegiada atrairia mais peregrinos a esta – para além dos que já se dirigiam em romaria à Senhora da Oliveira – e, conseqüentemente, aumentaria os seus rendimentos, anulando a “concorrência” em São Torcato.

T. P. Azevedo informa que a trasladação do corpo foi efetivamente tentada pelo Cabido (sem fornecer data para a mesma): chegando ao mosteiro, encontrou os habitantes da freguesia e das circunvizinhas armados, dispostos a defender o “corpo santo” até à morte, “pois estava entre catholicos com toda a veneração, e não entre gentios que o desacassem”

4) Para a transcrição documental, seguimos as normas estabelecidas por A. J. Costa (1993).

5) Transcrição da nossa responsabilidade (para o efeito, socorremo-nos das transcrições da mesma fonte elaboradas por Sillos (1998) e Martins (1957), fazendo as correções que entendemos necessárias).

6) Rosa (2010) dá como exemplos da ação de D. Manuel neste âmbito as suas interferências nas venerações de “S. Pantaleão (impulsionando a tresladação [*sic*] das relíquias deste de Miragaia para a Sé do Porto, empresa já começada por D. João II), a rainha D. Isabel e o “santo” D. Afonso Henriques” (p. 139), pelo que reconhece “alguma verosimilhança” (p. 138) à contextualização feita por Torcato Peixoto de Azevedo.

7) Em 1501, o mosteiro de São Torcato já se encontrava unido de novo à Colegiada, o que, teoricamente, facilitaria a mesma.

8) Respondendo a uma carta do desembargador Inácio José Peixoto, procurador para a elevação do corpo de São Torcato, o Cabido da Colegiada afirma em 1804 que “da carta d’el-rei Dom Manoel não consta que fosse a requerimento” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 43). De facto, temos de reconhecer que na carta régia não se deteta qualquer indício que aponte explicitamente para uma petição realizada pelo corpo capitular ao monarca.



(p. 254), o que obrigou os cônegos a desistir das suas pretensões e os torcatenses a fazerem guarda ao sepulcro, “de dia e de noite” (Costa, 1706, t. I, p. 22). Gaspar Estaço (um cônego de Guimarães, que poderia, portanto, ter acesso privilegiado a documentação sobre o assunto) omite, contudo, nas suas *Várias Antiguidades de Portugal* (publicadas em 1625) esta iniciativa do Cabido, o que talvez seja sintomático de que a ocultou propositadamente – já que poderia ser interpretada como uma humilhação para a colegiada vimaranense, que havia falhado nos seus intentos – ou que a mesma nunca terá existido. Os seus sucessores, em 1804, dão como certa a ocorrência desta tentativa de trasladação e a sua anulação pela revolta popular, mas não deixam de advertir que “não ha [deste episódio] senão alguma tradição do mesmo povo” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 43).

Pareceu-nos, porém, que era possível colher menção mais antiga – ainda que indireta – ao corpo de São Torcato. Com efeito, Cardoso (2002) transmite no tomo I do *Agiológico Lusitano* (editado em 1652) que “no itinerario de Carlos Magno ao sepulchro de Santiago (se damos credito ao bispo Turpino) se diz que de caminho visitou em Guimaraens o de S. Torquesco” (t. I, p. 531). Este “itinerário de Carlos Magno” é, na realidade, a *Historia Karoli Magni et Rotholandi*, o livro IV do *Codex Calixtinus*, que narra a fabulosa peregrinação de Carlos Magno a Santiago de Compostela e as peripécias por que o monarca franco e Rolando passaram na Península. Atribuída ao bispo Turpin de Reims (748-794), foi, na verdade, escrita por um clérigo desconhecido, de origem francesa, provavelmente na primeira metade do século XII (o que explica que a obra seja também conhecida por “Crónica de Pseudo-Turpin”). Consultando a última edição revista do *Codex Calixtinus* (García Blanco, 2014)⁹, verificámos que se refere “la ciudad de Santa María de Guimarães” (p. 417) como conquistada por Carlos Magno. Todavia, no mesmo capítulo identifica-se outro local que capitulou às mãos do imperador franco: “Guadix, en donde yace San Torcuato, confesor de Cristo y discípulo de Santiago” (p. 420), o que vem desmentir, logo, a notícia de Jorge Cardoso¹⁰.

A documentação coeva e anterior não nos fala num corpo inteiramente conservado, mas apenas em relíquias. Na carta de couto concedida em 1049 pelo rei Fernando Magno ao mosteiro de Santa Maria de Guimarães menciona-se a presença de relíquias de São Torcato no mesmo, juntamente com outras dos restantes Varões Apostólicos (“et Sancti Torquati cum sociis suis” (Amaral, 2016, p. 89)). Outras relíquias custodiava o mosteiro

9) Agradecemos ao Prof. Doutor José Augusto Pizarro (CEPESE) o empréstimo de um exemplar para consulta.

10) Na nossa opinião, esta contradição pode ser explicada de duas formas: ou Jorge Cardoso não consultou realmente a *Historia Karoli Magni et Rotholandi*, limitando-se a inventar – o que nos parece altamente improvável, dada a sua preocupação com o rigor da informação que fornecia – ou a copiar de outrem os dados que fornece, ou terá visto outro manuscrito deste livro (foi traduzido à parte numerosas vezes, estando separado dos restantes livros do *Codex Calixtinus* entre 1609 e 1966) que apresentasse realmente esta variante face ao texto original.

de São Torcato, como se depreende da carta de couto dada em 1173 a esta canónica por D. Afonso Henriques (“Sancti Torquati et aliorum sanctorum quorum ibi reliquie recondite sunt” (R. P. Azevedo, 1958, vol. I, t. I, p. 416)). Martins (1957) não é da opinião de que estas últimas relíquias correspondam ao “corpo actualmente chamado de S. Torcato, alto e robusto como os barões feudais das histórias [...]. Pelo menos as palavras empregadas dão-nos a entender que se tratava de relíquias vulgares e não do corpo inteiro dum santo” (p. 21).

O estudo das caixas-relicário da igreja de São Torcato conduzido por Mário Barroca e Manuel Real dá-nos a entender que foram utilizadas relíquias do santo bispo aquando da primeira sagração do altar, obra moçárabe, no século X, ficando depositadas no mesmo, no interior de uma lipsanoteca (juntamente com as dos Santos Cosme e Damião e do Santo Lenho). Os mesmos autores indicam a encomenda de um cofre-relicário em 1419 pelo D. Prior da Colegiada de Guimarães, D. Luís Vasques da Cunha, para aí guardar, entre outras, relíquias de São Torcato¹¹. Logo, entre esta data e 1501 (primeira referência segura à existência de um corpo de São Torcato nos arredores de Guimarães) terá presumivelmente ocorrido a “descoberta” do corpo¹², a qual poderá “ter algo a ver com o movimento de renovação espiritual e religiosa que acompanhou o início dos tempos modernos” (Barroca & Real, 1992, p. 163). A dar crédito a esta hipótese temos a lamentação de Estação (1625): “sò falta ser este nosso [*corpo de São Torcato*] tam conhecido como o de Cellanova, o que nasceo de nam haver escrittores portugueses que delle escrevessem” (p. 145), talvez mostrando que até aos inícios do século XVI não haveria um conhecimento lato da existência do corpo de São Torcato no mosteiro homónimo.

A menção seguinte ao corpo de São Torcato aparece-nos no *Tratado sobre a Provimcia d’Antre Douro e Minho e suas avondanças*, composto em 1512 por Mestre António, físico vimaranense. Ao enumerar os corpos sacros sepultados no território interamnense, o autor alude ao de “São Troquade [a] mea legoa de Guimarães” (António, 2007, p. 43), a par de “outros muytos corpos e relíquias de Sanctos, que estão polos mosteiros” (António, 2007, p. 44). Não obstante a sua origem religiosa, cristã-nova, a naturalidade e residência

11) Barroca e Real (1992) situam o pedido de fabrico deste cofre-relicário – actualmente conservado no Museu Alberto Sampaio (Guimarães) – em 1457. Esse ano é o que consta, de facto, na inscrição da peça, mas segundo a era hispânica (“ERA DE MIL / E CCCC LVII / ANOS” (Barroca, 2000, vol. II, t. 2, p. 2129)), a qual os autores referidos não converteram – certamente, por lapso – para a era de Cristo. Por outro lado, em 1424 já era D. Prior da Colegiada de Guimarães o seu irmão – e imediato sucessor no cargo – D. Rui (ou Rodrigo) da Cunha (Barroca, 2000), o que torna impossível a encomenda do cofre-relicário por D. Luís Vasques da Cunha em 1457 (deverá ter falecido pouco tempo após 1423).

12) Rosa (2010) realça o possível enquadramento da inventio dos restos mortais no período “em torno da extinção do mosteiro [de São Torcato] e da transferência dos seus bens para a Colegiada” (p. 138), a qual se deu em 1474. Terá sido, portanto, o aparecimento do corpo do varão apostólico uma tentativa local de contrariar o declínio que o cenóbio torcatense vinha atravessando ao longo do século XV (aproveitando e impulsionando o seu estatuto de “antigo centro de piedade regional” (A. J. Costa, 1997, p. 517))?



do criador da primeira descrição geográfica do Entre-Douro-e-Minho¹³ demonstra que a localização dos restos mortais do varão apostólico em São Torcato era conhecida na região de Guimarães em meios externos à Colegiada cerca de uma década após o envio da carta pela Corte régia. Quanto à veneração deste corpo (não sabemos, por meio do autor, se preservado ou não na sua íntegra), Mestre António não fornece qualquer informação¹⁴.

Do corpo de São Torcato voltamos a ter notícias na *Geographia d'Entre Douro e Minho e Tras-os-Montes*, datada de 1549 e saída da pena de João de Barros. Pela primeira vez afirma-se que os restos mortais – ainda não qualificados como incorruptos, chegando o autor a admitir a hipótese de que as relíquias de São Torcato presentes em Celanova tenham originalmente feito parte dos restos presentes no mosteiro torcatense – são alvo de culto pelo povo da região. No entanto, Barros (2019) endossa tudo o que sabe ao mesmo, inclusive a identificação do defunto venerado: “neste mosteiro jaz hum homem sancto a que chamão Sam Torquato e os naturais o honrão por sancto, e o tem nessa conta pella fama de seus milagres, e o muimento onde jaz ouvi que tem cheiro mui suave” (p. 196).

O carácter incorrupto do corpo comprovou-se nas duas aberturas que se fizeram ao sepulcro: na primeira metade do século XVI¹⁵ e em 1637¹⁶, conduzidas pelo Cabido da Colegiada de Guimarães. Esta última abertura, a 14 de julho, deu-se no âmbito da conclusão

13) Mestre António era “morador na Villa de Guimaraens e natural da mesma” (António, 2007, p. 32).

14) Não podemos deixar de notar a incorreção de António (2007) quando, ao enunciar os corpos tumulados em Braga, engloba os de “Sancta Susana sua irmã [*de São Vitor*], e Sancto Frutos [*o*]” (p. 43), pois as relíquias destes santos foram levadas para Santiago de Compostela em 1102 pelo seu bispo Diogo Gelmires, no contexto do episódio do “pio latrocínio”.

15) Respondendo à questão de Inácio José Peixoto de haver “memoria de que no anno de mil quinhentos e doze se fizesse abertura do sepulchro do santo e, existindo esta, é preciso copia della” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 42), os cônegos vimaranenses informam em 1804 que “ainda se não pode descobrir documento autentico desta abertura, mas consta de manuscritos de curiosos” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 43). Provavelmente, referir-se-iam às obras de Torcato Peixoto de Azevedo e Francisco Xavier da Serra Craesbeeck (que, então, ainda não haviam sido publicadas), os quais parecem ser os únicos autores que registam esta abertura do sarcófago. No entanto, as divergências registadas entre si impedem-nos de determinar uma cronologia para este evento (embora as semelhanças encontradas na narração das circunstâncias apontem para uma fonte comum a ambas as descrições). O primeiro, nas suas *Memórias resuscitadas da antiga Guimarães* (concluídas em 1692), situa-a na primeira sexta-feira de setembro de 1538, levada a cabo pelo corpo canonical vimaranense para refutar as afirmações de um monge espanhol que havia pregado na Colegiada no dia 1 de maio anterior que São Torcato não se encontrava tumulado em Guimarães. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, por sua vez, fixa nas *Memórias resuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho* (datadas de 1726) a abertura em 1512, mas composta de dois momentos: a primeira abertura, feita ocultamente por duas dignidades – não identificadas – do Cabido da Colegiada, na sequência do sermão proferido por Frei João de Chaves (que o autor identifica como “castelhano de nação” (Craesbeeck, 1992, vol. I, p. 120)) a 15 de agosto desse ano na Colegiada (em que havia declarado que São Torcato se encontrava sepultado não no mosteiro homónimo em Guimarães, mas no de San Salvador de Celanova); a segunda, realizada também pelos cônegos de Nossa Senhora da Oliveira na primeira sexta-feira de setembro de 1512, com o propósito de expor aos fiéis o corpo de São Torcato (e, desta forma, procurar provar o alegado erro de Frei João de Chaves). Estaço (1625) escreve laconicamente que “se abriu o seu sepulchro haveria cem annos, pouco mais ou menos, e foi visto pello povo desta villa” (p. 145), pelo que pensamos que o cônego aludiria à abertura da primeira metade de Quinhentos.

16) T. P. Azevedo (2000) situa esta abertura no ano de 1512, a 22 de junho, no que é seguido por A. C. Costa (1706) e Barroca e Real (1992), mas ressalvando estes últimos que “há quem considere este relato como fantasioso” (p. 166) e registando outra abertura – embora não conduzida pelos mesmos protagonistas – em 1637. Já A. J. Costa (1997) também dá conta de uma abertura coordenada presencialmente pelo Cabido da Colegiada em 1512 – sem concretizar, porém, o dia e o mês em que terá acontecido – e complementa que os cônegos de Guimarães “tentaram trasladar o corpo para a Colegiada” (vol. I, p. 517) na ocasião. Sillos (1998) informa que “a

das obras de construção do novo monumento que haveria de encerrar e fortalecer o sarcófago de São Torcato¹⁷. De acordo com Sillos (1998), “foi nesta ocasião que o Mestre Escola [da Colegiada], Doutor Rui Gomes Golias, arrancou ao Santo um tornozelo [na realidade, calcanhar], que ainda veio com raios de sangue” (p. 37). Tendo-a levado para a capela da sua Casa das Lamelas, após a morte do mestre-escola em 1649, a relíquia foi herdada pelas suas sobrinhas, Inês de Guimarães, Catarina Golias e Luísa de Guimarães, e entregue pelas mesmas à colegiada vimaranense¹⁸, cuja trasladação se efetuou processionalmente para esta instituição a 21 de dezembro de 1662¹⁹.

Baseando-se nos autos das aberturas do túmulo do varão apostólico, afirma Almeida (1923):

E’ fácil descobrir o raciocínio doutoral da igreja – um santo de tam alta e clara fama, tam verdadeiramente grande e respeitado em milagres, exposto e ressurgido da crueldade do tempo e já com os séculos a encinzá-lo de veneração, deveria, para maior lustre das fabelas correndo em espanto de vizinho a vizinho e de pais a filhos, ser um grande, um Príncipe da Igreja. O nodoso bordão de pastor ou caminheiro foi assim arvorado em báculo – o cajado do pastor de almas –, a estamena terrosa nas vestes sacerdotais de fervoroso combatente à fé de Cristo; à sua morte cingia-se a auréola do martírio, como a coroar-lhe a fronte calva assentava bem a mitra. Mais singelamente o povo teve-o e mantém-no por S. Torcade, homem forte, servo humilde de Deus, milagrosamente aparecido de entre a selva obscura e milagrosamente carinhoso para todos os que sofrem e imploram. S. Torcade... montanhês, eremita, pobre guardador de rebanhos, caminheiro vergado de aflições e de sonhos... (pp. 265-267).

certidão dos Estatutos antigos da freguesia e o auto da trasladação do tornozelo [na verdade, calcanhar] mostram o contrário” (p. 36) ao defender que este evento ocorreu em 1637. Estes documentos são transcritos por João Lopes de Faria (1889-1890, vol. 1, fls. 59-59v.; 1891-1892, vol. 2, fls. 40v.-41), datando, com efeito, o primeiro de 14 de julho deste último ano. Na ausência de melhor justificação, supomos que haverá uma confusão entre os autores face aos dois momentos em que se realizaram as aberturas do túmulo de São Torcato, misturando-se por vezes os intervenientes da segunda com a data da primeira (dando nós aqui crédito para a formulação desta hipótese às informações transmitidas por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck).

17) Este monumento ainda existe hoje, conservado na capela lateral de Santa Catarina da igreja paroquial de São Torcato.

18) A. C. Costa (1706) atribui a Rui Gomes Golias a decisão da entrega do calcanhar de São Torcato à Colegiada, devida a “tantas misérias e enfermidades” (t. I, p. 22) que teria sofrido e que se afigurariam ao mestre-escola como “castigo do Santo por não querer que huma cousa profana fosse sacrario daquela sagrada reliquia sahida de seu santo corpo” (t. I, p. 22). Porém, o auto da trasladação do calcanhar de São Torcato não aponta para esta causa, parecendo sugerir que a iniciativa da trasladação partiu do D. Prior da Colegiada, D. Diogo Lobo da Silveira. Já Inácio José Peixoto, por seu lado, afirma que a doação coube às sobrinhas de Rui Gomes Golias, as quais “deram parte ao Illustrissimo Dom Prior” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 35), tendo este, então, ordenado a procissão solene da trasladação.

19) “Existe, actualmente, no tesouro da insigne Colegiada [presente hoje em dia no Museu Alberto Sampaio] metido em um relicário de prata dourada, com dois vidros, para ser visto por todos os lados” (Sillos, 1998, p. 38).



Barroca e Real (1992) não vão tão longe quanto o autor acima citado – “crentíssimo escritor”, como notou Silva (1979, p. 18) – na interpretação da aparência do cadáver quando foi examinado, limitando-se a admitir a hipótese de “que se tratasse de um enterramento pio da Alta Idade Média (séc. X-XI) e que, ao ser aberto o túmulo pela primeira vez, tenha aparecido o corpo incorrupto” (p. 166). Para estes autores, “é mesmo possível que se devam aos cónegos da Colegiada de N^a. Sr^a. da Oliveira algumas das iniciativas destinadas a revitalizar este culto” (Barroca & Real, 1992, p. 163). Em nosso entendimento, e tendo como exemplos a tentativa de trasladação de 1501 (a ter existido), as aberturas do túmulo feitas na primeira metade de Quinhentos e em 1637, a resistência do Cabido em devolver o corpo de São Torcato à irmandade que o tutelava depois da “Elevação” em 1805 e a tentativa por parte da Colegiada em administrar a Irmandade ou criar outra paralela em 1805-1806, os cónegos estariam interessados em revitalizar e propagar o culto do “homem santo” de Guimarães, mas de modo a retirar o máximo proveito disso em termos de rendimentos e prestígio para a instituição²⁰. Tal explica as diversas tentativas levadas a cabo pelos cónegos para controlar efetivamente esta veneração popular de um cadáver.

Estes não eram, todavia, os únicos a fazê-lo. Na verdade, a arquidiocese de Braga também tomou duas diligências no mesmo sentido, por meio dos seus prelados, em 1597²¹ e 1637, de modo a trasladar o corpo de São Torcato para a Sé de Braga; no entanto, estas não tiveram sucesso, devido à resistência que o povo da freguesia e arredores fez às mesmas. Nova intervenção da arquidiocese só voltou a registar-se em 1805, quando a 17 de junho se procedeu a nova abertura do túmulo e exame do mesmo, presidida pelo abade de Santo Tirso de Prazins, António Lopes Paulo, por delegação do desembargador provisor do arcebispado, e na presença do vigário-geral da Colegiada de Guimarães, Manuel José Vaz Vieira. Contudo, não voltou a encerrar-se o túmulo, permanecendo aberto até 30 de junho do mesmo ano. Nesse dia, depois de se revestir o corpo de São Torcato com paramentos pontificais²², foi

[...] o Santo trasladado do sepulcro, com majestosa pompa, para a Igreja do Mosteiro.

20) Da mesma opinião é Rosa (2010), que aponta à relação entre os cónegos vimaranenses e o antigo cenóbio torcatense “uma conotação de “apropriação”, visando deslocar para a Colegiada o prestígio do “corpo incorrupto”” (p. 138).

21) Os capitulares vimaranenses não conheciam em 1804 algum documento que comprovasse esta tentativa do arcebispo de Braga, limitando-se a indicar referências à mesma em obras manuscritas (Faria, 1891-1892). De entre estas, provavelmente se contariam as de T. P. Azevedo (2000) e Craesbeeck (1992); a par de A. C. Costa (1706), Sousa (2002) e Almeida (1923), são os autores que registam este evento, conduzido por D. Frei Agostinho de Jesus, o qual desejou “abrir o sepulchro, dizendo que era para examinar o santo corpo” (T. P. Azevedo, 2000, p. 255). Sillos (1998) nega que tal tenha acontecido, narrando apenas a tentativa de D. Sebastião de Matos de Noronha realizada em 1637.

22) Os quais ainda enverga presentemente, conforme se pode comprovar no Santuário de São Torcato.

Presidiu o Arcebispo, D. Fr. Caetano Brandão, a urna foi transportada aos ombros das Dignidades e Cónegos, debaixo do Pálio, a cujas varas iam os de representação. Houve sermão, jantar, *Te-Deum* e festa. (Almeida, 1923, p. 280).

Depois desta solenidade da “Elevação”²³, o corpo de São Torcato não voltou ao antigo sarcófago, ficando depositado no altar situado na sua capela própria, anexa à igreja. A seguinte e definitiva mudança do lugar de deposição de São Torcato iria efetuar-se solenemente a 4 de julho de 1852, presidida pelo cardeal D. Pedro Paulo Figueiredo da Cunha e Melo, arcebispo de Braga, da igreja de São Torcato para o santuário, cujo início de construção para este efeito se deu em 1825, e onde se conserva atualmente para veneração dos seus devotos e demais fiéis.

3 — Como foi encontrado São Torcato de Guimarães?

Na medida do que já tivemos oportunidade de afirmar, Torcato Peixoto de Azevedo é o único autor que indica claramente nas suas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães* o ano de 1538 como aquele em que se abriu pela primeira vez o sepulcro de São Torcato. Vejamos o que diz a este respeito.

No anno de 1538 chegou á real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira um Monje, prelado na Hespanha, homem de authoridade, e se offereceu para prégar na dita igreja o primeiro de Maio, e vendo que toda a gente concorria para a igreja de S. Torquato, por ser sua festa neste dia, e estar distante da villa só meia legoa: disse então do pulpito para aquella gente, estava enganada em cuidar que S. Torquato estava enterrado nesta terra: ao que os assistentes fizeram grande rumor: acudio o chantre Matheus Peixoto, que estava no côro, e chegando ao pulpito disse: «Reverendo padre, nesse lugar não se prégam mentiras, descei-vos dahi, e não digaes mais palavra»: e elle desceu mal reputado.

E para que este dito do Hespanhol não fizesse, e cauzasse espanto de novidade nos povos, vae o cabido com o povo e procissão, com Ladainha ao mosteiro de S. Torquato a primeira sexta feira de Setembro em todos os annos: a qual procissão annuncia o chantre do pulpito a dominga antecedente, em que hiam abrir o sepulchro de S. Torquato, para mostrar que o prégador Hespanhol se enganára,

23) Nome com que ficou conhecida a festividade, por ter sido o corpo “elevado” à veneração pública, em altar particular, do túmulo em que estava oculto.



e não fallára verdade. Abrio-se o sepulchro, e o Santo esteve todo o dia patente a quem o quiz vêr. O corpo estava inteiro, com uma vestimenta branca franzida pelo pescoço como de estamanha [sic]. tinha [sic] uma mitra na cabeça de tabi branco, um baculo de páo ao pé, e uma cruz de páo sobre o peito: depois de estar exposto, e visto por todo o povo, o tornaram a encerrar no sepulchro aonde está, e onde tem Deus obrado muitos milagres. (Azevedo, 2000, p. 423).

Como constataremos posteriormente, Torcato Peixoto de Azevedo é o único autor que alude a uma mitra na cabeça e a uma cruz de madeira sobre o peito de São Torcato; contudo, o autor não cita a fonte de onde retira estas informações relativas ao exame de 1538 (a ter ocorrido nesse ano). Uma vez que estes dados são escritos por volta de 1692 e se ignora a existência de documentação relativa a esta abertura, colocamos reservas à veracidade dos mesmos; não duvidamos totalmente desta, porém, já que a descrição das restantes peças coincide com os relatos posteriores que abordaremos.

As próximas transcrições pertencem à abertura do túmulo que se operou a 14 de julho de 1637, também por iniciativa do Cabido da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Nesta ocasião, foi retirada por Rui Gomes Golias, mestre-escola da mesma colegiada, a relíquia do calcanhar de São Torcato que hoje se observa no Museu Alberto Sampaio. Deste exame do túmulo existem dois autos. Começamos pelo que se encontrará incluído no *Livro dos usos da freguesia de São Torcato* (também denominado “Livro dos estatutos da freguesia de São Torcato”²⁴, cujo paradeiro se ignora), da autoria de Jerónimo Coelho, vigário de São Torcato, e copiado por Francisco Xavier do Canto em data desconhecida – cópia essa reproduzida por Tomás Francisco da Silva, vigário da mesma paróquia, em 1804, e, desta, trasladada dois anos depois na certidão em pública forma do processo de elevação do corpo de São Torcato (a qual foi transcrita por João Lopes de Faria em 1891-1892 nas *Velharias da Colegiada Vimaranense*²⁵).

[...] e se abrio a campa da sepultura, onde achamos o santo na maneira seguinte: estava inteiro em carne, sem lesão alguma, mais que em o pescoço tinha um buraco, que denotava ser golpe, e, na pá, entre uma e outra, um buraco redondo, o mais estava inteiro. As mãos eram muito compridas e alvas: a esquerda assentada sobre o peito, a direita sobre ella, mas os quatro dedos em vão; os olhos cheios e compostos.

24) Inácio José Peixoto considera-o erroneamente como “livro dos estatutos da confraria do mesmo santo” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 40v.).

25) Em síntese, só lográmos ter acesso a uma transcrição feita em quinta mão do documento original, de 1637.

Era calvo e o rosto grande, mas agudo em a barba. Era muito grosso, porque com a sepultura ser muito grande e alta e as mãos terem cobertura e os pés estão ainda encolhidos. Á cabeceira, está uma almofada grande e, aos pés, vimos um [...] çapato [26] de couro descosido. Trazia vestido uma alva de Olanda, que lhe cobria os pés, e sobre ella uma opa, como a que trazem os bedeis e o porteiro da maça, de barbilho côr de telha, mas não trazia mangas perdidas, mas vestidas, e os braços eram muito grossos. Junto ao corpo, a mão esquerda, ao longo da parede (porque a cabeça está para a porta), está um baculo de pau, o qual até o meio é redondo e bem torneado, dahi abaixo é oitavado meúdo, e está muito forte, porque o tiramos e vimos bem. De tudo isto se fez um instrumento que os ditos senhores levaram para o cartorio de Guimarães. E, assim visto, se fechou logo a sepultura e se acabou de fechar aos dezoito do mesmo mez. Isto é o que passa. (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 41).

Como escreve Jerónimo Coelho, deste exame do sarcófago de São Torcato foi redigido outro “instrumento”, guardado no arquivo da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Desta instituição capitular, estiveram presentes no exame Rui Gomes Golias, mestre-escola, Baltasar de Meira, arcipreste e morgado de Poveiras, os cónegos prebendados Miguel da Silva de Melo, Cristóvão Ferraz dos Guimarães e Miguel da Fonseca Arrochela, o meio prebendado Paulo Barroso Coelho (irmão do vigário Jerónimo Coelho) e o cura António Coelho. Passemos agora a palavra ao notário apostólico Diogo de Barros, redator do auto mencionado.

E, para que em todo o tempo vimdoiro constase da verdade de estar o corpo do bem-aventurado santo Trocato no moimento onde sempre esteve, que é feito de pedra de Ançam, lhes pareceu convenientemente levantar a pedra de cima, para verem como estava dentro, e logo mandarão chamar os pedreiros que andavão lavrando a pedraria e, asesas tochas e sirios, resarão à antiphona e oração do dito santo; e, com isso, se levantou a pedra e foi levantada pelos pedreiros, em modo que bem podia ser visto o corpo do bem-aventurado santo, como de feito foi visto por todos elles e por mim, notario, e mais pessoas de que se abaixo fará menção: o qual achamos e vimos inteiro, organizado e incorporado em carne e osso, mirrado, o rosto virado para a banda esquerda, com olhos, naris, boca, barba, orelha perfeitamente compostas, de modo que bem mostrava as feições de homem. Tinha a mão direita sobre a esquerda

26) Seguimos a indicação de sugestão de leitura dada em nota de rodapé à transcrição feita por Faria (1891-1892), onde se alerta “Deve ser (?) çapato” (vol. 2, fl. 41), corrigindo a palavra “capote”. A mesma leitura faz Almeida (1923) ao atualizar a grafia para “sapato” (p. 269).



e ambas se julgavão e devisavão com osso e carne mirrada sobre elle, grandes e direitas, que paresião de homen de grande propoção; o peito grande e alevantado, todo composto de ossos e carne mirrada, e, dahi para baixo, se não via mais partes, por estar envoltas nas vestiduras ate a parte dos giolhos, as quoaes vestiduras erão: alva de linho muito fino e oitra vestimenta por sima, tãobem delgada, que se não julgava se era seda, se lam, por estar pegada no corpo e a cor desbotada; ao pe, tinha um sapato que se julgava ter couro e sola e, da parte esquerda, um pedaço de pau redondo, de comprido de tres ate quatro palmos, e uma^[27] das pomtas tinha uma emcarnea ? [sic] ^[28] que paresia ter oitro páo em sima, e era feito de torno, groso que emchia a mão de quoaalquer homen. E visto tudo pelos ditos senhores dignidades, conigos [fl. 8v.] e por mim, notario, e mais pesoas abaixo de que se fará menção e asinadas, se tornou a fechar a sepoltura e se por [sic] em sima dela uma pedra das que se avião de por em sima por goarnição, por que não pudese ser aberta, e ficou para maior goarda e segurança posta a dita pedra. (Faria, 1895-1896, vol. 5, fls.8-8v).

Existem, portanto, duas descrições do mesmo exame, que coincidem no essencial mas apresentam certos pormenores díspares entre si.

Fechado e reforçada a proteção do túmulo de São Torcato, foi colocada junto à base do mesmo uma lápide com a seguinte inscrição:

AN[O]. 1637. SE. GUARNE / SEV. ESTA. S[EPULTUR]A. E. ABERTA. SE / ACHOV. O CORPO. E. CARNE. / INT[ER]RO. VESTIDO. E[M]. PONTIFIC / AL. COM BACVLO.²⁹

Vemos, deste modo, que aquando da elaboração desta epígrafe tomaram-se as vestes – não sabemos se inconsciente ou conscientemente, de modo a deturpar a realidade do que o corpo envergava, como expõe Eduardo de Almeida – como paramentos pontificais e o bordão de madeira como báculo episcopal. Assim, de entre o vestuário usado pelo cadáver, a veste interna corresponderia a uma alva e a sobreveste, por ser dotada de mangas, teria uma forma semelhante a uma dalmática pontifical; de facto, é esta a interpretação

27) As duas últimas letras da palavra “uma” encontram-se escritas por cima de outras, corrigindo-as.

28) João Lopes de Faria transcreveu este vocábulo como “emcarnea”, mas assinalando as dúvidas que teve na leitura. Freitas (1890), por sua vez, leu uma palavra ligeiramente diferente: “encrava” (t. III, p. 243), sem indicar qualquer hesitação. Não foi essa a perspetiva de Almeida (1923), que, por não ter a certeza do que Diogo de Barros escreveu nesta passagem do auto, optou por inserir um ponto de interrogação no lugar do termo.

29) Leitura da epígrafe feita conforme as transcrições realizadas por Craesbeeck (1992) e a gravura do monumento que encerra o túmulo de São Torcato incluídas nas *Memórias ressuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho no ano de 1726*, assim como a fotografia do mesmo memorial presente na obra de Sillos (1998).

de Inácio José Peixoto, quando declara – apoiado no auto presente no *Livro dos usos da freguesia de São Torcato* – que “na dita ocasião e no anno de mil seiscentos e sete [sic] foi examinado o corpo do santo e achado inteiro, vestido com alva e tunica, ou dalmatica, por cima e até com sinaes de martirio” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 34v.). Há, todavia, uma questão que permanece: a menção do “báculo” e a ausência da referência à mitra significa que esta última não se achou ou não se sentiu necessidade de aludir à existência da mesma (por se indicar que o corpo estava “vestido em pontifical”)?

Novo exame ao corpo de São Torcato só tornou a fazer-se a 17 de junho de 1805, desta feita por requerimento dos devotos do “homem santo” a D. Frei Caetano Brandão, arcebispo de Braga, com a assistência de membros do Cabido da Colegiada de Guimarães. Do respetivo *Termo de descobrimento do tumulo em que se achava o corpo de São Torquato* é retirada a seguinte descrição:

[...] no interior do mesmo tumulo apareceu um cadaver que, sendo examinado pelo Doutor medico da villa de Guimarães, chamado Miguel Rebello, ao qual elle, reve-rendo commissario, elegeo para esta diligencia, o achou na forma seguinte:

Os ossos que formam a cabeça todos se acham unidos por meio das suas suturas e musculos, no rosto as maxillas se achão unidas ou articuladas nas suas proprias articulações e os dentes da mesma sorte, á excepção do superior, que se não acha; no peito, as costellas estão unidas nas suas proprias cavidades; no pescoço, se achão destruidas as partes musculozas e desarticuladas as vertebraes cerebicaes, aonde se divisa uma rotura grande que se pode conjeturar, conforme a tradição, que seria a parte aonde soffreu o martirio; no braço direito, o osso humero se acha articulado e destituido de musculos e os dois ossos cubito e radico e toda a mão se achão articulados e todos os dedos com suas unhas, a excepção do poley, que lhe falta; o mais corpo e pernas se acha em parte desorganizada e a perna direita se acha articulada e destituida de musculos e todo o mais restante do esqueleto se acha sem musculos, mas com todos os seus proprios ossos.

E nesta forma se achou o dito santo cadaver, assistindo a este exame dois ecclesiasticos, com suas sobrepelizes e luzes [fl. 44] acezas, cantando-se o Te Deum laudamus com a commemoração do mesmo santo, e em todo este exame não se experimentou mau cheiro ou corrupção. Achou-se mais o vestido lavrado, que por alguns pedaços que ainda conserva na forma mostrava ser de seda e algodão, cor de telha, e appareceu mais ao lado esquerdo um pao mal figurado, que diz a tradição ser o baculo do mesmo santo, o qual corpo e todas as mais insignias de que se faz menção em todo



este termo se acharam dentro de uma pia de pedra chamada de Ancã, com sua cobertura da mesma. E neste mesmo modo ficou sem que nelle se fizesse manufactura ou movimento algum mais do que o necessario para o referido exame e ultimamente se cubrio com um cobertor de seda de damasco carmesim, que foi atado na mesma pia e sellado com cinco ligaduras e com lacre vermelho [...]. (Faria, 1891-1892, vol. 2, fls. 43v.-44).

Posto isto, de modo a auxiliar uma reconstituição mais fiável, importa compararmos as transcrições feitas acima colocando lado a lado, pela cronologia a que as fontes pretendem reportar, a descrição de cada peça material. Para isso recorreremos à elaboração de um quadro, apresentando as nossas propostas de reconstituição para cada elemento na última coluna.

Tabela 1 – Indumentária e acessórios com que foi encontrado o corpo de São Torcato de Guimarães

| 1538 | | Descrições segundo as datas das aberturas do túmulo | | | 1805 (17 de junho) | Propostas de identificação |
|---|---|---|-------------------------|--|--|---|
| | | 14 de julho | 18 de julho (?) | 1637 | | |
| "uma vestimenta branca franzida pelo pescoco como de estamenha" | "Á cabeceira, está uma almofada grande" | | | | | Almofada grande, provavelmente retangular e de veludo ou cetim (de que cor?). |
| | "Trazia vestido uma alva de Olanda, que lhe cobria os pés" | | "vestido em pontifical" | "alva de linho muito fino" | "Achou-se mais o vestido lavrado, que por alguns pedaços que ainda conserva na forma mostrava ser de seda e algodão, cor de telha" | Túnica talar ou alva, em linho fino, de vestir pela cabeça, pregueada pelo pescoco e que cobria os pés, munida de duas mangas. Neste caso, veste interna da loba cerrada medieval e renascentista |
| | "sobre ella uma opa, como a que trazem os bedeis e o portero da maça, de barbilho côr de telha, mas não trazia mangas perdidas, mas vestidas" | | | | | Opa ou sobreveste da loba talar, de forma trapezoidal, com aberturas para a entrada da cabeça e dos braços. Em seda lavrada, em tom vermelho-telha (derivado de ser já desbotado). Sendo de figurino tardo-medieval ou mesmo renascentista, não teria mangas; sendo veste confeccionada no século XVI, poderia ter duas mangas falsas/perdidas ou com entretalhos, que se usavam pendentes e nas quais o portador poderia enfiar os braços. Barbilho de seda, tendo o tecido a espaço alguns fiapos projetados para fora da superfície. |
| "um baculo de páo ao pé" | "Junto ao corpo, a mão esquerda, ao longo da parede [...], está um baculo de pau, o qual até o meio é redondo e bem torneado, dahi abaixo é oitavado meúdo, e está muito forte" | | "com baculo" | "da parte esquerda, um pedaço de pau redondo, de comprimento de tres ate quatro palmos, e uma das pontas tinha uma emcarna/encrava que paresia ter oitro páo em cima, e era feito de torno, grosso que emchia a mão de qualquer homen" | "apareceu mais ao lado esquerdo um páo mal figurado, que diz a tradição ser o baculo do mesmo santo" | Bordão de peregrino em madeira, grosso, constituído por dois fustes: um superior, cilíndrico (num comprimento de três a quatro palmos), e um inferior, em oitavado miúdo. Estes dois segmentos seriam unidos a meio do bordão por um encaixe (do tipo macho-e-fêmea, em madeira), coberto por um anel divisorio em madeira. Empunhadura do bordão em forma esférica, semelhante a uma maçaneta, ou em T (numa imitação da cruz de Cristo). |
| "uma mitra na cabeça de tabi branco" | | | | | | Mitra de tafetá branco (de que formato? De que tamanho? Com ou sem ínfulas?). |
| "uma cruz de páo sobre o peito" | | | | | | Cruz de madeira sobre o peito (pendente ou não de um fio ou cordão?). |
| | "aos pés, vimos um çapato de couro descosido" | | | | | Descrição insuficiente em todos os autos. Sapato de pele com sola de madeira, tipo coturno campesino, ou sapato cortêsão golpeado? |



Quanto à sobreveste, Sillos (1998) refere-se-lhe por duas vezes como “samarra” (pp. 31, 58) (presumimos que queria dizer “chamarra”), mas sem especificar se seria aberta ou fechada, com ou sem mangas, falsas ou verdadeiras.

De forma a obtermos uma representação mais concreta daquilo que as fontes consultadas traçam, algo que pudéssemos observar, optámos por fazer o seguinte ensaio de recriação a três dimensões do estado em que se encontrava o corpo dito de São Torcato aquando dos exames do sepulcro conduzidos na primeira metade do século XVI, em 1637 e em 1805.

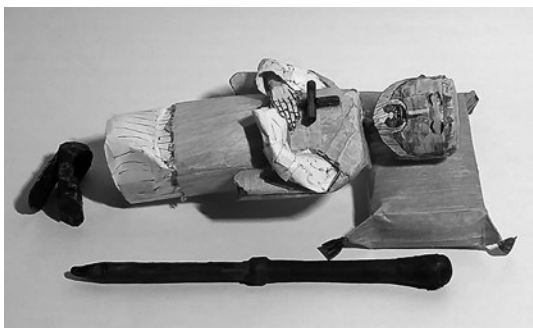


Figura 1 – Proposta de reconstituição do corpo de São Torcato (sem a mitra apontada para 1538)



Figura 2 – Proposta de reconstituição do corpo de São Torcato (com a mitra e no interior do túmulo)

Tendo em conta unicamente as descrições das vestes envergadas pelo cadáver atribuído a São Torcato e a reconstituição tridimensional que elaborámos, colocamos as seguintes questões: estaríamos perante um corpo de um clérigo (como parece denunciar a mitra, caso esta tenha efetivamente estado presente na sua cabeça)? Ou, consoante sugere a figura 1, de alguém que se fez sepultar como peregrino (suspeita que levantamos pela existência do bordão de madeira)? Em qualquer dos casos, seria de um indivíduo do sexo

masculino com uma importância social considerável; se assim não fosse, possivelmente não teria sido objeto de uma inumação num túmulo de calcário ou mármore³⁰ nem a sua cabeça repousaria no mesmo sobre uma almofada (numa figuração do sono dos justos).

Apesar do elevado estatuto social desta personalidade, há que admitir a hipótese de, em algum momento, os seus restos mortais terem estado albergados no seu sarcófago, mas no exterior da igreja de São Torcato. Com efeito, no requerimento para a realização da solenidade da “Elevação” (apresentado por Inácio José Peixoto em 1804), uma das justificações era a

[...] firme tradição que o sepulchro com o sagrado deposito foi trasladado para o adro junto à igreja do mosteiro e ahi permaneceu por muitos annos, collocado sobre columnas, e existia no tempo d’el-rei Dom Manoel e até ao anno de mil seiscentos trinta e sete, que foi trasladado para a capella aonde se acha. (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 35).

Não obstante os erros cronológicos cometidos pelo desembargador procurador para a “Elevação” (sabemos que em 1607 o túmulo de São Torcato já era venerado na capela lateral da igreja paroquial homónima³¹), convém perguntarmo-nos se esta tradição local não será um testemunho oral da presença deste sepulcro no adro do mosteiro de São Torcato, numa época remota (pelo menos, ao ponto de gerar a confusão de datas patente nas palavras de Inácio José Peixoto), quando se teria iniciado a veneração popular em torno do mesmo. Por outro lado, não deixa de ser curioso – e, até, sugestivo – que, num dos autos de 1637, Diogo de Barros localize a capela de São Torcato “no corporal do seu mosteiro” (Faria, 1895-1896, vol. 5, fl. 8). Ora, chamar-se-iam as capelas laterais de Santa Catarina – a qual, até cerca de 1923 (Barroca & Real, 1992), comunicou com o espaço da igreja apenas através de uma “pequena porta na parede” (Faria, 1891-1892, vol. 2, fl. 33v.) – e de São Torcato, no seu conjunto, “corporal” por custodiarem o corpo do varão apostólico ou já seria este anexo lateral da igreja conhecido por este nome previamente à deposição nesse local dos restos mortais referidos (funcionando, assim, este espaço como panteão)?

30) Diogo de Barros narra no auto que redigiu da abertura do sepulcro em 1637 que “declarou o mestre da obra [de reforço do túmulo] que a sepultura em que está o dito santo que asima se diz ser de Ansam lhe paresia ser de marmore, por ser mais dura” (Faria, 1895-1896, vol. 5, fl. 8v.).

31) Disso nos dá testemunho Frei Bernardo de Brito na parte II da *Monarquia Lusitana* (concluída em 1607 e editada dois anos depois), onde relata o seguinte: “Daqui foy [São Torcato] tresladado andando o tempo, pera hum templo de fermosa fabrica [...], aonde hoje está seu corpo em hũa sepultura de pedra mais fina e melhor que a outra ordinaria, a que vulgarmente chamão pedra de Gonça (alta e cercada de grades de ferro) recolhida em capella particular a hũa parte da capella mòr” (Brito, 1975, pt. II, fl. 24v.).



O desenvolvimento destas questões obrigar-nos-ia ao desvio do tema principal deste trabalho. Resta-nos esperar que, no futuro, uma análise mais aprofundada das fontes históricas – e arqueológicas – existentes e por (re)descobrir contribua com novos dados que possibilitem o percurso destas vias de investigação.

Referências bibliográficas

Fontes

Amaral, L. C. (coord.) (2016). *Diplomata et chartæ – Chartularia. Livro de Mumadona – Cartulário do Mosteiro de Guimarães – Edição crítica*. In *Portvgaliæ monvmenta historica: A sæcvlo octavo post Christum vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Scientiarvm Olisiponensis edita* (n.s., vol. VII). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

António, M. (2007). Tratado sobre a Província d'Antre Douro e Minho e suas avondonças. In Valentim, Carlos Manuel, *Uma família de cristãos-novos do Entre Douro e Minho: os Paz. Reprodução familiar, formas de mobilidade social, mercancia e poder (1495-1598)* (Anexo – Corpo documental, pp. 32-45). [Dissertação de mestrado em História Moderna, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório ULisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1737/4/21893_ulfl061171_tm_corpo_documental.pdf

Azevedo, R. P. (anot.) (1958). Documentos régios: Documentos dos condes portugueses e de D. Afonso Henriques (A. D. 1095-1185) (vol. I, t. I). In Azevedo, R. P. (org.), *Documentos medievais portugueses*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

Azevedo, T. P. (2000). *Memórias resuscitadas da antiga Guimarães*. (2.ª ed.). Guimarães: Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro.

Barros, J. (2019). *Geographia d'Entre Douro e Minho e Tras-os-Montes*. (2.ª ed.). Porto: Câmara Municipal do Porto.

Brito, B. (1975). *Monarquia Lusitana* (pt. II). (ed. fac-sim.). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Cardoso, J. (2002). *Agiolégio Lusitano* (t. I). (ed. fac-sim.). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/2TEAUYQRM1KY3YQQET1TD7UCNLGLE3.pdf

Costa, A. C. (1706). *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal* (t. I). Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes. <https://purl.pt/434/4/>

Craesbeeck, F. X. S. (1992). *Memórias resuscitadas da província de Entre Douro e Minho no ano de 1726* (vols. I e II). Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto.

Estaço, G. (1625). *Varias antiguidades de Portugal*. Lisboa: Pedro Craesbeeck. https://books.google.pt/books/about/Varias_Antiguidades_De_Portugal.html?id=WV9JAAAACAAJ&redir_esc=y

Faria, J. L. (1889-1890). *Velharias da Colegiada Vimaranense* (vol. 1). Manuscrito não publicado, acessível no Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, Portugal. <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/archsms/item/131529#c=0&m=0&s=0&cv=0&xywh=-786%2C-1%2C2628%2C1696>

Faria, J. L. (1891-1892). *Velharias da Colegiada Vimaranesense* (vol. 2). Manuscrito não publicado, acessível no Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, Portugal. <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/archsms/item/132028#c=0&m=0&s=0&cv=0&xywh=-760%2C-1%2C2577%2C1663>

Faria, J. L. (1895-1896). *Velharias da Colegiada Vimaranesense* (vol. 5). Manuscrito não publicado, acessível no Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, Portugal. <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/archsms/item/133514#c=0&m=0&s=0&cv=0&xywh=-1656%2C-1%2C5740%2C3704>

García Blanco, M. J. (ed.) (2014). *Liber Sancti Iacobi: Codex Calixtinus*. Xunta de Galicia.

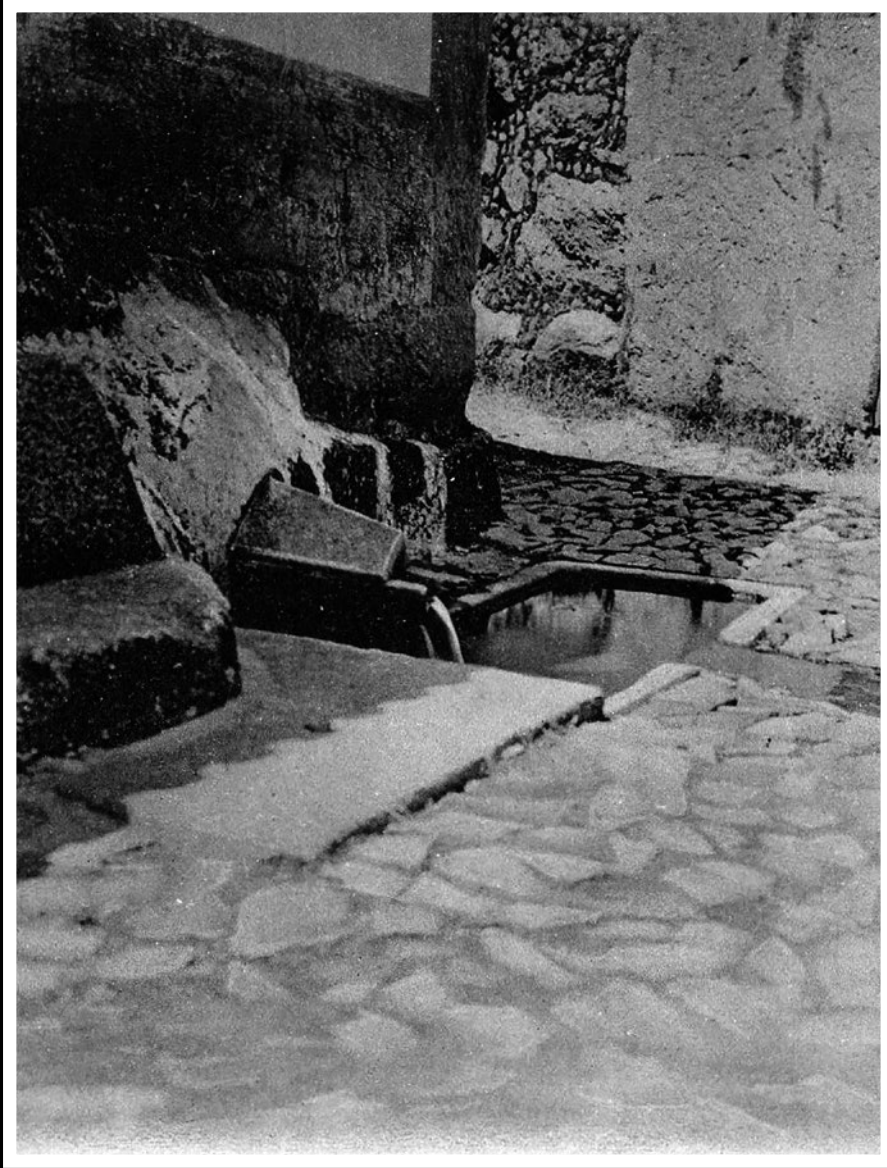
Manuel I (1501). *Carta de D. Manuel I dirigida aos cônegos da Igreja de Guimarães sobre a trasladação do corpo de São Torcato para essa igreja*. Manuscrito acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4648267>

Sillos, D. S. (1998). *Vida preciosa e glorioso martírio de S. Torcato, arcebispo de Braga e bispo do Porto, do Padrão e de Dume*. (20.^a ed.). Guimarães: Irmandade de S. Torcato.

Sousa, A. C. (2002). *Agiolégio Lusitano* (t. IV). (ed. fac-sim.). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/E1TAFRF6QFGXTPR6BSNTGMN73KQMLI.pdf

Bibliografia

- Almeida, E. (1923). S. Torcato: Algumas notas dispersas. *Revista de Guimarães*, 33(4), 261-327. <https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/rgmr/item/54883#c=0&m=0&s=0&cv=0>
- Barroca, M. J. (2000). Corpus Epigráfico Medieval Português. In Barroca, M. J., *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)* (vol. II, t. 2). Fundação Calouste Gulbenkian. https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/5XPRRJUSKL2FMCVF8CBLLUNSR65CJ3.pdf
- Barroca, M. J., & Real, M. L. (1992). As caixas-relicário de São Torcato, Guimarães (Séculos X-XIII). *Arqueologia Medieval*, (1), 135-168. https://www.academia.edu/9754443/As_caixas-relic%C3%A1rio_de_S%C3%A3o_Torcato_Guimar%C3%A3es_S%C3%A9culos_X_-_XIII_
- Costa, A. J. (1993). *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*. (3.^a ed. muito melh.). Coimbra: Instituto de Paleografia e Diplomática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Costa, A. J. (1997). *O bispo D. Pedro e a organização da arquidiocese de Braga* (vol. I). (2.^a ed. ref. e ampl.). Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.
- Ferreira, J. A. (1923). *Memorias archeologico-historicas da cidade do Porto (fastos episcopaes e politicos): Sec. VI – sec. XX* (t. I). Braga: Cruz & Comp.^a.
- Freitas, B. J. S. (1890). *Memorias de Braga* (t. III). Braga: Imprensa Catholica.
- Magalhães, J. L. D. T. (2021). *Entre o mito e a história. A construção da memória de São Torcato de Guimarães nos séculos XVI e XVII*. [Dissertação de mestrado em Estudos Medievais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/139772>
- Martins, M. (1957). *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*. (2.^a ed.). Lisboa: Edições “Brotéria”.
- Rosa, M. L. (2010). *Santos e demónios no Portugal medieval*. Porto: Fio da Palavra.
- Silva, A. S. (1979). S. Torcato, 1805: o Povo, a Religião e o Poder (Análise de um motim de província). *Estudos Contemporâneos*, (0), 15-82.



Arquivo da Irmandade de São Torcato



João Paulo Braga

Universidade Católica
Portuguesa / CEFH

São Torcato na pena de Camilo Castelo Branco e de outros romeiros literários



Camilo Castelo Branco,
painel de azulejos da autoria
de Jorge Colaço.
Casa de Camilo, São Miguel de
Seide

Sendo São Torcato um dos santuários e uma das romarias mais importantes do Minho, é natural que Camilo Castelo Branco lhe faça referências na sua vasta obra, profundamente enraizada nesta região, principalmente desde que fixou residência em São Miguel de Seide, a partir de 1864. Rastreamos, neste ensaio, essas referências camilianas, interpretando o seu sentido literário, histórico e cultural, com a ajuda de outros autores que sobre São Torcato escreveram.

Em 2011, a estação ferroviária de São Bento, no Porto, foi eleita uma das mais belas do mundo pela revista americana *Travel+Leisure*. Entre os admiráveis primores da gare portuense, projetada por José Marques da Silva (fixemos este



A romaria de São Torcato (azulejos de Jorge Colaço, na estação ferroviária de São Bento, Porto).
Raul Pereira

nome), que justificam tão honrosa distinção, contam-se os magníficos painéis de azulejos nas paredes do átrio, desenhados por Jorge Colaço e produzidos pela fábrica de Sacavém. Retratam, predominantemente, episódios da história de Portugal e cenas pitorescas de costumes religiosos e etnográficos das regiões do Minho e Douro. Um desses painéis, que depara a quem entra pela entrada principal, à direita, na parte superior, representa a romaria de São Torcato, em Guimarães. Nele vemos figurado um esfuziante cortejo popular, com música e dança; alguns romeiros comem e bebem, sentados às mesas das barracas de petiscos, enquanto outros repousam deitados no chão.

O artista Jorge Colaço, que, entre outras obras do género, criou os azulejos que revestem o exterior da igreja de Santo Ildefonso, na Invicta, é também autor de um retrato de Camilo Castelo Branco em azulejos. Esse artista era, aliás, genro de Tomás Ribeiro, grande amigo do romancista de Seide. Mas são bem mais profundas, apesar de indiretas, as relações entre o autor do *Amor de Perdição*. Indiretas, porque a estação ferroviária Camilo não a chegou sequer a conhecer. Quando a Estação Central do Porto foi inaugurada em 5 de outubro de 1916 (embora tivesse entrado ao serviço anos antes, em 8 de novembro de 1896), já o escritor há muito havia falecido (1 de junho de 1890). Mas quanto ao Mosteiro de São Bento de Ave Maria, sobre cujos escombros foi construída a gare e do qual recebeu o nome, são relevantes as ligações a Camilo Castelo Branco, com reflexos na sua obra literária.

Foi no Mosteiro de São Bento de Ave-Maria que o romancista pôs a educar uma sua filha, fruto da relação amorosa juvenil com Patrícia Emília de Barros, de Vila Real. A

menina, Bernardina Amélia, teve como precetora a freira Isabel Cândida Vaz Mourão, com quem Camilo, presença habitual nos célebres abadessados da época, terá tido um envolvimento amoroso... Como toda a gente sabe, porém, a mulher fatal do escritor foi outra: Ana Augusta Plácido. E todos sabemos, também, que à conta dessa paixão assolapada, os dois amantes foram encarcerados na Cadeia da Relação, na sequência do processo de adultério que contra eles movera o marido traído, Manuel Pinheiro Alves. Ana Plácido deu entrada no cárcere no dia 6 de junho de 1860; Camilo, esse, entrou uns meses mais tarde:

Era o primeiro dia de outubro de 1860.

O céu estava azul como nos meses estivos. O Sol parecia vestido das suas galas de abril, a bafagem do sul vinha ainda aquecida das últimas lufadas do outono. Que formoso céu e sol, que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem à porta da cadeia! (Castelo Branco. 1990a. 406).¹

Neste texto autobiográfico, o “Discurso Preliminar” de *Memórias do Cárcere*, uma das obras cuja gênese, tal como o *Amor de Perdição*, resultou da sua experiência de reclusão, Camilo revive esses angustiantes meses em que andou foragido por terras de Minho e Trás-os-Montes. Nessa altura, valeu-se da proteção, principalmente, de dois grandes amigos nortenhos: Francisco Martins Sarmento, de Guimarães, e José Cardoso Vieira de Castro, de Fafe. Chegou a andar cá e lá, entre Guimarães e Fafe. Regressando à Quinta do Ermo, de Vieira de Castro, depois da visita a Martins Sarmento, nas Taipas, Camilo parou em São Torcato:

Saí do Ermo, outra vez para as Taipas, a visitar Francisco Martins. Das Caldas fui a S. Torquato visitar a múmia do miraculoso santo. Comprei um livrinho que historiava conjeturalmente a vida e morte de Torquato, e um panegírico do mesmo pelo famoso Silos, que já passou desta vida. Beijei devotamente o pé do santo, e comprei umas nóminas, imagens e fitinhas milagrosas.

Comigo ia o meu barbeiro, investido das duplas qualidades de escanhoador e jó-quei pedestre. Mostrou-me ele a fontinha, que brotara do local onde os frades do convento próximo, guiados por uma estrela cadente, descobriram o cadáver incorrupto do santo. Os milagres, de que não rezava o livro, contou-mos ele, de modo que nenhuma dúvida me podia ficar da sua autenticidade. (Castelo Branco. 1990a. 395).

1) Em todos os textos citados, optou-se por atualizar a grafia, segundo o Novo Acordo Ortográfico.



Temos neste trecho um epítome dos vários aspetos – históricos, hagiográficos, religiosos e pitorescos – concernentes ao santo mártir Torcato. O livro designado como “panegírico do mesmo pelo famoso Silos” vem a ser o opúsculo *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*, da autoria de Domingos da Soledade Silos (1805-1855). Nele podemos ler que Torcato, natural de Toledo, viera para Portugal pastorear, como bispo, a diocese do Porto, sendo, depois, nomeado, cumulativamente, Arcebispo Primaz de Braga. Aquando das invasões dos muçulmanos, Torcato saiu-lhes ao caminho perto de Guimarães, para enfrentar, na companhia de um grupo de vinte e poucos cristãos, confiante na sua palavra persuasora, as poderosíssimas tropas comandadas pelo terrível Muça. Aí, Torcato e os seus companheiros são barbaramente abatidos. O corpo do santo foi abandonado entre o mato. Passados anos, deu-se o fenómeno de uma estrela incidir os seus raios de luz no lugar onde o mártir jazia, fenómeno testemunhado por um monge beneditino. Com a ajuda de um pastor que por ali parava, foi descoberto o corpo incorrupto do santo, para grande espanto da multidão que entretanto ocorrera: «Tinha vestido uma samarra cor de telha: e, ao lado esquerdo, um pau ou cajado tosco, insígnia da sua jurisdição», informa Silos no citado livrinho (Silos. 1853. 18).

A “fontinha” de que fala Camilo é aquela que, segundo a tradição, brotou maravilhosamente como prova do aparecimento do cadáver de Torcato. Essa nascente, que permanece nos dias de hoje como uma das atrações dos peregrinos, pela fama das suas águas miraculosas, é celebrada pela poesia popular nesta quadra:

São Torcato, corpo santo,
Que dais a quem vos vem ver?
Aguinha da minha fonte
Pra quem na quiser beber.

Ao lado da fonte, o devoto povo daquelas paragens tratou de erguer uma capelinha, na qual ficou inicialmente guardado o corpo do santo, designada tradicionalmente como “São Torcato o Velho” e hoje como “Capela da Fonte do Santo”. Daí, o corpo do mártir foi trasladado para um mausoléu, dentro de uma capela pertencente à igreja do convento de frades beneditinos, atual igreja paroquial. Em julho de 1852, o santo corpo foi transferido solenemente para a capela-mor do templo projetado, mas não concluído, o qual haveria de ser substituído pelo santuário atual. A construção deste, iniciada no século XIX, continuou ao longo do século XX. Um dos arquitetos que contribuíram nessa edificação foi, justamente, José Marques da Silva, o mesmo que desenhou a Estação de São Bento. A sagração do templo ocorreu em 25 de outubro de 2015, com a presença do Arcebispo de

Braga, D. Jorge Ortiga. Em 2021, no dia 27 de fevereiro (dia de São Torcato), o Santuário foi elevado a basílica, numa cerimónia presidida por D. Jorge Ortiga.

Não demorou muito Camilo nesta visita a São Torcato. Nem podia, que a ocasião não era propícia. Seguiu caminho para a Casa do Ermo, e, já na freguesia de São Vicente de Paços, não ficou indiferente a mais um marco de fé popular das gentes minhotas – a Cruz de Lestoso, umas alminhas, a propósito das quais ouviu uma história daquelas que sempre lhe despertavam interesse:

Chegámos a uma chã, onde estava arvorada cruz de pedra, chamada a *cruz de Lestoso*. O meu barbeiro rezou um *padre-nosso* por alma dum pintor vimaranense, que ali fora assassinado poucos anos antes. Dera-se que um pintor, chamado a retocar o oratório duma viúva, aconselhara a viúva, maltratada por seu filho, a segurar sua subsistência e independência por não sei que escritura, odiosa ao mau filho. Este, ciente do intento ou do facto de sua mãe, saiu acamaradado ao caminho por onde o pintor ia de Guimarães a concluir sua obra, e matou-o a facadas. Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o Ministério Público com ambos, de modo que o homicida granjeia pacificamente suas terras. Castelo Branco. 1990. 395).

Mas voltemos a São Torcato. Na vasta obra de Camilo, é possível encontrar mais algumas referências, embora sempre muito de passagem.

Assim, nas *Cenas da Foz*, topamos com este passo autorreflexivo, em que o narrador, muito ao jeito de Camilo, introduz um parênteses no fio da narrativa, para comentar o seu estilo literário, maculado de influências da moda. A composição estilística é comparada às sonoridades típicas dos clarinetes que alegam a romaria de São Torcato:

Devo, para desarmar a crítica, protestar contra o epíteto *ebúrnea*. Entrou comigo a peste literária dos modernos torneiros de parágrafos. Arredondar o período é a condição imposta pela tirania do gosto ao escrevinhador laureado. Eu canto o que escrevo; e, se a toada me destoa no tímpano, desmancho a oração em partes, ajusto-as de novo, calafeto-as de artigos, e pronomes, e conjunções, o mais afrancesadamente que posso, e sai-me a cousa um pouco ininteligível, mas harmoniosa como um clarinete de romeiro de S. Torcato de Guimarães. (Castelo Branco. 1983. 791-792).



A comparação remete para uma incontornável dimensão do nosso tema: a festa, a diversão, o folgado, de que faz parte indispensável a música. Como sublinha Pierre Sanchis, num fundamental estudo sociológico sobre esta temática, a romaria portuguesa sempre foi «lugar privilegiado do canto e da dança populares» (Sanchis. 1992. 157).

Alberto Pimentel, na sua obra *As Alegres Canções do Norte*, não podia deixar de fazer largas referências à romaria de São Torcato, aliás, para sermos mais exatos, às *romarias* de São Torcato: a “romaria pequena”, a 15 de maio, data da descoberta do cadáver do santo; e a “romaria grande”, no primeiro domingo de julho (data da trasladação do corpo do mártir da capela do mosteiro para o santuário). A “romaria grande” é-o, desde logo, pela imensa multidão que atrai, oriunda de Minho, Douro e Galiza:

Esta última romaria, que se efetua no primeiro domingo de julho, e se chama “a grande”, alvoroça todo o alto e baixo Minho, o Douro e até a Galiza: concorre a ela uma espantosa aluvião de gente, que vem dos distritos de Viana, Braga e Porto, não faltando romeiros de Espanha. (Pimentel. 1905. 182-183).

Consequentemente, é grande também pela receita de esmolas generosamente deixadas pelos romeiros, como demonstra Pimentel, com a prova dos gordos cifrões que a romaria rendeu em 1904: «As esmolas, que por essa ocasião entram no cofre da respetiva irmandade, são em número avultado, atingem uma cifra importantíssima: no ano de 1904 subiram a mais de 5:000\$000 réis.» (Pimentel. 1905. 183).

Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, realça igualmente a grandiosidade da romaria de São Torcato, grande em gente e grande em rendimentos, como atesta a folha de receitas relativa a 1876 e 1877, com avultada soma de dinheiro, muitos quilos de cera e muitos objetos de ouro:

A romaria de S. Torcato, que se faz no 1.º domingo de julho, é uma das mais concorridas do Minho. Em 1876, renderam as esmolas e ofertas que se receberam na véspera e no dia, 2:185\$285 réis, e 150 quilogramas de cera, que valem (a 400 réis o arrátel) 153\$600 réis – total das esmolais, 2:338\$885 réis. Um só dos círios oferecidos, tinha 60 quilogramas de peso! Além disto, recebeu-se um cordão, alguns brincos e outros objetos de ouro, e grande quantidade de mortalhas. Em 1877, renderam as esmolas, 2:800\$000 réis. (Pinho Leal. 1880. 43).

Mais uma impressionante folha de rendimentos, agora de 1909, é apresentada por Manuel de Sousa Pinto, no livro *Para onde vais, Maria?*, de 1912, ao qual voltaremos mais abaixo:

Para que possam fazer uma ideia da importância da festa e dos ardores generosos da fé que a alimenta, copiarei a nota exata do rendimento deste ano: cinco contos duzentos e sessenta e nove mil trezentos e vinte cinco réis.

Entre os donativos, apareceram noventa e sete libras e nove meias libras em oiro, uma moeda de D. Pedro II, cinquenta e seis gramas de objetos de oiro, o já citado relógio de prata, uma junta de bois, e mais um boi. (Pinto.1912. 27).

Fialho de Almeida, em *Estâncias de Arte e de Saudade* (1921), também mede a grandiosidade da romaria de São Torcato pela quantidade de pessoas e pela soma de oferendas. Acrescenta mais um indicador, ao qual voltaremos daqui a pouco: a quantidade de pipas de vinho que chegam atestadas ao arraial e saem vazias:

Hoje, S. Torcato mete romarias de vinte e trinta mil pessoas, com enxugue de quarenta e cinquenta pipas de vinho; as suas rendas de esmolos orçam por seis e sete contos, quatro ou cinco dos quais, pingadeira de caixa e de bacia; e a sua fama celeste ascende sempre, porque é um santo de carne, mais habilitado portanto que os Bom Jesus de castanho e as N. N. S. S. de Cerdeira. (Almeida. 1921. 114).

A romaria de São Torcato é, pois, mesmo grande: em fé, em caridade, em folganças, em cantares, em música! Descreve Alberto Pimentel, no já citado livro *As Alegres Canções do Norte*: «Os romeiros caminham folgazãos, cantando e dançando ao som da viola, por entre essas duas longas alas de verdura.» (Pimentel: 1905: 189). É um dos mais eloquentes exemplos do fenómeno assim definido por Sanchis no estudo supracitado: «A romaria é vivida como festa, quer dizer, como acontecimento total, que se constitui em rutura do cotidiano, irrupção de um “outro” universo». (Sanchis. 1992. 139).

José Augusto Vieira, no *Minho Pitoresco* (1886), chama-lhe “romaria de rachar”, e transcreve o programa das festas, no qual se destaca, claro, a música:

Na véspera de tarde e na alvorada do dia, duas bandas marciais tocarão no arraial, seguindo, às 10 horas da manhã, a festa principal, como conclusão das novenas celebradas, e constando de missa cantada a grande instrumento com o Santíssimo Sacramento exposto e sermão por um dos mais conhecidos oradores de Guimarães. (Vieira. 1886. 614).

Nesta nossa digressão literária em torno do São Torcato, motivada por Camilo, cabe referência obrigatória à já citada obra *Para Onde Vais, Maria?* Num capítulo intitulado «O



São Torcato», datado de 1909, o autor, Manuel de Sousa Pinto, apresenta substanciaosas descrições pitorescas das festividades torcatenses, que considera as mais exuberantes da alegre região minhota: «o São Torcato, sendo a maior romaria do Minho, é, estou em dizê-lo, a maior festa de todo o Portugal.» (Pinto. 1912. 8). Depois deste rasgado louvor introdutório, são relevados vários aspetos, que contribuem para toda aquela orgia de sons, de cor, de movimento, que caracteriza a romaria:

Ao pé em terra, colhe-nos a mais desordenada, a mais vibrante, a mais estonteadora das barulheiras.

O vastíssimo terreiro do arraial é um mar compacto de barracas, de toldos, de cabeças, de varapaus.

Confundem-se músicas, pregões, descantes, risos, tocatas, campainhas, harmónios, violas, fanfarras, sinos a repicar, bocas a gritar, zabumbas, cornetas, sacabuxas, rouxinóis de barro, assobios. Tudo o que atordoa, tudo o que estrondeja, tudo o que ensurdece! (Pinto. 1912. 12-13).

Segue-se a referência às típicas barracas para venda de doces, recordações, brinquedos:

Nos espaços circundados pelas ruas, há barracas, toldos, palanques e coretos.

Nas barracas vendem-se doces, refrescos, bolachas.

Lá numa ou noutra, brinquedos, coisas de barro, bugigangas, recordações. Duma, concorridíssima, desaparecem bem regateados, mas nada baratos, harmónios e pandeiros. (Pinto. 1912. 41-42).

Não podem faltar as tendas de comes e bebes, pois, claro! Que nem só da palavra de Deus vive um cristão. E também nisso é grande o nosso São Torcato:

Sob os toldos, em profusão, compridas mesas, cheias de gente, cobertas por toa-lhas, que são autênticos “lençóis de vinho”, e sobre as quais pouco tempo permanecem as grandes postas de bacalhau, os bolinhos, as fatias de carne, o caldo verde e os nacos de pão enfarinhado.

É uma devastação, uma orgia pantagruélica, o mais encarniçado desafio de comezainas e comilões. (Pinto. 1912. 42).

O verde vinho, esse, sempre foi o combustível de toda a animação popular minhota. E no São Torcato – lembra-se o leitor de há pouco Fialho de Almeida falar nisso? – ele abunda mais do que nas Bodas de Caná:

Pipas gordíssimas, imóveis, com seus preciosos ventres bem calçados, esguicham de contínuo o verde néctar: o vinho espumacento, arroxado, fresco, convidativo, sem o qual o minhoto não é gente.

Há pipas às dúzias, e a multidão, que vai duma à outra, atrás do melhor sumo, rodeia-as carinhosamente, fazendo companhia sem nunca as deixar sós, às “boas velhotas”, como lhes chama um entendido abade meu amigo.

Em certos anos, esvaziam-se no São Torcato, sem que caia um pingo no chão, oitenta pipas. Mais de cem vi lá eu, e não é natural que regressem como foram. (Pinto. 1912. 43).

O autor continua a desenvolver a descrição, pintando com coloridas palavras aquilo que Jorge Colaço estampou nos azulejos da Estação de São Bento, aquele inebriamento dionisíaco que inunda a vivência popular de um arraial, sobretudo minhoto:

É tarde. Há pelo arraial muita gente deitada, em curiosos e promíscuos acampamentos.

A grande maioria, porém, insiste em conservar-se desperta, em viver toda a grande noite. De mistura com o seu copázio, ou seu copinho da “rija”, excitam-se mutuamente com danças e cantigas. Alguns inacreditáveis corpos bailam e saracoteiam-se há três dias. Certas cantadeiras inverosímeis estão há muitas horas sem deixar de cantar, e ainda não enrouqueceram. (Pinto. 1912. 47).

Voltemos a Camilo. Em romaria minhota que se preze, não pode faltar pancadaria grossa, ateadada por ciúmes, por rivalidades, por velhas contas a ajustar. Na novela *O Cego de Landim*, das *Novelas do Minho*, o narrador evoca, de passagem, umas bengaladas que uns fidalgos de Guimarães trocaram em São Torcato, na disputa por uma “gentil amazona” daquelas paragens:

Às vezes entrava naquela casa a Narcisa do Bravo, sentava-se à mesa ainda abundante do padrinho, e matava a fome. A irmã do cego debulhava-se em pranto a confrontar aquela desgraçada de rosto empolado com esfoliações rubras à formosa noiva de Custódio da Carvalha, à gentil amazona por amor de quem alguns fidalgos



de Guimarães terçaram as suas *badines* de *caoutchouc* na romaria de São Torquato. (Castelo Branco. 1988. 122).

E a propósito do arraial de porrada, convoquemos outro interessante depoimento sobre as festas de São Torcato – um artigo da revista *O Ocidente* (30 de julho de 1910). O articulista (C. A.) começa por descrever todo aquele cenário de folia, no qual sobressaem as barracas onde se retemperam os romeiros e onde se concentram os festejos espontâneos do povo. Curiosa a referência aos salões de beleza ambulantes:

Por aqui e por ali armam-se barracas de venda. Ouvem-se descantes e toques ao som dos quais o povo dança em grande contentamento e alegria, que mais se expande a cada momento que os foguetes de grandes bombas estalam no ar com enorme estrondo.

Por toda a larga avenida que conduz à igreja, erguem-se mastros embandeirados, matizando o céu de azul intenso com o variegado de suas cores. À sombra das árvores que orlam o caminho, enfileiram-se as barracas onde os forasteiros comem e bebem e em frente tocadores e cantores estendem a escudela pedindo alguns cobres. Os mais cuidadosos do seu físico entregam-se às mãos de barbeiros ambulantes, que na via pública abrem o seu salão com uma cadeira e um chapéu-de-sol. (C.A. 1910. 176).

O autor passa, depois, à descrição das celebrações religiosas, de que se destaca a majestosa procissão, com os seus monumentais andores. A quase estreita, quase indistinta, relação entre sagrado e profano nem aqui deixa de estar presente. Os peregrinos do cortejo religioso não resistem a dançar ao som do tambor:

Chega a hora da procissão, um misto de cortejo cívico e préstito religioso, com seus carros triunfais alegóricos até àquele em que vem o S. Torcato.

Abrem a procissão alguns soldados da cavalaria municipal do Porto e logo seguem as irmandades ladeando os clássicos anjinhos, de asas ao vento, alguns ajouçados ao peso dos cordões e medalhas de ouro que lhes cobrem o bustozinho tenro.

Vem agora o primeiro carro, ou melhor um alto trono, que à primeira vista não se percebe como se move; o trono desce quase ao solo, sobre um estrado coberto em roda e só quem perscrutar com curiosidade, conclui que toda aquela enorme fábrica é conduzida por uns tantos homens que se ocultam sob o estrado e as cortinas.

É formidável o trono, todo de doiraduras de cima a baixo. Lá no alto a imagem da

Virgem de tamanho natural, e a de S. Torcato paramentado, ante um altar completo do tamanho do de qualquer capela; para baixo estendem se os degraus por onde se sentam oito meninas vestidas de azul e véus brancos, as quais, quando o préstito para, cantam loas e gesticulam automaticamente apontando para o S. Torcato que vai lá em cima.

Continuam as irmandades com suas cruzes, anjos e anjinhos, entremeiam-se músicas pelo cortejo e tudo precede outro carro, ainda mais alto, no seu trono. No topo, como emergindo de espessas nuvens de algodão em rama, se vê figurada a Santíssima Trindade do Padre, Filho e Espírito Santo, e logo abaixo S. Torcato de vestes prelatícias, com outras figuras alegóricas compõem o quadro, além de mais meninas vestidas como as do primeiro carro, que também cantam loas.

A estes carros segue-se uma urna conduzida por quatro rapazes mascarados de sacerdotes, significando a trasladação de S. Torcato que há mais de meio século se realizou.

Finalmente fecha a procissão o pódio, músicas e muito povo que faz acompanhamento, não sendo raro ver um e outro grupo dançando ao compasso dos trombones e do bombo. (*Idem*).



E para terminar, a referência obrigatória à noite de arraial: fogo-de-artifício, luzes, vinho, muito vinho... e bordoadas de criar bicho:

As festas prolongam-se pela noite e dia seguinte com as iluminações características do Minho, com fogos-de-artifício, muito vinho e suas escaramuças de pauladas, efeitos do álcool, dos ciúmes de namorados, ou de ajuste de contas de alguma rixa velha, aprazada para a romaria. (*Idem*).

Cartaz da Romaria Grande,
1904
Arquivo da Irmandade de São
Torcato



Em todos os pontos do programa, festivo e religioso, não há dúvida de que o São Torcato é das maiores e mais emblemáticas, mais paradigmáticas romarias do Minho. Não surpreende, pois, que, querendo um escritor incluir no seu texto, como cenário, uma romaria minhota, tenha esta como arquétipo. Assim acontece com o autor oitocentista, portuense, amigo de Camilo, Alberto Braga (1851-1911). O conto «As Arrecadas da Ca-seira», incluído no volume *Contos da Aldeia* (1880), abre com a referência à festa de São Torcato. Para dar um enquadramento verosímil ao início da ação, o autor pensou nesta romaria, com certeza mais pelo seu estatuto paradigmático do que por um conhecimento particular, direto e efetivo:

«Reza a *Folhinha* que é a 26 de fevereiro o dia de S. Torquato – santo guerreiro, que recebeu na face esquerda um golpe de alfange maometano, em guerra de cristandade –; mas a grande romaria tinha sempre lugar aí pelo meado de junho.» (Braga. 1880. 153).

Depois desta informação, pouco rigorosa, diga-se, no que toca à data da “grande romaria”, o narrador localiza, de forma vaga, o espaço, e descreve, sempre de forma genérica e estereotipada, a grande afluência de povo:

Fica a ermida situada em vasta esplanada, no alto de uma colina.

Logo ao romper da alvorada, pelos atalhos da encosta vinha subindo a turbamulta dos romeiros foliões. Há cinco anos, como estava um dia de muito sol e de grande calor, era bonito ver o rancho dos lavradores, que vinham abrigados debaixo dos enormes guarda-sóis de paninho escarlate.

Aquilo é por luxo! Olha quem! Eles que andam todo o santo dia do trabalho, no meio dos campos, a sachar, a lavar, a podar, expostos à torreira, têm lá medo do calor! Pois assim que chega um dia de festa, fingem-se mimosos e abrem então os seus guarda-sóis. Outros que são mais francos, nem sequer os abrem; qual! metem-nos debaixo do braço assim como quem abrange um molho de varetas de baleia com paninho encarnado, e lá partem alegres para a romaria. (Braga. 1880. 153-154).

A descrição passa agora para o espaço do arraial, mantendo o mesmo registo estereotipado. O que o autor diz de São Torcato poderia dizer de qualquer romaria minhota:

No lugar do arraial havia arcos de buxo com flores, flutuavam as bandeiras no topo dos mastros, estalavam no ar os foguetes de três respostas; e, de quando em quando, para que a folia não arrefecesse nos ânimos, rebentava um morteiro, que atroava por todas aquelas serranias.

Então, via-se uma revoada de passarinhos, que fugiam para longe, espavoridos pelo estrondo!

Por detrás da ermida ficava uma alameda, e era da alameda que se gozava um panorama delicioso. (Braga. 1880. 154-155).

Alargando a vista, o narrador pinta a paisagem envolvente, com os clichés do pitoresco minhoto:

Ainda me parece que estou a ver de aqui os excelentes campos de milho já maduro, as searas do trigo douradas do sol, e em alguns campos, como o trigo viera temporão, e já tinha havido a sega, aparecia apenas a resteva; dos ramos dos ulmeiros, pendiam as vides de enforcado, e, aquém e além, em alguma herdade de proprietário abastado, destacava-se da ramaria escura dos castanhais as folhas de um verde tenro e alegre das latadas. Ao fundo, pelo córrego abaixo, seguia uma levada que ia mover ali perto as rodas de uma azenha. (Braga. 1880. 155-156).

Em seguida, retoma a descrição do espaço do arraial, detendo-se nas barraquinhas de petiscos, onde jorra o jovial verdasco:

No arraial alvejavam as tendas de lona, onde se vendia o vinho verde e o sável frito. Era ali que estava a grande animação!

– Beba um quartilho, tio José – oferecia um freguês.

– Pois venha de lá.

E então a peixeira, com os braços arremangados e farruscados da fritura, servia um coparrão de vinho espumante.

– Vai outro?

– Nada – acudia o tio José, enxugando os beiços às costas da mão – nada; eu quero beber, mas a modos. Se um homem lhe bebe de mais, como o outro que diz acaba por beber o juízo. (Braga. 1880. 156).

Segue-se a descrição das faustosas e soleníssimas cerimónias religiosas, sempre marcadas por uma idiossincrásica aliança entre profano e sagrado:

Como havia missa cantada e sermão, ouvia-se cá fora a música do coro e o canto arrastado e nasal dos padres. Os devotos entravam e saíam constantemente. De uma vez, à porta lateral da sacristia que deitava para o adro, apareceu o sacristão vestido



de batina escarlate com sobrepeliz franjada de rendas, a agitar o turíbulo de prata para atear mais o fogo do incenso! Não faltava nada! (Braga.1880. 156-157).

Depois, o momento em que todas as atenções se viram para a chegada da senhora morgada, a juíza da festa:

Em meio daquele poviléu houve um movimento extraordinário! Os romeiros que estavam ao longe a admirar os músicos do palanque, acudiram também a ver o que se passava! Havia apertões, recuadas, empuxões e gritaria.

Formaram-se de repente duas alas de povo, para abrir uma passagem respeitosa; e, nisto, a berlinda da senhora morgada, que era a juíza da festa, apareceu então, tirada por dois cavalos possantes, com criados de libré, chapéus de tope e agaloados, rodando vagarosamente em direção à porta da capela. Nesse momento solene subiu ao ar uma girândola triunfante! (Braga. 1880. 157-158).

No termo desta longa digressão descritiva, é finalmente introduzida a personagem principal, a tia Custódia da Moita:

Quem nunca faltava à romaria de S. Torcato era a tia Custódia da Moita, que lá ia sempre com o homem e o netinho. Ninguém havia por aqueles arredores mais estimado e benquisto. A simpatia que eles inspiravam vinha de serem muito amigos do próximo, tementes a Deus e ao mesmo tempo serem muito felizes! (Braga. 1880. 158).

Nunca faltava a Tia Custódia à romaria de São Torcato, mas um dia... faltou. Temos história!

Em conclusão, São Torcato é paradigmático da devoção e da diversão de uma romaria popular, sobretudo entre as gentes do Minho, matéria-prima fundamental da literatura camiliana. E toda aquela exuberância de aspetos folclóricos, etnográficos, pitorescos, é simplesmente proporcional à profunda fé nos poderes milagrosos do mártir Torcato. Em *O Vinho do Porto*, num passo de cariz autobiográfico, atinente à época da sua juventude na cidade da Virgem, Camilo evoca a devoção da sua engomadeira ao santinho. Segunda a velhinha, fora São Torcato quem salvara o escritor de morte certa, por doença rara, através da mão do médico:

Entretanto, o doutor João Ferreira propalava a minha cura da perigosa opilação como a mais rara e inesperada da sua clínica, mediante o ferro e o vinho quinado. Tinha-me arrancado das presas da morte, dizia-se; e a minha engomadeira, uma

devota velhinha, asseverava que fora o mártir S. Torquato de Guimarães que a obsequiara mais uma vez, curando-me. (Castelo Branco. 1990b. 1146).

Em *A Enjeitada*, cujo entrecho decorre na zona de Guimarães, mais uma personagem demonstra a sua fé em São Torcato:

Levantou-se a senhora, correndo pela sala com trejeitos de enlouquecida.
A velha benzia-se.
E Flávia bradava:
— Sou eu! sou eu!
— Que será, meu milagroso S. Torcato! — resmoneava Luísa, começando um credo em cruz.
— Ó Luísa — tornou a louca. — Veja estes cabelos... lembra-se destes cabelos?
— Cabelos! — murmurou a ama temerosa.
— Sim... Alguém lhe pediu estes cabelos quando eu era pequenina? (Castelo Branco.1986. 345).

Em *Anátema*, o primeiro romance publicado pelo nosso autor, encontramos também uma mulher muito crente nos poderes miraculosos do santinho, que, aliado a outros protetores espirituais, irá salvar seu marido de invejas e maus olhados:

— Não sei o que tenho, Anastácia ! — dizia ele a sua mulher, àquela boa consorte, que, à falta de outros recursos higiénicos ou espirituais, tratava de curar a enfermidade moral de seu marido, desafiando-lhe o apetite com os melhores guisados que pôde amanhar, afora os muitos que lhe ministraram as vizinhas. — Não sei o que tenho, Anastácia!

— Ora, que hás de tu ter, homem! isso são invejas e maus olhados. . . Havemos de ir aos *inzorcismos* ao senhor frei João da Falperra... Vê se comes... olha esta asinha de frango... Tudo se há de fazer pelo melhor, com ajuda de S. Torquato e da Senhora Sant' Ana.

— Oxalá !... — respondia o couteleiro com um ceticismo que não era dele, mas que o sofrimento lhe infiltrara na consciência, que se não acusava de um crime — Olha, mulher... aqui nesta casa, alguma desgraça está para acontecer . . . Não vês como a nossa Micaela anda triste... e descorada?... É que ela também alguma cousa adivinha... (Castelo Branco. 1982. 31-32).



Graças a São Torcato, pôde Camilo escapar àquela doença rara e, assim, continuar a escrever os seus livros. E o bem é todo nosso, que os podemos ler e, com eles, ler o Portugal do séc. XIX. Um Portugal profundo, esse que palpita nas páginas camilianas e, por isso, ainda tão presente nos nossos dias; sempre atual, eterno, porque o Portugal destas páginas é o Portugal “das almas”, como dizia Miguel de Unamuno.

Referências

Almeida, Fialho de (1921). *Estâncias d'Arte e de Saudade*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

Braga, Alberto (1880). *Contos d'Aldeia*. Porto: Imprensa Portuguesa.

C. A. (1910). «As romarias do Minho». In: *O Ocidente*. N.º 1137, p. 176.

Castelo Branco, Camilo (1986). *A Enjeitada*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. V. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 181-353.

Castelo Branco, Camilo (1982). *Anátema*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. I. Porto: Lello & Irmão Editores, p.1-281.

Castelo Branco, Camilo (1983). *Cenas da Foz*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. II. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 755-909.

Castelo Branco, Camilo (1990a). *Memórias do Cárcere*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. XI. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 373-675.

Castelo Branco, Camilo (1988). *Novelas do Minho*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. VIII. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 1-451.

Castelo Branco, Camilo (1990b). *O Vinho do Porto*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. XI. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 1115-1152.

Pimentel, Alberto (1905). *As alegres canções do Norte*. Lisboa: Livraria Viúva Tavares Cardoso.

Pinho Leal, Augusto (1880). *Portugal antigo e moderno*. Vol. IX. Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira & Companhia.

Pinto, Manuel de Sousa (1922). *Para onde vais, Maria?* Lisboa: Portugália.

Sanchis, Pierre (1992). *Arraial: festa de um povo – as romarias portuguesas*. 2.ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Silos, Domingos da Soledade (1853). *Vida preciosa e glorioso martírio de S. Torcato*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Vieira, José Augusto (1886). *O Minho pitoresco*. Vol. I. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira – Editor.



Pedro Simões



Paulo Abreu

Diretor do Museu Pio XII
—
Cónego da Sé Primaz de
Braga

São Torcato: “Milagres tantos e de tanta magnitude...”

No dizer de muitos que peregrinam a São Torcato, o ambiente que se vive é de paz, de serenidade, de muita fé. O clima é propício à oração. O silêncio é profundo. Entra-se num autêntico paraíso.

Compulsando o(s) *Livro(s) de Visitantes* da Irmandade de São Torcato, encontramos expressões como estas: ficamos “colpiti” (impressionados – é um italiano a escrever) com tanta devoção. Ou então, palavras de Giovanna Ianni, olhando para o santo: “Très impressionnant. Sa lumière jaillit encore et toujours sur nous tous! Superbe” (“Verdadeiramente impressionante. A sua luz brilha ainda e sempre sobre todos nós. Soberbo”. E uma canadiana, de Vancouver, professora Evalyn Marques, sintetiza: “Beautiful, Peaceful, and Loving” (“Lindo, Tranquilo, e Adorável”).

Mas para além do ar que se respira, também o edificado provoca fortíssimo impacto. Ninguém fica indiferente ao Monumento e



suas envolvências. A esse propósito, os adjetivos e as expressões de admiração prazenteira vão-se multiplicando: “majestosa igreja”, “impressionante monumento”, “maravilhoso”, “obra fabulosa e imponente”. Uma estudante de língua inglesa comenta: “Fantastically. Beautiful. Thank You” (“Fantástico [à letra, fantasticamente]. Bonito. Obrigado”). E uma arquiteta brasileira, Ana Carolina Freitas de Oliveira, sentencia lapidariamente: “De arrepiar”.

Tudo isso, porém, é pouco, porque o grande atrativo é mesmo São Torcato. Primeiro, pela sua vida e pelo seu exemplo; depois, pela forma como foi encontrado; ainda, porque a fonte não seca (já iremos perceber o que isto significa); além disso, causa admiração que o seu corpo se mantenha incorrupto.

Enfim, não surpreende a devoção que o povo lhe devota, os muitos pedidos que lhe endereça, pela própria vida, pela família, pela saúde, pelos amigos, pelos negócios, pelo trabalho, pelo mundo. Não surpreende que dê azo a muita festa, a grande romaria, a procissões e muitos foguetes. Não surpreende que muitos o sintam próximo e o escolham como mediador perante Deus para a colheita das graças, que só do céu podem cair.

É sobre este lado intercessor, mais e melhor, miraculoso do “santo do povo” que estas linhas versam, colhendo o que foi pintado em ex-votos, o que os devotos foram escrevendo, o que a oralidade nos foi transmitindo.

Apenas uma ressalva antes do começo da nossa viagem: quanto vamos explanar, reflète a fé do povo, na sua simplicidade, na espontaneidade dos dizeres e expressões. Nada passou pelo apertado crivo das comprovações científicas e/ou eclesiásticas, mas tudo jorrou, em abundância, de quem sente que São Torcato está junto de Deus, não apenas a gozar do prémio que merece, também a cuidar dos que a ele recorrem.

1 — O corpo que bem cheira, “milagrosamente” incorrupto

O céu parece beijar a terra sempre que nos pomos em contacto com São Torcato. Os pormenores da sua vida, melhor, a descrição da descoberta do seu corpo, assim como o modo como a água jorrou, dão-nos de imediato o mote para esta abordagem que aqui nos propomos fazer, centrada nos milagres que lhe são atribuídos.

Deixemo-nos envolver pela beleza da escrita arcaica e embalemos na poética de Eduardo d’Almeida. São dele as seguintes palavras:

Aparecera em brenha pedregosa e cerrada de matagal o cadáver de um homem, vai para cima de nove séculos. Vestia coçada samarra côr de tijolo, ao lado o bordão de pastor, e tinha a pele calcinada pelos sóis do estio e as neves do inverno. Aparentava idade avançada em anos e canseiras; era alto, musculoso, forte, talvez homem da serra, ou guerreiro talvez. As

*maxilas salientavam-se em dura expressão de energia. Assim incontaminado à podridão e ao verme, sêco, direito, alheio à morte – só um santo. E de santo o proclamaram*¹.

O colorido miraculoso do achado do santo, assim como o extraordinário estado de conservação do seu corpo, aparecem asseverados por outros autores. Ouçamos, à laia de exemplo, um depoimento do Padre António Carvalho da Costa, tantas vezes citado em livros e artigos sobre o “santo do povo”. Assim escreve aquele eclesiástico:

*O corpo do Bemaventurado S. Torcato, conforme a tradição, se achou afastado de Guimarães huma legoa para o Nascente em parte, que do Ceo se vião cair como humas Estrellas, de que admiradas as gentes, e indagando o mysterio, rompendo aquelles ásperos, intrincados matos, achàraõ aquelle santo corpo em huma cova, donde sahia um admirável cheiro, indicio daquelle precioso tesouro; o qual assim que foi desenterrado com a veneraçam devida deixou em seu logar huma caudalosa fonte, que foy remedio de muitos enfermos, que com fé vinhão buscar suas aguas*².

Há quem acrescente outros pormenores: *não se atrevendo o povo a profanar aquele lugar, foi reclamada a presença de sacerdotes, a quem coube dismantelar o monte de pedras que tapava a cova na qual jazia o corpo do santo. Em o achando, viram que “trazia vestida uma samarra côm de telha, e ao lado esquerdo um pau ou cajado tosco insígnia da sua jurisdição*³.

Mas viram mais: “A despeito do tempo ocorrido [entre o sepultamento e a chuva de estrelas que atraiu para o local] o corpo permanecia intacto, sendo visíveis os golpes que o vitimaram”⁴.

Retornemos agora à caudalosa fonte. Continua a jorrar, sempre com a mesma intensidade, haja seca ou muita pluviosidade, seja verão ou inverno. E isto ao contrário do que sucede com duas outras bicas de água, de outras proveniências, que lhe estão próximas, as quais refletem as vicissitudes do tempo. A “fonte do Santo” ou “Fonte de São Torcato” mantém-se impassível, atribuindo-se poderes miraculosos às suas águas.

1) Eduardo d’Almeida – «S. Torcato (Algumas notas dispersas)», in *Revista de Guimarães*. Volume XXXIII, nº 4, Tipografia Minerva Vimaranesense, Guimarães 1924, p. 261.

2) P. Antonio Carvalho da Costa – *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*. Tomo Primeiro. Typographia de Domingos Gonçalves Gouveia. Braga, 1868, p. 19.

3) José Ferrão Afonso – *Memória Histórica Acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de S. Torcato*. Volume II. (Trabalho Académico) p. 7. A biografia completa de S. Torcato pode encontrar-se em Domingos da Soledade Sillos - *Vida preciosa e glorioso mártirio de S. Torcato*. Irmandade de S. Torcato. Guimarães, 1998. Os pormenores aqui evocados encontram-se nas pp. 32 e 34.

4) Correia da Silva - «Um dos pontos fulcrais do Minho Religioso. Novos milagres em S. Torcato», in *Guimarães. Roteiro V Páginas Verdes*, Outubro 1994, p. 10.



A incorruptibilidade do corpo sempre suscitou curiosidade. E em várias ocasiões foi alvo de observações. Numa delas, assim tudo se passou:

Em 22. de Junho de 1512. foy o Doutor Ruy Gomez Golias, sendo Mestre-escola da colegiada de Guimaraens, com outros Conegos ao Mosteiro de São Torcato, juntamente com o Vigario, que então era daquella Igreja, o Licenciado Jeronymo Coelho, abrirão o sepulchro, onde está depositado o santo corpo, & com tochas acesas o examinãrão, & virão muito particularmente, sem acharem nelle corrupção alguma, senão todo perfeito, & suas sagradas vestiduras intactas sem offensa dos tempos⁵.

O Mestre-escola da Colegiada de Guimarães, chefe de fila da equipa de investigação à incorruptibilidade do corpo do santo, não terá resistido à tentação de obter para si uma relíquia. Com esse intuito,



Relíquia
José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

[...] se animou a tirar escondidamente daquelle santo corpo hum tornozelo de hum pè, & quando lho arrancou, sahio com sangue claro, como inda hoje tem, & levando esta santa reliquia para sua casa, experimentou em si tantas miserias, & enfermidades, que parecendo-lhe ser castigo do Santo, por não querer que huma cousa profana fosse sacrario daquella sagrada reliquia sahida de seu santo corpo, a mandou collocar no Santuario da Collegiada de Guimaraens, aonde se venera em hum relicario grande de prata dourado metido entre duas vidraças, por onde se está vendo aquelle sagrado osso manchado de vivo sangue⁶.

A relíquia encontra-se atualmente no Museu Alberto Sampaio, num ostensório / relicário, mandado executar, em 1664, pelo prior da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Dom Diogo Lobo da Silveira. A relíquia terá sido entregue à Colegiada por três sobrinhas do Doutor Rui Gomes Golias.

Acreditando no testemunho do padre Torquato Peixoto d’Azevedo, o túmulo terá sido aberto uma outra vez, desta feita para contrariar a incredulidade de “um Monge, prelado de Hespanha”, no ano de 1538. Cabido e povo rumam ao túmulo, procissão a preceito, recitação da Ladainha e eis o sucedido:

5) P. Antonio Carvalho da Costa – *op. cit.*, p. 21.

6) *Ib.*, p. 21.

Abriu-se o sepulchro, e o Santo esteve todo o dia patente a quem o quiz vêr. O corpo estava inteiro, com uma vestimenta branca franzida pelo pescoço como de estamalha; tinha uma mitra na cabeça de tabi branco, um báculo de páo ao pé, e uma cruz de páo sobre o peito: depois de estar exposto, e visto por todo o povo, o tornaram a encerrar no sepulchro aonde está, e onde tem Deus obrado muitos milagres”⁷.

Em nada alterando a importância do achado e a descrição que dele se fez, importará corrigir a data de 1512, acima mencionada, como calendário da abertura do sepulcro. Tudo indica que o fenómeno ocorreu antes em 1637, tendo ficado registado no Livro de Estatutos da freguesia, existindo também um registo no Arquivo da Colegiada. Os restos mortais de São Torcato foram depois colocados num túmulo, ostentando a seguinte inscrição:

“ANNO DE 1637
SE GUARNECEU ESTA SEPULTURA,
E ABRIU-SE, E ACHOU-SE
O CORPO, E CARNE INTEIRO,
VESTIDO DE PONTIFICAL, COM BACULO”⁸.

A 17 de junho de 1805, tempo de D. Frei Caetano Brandão, o túmulo volta a ser visitado. Desta feita, quem se desloca a São Torcato é o Reverendo António Lopes Paulo, Abade de Santo Tirso de Prazins. E quem de tudo toma nota é o Escrivão da Câmara Eclesiástica, Pedro Ignacio Rodrigues Costa⁹. No interior do túmulo, nada de novo a registar. O corpo mantém-se incorrupto, nada lhe faltando no que a ossos diz respeito.

Não admira, por isso, que São Torcato se apresente ao povo como um fenómeno digno de crédito, como um miraculado, mais e melhor, como alguém com quem se pode contar, como alguém que está junto de Deus, por intermédio de quem se podem obter as necessárias graças, para a saúde do corpo e da alma, para a vida.

7) P. Torquato Peixoto d’Azevedo – *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães*. Typographia da Revista. Porto, 1845, p. 423.

8) Domingos da Soledade Sillos – *op. cit.*, p. 37; Eduardo d’Almeida, *op. cit.*, pp. 269-270.

9) Cfr Eduardo d’Almeida, *op. cit.*, pp. 276-280.



2 — Milagres tantos e de tanta magnitude...

Antes de nos adentrarmos neste “mare magnum”, porventura encapelado, teremos que subscrever quanto Domingos Sillos exara na sua Vida Preciosa:

Para me conformar com o uso da Santa Igreja Romana, de quem sou filho, e à qual professo inteira obediência e submissão, declaro que estes milagres são apoiados em testemunhos puramente humanos, e nem eu quero prevenir, acerca deles, o juízo da Santa Sé, a quem só compete autorizá-los¹⁰.

Salvaguarda feita, registre-se que a primeira grande “recolha de milagres” acontece na sequência de um Edital de 1804, subscrito por D. Frei Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, que pede, a quem em si tenha experimentado prodígios, ou os conheça ocorridos noutrem, deles dê conta, para que tudo primorosamente se registre, com nomes, localização, circunstâncias, testemunhas, a fim de se dar sequência ao processo de elevação de São Torcato às honras dos altares¹¹.

Logo nessa ocasião terão sido registados muitos milagres.

Domingos Sillos fala em duas dezenas e meia, pormenorizando:

Os milagres que Deus tem feito pela virtude de S. Torcato são tantos, e de tanta magnitude, que seria impossível referi-los todos; e alguns feitos visivelmente, que foram testemunhados por muitos indivíduos do povo, dos quais ainda vivem alguns. Direi somente que no processo para a sua Elevação [de São Torcato às honras dos altares] se autenticaram vinte e cinco [...]¹².

Convém acrescentar que o número dos prodígios é ainda maior, se considerarmos o *Mapa dos Milagres* de São Torcato que consta dos *Autos*. Com efeito, contamos aí trinta e dois, pois que, nalguns casos, a mesma pessoa é miraculada mais que uma vez.

São estes os milagres registados:

- Manuel Francisco, do lugar da Boavista, freguesia de São Cosme: andou com o corpo em chaga viva durante cinco anos. Recorrendo a São Torcato, em breves dias ficou são;
- Manuel José Duarte, de São Torcato: primeiro, viu-se curado das maleitas que

10) Domingos da Soledade Sillos – *op. cit.*, p. 40.

11) Texto do Edital em Eduardo d’Almeida, *op. cit.*, pp. 319-320.

12) Domingos da Soledade Sillos, *op. cit.*, p. 39.

tinha numa perna; depois, sentindo-se melancólico, com o juízo quase perdido, conseguiu reerguer-se; por fim, andando aflito e perplexo, recuperou a saúde;

— Manuel Fernandes, do lugar de Segade: foi-lhe retirado, de um pé, um calo que muito o molestava;

— Teresa, filha do anterior: sarou de repente de um inchaço que tinha no pescoço;

— Francisco José de Oliveira, do lugar de Cardote, foi liberto de uma febre maligna;

— Ana Maria, filha de José Fernandes, do lugar de Pombal, viu-se curada de uma perna “encolhida”;

— Josefa Luísa, filha do mesmo, viu desaparecer-lhe uma “doença desconhecida”;

— Maria Josefa, mulher de José António, do lugar de Codecêda, encontrou refrigério para a sua doença de peito;

— João Gonçalves, viu desaparecer-lhe uma fístula em um pé;

— Torcato de M., da freguesia de S. Pedro Fins de Gominhães, ficou com o rosto limpo, depois de muitos anos com uma inflamação que lhe formava uma “bostela”;

— Joana, moradora na Rua Franca, obteve a cura de um irmão, atacado por febre maligna;

— António de Oliveira, da freguesia de Gominhães: primeiro, obteve a cura da sua mulher, que há três ou quatro meses padecia de moléstia grave; depois, obteve a cura de um touro “que lhe dava gota” e caía ficando como morto;

— Rosa da Costa, mulher de Manuel Fernandes, do lugar de Poveiras, viu os seus bois bravos tornarem-se mansos;

— Francisco Ribeiro, do lugar de Cortinhas: primeiro, viu-se liberto de umas “sezões” muitos fortes; depois, a sua filha deixou de ser “vexada”;

— Joana, do lugar de Codecêda, percebendo-se quase cega, recuperou a vista;

— Custódia, do mesmo lugar e freguesia de São Torcato: primeiro, estando em vias de morrer afogada no rio, viu-se livre de perigos; depois, estando muito doente de um braço, recuperou a saúde;

— Francisco Martins, do lugar de Segade: primeiro, alegrou-se por ver a sua filha Josefa Maria, já sem esperança de vida, recuperar a saúde; depois, foi curado de um grande inchaço que lhe apareceu na cara;

— O P. Manuel José Vieira de Menezes: foi curado de um joelho; um seu sobrinho, Manuel, caiu por cima de umas panelas a ferver, ficou quase morto, acabou por ficar são;



- Domingos Mendes, do lugar da Corredoura, foi liberto de umas “sezões” terríveis;
- Manuel António, do lugar da Costeira, foi curado da sua dor de peito;
- Berta Maria, mulher de João Fernandes, do lugar de Segade, viu desaparecer-lhe o inchaço que tinha num ombro;
- Francisco da Costa, do lugar do Souto, tinha um menino “rendido pelas virilhas” e viu-o curado;
- O Capitão António José de Macedo e Cunha, morador junto à Igreja de São Paio, a quem rebentavam o corpo e as pernas e a quem sobreveio uma grande comichão no corpo, de tudo foi sarado;
- José da Silva Gomes, morador em Trás-de-Oleiros, freguesia de São Sebastião, Guimarães: primeiro, viu-se livre de “grande moléstia de sezões”; depois, foi socorrida a sua filha casada, a quem terrível dor tirava a respiração, a vista, a fala, parecendo morta. De tudo o Santo a livrou¹³.

São Torcato não entrou em repouso depois do registo ordenado por D. Frei Caetano Brandão. A partir de 1806, é o Vigário Capitular Sousa Lima quem continua a fazer memória dos milagres, no mesmo livro onde lança as missas e as esmolas.

Para conhecermos alguns desses milagres, socorramo-nos agora da *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*¹⁴.

O primeiro caso narrado tem como protagonista um estudante que, com muitos outros, resolveu deslocar-se a São Torcato no intuito de ironizar com a fé do povo, de desacreditar quanto sobre o Arcebispo santo se dizia. Ousado, saltou para cima do túmulo, asseverando aos presentes que dentro do mausoléu nada de miraculoso existia.

De repente, fica preso sobre o túmulo, sem que dele pudesse arrancar os sapatos, nem dos sapatos os pés.

*Tocam os sinos, acode o Pároco, junta-se o povo, principiam-se as rezas e as preces, até que finalmente desceu arrependido o que tinha subido libertino. Confessa a realidade do Santo, o que pretendia negá-la, e ficou sendo um apologista de S. Torcato até à hora da morte*¹⁵.

13) Toda esta listagem de milagres pode ler-se em Eduardo d’Almeida, *op. cit.*, pp. 319-323.

14) Obra de Domingos da Soledade Sillos. Edição propriedade da Irmandade de S. Torcato. Guimarães 1998, pp. 40-41.

15) *Ib.*, 40.

Os casos miraculosos que seguidamente se enumeram têm a ver com a falta de saúde e a recuperação da mesma. Assim, um homem padecia de *elefância*, conseguindo pelas suas orações libertar-se da “crosta ulcerada” e recuperar o rosto limpo e são; um cego, conduzido pelos seus parentes à presença do Santo, depressa exclamaria, abrindo os olhos: «Eu já vejo»; uma senhora, com cancro num joelho há dezanove anos, em visita orante ao santo, viu o “cirro” desaparecer; curado foi também um bracarense, que sofria de mal idêntico, em parte “melindrosa do corpo”; também um poveiro se viu livre de “uma hérnia de sangue”, decorria o ano da graça de 1839.

Em jeito de balanço, Sillos escreve, nesta obra que temos vindo a rastrear - *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*:

Muitos e milhares de outros milagres eu poderia referir, mas não se podem abranger no limitado espaço da sua vida. E assim como de Santo António de dizia: Falem os Paduanos, assim de São Torcato podemos dizer: - Falem os fiéis, os agraciados...¹⁶.

3 — Os ex-votos

Não são muitos os que se conservam, talvez por em alguma fase da história se ter pensado que eram de pouco valor artístico. Na verdade, são, no geral, pinturas muito rudimentares, a óleo sobre madeira, de dimensões contidas, traços pouco realistas, espaços e recheios/mobiliários nem sempre bem calculados, rostos algo deformados. Mas são monumentos de fé, exprimem a gratidão dos devotos, dizem da enorme crença de quem os pintou e da vontade de eternizar graças recebidas.

Possuímos duas listagens desses ex-votos, a primeira apresentada por Eduardo d’Almeida, com remissivas para Rocha Peixoto - *Portugalia (II): Tabulae Votivae*¹⁷; a segunda, da Irmandade de São Torcato, com fotos e transcrição das legendas.

Começemos pelos dados, referentes ao século XIX, apresentados por Eduardo d’Almeida, sob o título “Legendas de Quadros Votivos”:

[1] “Milagre que fes S. Torcato a Tomas P.^{ra} q. estando /em prigo d vida recoreo ao dito Santo e elle lhe deo saude perfeita em 1854.

[2] Milagre / A.to M.el Gomes, da Corredovra, tendo sua / espoza, empgros de morte de hvm parto, se votov / de goelhos ao milagroso S.to Torcato, e se dentro de / 8 ou 15 dias

16) *Ib.*, 41.

17) Pp. 187 e ss.



pozeçe andar, lhe fazia huma grande festebelidade, a qual afes elhe dev mais com gosto / esatisfação do milagre estes 2 anjos que aqvi serve para lenbrança detodos os devotos.

[3] *Milagre q fes S. Torcato a M.^a m.er de João G.es de Campos da Freg^a de Milhazes / Con.co de Bar.cos q. tendo tres meninas de um bentre se apegou devotamente com a / mesma milagrosa Imagem asquaes se restabaleceram.*

[4] *Milagre que fez S.^o Trocato a Manoel Martins Ignasio da freguezia da morim q. a / vinda para S. Trocato foi atacado com um ataque apopeletico e sua família com grande deboção recorrerão ao dito / Santo e ficou São como dantes e isto aconteceu na villa de Guimarães no campo do Tournal o Cruzeiro do fiado / e depois seguiu a sua jornada com a sua saude perfeita a sim como dantes tinha Anno de 1868.*

[5] *Milagre q. fes u Milagrozo S.to Torcato a Antonia Joaquina de Miranda da Freguezia de / Gemezes. Estando de parto em tres dias sem Sentidos. i logo que se a pegarom / Com u Milagrozo S.to Torcato logo se achou Milhore. promessa que prometeu / - Maria de Jazus –*

[6] *Milagre que fez S. Trocado a Joaq.m Alz de Lima / da fg^a da Estella tendo huma baca p.a morrer / com huma bixa ferrada na raiz da lingua e logo q. / accorreu a este S.to Logo Milhorou.*

[7] *Milagre que fes u milagroso s. Torquato a Manoel Jose /Barboza da freguesia de Gemezes a chando se ferado / de um cão que andava com a ravia, com muito sosto / bivia logo que se lamvrou du milagroso s. torquato / logo ficou a leviado du sosto não tive prigo algum. / Feito no anno de 1883¹⁸;*

[8] *“M. q. fes S. Trocato a M^a Dom.^{es} da freg^a / da Abelleda Tr^o do Porto q estando com / hom^a grad^e dor no estomogo rocorrendo / aom-^{mo} S^{to} logo milhorov¹⁹.*

[9] *Milagre que fez S. Torcato a José Antonio Marques da Matta da Povoia / de Varzim que vendo-se em perigo no mez de Fevereiro de 1874 no rio / Paraguay na viagem que fez para os hervaes com tres passageiros estes / se tornaram assassinos de seus dois compa- nheiros escapando o devoto depois / de muito mal tratado e lançado ao már por o julgarem ja morto, e recoperando os sen- / tidos recorreu a S. Torcato ao auxilio de quem reconhece dever a vida”²⁰.*

[10] *Milagre que fes S. Trocato a Manoel J.^e Lopes / de Miranda, da freg^a de Cristello es- tando em prigos de uida / por causa de hum tiro q lhe derão nas Costas e logo q. re- / correu a este milagrozo S.to foi restabelecido a Sua Saude / Concelho de Barcelos 1847²¹.*

18) Eduardo d’Almeida, *op. cit.*, pp. 326-327.

19) Consta em Rocha Peixoto - *Portugalia (II): Tabulae Votivae*.

20) Consta em Rocha Peixoto - *Portugalia (II): Tabulae Votivae*.

21) Consta em Rocha Peixoto - *Portugalia (II): Tabulae Votivae*.

[11] Milagre q fes S. Trocato a Jozé Gomes d' Campos e a sua / mulher da Freg^a de Villar de Figos do Concelho de Barcellos, q vendo sua Caza / quaze perdida por traiçoens de ir-deiros chegarão afazer com q se tirase / uma folha do Libro do Rezisto p^a melhor opoder roubar; apegarão-se com este milagrozo s.^{to} permetendo-lhe um Touro q pesuia e logo lhe forão descobertas as falcidades q lhe ti- / nhão tramado e hoje esta com a sua caza libre e deixaram a casa em 1856²².

[12] Milagre q. fes S. Torcato a Joaquina Roza, q. / estando seu f^o sego F.^{co} Martins logo teve vista.

[13] Milagre q. fes S. Torcato a Bento Ferr^a do Lugar de Quintela Freg^a de Taíde q. / Implorando ao mesmo Sancto junctam.^{te} com sua Fam^a foi prontam.^{te} secorrido.

[14] Milagre q. fes S. Torcato a Josefa Maria Gomes, da Caza da Bornaria, suburbio de Gui- / m^{es} que estando grave-mente doente com todos os sinaes de morte, e desengana- / da por facultativos sua familia, recorrerão ao Milagrozo Santo, e a sua suplica lhe foi / ouvida em 7 de Maio de 1869²³.

22) Consta em Rocha Peixoto - *Portugalia (II): Tabulae Votivae*.

23) Eduardo d'Almeida, «S. Torcato. (Algumas Notas Dispersas)», in *Revista de Guimarães*, Vol. XXXIV, nn 2 e 3, Tipografia Minerva Vimaranesense. Guimarães, 1924, pp. 155-157.



À exceção do milagre a que atribuímos o nº [8], todos os outros estão retratados em ex-votos que a Irmandade de São Torcato conserva e que aqui reproduzimos em imagem:



[1]



[2]



[3]



[4]²⁴



[5]



[6]²⁵



[7]



[9]



[10]



[11]



[12]



[13]



[14]

24) Corrija-se, a partir da leitura do quadro, a transcrição feita por Eduardo d'Almeida. O lugar do milagre foi o “campo do Lemal do fiado”. O ano da cura é 1864. O nome correto do miraculado é Manuel Martins Fernandes.

25) Corrija-se, a partir da leitura do quadro, a transcrição feita por Eduardo d'Almeida: em vez de “morrer”, lê-se: manter.

O espólio da Irmandade é mais rico do que até aqui reproduzimos. Completeemos, então, o elenco dos ex-votos, mantendo-nos no séc. XIX.



«MILAGRE QUE FES O MILAGROZO S.TORCATE NO / MES DE MARÇO NO ANNO DE 1852 A HUMA DEVOTA.»



«Milagre que fez S. Trocato a António Rodrigus Barboza, estando em prigo de vida, pedindo por ele, António Dias Gonçalves logo se a / chou com saude perfeita. Porto Dezbrº d 1861.»



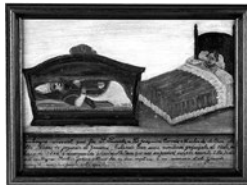
«Manuel Fernandes Brito, da freguezia do Santo da grande Villa Sacra / estando gravemente enfermo dezamparado dos Faculdados e ecostado nos / braços de seo irmaõ cuaze próximo de dar a alma ao Creador. assistindo-lhe / seo F.o Pancho apenas seo Pai pustrado de joelhos afacando suas vestes ao Milagrozo / S. Torquato seu filho recuperou a saude».



«Milagre que Fes S. / Trocate.. a Joze Joaquim / de Sá [?]».



«Milagre visível que fez S. Turcato, a D.ª Joaquina Correia Machado da Casa de / Villa Bôa, da freguezia de Joanne Estando com uma mon[s]trosa gripsipela de resto, em / Maio de 1864, e desenganada pelos Facultativos que era impossível escapar a morte. Ella pediu / este milagrozo Santo, e foram atendidas as suas suplicas. E em memoria d'este grande / milagre mandou fazer este quadro».



«Milagre que fes S. Torquato, a Aurora Maria Machado da Freguezia de Joanne da Caza dos Bau estan / do enferma d' cinto prolongada molestia precedida d'um parto em 30 de Maio de 1866 a qual / logo se deregiu a este Santo se achou restabelecida e Fica apreciar d'saúde».



Avançemos agora para o séc. XX, sempre neste âmbito dos ex-votos. São cinco os milagres mencionados, sendo que só um aparece reportado neste normal formato de pintura a óleo sobre madeira:



«MILAGRE QUE FEZ S. TORCATO A PORFÍRIO PORTELA, ESTANDO EM PRIGO DE VIDA / LOGO QUE SE APEGOU COM O SANTO TEVE MELHORAS. / GEMEZES 24 JUNHO DE 1928»

Os outros quatro assim se espelham, com os respetivos dizeres:



«MILAGRE QUE FEZ / S. TORQUATO / a MANOEL DUARTE GUERRA, da freguezia de Ventosa, comarca de Viana, que padecendo ha vinte annos d'uma molestia incuravel, foi por este Santo curado. / Foz do Penedo, 1905.»



«VERDUN».



«[Bordado:] Maria Antónia da Mota Prego Cunha Martins / Oferece Muito Reconhecida / Guimarães 1952» [Manuscrito, tinta sobre papel:] Oferecido em 18-XII-1952 / depois de 5 Missas celebradas / em acção de graças»



«NAUFRAGO - DO / A. O. G. MENT / NUJES»

(Inscrição sobre colete salva-vidas)

A batalha de Verdun ocorreu em 1916, nas margens do Rio Meuse, no Nordeste da França, envolvendo franceses e alemães. Durou dez meses. Foi uma das batalhas mais mortíferas, calculando-se em 600 mil o número de mortos.

4 — Outros relatos

Os ex-votos não esgotam as notícias sobre milagres operados por São Torcato. Tente-mos, então, compulsar outras fontes, começando pelo *Livro dos Milagres de São Torcato 1807-1850*²⁶.

Os fiéis que recorrem à proteção do glorioso mediador entre Deus e os homens são oriundos de várias localidades: Fafe, Guimarães, Penafiel, Bouro, Póvoa de Varzim, Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso, Vila Nova de Famalicão, Porto...

No total, mencionam-se cerca de 60 milagres, havendo, além disso, alusão a muitas promessas e donativos, podendo supor-se, ao menos em alguns casos, que a generosidade corresponde a agradecimento por benesses recebidas.

Quais as razões da busca de auxílio?! – estando gravemente doente; estando às portas da morte; estando a mulher com maleitas “e estava juntam[en]te de parto”; “tendo hua gr[an]de queixa no peito”; “estando com hua gr[an]de malina”; tendo “hua filha quaze a morte”; “estando com grandes dores de cabeça”; “estando com hum^a gr[an]de dor no Estomago”; “estando com hum acidente de morte”; “estando em prigo de vida”; “estando com hum^a moléstia de olhos”; “tinha segado das vistas”; “tendo humas maleitas; e vertiges na caveça”; “estando doente de prigo de vida”; “pagou hua perna de cera”; “estando cazado a treze anos e sem ter filhos”; “estando sem fala e sem juízo”; “tendo o d[it]o f[ilh]o gago não falava bem emtão os meninos da Escola serrião, o f[ilh]o hera id[ad]e de 7 annos”; “não podendo andar nem pegar das mãos”; tinha “hum cancaro em hum olho”...

Enfim, para todas as bênçãos ao santo se recorre; para todas as maleitas tem solução; todos procuram o seu socorro; em todas as causas conta com a confiança do povo. E muitos se dizem ouvidos por ele, traduzindo a gratidão em generosas ofertas.

Tivemos já oportunidade de citar alguns escritos de Eduardo d’Almeida, colaborador na *Revista de Guimarães*, na década de 20 da pretérita centúria. Mencionámo-lo a propósito dos ex-votos. Revisitemo-lo agora, deixando-nos conduzir pela sua afirmação; “E de que o Santo continua a fazer milagres aqui vai a prova”²⁷.

O caso que o articulista reproduz fora posto por escrito e assinado por Francisco Correia de Mesquita Guimarães, da freguesia de São Tiago de Antas, Vila Nova de Famalicão, subscrevendo-o mais trinta e oito testemunhas, entre as quais dois médicos.

26) Encontra-se na secção D. (Serviços financeiros), 44 (Cx. 4). Apresenta, nos primeiros fólhos, uma relação de ofertas feitas ao santo em resultado de promessas; a partir do fl. 8, surgem os milagres atribuídos ao “santo do povo”. Consta de 49 fólhos e um anexo e 12 folhas, transcritas por volta de 1980.

27) d’Almeida, Eduardo. (1924). «S. Torcato. (Algumas Notas Dispersas)». in *Revista de Guimarães*. Vol. XXXIV, nn 2 e 3, Tipografia Minerva Vimaranesse. Guimarães. p. 157.



Encontrava-se gravemente doente uma menina de 8 anos, Maria da Conceição Correia de Mesquita Guimarães - “infecção estafilocócica”. Começou por ser operada (a 22 de fevereiro de 1917), tendo-lhe sido feita uma raspagem da tíbia na perna direita e da espádua do ombro do mesmo lado. Voltou a ser operada a 21 de abril, para um maior corte. Os cortes repetir-se-iam. Em novembro de 1922, uma infeção no peito obriga a nova operação e extração de pus. Surge pouco depois nova infeção junto à rotula do joelho direito. Só que desta feita foi chamado a intervir outro “médico”. Na verdade, o Almanaque *Seringador* acusava a celebração, nesse dia 26 de fevereiro de 1923: «*S. Torcato, M. e Arc. de Braga*».

A ele recorreu o pai da criança. Que pediu à filha rezasse com fé, promettesse ao Santo ir vê-lo, “visitá-lo com reconhecimento e agradecer-lhe”.

A menina foi completamente curada. Deixou de precisar de tratamentos. Ficou sã.

O escrito em que tudo se relata, com todas as assinaturas acima mencionadas, data de 17 de junho de 1923²⁸.

Rastremos agora um terceiro filão, deixando-nos conduzir por Correia da Silva, autor de um artigo intitulado «Um dos pontos fulcrais do Minho Religioso. Novos Milagres em S. Torcato», com publicação em *Guimarães. Roteiro. V. Páginas Verdes*²⁹.

O primeiro caso, que o articulista reporta, versa um jovem natural de Esposende, residente em Paris, na altura, havia cinco anos. Gravemente enfermo, fora internado num hospital parisiense, conseguindo transmitir à família o desejo de beber água da Fonte do Santo. Alguém lha fez chegar. Começou a melhorar, para espanto dos familiares e dos médicos. Consideravelmente (ainda que não totalmente) restabelecido, resolveu deslocar-se a São Torcato, para agradecer a graça recebida. “[...] foi seguido por uma grande caravana, incluindo alguns autocarros, o que proporcionou uma enorme festa junto do Santuário”³⁰. Mas a festa viria ainda a intensificar-se quando o jovem, uma vez em São Torcato, resolveu mergulhar na Fonte do Santo, resultando daí terem-lhe desaparecido do corpo os resquícios (manchas e pequenas chagas) que conservara do tempo em que estivera acamado. O povo gritava: “Milagre! Milagre!”. Os sinos repicaram transformando o evento “[...] num dos acontecimentos mais vibrantes da história deste templo minhoto”³¹.

Um segundo milagre ocorreu em 1992. De novo, um jovem chamado João Leitão Campinho, natural de Negreiros, concelho de Barcelos, que desde os 7 anos sofria de grave problema cardíaco. Fora muitas vezes internado no Hospital de São João, no Porto. Agora com 19 anos, uma crise de grande intensidade fazia temer o pior. Os médicos “desenganaram”

28) Cfr *Ib.*, pp. 157-161.

29) Edição de outubro 1994, pp 10-15.

30) *Ib.*, p. 12.

31) *Ib.*, p. 12.

a família. Mas o pai resolveu invocar São Torcato. É então que se verifica “[...] uma inversão favorável no seu estado de saúde. Em poucos dias, as melhoras foram a tal ponto que o jovem é autorizado a regressar a casa, clinicamente curado”³². Refira-se (continuamos a ancorar-nos no artigo de Correia da Silva), que durante o período de doença, sempre que as forças lho permitiam, o João Campinho integrava a procissão em honra de São Torcato envergando uma réplica do traje do Bispo bracarense. Agora que a cura se consumou, veio com os pais, o santo a ser enriquecido com uma junta de bois (assim se pagava a promessa) e o povo a encontrar motivo para mais uma grande festa.

O terceiro milagre contemplou uma senhora de Felgueiras, que padecia de doença incurável. Há alguns anos que procurava cura no IPO (Instituto Português de Oncologia) do Porto. Perante a ineficácia dos tratamentos, procurou refúgio na fé.

*Pouco tempo depois de ter prometido uma junta de bois, caso alguma graça divina a contemplasse, esta senhora sentiu uma diminuição gradual das dores que a atormentavam e acabou mesmo por se sentir curada, sem ter de se sujeitar mais aos tratamentos diários no IPO.*³³

Cumpriu a promessa a 21 de agosto de 1994: os animais viajaram de Felgueiras para São Torcato... e a festa foi grande.

5 — Os Livro[s] de Visitantes da Irmandade de São Torcato

Atualmente, são dois os livros existentes. Registam algum do fluxo de peregrinos, visitantes, turistas que passam por São Torcato, cada um com as suas razões, muitos movidos pela fé, pela religiosidade, pelo amor “ao santo do povo”, outros para ver as obras (famosas pelo assinalável prolongamento no tempo, mas também pelo esplendoroso trabalho realizado, forja de um monumento de invejável beleza, imponência e majestade).

De muitos transeuntes e beneméritos apenas ficou registo da data da visita, do nome, da proveniência, da profissão.

Outros deixaram as suas impressões, nos escaninhos o impacto que as obras causavam. E assim vamos lendo: “muito agradáveis”, “admiráveis”, “ótimas”, “quem fez tanto merece que se conclua”; “que na próxima visita, encontre a basílica concluída”; “muito boa. Aspeto interior muito fino”; “respira-se o perfume da santidade e admira-se o génio dos Irmãos”; “é uma obra grandiosa”; “é uma maravilha”; “é imponente mas pena é estar

32) *Ib.*, p. 13.

33) *Ib.*, p. 13.



incompleta”; “sumptuoso”; “encanto da vista e luz do espírito”; “sublime”; “arquitectura soberba”; “sente-se neste lugar o perfume das virtudes do santo”; “um exemplo edificante da fé do nosso povo”; “templo quase incomparável”; “eterno centro de fé”; “trabalho admirável de cantaria”; “uma coisa divina”; “tudo o que vi me inspirou respeito e veneração”; “grandiosa obra em granito”; “sente-se a pequenez da condição humana, perante tão esmagadora grandeza. A Fé salva”; “um lugar na terra, elevando as almas ao céu”; “o templo é uma prece em granito”...

Mas nem todos olham apenas para o edificado – imponente e majestoso, certamente. Alguns deixam respirar a alma, deixam-na falar, rezar, agradecer. Nos *Livro[s] de Visitantes*, não raro encontramos expressões como estas: “agradecendo graças recebidas”; “de longa viagem – outra vez junto de S. Torcato para agradecer”; “por uma graça concedida”; “impressiona vivamente a devoção do povo por tantas graças concedidas”; “vim agradecer uma graça recebida”; “em terras do Ultramar fui por Ele ajudado e com ele regresssei livre de «perigos»”; “agradece a S. Torcato graças recebidas”; “grato pelas graças concedidas”; “eu te agradeço muito pelo bem que me fizestes”; “Fás haige 5 meses te emtreguei a minha alma, o meu corpo; nunca pensei voltar aqui; mas pela vossa mesericordia; aqui estou para vos dar graças infinitas”; “Obrigado, meu bom guia; mais uma vexa ti recorri e fui atendido, como sempre. Obrigado por não deixares que pusessem a minha sociedade em causa”; “mais uma vez lhe venho agradecer as boas graças que me tem dado. É linda a magia com que milagrosamente me tem auxiliado tanto na vida. Obrigado, meu bom guia”; “mais uma vez aqui venho ao seu encontro, agradecer-lhe por tudo o que tem feito por mim. Aqui vim cumprir o que lhe prometi, não conseguindo totalmente vou fazer como lhe falei. Não há palavras para descrever o que sinto por si. É simplesmente mágico a sua presença na minha vida. Obrigado!!!”; “desde que me apeguei a São Trocado tudo na minha vida começou a correr melhor. Obrigado por tudo S. Torcato”...

Também há quem lhe faça pedidos: “me dê as melhoras à minha coluna”; “peço ao S. Torcato as melhoras do joelho”; “pede ao S. Torcato o bem-estar do estômago”; “peço ao S. Torcato bênção p[ar]a os filhos”; “eternamente espero a tua portecção”; “[...] peço sempre ao grande S. Torcato Felix para me acompanhar nas horas da minha vida e meu trabalho. Amem”; “S. Torcato proteja a minha família”; “S. Torcato acabai com a guerra”; “curai-me dos olhos”; “peço que sare o meu marido”; peço a S. Torcato que me dê muita ajuda para os meus estudos”; “S. Torcato devoto dos pescadores”; “que S. Torcato abençoe o nosso casamento”; “que S. Torcato ajude os noivos que aqui casam”; “desejo ardentemente ter um filho”; “que meu filho abandone a droga”; “S. Torcato, por favor, procura os meus pais, dá-lhes luz no seu caminho, levai-os para o Céu”; “que o meu namorado deixe de fumar”;

“que a minha (ou o meu) bebé nasça com saúde”; “ajudai-me a superar as minhas dívidas”; “ajudai-me a ter um emprego efectivo e ser feliz”; “ajudai-me a construir a minha casa”; “que St Trocato veille sur nous et qu’il fasse que tous les immigrants rentrent dans leur pays d’adoption sains et saufs”³⁴; “S. Torcato intercede junto às vítimas do terrorismo e protege o Ocidente dos extremismos para que exista paz e o islamismo possa conviver com o cristianismo. Obrigada!”; “não nos esqueças do céu agora”; “fazei que não me deia alzaimer”...

Há, por fim, quem mencione intervenção miraculosa do santo. Assim: em 4-IV-1957, Joaquim G. Costa, esposa e filhos, de Nine, escrevia(m): “Milagre concedido. Agradecido”; em 25-IX-1971, Rodrigo Moreira, de Amarante, dizia ter peregrinado para “satisfazer uma promessa de um milagre recebido de uma doença da sua afilhada Maria Emília [?]; em 21-VIII-1974, José Gonçalves Frasco, da Aguçadoura, Póvoa de Varzim, agradece “por um milagre de São Torcato ao joelho”; no dia seguinte, Isolina Miranda, residente habitualmente em França, agradece “um milagre”; em 31-VIII-1975, António Silva diz: o santo “salvou-me de uma morte”; em 28-VIII-1994, Silva Sandra Emma, residente em Orléans, França, assegura: “Fico obrigado ao S.to por uma graça de cura”; em 24-VIII-1996, Carmezinda de Oliveira, de Creixomil, Guimarães, confessa: “S. Torcato para mim é tudo, me fêz um grande milagre, gras[sas]”; em 1-X-2000, Rosa de Matos, de Vila Nova de Famalicão, “agradece muito milagre obtido”; em 26-VI-2005, António Carvalhosa Araújo escreve: “Obrigado pelo Milagre”; em 4-I-2012, Maia Madalena Fernandes Castro, natural de “Travassós”, “imigrante” revela: “S. Torcato fesme dois milagres”; em 21-IX-2013, uma senhora reformada, de Castelo do Neiva, Viana do Castelo, escrevia: “já tive um Milagre, de S. Torcato”; em 22-VI-2014, agradece-se uma cura das dores das pernas; em 2-VII-2014, alude-se a “milagres que nos fez” e a “milagres concedidos”; em 18-IV-2015, Maria Antónia Tracacas (?), de S. Torcato, confessa: S. Torcato transformou-me”; em 20-IV-2015, Ilda Cassisi, de Santo Tirso, escreve: “agradeço ao santo e Jesus o milagre concedido”; a 10-VI-2015, Tinoco Barbosa Manuel de Jesus, de Louredo, Ribeira, Vieira do Minho, assim escreve: “S.to Castro agradeço-vos pela cura das minhas pernas; já não fez falta ser infiltrado por medicina”; em 9-XII-2018, Maria Adelina Moreira Marques Pereira, de Gondomar, noticiou: “venho testemunhar com muita gratidão a Deus por intermédio de S. Torcato uma graça muito grande que me foi misericordiosamente concedida. Visitei há alguns meses este magnífico Santuário e junto do corpo de s. Torcato coloquei minhas mãos na sua urna e as poisei sobre minha cabeça que sofria há muito com vertigens e desequilíbrios. No dia seguinte e até hoje nunca mais tive nada na minha

34) “Que São Torcato nos proteja e faça com que todos os emigrantes reentrem nos seus países de adoção sãos e salvos”.



cabeça. Obrigada, mil vezes, S. Torcato pela tua poderosa intercessão junto de Deus”; em 12-V-2019, a mesma senhora deixou exarado: “Pela 2ª vez venho com grande afeto da minha alma agradecer ao glorioso S. Torcato a sua intercessão junto de Deus pois obtive a cura de uma grande dor e inexplicável debaixo do braço esquerdo e zona das costelas, sendo incomodativa até o toque da roupa. Desde que aqui pedi essa graça a S. Torcato, já lá vão longos meses, nunca mais a dor me apoquentou. Louvado seja Deus que por intermédio de S. Torcato teve piedade de mim”...

6 — Depoimentos orais

A cada passo os funcionários do santuário, atualmente, elevado à dignidade de Basílica, colhem testemunhos de pessoas que se dizem miraculadas pelo santo. Pena que tudo se continue a desenrolar ao nível do voluntariado, sem grande preocupação de rigor no registo dos dados, dos pormenores, sem busca de comprovativos, sem provas científicas. Mas a alma do povo continua lá, a crença está firme, os contemplados não duvidam.

Um dos casos chega-nos por intermédio de Ataíde Andrade. Acolheu um casal de jovens que inquiria sobre um corpo em cera, que há uma década alguém teria oferecido. Pode mostrá-lo?! – perguntavam os jovens à testemunha ora ponente.

E o corpo lá foi mostrado. Ato contínuo, o casal levou o corpo para o exterior e mostrou-o a outros jovens, com a ilustração: estais a ver a bisavó?!

Conversa puxa conversa, percebeu-se que a bisavó tinha vindo oferecer o corpo dela em cera, pois lá na terra, em Viana do Castelo, alguém lhe queria mal, a ponto de lhe terem atado os pés e as mãos e a terem deitado ao rio. Na hora da aflição, ela “pegou-se” com São Torcato e o certo é que foi socorrida. Em agradecimento, veio deixar marcas da sua gratidão.

Infelizmente, nem do jovem casal ficou registo de nomes, nem dos acompanhantes, assim como se ignoram endereços. Quem sabe, ao lerem esta notícia, se possam apresentar e completar informações!

Um segundo depoimento, narrado por Henrique Sousa, tem por protagonista um senhor de Barcelos, agricultor, que teve um filho internado no Hospital de São João, do Porto, na idade dos 18/19 anos. Veio para casa para morrer, desenganado pelos médicos. Os pais preparavam-se para o óbito.

Entretanto, o casal pediu a São Torcato a cura do filho. Ao fim de uma semana, o filho começou a melhorar.

O que de mais valioso o casal agradecido tinha era uma junta de bois, que acabou oferecida a São Torcato. Foi leiloadada, o proveito a reverter para as obras do Santuário. Aos pés do santo vieram todos: o casal, o filho e... a junta de bois.

— Conclusão

Na obra *De servorum beatificatione et beatorum canonizatione* (“A beatificação dos servos de Deus e a canonização dos beatos”), Prospero Lambertini, futuro Papa Bento XIV (século XVIII), estabeleceu sete critérios para a confirmação de um milagre, a saber: a doença tem de ser muito grave; o diagnóstico deve ser certo e preciso; a doença deve ser “física” (não se contemplam distúrbios mentais); a cura não pode ter sido ajudada por um eventual tratamento; a cura deve ser repentina, inesperada e instantânea; o paciente deve retomar a vida normal e sem convalescença; a cura deve ser duradoura, sem recaídas.

O Papa Francisco determinou que para que uma cura se possa considerar sem explicação científica, pelo menos dois terços dos médicos envolvidos no processo devem atestar isso mesmo. Mesmo assim, a Igreja Católica reserva-se o direito de admitir ou não a existência do(s) milagre(s).

Como se percebe, em todos os casos que ao longo das páginas anteriores relatamos não se usaram malhas tão apertadas, não se fizeram análises tão rigorosas, não se reuniram provas científicas tão concludentes ou informações tão precisas. Até teria sido possível, em alguns casos, conseguir-se informação médica mais exata, mais detalhada. Mas ninguém se preocupou com isso.

Entretanto, o certo é que em muitos casos a cura é instantânea, dos tratamentos já nada se esperava, os resultados foram duradouros, a doença era grave, havia diagnóstico.

Deixamos, como convém, a última palavra para quem de direito. E não será despiciendo pedir-se, no futuro, tratamento mais esmerado de informações e realidades com cunho miraculoso.

A frequência do povo nas festas, na romaria, na feira de São Torcato; o caudal de peregrinos ao longo de todo o ano; o que as bocas transmitem, deixando respirar a alma e o coração; o entusiasmo e empenho de quem organiza e de quem participa nos eventos organizados ao longo do ano; a religiosidade, a piedade, a fé do povo; o brilho da procissão e o troar dos foguetes; as pregações e celebrações solenes; tudo isso regado com a água da fonte... são testemunhos por demais eloquentes do que está para lá das confirmações da hierarquia: o povo acredita, o povo procura, o povo “agarra-se” a São Torcato, o povo acredita na intercessão do santo, o povo acredita que ele é milagroso.

E isso basta para que São Torcato seja uma realidade ímpar e enorme no caminho crente do povo de Deus.

Uma palavra final de agradecimento a quem me municiou de informações (presidente e demais membros da Irmandade) para que esta homenagem singela ao bispo incorrupto pudesse ser escrita.

E que São Torcato se não demita do seu papel mediador, descarregando sobre todos os seus fiéis as graças que estes, tão devotamente, lhe pedem!



Raul Pereira

Devoção



Raul Pereira

Investigador em
Património Cultural

São Torcato de Guimarães: Céu e terra numa sinfonia de pedra

— No campo

Descrevem-se, nestas páginas, algumas notas de campo sobre como vai sobrevivendo, em São Torcato de Guimarães, um culto milenar ao santo que dá baptismo à vila e cujo corpo incorrupto se encontra exposto na cabeceira de um santuário enorme que começou a ser erigido no longínquo ano de 1825. Uma fé intensa e antiquíssima no «Santo do Povo» mistura-se, em grande medida, com um forte sentimento de pertença a uma terra pródiga em episódios fundacionais da nação, em monumentos, em etnografia, em riqueza agrícola e pecuária e em pedaços sobrantes de uma beleza paisagística difícil de descrever. Os desafios que se colocam são, contudo, muitos, sobretudo no que concerne ao papel da multissecular Irmandade de São Torcato, à qual cumpre o papel de zelar pela manutenção



da Basílica Menor (recentemente elevada a este estatuto pela Igreja de Roma), pelos três grandes episódios de romagem ao longo do ano (Feira dos 27, Romaria Pequena e Romaria Grande); e, na verdade, pela promoção do próprio culto numa sociedade cada vez mais móvel e laica.

Apresenta-se, por isso, uma leitura breve do culto e da organização da Irmandade de São Torcato nas últimas décadas. Desde 2018, temos observado directamente as várias manifestações de culto ao «Corpo Santo», exposto que está num grandioso santuário erguido, entre os inícios do séc. XIX e a primeira década do século XXI, num terreiro rural nas cercanias da cidade de Guimarães: um prodígio da arquitectura e do engenho humano em si mesmo. Inicialmente considerando-se uma visão mais etnográfica e neutra, o trabalho de campo rapidamente passou para um envolvimento mais abrangente com a comunidade e com os vários elementos da Mesa da Irmandade actualmente em funções. Trata-se, por isso mesmo, de um retrato mais observacional dos nossos dias, das várias facetas de um culto vivido intensamente pelas gentes da terra e do trabalho da Irmandade a vários níveis, onde as experiências de fé se confundem muitas vezes com um sentimento de pertença incomum a uma terra cuja invocação milenar antecede o próprio país. Tudo isto vivido num tempo que trouxe alguma euforia económica e turística de pouca dura, logo seguido por uma pandemia e por uma guerra no lado oposto do continente europeu. É neste contexto que uma comunidade inteira, donde se destaca um punhado de pessoas, tenta resolver os dilemas do presente e, simultaneamente, proteger e projectar um culto de largas dezenas de séculos, num século XXI cujo primeiro quartel está já quase a virar a página.

— Sinfonia de abertura: Romagem a São Torcato

A 07 de Julho de 1885 era preso, em Braga, Israel Francisco de Sousa Braga, por ter entrado em casa de um certo José Emílio de Sousa, que era servo na igreja dos Congregados. Uma vez lá dentro, Israel apossou-se de 104\$000 réis, dos quais as autoridades conseguiram recuperar 76\$340 réis, que o criminoso deixara em poder de algumas pessoas. Na noite do assalto, porém, o gatuno fretou um carro e dirigiu-se para a Romaria de São Torcato de Guimarães, onde, aparentemente, «gastou na pandega o dinheiro restante.»¹

Quem observa as fotografias do último quartel do século XIX e inícios do XX, ou até o que é, possivelmente, o primeiro filme rodado no concelho de Guimarães, em 1912,² vê-se, repentinamente, rodeado de multidões coevas do pobre Israel remetido ao cativo

1) *O Commercio do Porto*, Anno XXXII, 165. Agradecemos a Manuel Miranda Fernandes a sinalização desta notícia *pittoresca*.

2) Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, CP-MC: 7000200

(e, porventura, ele mesmo bailando lá no meio!), por entre uma confusão romeira que era a inveja de todas as outras do Entre Douro e Minho: vemos fornos activos e fumegantes, mulheres erguendo os braços em bailes espontâneos, tendas de comer e de beber onde homens sorridentes fumam charutos ou cigarros e vão encaixando malgas de tinto por baixo dos seus fartos bigodes; e, por fim, um santuário altaneiro, em volta do qual pessoas vão cumprindo as suas promessas: aquele erguendo-se granítico, imponente e profusamente decorado, ainda que incompleto. Estas são as imagens iniciais donde decidimos partir: encaixado por entre a Terra e o Céu, e numa luta constante e sempre incompleta, continua este Terreiro de São Torcato em 2023. A segunda imagem que criámos é que este espaço amplo foi reservado ao culto por decreto de D. João VI, em 1824, coincidente no tempo com as grandes sinfonias criadas pelo génio humano, entre as quais, tomamos mesmo agora, enquanto teclamos estas linhas, da beleza por inteiro da Sinfonia N.º 7 em Dó Maior, Opus 121, composta, em 1841, por Louis Spohr, intitulada *Irdisches und Göttliches im Menschenleben*.³ Não pudemos deixar de notar a coincidência e de beber da sua perfeição e vigor, assim como da grande probabilidade do arquitecto russo-germânico Franz Ludwig Carl Bohnstedt — na verdade quem deu grande parte da forma à sinfonia de pedra torcatense⁴ —, ter ouvido também esta peça magistral em concerto, dada a grande fama de Spohr à época e ao facto de ser seu conterrâneo e coevo.

Chegados a 2023, no entanto, e participando em mais um ciclo anual de nova Romaria Grande, imaginemo-nos, então, regressados a Guimarães de comboio, vindos do Porto: entrando na Estação de São Bento projectada por José Marques da Silva (outro dos grandes arquitectos de São Torcato), aonde, nos monumentais painéis azulejares de 1916, da autoria de Jorge Colaço, figuram cenas telúricas da «Romaria de São Torquato». Uma hora e pico de viagem e aparece-nos, aos pés, a cidade de Guimarães primeiro, e a vila depois, após um curto percurso na EN 207-4. Vemos, então, os coruchéus das torres despontar por entre o verde das copas das árvores, como que sinalizando o sítio-mor da Romaria Grande. Com que cenário nos depararemos? O mesmo da viragem do século XIX para o XX? Seria, naturalmente, ingénuo pensar que assim fosse. Todavia, nos mais de cem anos que medeiam um e outro cenário — um a preto e branco e o outro a cores e digital (talvez visto de *drone*) —, há constantes que permanecem. Há dias, até, que nos poderemos confundir temporalmente, sobretudo quando a noite cai num dia quente de Romaria e as

3) «O Terreno e o Divino na Vida Humana.» Spohr, L. (2015). *Symphonies 7 & 8* [álbum gravado pela NDR Radiophilharmonie sob a direcção de Howard Griffiths]. ©CPO.

4) Conferir o artigo de João Luís Marques nesta publicação..



peças invadem o Terreiro à procura de diversão. Quase todas elas, no entanto, tomam como parte do passeio a tradição dos passos a cumprir devidos ao «Santinho do Povo»; subindo, portanto, as escadas de madeira e permanecendo uns segundos perante o «Corpo Santo», incorrupto e exposto em urna de vidro na cabeceira do Santuário.

Conquanto pareça óbvio afirmar que São Torcato constitui um lugar de romagem singular, ele não se esgota nos dias do ano consagrados às celebrações cíclicas: a Feira dos 27, que celebra o martírio de São Torcato a cada 27 de Fevereiro; a Romaria Pequena ou Festa da Água, que comemora a descoberta do «Corpo Santo» junto à Fonte, sempre a 15 de Maio; e a Romaria Grande, que marca o dia em que o túmulo foi aberto a mando do Arcebispo Primaz D. Frei Caetano Brandão, dando novo fôlego ao culto logo no dealbar do século XIX. Na verdade, porém, como deixámos antever acima, a romagem é contínua ao longo do ano, tornando São Torcato não só um culto raro no contexto nacional — pois, por si só, é ele assinalado, ciclicamente e pontualmente, em três momentos distintos do calendário —; mas a visita constante de crentes no decurso deste (a maioria deles chegados em excursões de autocarro ou em passeios familiares), e a importância que isso traz à comunidade, transforma o espaço do Terreiro sobretudo em *sítio*, com tudo o que esta palavra agrega de definidor.

— 1.º andamento - *Kinderwelt*: «O mundo das crianças»

Há poucas décadas, não se abria os olhos para o mundo em São Torcato sem que os pais do bebé declarassem imediatamente que o inscreveriam como Irmão ou Irmã do Santo mal a criança perfizesse sete anos de idade. Hoje em dia, ainda que sem a expressão de antanho, continua a ser habitual esta reserva parental. A tradição de inscrever o nome de baptismo no rol da Irmandade, por volta dos sete anos de idade (a «idade do juízo», de acordo com os preceitos canónicos), era o verdadeiro cimento que continuava a orquestrar a sinfonia de pedra.

A questão da transmissibilidade intergeracional continua a fazer-se em três eixos principais: o oral, o participativo e o escrito. Desde cedo que a criança torcatense ouve, dos seus familiares, as diferentes versões da vida de São Torcato e do achamento do seu Corpo junto à Fonte milagrosa. Ouve, ainda, sobre a importância do seu culto e da sua irrevogável continuidade; ouve sobre os milagres operados e sobre as graças concedidas àquele ou àquela pessoa familiar ou conhecida. O percurso depois segue o habitual da estrutura instalada pelo catolicismo nas aldeias e vilas minhotas, seja dentro da catequese e das várias instituições locais que agregam as crianças e jovens, como, por exemplo, o

Agrupamento de Escuteiros de São Torcato. Em 2010, frequentavam a catequese cerca de trezentas e cinquenta crianças, mas o número tem vindo a diminuir drasticamente, dada a baixa taxa de natalidade que o país regista actualmente, verificando-se este ano cerca de cento e oitenta crianças. As escolas da vila, através de professores e auxiliares mais atentos — sendo paradigmática a existência de um «Clube do Património», orientado pela professora Helena Pinto desde o ano lectivo de 2002/2003, na escola sede do Agrupamento de Escolas do Vale de São Torcato — e, mais recentemente, alguns dos programas artísticos e educativos municipais, que também se têm estabelecido como mediadores entre as crianças e a consciência local da importância do culto ao Santo e dos seus testemunhos monumentais, transmitindo-lhes noções e conceitos actualizados e adaptados a cada ciclo escolar. É natural que tenhamos observado nos últimos anos, por isso mesmo, as visitas assíduas, em correntes de mãos dadas, das crianças da Escola Primária e do Jardim de Infância da vila à Feira dos 27 e à Fonte do Santo durante a Romaria Pequena e a outros eventos da vila. Os programas escolares não esquecem a herança imaterial e, nesta vertente, a ligação aos valores etnográficos torcatenses, dos quais os habitantes se sentem como detentores da «verdadeira» cultura tradicional rural do Baixo Minho, mantendo-se esta a guardo sobretudo do Rancho Folclórico da Corredoura e do Rancho Folclórico de São Torcato, cuja presença de membros de tenra idade atesta-os, outrossim, como veículos seguros de transmissibilidade. Neste particular, alguns artigos desta mesma publicação consideram as práticas de manutenção de memória e de representação por parte de ambas as colectividades e em várias dimensões.

Momento exemplar da importância que os locais atribuem à transmissão dos seus valores aos seus infantes deu-se no final da Procissão de 2022, quando, num momento emotivo, o Presidente da Junta de Freguesia, Alberto Martins, descrevia, perante as forças vivas locais presentes, que tinha «*recuado trinta e cinco anos ao sentir os meus filhos atrás de mim, no Carro Alegórico*», e concluía: «*É sentir uma comunidade inteira junta, em comunhão.*» Os «carros alegóricos», prática documentada já no acto de transladação de 1852 (Santos Silva, 1994) e que chegou a ter paralelos noutras romarias minhotas, são uma das faces mais visíveis da transmissibilidade. Consistem em dois coros de crianças elevadas num trono móvel, encimado, um deles, por São Torcato, e o outro por um santo venerado localmente. Em tempos idos, por ser composto apenas por meninas, o «Carro Alegórico» era também chamado de «Coro das Virgens», podendo ser ainda mencionado como «Carro Triunfal» ou «Carro dos Anjos». Em 2018, foram admitidos, pela primeira vez, meninos nestes coros, uma tentativa de inclusão de mais crianças, sem preocupações de género, ao qual não deve ser também alheia a falta de participação e da demografia actual.

No mesmo dia, Sónia Machado, torcatense de 43 anos, relatava que «*desde que me conheço*



que rezo a São Torcato» e garantia, por isso, até pelo que lhe tinha sido transmitido pelos seus progenitores, as suas duas meninas «vão pelo mesmo caminho que a mãe: acho que vão seguir os meus passos, aquilo que lhes incuto.»



Um dos carros alegóricos sai
para a Procissão de 2022
Raul Pereira

Já Ricardo Freitas, o actual jovem Tesoureiro da Irmandade de São Torcato, enquanto observávamos a preparação dos «anjinhos» que figurariam na mesma Procissão, explicava-nos que acredita que há *«uma missão da nossa geração: sentimos que só pela via do património é que garantiremos a sustentabilidade de tudo isto. Operando na cultura, na memória e na importância que ela tem para Guimarães.»* Estes pontos são relevantes, na medida em que as últimas décadas trouxeram, por via da educação, do conhecimento e dos discursos que permeiam a sociedade em geral, uma consciencialização patrimonial dos modos de transmissão e, neste caso particular, mais afim à «vimaranensidade» e à relevância local das várias manifestações e do culto; aproximando, tanto por via deste, como pela via

etnográfica e cultural, a vila à sua cidade. Isto após décadas de um certo afastamento, primeiro durante o Estado Novo e, depois de obtido um certo equilíbrio de poderes e de regularização das relações institucionais e políticas, nas décadas que se seguiram ao 25 de Abril de 74, e que hoje se encontram, em grande medida, quase sanadas.

À semelhança das dezenas de «anjinhos» e outros figurantes, a transmissão é também participativa, relacionando-se com os vários momentos que pontuam o calendário do culto ao Santo durante o ano, onde centenas de torcatenses dão de si e do seu tempo para que as celebrações e os diversos actos culturais continuem a manter a dignidade: envolvem-se os vários órgãos paroquiais, os associativos, indivíduos e até pessoas das aldeias vizinhas, numa cadeia inesgotável de esforço colectivo por uma «*coisa inexplicável*», pois «*só quem aqui vive é que percebe a importância disto*», como nos foi dito de maneira semelhante em diversas ocasiões.

Ainda que este pequeno capítulo siga o título do segundo andamento da sinfonia de Spohr, e o compositor germânico tenha reflectido sobre um mundo onírico, criado pelo imaginário dos primeiros homens e mulheres face ao desconhecido — na infância do seu processo civilizacional —, que inspirava o nascimento das múltiplas facetas que tomou posteriormente a religião e a espiritualidade — e, em toda a medida neolítica, a nossa relação primordial aos animais de trabalho, celebrada anualmente no Terreiro a cada Feira dos 27 — não é só na infância que nos queremos centrar.

Para o caso concreto de São Torcato, por sinal, tem muita mais precisão falar-se de «*família*», *lato sensu*, e não de «*infância*», pois que todos os testemunhos por nós recolhidos, junto dos habitantes e dos forasteiros, apontam sempre um elemento da sua família como o responsável pela continuação do culto a São Torcato e até mesmo pela sua passagem de testemunho aos mais novos: «*Foi o meu avô que me trouxe cá*.» «*A minha mãezinha era muito devota de São Torcatinho*.» «*A minha avó contava-me como encontraram o Corpo Santo e os bois pararam*.» «*Vinha cá muitas vezes com a minha tia cumprir promessas*.» «*A Romaria Grande era uma festa gigantesca: vinha a família toda, encontrávamo-nos todos, era uma animação para nós, quando éramos canalha*.» A construção da memória pessoal em torno dos três locais sagrados de São Torcato (o antigo Mosteiro, a Fonte do Santo e o Santuário) e, sobretudo o Terreiro, sempre invocados, é transversal a todas as gerações, e essas recordações constituem, porventura, a verdadeira pauta da sinfonia de pedra e da sua transformação em «*sítio*» que já invocámos.

Desenvolvido neste contexto, portanto, temos uma ligação inquebrável, espacial e afectiva, donde sobressai um carácter de grande saudosismo e obrigatoriedade perante a



manutenção da tradição *in memoriam* da figura dos respectivos familiares. Assim sendo, «*continuarei a vir cá, tal como o meu avô já vinha. Era ele que me trazia. Eram tempos muito bonitos.*» Esta continuidade manteve-se em 2022, perante a visão de centenas de jovens que acompanhavam pais ou avós na fila de acesso à arca vítrea do Corpo Santo na tarde da Romaria Grande e que responderam de feição semelhante às nossas questões, ainda que muitos acrescentassem uma certa valia patrimonial «*porque é importante*», ou «*porque é o nosso santo*».

Isto contrasta com a participação jovem nas celebrações e mesmo nos momentos-chave do culto durante o ano, que é bastante reduzida, exceptuando as dos diversos grupos paroquiais ou dos Escuteiros. Existe, portanto, entre os jovens, uma noção diáfana de «*importância*» quase inexplicável, de certo pendor ritualista, com o objectivo de cumprir «*a tradição*» pela tradição. Processos de transmissão que hoje nos parecem mecânicos e absorvidos no seio familiar, que depois desembocam no adro à boleia de umas fotografias ou de auto-retratos com o telemóvel em frente ao Corpo (estas raras e à cautela, por receio de repreensões) ou à fachada imponente de Ludwig Bohnstedt.

Não devemos, contudo, tomar estas novas atitudes perante o Corpo Santo como um desrespeito ou desligamento total dos aspectos centrais da crença ou da fé — âmbitos de outra dimensão do jovem crente contemporâneo, cuja relação com o divino é hoje muito mais pessoal, espontânea — holística até — e vivida quase permanentemente no espaço mental e introspectivo. Um jovem torcatense contava-nos, por exemplo, que, para além da grande devoção que tinha ao «Santinho» da sua terra, foi muito importante para a sua vida uma experiência espiritual e mística que atingiu num retiro budista, onde adquiriu a sua «*explicação*» para os detalhes que compõem a matéria do Universo: «*passei a perceber tudo*», garantia-nos. O dizer-se «católico», hoje, não implica uma rejeição imediata de outras práticas ou sentidos de explicação.

A juventude católica minhota escapa hoje à missa (ou a ela vai «obrigada»), mas permanece nela, além da responsabilidade de manter o que seja de uma réstia de fé ancestral, o receio de enfrentar o divino após a morte, numa relação tensa entre as facilidades da vida abundante do nosso tempo — que escapou aos seus pais e avós — e a «obrigação» moral que as regras da religião oficial impõem para que a «passagem à vida eterna» não traga o que se acreditam ser os dissabores inesperados do castigo divino. É isto que a presença física da morte no Corpo incorrupto de São Torcato os faz lembrar, numa época em que a sociedade impõe permanentemente os discursos do culto da imagem e da eterna juventude.

Como em tudo, há exceções: a mais interessante, como o Bispo Auxiliar de Braga observou, na sua saudação final, no decorrer da celebração possível em plena crise pandémica provocada pelo vírus SARS-CoV-2, é que São Torcato é uma «*terra pródiga em padres*». De facto, vários jovens são-torcatenses têm seguido, nos últimos anos, a vida eclesial, ocupando cargos de relevância na hierarquia da Igreja Católica, como José António Lima Carneiro, Arcipreste de Fafe, ou José Miguel Cardoso, que prossegue os seus estudos de doutoramento em Roma. Nascido em 1986, este sacerdote admitiu, em entrevista, que o facto de ter tido, desde a infância, contacto com o Santo foi certamente o que mais contribuiu para o seu chamamento e vocação, e adianta que tinha: «*a oportunidade de ver, quando participava na eucaristia dominical, a figura de um santo — e não só tanto uma estátua. A proximidade [quase] táctil, obviamente que nos cativava...*» Já o jovem Bruno Costa, nascido em 1988, em Azurém, decidiu, em 2022, participar pela primeira vez como figurante na Procissão. Explicou-nos que «*Decidimos participar [em família] após a Comunhão Solene da minha filha: notámos que era preciso gente. As gerações estão a mudar: os mais velhos estão a deixar de vir e os mais novos não participam tanto e então tentamos dar uma mãozinha nisso.*» Luís Freitas, de 28 anos, vizinho de Rendufe, garantia-nos: «*Normalmente, venho cá [ao Santuário] todas as semanas. Tenho uma relação boa, de devoção, com o São Torcato. Peço para me ajudar em tudo. Peço-lhe muita coisa, mas é segredo.*» Luís Freitas abre-nos as páginas do último caminho de transmissibilidade, para além da «*minha mãe e do meu pai*», não hesitando quando questionado sobre as lendas e histórias fixadas na população sobre o achamento do Corpo, essas: «*aprendi no meu tempo de escola e nos livros.*»

A história oficial, lavrada, em larga medida, por Frei Domingos da Soledade Sillos, em 1853, e amplamente explicada por outros autores nesta publicação, continua a ser reeditada regularmente pela Irmandade de São Torcato⁵, tendo gerado, ao longo de quase cento e setenta anos, interpretações várias criadas no seio da comunidade e pelos romeiros. Entre o escrito e o oral são poucos os pontos de contacto, pelo que convém considerar como da mais alta importância o que é transmitido em letra impressa, sobretudo com o incremento do nível escolar das novas gerações. Este é também um risco que corremos e assumimos à medida que vamos teclando estas linhas...

Na ordem da oralidade, já Santos Silva (1995) tinha descrito o essencial e, ainda que não exaustivo, também nós não poderemos anotar aqui todas as lendas, versões e variantes que ouvimos, pois são muitas e, não raras vezes, interpretações pessoais; outras até desconectadas, à mistura com perdas súbitas de memória e invenções na hora. Dessas lendas, retivemos uma em particular: relata que no dia em que as obras da sinfonia de

5) A última reimpressão da vigésima edição, de 1998, foi feita em 2015 (Sillos, 1998 [2015]).



pedra parassem, o santo iria mesmo para Braga, remetendo a história para os vários momentos ao longo dos séculos em que o povo se revoltou e impediu isto mesmo. No plano do simbólico, no entanto, temos informações de que o regresso do «Santinho» acabará por ser mesmo verdade num futuro próximo, estando a ser esculpida, de momento, uma nova imagem itinerante de São Torcato para percorrer o seu Vale e fazer regressar o bispo mártir «à sua casa», ainda que por momentos.

Por último, existem os momentos singulares da vida do crente, que requerem a legitimação da Igreja Católica, sendo, no nosso tempo, os mais importantes o casamento e o baptizado dos filhos, que se querem celebrados no Santuário. A grandeza da sinfonia de pedra garante à celebração a dignidade do momento e a beleza estética que se fixa como cenário em fotografia e em filme. A Irmandade autoriza, por isso, centenas de celebrações ao longo do ano, sendo mais intensa neste particular a época de Verão, dado o retorno da diáspora. Voltar à terra para baptizar, no grande Santuário, um recém-nascido em França, na Suíça, Bélgica ou noutra país de acolhimento é um acto de orgulho, de tradição e de reencontro com a família, o que devolve, quase de modo cíclico, a importância ao *sítio*, central e conceptual na vida dos emigrantes e da população da vila de São Torcato e das aldeias vizinhas.

— 2.º andamento - *Zeit der Leidenschaften*: «O tempo das paixões»

«*Eu costumo dizer que, quando fechar os olhos, ainda vou andar por aqui a pairar, a ouvir os sinos...*», concluía, desta forma a sua entrevista Reinaldo Fernandes Martins, um dos principais responsáveis por um movimento de jovens iniciado nos finais dos anos 60 do século passado, que conseguiu convencer a Arquidiocese de Braga a colocar nas mãos das gentes de São Torcato os destinos da Irmandade com origens medievais. O movimento só se consolidaria, e exclusivamente dentro da Irmandade, após a Revolução dos Cravos (Santos Silva, 1994) — flor esta, aliás, associada pelos romeiros a São Torcato, ainda que não por esta razão. Convém esclarecer que este grupo de jovens daria origem a um novo capítulo no equilíbrio de poderes que se impunha estabelecer em tempos de fim de ditadura e abertura à democracia. Seguindo a descrição de Augusto Santos Silva (1994, p. 308), eram eles moços que, previamente: «(...) *se formaram e notabilizaram nas estruturas da Acção Católica. São caracteristicamente, como agora gostam de dizer, “pessoas que vieram de baixo”; e nisso se distinguem e opõem aos antigos rendistas privilegiados, às “fidalguias”. Conheceram a experiência do trabalho precoce e intenso, e do trabalho manual e subalterno. “Subiram a pulso”, nas respectivas fileiras profissionais. Uns ficaram pela 4.ª classe, outros frequentaram, em*

regra como adultos, cursos secundários técnicos.» Esta relativa mobilidade social permitida pelo ocaso do Estado Novo foi uma oportunidade que a população de São Torcato não deixou de aproveitar: após décadas de «Comissões Administrativas» eleitas pela Arquidiocese e com forte presença de elementos da Colegiada, e, na verdade, de séculos sendo mandados a partir de Guimarães e de Braga, a população da ainda aldeia controlava o seu mais alto valor religioso. Esta mudança é histórica e ainda hoje amiúde lembrada, pois seria a primeira vez que uma pessoa nascida em São Torcato tomaria nas mãos os destinos de um culto que pelos seus naturais se mistura com um amor à terra que é raro encontrar no país.

De acordo com Reinaldo Martins, um desses jovens enérgicos, o processo de transição foi suado, já que os membros do grupo tiveram de insistir inúmeras vezes com a Arquidiocese sobre o estado de abandono da causa do Santo, tendo sido forçados a várias reuniões, e, mesmo após a passagem de testemunho, em 1972, a um controlo rigoroso por parte do então Prior da Colegiada, que rapidamente, contudo, se convenceu da competência dos jovens torcatenses e dispensou o controlo aturado. Em Outubro de 1974, a Mesa põe, por fim, termo ao regime de «comissões administrativas»: *«O maior prazer que tenho, o que mais me marcou, foi termos tido eleições livres, um direito que tinha sido coarctado durante décadas. Voltar a repor a legalidade estatutária, esse direito que só os Irmãos têm de eleger os seus representantes.»*, disse-nos Reinaldo Martins, em entrevista.

A mudança foi também política, pois os jovens ganhariam, por margem absoluta, as eleições à Junta de Freguesia de 1971, iniciando um período de obras estruturais que se tomaram em atitude oposta à letargia dos executivos anteriores: *«Por aquela altura, isto estava tudo muito atrasado, não havia nada, faltava o básico, foi preciso fazer tudo... Era uma autêntica miséria.»*, garantiu-nos Reinaldo Martins, que chegou a exercer o cargo de Secretário no executivo de 1971 e de Presidente da Junta a partir de 1980: *«Eu era já contra a Situação, tanto que fiz questão de lavrar em acta, muito antes do 25 de Abril, que não havia democracia, liberdade de expressão, educação, etc. O Santos Simões uma vez encontrou-me na rua e disse-me: Ó Reinaldo, eu não sabia que também eras do Revirvalho! Organizámos, então, uma lista independente, a TUPP Torcatenses Unidos Pelo Progresso, com gente de todos os quadrantes políticos, e iniciámos obras estruturais como o abastecimento de água, o cemitério, a escola secundária, a sede da junta, a escola agrícola, a electrificação de todos os lugares, o saneamento, etc. Não havia nada, nada.»*

O 25 de Abril desviaria, no entanto, a energia da juventude de São Torcato da Junta de Freguesia de volta para a Mesa da Irmandade, devido à instalação de «Comissões Administrativas», desta feita não para a gestão da Irmandade, mas dos órgãos autárquicos, até às eleições de 1976 (Santos Silva, 1994).



Este é também o ano em que falece o padre Firmino Lopes da Cunha, que permanecia como Juiz na primeira Comissão Administrativa com membros torcatenses, abrindo definitivamente o caminho para que um leigo natural da terra (Reinaldo Martins) ocupasse o cargo de Juiz Interino, o que alteraria a mecânica de funcionamento e a relação de poderes dentro da Irmandade até aos dias de hoje. O que Santos Silva registou sobre esse tempo (1994, p. 312) continua a ser válido nas memórias e declarações que nos foram outrossim prestadas por diversos interlocutores: a «*democratização*» do funcionamento interno da Irmandade; o «*correr com os padres*» — reacção bem minhota e exemplarmente explorada por João de Pina-Cabral (1989) —; a prossecução, em esforço, «*com muito trabalho*», das obras, e a conclusão do Santuário.

Na visão de António Sousa Fernandes, Juiz da Irmandade durante dezassete anos, a partir de 1978, a juventude perdeu o entusiasmo desse grupo de cerca de vinte jovens do qual também fez parte: «*Hoje, em São Torcato, não vemos um jovem interessado pelo progresso da terra; nem querem saber, não querem saber de nada. Naquele tempo, foi toda uma juventude que surgiu, uma geração que surgiu, que apareceu para uma luta titânica para o desenvolvimento de São Torcato. As obras estavam paradas há quarentas anos, o Santuário estava meio construído. Não imagina o que foi preciso fazer para convencer o D. Francisco [Maria da Silva] e a hierarquia da Igreja a dar-nos uma certa autoridade.*»

A partir dos finais da década de 70 do século passado, a Irmandade passa, de acordo com o mesmo interlocutor, «*De zero trabalhadores, a manter cinquenta e tal pessoas, durante dezassete anos.*» E, em 1982, «*formámos a Escola de Cantaria, que foi o segredo da conclusão do santuário. (...) A obra está feita, graças a Deus, o São Torcato está lá e continua a ser adorado pelas pessoas.*»

Divergências políticas e questões relativas a propriedades pertença da Irmandade e de particulares (alguns casos dos quais ainda correm em tribunal) abalaram São Torcato pelos meados da década de 90, abrindo espaço a uma nova Mesa liderada por José Novais de Carvalho, eleito Juiz a partir de 1995. Este é também o ano em que a aldeia de São Torcato, pela sua dimensão, pela prosperidade conseguida pela luta de uma geração e pela sua importância regional, é elevada pelo Governo à categoria de vila.⁶

Pelos meados dos anos noventa do século passado, «*a Irmandade vivia uma situação complexa. Fui convidado para liderar a equipa e aceitei. Foi um trabalho difícil (...), havia necessidade de resolver as coisas.*», contava-nos José Novais de Carvalho. «*Regularizar as relações com a diocese foi também uma prioridade*» — esta posição foi importante em várias dimensões e será explicada adiante, pela sua importância no plano do simbólico.

6) Lei n.º 78/95, de 30 de Agosto. *Diário da República*, n.º 200/1995, Série I-A de 1995-08-30, pp. 5443 – 5443.

Reflectindo sobre o seu trabalho como Juiz, Novais de Carvalho sustentou que *«é normal que estas crises aconteçam nas instituições: os tempos vão mudando. [Por isso], resolvemos os problemas interna e externamente — decidimos pôr a casa em ordem, definindo três metas: organizar a casa, fechar o Santuário e entrar na área social.»*, explica. No entanto, faz uma ressalva em especial: *«o Centro Social foi a obra que deu mais substância à Irmandade.»* Por último, a Mesa por si liderada procedeu, entre inúmeras obras, à renovação estética e funcional do espaço em volta do Terreiro e do adro, com várias obras estruturais e de equipamentos necessárias, tanto no apoio aos fiéis e visitantes (instalações sanitárias, por exemplo), como de culto (um velário para queima de velas de oferenda, por exemplo).

Pelos meados da década que nos antecede, era a altura de nova mudança: *«Eu sou da opinião que cada gestão tem de terminar o seu tempo. Perpetuar uma gestão é mau para a instituição. Primeiro porque as pessoas vão tomando aquilo como seu, segundo porque, a partir de determinada altura, cumprindo os objectivos, a renovação é fundamental: sangue novo, ideias novas.»*

Em 2016, é formada uma Mesa a partir de alguns membros já pertencentes à de Novais de Carvalho, que se vai mantendo, com poucas alterações, até aos dias de hoje. Cumprindo o terceiro mandato, este grupo é liderado por Paulo Novais, professor catedrático da Universidade do Minho na área da inteligência artificial, coadjuvado em mais proximidade, para além de todos os restantes membros da Mesa, por Manuel Carvalho, um dos mais respeitados empresários na área da construção civil do concelho, por José Manuel Teixeira, professor do ensino secundário, e por Ricardo Freitas, economista. Muito elogiado pelos seus três imediatos antecessores como *«um rapaz muito trabalhador»*, *«que sabe o que faz»*, o novo Juiz não deixou que a aparente regularização da situação da Irmandade o travasse nas suas ambições. Ele próprio o afirmou, lembrando os mais de cento e oitenta anos que o Santuário demorou a construir e que colocariam no imaginário minhoto as «Obras de São Torcato» a par das de Santa Engrácia de Lisboa: *«Em São Torcato, uma obra completa é o alicerce de uma outra a fazer. Sempre foi assim!»* Noutra entrevista, realizada anos antes, em 2018, Paulo Novais afirmava que tinha aceitado ser Juiz *«para podermos fazer, eu e os Irmãos da Mesa, algo por São Torcato, senão não faria sentido estarmos aqui: é esse o nosso compromisso. Sem nunca estragar o trabalho que vem de trás, o brilhante trabalho que nos foi legado por sucessões de homens de boa vontade. (...) E fazer da Irmandade de São Torcato e da minha terra um lugar melhor, se for possível. Ao trabalhar para o Santo do Povo, julgo que podemos contribuir decisivamente para o progresso da nossa terra.»*

Pondo mãos à obra, nos últimos anos, a Mesa actual procedeu à recuperação da capela da Fonte do Santo e do adro contíguo; à monitorização estrutural em permanência do Santuário, com o apoio de tecnologia instalada e acompanhada pela Universidade do



Minho; à instalação de um elevador e à melhoria generalizada das acessibilidades ao adro e ao Santuário; à construção de duas réplicas dos fornos de romagem que se viam em fotografias do século XIX e que funcionaram por grande parte do seguinte; à encomenda de duas esculturas para o transepto do Santuário por um aluno da extinta Escola de Cantaria; ao melhoramento da Via Sacra, fazendo a ligação ao Mosteiro original, hoje Igreja Paroquial; ao restauro da Capela do Santo, inserida na de Santa Catarina no mesmo Mosteiro, que ainda prossegue; à recanalização e limpeza das fontes do Escadório; à regularização do piso do estacionamento no Parque dos 14 Irmãos; ao melhoramento da sinalética; à criação de um sítio na Internet para a Irmandade de São Torcato, &c.

Todavia, a maior vitória que a Mesa dirigida por Paulo Novais conseguiu não foi material, mas no plano das relações hierárquicas: a aproximação total à Arquidiocese de Braga, um processo iniciado pela Mesa anterior de Novais de Carvalho, que ainda hoje faz parte dos corpos dirigentes.

Durante séculos um culto não legitimado — chegando a causar grande consternação no povo as tentativas de levar o Corpo para outras paragens, como é relatado noutros trabalhos cercanos a este; ou, mais recentemente, quando São Torcato foi retirado do calendário litúrgico bracarense no tempo do Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira — a Igreja de Braga passou a olhar muito recentemente com outros olhos para o Santo, cuja «entronização e a canonização popular (...) substituiu e parece que dispensou a legitimação pela Igreja Católica.» (Barroso, 2004).

A reaproximação à hierarquia católica Primaz deve ser vista como um processo longo, mas simultaneamente natural, para o sucesso do qual contribuíram alguns factores importantes: o empenho de ambas as partes em consolidar relações, que foram, durante séculos, azedas; o reconhecimento de que a gestão e o trabalho dos torcatenses tinha sido exemplar; as alterações profundas da relação dos fiéis com a Igreja Católica, e as mudanças no seio da própria estrutura hierárquica do clero romano e bracarense, sobretudo após o conclave que elegeu o Papa Francisco I. Em Janeiro de 2020, numa Carta Pastoral intitulada *Nos Passos de São Torcato*, no âmbito da elevação do Santuário a Basílica Menor da Igreja Romana⁷, o Arcebispo Primaz das Espanhas, D. Jorge Ortiga (2020), confirmava, efectivamente, isso mesmo, referindo que «uma das categorias pastorais mais evidenciadas pelo Papa Francisco no seu pontificado é a da “religiosidade popular”» e que «A sua mudança copernicana acontece no novo modo de olhar esta categoria.» E continua: «A religiosidade popular deixa de ser vista como um entrave ou obstáculo à evangelização, como assim se pensou durante muito tempo na Igreja, para ser vista a partir de agora

7) A carta encontra-se assinada com a data de 27 de Fevereiro de 2020, dia do Santo.

como um ponto de partida para a evangelização.» Visto Torcato como «meu antecessor» e «santo» logo à entrada da sua Carta, D. Jorge Ortiga fez deste documento um acto historicamente importante e revelador das novas orientações espirituais da Igreja. A mesma linha de orientação parece estar a ser seguida de forma igualmente comprometida pelo novo Arcebispo de Braga, D. José Cordeiro, que tomou posse em Fevereiro de 2022.

À memória histórica e heróica da morte ao mouro às mãos do cristão em campo de batalha, opõe-se hoje o ecuménico «diálogo com o Islão»; ao martírio, sobrepõe-se «o chamamento universal à santidade» ou «o testemunho». Sabendo os limites das distâncias cronológicas difíceis de ultrapassar, as hierarquias da Igreja Católica sabem que o exemplo de vida de Torcato — e de grande parte dos mártires em batalha — é difícil de contextualizar na contemporaneidade: a morte violenta descrita no hagiológico comumente aceite de São Torcato, num tempo de nova guerra no espaço do continente europeu, torna-se ainda mais complexa. Relembramos as questões que muitos levantaram aquando da canonização, em 2017, de Frei Nuno de Santa Maria, o célebre «Condestabre» d'El-rei D. João I — eles próprios celebrados em Guimarães, o primeiro com novo andor e nova imagem mandadas fazer, em 2019, para São Torcato —, sobre se seria legítimo santificar uma personalidade que, apesar do seu final de vida extremamente piedoso, tinha sido responsável pela morte de tantas almas cristãs em campo de batalha. Quais os limites da redenção na sua relação com a santidade?

A centralidade da Igreja Católica, na sua representação arquiépiscopal primaz bracarense, tem sido, por isto tudo, nas últimas duas décadas, o esteio fundamental como caminho de uma certa legitimação oficializante (agora aparentemente oficial) do culto ao corpo incorrupto de São Torcato, ainda que permaneçam discursos salientando a expressão «Santo do Povo», deslocando-o, assim, ligeiramente desse mesmo âmbito da ortodoxia: «*No entanto...*», perguntava-nos um clérigo no final duma conversa sobre a visão da Igreja acerca do culto e depois das devidas reservas canónicas: «*Como é que podemos não integrar um culto com mais de mil anos que está no seio desta gente? É claro que o nosso esforço será sempre para legitimá-lo, sempre com a noção de que se deve cumprir o seu exemplo de sacrifício.*»

Surge assim o ponto central de uma espécie de *nova devotio* regional: por difícil que seja enquadrar, em pleno século XXI, a vida de um mártir num campo de batalha nos alvares da Idade Média, em luta de sangue contra um outro povo e religião, este é invocado pelos sacerdotes, na maioria das homilias a que fomos assistindo, como alguém que defendeu a fé «*contra tudo e contra todos*», num claro paralelismo e chamamento de acção aos fiéis, que têm hoje dificuldades em afirmar-se como tal e abertamente perante uma sociedade cada vez mais global, laica ou que oferece um autêntico «*supermercado de religiões*» (Ortiga, 2020). O acto de afirmação em qualquer circunstância compara-se ao acto de



sacrifício derradeiro de *Torquatus* contra o invasor muçulmano: «*Não tenham receio, nem vergonha, de se afirmarem católicos*» é uma das variantes de exortação vindas do ambão. A Igreja tenta hoje, assim, lançar a luz para os episódios e relatos consagrados que se consigam relacionar melhor com a complexidade do mundo contemporâneo, demonstrando os pregadores maior articulação com «*o espírito de sacrifício perante as adversidades*», o «*exemplo de defesa da verdadeira fé em Cristo*», que continua a ser o que a Igreja vê como o maior acto de fé para um católico: demonstrar a sua crença perante a sociedade (que, na generalidade, lhe é cada vez mais adversa) e em qualquer circunstância, mesmo que isso implique o risco do desdém.

À azáfama e revolta dos dias que todos vivemos, onde a tecnologia aumenta, o planeta encolhe e o lazer continua a subir na Pirâmide de Maslow, contrapõem-se o «silêncio que é a verdadeira *melodia* de Deus» (Ortiga, 2020), pondo ao serviço da introspecção e meditação do crente a dimensão do imenso património construído que surge em forma de uma catedral enorme no meio do campo: a sinfonia de pedra torna-se silenciosa.



D. Jorge Ortiga, auxiliado pelo Padre Valentim Gonçalves, exorta os fiéis a seguirem o exemplo de Torcato na homenagem que lhe foi prestada pela Irmandade a 07 de Novembro de 2021
Raul Pereira

Esta conjugação de factores tem vindo a transformar São Torcato no que pode ser um verdadeiro campo de experimentação de futuro para a igreja bracarense e para a comunidade torcatense. Para isto contribuiu também, nos últimos anos, e após a transferência de um sacerdote que turvou um pouco as águas entre a comunidade e a Arquidiocese, a chegada de padres missionários verbitas à vila para gerirem os destinos da paróquia, primeiro

o Padre Agostinho Saldanha e, depois, o Padre Valentim Oliveira Gonçalves, natural de Serafão, Fafe, cuja índole pacificadora, entusiasmante e generosa ajudou à sedimentação de uma espécie de *Pax Torcatensis*, que reina actualmente na vila nos processos de transferência e negociação entre as várias instituições, salvaguardando as excepções normais numa vila de milhares de habitantes. A abertura do sacerdócio tornou-se também multicultural, trazendo a São Torcato o Padre Dinesh Bhalrai e Domingos Gudinho de Araújo, de nacionalidade indiana e timorense, respectivamente.

Abre-se, porém, a porta permanente do futuro e das questões sobre como ele se apresentará — como se pode construir. Posta esta mesma reflexão a Paulo Novais, o Juiz diz que as respostas são múltiplas, mas que uma das atenuantes perante a queda de uma religiosidade tão participativa estará certamente no que une os locais à sua terra e ao orgulho na sua sinfonia de pedra — e isto na sua inteireza: no «Santo do Povo» e na sua presença corpórea; no impressionante Santuário e na cultura local, *«que eu espalho por todo o mundo: tanto assim é que sou conhecido, no mundo da ciência, pelo Paulo de São Torcato e não pelo Paulo de Guimarães, ainda que também tenha orgulho em ser vimaranense.»*

Num esforço para *«criar pontes para outras gerações»*, Paulo Novais trouxe consigo para a Mesa alguns jovens como Ricardo Freitas, que lhe permitem ter uma visão mais concreta sobre o que eles procuram hoje, tanto na sua relação com o culto, como com uma estrutura secular e com um peso histórico e geracional tão possante como a Irmandade. Foi numa atitude semelhante que, para o terceiro mandato, iniciado no ano de 2022, a Mesa elegeu, possivelmente pela primeira vez desde a Idade Média, uma mulher, Maria Teresa Vieira e Brito, para um cargo dirigente. Sobre isto, disse-nos a própria: *«Espero poder aportar uma visão mais feminina, que faz falta a estas estruturas seculares. Se todos nos renovamos, também não faz sentido as instituições continuarem em linhas que já não são válidas para os dias de hoje.»*

Por outro lado, o anterior Juiz, José Novais de Carvalho, aponta outro caminho que ele próprio iniciou e que continua a ser seguido pelo sucessor Paulo Novais: *«Nós, na altura, pensámos assim: agora que tudo está mais calmo, é tempo de nos voltarmos para o passado e de aprender com ele.»* Por sua ordem, a Irmandade iniciou então uma tentativa de recuperação e preservação de todo o espólio documental e móvel de sua pertença, e procedeu, com a ajuda de Maria José Meireles, à sua inventariação criteriosa⁸. Continuando nesta senda,

8) Este trabalho, notável para a época e para as circunstâncias, permitiu a salvaguarda de vários documentos históricos e de objectos artísticos e simbólicos de relevo, que, de outra forma, se teriam perdido para sempre. A importância do trabalho de Maria José Meireles pode ser constatada no último texto deste volume; assim como não pode deixar de ser salientado que o inventário e acondicionamento próprio dos documentos, por si orientado, permitiu, aos futuros investigadores, consultar novos dados importantíssimos, alguns dos quais se expõem agora pela primeira vez ao longo desta publicação.



a Mesa de Paulo Novais encetou convites à investigação de académicos e investigadores que permitissem fazer uma actualização do conhecimento científico sobre as origens do culto e da Irmandade. Uma dessas acções, realizada em 2019, tomou o nome de *Olhares sobre São Torcato*, onde alguns dos autores deste livro foram participantes activos, expondo, para uma sala cheia, comunicações cientificamente informadas. Por outro lado, com o apoio da Casa da Memória de Guimarães, continua em curso a preparação de um pedido de inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial; e, por último, escusado será dizer o que representam as duas publicações agora impressas, encomendadas a dezenas de investigadores, da qual esta é apenas meia parte.⁹

A Mesa liderada por Paulo Novais cumpre mandato até 2024, de forma a poder coincidir o mandato com o do Centro Social da Irmandade de São Torcato, uma Instituição Particular de Solidariedade Social que presta apoio à comunidade da vila, e cuja gestão ocupa grande parte do tempo disponível dos Irmãos da Mesa.

Em termos de organização prática, a Mesa reúne geralmente às segundas-feiras à noite, após o jantar, sendo que, a maioria das vezes, os Irmãos se encontram espontaneamente, ou, se possível, quando há um problema ou uma emergência a resolver. Em concordância com os tempos, o telemóvel é, contudo, o escritório principal.

Facto notável numa estrutura totalmente voluntariosa, o grau de confiança, companheirismo e empenho profissional à causa do «Santinho» é imediatamente visível para um observador externo. A Irmandade mantém, para além das dezenas de funcionários do Centro Social, estrutura independente, apenas três assalariados, todos com largos anos de permanência na instituição: Manuel António Ataíde Andrade, presença incontornável no Santuário há décadas e que lida com questões de acolhimento a peregrinos e de secretariado; Ana Lúcia da Silva Peixoto, geralmente afecta à «Vitrine» (a loja de objectos religiosos e de lembranças da Irmandade no Santuário); e Alberto Oliveira Araújo, que efectua obras de reparação, limpeza e presta apoio logístico. É estatutário, de acordo com o Art.º 27.º do Título II do *Estatuto da Irmandade de São Torcato*, aprovado por D. Jorge Ortiga a 26 de Outubro de 2000 — em si mesmo um marco na melhoria de relações com a Arquidiocese —, que «o exercício de qualquer cargo em todos os Corpos Gerentes é gratuito.»

Como todo o trabalho que é público e, digamos, como que permanentemente exposto à vista de todos no Terreiro, a Irmandade não está isenta de críticas negativas pelos locais.

9) Paralelamente a este trabalho, é levado ao prelo o álbum intitulado *São Torcato: Romaria a um vale infindável*, onde se apresentam textos, documentos e fotografias de objectos e locais relacionados com a origem e a história do culto a São Torcato.

Durante séculos, pertencer à Mesa era uma honra de privilégio e de acesso, e tal continua a ser visto assim pela maioria dos interlocutores que questionámos ou pelos comentários repentinos que ouvimos em São Torcato, sobretudo em aparições públicas de elementos da Mesa. Esta questão é a que mais preocupa e frustra os Irmãos dos corpos gerentes e quem os ajuda: se, por um lado, tentam ao máximo eliminar falhas que possam ser alvo de críticas, por outro, o desânimo tolhe-os nos momentos em que acontecem, levando amiúde a ameaças de desistência e de acusações de incompreensão por parte «*de quem não faz nada.*»

Não sendo original nas relações sociais minhotas, o comportamento da crítica social generalizado tem vindo a ser pouco estudado por sociólogos e antropólogos, mas encontra campo bastante fértil nas romarias e nas vivências paroquiais minhotas, especificamente no que às várias formas de se organizar os diversos cultos espalhados pela região dizem respeito. São incontáveis os exemplos que recolhemos ao longo dos anos por todo o Minho. Talvez estas atitudes se expliquem, em parte, porque a adoração ao «Santinho», figura que incorpora em si o alcance do divino, implica uma ideia de «perfeição» no espaço relacional com o crente, seja ele físico ou espiritual. No entanto, este campo é necessariamente uma criação individual e pouco objectiva, levando a infinitas interpretações de «como deveria ser». É certo que também não se podem colocar de lado as relações interpessoais, familiares, rivalidades, e, não raras vezes, políticas ou de grupo, que são parte indissipável de uma vila antiquíssima com 3.346 habitantes.¹⁰ A sinfonia de pedra é, assim, o que todos os são-torcatenses querem fazer dela.

— 3.º andamento - *Endlicher Sieg des Göttlichen*: «A vitória final do divino»

Uma das lendas conta que Wamba (c. 643-688.), o rei visigodo eleito que unificou a *Hispania* e que promoveu o célebre Terceiro Concílio de Braga de 675, trouxe do Getsémani uma oliveira, que plantou em São Torcato. O azeite proveniente desta árvore serviria mais tarde para alumiar o Corpo Santo do bispo *Torquatus*, martirizado pelos povos islâmicos que acoossaram o território vindos do sul. Muitos anos depois, esta oliveira foi transplantada para Guimarães, para o famoso largo onde ainda hoje se lhe guarda a memória, ainda que esta tivesse acabado por secar. Refloresceu, ao que parece, um dia, quando o mercador abastado Pêro Esteves lhe trouxe um cruzeiro calcário possivelmente anglo-normando, o que o povo deu por grande milagre. Passou, desta forma, uma certa árvore nativa de

10) Censos de 2021. Resultados provisórios consultados em <https://www.ine.pt/>



Jerusalém, e turista em São Torcato, a dar origem ao principal culto tardomedieval na região: Santa Maria da Oliveira, após Aljubarrota «da Vitória», por pedido de D. João I — culto este, aliás, que pode ter sido uma das razões maiores para a desgraça do mosteiro torcatense, que se daria logo no século XV, como se pode ler em artigos aqui vizinhos. Foi talvez por tudo isto que alguém viu São Torcato numa das representações de um eclesiástico que encima o capitel do cruzeiro do Padrão de Nossa Senhora da Vitória.¹¹

Vindo também de Santa Maria da Oliveira, passados uns três séculos, corria já o ano de 1637, conta-se que o seu Mestre-escola, Rui Gomes Golias, dirigindo-se a São Torcato para testemunhar a abertura do túmulo de *Torquate*, num arrebatamento místico perante a visão de santidade, arrancou com os próprios dentes o calcanhar ao Corpo Santo, transportando-o depois para a sua grande casa — na verdade o mais perfeito exemplo de «arquitectura chã» civil da cidade e hoje Arquivo Municipal Alfredo Pimenta —, onde o encasulou num luxuoso relicário, e lhe ergueu, na capela privada, um retábulo mui digno e de excelente talha.¹²

É difícil arranjar melhores exemplos da «vitória final do divino», sobretudo porque algumas das histórias em torno do achamento do Corpo Santo, da sua história de vida e do conseqüente martírio, dos milagres atribuídos e, sobretudo, da continuação da sua celebração, ainda que os séculos se passem, continuam a circular no imaginário local e provam que São Torcato é um culto vivo.

Numa lista de mais de cem corpos incorruptos de santos adorados pela cristandade, coligida pela autora americana Joan Carroll Cruz (1977), constam poucos com mais antiguidade do que São Torcato de Guimarães (certamente por desconhecimento da autora isento da lista) — na verdade nenhum, se tivermos em conta a datação do túmulo original moçárabe e os parâmetros cronológicos agora postos como hipótese por Aires Fernandes e os autos analisados por João Durães nesta publicação, e, naturalmente, a integridade e estado de preservação do seu corpo.

A presença de um corpo que o tempo não putrificou é, para o crente, um dos maiores atributos da santidade, pois reflecte uma escolha particular de Deus sobre determinado indivíduo. Ele é, concretamente, a pedra basilar da nossa sinfonia de pedra, pois é nesta relação de presença perante um santo que é, efectivamente, parte física do mundo e visível,

11) Uma tentativa de interpretação do problema arquitectónico que é o Padrão da Oliveira foi por nós exposta em Pereira & Seabra (2017). Para uma leitura breve do pequeno grupo escultórico do cruzeiro, consultar a respectiva ficha de inventário (http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=764) e Alfredo Guimarães (1940), ainda que a fina pena de José Augusto Vieira já o tivesse anotado no seu célebre *O Minho Pittoresco* (1886). Uma série de artigos muito completa sobre a nomeação incorrecta do monumento como «do Salado» (iniciada, ao que parece, por Alfredo Guimarães, na mesma obra citada) foi elaborada por António Amaro das Neves, podendo iniciar-se a sua consulta em: <https://araduca.blogspot.com/2022/02/o-nome-do-padroao-01.html>

12) Ambas as peças são descritas, nesta mesma publicação e adiante, por Maria José Meireles..

que São Torcato exerce uma atracção permanente para milhares de crentes e curiosos a cada ano. Isto criou rituais específicos de interacção e mediação espiritual entre oromeiro e o plano divino — relações de rogo, agradecimento e troca. Um deles, que raro ainda se vai cumprindo pelos mais velhos, chamou mesmo a atenção de Pierre Sanchis, na sua obra *incontornável* (1983): «beija-se o vidro do relicário, sobre ele apoia-se a mão, enxuga-se com um lenço o vapor de água de que está coberto — “suor” do santo, que se leva para casa como um talismã.» Talvez fosse este o gesto que deu origem à produção de inúmeros lenços estampados com a imagem do relicário ou da fachada de Bohnstedt durante o século XIX. Esta confrontação com um santo que se pode ver a olhos postos é o que o torna «*real*», elevando a experiência do crente a um patamar que é tanto físico, subindo as escadas de madeira e, sobretudo, simbólico. Explica Sanchis (1983, p. 43) que «O essencial permanece na união simbólica da experiência humana e do que a ultrapassa e a baseia, e neste sentido a pessoa do santo, tal como a do antepassado». Relembremos, neste ponto, o que ficou dito supra a propósito da transmissão familiar, ou as declarações do Padre José Miguel Cardoso acima, quando se refere a uma proximidade quase «*táctil*». São também extensas as descrições de quem, a certa altura da sua vida, conseguiu tocar efectivamente a pele do Santo; mas aqui as descrições dividem-se, garantindo uns o alcance de algo inexplicável e outros de que não sentiram nada de especial. Em páginas inteiras dedicadas ao fenómeno de São Torcato, Sanchis diz que esta atitude de comunhão: «é já por si mesma representativa de uma união conseguida entre o tempo humano e um tempo definitivamente emergente da história (...) o santo, tal como o antepassado chegado ao termo do processo ritual de sacralização, significa-a pela sua simples presença.»

Neste plano de correspondências entre o mundano do século, a história fixada nos textos ou na oralidade e o divino, entram posteriormente as graças e os milagres atribuídos ao «Santinho do Povo» — alguns dos quais descritos aqui, no artigo de Paulo Abreu —, e também as oferendas, seja por ex-votos de cera (antigamente também por quadros pintados), óbolos e outras práticas gratulatórias.

A sinfonia de pedra material foi erigida neste sistema ao longo de quase dois séculos: por todo o Entre Douro e Minho foi estimulada, pelas primeiras Mesas, uma rede de «Irmãos do Peditório», que percorriam vastas regiões, recolhendo dinheiro que permitisse terminar a sua construção. A entrega de dinheiro à Mesa revestia-se de grande solenidade e de uma troca simbólica de ex-votos ou de imagens do Irmão do Peditório que, recompensado pelo seu esforço, tinha direito a 30% da sua recolha (para despesas de deslocação em épocas difíceis de transportes e de carências várias) e à exposição da sua fotografia na sala da Irmandade. Ainda hoje podemos vê-los, por vezes com famílias, expostos na «Vitrine», no Santuário.



À medida que o século XX se aproximou do seu fim e as obras foram sendo concluídas, por vezes com ajudas vindas directamente do Estado, como nos afiançou António Sousa Fernandes, o número de Irmãos do Peditório reduziu substancialmente. Nos inícios deste milénio, «*Houve uma percepção geral de que as obras tinham terminado e que já não havia necessidade de levantar tanto dinheiro. Mas as pessoas esquecem-se de que, sim, de facto o Santuário está concluído, mas a manutenção que ele exige agora é muito custosa.*», explicava-nos um membro da Mesa actual.

De momento, continuam activos Irmãos do Peditório, na ordem das poucas dezenas, ainda que, naturalmente, sem a dispersão geográfica que permitiu construir a sinfonia de pedras dos grandes arquitectos. A maioria continua por tradição familiar e por afectividade ao «Santinho» — e há sucessão de pais para filhos, ou de avós para netos. Encontram-se eles nas freguesias de concelhos vizinhos como Fafe ou nas aldeias costeiras do Entre Douro e Minho, zonas habitualmente ligadas por fortes laços históricos ao culto de Torcato. A Irmandade tem feito um esforço para que eles continuem a angariar verbas para as inúmeras despesas com a manutenção dos seus espaços de culto.

Num encontro entre cerca de uma dezena de Irmãos do Peditório, promovido pela Irmandade logo nos inícios de Junho deste ano, conversando com alguns deles, percebemos que a continuidade da prática era, na maioria dos casos, não só uma relação de memória, mas sobretudo uma relação de grande fé no Santo: «*Enquanto puder, vou fazer o peditório. Até ao fim.*» E, após uma breve citação sobre Torcato, que não captámos: «*E para mais, não sou estudado. Mas mexe no nosso coração, são falas que mexem no nosso interior. Cuidado.*», alertava, com o olhar perdido, José Costa, Irmão do Peditório de Travassós, Fafe.

A contrário do que possa parecer, a reacção aos pedidos dos Irmãos do Peditório não são de rejeição, muito pelo contrário. Todos os interlocutores garantiram que são bem recebidos, inclusivamente pela juventude das suas aldeias de origem: «*Os novos é 50/50 [a ofertar, em percentagem]*», garantia-nos um deles. Isto indicia que continua a existir uma dispersão regional senão do culto, pelo menos do conhecimento e da permanência da memória nestas localidades: «*Uma pessoa, para pedir, às vezes está [à porta] numa casa e já a vizinha está com o dinheiro na mão.*» Esta é a grandiosidade alcançada pela sinfonia da pedra ao longo de dois séculos: deixar-se ver muito para lá da copa das árvores do Vale de São Torcato.

Escusamo-nos a descrever aqui o aspecto geral dos três grandes momentos de celebração ao longo do ano organizados pela Irmandade e já referidos. Estes foram já pormenorizadamente descritos ao longo dos tempos, sendo os mais actuais os que foram publicados por Santos Silva (1994), João Vasconcelos (1996) e, sobretudo, Paulo Barroso (2004). Em

Paulo Novais, Juiz da Irmandade de São Torcato, acolhe um grupo de Irmãos do Peditório na cabeceira da recém elevada Basilica Menor, em Junho de 2022
Raul Pereira



linhas gerais, nada de extraordinário mudou em relação à Romaria Grande, à Romaria Pequena e à Feira dos 27, excepto a participação e alguns rituais que caíram em desuso.

O caso mais premente é o da Romaria Pequena, ou «Festa da Água», cujo número de fiéis tem sido bastante diminuto nos últimos anos. Não obstante, centenas de pessoas deslocam-se, a cada 15 de Maio, à Fonte do Santo, e, carregando os seus próprios garrações plásticas, ou comprando os que a Irmandade vende no local, enchem-nos para beber «a água do Santo», que acreditam ter propriedades milagrosas.

Outro detalhe descrito pelos autores citados e que sofreu alterações é o da entrega de ex-votos, que teve uma quebra, assim como o número de promitentes que dá a volta de joelhos ao Santuário. Pelo que nos foi dado observar, a volta em joelhos ao Terreiro, descrita por Santos Silva (1994), desapareceu totalmente; ou, a existir, será caso tão raro que não merece referência. Além de muitas notas que se podiam descrever, sobressai, nos últimos anos, a chegada cada vez mais habitual de grupos organizados à Romaria Grande, sobretudo de ciclistas e de motociclistas, que, aproveitando o lazer e desporto, comparecem para a festa. É notório, contudo, que apenas percorrem o Terreiro e não entram no Santuário: «*Isto para subir cá acima [o Escadório] é preciso alguma devoção.*», dizia-nos Ataíde Andrade em comentário irónico, a propósito de grupos de ciclistas e *motards* que estavam só «*a dar a voltinha*».

Todavia, ciente do que tem em mãos e das particularidades ligadas a um culto deveras singular, a Irmandade tem apostado mais em promover a vertente da fé, deslocando a Romaria Grande das restantes romarias do Minho e centrando-se no seu carácter mais religioso. «*Quem conhece São Torcato sabe que o que cá conseguimos, numa terra tão pequena, foi*



um milagre.», afirmava o Juiz Paulo Novais, a aposta é agora «*fomentar o aspecto da fé, que aqui é único e nosso*». Já José Manuel Teixeira, Secretário da Mesa, garantia-nos o seguinte: «*Mais vale o prejuízo material do que perder parte do que é nosso, do que é a nossa memória histórica.*» Parte deste «prejuízo» significa talvez perder gente, mas não importância no valor fundamental da fé para o romeiro, excursionista ou peregrino que chega à sinfonia de pedra a pé em busca de auxílio.

A raiz do problema estará na grande oferta de romarias e festas que acontecem habitualmente no Minho nos inícios de Julho, e, acima de todas, a de São Pedro das Taipas, quando coincide o fim-de-semana, que é capaz de sorver grande parte dos que se deslocariam a São Torcato de outro modo; e que, por ter um orçamento mais elevado, costuma apostar em artistas de renome e outros factores de atractividade. Todavia, mesmo neste particular, há aspectos da Romaria Grande de São Torcato que são inultrapassáveis na região: o fogo-de-artifício, por exemplo. Sendo este, simbolicamente, uma demonstração de poder, em 2019 ele estourou em cores múltiplas no ar por mais de quarenta e cinco minutos ininterruptos: a reacção foi uma ovação total do Terreiro. E em 2022, após dois anos de jejum provocados pela pandemia de covid-19, o Terreiro rebentava pelas costuras para ver o músico Quim Barreiros, que consagrou já uma dose séria de vocabulário corrente na língua portuguesa; não sem antes ter sido apresentada uma nova canção de gosto popular encomendada pela Irmandade, escrita e composta pelo músico Carlos Ribeiro, natural de Longos, intitulada *Promessa a São Torcato*. «*Este Terreiro é mítico, olha para isto!*», fazia-nos observar um elemento da Mesa, tomado de alegria perante a visão de dever cumprido que significavam aqueles milhares de pessoas juntas no amplo espaço e que se estendiam até empoleiradas nos muros alvos do Escadório e das suas fontes. Ainda que já seja a cores, o *sítio* regressou por momentos às glórias de viragem de século que vemos hoje a preto e branco. A sinfonia de pedra torna-se sonora e explosiva.

— No regresso

No final do fogo a maioria desmobiliza; ficam os resistentes. A história, contudo, ensina-nos que nem sempre foi assim: muitos ficavam mais uns dias, desmontando a feira, preparando-se para a viagem de regresso às costas marinhas e aos montes do Entre Douro e Minho. Um observador atento e comprometido também tem necessariamente de ficar, pois São Torcato está longe de esgotar as nossas capacidades e as de todos os autores aqui presentes: não se continua a celebrar e a cultuar um Santo por mais de um milénio sem resultados que se possam passar ao papel, como bem comprova este livro.

À medida que os anos passam, a sinfonia de pedra, como tentámos explicar de forma

breve, necessitará de mais cuidados, não só na manutenção do legado espiritual milenar — que são desafios que se colocam igualmente à religião oficial e às suas hierarquias — como a preservação do seu vasto património material e das suas ramificações no património imaterial local. Se há lições a retirar da História, é que não há prognóstico que o investigador mais atento possa fazer, como facilmente entenderá quem ler os textos contidos nesta obra. Parece-nos é que, hoje, há uma ideia basilar da sinfonia de pedra que está bem implementada na comunidade da vila de São Torcato: que o progresso da terra é indissociável da sua relação com o Céu. Um exemplo disto mesmo é um acto simbólico que talvez se venha a revelar de extrema importância para o futuro do culto: a Irmandade encomendou e prepara, por estes dias, uma nova escultura de São Torcato, cujo objectivo será torná-la peregrina da região. A primeira visita da nova imagem itinerante será, naturalmente, às terras vizinhas do imenso Vale de São Torcato. Findo este périplo, a imagem rumará, naturalmente, a Braga: a sinfonia de pedra fecha, de certa forma, um dos seus ciclos, oferecendo finalmente à sede da sua arquidiocese não o Corpo almejado por séculos, mas a sua «presença cultural» (Sanchis, 1983): «*A ideia é que São Torcato, bispo de Braga, regresse, finalmente, à sua casa.*», esclarecia-nos Paulo Novais.

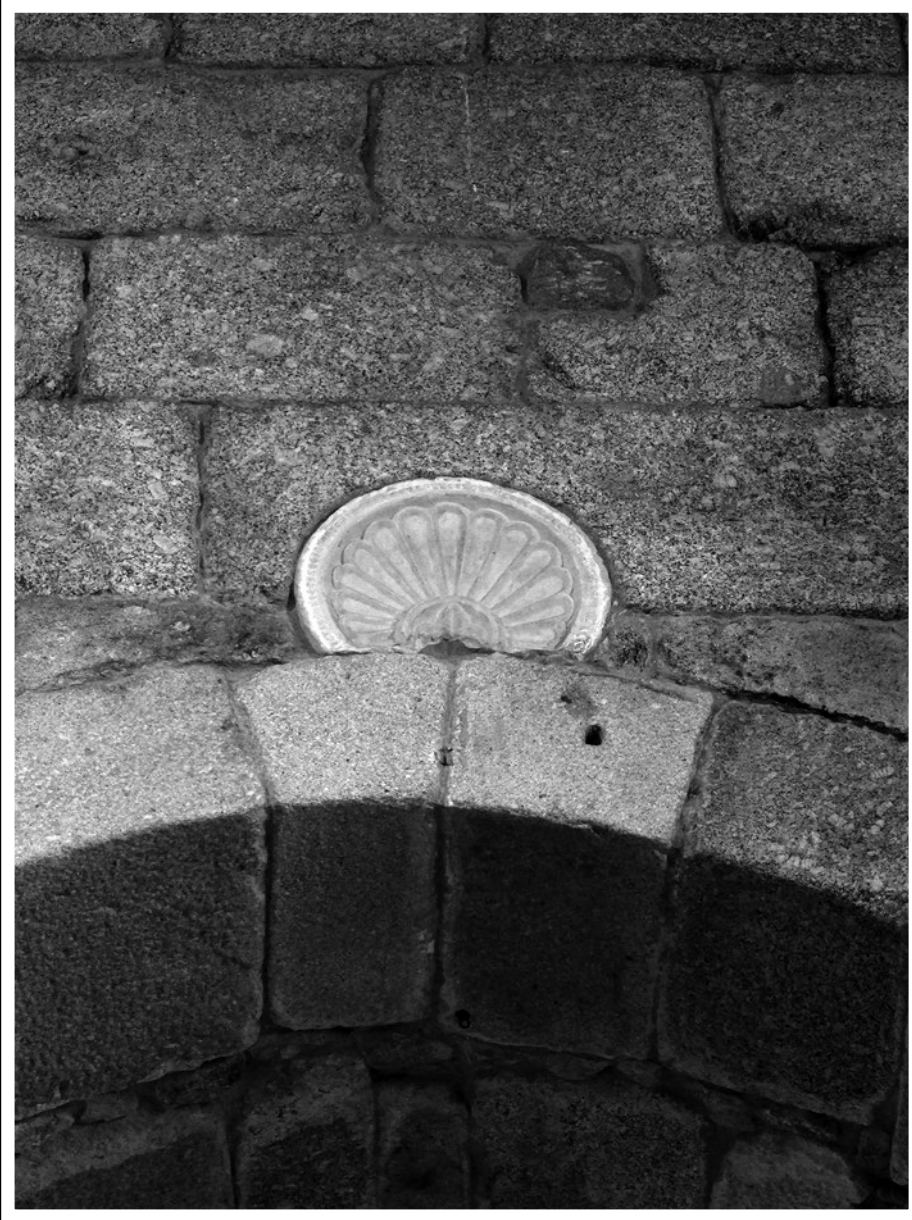
Somos lembrados, contudo, no nosso regresso conceptual a casa, e enquanto se desvanecem no profundo das nossas cócleas as últimas notas assinadas por Louis Spohr, que permanecem, em São Torcato, as pessoas (muitas almejando ao Céu pelo exemplo do seu «Santinho»), uma terra abundante de recursos paisagísticos, agrícolas e patrimoniais e, impondo-se acima de tudo, um autêntico milagre arquitectónico com a forma de uma verdadeira sinfonia de pedra, provavelmente próxima da imortalidade no seu alcance, e certamente motivo de construção continuada e trabalhosa para as futuras gerações.

Crianças da escola visitam a Fonte do Santo durante a Romaria Pequena de 2018
Raul Pereira



Bibliografia citada:

- Barroso, P. (2004). *Romarias de Guimarães: Património Simbólico, Religioso e Popular*. Núcleo de Estudos da População e Sociedade.
- Cruz, J. C. (1977). *The Incorruptibles – A Study of the Incorruption of the Bodies of Various Catholic Saints and Beati*. TAN Books.
- Estatuto da Irmandade de S. Torcato*. (2000). Irmandade de S. Torcato.
- Guimarães, A. (1940). *Guimarães: Guia de Turismo*. Câmara Municipal de Guimarães.
- Ortiga, D. J. (2020). *Nos Passos de São Torcato: Nota pastoral no âmbito da elevação a Basílica – Pertinências pastorais*. Arquidiocese de Braga.
- Pereira, R. & Seabra, M. (2017). Um Padrão Inexistente. *Veduta, 11*. A Oficina.
- Pina-Cabral, J. (1989). *Filhos de Adão, filhas de Eva: A visão do mundo camponesa do Alto Minho*. Dom Quixote.
- Sanchis, P. (1983). *Arraial: Festa de um Povo*. Dom Quixote.
- Santos Silva, A. (1994). *Tempos Cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*. Afrontamento.
- Sillos, D. da S. (1998). *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato* (reimp. 2015). Irmandade de S. Torcato.
- Vasconcelos, J. (1996). *Romarias: Um Inventário dos Santuários de Portugal, I*. Olhapim.
- Vieira, J. A. (1886). *O Minho Pittoresco, Tomo I*. Livraria António Maria Pereira.



Raul Pereira



Arqueologia e arquiteturas

1 — Introdução

Começo por agradecer aos organizadores o convite que me foi formulado para colaborar neste livro sobre São Torcato, especialmente pela oportunidade que me proporcionou de revisitar¹, 35 anos depois, um dos meus primeiros trabalhos como arqueólogo, que me levaram posteriormente a dedicar-me com especial interesse ao domínio da arqueologia da arquitetura.

Constitui, igualmente, uma oportunidade para evocar, com gratidão, o apoio e estímulo que então recebi do juiz da Irmandade de São Torcato, senhor António Fernandes, do padre Guilhermino

1) Nesta revisitação, cabe agradecer o acolhimento cordial do senhor padre Valentim Gonçalves e a colaboração da senhora diretora do Museu Alberto Sampaio, doutora Isabel Fernandes.



Areira, pároco de São Torcato e do senhor Armando Ferreira, entusiasta defensor da história e património de São Torcato.

A intervenção arqueológica realizada, em 1987, na igreja paroquial de São Torcato, também conhecida como “igreja velha”, foi motivada pela realização de obras de remodelação que, face à importância histórica e arquitetónica do monumento, suscitaram a intervenção das entidades da tutela do património (IPPC/Serviço Regional de Arqueologia)².

Os trabalhos arqueológicos incidiram no interior do templo e parte do adro envolvente, tendo sido possível realizar diversas sondagens, na sequência das quais se colocaram a descoberto, entre outros restos arqueológicos, parte dos alicerces de uma edificação altomedieval e parte da necrópole associada à ocupação medieval do mosteiro, vestígios que atualmente se conservam sob os pavimentos da capela-mor e da sacristia.

Neste pequeno trabalho apresento uma síntese dos resultados obtidos, numa abordagem orientada para a caracterização da evolução arquitetónica do conjunto edificado do antigo mosteiro de São Torcato e numa perspetiva da arqueologia da arquitetura, revendo e acrescentando as leituras já produzidas³.

Começarei por referenciar brevemente os principais contributos oriundos dos domínios da história da arte e arquitetura. Descreverei em seguida, ainda que de forma sumária, os principais dados proporcionados pelas escavações arqueológicas e pela leitura estratigráfica dos alçados, para depois ensaiar uma proposta de interpretação da evolução arquitetónica do mosteiro. Finalizarei sugerindo um programa de valorização do monumento, assente num plano de investigação arqueológica a desenvolver, que permita a fruição interpretada do complexo monumental.

2 — A igreja do mosteiro de São Torcato na história da arte portuguesa

A designada *igreja velha* de São Torcato, situada num pequeno outeiro sobranceiro ao núcleo populacional homónimo, foi a igreja do antigo mosteiro de São Torcato. A sua origem recuará aos meados do século X, ao tempo do rei Ramiro II, pois é este monarca que,

2) O essencial do processo é relatado por Manuel Luís Real, no trabalho que publicou conjuntamente com Mário Barroca sobre as caixas-relicário de São Torcato (Barroca e Real, 1992, pp.143-144 e notas 19, 28, 29 e 35).

3) Fontes, L. F. (2012) - O Norte de Portugal entre os séculos VIII e X: balanço e perspetivas de investigação. In *Atas do Simpósio Internacional “Visigodos y omeyas VI. Asturias entre visigodos y mozárabes”* - CSIC – Madrid (8-10 Setembro 2010), Anejos AEspA, LXIII, Madrid: CSIC, p.443-474; Fontes, L. F. (2015). Powers, Territories and Architecture in Northwest Portugal: An approach to the Christian landscapes of Braga between fifth and eleventh centuries, in *Churches and Social Power in Early Medieval Europe: Integrating Archaeological and Historical approaches, 400-1100 AD* (J. C. Sánchez-Pardo and M. Shapland eds.), University of Chester, Brepols Publishers, pp. 231-247, November 2015.

num documento de 1014, se nomeia como responsável pela doação de bens ao cenóbio de Guimarães fundado por Mumadona e que incluía um “(...) *mandamento de Auizella (...) diuide cum sancto Torquato. (...)*” (DC, ccxxiii)⁴. Em 1059, o inventário dos bens do mosteiro de Guimarães refere explicitamente “(...) *Monasterio Sancti Torquati per se etiam et cum suas villas (...)* quomodo in testamento de rex domno Ranimiro (...)” (DC, cccxx)⁵.

A história das origens e desenvolvimento do culto de São Torcato, bem como das origens e desenvolvimento do mosteiro, conhecem uma vasta bibliografia⁶, sendo hoje consensual o reconhecimento do primeiro, no século X, e segura a existência da casa monástica no século XI, que com o rei Afonso Henriques foi entregue aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, acabando por ser extinta em 1474⁷.

Igualmente abundante é a bibliografia de história da arte relacionada com a arquitetura antiga de São Torcato, suscitada pelos elementos arquitetónico-decorativos de calcário que aí se conservavam, dividindo-se as opiniões entre o visigotismo e o moçarabismo da sua filiação estilística, repetindo a polémica, que nas décadas de 30 e 40 do século XX, havia acompanhando o restauro da ‘capela de São Frutuoso’, nos arredores de Braga, que também conservava elementos decorativos em calcário semelhantes aos de São Torcato⁸.

Os ‘visigotistas’ atribuíam os elementos de calcário a um primitivo templo de São Torcato, que datavam do século VII, enquanto os ‘moçarabistas’ propunham uma cronologia mais avançada, do século X. Esta última proposição é, atualmente, consensual e

4) *Portvgaliae Monvmenta Historica, Diplomata et Chartae*, I, I, p.138.

5) *Portvgaliae Monvmenta Historica, Diplomata et Chartae*, I, II, p.262.

6) Cujas referências se podem recolher nos aprofundados trabalhos de: Costa, A. J. (1997). *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga*, (2.ª ed., refundida e ampliada), I, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, Braga, pp.149-150 e 515-517; Fernandes, A. G. (2011). *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Norte de Portugal em finais da Idade Média: dos alvares de Trezentos à Congregação de Santa Cruz*. [Tese doutoramento, FLUC:Coimbra], pp.156-164 e 625-630. URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20159>; Magalhães, J. L. (2021). *Entre o mito e a história. A construção da memória de São Torcato de Guimarães nos séculos XVI e XVII*. [Tese mestrado, FLUP: Porto]. URL: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/139772/2/531499.pdf>; Marques, J. (1988). *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Lisboa, pp.734-737; Matos, M. C. (2016). *A igreja de São Torcato (Guimarães), ...*, In *Obras Completas de Manuel Cadafaz de Matos*, Vol. IX, (Homem, Valores e Fé na Idade Média: da Cultura Manuscrita à Impressa), Edições Távola Redonda: Porto, pp.197-230.

7) Marques, J. (1988). *Op. cit.*, p.737.

8) Do lado dos visigotistas vejam-se, entre outros:

Almeida, F. (1962). *Arte Visigótica em Portugal, O Arqueólogo Português*, Nova Série, IV, Lisboa, pp.154-162 (nos anos 60 do século XX, este autor fez uma sondagem arqueológica ao centro da ala norte do claustro, que não proporcionou quaisquer dados relevantes, pp.160.161 e Fig. 53); Coutinho, J. M. (1978). *S. Frutuoso de Montélios: as artes pré-românicas em Portugal*, ASPA: Braga; Fontaine, J. (1973). *L'art préroman hispanique*, Éditions Weber, (Zodiaque/La nuit des temps): Paris, p.407; Hauschild, T. (1986). *Arte Visigótica*, in J. Alarcão (coord.), *História da Arte em Portugal*, 1, ALFA: Lisboa, pp.149-169.

Do lado dos moçarabistas:

Almeida, C. A. F. (1986). *Arte da Alta Idade Média*, in *História da Arte em Portugal*, 2, ALFA: Lisboa, pp. 109-110, 129-133; Barroca, M. J. (1990). *Contribuição para o Estudo dos Testemunhos Pré-Românicos de Entre-Douro-e-Minho*. 1. Ajimezes, Gelasias e Modilhões de Rolos, in *Actas IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga (Congresso Internacional)*, vol. I, Faculdade Teologia – Cabido de Braga: Braga, pp.101-145; Feio, A. (1930). *S. Torcato de Guimarães. Restos de uma igreja moçarabe*, *Correio do Minho*, 21 de janeiro: Braga; Real, M. L. (2007). *A escultura decorativa em Portugal: o grupo “portucalense”*. In *Escultura decorativa tardorromana y altomedieval en la Península Ibérica. Anejos de AEspA*, XLI, Instituto Arqueologia Mérida, Madrid, pp.135-151.



generalizadamente reconhecida, não tanto por fundamentos estilísticos, mas sobretudo devido à revisão crítica dos contextos históricos que acompanharam o surgimento do mosteiro de São Torcato e, como veremos adiante, devido à sequência estratigráfico-constructiva obtida com a intervenção arqueológica aí realizada, em 1987, a par do relevante achado de oito caixas-relicário, para as quais também foi possível estabelecer uma sequência cronológica e correlacioná-la com a ocupação da capela-mor⁹.

As componentes da edificação com formas românicas nunca foram valorizadas, não merecendo mais que alguns parágrafos a sublinhar a sua simplicidade e feição tardia, e nunca se avançaram propostas de restituição do complexo monástico.



Fig.1 – Caixas-relicário ou lipanotecas recolhidas no demolido altar da igreja de São Torcato
Luís Ferreira Alves (2000) / Arquivo Fotográfico do Museu Alberto Sampaio - DRCN.

3 — Os dados

Importa referir que a intervenção arqueológica realizada em 1987 revestiu carácter de salvamento e minimização dos impactes das obras então em curso, pois quando se iniciaram os trabalhos de escavação e registo arqueológicos já se havia procedido à picagem de rebocos das paredes, à demolição do altar da capela-mor e do seu retábulo, demolição das paredes divisórias na sacristia, remoção dos pavimentos e abertura de valas para drenagens e cablagens, que perturbaram alguns enterramentos subjacentes.

O processo de intervenção arqueológica foi desencadeado na sequência dos achados proporcionados por esta primeira fase das obras, incluindo as já referidas oito caixas-

9) Barroca, M. J., & Real, M. L. (1992). As caixas-relicário de São Torcato, Guimarães (séculos X-XIII), *Arqueologia Medieval*, 1, Edições Afrontamento: Porto, pp.135-168.

-relicário que estavam no altar demolido, bem como mais frisos e os ajimezes em calcário, que estavam ocultos pelos rebocos das paredes.



Fig.2 – Ajimezes reaproveitados nos nichos da capela-mor da igreja de São Torcato.

Conforme se mostra a seguir, na Figura 3, as escavações arqueológicas abarcaram a totalidade da área da sacristia, da capela-mor e do compartimento a norte desta, a zona nascente da nave e três sondagens no seu lado poente e ainda duas sondagens no exterior, nos cunhais da ‘capela do Santo’ com a capela-mor e com a capela de Santa Catarina.

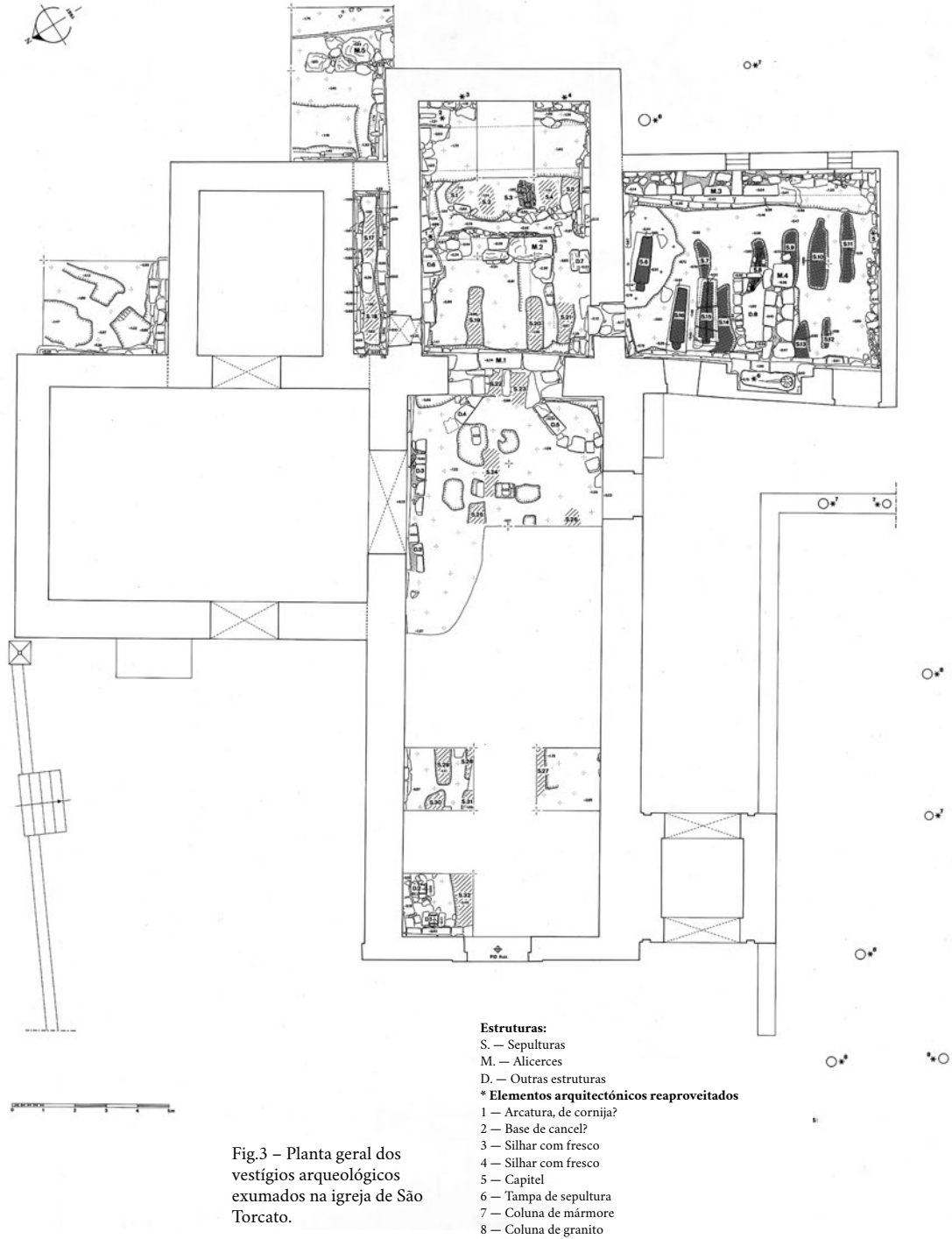


Fig.3 – Planta geral dos vestígios arqueológicos exumados na igreja de São Torcato.

Os vestígios mais interessantes encontraram-se no interior da capela-mor. Aí se conservavam um pequeno troço da parede oriental, cunhal meridional e arranque da parede sul do que se interpretou como restos de uma primitiva abside (M.2), à qual encostavam, pelo lado nascente, restos de cinco sepulturas coevas, conservando-se de uma delas a cabeceira, formada por uma laje granítica fincada verticalmente e parte do leito, composto por fragmentos de telhas tipo ímbrices e um tijolo quadrangular que marcaria o lugar da cabeça.

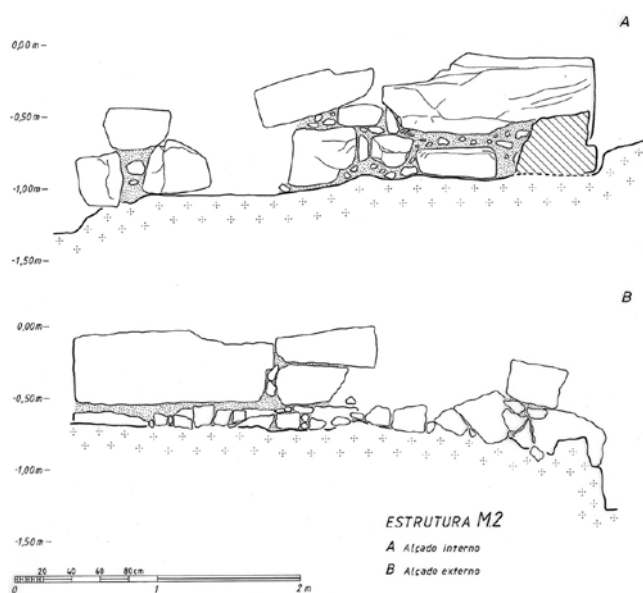
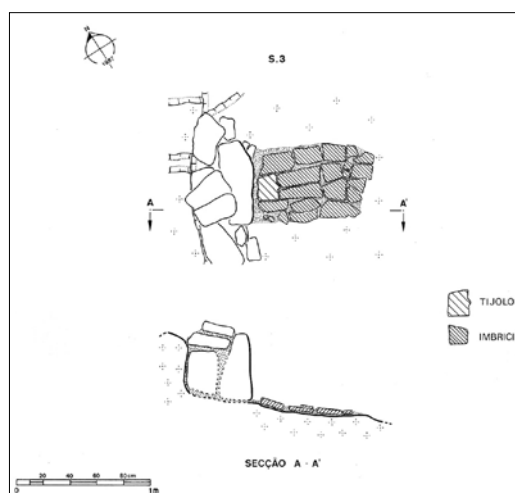


Fig.4 – Alçados da primitiva abside e restos da sepultura S.3 associada.



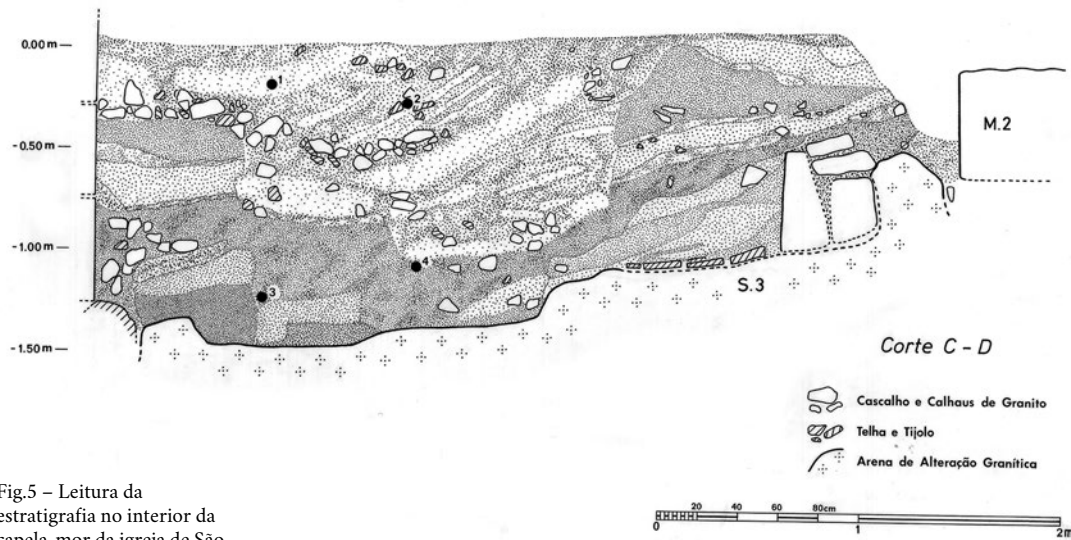
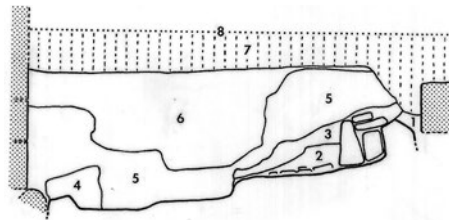


Fig.5 – Leitura da estratigrafia no interior da capela-mor da igreja de São Torcato.

Fig.5b – Estratigrafia interpretada



- 1 – Vala de fundação
- 2 – Enchimento da sepultura 3
- 3 – Revolvimento da sepultura 3
- 4 – Enchimento da fundação românica
- 5 – Desmontagem da parede românica e entulhamento da cabeceira posmedieval
- 6 – Revolvimentos da zona do altar
- 7 – Enchimentos destruídos
- 8 – Projecção da linha de pavimento



Fig.6 – Pormenor de bloco com fresco representando um personagem com mitra (São Torcato?). Encontra-se reaproveitado no alicerce, em posição invertida.

Foi ainda no interior da capela-mor que se registou a sequência estratigráfica mais completa, elucidativa das principais fases construtivas da igreja de São Torcato, desde a sua fundação, datável do século X, até às remodelações do século XX, merecendo referência os blocos de construção com restos do fresco quinhentista que ornamentou a capela-mor e que foram reaproveitados nos alicerces da atual cabeceira, resultante da ampliação oitocentista.

No conjunto dos dados proporcionados pela escavação arqueológica, refiram-se ainda a identificação de outras vinte e sete sepulturas, entre as quais se destaca o conjunto de enterramentos medievais na zona da sacristia e, entre estas, as sepulturas antropomórficas S.6, S.15 e S.16, respetivamente escavada diretamente no afloramento granítico e em sarcófagos graníticos, o último dos quais conservava tampa com nervura longitudinal a definir secção em duas águas.

A intervenção arqueológica contemplou ainda o levantamento arquitetónico integral dos alçados da parede norte da capela-mor, por serem os que, na análise então feita, serem os que melhor testemunhavam os diversos ciclos de obras que a igreja conheceu, para além de incorporarem os mais significativos elementos de calcário com decoração.

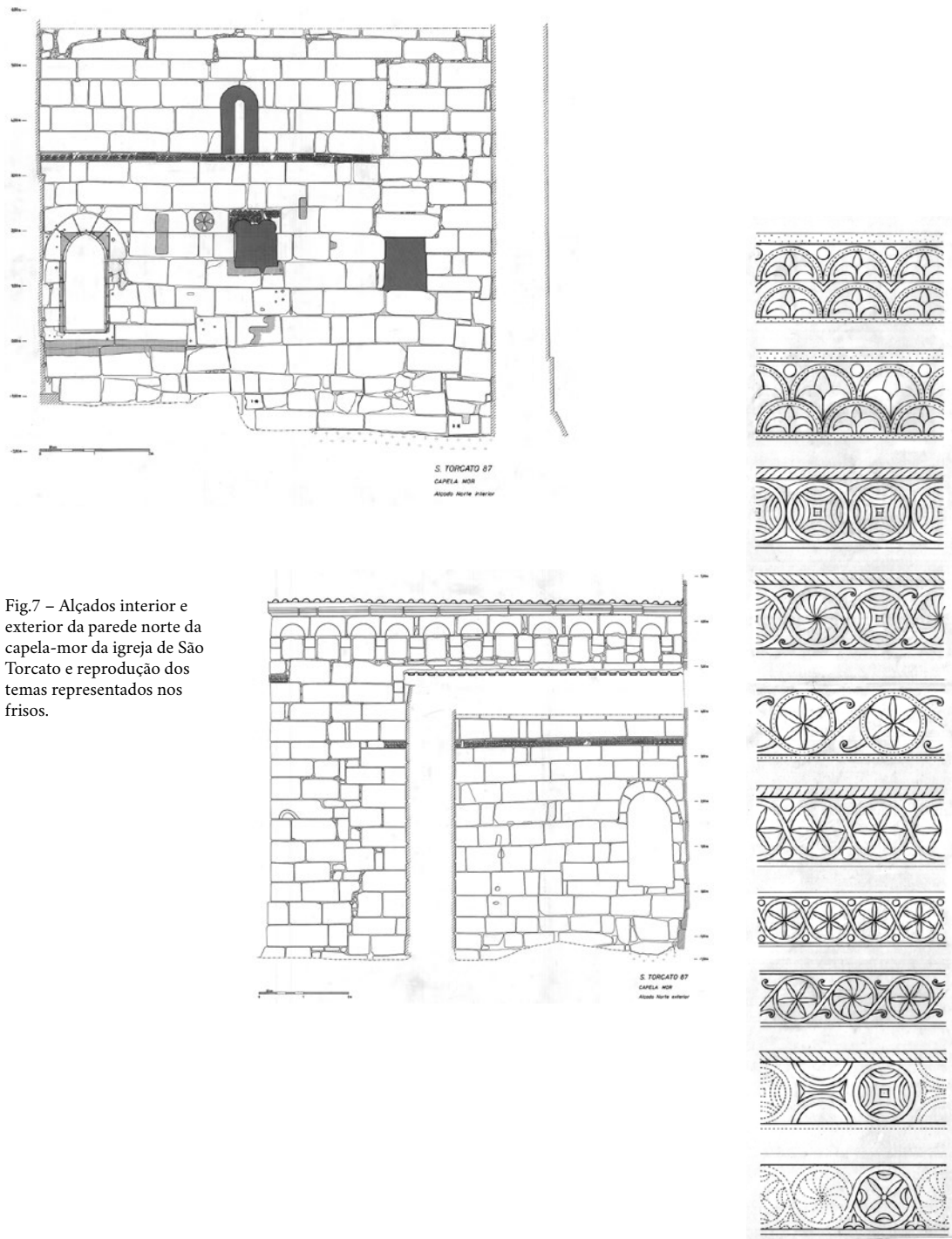


Fig.7 – Alçados interior e exterior da parede norte da capela-mor da igreja de São Torcato e reprodução dos temas representados nos frisos.

Trata-se de dois ajimezes (ver Figura 2) e cerca de três dezenas de fragmentos de friso, profusamente decorados na face. Embora a gramática decorativa seja comum nuns e noutros, com dominância dos semicírculos, palmetas, rosetas, encordoados, círculos e cruces, a técnica escultória revela-se distinta. Nos frisos, o desenho é geometricamente rigoroso, traçado a compasso e o talhe biselado é perfeito, de uma regularidade absoluta. Nos ajimezes, o desenho é geometricamente irregular e o talhe é imperfeito, embora também feito a bisel. Estaremos, portanto, perante duas oficinas. Considerando que a pedra calcária é igual, originária da região de Coimbra, admite-se que os frisos tenham sido talhados nas experientes oficinas do centro do país e que os ajimezes tenham sido esculpidos por um artífice menos experiente, eventualmente a trabalhar na construção de São Torcato. A existência de um friso onde foi tentada a feitura de um ajimez reforça esta interpretação ¹⁰.

A evidência da reutilização destes elementos decorativos em calcário na capela-mor românica, a par da aceitação da cronologia que se vem propondo para estas produções escultóricas, precisamente o século X, sustenta a proposta de terem feito parte do edifício original, a que corresponderiam os restos da parede M.2 acima descrita.

Para além destes dados de natureza arqueológica, e por exigência metodológica, considerarei ainda alguns dados de natureza documental arquivística e epigráfica, que aportam indicações cronológicas relativamente à realização de obras, designadamente:

- 1132 [*M^o. C^o. XXX^o II^o*]: data registada na caixa-relicário n^o 7, que refere a dedicação da igreja de São Torcato pelo arcebispo bracarense D. Paio Mendes¹¹;
- 1186 [*ERA M CC XX IIII*]: data gravada num bloco granítico, que se conserva no topo poente da ala sul do mosteiro (atual residência paroquial)¹²;
- 1321 [*E(ra) M CCC L IX*]: data gravada num bloco granítico, hoje desaparecido, que segundo Craesbeeck estaria “no alto, junto aos sinos, hum escudo das Armas Reaes d’el Rei D. João I^o, e afastada está huma pedra com (...) letreiro”¹³;

10) Real, M. L. (2007). *Op. cit.*, p.164.

11) Barroca, M. J. e Real, M. L. (1992). *Op. cit.*, pp.151-153 "Esta data pode corresponder a 1094 na Era de Cristo, ainda que a mesma não coincida com os dados que se conhecem do arcebispado de D. Paio Mendes."

12) Já referida por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck (1992). *Memórias ressuscitadas da província de Entre Douro e Minho no Anno de 1726*, Edições Carvalho de Basto: Ponte de Lima, II, p.305 e pelo pároco Jerónimo Coelho em 1640, conforme notas manuscritas do Abade de Tagilde (ALVES, José Maria Gomes, Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães. Manuscritos do Abade de Tagilde. Notas e comentários. *Revista de Guimarães*, 91 Jan.-Dez. 1981, p.146, nota 126). Barroca, M. J. e Real, M. L. (1992). *Op. cit.*, p.165-nota 19 e Barroca, M. J. (2000). *Epigrafia Medieval Portuguesa*, FCG/FCT: Lisboa, II,1, p.463, dão a inscrição como desaparecida, talvez porque quando dos seus estudos a parede estaria revestida com argamassa.

13) Craesbeeck, F. X. S. (1992). *Op. cit.*, II, p.306. O autor pormenoriza que seria “junto da porta da Casa da Renda, que era a Porta do Mosteiro” – admito que pudesse corresponder a uma antiga torre (sineira?) no topo norte da ala poente, de que apenas subsistem os alicerces.



- 1395: nesta data refere-se uma carta de quitação feita e outorgada “*no dicto mosteiro na casa nova*”¹⁴;
- 1637: data gravada em letreiro evocativo da abertura do sarcófago dito do Santo e seu acondicionamento em novo cenotáfio (conservam-se ambos na capela de Santa Catarina);
- 1726: a descrição do antigo mosteiro de São Torcato feita por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck¹⁵ refere o claustro alpendrado, com chafariz central;
- 1802: auto de registo do achamento de 8 caixas-relicário no altar-mor, por “*havendo de fazer hum acrescimo a Cappela mayor desta Igr^a, Tribuna, e mais concertos*”¹⁶;
- c. 1923: ampliação do vão em arco da passagem da nave para a capela de Santa Catarina¹⁷;
- 1980-1995: obras de remodelação interior da igreja

Foi com base no cruzamento de todos estes dados que estabeleci o diagrama da sequência estratigráfico-constructiva do Mosteiro de São Torcato, representado na Figura 8, o qual deve ser entendido como uma primeira proposta, a validar ou infirmar em futuros estudos, nomeadamente no domínio da arqueologia da arquitetura.

4 — Proposta de interpretação da evolução arquitetónica do mosteiro de São Torcato

O edifício que hoje subsiste permite vislumbrar, nos seus distintos espaços e nos seus variados estilos arquitetónicos, as vicissitudes históricas porque passou. Apesar da escassez relativa dos dados, é possível ensaiar uma primeira síntese da evolução constructiva do complexo monástico.

Optei por apresentar graficamente essa evolução, através da representação cartográfica das áreas construídas, ordenando cronologicamente as principais fases, desde a primitiva construção do século X até à atualidade, como se ilustra a seguir na Figura 9.

14) Tal como Aires Gomes Fernandes (2011), *op.cit.*, p.158, onde recolhemos a citação, interpretamos esta referência a “casa nova” como correspondendo a uma parte do mosteiro edificada poucos anos antes.

15) Craesbeeck, F. X. S. (1992). *Op. cit.*, II, p.304-310.

16) Auto transcrito em Barroca, M. J. e Real, M. L. (1992). *Op. cit.*, pp.142-143.

17) Barroca, M. J. e Real, M. L. (1992). *Op. cit.*, p.165-nota 20.

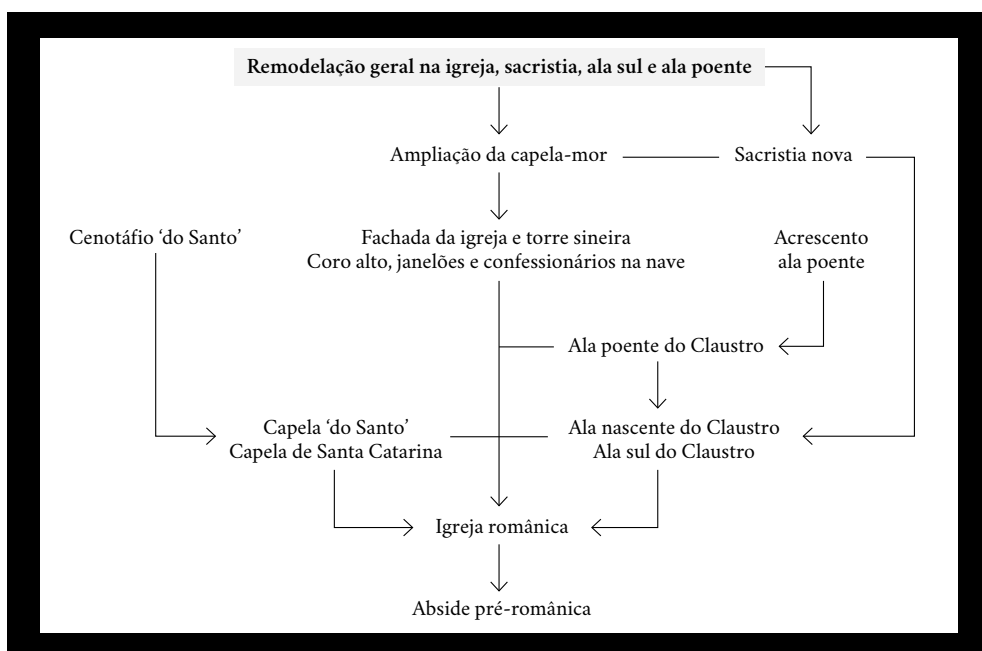


Fig.8 – Diagrama estratigráfico-constutivo do Mosteiro de São Torcato.

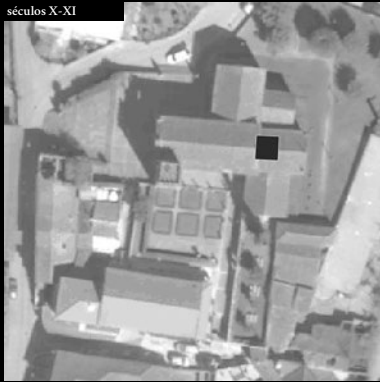
5 — Ao modo de conclusão ou para um programa de intervenção do mosteiro de São Torcato

A igreja velha de São Torcato, classificada como Monumento Nacional, é uma construção de arquitetura compósita, conservando partes edificadas e/ou elementos arquitetónicos de várias épocas e estilos, destacando-se, entre todos, os respeitantes às primeiras edificações pré-românica e românica, datáveis dos séculos X-XIII.

Na sequência de obras de restauro efetuadas, nos finais dos anos 80 do século passado, foram feitas várias descobertas de relevante interesse arqueológico, histórico e artístico, também datáveis dos séculos X a XIII, como sejam frisos e ajimezes esculpturados, em calcário, diversas caixas-relicário, em madeira, alicerces antigos do templo e do mosteiro e parte de uma necrópole medieval. Estas descobertas conferem à igreja velha de São Torcato um valor patrimonial acrescido e um elevado potencial de investigação no domínio da arqueologia e história medievais do Norte de Portugal.

Hoje igreja paroquial foi, até ao século XV, um mosteiro agostinho, cujos edifícios se desenvolviam para Sul da igreja e dos quais se conservam volumes construídos, em torno

séculos X-XI



séculos XI-XII



séculos XII-XIII



séculos XIII-XIV



séculos XVI-XVII



séculos XIX



séculos XX



séculos XXI



Fig.9 – Proposta de evolução construtiva do mosteiro de São Torcato
Base cartográfica: <https://www.google.com/maps/>; Imagens © 2022 CNES / Airbus, IGP/DGRF, Maxar Technologies, Dados do mapa © 2022

do que terá sido o espaço claustral. Este conjunto coroa o outeiro, onde se implantou o mosteiro, tendo-se desenvolvido à sua volta um núcleo urbano antigo, ordenado por arreamentos que conduzem à igreja, com edificações de arquitetura tradicional.

Ao valor patrimonial das suas materialidades, acresce a importância local e regional do culto religioso a São Torcato, manifesta no monumental santuário construído um pouco mais abaixo, já no vale, nos finais do século XIX, para onde foi trasladado o corpo incorrupto do santo e onde as manifestações religiosas adquiriram uma grandiosidade, que a igreja velha e o núcleo original do mosteiro não comportavam.

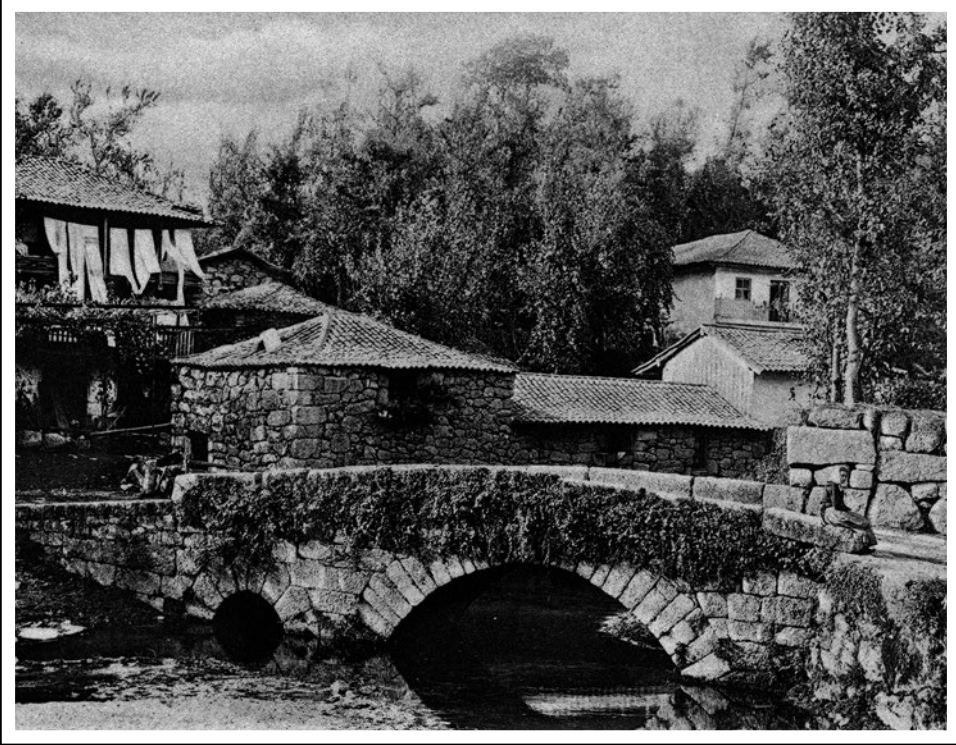
Por tudo isto, a igreja velha de São Torcato, os restos do mosteiro anexo e o núcleo urbano envolvente, constituem-se como sítio/conjunto patrimonial de grande valor histórico-cultural, arquitetónico e científico, justificando ser objeto de um projeto integrado de intervenção, na linha do que recomendam as convenções internacionais sobre proteção e valorização do património e no cumprimento do que a própria lei portuguesa consagra, designadamente quando determina a elaboração de projetos de salvaguarda para os monumentos classificados.

Tal projeto, devidamente acompanhado da definição dos níveis de atuação institucionais, designadamente dos organismos da tutela, bem como das formas de contratualização das relações a estabelecer, deveria traduzir-se na elaboração de programas de intervenção a curto, médio e longo prazo, tendo em vista a conservação, requalificação, valorização e divulgação da igreja velha e do sítio do mosteiro de São Torcato.

Neste sentido, seria importante desenvolver:

- plano de diagnoses e análises laboratoriais (estabilidade estrutural, patologias dos materiais construtivos e caracterização de materiais);
- plano de estudos de arqueologia e história;
- projetos de ideias em arquitetura e paisagismo;
- projetos de ideias para centro de interpretação;
- projetos de ideias para conteúdos de divulgação (livros, brochuras, plataformas digitais);
- estudos de mercado na área do turismo religioso e cultural e de viabilidade económica do projeto (para formatação de candidatura a fundos europeus);
- avaliação de resultados.

Braga e São Torcato, julho de 2022.



Arquivo da Irmandade de São Torcato



**Manuel Miranda
Fernandes**

CEGOT - Faculdade de
Letras da Universidade
do Porto

O verde e o vale na paisagem trans-substancial de São Torcato

1 O caminhante, vindo não se sabe bem donde, atravessa uma ponte de pedra, de modesta fábrica, afrouxando o passo para melhor ver o rio (ou ribeira), que sob a ponte corre brandamente no seu curso. Ondeiam ao sabor da corrente curiosas vegetações, finos feixes de caules como estranhas cabeleiras vegetais, donde emergem minúsculas flores, com pétalas brancas. São rainúnculos, plantas amigas das rãs, das quais tomaram nome¹, plantas em que quase ninguém repara ao cruzar o rio (ou ribeira). O caminhante, porém, não leva pressa. Demora o olhar nos rainúnculos floridos, mergulhados na transparência da água que circula, detendo-se sobre a ponte, formada por dois arcos de granito de desigual amplitude, um dos quais dissimulado por

1) Carvalho (1765); Cook, Grau, & López González (1986).



sedimentos arenosos que ali se acumularam². Há quanto tempo ligará esta vetusta ponte as duas margens do Selho, rio (ou ribeira) vindo de São Torcato, drenando aquele vale e as suas vertentes, encaminhando-se para Azurém, cruzando outras pontes, recebendo águas de outras ribeiras, seguindo o seu curso até Serzedelo, onde desagua no Ave? Há quanto tempo pedreiros incógnitos terão levantado esta e outras pontes congéneres, aparelhando aduelas e afeiçoando silhares? Quantas vezes as terão consertado, colocando pedras no lugar, após a passagem de águas revoltas, no tempo das chuvas que fazem da ribeira rio, tudo arrastando consigo? Há quanto tempo circulam sobre esta ponte pessoas e bestas de carga, veículos de tração animal e humana, agora sobretudo motorizados, outrora em trânsito incessante entre a vila de Guimarães e o Couto de São Torcato, principalmente em dias de feira ou de romaria, trânsito que poderia continuar para norte, por caminhos que levam até Gonça e à Póvoa de Lanhoso? Passa veloz um guarda-rios, voando rente à água, de plumagem colorida e faiscante, emitindo um assobio agudo, uma breve nota apenas, e o caminhante prossegue.

2. Surpreendeu-se o caminhante com a presença de um cruzeiro, encostado a uma casa, na margem direita do Selho, nesta freguesia antiga que tem por orago São Lourenço, discípulo dileto do Papa Sisto II, no pretérito século III da era cristã. Na tradição hagiográfica, após o martírio de Sisto, Lourenço é instado pelas autoridades romanas a entregar as riquezas da Igreja; apresenta, em lugar de objetos de ouro e prata, os pobres e os aleijados de Roma, como excelsos tesouros, arrebanhados em carroções, ato temerário que o conduziria ao suplício na grelha, a fogo lento³. Tão tremenda narrativa em nada perturba o caminhante, que aprecia placidamente o cruzeiro do Senhor dos Aflitos, sobre uma coluna de granito, rematada por uma esfera com um relógio de sol, que já ninguém consulta para saber a quantas anda; acima da esfera, a figura do Crucificado abriga-se sob uma cobertura de duas águas, cujo teto foi pintado de azul celeste⁴; na base do cruzeiro, plantas frescas ali colocadas testemunham uma devoção ainda viva. Porém, o Cristo, além de cravado numa cruz, está também envolto por um fio elétrico, como se houvesse sido modernamente condenado à eletrocussão. Uma vizinha, que assoma à porta, explica o caso: um dia mandou colocar um fio com luzes em volta do Cristo, para as acender durante o Natal, apagando-as depois, à espera do Natal seguinte. Bizarra celebração do nascimento, na figura de um supliciado, pensa o caminhante, enquanto percorre a rua que ladeia o Selho, procurando adivinhar se, nalguma daquelas casas, poderia ter nascido

2) Faure (2017).

3) Simões (2014).

4) Silva (2003).

o seu avô, em 1881, em dia de São José, recebendo do seu tio paterno, que o apadrinhou, o nome de Manoel.

3. Prossegue o caminhante pela margem do Selho, sabendo ser o rio (ou ribeira) conhecido por outros nomes, como é natural suceder com os rios, mas também com montes e montanhas, sendo o curso de água, neste caso, igualmente designado por Ribeira da Aveleira e Ribeiro das Quintãs, segundo os cartógrafos militares⁵. Se o primeiro destes nomes remete para uma pequena árvore grácil, espontânea em sítios frescos e sombrios, com frutos secos arredondados, sob a qual os trovadores medievais fizeram bailar três velidas e louçanas amigas⁶, o segundo nome faz jus ao pequeno caudal e à paisagem rural que o ribeiro atravessa, de antigas e amplas quintas. Não pretende o caminhante aventurar-se em busca da nascente do ribeiro – vá lá dar-se o caso, no termo dessa averiguação, de encontrar uma torneira jorrando água, como terá sucedido a certos descobridores da nascente do Danúbio⁷ – mas tão-somente apreciar as suas margens. Aí encontra inevitáveis amieiros, árvores frondosas que, no verão, cobrem o leito com sombra fresca e, no outono, o alimentam com folhas caídas, fornecendo também a madeira que, durante muitas gerações, calçou de tamancos a gente rural⁸; depara-se com abundantes salgueiros, árvores ou arbustos com pés masculinos e pés femininos, que florescem no fim do inverno, antes de a nova folhagem brotar, com caules finos e flexíveis, matéria-prima de insignes dinastias de cesteiros de verga e vime⁹; e ainda com freixos, um aqui, outro além, airosos e elevados, com folhas divididas em estreitos folíolos e com cachos de frutos alados, árvores de cujos troncos se faziam os eixos dos carros de bois¹⁰ – antigo meio de transporte, quase desaparecido, vencido por motores alimentados a combustíveis refinados, derivados do negro licor que subjuga deveras o mundo.

4. Com efeito, pensa o caminhante, o modo de deslocação mudou, migrando do antigo caminho, que se fazia a pé ou no dorso de uma besta, para a hodierna estrada motorizada, onde o peão, encostado à berma, só consegue andar arriscando a própria vida a todo o momento. Para chegar a São Torcato, caminhava-se facilmente, num espaço social carregado da memória de acontecimentos viários, pontuado por alminhas e cruzeiros, situados em locais estratégicos, um espaço linear ao longo do qual se vivia intensamente.

5) IGeoE (2012); IGeoE (2015).

6) *Bailia das avelaneiras*, de Airas Nunes (Lopes & Ferreira, 2011-).

7) Magris (2016).

8) Soeiro (2017).

9) Galhano (1961-1962).

10) Galhano (1973).



Este formigueiro humano itinerante teve até os seus profissionais, como lembra Tomás Cortizo, geógrafo que examinou a vida de outrora nos caminhos ibéricos – peregrinos, pedintes, cegos, curandeiros, bandoleiros e outras figuras extravagantes¹¹. Antes do advento da motorização, chegava-se a São Torcato também em carro de cavalos, com o sol “a arder sobre os milharais, os montes, as videiras, as carvalhas redondas”, como escreveu Alfredo Guimarães, numa carta literária publicada no jornal *Alvorada*, em 1913¹². Mas seria possível chegar alguma vez a São Torcato de comboio? A Comissão de Iniciativa e Turismo de Guimarães achou que sim, e, em 1932, propôs que o apeadeiro existente no lugar do Monte Largo, no ramal ferroviário de Guimarães a Fafe, fosse denominado “São Torcato”, ainda que distante meia dúzia de quilómetros da localidade. Azar dos diabos: já existia um apeadeiro com o mesmo nome, na linha de Vendas Novas, perto de Coruche, pelo que a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte não pode aprovar tal pretensão¹³. Assim, o apeadeiro foi designado “Aldão”, freguesia bem mais próxima, até que a ligação de Guimarães a Fafe faleceu de morte ferroviária, em 1986. Na década seguinte, o canal ferroviário foi transformado em pista de cicloturismo, donde se continua a usufruir uma ampla panorâmica sobre o vale de São Torcato, ao atravessar Mesão Frio.

5. O caminhante olha com atenção as plantas que medram na margem de um caminho que se some entre os campos, discretas espetadoras dos passantes, guarneecendo o seu percurso com flores coloridas. Entre elas, sobressai a erva-de-são-joão, planta afim do hipericão-do-gerês, mas mais esguia, com caules eretos que atingem um metro de altura e pequenas folhas salpicadas de pontuações translúcidas, visíveis em contraluz, donde deriva o nome “milfurada”, pelo qual é também conhecida¹⁴. Na extremidade dos caules desabrocham flores com pétalas amarelo-douradas, produzindo pela sua abundância um notável efeito de beleza silvestre. Erva de virtude, a que se atribuiu o poder de espantar forças malignas, gozou de especial celebridade como planta vulnerária, própria para cicatrizar todo o tipo de feridas, indispensável no bernal da soldadesca doutros tempos¹⁵; modernamente, foi comprovada a sua ação antidepressiva em ensaios clínicos¹⁶, pelo que se multiplicaram os medicamentos com extratos desta planta. O caminhante gostaria de saber se a erva-de-são-joão, tão vulgar em São Torcato ao longo dos caminhos, não terá escapado aos conhecedores locais, ou se estes terão preferido reparar em flores mais gaiteras.

11) Cortizo Álvarez (2020).

12) Guimarães (1913: 2).

13) [n.a.](1932).

14) Carvalho (1765).

15) Font Quer (2000); Lieutaghi (2002).

16) Ng, Venkatanarayanan, & Ho (2017).

Uma outra planta reclama a atenção do caminhante: a erva-saboeira, ou simplesmente saboeira, de pétalas vistosas, de tom rosado ou esbranquiçado, que cresce em locais onde o solo é mais generoso em humidade, formando pequenos tufos. Pertencendo à família do craveiro, possui, tal como ele, folhas opostas, duas a duas em cada nó do caule, com nervuras paralelas, bem visíveis¹⁷. Se apanharmos algumas flores húmidas e as esfregarmos entre as mãos, logo se forma espuma, devido ao elevado teor de saponina desta planta, outrora empregue como sabão vegetal, daí provindo o seu nome¹⁸. Usada pelos boticários como erva officinal, foram-lhe atribuídas propriedades sudoríficas e depurativas¹⁹. Numa obra publicada em 1656, Gabriel Grisley, médico alemão estabelecido em Portugal, afirma que a saboeira “é grande confortativa dos esfalfados pelo uso demasiado de Vénus”, com ela se curando “tão perfeitamente e de raiz o amargoso fruto de Vénus”²⁰. Estariam os são-torcatenses doutras eras ao corrente de tão útil virtude? Surpreender-nos-ia uma resposta que não fosse positiva.

Uma planta vulgar, mais rasteira, de toque áspero, com flores formando um pequeno tubo de cor violácea, com tonalidade variável²¹, completa o ramalhete breve de flores silvestres em que o caminhante repara. Trata-se da soagem, planta que oferece delicadamente o seu néctar às abelhas e a outros insetos visitantes, guiando-os com linhas coloridas pelo interior das corolas. A forma como a inflorescência se desenvolve, à medida que a floração progride, as manchas escuras do caule, frequentemente prostrado no solo, e o aspeto de cada um dos frutículos, que sugerem uma cabeça de serpente em miniatura, sinalizaram, noutros tempos, uma pretendida utilidade desta planta contra as mordeduras de répteis, particularmente víboras, motivo pelo qual é também conhecida por “viperina” ou “erva-viperina”²². O caminhante, porém, não teme cobras nem lagartos, animais sobremodo inofensivos e especialmente úteis, mau grado a sanha popular contra a sua presença.

6. Continuando o seu percurso, o caminhante atravessa uma bouça, sob a sombra fresca de carvalhos-alvarinhos (ou verinhos), também ditos carvalhos ordinários, os quais são por estes nomes diferenciados dos carvalhos-cerquinhos, mais raros nas redondezas²³. Árvore de presença ancestral, o carvalho-verinho tornou-se indispensável no agro local

17) Villar (1990).

18) Pereira-Caldas (1901).

19) Font Quer (2000).

20) Grisley (1656: 10r).

21) Valdés (2012).

22) Font Quer (2000).

23) Peixoto (1998).



pela sua robustez e utilidade, revestindo devesas em companhia do sobreiro, do castanheiro e do pinheiro-bravo, dispendo-se ao longo de caminhos e margens de campos, ou crescendo aqui e ali, isolado e imponente. Ao atingir uma idade provecta, quando perde o ímpeto vertical, alarga o tronco e distende a copa, copiosa produtora de landes (ou landres), outrora usadas na alimentação de suínos, passando o nome da árvore a ter uma terminação feminina, “carvalha” ou “carvalheira”²⁴. Seria debaixo de uma árvore assim que as audiências do antigo Couto de São Torcato tinham lugar²⁵, antes da construção da casa da câmara, que terá funcionado até à extinção do couto, em 1835²⁶, dela subsistindo expressivos vestígios. O caminhante acredita que outros carvalhos terão tido uma finalidade semelhante na região, constando-lhe ser caso notável o velho carvalho de Rans, em Penafiel, junto ao Solar de Barbosa²⁷.

Enquanto vivo, nas margens dos campos, o carvalho foi convertido amiúde em uveira, a par de cerdeiras, negrilhos, choupos e castanheiros, árvores torturadas por podas sucessivas para susterem videiras trepadoras – método de condução da vinha alta, dita de embarrado (ou enforcado)²⁸, atualmente em acentuado declínio. Depois de abatido, o carvalho, tal como o castanheiro, fornecia pau para toda a obra, fosse de carpintaria, como barrotes e soalhos, fossem alfaias agrícolas ou mobiliário diverso, artefactos que se conservam por vezes como peças museológicas, para elucidação das gerações atuais e futuras. Tempos outros, em que árvores próximas e concretas se faziam presentes no quotidiano doméstico, dispersas “em pranchas de soalho, / em móveis e baús / que fecham para sempre / coisas / tão esquecidas (...)”, como escreveu Carlos de Oliveira²⁹.

O caminhante continua o seu percurso pela bouça arborizada, fruindo a sombra fresca dos carvalhos e doutras árvores, comungando por instantes da sua tranquilidade vegetal, desejando que o caminho por entre o arvoredo não acabe nunca.

7. Chegou o caminhante ao Lugar de Vilar, cruzando o vale e subindo uma das suas vertentes, até se acercar da cumeada que dá passagem para a freguesia de Souto, donde se avista já o vale do Ave. Neste lugar alto, abre-se o portão de uma antiga quinta, disposta em anfiteatro abrigado, voltado ao sul, com campos armados em socalcos, cultivados até há pouco tempo atrás com cereais, que alternavam com ervagens semeadas ou espontâneas,

24) Vasconcellos (1936).

25) Crasbeeck (1992).

26) Guimarães (1898).

27) [n.a.](1844).

28) Cardozo (1963); Rubião (1844).

29) Oliveira (1968: 36).

para pasto dos bovinos. São campos-prado³⁰, delimitados por sebes de choupos, sustendo vinha de enforcado, com árvores de fruto intercaladas – castanheiros, oliveiras, macieiras, cerdeiras – e uma única nespereira, fruteira cultivada desde tempos antigos na Europa³¹, hoje quase abandonada. Não confunde o caminhante esta planta com a nespereira-do-japão, introduzida tão-somente há um par de séculos³², presença habitual em hortas e quintais, cujos frutos, de casca amarela ou alaranjada, são conhecidos regionalmente por “magnórios”. Na proximidade da antiga casa de lavoura, quase arruinada, entreveem-se fruteiras de espinho – um limoeiro e algumas laranjeiras –, ao pé de um diospireiro e uma nogueira. Figueiras – árvores de fruto quase sempre presentes nos casais rurais –, não conseguiu avistar nenhuma.

Quanto esforço foi necessário, ao longo de dilatado tempo, para armar em socalcos a vertente e estrumar pacientemente o solo ingrato, até que nele amadurecessem cereais e medrassem árvores de fruto? Que trabalho exigiriam estas árvores ao lavrador, ano após ano, até que os seus frutos se tornassem os desejados? Quantos cuidados requeridos para destruir fungos e insetos, vorazes devastadores de fruteiras? Admira-se o caminhante que alguém possa deixar assim, abandonadas à sua sorte, tão generosas árvores, descendentes de fruteiras ancestrais que poderiam ter existido no próprio jardim do Éden, sustentando o primeiro casal humano³³. Nesse tempo original e simbólico, pensa o caminhante, Adão e Eva ainda não tinham caído em desgraça, desdita necessária, contudo, para que a agricultura viesse um dia a ser inventada.

8. No topo do terreno, o caminhante encontra uma nesga arborizada com pinheiros-bravos, carvalhos-verinhos, alguns sobreiros e eucaliptos – estes revestindo também as vertentes e cumeadas em redor do vale de São Torcato, fazendo jus ao título de campeões nacionais do inventário oficial da floresta³⁴. Em breves clareiras, cresce um matagal de codessos, giestas e tojos, arbustos leguminosos outrora roçados periodicamente, incorporados na cama do gado e devolvidos aos terrenos sob a forma de estrume. Um historiador ilustre, Alberto Sampaio, interessado pelas questões agrárias, demonstrou o valor económico destas plantas, considerando-as “um recurso imenso” à disposição do lavrador, “enorme massa de substancias fertilizadoras por um preço mínimo, produzidas em terra de que aliás não poderia tirar outro proveito”³⁵. São estas as mesmas plantas que, crescendo

30) Designação proposta pelo geógrafo Orlando Ribeiro (1991).

31) Baird & Thieret (1989).

32) Rivals (1978).

33) Gn 1, 29; 2, 8-9.

34) Uva (2015).

35) Sampaio (1886: 158).



espontaneamente sob pinhais e, sobretudo, sob eucaliptais, propagam o fogo que devasta atualmente estas matas³⁶, resultado, em última análise, de um maneio que é sinónimo do mais aviltante abandono. Encravados no minifúndio florestal, muitos proprietários negam-se a arcar com os custos da roça periódica de matos, operação chamada vulgarmente “limpeza” – assim se equiparando a vegetação espontânea a resíduos de qualquer tipo, amontoados por vezes junto a áreas florestais. Alguma razão assistirá aos proprietários, se bem pensarmos: que adianta “limpar” o meu terreno, se o vizinho deixa o dele a monte? Reflete o caminhante nos motivos que coíbem os proprietários de gerir conjuntamente as suas matas, ganhando uma escala que permita superar os constrangimentos da pequenez. Pensamento perigoso, sem dúvida, num contexto em que os incêndios florestais parecem ter desenvolvido a sua própria indústria, regida largamente pela incúria, alimentando uma putativa cadeia de interesses pouco claros, inimigos do desígnio público traçado para as florestas do país³⁷.

9. Está o caminhante no Lugar de Moinhos, de novo junto ao Rio de Selho, sendo o curso de água aqui mais conhecido por Rio do Porto, nome inscrito numa fonte situada nas proximidades, recuperada em 1997 pela Junta de Freguesia de São Torcato. Esperava o caminhante encontrar aqui um moinho de rodízio³⁸, em pleno funcionamento, tal como prometido pelo folheto de divulgação de um percurso pedestre, com a possibilidade de adquirir broa de milho aos próprios moleiros³⁹. Em vez disso, encontrou um moinho desativado, vencido pela implacável passagem do tempo e pela liquidação dos antigos sistemas de moagem. Sendo o milho-grosso, ou milho, o principal cereal cultivado em São Torcato, desde há séculos, não surpreende que tivessem existido vários moinhos de rodízio na freguesia, cuja laboração se circunscreveria aos meses mais pluviosos, quando a água nas levadas trazia força para mover as mós de granito. Porém, antes da chegada daquela gramínea que, vinda de além-Atlântico, revolucionaria a agricultura do noroeste português, a partir do século XVI⁴⁰, eram aqui cultivados outros cereais, como o centeio, o milho-miúdo e o trigo, que continuaram a ser produzidos a par do milho-grosso, segundo o testemunho dos párocos que, em 1758, responderam aos quesitos do inquérito que integra as *Memórias Paroquiais*⁴¹. Atualmente, o milho avulta no vale de São Torcato, durante os meses de verão, e é de longe uma das principais produções da terra, embora

36) Lourenço (2014).

37) Matos (2022); Varela (2022).

38) Moinho de água de roda horizontal (F. S. Costa, 2008).

39) CMG (2009).

40) Ribeiro (1941).

41) M. F. Cardozo, Beleza, & Araujo (2003).

a sua primeira finalidade seja alimentar o gado bovino. Uma multinacional da agro-indústria, “líder mundial em inovação”, mantém em São Torcato um campo de ensaios de milho para silagem, onde é testada uma dúzia de variedades, entre as quais a P0725, “de elevado potencial produtivo em todas as condições”⁴². À margem desta produção tipificada, com sementes geneticamente padronizadas, alguns lavradores continuam a produzir variedades regionais de milho, cujas maçarocas são secas e armazenadas em espigueiros, construções vernaculares com motivos ornamentais, que sublinham a natureza sagrada do pão⁴³. Parte deste grão é moída num dos últimos moinhos de rodízio em funcionamento no vale do Selho, já em São Lourenço de Selho; com esta farinha cozem-se as melhores broas de milho, como comprovou há tempos o caminhante, e também o melhor bolo, com carne ou sardinhas fritas. A feitura da broa de milho, um saber-fazer quase exclusivamente feminino, continua viva em muitas casas rurais, que possuem forno de lenha, sendo a broa indispensável à mesa em épocas festivas e em encontros familiares. Soube o caminhante que um município vizinho candidatou a feitura da broa de milho ao inventário nacional do Património Cultural Imaterial, em 2012; volvida uma década, o processo ainda se encontra “em vias de registo”⁴⁴, ou, como diz o povo, estará em “águas de bacalhau”.

10. Não pode o caminhante furtar-se a visitar o Lugar da Corredoura, onde, ano após ano, o grupo folclórico local recria o cultivo do linho⁴⁵. Planta herbácea, com um único caule, que atinge um metro de altura ou pouco mais, ramificando-se apenas na inflorescência – sendo esta composta por pequenas flores azuis, de cor intensa –, o linho é usado como planta têxtil desde tempos imemoriais, computados em milhares de anos⁴⁶. Sabe-se que o vestuário de linho era usado na antiga Lusitânia, pelos povos castrejos⁴⁷, e, na região vimaranense, são insistentes os testemunhos documentais sobre o cultivo desta planta, desde tempos medievais⁴⁸. Porém, nas *Memórias Paroquiais* de 1758, já mencionadas, não é feita qualquer alusão ao cultivo de linho em São Torcato ou nas freguesias limítrofes: por que motivo se terão escusado os párocos memorialistas a mencioná-lo? Desconhecemos a causa desta estranha lacuna, que aconselha uma indagação cuidada. Já na centúria de Oitocentos, um inquérito de âmbito concelhio, realizado em 1842, com a

42) Corteva (2019: 40).

43) Dias, Oliveira, & Galhano (1994).

44) Inventário Nacional do Património Imaterial, PROC/000000015, Feitura da broa de milho. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imaterial/matriz-pci/>>.

45) Cachada (2004); Pereira & Franqueira (2013).

46) Martínez Labarga & Muñoz Garmendia (2015); Soares *et al.* (2018).

47) Cardoso (1994); Deserto & Pereira (2016).

48) Sequeira (2014).



colaboração dos párocos de (quase) todas as freguesias de Guimarães, refere o cultivo de linho nas freguesias em redor de São Torcato, nomeadamente em Aldão, em Gonça, em Rendufe e em São Lourenço de Selho⁴⁹. De São Torcato nada sabemos, pois o respetivo inquérito encontra-se em falta.

Terá sido por esta época que, nesta freguesia, nasceu Joaquina Roza, bisavó do caminhante, que veio a ser tecedeira de profissão. Não é difícil imaginá-la frente ao tear, ainda jovem, de lançadeira na mão, tecendo o necessário em panos de linho e estopa para o seu bragal, ou para o bragal de quem lho tivesse encomendado. Indústria doméstica, em que todo o processo, desde a sementeira à tecelagem, era feito pelo lavrador e sua família, ou pequena indústria, reduzida à tecelagem e operações conexas, em aprestos rudimentares, o trabalho doméstico do linho era uma atribuição quase exclusiva da mulher, ocupando parte considerável do seu tempo, embora com remuneração insignificante. Não admira, pois, que no início do século XX esta indústria artesanal se apresentasse em estado “agonizante” no concelho de Guimarães, devido “à crise tremenda por que está passando e que fatalmente terá por epílogo o seu completo desaparecimento”⁵⁰. Incapaz de competir com a indústria mecânica da fição e do têxtil, que se vinha afirmando nalguns locais do país, designadamente em Guimarães, a indústria manual do linho extinguiu-se no decurso do século XX, apesar de algumas tentativas de ressurgimento⁵¹. Contudo, como bem assinalou Catarina Pereira, investigadora em Património Cultural, o legado da indústria artesanal do linho “foi o gerador do conhecimento necessário para a expansão da indústria têxtil em Guimarães, que se mantém como uma das principais atividades económicas da região”⁵². Perpetuando simbolicamente a importância desta atividade ancestral, o escudo da freguesia de São Torcato apresenta, entre outros elementos, uma roda de fiar⁵³, aludindo ao linho aqui outrora produzido, cuja qualidade era amplamente reconhecida. Na atualidade, pensa o caminhante, que poderá significar o linhal da Corredoura? Uma encenação folclórica em pequena escala? Um evento banalizado através das redes virtuais? Um anacronismo condenado a desaparecer? Será, talvez, uma porta entreaberta para outras possibilidades, como o demonstrou um projeto artístico, *Flor na Pele*, realizado em 2013/2014, resultante do acompanhamento do ciclo do linho, “confissão de puro encantamento sobre um conhecimento que permanece num equilíbrio precário

49) M. F. Cardozo (1998); Cunha (1998); J. A. Peixoto (1998); M. M. Peixoto (1998).

50) Geraldês (1913: 22-24).

51) Lança & Baptista Graça (1993).

52) Pereira (2015: 77).

53) Cf. Publicação da ordenação heráldica do brasão, bandeira e selo da freguesia de São Torcato, Diário da República, 3.ª Série, n.º 98/99, de 28-04-1998, p. 9121.

por resolver (...)”⁵⁴. O caminhante imagina-se a mergulhar num tanque de água gélida e transparente, entre molhos de linho submersos, de cujos caules curtidos sairão as fibras, mais tarde fiadas e tecidas, que ligam o modo de vestir à própria terra que se amanha.

11. Atingiu o caminhante um sítio elevado, no coração da freguesia, junto à igreja paroquial, onde outrora se localizava o mosteiro de São Torcato, cujas primeiras notícias remontam ao século XI⁵⁵, sítio com “vista espaçosa”, que abrange “parte da serra de Sancta Catharina, que dista quasi huma legoa”, deixando ver “terras cultivadas, montes e vales”⁵⁶. Especula o caminhante sobre o local onde estaria situada uma oliveira, árvore que, segundo uma tradição antiga, terá sido transplantada em tempos medievais de São Torcato para Guimarães; por via de um prodígio lendário, muito difundido – o súbito reverdecimento da árvore –, Santa Maria de Guimarães passou a ser invocada como Santa Maria da Oliveira⁵⁷. Vários autores mencionam a presença desta árvore em São Torcato, antes da sua transplantação para Guimarães, acrescentando-lhe detalhes imaginativos: se, nas *Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães*, do Pe. Torquato Peixoto de Azevedo – concluídas em 1692, mas publicadas pela primeira vez apenas em 1845⁵⁸ –, a árvore são-torcatense é designada apenas como “a Oliveira”⁵⁹, já o Pe. António Carvalho da Costa, na sua *Corografia*, de 1706, acrescenta que “do seu oleo se allumiava a alampada deste Santo”⁶⁰ e, em 1881, o Pe. António Ferreira Caldas, retomando as informações anteriores, transforma a árvore numa “frondosa oliveira”⁶¹. O caminhante leu algures que esta oliveira teria sido trazida, originalmente, da Terra Santa – talvez do próprio Horto das Oliveiras, em Jerusalém –, mas não recorda onde se deparou com tal informação, certamente apócrifa, nem pretende enredar ainda mais o novelo das origens fantasiosas. Contudo, esta ficção parece encontrar um certo paralelo na longa história do cultivo da oliveira na Região Mediterrânica, cuja difusão foi sendo feita para ocidente a partir de um provável centro de origem oriental⁶².

Em Portugal, as oliveiras mais antigas, que sobreviveram até aos dias de hoje, têm uma longevidade surpreendente, como é o caso da “Oliveira do Mouchão”, em Abrantes,

54) Pereira & Franqueira (2013: 8).

55) Barroca & Real (1992).

56) M. F. Cardozo, Beleza, & Araujo (2003: 369).

57) Santa Maria (1712).

58) Brito (1981).

59) Azevedo (1845: 264).

60) A. C. Costa (1706: 49).

61) Caldas (1881: 16).

62) Newton, Lorre, Sauvage, Ivorra, & Terral (2014).



com mais de três milénios de idade⁶³. Árvore especialmente conotada com o clima mediterrânico, de que constitui um índice seguro⁶⁴, o cultivo da oliveira teria atingido o noroeste do país ainda em épocas pré-romanas, tendo sido recentemente escavado, na Citânia de Briteiros, um lagar utilizado provavelmente no fabrico de azeite⁶⁵. Durante a Idade Média, a oliveira não deixou de se cultivar no Entre Douro e Minho, apesar do clima menos propício desta região, talvez por isso estando fracamente representada nessa época, dispersando-se por meio de indivíduos isolados, que, num ou noutro local, podiam constituir já olivais⁶⁶. Em São Torcato, o cultivo da oliveira é bem expresso pela existência de dois lagares de azeite, em meados do século XVIII⁶⁷, mas o caminhante não põe as mãos no fogo pela qualidade do azeite aí produzido.

Árvore cujas raízes mergulham no solo da Antiguidade Clássica, com especial significação mitológica⁶⁸, a oliveira é uma planta sagrada no Judaísmo, estatuto que prosseguiria com o Cristianismo – desde logo com o batismo, sacramento que, além da água, usa azeite para ungir os neófitos –, o que terá contribuído para a expansão do seu cultivo⁶⁹. No Domingo de Ramos, que antecede a Páscoa, são benzidos e distribuídos ramos de oliveira na igreja de São Torcato, tal como na generalidade das igrejas católicas, evocando a entrada de Jesus em Jerusalém, montado num jumento⁷⁰. O caminhante sabe que os ramos de oliveira são levados para casa pelos fiéis e aí conservados como presença protetora, por vezes queimados em honra de Santa Bárbara, quando irrompe uma trovoadas⁷¹, num gesto de sincretismo religioso, em que Paganismo e Cristianismo se fundem indissociavelmente.

12. Desceu o caminhante até à Fonte do Santo, situada sob uma pequena capela conhecida por São Torcato o Velho⁷², onde consta ter sido primitivamente encontrado o corpo deste santo, próxima da margem do Rio de Selho, aliás, Rio do Porto, como acima deixamos dito. No seu percurso, o caminhante atravessou o terreiro do santuário, elevado a basílica menor em 2019⁷³, apreciando esta descomunal construção, revivalista e eclética,

63) C. Dias (2017).

64) Ribeiro (1991).

65) Cruz & Antunes (2019).

66) Gonçalves (2012: 79).

67) M. F. Cardozo *et al.* (2003).

68) Coelho (1882).

69) Salvado (1958).

70) Lc 11, 1-11; Mt 21, 1-11.

71) Vieira (2019).

72) A. C. Costa (1706: 21).

73) “Santuário de São Torcato elevado a Basílica Menor”. Disponível em < <https://www.diocese-braga.pt/noticia/1/22609>>.

iniciada em 1825 e concluída 173 anos depois⁷⁴, à custa das esmolas dos devotos do santo e de outros donativos, angariados por incansáveis comissões com alargado raio de ação. Em contraponto à grandiosidade deste templo, a capelinha, junto à qual o caminhante se acha neste momento, aparenta uma desarmante singeleza, tendo sido reedificada por volta de 1778, segundo uma provisão de licença que se encontra em arquivo⁷⁵. Uma inscrição existente na fachada lembra que a capela foi reformada em 1934 e restaurada em 1974, datas curiosas, pensa o caminhante, (quase) coincidentes com momentos marcantes da história portuguesa do século XX. Sob a capela encontra-se a afamada fonte, para a qual se desce por um lanço de degraus, possuindo três bicas, sendo a do meio a da “água do santo”. O Pe. Torquato, nas suas *Memórias ressuscitadas*, alude ao achamento do corpo de São Torcato neste local, ocorrido num tempo não especificado; no momento em que o corpo foi recolhido, “sahio da terra uma caudalosa fonte, cujas agoas tem sarado varias enfermidades, e ali vem muita gente em romaria”⁷⁶. Informa-nos ainda o Pe. Torquato que a ermida aí levantada nessa época “inclue em si a fonte milagrosa, que corre em tanta quantidade que dá principio ao rio Celho”⁷⁷. Afinal, pensa o caminhante, está descoberta a nascente do curso de água, pelo processo da atribuição prodigiosa. Na atualidade, a Romaria Pequena de São Torcato, também conhecida por “Festa da Água”, celebrada em meados de maio, continua a assinalar o aparecimento da múmia do santo, exposta à devoção e à curiosidade pública no interior da monumental basílica, para onde foi solenemente trasladada, em 1852, vinda da igreja do antigo mosteiro, onde até então se encontrava⁷⁸. Uma quadra popular, registada por Alberto Vieira Braga, evoca candidamente as virtudes da Fonte do Santo⁷⁹:

*S. Torcato, corpo santo,
A vossa fonte é sagrada;
Tem águas puras, com elas
Toda a ferida é curada.*

Repara o caminhante que, das freguesias do concelho de Guimarães, São Torcato é das poucas que são designadas apenas pelo nome do orago, sem um topónimo associado, tal como sucede com as freguesias do centro da cidade. O nome do santo converteu-se, assim, no nome do lugar, caso raro que merece a devida atenção. Porém, não tenciona o

74) L. Costa (2006).

75) Arquivo Distrital de Braga, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0209/046532.

76) Azevedo (1845: 422).

77) Azevedo, *idem*.

78) Bellino (1900: 227).

79) Braga (1955: 49).



caminhante imiscuir-se nas narrativas sobre a vida e obra do santo, onde se descobrem, aliás, “desencontradíssimas opiniões”⁸⁰. Um trabalho académico realizado no âmbito dos Estudos Medievais, recentemente apresentado, aborda a construção da memória de São Torcato, analisando quatro versões da sua vida que, em meados do século XVII, disputavam entre si a veracidade histórica⁸¹. Sobre a origem do corpo mumificado, reconhecido como sendo o do próprio santo, cuja primeira referência segura surge apenas em 1501⁸², o caminhante nada pretende especular. Como afirmou Eduardo de Almeida, “o povo teve-o e mantém-no por *S. Torcade*, homem forte, servo humilde de Deus, milagrosamente aparecido entre a selva obscura e milagrosamente carinhoso para todos os que sofrem e imploram. (...) As dissensões [sic] doutorais não abalam a fé popular”⁸³. Testemunho da devoção popular pelo “Santo do Povo”, a Romaria Grande de São Torcato, realizada no início de julho de cada ano, foi outrora uma das principais romarias do Entre Douro e Minho⁸⁴, hoje menos frequentada, reconhece o caminhante, mas nem por isso com menos chinfrim.

13. Escuta o caminhante a água que gorgoleja nas bicas da Fonte do Santo, breves fios sonoros, apaziguadores, enquanto recapitula o percurso feito até aqui. Recorda as palavras que Alfredo Guimarães, autor já antes mencionado, escreveu um dia sobre o vale de São Torcato: “farta terra de pão, aveludadamente verde, interminavelmente verde”⁸⁵. Verde sim, mas um verde matizado por uma infinidade de formas de vegetação, cultivadas e silvestres, com uma tonalidade mutável, refletindo consideráveis alterações nos modos de vida e no uso do solo, começando pela produção do próprio pão, compondo assim uma paisagem em permanente transformação. Em 1990, o sociólogo Augusto Santos Silva observou em São Torcato uma comunidade em encruzilhada, onde as práticas herdadas dos avós colidiam com o recuo da pequena agricultura familiar, a penetração da industrialização, os efeitos da emigração nos costumes, o aumento demográfico associado a uma população crescentemente desvinculada da agricultura, a escolarização e a cultura juvenil, o enfraquecimento do paroquialismo, enfim, a recomposição da cultura local⁸⁶. Nesta encruzilhada, parece encerrar o seu longo ciclo o próprio arado, movimentado por animais, juntamente com outras alfaias agrícolas que, como afirma Joaquim Pais de Brito, pertencem ao universo de objetos, práticas e representações que organizavam e ordenavam

80) Bellino (1900: 224).

81) Magalhães (2021).

82) Carta enviada pelo rei D. Manuel I ao Cabido da Colegiada de Guimarães. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, COD PT/TT/CSMOG/DR4/04 (*apud* Magalhães, 2021).

83) Almeida (1923: 266-267).

84) A. (1910); Pinto (1922).

85) A. Guimarães (1953: 191).

86) A. S. Silva (1994).

os quotidianos da sociedade rural de outrora, sinalizando material e simbolicamente os modos de vida de uma sociedade hoje evanescente⁸⁷. O caminhante reconhece que o alargamento concetual dos limites do mundo rural contribuiu para homogeneizar o modo de granjear a terra, de acompanhar o crescimento das plantas e proceder às colheitas, e que os bois de trabalho foram há muito substituídos pelo trator e por outras máquinas, capazes de operar transformações súbitas e irreversíveis na paisagem agrária. Ainda assim, “urbanizados, citadinos e modernos, transportamos connosco categorias e produzimos imaginários que pertencem ao resultado do lento trabalho de estruturação de modelos de pensar e agir saídos daquele universo”⁸⁸.

Volidas três décadas, muitas das dinâmicas de transformação observadas pelo sociólogo acima mencionado continuam a fazer-se sentir, pensa o caminhante, a elas se sobrepondo, com frequência, a urbanização difusa do território, seja por via de novas casas de habitação, sempre prestes a eclodir; de unidades industriais desmesuradas, por vezes instaladas sobre solos agrícolas; ou de uma rede viária labiríntica, que não cessa de se expandir, centrada no automóvel particular. Que fazer com as antigas unidades agrárias, vocacionadas para a policultura, refletindo, à sua escala, a longa história de domesticação de plantas endógenas, e da introdução e adaptação de plantas exógenas, num quadro socioeconómico agora profundamente alterado? Que possibilidades são oferecidas a uma reconversão agroecológica e silvícola, que possa abrir caminhos à valorização do património agrário, à recuperação de práticas vernaculares de conservação do solo e da água, e ao resgate de um saber-fazer, cujos praticantes locais vão desaparecendo? Parece haver pouca margem de manobra para a emergência de um paradigma alternativo de relações ecológicas e produtivas, que suscite um questionamento do paradigma agroindustrial que se tornou predominante, marcado pela expansão de unidades “monofuncionais”, como a vinha baixa estreme, o cultivo agroindustrial de kiwi, ou as plantações silvícolas de eucaliptos. Ainda que persistam em São Torcato algumas propriedades de cunho “tradicional”, como a Casa da Agra ou a Quinta da Currondela, registadas no atlas da paisagem cultural de Guimarães⁸⁹, o caminhante crê tratar-se de exceções numa paisagem profundamente transformada.

É, pois, uma paisagem cuja substância sofreu uma mudança permanente de estado aquela que o caminhante atravessa. Não encontra melhor termo para a descrever, senão o de “paisagem trans-substancial”, um conceito que requer adequado desenvolvimento, permitindo equacionar soluções que projetem no futuro um legado cultural ancestral.

87) J. P. Brito (1996).

88) J. P. Brito (1996: 28).

89) Hereditas – Atlas da paisagem cultural de Guimarães. Disponível em < <https://atlas.cm-guimaraes.pt/> >.



Neste ponto, o caminhante pergunta-se para onde continuará o seu percurso. Procura, entre as letras impressas no papel que lhe deu existência narrativa, uma passagem para fora da página, abrindo caminho entre um **t** maiúsculo e um **o** minúsculo, afastando duas consoantes, como um **r** e um **c**, ou uma vogal e uma consoante, como um **a** e um **t**, ou atravessando o interior de um **o** minúsculo. Quem for um dia destes a São Torcato, talvez o encontre deambulando por caminhos sem destino.

Agradecimentos

Pelo seu apoio e colaboração, agradecemos ao Sr. António Martins, presidente da Junta de Freguesia de São Torcato, ao Pe. Valentim Gonçalves, SVD, pároco de São Torcato, ao Prof. Paulo Novais, Juiz da Irmandade de São Torcato, ao Sr. Henrique Macedo, presidente do Grupo Folclórico da Corredoura, ao Dr. Rui Faria, ao Arq.^o Carlos Fonseca e ao Eng.^o José Pedro Costa. Agradecemos ainda à Dr.^a Maria José Nobre, da Biblioteca Municipal Raul Brandão, às técnicas do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, às bibliotecárias e restantes funcionários/as da Sociedade Martins Sarmento. Um agradecimento especial é devido ao Dr. Raul Pereira, pelo seu estímulo e infinita paciência.

Lista de espécies vegetais mencionadas e respetivo nome botânico

Amieiro / *Alnus glutinosa* (L.) Gaertn.

Aveleira / *Corylus avellana* L.

Carvalho-alvarinho / *Quercus robur* L.

Carvalho-cerquinho / *Quercus pyrenaica* Willd.

Carvalho-verinho / *Quercus robur* L.

Castanheiro / *Castanea sativa* Mill.

Centeio / *Secale cereale* L.

Cerdeira / *Prunus avium* L.

Choupo / *Populus nigra* L.

Codesso / *Adenocarpus complicatus* (L.) J. Gay

Craveiro / *Dianthus caryophyllus* L.

Diospireiro / *Diospyrus kaki* L.f.

Erva-de-são-joão / *Hypericum perforatum* L.

Erva-saboeira / *Saponaria officinalis* L.

Erva-viperina / *Echium* sp.

Eucalipto / *Eucalyptus globulus* Labill.

Figueira / *Ficus carica* L.

Freixo / *Fraxinus angustifolia* Vahl

Giesta / *Cytisus* spp.

Hiperião-do-gerês / *Hypericum androsaemum* L.

Kiwi / *Actinidia chinensis* Planch.

Laranjeira / *Citrus x aurantium* L.

Limoeiro / *Citrus x limon* (L.) Osbeck

Linho / *Linum usitatissimum* L.

Macieira / *Malus domestica* (Borkh.) Borkh.

Milfurada / *Hypericum perforatum* L.

Milhão / *Zea mays* L.

Milho-grosso / *Zea mays* L.

Milho-miúdo / *Panicum miliaceum* L.

Negrilho / *Ulmus minor* Mill.

Nespereira / *Mespilus germanica* L.

Nespereira-do-japão / *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl.

Nogueira / *Juglans regia* L.

Oliveira / *Olea europaea* L.

Pinheiro-bravo / *Pinus pinaster* Aiton

Rainúnculo / *Ranunculus* sp.

Saboeira / *Saponaria officinalis* L.

Salgueiro / *Salix atrocinerea* Brot.

Soagem / *Echium* sp.

Sobreiro / *Quercus suber* L.

Tojo / *Ulex* spp.

Trigo / *Triticum* spp.

Videira / *Vitis vinifera* L.

Viperina / *Echium* sp.

Referências

- [n.a.]. (1844). O solar e o carvalho de Barbosa. *O Panorama - Jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, 2.^a sér., vol. 3, 137 [10 agosto], 249-250.
- [n.a.]. (1932). Linhas portuguesas. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1064 [16 abril], 190.
- A., C. (1910). As romarias do Minho. *O Occidente - Revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, XXXIII, n.º 1137 [30 julho], 175-176.
- Almeida, E. (1923). S. Torcato. Algumas notas dispersas. *Revista de Guimarães*, 33(4), 261-327.
- Azevedo, T. P. (1845). *Memorias ressuscitadas da antiga Guimarães em 1692*. Porto: Typographia da Revista.
- Baird, J. R., & Thieret, J. W. (1989). The medlar (*Mespilus germanica*, *Rosaceae*) from antiquity to obscurity. *Economic Botany*, 43(3), 328-372. doi:10.1007/bf02858732
- Barroca, M. J., & Real, M. L. (1992). As caixas-relicário de São Torcato[,] Guimarães (Séculos X - XIII). *Arqueologia Medieval*, 1, 135-168.
- Bellino, A. (1900). Igreja de S. Torquato. In *Archeologia christã* (pp. 221-230). Lisboa: Empreza da História de Portugal.
- Braga, A. V. (1955). Curiosidades de Guimarães. XVI. O culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora. *Revista de Guimarães*, 65(1-2), 41-95.
- Brito, J. P. (1996). Apresentação. In J. P. Brito, F. O. Baptista, & B. Pereira (Eds.), *O voo do arado* (pp. 19-31). Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- Brito, M. C. (1981). “Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães” pelo Padre Torquato Peixoto de Azevedo. Achegas para um estudo comparativo de três versões desta obra. In *Actas [do] Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Volume III. Comunicações* (pp. 437-491). Guimarães: [s.n.].
- Cachada, A. S. (2004). *O linho no campo e na arca*. São Torcato [Guimarães]: Grupo Folclórico da Corredoura.
- Caldas, A. J. F. (1881). *Guimarães. Apontamentos para a sua história. Vol. II*. Porto: Typ. A. J. da Silva Teixeira.
- Cardoso, J. (1994). *A geografia da Ibéria segundo Estrabão (Introdução, versão em vernáculo, comentários e anotações gramaticais ao texto grego do Livro III dos Estudos geográficos, históricos e antropológico-culturais)*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga.
- Cardozo, M. (1963). Vindimas no Minho e escadas de vindima. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19(1), 89-93.
- Cardozo, M. F. (1998). S. Mamede de Aldão [Inquérito paroquial - 1842]. *Revista de Guimarães*, 108, 65-72.
- Cardozo, M. F., Beleza, A. M., & Araujo, F. A. (2003). S. Torcato. In J. V. Capela (Ed.), *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista* (pp. 368-370). Braga.
- Carvalho, J. M. (1765). *Diccionario portuguez das plantas, arbustos, matas, arvores, animaes quadrupedes, e reptis, aves, peixes, mariscos, insectos, gomas, metaes, pedras, terras, mineraes, &c. : que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes*. Lisboa: na officina Miguel Manescal da Costa.
- CMG (Ed.) (2009). *Guimarães - Percursos pedestres*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães - Turismo.
- Coelho, F. A. (1882). A oliveira de Guimarães. *Anuario para o estudo das tradições populares portuguezas*, 1, 17-18.
- Cook, C. D. K., Grau, J., & López González, G. (1986). *Ranunculus* L. In S. Castroviejo, M. Lainz, G. López González, P. Montserrat, F. Muñoz Garmendia, J. Paiva, & L. Villar (Eds.), *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. I. Lycopodiaceae-Papaveraceae* (pp. 279-371). Madrid: Real Jardín Botánico.

- Corteva. (2019). *Soluções 2019. Silagem. Portugal*. Lisboa: Serviço Agronómico Pioneer.
- Cortizo Álvarez, T. (2020). *Vivir en el camino. Estampas de sus gentes y sus cruces*. Oviedo: Tria-ka.
- Costa, A. C. (1706). *Corografia portugueza, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal [etc.]*. Tomo I. Lisboa: Off. Valentim da Costa Deslandes.
- Costa, F. S. (2008). O papel dos moinhos no aproveitamento hidráulico das águas públicas do rio Ave. Um contributo na perspectiva do património ligado à água. In *VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais - Cultura, inovação e território* (pp. 1-23). Coimbra.
- Costa, L. (2006). Obras com 173 anos acabam em S. Torcato. *Jornal de Notícias, edição online, 7-03-2006*.
- Crasbeeck, F. X. S. (1992). *Memórias ressuscitadas da província de Entre Douro e Minho no ano de 1726. Vol. I*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto.
- Cruz, G., & Antunes, J. (2019). Trabalhos arqueológicos na Citânia de Briteiros: campanha de 2019. *Revista de Guimarães, 129*, 187-201.
- Cunha, M. L. (1998). S. Miguel de Gonça [Inquérito paroquial - 1842]. *Revista de Guimarães, 108*, 307-317.
- Deserto, J., & Pereira, S. M. (2016). *Estrabão, Geografia. Livro III. Introdução, tradução do grego e notas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Dias, C. (2017). Oliveira mais antiga de Portugal nasceu há 3350 anos. *Público, edição online, 25-02-2017*.
- Dias, J., Oliveira, E. V., & Galhano, F. (1994). *Espigueiros portugueses. Sistemas primitivos de secagem e armazenamento de produtos agrícolas*. Lisboa: Etnográfica Press.
- Faure, F. M. (2017). Viajar no tempo de D. Afonso Henriques. Vias e pontes no território vimaranense. In M. J. Barroca (Ed.), *No tempo de D. Afonso Henriques. Reflexões sobre o primeiro século português* (pp. 303-357). Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».
- Font Quer, P. (2000). *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. Barcelona: Ediciones Península [1.ª ed.: Editorial Labor, 1961].
- Galhano, F. (1961-1962). Cestaria de Entre Douro e Minho. Contribuição para o estudo da cestaria portuguesa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 18*, 257-335.
- Galhano, F. (1973). *O carro de bois em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia.
- Geraldes, M. M. (1913). *Monografia sobre a indústria do linho no distrito de Braga*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Gonçalves, I. (2012). *Por terras de Entre-Douro-e-Minho com as Inquirições de Afonso III*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» / FLUP e Edições Afrontamento.
- Graça, L. Q. (Ed.) (1943). *O linho em Portugal. Subsídios para o fomento da sua cultura*: Direcção Geral dos Serviços Agrícolas - Serviço Editorial da Repartição de Estudos, Informação e Propaganda.
- Grisley, G. (1656). *Desenganos para a medicina. Ou, botica para todo pay de familias*. Lisboa: na officina de Henrique Valente de Oliveira.
- Guimarães, A. (1913). Cartas literárias. A caminho do S. Torquato. *Alvorada – Semanário Republicano, 137 [3 julho]*, 2.
- Guimarães, A. (1953). *Guimarães. Guia de turismo*. [Guimarães]: Câmara Municipal de Guimarães, 2.ª ed.
- Guimarães, J. O. (1898). O Couto de S. Torquato. *Revista de Guimarães, 15(4)*, 139-151.
- IGeoE. (2012). *Carta Militar de Portugal 1:25000, série M888, folha n.º 85 [Guimarães]*, ed. 4. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.
- IGeoE. (2015). *Carta Militar de Portugal 1:25000, série M888, folha n.º 71 [São Torcato : Guimarães]*, ed. 3. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

- Lança, J. E., & Baptista, J. F. (1993). *A cultura do linho*. Lisboa: Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural.
- Lieutaghi, P. (2002). *O grande livro das ervas*. Lisboa: Temas e Debates.
- Lopes, G. V., & Ferreira, M. P. (Eds.). (2011-). *Cantigas medievais galego-portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcs.unl.pt>>.
- Lourenço, S. C. (2014). *A interface rural-urbano e os incêndios florestais em duas paisagens contrastantes de Portugal [São Torcato e Cardigos]. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia - Universidade de Lisboa.
- Magalhães, J. L. (2021). *Entre o mito e a história. A construção da memória de São Torcato de Guimarães nos séculos XVI e XVII. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Medievais*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Magris, C. (2016). *Danúbio*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Martínez Labarga, J. M., & Muñoz Garmendia, J. (2015). *Linum L*. In S. Castroviejo (Ed.), *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. IX. Rhamnaceae-Polygalaceae* (pp. 173-266). Madrid: Real Jardín Botánico.
- Matos, V. (2022). Espanhóis acusados de conluio no Cartel do Fogo partilham negócio de combate a fogos em Portugal. *Expresso, edição online, 14-07-2022*.
- Newton, C., Lorre, C., Sauvage, C., Ivorra, S., & Terral, J.-F. (2014). On the origins and spread of *Olea europaea* L. (olive) domestication: evidence for shape variation of olive stones at Ugarit, Late Bronze Age, Syria—a window on the Mediterranean Basin and on the westward diffusion of olive varieties. *Vegetation History and Archaeobotany*, 23(5), 567-575. doi:10.1007/s00334-013-0412-4
- Ng, Q. X., Venkatanarayanan, N., & Ho, C. Y. X. (2017). Clinical use of *Hypericum perforatum* (St John's wort) in depression: A meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 210, 211-221. doi:<https://doi.org/10.1016/j.jad.2016.12.048>
- Oliveira, C. (1968). *Micropaisagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Peixoto, J. A. (1998). S. Romão de Rendufe [Inquérito paroquial - 1842]. *Revista de Guimarães*, 108, 487-492.
- Peixoto, M. M. (1998). S. Lourenço de Cima do Selho [Inquérito paroquial - 1842]. *Revista de Guimarães*, 108, 541-547.
- Pereira-Caldas, M. (1901). *Flora-medica da Ribeira de Visella. Dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto*. Porto: Typ. de António José da Silva Teixeira.
- Pereira, C. (2015). Linhal da Corredoura. *Guimarães - Cidade Visível*, 1 [jul.-dez.], 70-77.
- Pereira, C., & Franqueira, S. (2013). Flor na pele. *Veduta - Revista de Estudos em Património Cultural*, 7, 4-9.
- Pinto, M. S. (1922). O São Torcato. In *Para onde vais, Maria?* (pp. 7-49). Lisboa: Livraria Portugalíia.
- Ribeiro, O. (1941). Cultura do milho, economia agrária e povoamento. *Biblos - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 17(2), 645-663.
- Ribeiro, O. (1991). A vida rural. In O. Ribeiro, H. Lautensach, & S. Daveau (Eds.), *Geografia de Portugal. IV. A Vida Económica e Social* (pp. 989-1033). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Rivals, P. (1978). Sur l'introduction en France et à l'Île de France du néflier du Japon. *Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée*, 25 (3), 139-143. doi:10.3406/jatba.1978.3766
- Rubião, F. I. P. (1844). *O Vinhateiro. Obra, em que se trata da cultura da vinha; da fabricação, conservação, e distillação do vinho. Tomo primeiro*. Porto: Typographia da Revista.
- Salvado, A. (1958). *O culto de Nossa Senhora da Oliveira e a geografia olivícola*. Lisboa: Bertrand [Separata do *Boletim da Junta Nacional do Azeite*, n.º 45-46 e n.º 49-50].

- Sampaio, A. (1886). Estudos d'economia rural do Minho. A cultura do mato. *Revista de Guimarães*, 3(3), 146-159.
- Santa Maria, A. (1712). Da imagem de nossa Senhora da Oliveyra, de Guimarães. In *Santuário mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora. Tomo IV* (pp. 47-60). Lisboa: Off. Antonio Pedrozo Galram.
- Sequeira, J. (2014). *O pano da terra. Produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*. Porto: Universidade do Porto.
- Silva, A. S. (1994). *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura portuguesa*. [Porto]: Edições Afrontamento.
- Silva, H. O. (2003). *Monografia de S. Lourenço de Selho*. Guimarães: edição do Autor.
- Simões, A. (2014). Fogo, lágrimas, Graal: algumas notas sobre a tradição hagiográfica de São Lourenço. In C. G. Silva (Ed.), *O imaginário medieval. XVI encontro de história Turres Veteras* (pp. 123-144). Lisboa; Torres Vedras: Edições Colibri e Instituto Alexandre Herculano - FLUL; Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Soares, A. M., Ribeiro, M. I., Oliveira, M. J., Baptista, L., Esteves, L., & Valério, P. (2018). Têxteis arqueológicos pré-históricos do território português: identificação, análise e datação. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21(1), 71-82.
- Soeiro, T. (2017). *Soqueiros e tamanqueiros. Fabrico e uso do calçado de pau em Cabeceiras de Basto*. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal.
- Uva, J. S. (Ed.) (2015). *IFN6 - 6.º Inventário Florestal Nacional. Relatório final*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas.
- Valdés, B. (2012). *Echium* L. In S. Castroviejo (Ed.), *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XI. Gentianaceae-Boraginaceae* (pp. 413-446). Madrid: Real Jardín Botánico.
- Varela, M. C. (2022). Incêndios na floresta portuguesa: quanto pior, melhor? *Jornal online, edição de 19-07-2022*.
- Vasconcellos, J. L. (1936). Flora. In *Etnografia portuguesa. Tentame de sistematização. Vol. II* (pp. 48-119). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vieira, A. (2019). Raios e coriscos. *Revista Memória Rural*, 2, 162-173.
- Villar, L. (1990). *Saponaria* L. In S. Castroviejo, M. Laínz, G. López González, P. Montserrat, F. Munõz Garmendia, J. Paiva, & L. Villar (Eds.), *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. II. Platanaceae-Plumbaginaceae (partim)* (pp. 415-419). Madrid: Real Jardín Botánico.



Raul Pereira.

Património



Rita Salgado

Arquiteta paisagista

O património arbóreo e vegetal de São Torcato

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, reunida em Paris, em 1972, proclamou a Convenção que se refere à Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, acrescenta ao conceito de património cultural, o património natural, construindo assim uma abordagem abrangente do património, tanto cultural como natural, sendo um elemento intrínseco da sociedade.

— A ruralidade do território, um bem comum...

A nossa sociedade enfrenta desafios exigentes como o aquecimento global e a perda de habitat que potencialmente podem ter grandes impactos negativos na diversidade biológica e no funcionamento dos ecossistemas. Pode-se afirmar que muitos desses



desafios estão enraizados em problemas culturais e, portanto, exigem soluções culturais. É necessário associar as vivências e hábitos da população, da nossa história e as atitudes em relação à paisagem e à natureza nos estudos de investigação para entender as mudanças nas paisagens e nos ecossistemas e encontrar soluções para o futuro.

O património arbóreo e vegetal de um determinado território, juntamente com o património edificado e com os espaços comuns, é influenciado pela presença de elementos na paisagem que lhe conferem distinção e características singulares. Segundo o sociólogo Stuart Hall (1999), *uma identidade cultural enfatiza aspetos relacionados a nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais*¹. É um bem comum, do ponto de vista ambiental, pois é parte integrante da identificação dos cidadãos com o seu lugar.

A defesa da paisagem é um conceito que pode ser determinante para enfrentar todos os tipos de desafios espaciais e ambientais. Aliado ao património, pode oferecer soluções culturais para muitos problemas ambientais e sociais que muitas vezes têm raízes culturais no seu cerne. Paisagem e património podem ser vistos como conceitos intimamente ligados ou mesmo sinónimos. Tanto a paisagem como o património estão presentes em todos os territórios, fazem parte do nosso quotidiano, das nossas vivências e experiências. O conceito de património não diz respeito apenas aos valores (ou problemas) herdados, mas também à forma como esses valores são transmitidos às gerações futuras, estando, portanto, também intimamente ligado à sustentabilidade. O património cultural inclui todos aqueles bens que são demonstrações, saberes e testemunhos de uma determinada comunidade.

A qualidade de vida urbana é, hoje mais do que nunca, um bem essencial difícil de adquirir e preservar. Para além da necessidade de se estabelecer um equilíbrio no planeamento de um território ao nível de infra-estruturas e serviços, as áreas de descompressão, normalmente arborizadas, são fundamentais para garantir a sustentabilidade do meio urbano, indispensáveis para o reequilíbrio e artificialismo das condições de trabalho e de vida.

O ambiente rural é valorizado pela sua heterogeneidade e diversidade e muitas pessoas apreciam a oportunidade de passar o seu tempo de uma forma mais natural, inseridos em ambientes tradicionais de uma determinada região. De facto, o mundo rural como um todo é uma parte inestimável da nossa herança, e o património arbóreo, único de uma região reflete e apoia a sua própria identidade.

Falar do património vegetal é ter a consciência que o seu papel, ao longo de décadas,

1) Hall, S. (1999). *Stuart Hall*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade_cultural, excerto consultado em 15-01-2022.

foi importante na preservação de uma identidade, das suas características próprias, da diversidade de recursos e da sustentabilidade de uma comunidade. A coesão de um território também se faz com um mundo rural coeso, de uma proteção às nossas unidades de paisagem que só têm sentido porque refletem as vivências dos povos que nelas habitam, em que a história local e da sua população se fixam em conjunto.

— O território, a paisagem e o património; a ocupação e a tradição...

Uma paisagem pode ser uma imagem cultural, uma forma pitoresca de representar, estruturando ou simbolizando um cenário, e é de grande valor explorar: não apenas proteger, herdar efetivamente a memória coletiva. São as imagens visuais e os símbolos que ajudam a criar esse cenário, a paisagem cultural é um recurso chave na interpretação e articulação do património, uma mudança dinâmica e mecanismo de reconstrução das interações sociais de memórias individuais que conduzem a uma memória coletiva.

São Torcato é uma vila de cariz rural ainda muito significativo, caracterizada por um povoamento por vezes disperso, em que as habitações se encontram dispersas pelas unidades agrícolas em relação próxima com as áreas de produção agrícola.

Possui uma média densidade de construção, mas ainda preserva numerosas manchas arborizadas, nas áreas de encosta, desenvolvem-se povoamentos florestais, essencialmente constituídos por plantações mistas de pinheiro-bravo e eucalipto, beneficiados pela relação especial com a água, pelo privilégio da presença do Rio Selho, afluente importante do Rio Ave.

De acordo com a descrição ao nível concelhio, nos estudos elaborados para o Plano Diretor Municipal de Guimarães em 2015, São Torcato insere-se nas Terras de transição, com altitudes entre 150 e 300m, “*verifica-se ainda a existência de uma grande conectividade entre as manchas florestais e os campos agrícolas; apenas as grandes superfícies urbanizadas, as vias de comunicação e os principais cursos de água quebram essa continuidade. A continuidade arbórea existente e a presença de sebes elevadas como divisória de propriedades, resulta na formação de corredores que mantêm a continuidade entre as várias manchas florestais através do campo aberto.*”²

Situada num extenso vale fértil, São Torcato é descrito com detalhe já em séculos passados como um conjunto de “devezas”, quintas, casarios, povoamentos em que predominam

2) PDM Guimarães. 2015. Identidade Geográfica do concelho de Guimarães - Quadro Natural, <https://www.cm-guimaraes.pt/uploads/document/file/1403/35227.pdf>, p41, excerto consultado em 9-04-2022



as áreas agrícolas com hortas, pomares, quintais, etc. rodeados de vinhas do enforcado e campos de milho. Refere, José Ferrão Afonso (1998), acerca da paisagem de São Torcato, citando autores relevantes que, nas suas épocas de investigação incluíram descrições importantes, “*Também uma constante na paisagem agrícola são as devesas: a do Souto do Salgueiro tinha «pouco mais ou menos duzentos pes de carvalhos e castanheiros e poderia por os que quisesse e no souto deredor pera cem pees de uveyras e alguns pes de castanheiros entremetidos».*”³

Tal como já foi referido, a freguesia apresenta uma relação especial com a água, desde tempos remotos, utilizando-a para pôr em funcionamento os moinhos de água para produção de farinhas, para o regadio das terras, tornando-as férteis e para consumo. O seu território desenvolve-se em terraços, leiras e patamares onde a agricultura é a atividade dominante, refrescados e nutridos por uma das linhas de água mais importantes do concelho de Guimarães. É bordejada por alguns conjuntos de espécies florestais autóctones, adaptadas ao meio ripícola, mas também com alguma monocultura de espécies de cariz produtivo. A riqueza de uma comunidade vegetal é fruto da heterogeneidade do conjunto de espécies que formam uma diversidade saudável, onde a harmonia se conjuga e se complementa.

A paisagem agrícola de São Torcato resulta de várias transformações, ao longo de décadas, de usos e costumes, sendo a vegetação um dos fatores principais da perpetuação de alguns dos elementos primitivos reveladores da sua origem. A heterogeneidade que esta paisagem apresenta, ilustra a complexidade de seus sistemas ecológicos, definida por uma continuidade de terrenos agrícolas e algumas manchas arbóreas em áreas mais declivosas, na compartimentação de alguns terrenos, de produção florestal que surge espontaneamente na sua Veiga. As linhas de água constituem por si só elementos naturais de forte expressividade, onde a vegetação tem um papel fundamental, constituída essencialmente por vegetação característica de zonas húmidas, património natural arbóreo formado por um mosaico heterogéneo de amieiros, salgueiros, freixos e choupos como sebes de compartimentação na delimitação de campos agrícolas.

— Quintas, sítios, arvoredo com história... lugares com uma riqueza ancestral que caracterizam o património arbóreo da freguesia

Segundo José Ferrão Afonso (1998), “*A freguesia de S. Torcato foi, e é ainda, uma das freguesias do concelho de Guimarães com mais acentuadas e arreigadas tradições rurais, aqui animadas,*

3) Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998) - Plano de pormenor da área central da freguesia de S. Torcato: Volume II, Memória Histórica acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de S. Torcato. Câmara Municipal de Guimarães. p. 67.

*num passado mais longínquo pela irradiação sócio-cultural promovida pelo velhíssimo mosteiro homónimo e, mais proximamente, pela acção lúdico-religiosa do santuário vizinho*⁴.

A capacidade de transportar memórias significativas de eventos passados para o presente envolve uma capacidade de interpretação do espírito do lugar. Identificar, caracterizar, estudar estes sítios e lugares é devolver-lhes o seu lugar de destaque, honrar a história de um povo, de uma região e, reconhecê-los com a sua verdadeira importância. A paisagem cultural, portanto, é um recurso fundamental para compreender as complexas conexões entre património, memória e identidade, contextualizando assim os fenómenos do lugar.

Devido ao seu vasto património agrícola, estes sítios adquirem um estatuto de locais sagrados, que fazem parte de um conjunto ímpar, interligando-se entre si através de caminhos, percursos, manchas arborizadas, unidades de paisagem que formam um mosaico heterogéneo e dinâmico. As características vinhas de enforcado, que ladeiam os campos de cultivo e o rio, em harmonia com os moinhos, marcam a identidade agrícola deste território fortemente associada ao rio, dão uma beleza paisagística, única e diferente, própria desta região do Minho.

São Torcato distinguiu-se, desde há séculos, pelas suas casas solarengas, propriedades vastas, de gente muito nobre, que se encontram implantadas pela freguesia. Com vários pontos de interesse, esta vila do concelho vimaranense dispõe de um vasto património, quer natural quer edificado, que, pela abundância da sua terra e pela proximidade da cidade, foi acumulando riqueza que valoriza a região.

Detentor de um património arquitetónico singular, de um passado de intensa atividade agrícola, onde é possível, com um olhar mais atento, verificar que a atmosfera do lugar foi-se dissipando, dando lugar a espaços um pouco diferentes, adquirindo, ao mesmo tempo, uma consciência da transformação do território. Os usos e costumes desvanecem-se num ambiente distinto, por vezes um pouco descaracterizador, mas que escondem subtilmente indícios de um passado produtivo que outrora teve os seus tempos áureos.

Os lugares mais importantes da freguesia foram descritos nas “Memórias Paroquiais” de 1758, obra que relata detalhadamente informações das freguesias de Guimarães e, no caso de São Torcato, foram documentadas pelo seu vigário, Manuel Ferreira Cardoso, juntamente com os abades de Gominhães e Gonça:

Tem esta igreja um lugar vizinho, chamado do Assento, que inclui o número de quarenta pessoas. Tem o lugar de Vilar, lugar do Couto, lugar da Cachada, lugar das Quintãs, lugar

4) Ferrão, B. (2000) - Plano de pormenor da área central da freguesia de S. Torcato: Volume I. Câmara Municipal de Guimarães. p. 2.



*de Campos, lugar do Outeiro, lugar de Montenegro, lugar de Cima de Selho, lugar da Corredoura, lugar de Cortinhas, lugar dos Moinhos, lugar de Segade, lugar do Sobredo, lugar da Cruz.*⁵

Com património arbóreo digno de referência, apesar de privadas, destacam-se algumas propriedades, descritas por Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998)⁶, como a Casa da Agra,

situada junto de um magnífico souto no sopé do monte de Segade (existem outros na freguesia, por exemplo junto do casal da Codeceda, a sul do casal das Quintãs), não é mencionada nos livros do cabido, pelo menos com essa designação, sendo provável que fosse conhecida pelo nome de Mogege.

A Quinta da Corrundela é composta por espaço de jardim, moinho e sistema de condução de água a partir de tanque; a Casa do Assento, *que agregava os terrenos na colina em volta do mosteiro, e que provavelmente, como foi referido, originou todos os outros existentes do couto*; a Quinta dos Moinhos, *“Item huma chantadya de huveyras ao longuo do ribeiro do Selho tapado de parede ao longuo do ribeiro que tem dez ou doze pees de uveiras he dous castanheiros grandes e outros pees de carvelhos...”* é hoje uma das mais interessantes ruínas da freguesia, com uma planta alongada, entre o caminho que de Poveiras conduz à casa da Agra e os magníficos socalcos do Selho, ao longo da qual se dispõem de forma clara as suas diversas estruturas: palheiro e eira, habitação, quinteiro, a que acede, a norte, uma bela porta «fronha» com chanfro, provavelmente ainda quinhentista. Ultrapassada *esta, e no exterior do «heido», uma «poça» represa a água que é conduzida por uma conduta de pedra para o moinho junto ao ribeiro, também em ruínas.*

As casas de produção agrícola, de terrenos férteis nos quais se colhiam variadas espécies de milho, feijão centeio, tinham quase sempre soutos, carvalhais e olivais, os seus

campos ladeados de vinha de enforcado. Também uma constante na paisagem agrícola são as devesas: a do Souto do Salgueiro tinha «pouco mais ou menos duzentos pes de carvalhos e castanheiros e poderia por os que quiser e no souto deredor pera cem pees de uveyras e alguns pes de castanheiros entremetidos». Este casal era, em termos de produção agrícola,

5) “S. Torcato”, Dicionário Geográfico de Portugal (Memórias Paroquiais), Arquivo Nacional-Torre do Tombo, Vol. 36, n.º 66, p. 581 a 585. <http://araduca.blogspot.com/2018/02/memorias-paroquiais-de-1758-s-torcato.html>, excerto consultado em 15-01-2022.

6) Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998) - Plano de pormenor da área central da freguesia de S. Torcato: Volume II, Memória Histórica acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de S. Torcato. Câmara Municipal de Guimarães. p. 65, 67, 78.

*dos mais ricos da freguesia, com uma média anual de 150 almudes de vinho e 50 alqueires de castanha e lande.*⁷

— O património arbóreo no espaço público... o usufruto em comunidade

No que diz respeito a espaços de utilização e acesso público, no centro da freguesia, junto ao um dos núcleos cívico, religioso e social, encontramos o Parque do Santuário, Parque do Lago e Parque dos 14 irmãos.

*Santuário implantado em terreno de suave declive, no alto do recinto, cujas obras iniciaram-se em 1825 e duraram 173 anos a serem concluídas. Possui parque de estacionamento lateral, chamado dos “14 irmãos” com frondosas tílias e junto à igreja carvalhos, loureiros e canteiros com relvados com plantas anuais e azáleas. Uma escadaria acede a recinto inferior ladeada por duas fontes, com dois coretos, cruzeiros da via-sacra, parque de merendas com fornos. Patamar inferior com zona também de merendas e sombra dada por castanheiros da índia, medronheiros e magnólias. O último patamar é chamado do “Fogo” ou do “Lago”, com grande lago e parque infantil.*⁸

Um conjunto de espaços de excelência, com inúmeros recantos e atratividades destacando-se em diversas alturas do ano como palco de vários encontros, festejos, romarias que tanto caracteriza esta vila vimaranense. Este espaço adquiriu esta centralidade importante após algumas mudanças que ocorreram em marcos históricos da freguesia sobretudo em épocas onde o progresso e a melhoria de condições agrícolas se fizeram sentir mais profundamente coincidindo com a crescente devoção religiosa ao santo que traria cada vez mais devotos às festas e romarias em sua honra.

*“E chega o Verão e com ele toda a natureza se alegra. Pelas lindas terras do Minho sucedem-se as romarias, mas dentre todas a mais concorrida é a de S. Torcato, entre Braga e Guimarães, em lugar fertilíssimo e muito pitoresco.”*⁹

7) Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998) - Plano de pormenor da área central da freguesia de S. Torcato: Volume II, Memória Histórica acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de S. Torcato. Câmara Municipal de Guimarães. p. 67.

8) Santuário de São Torcato, <https://jardinhistoricos.pt/ad/430>, excerto consultado em 12-03-2022.

9) Revista “O Ocidente”, 33.º ano, volume XXXIII, n.º 1137, 30 de julho de 1910, pp. 175-176. <http://araduca.blogspot.com/2018/04/as-romarias-do-minho-s-torcato-1910.html>, excerto consultado em 19-02-2022.



A primeira imagem à chegada ao recinto do conjunto religioso é de um local densamente arborizado, diversificado em espécies vegetais, que permite criar uma envolvente e uma atmosfera agradável e convidativa a todos os visitantes e utilizadores daqueles espaços. Ressaltam os exemplares arbóreos, de grandes dimensões, imponentes na sua presença sendo que alguns dos exemplares são já centenários, o que demonstra uma permanente defesa pela preservação do património arbóreo.

O Terreiro de São Torcato está localizado na parte frontal da Basílica e apresenta-se como um espaço amplo e desafogado, ideal para acolher um vasto número de pessoas, peregrinos e visitantes, que acedem a este local de referência regional. São inúmeras as festividades, feiras, romarias que preenchem e albergam uma comunidade em comunhão num espaço simbolicamente muito estimado. Nas suas laterais, permanecem árvores frondosas e altivas, essencialmente plátanos, tílias e castanheiros-da-Índia, dispostas em alinhamento, que compõem um cenário e realçam um enquadramento imponente ao monumento construído.

No seguimento do Terreiro da Basílica de São Torcato, implantado num patamar inferior, surge o Parque do Lago.

Desde o final do século XIX e inícios do século XX, a par do desenvolvimento urbano, da evolução histórica da vila e das sucessivas obras de melhoramento das zonas envolventes ao Santuário, foram várias as tentativas de consolidar e criar “*um parque de repouso e lazer, que aproveitasse a abundante e frondosa arborização existente*”.¹⁰ Importa referenciar os sucessivos esforços de intervenção e participação de vários intervenientes na tentativa de implementar este espaço verde, mas destaca-se que a autoria do “Projeto de Arranjo do Parque de S. Torcato” cabe ao Engenheiro Agrónomo e Arquiteto Paisagista Ilídio de Araújo, (pioneiro no estudo da Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal), que apresenta a primeira planta do projeto em 1984. Com a intenção de dotar aquele espaço de todas as infraestruturas de apoio à fruição e lazer, tirando partido de todas as potencialidades existentes nomeadamente o aproveitamento da vegetação arbórea de particular relevância, o estudo evidencia uma contemporaneidade inovadora e interpretativa do local e da época. A execução de todas as fases teve o seu término já nos finais dos anos 90, com a conclusão dos trabalhos, momento esse que toda a população ansiava há muitos anos.

Atualmente, é um parque ajustado às dimensões da freguesia, que incentiva a aproximação da população à natureza, em meio mais urbano, promovendo, desta forma, a saúde e o bem-estar, o recreio e o envolvimento da população em atividades que incentivam

10) Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998) - Plano de pormenor da área central da freguesia de S. Torcato: Volume II, Memória Histórica acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de S. Torcato. Câmara Municipal de Guimarães. p. 57.

uma maior atividade social. Densamente arborizado, este espaço conta com uma diversidade de espécies que o torna diferenciador, com cores e texturas diversas. Encontram-se espécies autóctones, à semelhança de outros espaços na proximidade, como o plátano, o carvalho-alvarinho, a tília-de-folhas-pequenas e a tília-prateada, e outras espécies adaptadas como o carvalho-americano, o liquidâmbar, entre outros.

Destaca-se o sistema de condução das águas pluviais, em canais detalhadamente desenhados para que a água siga o seu percurso sem percalços, encontrando o caminho descendente através da gravidade.

— Referências memória... património desaparecido

*... e o sol vai connosco, a arder sobre os milharais, os montes, as videiras, as carvalhas redondas, o pó, os romeiros, (...) Tendas de limonada param nos recantos da paisagem de carvalhais e fitas, e o jogo das canecas verte de vasilha para vasilha a água doce dos refrescos.*¹¹

Uma paisagem encontra-se em constante evolução, preservando a sua identidade cultural através de elementos fixos, evidencia sinais mais difíceis de apagar, contribuindo assim para a herança local. Manifesta-se através da sinergia entre esses elementos e da intensidade com que se relacionam, mas também pelo protagonismo e pela importância que essa paisagem teve nas diferentes culturas ao longo dos tempos. Porém, há sempre componentes dessa paisagem, desse património, que se perdem, tratando-se de elementos vivos como a vegetação, algumas fragilidades e opções do tempo, acabam por não resistir num contexto de desenvolvimento urbano. A comunhão da árvore com o homem está presente em culturas de diversas formas desde as origens da história, como recurso natural, faz parte do património ambiental localizado no meio florestal, na agricultura, num jardim, num espaço urbano ou num sítio cultural.

É o que acontece com algumas manchas arbóreas, os carvalhais, os soutos, das grandes quintas e propriedades da freguesia, algumas substituídas por outras espécies mais produtivas, rentáveis, que formam uma nova paisagem, fruto das necessidades da época.

A título de exemplo, nesta freguesia, encontram-se referências pontuais que tiveram um propósito na história, como um carvalho “famoso”, o “Carvalho grande da cadeira”, assim chamado, pois tornou-se digno de destaque ao albergar tão importante tarefa.

11) Guimarães, A. A Caminho de S. Torcato - Cartas Literárias in Alvorada, 3 de Julho de 1913, excerto consultado em 24-02-2022 em <http://araduca.blogspot.com/2018/04/a-caminho-de-s-torcato-com-alfredo.html>



Contudo, não sobreviveu no local, pois foi posteriormente construída uma casa nesse terreno, depois de ter tido uma primeira tentativa de derrube impedida pelo juiz do couto, autoridade local, guardador dos assuntos e interesses do couto.

Existia ainda uma «Casa da camara» para as audiências do juiz do cível do couto, junto da casa da renda, que tinha substituído, já no tempo de Craesbeck, um mais antigo local de sessão ao ar livre, efectuada num conjunto de mesa e cadeira de pedra sob um carvalho. O local onde se encontrava era designado de «campo da cadeira», e aí vai posteriormente ser edificada uma casa: «...casa que se fez em huma leira de terra defronte da porta da casa da renda do mosteiro, que se chama o Campo da Cadeira, emprazado a António José Vieira em 21 de Junho de 1754...». Quanto ao carvalho, chamado o «carvalho grande da cadeira», situado frente ao adro e porta da Igreja, corria perigo já em 1620, quando o lavrador André Pires, do casal das Rãs, pretendeu cortá-lo, tendo o juiz do couto proibido o seu abate.¹²

— **Oliveira: a árvore milagrosa e os olivais em São Torcato**

São várias as alusões à oliveira no contexto histórico e patrimonial da freguesia e sobretudo no concelho de Guimarães. Uma árvore mediterrânica, resistente e de grande rusticidade, árvore que ficou associada a Nossa Senhora da Oliveira, carinhosamente tratada pelos vimaranenses como a “oliveira do milagre”¹³. Segundo António Amaro das Neves, referendo-se à oliveira do Largo da Oliveira, no centro da cidade, “A tradição hoje mais corrente acerca da oliveira da Praça fala num ramo trazido do olival que, em S. Torcato, dava o azeite com que se alumia o santo e que, por milagre, um dia ganhou folhas e ramos”¹⁴.

De cultivo muito antigo, associada a muitos usos, hoje em dia se o seu uso mais vulgar será a produção de azeite para consumo alimentar, outrora era o líquido que alimentava as candeias e iluminava lugares, casas e sobretudo as igrejas. Sendo a oliveira, uma árvore de longa história, atribui-se a esta árvore referências de grande simbolismo pois está

12) Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998) - Plano de pormenor da área central da freguesia de S. Torcato: Volume II, Memória Histórica acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de S. Torcato. Câmara Municipal de Guimarães. p. 17.

13) “Conta a lenda da Nossa Senhora da Oliveira, que neste Largo, no séc. XIV, existia uma oliveira trazida de São Torcato. Permaneceu na praça aproximadamente até 1870, data em que foi removida. Todavia, em 1985, aquando do último restauro da praça, uma Oliveira voltou a ocupar o lugar da árvore original. No polígono de pedra que a envolve, encontram-se assinaladas as três datas mais importantes da sua história: 1342, 1870 e 1985.” Excerto do Geo-Artigo “Largo da Oliveira”. Guimarães Turismo https://www.visitguimaraes.travel/descobrir-guimaraes/centro-urbano/centro-historico-patrimonio-mundial/conheca-o-centro-historico-de-guimaraes/geo_artigo/largo-da-oliveira?page_nearby_list=26&page_suggestions=2 consultado em 15-01-2022.

14) A lenda da Oliveira, excerto consultado em 9-04-2022 em <http://araduca.blogspot.com/2012/03/lenda-da-oliveira.html>

associada a narrativas e lendas, mencionada em inúmeras passagens descritas em obras de referência¹⁵.

O património arbóreo de São Torcato inclui no seu conjunto mais representativo a oliveira e o olival. São frequentemente mencionados nos inventários das principais casas e quintas da freguesia, nos quais são feitas descrições do que mais importante havia a destacar, estando quase presente inúmeras referências. A título de exemplo transcreve-se:

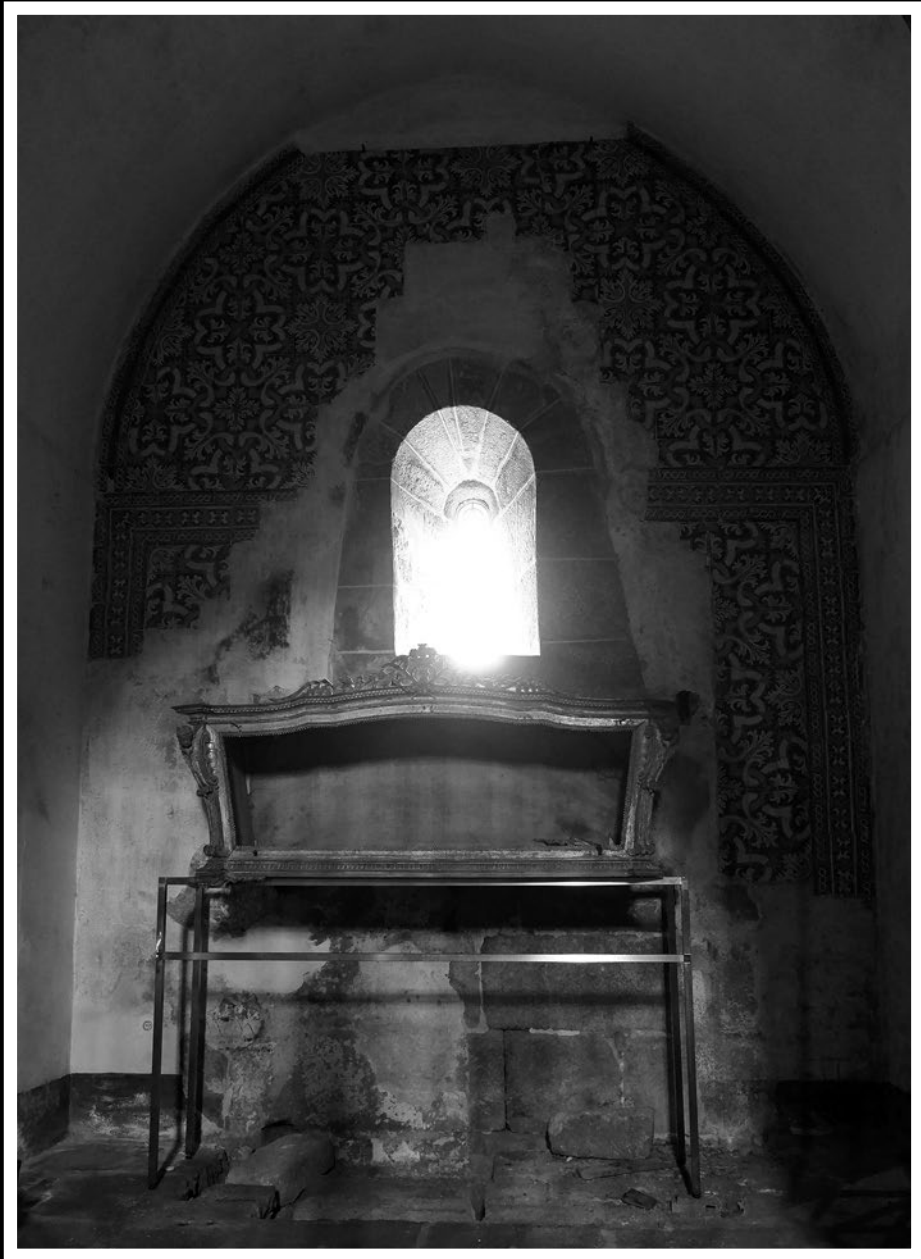
A leira confrontava a sul com uma estrada que descia para o rio, a norte com o designado «Olival do Senhor». Este último parece situar-se atrás da igreja do mosteiro: «... abaixo da igreja de Sam Torquade no sitio aonde chamão o Olivall...», ou ainda na «terra do monte do Olival atras da igreja». Por algumas das leiras a nascente da igreja passava ainda o caminho ou atalho que conduzia à Fonte do Santo.¹⁶

Contemplar a árvore como um monumento vivo e integrado dentro do património cultural, significa que é um elemento relevante que faz parte de uma paisagem específica e identifica um território, dando uma maior dimensão aos bens protegidos.

Hoje, múltiplos exemplares arbóreos, conjuntos de importantes comunidades vegetais, continuam ligados à nossa história, às nossas lendas e ao nosso quotidiano, além de constituir fator fundamental para nossa própria sobrevivência. Um património natural que reflete a memória, os testemunhos de um povo e sobretudo a sua identidade, eleva a nossa riqueza florestal, agrícola e urbana, cuja sustentabilidade e biodiversidade devem ser fomentadas.

15) Os milagres da oliveira e da ponte eram atribuídos ao varão apostólico: o primeiro teria ocorrido quando os discípulos de Santiago, depois de desembarcarem em Espanha, se dirigiram a Acci (Cádiz), cidade pagã, cujos habitantes os atacaram. Na fuga, atravessaram uma ponte de pedra, que, com o peso dos idólatras perseguidores ruiu, matando muito deles, e os restantes habitantes da cidade, atemorizados, acabaram por se converter à fé cristã. Diversos autores referem ainda o milagre da oliveira que, plantada pelo santo em Cádiz, todos os anos florescia, produzindo os seus frutos logo o azeite que alimentava as lâmpadas do altar da sua igreja, depois do seu túmulo. Este milagre é transposto por frei Bernardo de Brito para S. Torcato de Guimarães, onde se teria verificado durante muitos anos no dia da sua festa, e o padre Carvalho da Costa afirma mesmo que a oliveira em que se operou a maravilha foi transplantada para Guimarães e colocada frente à igreja da Colegiada a que deu o nome. Fazendo desapaecer a oliveira e a ponte do retábulo, o Cabido da Colegiada institucionalizou a sua versão da vida de S. Torcato, não mais o varão apostólico, mas sim o bispo moçárabe do século VIII. (Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998) - Plano de pormenor da área central da freguesia de São Torcato: Volume II, Memória Histórica acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de São Torcato. Câmara Municipal de Guimarães. p. 26).

16) Afonso, J.F. & Ferrão, B. (1998) - Plano de pormenor da área central da freguesia de São Torcato: Volume II, Memória Histórica acerca do Mosteiro, Santuário e Freguesia de São Torcato. Câmara Municipal de Guimarães. p. 69.



Raul Pereira



António José de
Oliveira

CITCEM

—
Mestre em História e
Cultura Medievais -
Universidade do Minho

—
Doutor em História
de Arte Portuguesa -
Faculdade de Letras da
Universidade do Porto

Obras de pedraria, carpintaria e talha da Igreja Paroquial de São Torcato (1686 - 1800)

1 — Introdução

Falar sobre a Igreja Paroquial de São Torcato será sempre um tema desafiador e atual para novas investigações, tanto no que concerne às suas origens, na existência de materiais pré-românicos, na sua ligação ao culto de São Torcato e nos variados aspetos que envolvem a História de Arte.

No decurso da milenar existência deste templo, situado a sete quilómetros de Guimarães, na vila de São Torcato, realizaram-se inúmeras encomendas de pedraria, carpintaria, talha, pintura e ourivesaria, de que, e para períodos mais recuados, apenas nos resta uma memória documental ou vestígios artísticos fragmentados. esses espécimes, resultantes de encomendas pontuais ou integrados em vastos programas decorativos, traduzem a evolução construtiva da Igreja Paroquial de São Torcato.



Este importante capítulo de valorização artística deste singular imóvel, constitui-se assim como um importante testemunho de uma produção regional com características determinadas por cruzamentos vários, mas também de um universo mais vasto, cujas fronteiras ultrapassam o contexto de Guimarães.

Ao longo dos tempos vários autores abordaram a história da Igreja de São Torcato, oferecendo-nos uma visão de conjunto sobre este templo¹, outrora mosteiro de Cónegos Regrantes, até 1474, ano em que esta comunidade monástica é extinta, passando os seus bens à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Neste nosso articulado, e tendo em vista quer conhecer melhor a sua evolução artística, quer o modo como este foi evoluindo desde 1686 até 1800, servimo-nos principalmente de documentação existente no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, que ora trazemos a público, e que transcrevemos na íntegra no apêndice documental.



Fig.1 – Igreja de São Torcato,
anterior a 1924
Muralla - Associação de Guimarães
para a Defesa do Património

1) Referimos, por exemplo, os seguintes: Barroca; & Real, 1992; Moraes, 1978:78-81; Cachada, Armindo, 1994.

2 — Descrições da Igreja Paroquial de São Torcato no século XVIII

Segundo as “Memórias Paroquiais de 1758”, mandadas elaborar pelo Marquês de Pombal, no seguimento do Terramoto de 1755, sabemos pelo inquérito relativo a esta freguesia², o seguinte sobre a implantação deste templo:

A igreja está situada nam em parte muito alta nam muito baixa e está em meio da freguezia; a casa da residencia está chegada à Igreja. Tem vista espaçosa pois de humas janelas se vê parte da serra de Sancta Catarina que dista quozí huma legoa e de outras se vê muito mais. E o que se vê são terras cultivadas, montes e vales³.

No que diz respeito ao ano de 1758, esta igreja tinha cinco altares, a saber:

- Altar-mor, com o Santíssimo Sacramento;
- Dois laterais: um dedicado a Nossa Senhora do Rosário e outro das Santas Chagas;
- Altar de Santa Catarina;
- Altar de São Torcato.

Segundo o mesmo testemunho, a igreja tinha duas irmandades: a das Almas e a de Nossa Senhora do Rosário. Neste relato é dito que o “mosteiro de Sam Torquato muito antiquíssimo”. Acerca do orago deste templo e do seu túmulo é citado o seguinte:

O seu orago hé Sam Torquato que existe em carne, intruso em hum tumulo de pedra jessado com duas pirâmides huma de cada parte e no meio huma cruz e na fronte deste está o dístico seguinte: Hoc tumulo illezis conduntur carnibus ossa Torquati Diui pignora clara Deo. E mais abaixo estão também em destinta pedra escriptas estas formaes palavras: Anno 1637 se goarneceu esta sepultura e aberta se achou o corpo em carne inteiro vestido em pontifical com báculo⁴.

Outro relato do século XVIII, mais especificamente do monógrafo Francisco Craesbeek, de 1726, debruça-se em dois capítulos sobre o Couto⁵ e a freguesia de São Torcato. Craesbeek dá-nos importantes informes sobre o espaço e a organização interna do templo. Sobre

2) Capela, 2003: 368-370.

3) Capela, 2003: 368.

4) Capela, 2003: 368.

5) Acerca da história do Couto de São Torcato, veja-se Faria, 2008: 215-217.



o antigo mosteiro, extinto em 1474 e anexado à Colegiada de Guimarães, este monógrafo refere que existiam em 1726, da instituição monástica, ainda os seguintes vestígios:

*grande cazaria, que tem para a parte do Poente; e ainda, para o Sul, existe um claustro coadrado, com huma taça no meio, de pedra que hera do chafariz, que alli antigamente avia; e à roda, todo de columnas de pedra, e entre elle e a parede, huma alpendrada coberta, e tambem coadrada, de 110 palmos em coadra, e toda lajeada, com varias pias à roda, que eram túmulos, en que jazerão relligiozos, e algumas campas com comendas, sem letreiros (...)*⁶.

A descrição prossegue com a breve narração dos imóveis confrontantes, a poente:

*(...) e as casarias, que ficão para a parte do Poente, servem de recebimento da renda e vivenda do vigário da dita igreja; mas, nas que se achão cuidadas, se vê antiguidade e nobreza, com que forão feitas, coroadas algumas em parte, com suas ameas (...)*⁷.

Acerca da Igreja, Craesbeek, refere a existência do sacrário. Além do altar-mor, existiam dois altares colaterais: o do Evangelho, dedicado a Santo Cristo, e o da Epístola, a Nossa Senhora do Rosário⁸. Neste último altar colateral, existia uma cruz de madeira “*nella huma taboa com medida do pé de Nosso Senhor, e por sima hum letreiro*”⁹. Defronte do altar-mor existia uma campa de Pedro Feio, com o seu escudo de armas¹⁰, e à porta da igreja, outra sepultura de Catarina Alvares, esta sem escudo de armas, mas com inscrição¹¹. Craesbeek refere-se ainda a uma lápide, que se encontrava “*à mão esquerda da porta traveça, que está a par do altar collectral de Nossa Senhora do Rosario, indo da igreja para o claustro*”¹². Trata-se da lápide, que atualmente se encontra no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento e reencontramo-la fotografada e descrita, por Mário Cardoso no Catálogo do Museu de Martins Sarmento¹³. Trata-se de uma lápide, datada de 16 de

6) Craesbeeck, 1992: 305.

7) Craesbeeck 1992: 305.

8) Craesbeeck, 1992: 307.

9) Craesbeeck, 1992: 307-308. Segundo este autor, podia-se ler nesse letreiro: “O. PAPA.22. CONCEDEO.A TOD/ AS. PECOAS. QUE BEJAREM. A MEDIDA. DO PE./ SANCICIMO. DE N(OSSO). S(EMHOR), 3 VEZES. E REZAREM.3 AVE./ MARIAS. INDU(L)G(ENCI)A.PLENARIA.REMIÇAM. DE .TO/DOS.: OS. CEUS PECADOS.AMEM (Craesbeeck, 1992: 308).

10) Craesbeeck desenha esta pedra de armas que é publicada na sua obra (Craesbeeck, 1992: 308, gravura 56). Esta sepultura tinha seguinte inscrição: “S(EPULTUR)A.DE P(EDR)O. /FEO.

11) A inscrição transcrita por Craesbeeck é: “S(EPULTUR)A. DE. C(ATARIN)A. AL(VA)R(E)Z. DO/NA. V(IUV)A. / MAI. DE. HUM./ MONGE. DA. ORDEM. DE.SAM. BE/NTO. HA MAN/ MADOU. FAZER./ERA.1603 (308). (Craesbeeck, 1992: 308).

12) Craesbeeck, 1992: 309. Craesbeeck transcreve o teor desta lápide.

13) Cardoso, 1995: 116-117.

maio de 1305, em granito, referente, ao falecimento de D. Paio João, prior de São Torcato¹⁴.

Craesbeek prossegue com a descrição, afirmando que dentro da igreja, pela parte do Evangelho, existia a capela de Santa Catarina, “*com porta para fora*”¹⁵.



Fig.2 – Igreja de São Torcato e exterior da Capela da Santa Catarina, com seu portal de entrada, anterior a 1924 Muralha - Associação de Guimarães para a Defesa do Património

Segundo o mesmo, do lado da Epístola, da Capela de Santa Catarina, encontrava-se a capela onde estava túmulo com o corpo de São Torcato. Vejamos o testemunho de Craesbeek sobre esta capela:

Esta capella he de Santa Maria de Riba d’Ave e tem a parte do evangelho, no altar, a imagem de São Torcato (...); da parte da epistola, São Roque; e no alto, hum painel de São Pedro, em taboa, de singular pintura. Na parede, da parte epistola, estava a pedra, de que faz menção D. Rodrigo da Cunha, a qual foi achada na cappella-mor da igreja e para o dito lugar se mudou em tempo do vigário Hieronimo Coelho; porem depois tirou a dita pedra João da Costa, azulejador, natural de Villa do Conde, grande sebastianista; cubrio o lugar da pedra com azulejo, em tempo que azulejou tambem a igreja de Nossa Senhora da Oliveira(...) ¹⁶.

14) Mário Cardoso realiza a transcrição da inscrição (Cardoso, 1995: 117). A lápide possui as seguintes dimensões: 0,155x0,255. Esta lápide integrou a coleção do Museu da Sociedade Martins Sarmento, através de oferta. O arqueólogo Francisco Martins Sarmento menciona nos seus apontamentos esta lápide (Sarmento, 1999:140).

15) Craesbeeck, 1992: 309.

16) Craesbeeck, 1992: 309.



Além de acomodar o túmulo de São Torcato, servia de capela tumular, como refere o próprio Francisco Craesbeek:

*Dentro desta capella, está huma campa do dito vigário Hieronimo Coelho, (en que jas sua mãe), que foi sepultado en Nossa Senhora da Oliveira; e fora do arco da dita capella, está outra campa com letreiro, que he dos erdeiros de Paulo Borges, como de ambas faremos aqui menção e depois o faremos da forma do tumulo do sancto, que está da parte do evangelho*¹⁷.

Neste seu registo, Craesbeek transcreve as inscrições existentes nas sepulturas de Jerónimo Coelho e de Paulo Borges¹⁸. No final, da sua descrição sobre a capela, Craesbeek, publica uma gravura¹⁹ do túmulo do Santo, apresentando as dimensões do mesmo: 20 palmos de alto, 12 palmos de cumprimento e 5 de largo. Acrescenta que é “*todo de pedra, muito bem lavrada*”²⁰. Além de reproduzir no seu desenho as duas inscrições inscritas no túmulo de São Torcato, faz questão em as reproduzir no texto²¹.

Num documento integrante do antigo Tombo das Igrejas da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, datado de 17 de junho de 1723, sendo vigário Silvestre Pires da Silva, transcrito no século XIX, por João Lopes de Faria, encontramos uma interessante descrição da igreja de São Torcato²². Detemo-nos, nesta descrição anterior, três anos, à publicação de Craesbeek. Neste registo, é dito que a Igreja de São Torcato era vigaria do Cabido da Colegiada de Guimarães, sendo este templo sagrado com sete cruces estampadas nas suas paredes. No interior, a igreja possuía o sacrário do Santíssimo Sacramento, cujos ornamentos pertenciam aos moradores e à respetiva confraria. Sobre as estruturas retabulares da capela-mor e dos laterais é dito:

(...) o qual sacrário se acha encostado a um retábulo fabricado ao modo romano inda em

17) Craesbeeck, 1992: 309.

18) Vejamos: “1ª S(EPULTU)RA.DO. L(ICENCIA)DO. HI(ERONIMO)/ COELHO./VIGARIO. DES/TE. MOST(EI) RO./ E. DE SUA. MAI.

2ª S(EPULTUR)A. DE . PAU/LO. BORG/ES. (H) ERDEIROS. /1676.” (Craesbeeck, 1992: 309).

19) Craesbeeck, 1992: 310, gravura 57.

20) Craesbeeck, 1992: 310.

21) Segundo este autor são as seguintes: “HOC TUMULO I (C) LAESIS. CO(N) DU (N) T (U) R. CARNABIS. OSSA.

TORCAQUATI. D (IVI). PIGNORA. CHARA.DEO.

AN (0). 1637. SE. GUARNE/SEU ESTA. S (EPULTUR)A. E. ABERTA. SE/ACGOU. O CORPO.E.CARNE./INT(EI)RO. VESTIDO. (D) E. PONTIFIC /AL. COM BACULO” (Craesbeeck, 1992: 310).

22) A.S.M.S.= Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, texto manuscrito de João Lopes de Faria, Velharias da Colegiada de João Lopes de Faria, anos 1896-1897, vol. 6, fls. 143-143v. Dada a importância do mesmo documento reproduzimo-lo em apêndice documental. Veja-se apêndice documental, doc. nº1. Agradecemos ao Dr. Rui Faria, que nos chamou a atenção para a existência deste documento. Infelizmente, até ao momento, não encontramos o documento original no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

*bom uso, e abaixo da dita capela para a parte do evangelho junto ao arco outro retábulo com uma perfeitíssima imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo Redentor Chagas crucificado, e da outra parte, da epistola corresponde a este outro retábulo com a imagem da Virgem Maria Senhora Nossa com a invocação das candeias*²³.

A narração continua mencionando, que por cima das portas principais se encontrava o coro alto, e por baixo, a pia batismal. Dado que a igreja se encontrava rodeada de mais dependências não se podia medir pelo exterior, pelo que se mediu pelo interior, apresentado as seguintes dimensões: 22 varas de cumprimento e 6 de largo. A descrição prossegue, dizendo que “*logo pegado*” ao dito retábulo de Nosso Senhor Jesus Cristo das Chagas, existia uma entrada para a Capela de Santa Catarina, da qual se comunicava pelo vão de um arco para outra capela “*onde se acha o corpo do Bem aventurado São Torcato*”. Observemos a exposição feita do interior da Capela de São Torcato:

*corpo do Bem aventurado São Torcato metido em um tumulo de pedra muito bem levantado da terra e circundado de grades de ferro, e é a dita capela do corpo do dito santo menos espaçosa do que a da dita bem aventurada Santa Catarina, e por também se não poderem medir pelo exterior, tem pelo interior de cumprimento nove varas e de largo seis, e a do dito santo que se acha azulejada e pintada com um retábulo com uma imagem do mesmo Santo de vulto, tem de cumprimento 5 varas e de largo três e meia, e tem para estas capelas místicas outra entrada pelo adro exterior da dita Igreja que fica para o poente e atrás das costas da capela do túmulo do dito santo tem uma casinha onde se recolhe o tesouro da confraria do Santíssimo Sacramento*²⁴.

Através do exposto temos explicitadas as dimensões setecentistas da Capela do Santo, bem como a ornamentação interior: existência de azulejaria e de um retábulo. Refere-se ao túmulo do Santo, bem como à existência de uma imagem de vulto do mesmo.

Neste documento é feita também menção à sacristia. Pegada à sacristia e à igreja existia um claustro, descrito deste modo:

fabricado ao modo antigo que mostra ser antigamente casa de claustraes com suas colunas e cobertos em quadra onde se acham várias campas jazigos e sepulturas de corpos

23) A.S.M.S., texto manuscrito de João Lopes de Faria, Velharias da Colegiada de João Lopes de Faria, anos 1896-1897, vol. 6, fls. 143-143v. Veja-se apêndice documental, doc. nº1.

24) A.S.M.S., texto manuscrito de João Lopes de Faria, Velharias da Colegiada de João Lopes de Faria, anos 1896-1897, vol. 6, fls. 143-143v. Veja-se apêndice documental, doc. nº1.



racionais e tem o vão dele de norte a sul 22 varas e de nascente a poente 21 e meia.

Do claustro comunicava-se para a casa da residência dos Reverendos Vigários, enleada esta última com a casa do recolhimento dos frutos da dizimaria “*que pertence sem contradição ao reverendo cabido abade desta igreja*”. A casa do recolhimento dos frutos da dizimaria, tinha as seguintes dimensões: “*as quais casas medidas pelas partes exteriores à face da serventia da casa da residência entrando a casa da confraria tem 37 varas e pela face da serventia da casa do recolhimento dos ditos frutos 30*”²⁵.

O documento refere-se ao adro do cemitério exterior circundado de parede, que tinha de nascente a poente, 21 varas, e de norte a sul, 15 varas. Pegado ao adro existia uma casa alagada e, defronte desta, um torreão com dois sinos e por baixo deles estampados uma pedra de armas reais “*fabricados ao antigo as quaes ficam sobre uma porta pela qual se entra para o dito claustro*”. No meio do claustro existiam laranjeiras, um cipreste e uma latada. Através do claustro, entrava-se para outra oficina antiga, que se achava quase demolida e para uma horta do dito Reverendo Vigário:

*o qual tem também na estrada pegado de frente da casa da residência três uveiras e uma oliveira e duas velhas no adro, e parte tudo de todas as partes com terras dos casais do Assento deste cabido e estrada e mais serventias da dita Igreja e vizinhança dela*²⁶.

Neste documento, o Reverendo Vigário declarava, que a fábrica da sacristia e coro pertencia à Confraria do Santíssimo Sacramento, enquanto os bancos e coberto à porta dela, pertenciam aos fregueses. Afirmava ainda, que a fábrica da igreja e residência eram propriedade do Reverendo Cabido como “*abbade d’ella*”.

No que dizia respeito às sepulturas da igreja, o Reverendo Vigário declarava que os pagamentos dos enterramentos eram os seguintes:

- Sepulturas da igreja e na Capela de Santa Catarina, cada pessoa de 7 anos para cima, de covagem para o pároco: \$400 réis;
- Sepulturas da igreja e na Capela de Santa Catarina, cada pessoa menor de 7 anos para cima, de covagem para o pároco: \$200 réis;

25) A.S.M.S., texto manuscrito de João Lopes de Faria, Velharias da Colegiada de João Lopes de Faria, anos 1896-1897, vol. 6, fls. 143-143v. Veja-se apêndice documental, doc. nº1.

26) Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, texto manuscrito de João Lopes de Faria, Velharias da Colegiada de João Lopes de Faria, anos 1896-1897, vol. 6, fls. 143-143v.

— Sepulturas na Capela de São Torcato: “*a esmola é do arbitrio do dito Parocho na forma da posse e estilo observado*”²⁷.

Pelo que constatámos acima, os fregueses da Paróquia de São Torcato eram sepultados no adro e no interior da igreja²⁸. Neste templo, eram igualmente sepultados na Capela de Santa Catarina e na Capela de São Torcato, que simultaneamente assumiam funções de capelas tumulares. Pelo testemunho de Francisco Craesbeek existiam também sepulturas tumulares privadas de famílias, algumas delas com inscrições e pedra de armas, quer junto da capela-mor e porta principal, e na Capela de Santa Catarina e na Capela de São Torcato.

Importa referir que a 26 de abril de 1888, efetuou-se o último enterramento na Igreja de São Torcato. Trata-se do sepultamento de José António Mendes, lavrador proprietário, morador no lugar das Pias, freguesia de São Torcato, sepultado no adro da Igreja²⁹. Os seguintes enterramentos realizar-se-ão no cemitério público da freguesia³⁰.

Ao consultarmos os assentos de óbito da freguesia de São Torcato, no período cronológico de 1568-1888, podemos aferir várias conclusões sobre a organização interna e disposição espacial deste templo e o modo como eram organizados os sepultamentos. De notar que muitas vezes, os registos paroquiais são mais ou menos omissos, conforme o pároco que os redigiu. Por exemplo, existem casos em que apenas referem de modo genérico, que o sepultamento realizou-se no interior, enquanto que outros párocos especificam o local³¹. Vejamos a título de exemplo, o seguinte quadro que nos fornece uma visão de conjunto dos locais de sepultamento entre 1659 e 1854³²:

27) A.S.M.S., texto manuscrito de João Lopes de Faria, Velharias da Colegiada de João Lopes de Faria, anos 1896-1897, vol. 6, fls. 143-143v.

28) Como veremos de seguida, também eram sepultados no claustro.

29) AMAP= Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Livro óbitos da freguesia de Santo Torcaro, P-1060, fl. 202.

30) O primeiro enterramento no cemitério público de São Torcato, terá lugar a 13 de maio de 1888. Tratou-se do enterro de Joana da Estrada, moradora no lugar da Corredoura, de São Torcato, viúva de Joaquim da Costa, “*pobres pedintes*”. (AMAP, Livro óbitos da freguesia de Santo Torcaro, P-1060, fls. 202-202v).

31) Sobre a problemática dos registos paroquiais de São Torcato, veja-se o artigo de Faria, 2008.

32) Quando o local se repetia, apenas o colocamos uma vez.



Quadro I
Locais de sepultamento na Igreja de São Torcato (1659-1854)

| Local sepultamento | Data enterramento | Fonte |
|--|-------------------|---------------------|
| “Interrada no Corpo Santo” | 30 mar.1659 | P-719, fl.127v |
| “sepultada no Corpo Santo” | 20 set.1659 | P-719, fl.129 |
| “no adro desta igreja (...) era pobre” | 23 out. 1665 | P-719, fl.138v |
| “jas enterrada dentro neste mosteiro” | 25 out. 1665 | P-719, fl.138v |
| “dentro deste mosteiro ao redor das grades de São Torquate” | 25 dez. 1665 | P- 719, fl.138v |
| “dentro deste mosteiro a porta que vai pera São Torquate da banda de dentro” | 6 jan. 1666 | P-719, fl.138v |
| “jas enterrada no alpendre desta Igreja” | 21 mai. 1666 | P- 719, fl.140 |
| “Enterrado dentro deste mosteiro no Corpo Santo” | 17 ago.1669 | P-719, fl.145v |
| “enterrada dentro neste mosteiro junto da pia do bautisterio” | 10 mai. 1672 | P- 719, fl.149 |
| “jas enterrada na claustra a porta da orta na primeira campa pera baixo” | 28 jan. 1673 | P- 719, fl.149v |
| “jas enterrada a porta da campinha da banda de dentro” | 10 mar. 1673 | P- 719, fl.149v |
| “jas enterrado a porta do Corpo Santo da banda de dentro na campa pera o altar de Santa Catarina | 20 out. 1673 | P- 719, fl.150 |
| “jas enterrado a porta da campinha da banda de fora” | 29 out. 1673 | P- 719, fl.150 |
| “na esquina das grades a parte da Epistolla” | 21 dez. 1673 | P-719, fls.144-145? |
| “por ser pobre jas enterrada a porta de São Torquate de dentro na Santa Catarina pera o altar de Santa Catarina” | 24 out. 1674 | P- 719, fl.150v |
| “jas sepultada dentro no mosteiro em huma sepultura” | 5 nov. 1677 | P- 719, fl.155v |
| “já sepultada dentro no mosteiro em hum ladrilho debaixo do púlpito” | 25 nov. 1677 | P- 719, fl.155v |
| Sepultada dentro no mosteiro em hum ladrilho debaixo do púlpito | 25 nov. 1677 | P- 719, fl.155v |
| “em huma sepultura pegado ao altar de Santa Caterina” | 14 dez. 1677 | P- 719, fl.155v |
| “sepultura pegado ao altar de Santa Catarina” | 15 dez. 1677 | P- 719, fl.155v |
| “huma sepultura da fabrica no meio do mosteiro dentro” | 14 jan. 1678 | P- 719, fl.155v |
| “sepultura da fabrica no meio deste mosteiro dentro” | 15 jan. 1678 | P- 719, fl.155v |
| “diante do altar das Chagas em huma sepultura da fabrica” | 16 jan. 1678 | P- 719, fl.160 |
| “Sepultado em Sancta Catarina” | 4 abr. 1678 | P- 719, fl.160 |
| “Sepultado dentro no mosteiro no ladrilho” | 16 jun. 1678 | P- 719, fl.160 |
| “na capella do corpo santo” | 26 nov. 1678 | P- 719, fl.156 |

Obras de pedraria, carpintaria e talha da Igreja Paroquial de São Torcato (1686 - 1800)

| Local sepultamento | Data enterramento | Fonte |
|--|-------------------|-----------------|
| “sepultura pegado a parede junto ao púlpito” | 21 dez. 1678 | P- 719, fl.156v |
| “sepultada nas claustras junto a porta do coro era pobre” | 17 mar. 1679 | P- 719, fl.157 |
| “sepultado debaixo do cabido da porta do mosteiro | 19 mai. 1679 | P- 719, fl.157 |
| “Sepultado dentro debaixo do coro a parte do Evangelho” | 7 jun. 1679 | P- 719, fl.157v |
| “Sepultado pegado a Capella de Sam Torcate” | 13 jun. 1679 | P- 719, fl.157v |
| “No meio da igreja no ladrilho” | 23 ago.1679 | P- 719, fl.157 |
| “Sepultada dentro mosteiro junto ao púlpito da banda debaixo” | 28 jul. 1679 | P- 719, fl.157v |
| “No mosteiro de Sam Torcate em huma sua sepultura” ³³ | 7 out. 1681 | P- 719, fl.158v |
| “Foi sepultado neste mosteiro na sua sepultura” ³⁴ | 1 jan. 1682 | P- 719, fl.159 |
| “Foi sepultado na capella de Sancta Catherina em hum sepultura do ladrilho” | 4 mai. 1682 | P- 719, fl.159v |
| “Sepultado nas claustras junto a porta do signo” | 21 jun. 1682 | P- 719, fl.159v |
| “Sepultado debaixo da escada do coro pegado a pia da agoa benta” | 7 de jul. 1682 | P- 719, fl.159v |
| “Sepultada dentro na igreja junto a porta principal” | 28 nov. 1682 | P- 719, fl.160 |
| “Foi sepultada ao arco da igreja em huma sua sepultura” ³⁵ | 5 mai. 1683 | P- 719, fl.160 |
| “foi sepultada nas claustras a porta da Casa do Senhor, era pobre” | 29 ago. 1683 | P- 719, fl.160v |
| “foi sepultada no adro pegado a hum arco do alpendre do Cabido” | 21 set. 1683 | P- 719, fl.160v |
| “Capela de Santa Catherina defronte da Capella do Corpo Santo” | 3 mai. 1684 | P- 719, fl.161 |
| “Dentro na igreja pera a parte do púlpito” | 2 mai. 1684 | P- 719, fl.161v |
| “foi sepultada na Capella de Sancta Catherina defronte da porta da Capella do Corpo Santo” | 3 mai. 1684 | P- 719, fl.161v |
| “no adro pegado a porta de São Torcato” | 6 jun. 1684 | P- 719, fl.161 |
| “diante o altar de Sancta Catherina em hum sepultura de ladrilho” | 9 dez. 1684 | P- 719, fl.162 |
| “junto a porta que vai da Igreja na capella de Santa Catherina” | 17 dez. 1684 | P- 719, fl.162 |
| “nas claustras entre a porta do quintal e a da casa do Senhor” | 9 fev. 1685 | P- 719, fl.162 |
| “Sepultada nas claustras a porta da samchristia era pobre” | 18 fev. 1685 | P- 719, fl.162 |
| “Ao pe da escada do signo” | 24 abr. 1685 | P- 719, fl.162v |
| “Em huma sepultura que logo abaixo do púlpito a parede a riba da pia baptismal” | 27 set. 1685 | P- 719, fl.163 |

33) Trata-se de Jerónimo de Castro Almeida, da Quinta de Nossa Senhora do Bom Despacho.

34) Refere-se a João de Almeida da Senhora do Bom Despacho.

35) Trata-se de Jerraz da Silva, de Sima de Segade.



| Local sepultamento | Data enterramento | Fonte |
|---|-------------------|-----------------|
| “Em huma sepultura de ladrilho diante do altar das Chagas” | 24 out. 1685 | P- 719, fl.163v |
| “Sepultado na capella de Sancta Catherian pegado a porta do Corpo Santo em huma sua sepultura” ³⁶ | 28 jan. 1686 | P- 719, fl.163v |
| “Foi sepultado neste Mosteiro em huma sua sepultura no meio do mosteiro pera a parte do altar das Chagas” ³⁷ | 2 fev. 1686 | P- 719, fl.163v |
| “sepultado dentro no mosteiro na capella de Sancta Catherina ao canto da capella da parte do corpo da igreja do mosteiro” | 28 fev. 1686 | P- 719, fl.164 |
| “Foi sepultado em huma sua sepultura junto ao arco da Igreja” ³⁸ | 28 jan. 1687 | P- 719, fl.164 |
| “Sepultada no adro junto a porta do Corpo Santo” | 27 fev. 1688 | P- 719, fl.165v |
| Sepultada em huma sepultura do ladrilho por a sua estar ocupada com Hyronimo de Crasto” ³⁹ | 3 nov. 1688 | P- 719, fl.165v |
| “Sepultada a porta que vai pera a capella de Sancta Catherina defronte do altar das Chagas” | 13 fev. 1689 | P- 719, fl.166 |
| “Ao arco da igreja pegado ao altar das Chagas” | 29 abr. 1689 | P- 719, fl.166 |
| “Sepultado numa sepultura de Amaro de Freitas” | 10 set. 1689 | P- 719, fl.166v |
| “Sepultada ao pe do altar de Sancta Catherina” | 17 set. 1689 | P- 719, fl.166v |
| “Diante da Senhora do Rosario” | 4 set. 1689 | P- 719, fl.166v |
| “Sepultada dentro na igreja defronte do altar de Nossa Senhora” | 10 fev. 1691 | P- 719, fl.167v |
| “Em huma sua campa defronte do altar de Nossa Senhora do Rosario” | 13 mai. 1691 | P- 719, fl.168 |
| “Sepultado ao arco da igreja pegado ao altar de Nossa Senhora do Rosario” | 13 abr.1692 | P- 719, fl.168v |
| “Foi sepultado nas claustras a porta do Sino” | 4 mai. 1692 | P- 719, fl.169 |
| “Sepultado na Capella de São Torcato junto ao sepulcro do Santo” ⁴⁰ | 21 mai. 1692 | P- 719, fl.169 |
| “Sepultado a porta da campainha” | 7 out. 1696 | P- 720, fl.6 |
| “Sepultada em a Capella de Sam Torquato” ⁴¹ | 19 mar. 1720 | P-737, fl.65v |
| “Sepultado na capella de Sancta Catharina anexa a esta Igreja” | 9 jun. 1720 | P-737, fl.66 |
| “Dentro desta Igreja” ⁴² | 25 mai. 1737 | P-738, fl.15 |

36) Trata-se de Cosme André, das Pias.

37) Trata-se de Custódio Machado, do arrabalde da Senhora do Bom Despacho.

38) Refere-se a Jorge Gomes, de Segade.

39) Trata-se de Ana de Almeida, da Quinta da Senhora do Bom Despacho. Como podemos ver acima, Jerónimo de Castro foi sepultado a 7 de outubro de 1681.

40) Trata-se do assento de óbito do Reverendo Vigário João Mendes, vigário que foi neste mosteiro.

41) Trata-se de Maria Fernandes, viúva de Jorge Gomes, do lugar de Segade de São Torcato. Deu de sepultura 2\$000 réis.

42) Mena Francisca era mulher de Pedro de Oliveira, do lugar do Assento, sendo acompanhada pela Irmandade das Almas de que era irmã.

Obras de pedraria, carpintaria e talha da Igreja Paroquial de São Torcato (1686 - 1800)

| Local sepultamento | Data enterramento | Fonte |
|--|-------------------|-------------------|
| “Dentro da capella de Sam Torcato junto a porta” | 16 nov. 1741 | P-738, fl.25 |
| “Dentro desta igreja junto a pia de agoa benta” | 13 mar. 1742 | P-738, fl.26 |
| Se sepultou dentro da capella de Santa Catarina ⁴³ | 25 abr. 1742 | P-738, fl. 26v |
| “Dentro da capella onde está o corpo de São Torcato” | 10 abri. 1748 | P-738, fl.38v |
| “Foi sepultado a porta principal da igreja da parte de fora por asim o determinar no seu testamento” | 9 jul. 1751 | P-738, fl.48v |
| “Defronte da porta da capella de Santa Catarina” | 22 jul. 1751 | P-738, fl. 49 |
| “Debaixo do púlpito” | 23 jul. 1751 | P-738, fl. 49 |
| “A porta travessa do claustro desta igreja” | 7 set. 1751 | P-738, fl. 49v |
| “Dentro da capella de Sam Torquato deste mesmo Mosteiro” | 24 abr. 1756 | P-738, fl.61v |
| “Dentro deste Mosteiro na campa numero quorenta e seis ⁴⁴ .” | 15 jul. 1761 | P-738, fl. 72v |
| “Na capella de Sam Torcato ao pe da Igreja” | 9 mar. 1799 | P- 739, fl.55 |
| “Na capella de Santa Catharina junto da igreja” | 14 mai. 1799 | P-739, fl.56 |
| “Sepultada na igreja desta mesma freguezia na sepultura numero vinte e cinco” | 27 jul. 1799 | P-739, 54v |
| “Sepultada dentro nesta igreja na sepultura media das três primeiras do pe do arco” | 4 out. 1800 | P-739, fl. 60v |
| “Foi sepultado na Capella de Sam Torcato junto a esta igreja” | 27 nov. 1800 | P-739, fls.61v-62 |
| “Foi sepultada dentro desta Igreja na sepultura numero sincoenta e duas” | 16 dez. 1800 | P-739, fl. 62 |
| “Sepultado dentro desta igreja junto a parede debaixo do púlpito em huma sepultura de fechar que não tem numero” | 1 fev. 1801 | P- 739, fl. 63 |
| “Foi sepultada dentro nesta igreja na sepultura numero trinta e sete ⁴⁵ ” | 9 fev. 1801 | P-739, fl.63 |
| “Foi sepultada dentro da igreja em huma sepultura de fechos que não tem numero ao pé do altar do Senhor das Chagas” | 26 fev. 1801 | P-739, fl.63v |
| “Sepultada dentro nesta igreja em huma sepultura de fechos ao pé da parede da parte do Evangelho detrás da sepultura numero trinta e oito” | 20 abr.1801 | P- 739, fl.64 |
| “Foi sepultado na capella de Sam Torcato na sepultura primeira da parte do Evangelho” | 17 jun. 1802 | P- 739, fl.67v |

43) Trata-se de Pedro Francisco, viúvo, morador no lugar das Carvalhas, desta freguesia. Foi acompanhado de muitos sacerdotes e da Irmandade das Almas de que era irmão.

44) A numeração prossegue até 27 de dezembro de 1761, com a campa número 60. É o número mais alto que encontramos. (P-738, fl.74).

45) Continua a mencionar os números.



| Local sepultamento | Data enterramento | Fonte |
|--|-------------------|----------------|
| “Foi sepultada na capella mor da parte do Evangelho ao pe da parede com licença do Muito Reverendo Senhor Doutor Provisor” ⁴⁶ | 30 nov. 1806 | P- 739, fl. 82 |
| “Foi sepultado dentro desta igreja na sepultura numero sessenta” ⁴⁷ | 13 mar. 1810 | P- 739, fl.89 |
| “Foi sepultada na capella de Santa Catharinaa descer do altar da mesma na segunda campa abaixo das escadas que se compõem de quatro pequenas pedras” | 6 jan. 1811 | P- 739, fl.92, |
| “Foi sepultada em Santa Catharina na sepultura que está junto as grades de ferro quase no meio, e he grande e tem hum risco ao redor” | 7 jan. 1811 | P- 739, fl.92, |
| “Na capella de Santa Catharina unida a esta igreja” | 10 out. 1810 | P- 739, fl.90v |
| “Foi sepultado dentro da porta da capella de Santa Catharina em huma sepultura grande que fica no meio das portas” | 12 out. 1812 | P- 740. fl. 4v |
| “foi sepultada na cappella de Santa Catharina na sepultura de fechos que fica servindo de primeira ao descer para aonde fica o caixão das Almas” | 2 fev. 1813 | P- 740, fl.5 |
| “Foi sepultada na Capella de Santa Catharina em huma sepultura de fechos que está junto pella parta da Epistola a huma pedra que está quazi no meio da Capella e tem huma letra? por sima” | 26 fev.1813 | P- 740, fl. 5 |
| “Foi depositado na capella de Santa Catharina e sepultado nos claustros desta igreja” | 4 jan. 1818 | P-740, fl. 16v |
| “Foi sepultado na cappella de Santa Catharina na sepultura grande defronte das grades” | 13 jan. 1820 | P- 740, fl.21 |
| “Sepultada nesta igreja na sepultura junta à parede do lado esquerdo para baixo do confessionário do fundo” | 4 jan. 1821 | P- 740, fl. 23 |
| “Foi sepultado no adro ao pé da porta de Santa Catharina” | 6 abr. 1824 | P-740, fl.29 |
| “Sepultado na capella de Santa Catharina pegada a esta igreja” | 13 abr. 1824 | P-740, fl. 29v |
| Na capella de Santa Catharina ao descer das escadas do altar” | 17 jul. 1824 | P- 740, fl.30 |
| “Foi sepultada dentro desta igreja na sepultura chegada a pia de agoa benta” | 29 out. 1832 | P- 741. fl.19v |
| “Foi enterrado no adro desta Igreja defronte da Capella de Sam Torcaro era pobre” | 30 mar. 1854 | P-741, fl. 87v |

46) Nos restantes registos, a numeração das sepulturas mantem-se.

47) Trata-se do número máximo de sepulturas.

Pela análise do quadro anterior, podemos inferir importantes dados sobre a organização arquitetónica da igreja em estudo.

Existia um alpendre da igreja, destruído em data que desconhecemos. Possivelmente terá sido uma construção, acrescentada ao templo, quando esta assume funções de igreja paroquial. A mais antiga referência a esta estrutura, que permitiria uma proteção contra o sol e a chuva, remonta a um enterramento realizado no alpendre em 1666. Noutro caso, é dito “foi sepultada no adro pegado a hum arco do alpendre do Cabido”.

Muitos sepultamentos eram realizados no adro da igreja, nomeadamente de pessoas pobres. Por vezes, o pároco especifica, que o sepultamento se efetuou no adro junto à porta da Capela de São Torcato.

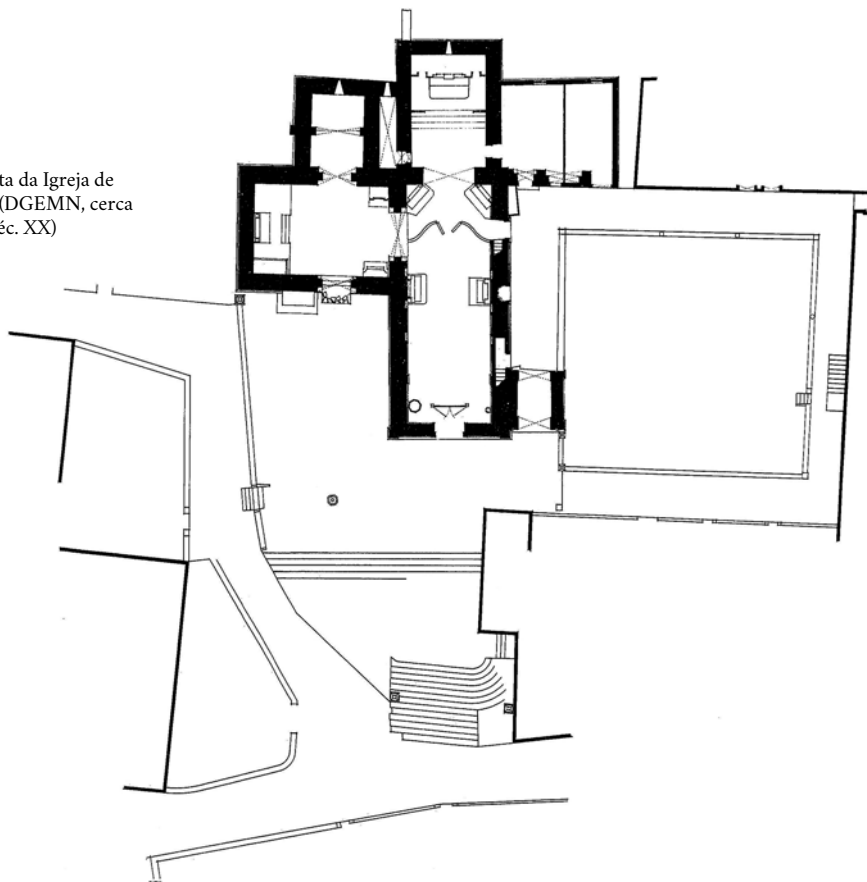
O claustro, estrutura ainda remanescente do mosteiro extinto em 1474, e que hoje podemos ainda observar, apesar da sua degradação, é inúmeras vezes mencionado como local de enterramentos da população local. Por vezes, os párocos referem alguns pormenores como seja, que existia no claustro, a porta que daria acesso à horta. Outras vezes, é mencionada a porta travessa da igreja de acesso ao claustro. Noutros casos, é referenciado que são sepultados no claustro junto à porta da sacristia; da porta do coro; e da porta do sino.

No que diz respeito ao interior da igreja, podemos extrair várias informações sobre a disposição espacial da mesma. Nalguns sepultamentos, o vigário tem como referências espaciais a pia batismal e o púlpito. Noutro sepultamento, temos notícia de um freguês enterrado debaixo da escada do coro pegada à pia batismal. A grade da capela-mor, entretanto desaparecida, é mencionada, “na equina das grades a parte da Epistolla”. Outros casos, é dito que foi sepultado junto ao arco-cruzeiro da igreja; e da porta principal.

Os altares laterais (lado Epístola e do Evangelho) são citados várias vezes nos assentos de óbito. Indo de acordo com as descrições anteriores, temos conhecimento, que os altares laterais eram de evocação do Senhor das Chagas e de Nossa Senhora do Rosário. Estes dois altares laterais foram desmontados na segunda metade do século XX. Apenas, temos documentado um enterramento na capela-mor, da parte do Evangelho “ao pe da parede”. Trata-se de um sepultamento, realizado a 30 de novembro de 1806, com licença do Muito Reverendo Senhor Doutor Provisor.



Fig. 3 – Planta da Igreja de São Torcato (DGEMN, cerca meados do séc. XX)



Num assento de óbito temos conhecimento da evocação dos altares existentes nesta Igreja. A 13 de maio de 1751, faleceu com todos os sacramentos, Ana da Silva viúva de Jerónimo Francisco, do lugar da Mata, da freguesia de São Torcato, sendo sepultada no dia seguinte dentro da igreja de São Torcato. Foi acompanhada por 10 padres e das Irmandades de que era irmã. Deixou por sua alma, a saber: vinte missas no altar de Santa Catarina, dez missas no altar do Santíssimo Sacramento⁴⁸, dez no altar de nossa Senhora do Rosário e outras dez no altar das Chagas⁴⁹. Através deste registo de óbito temos conhecimento, de que nos quatro altares acima mencionados, poderiam se celebrar missas.

Temos documentados, situações em que os defuntos possuíam sepulturas próprias

48) Trata-se do altar-mor.

49) AMAP, P- 738, fl.48.

no interior da igreja, como podemos comprovar no quadro acima. Por exemplo, a 2 de fevereiro de 1686, Custódio Machado, do arrabalde da Senhora do Bom Despacho foi “sepultado neste Mosteiro em huma sua sepultura no meio do mosteiro pera a parte do altar das Chagas”. Noutro caso, ocorrido a 3 de novembro de 1688, Ana de Almeida, da Quinta da Senhora do Bom Despacho foi “sepultada em huma sepultura do ladrilho por a sua estar ocupada com Hyronimo de Crasto”⁵⁰.

Relativamente à numeração das sepulturas, a primeira referência documentada surge a 15 de julho de 1761⁵¹. No entanto, é um caso isolado. Apenas, a 27 de julho de 1799⁵² é retomada a menção da numeração das campas. A partir do final do ano seguinte, concretamente a 16 de dezembro, os párocos referem-se ao número das sepulturas de modo sistemática. Somente os enterramentos realizados na Capela de Santa Catarina e de São Torcato; no claustro e no adro mantém a sua designação original. Pela leitura dos assentos de óbito verificamos, que a igreja possuía 60 sepulturas numeradas⁵³. Em 1801, são documentados dois casos de sepulturas, que não possuíam numeração.

Atualmente, no adro da igreja, podemos encontrar várias pedras tumulares, que se encontravam no interior da nave do templo⁵⁴.

A Capela de Santa Catarina anexa ao corpo da igreja, surge inúmeras vezes referenciada como local de sepultamentos. O primeiro caso documentado de enterramento nesta capela surge-nos a 21 outubro de 1673⁵⁵. O segundo caso registado no livro de óbitos, data de 24 de outubro de 1674: “por ser pobre jas enterrada a porta de São Torquate de dentro na Santa Catarina pera o altar de Santa Catarina”⁵⁶.

Tal como referenciado nas descrições anteriores, e no quadro acima, é aludido a existência de um altar. Ainda hoje, podemos encontrar na Capela de Santa Catarina, a existência de um retábulo-baldaquino, datado de cerca de finais do século XVI, inícios do século XVII. Segundo Maria Adelaide Moraes, trata-se de um altar da renascença seiscentista, que terá em meados de 1600, custado em madeira e ouro: 40\$000 réis⁵⁷. O frontal do retábulo é em granito, embora revestido a madeira policromada na face dianteira. Nas faces laterais do frontal, observa-se o granito e umas pequenas portadas de madeira, que permitem o acesso ao seu interior. Cada uma das colunas entalhadas, na parte superior

50) Como podemos ver no quadro acima, Jerónimo de Castro foi sepultado a 7 de outubro de 1681.

51) AMAP, P-738, fl. 72v.

52) AMAP, P-739, fl. 54v.

53) AMAP, P- 739, fl.89.

54) Segundo José Maria Gomes Alves, foram retirados do interior da igreja aquando da última obra de revestimento do piso, “em que foi aplicado taco de madeira!!!” (Alves, 1981: 152).

55) “jas enterrado a porta do Corpo Santo da banda de dentro na campa pera o altar de Santa Catarina”, AMAP, P- 719, fl.144?

56) AMAP, P- 719, fl.145?

57) Moraes, 1978: 80.



do retábulo, suporta uma carranca e um pássaro de grandes dimensões. Neste retábulo observamos sete painéis de madeira pintados a óleo, que retratam a vida e o suplício de Santa Catarina⁵⁸. Num dos painéis, o pintor retratou o instrumento do martírio de Santa Catarina, não concretizado: a roda dentada. Noutra panel, retrata a roda em chamas destruída pelo anjo. Noutra panel, retrata o martírio concretizado através da degolação⁵⁹. Num painel inferior, inferimos o seu casamento místico com Jesus Cristo. Julgamos que outro painel inferior retrate Santa Catarina de Alexandria perante o Imperador e os 50 sábios. O painel superior é a Santa no seu túmulo a ser recolhida pelos anjos. Na parte inferior do retábulo, encontramos em relevo esculpida Santa Luzia e possivelmente Santa Paula. Através de um cliché fotográfico, integrante da coleção fotográfica da Muralha-As-sociação de Guimarães para a Defesa do Património, anterior a 1924, podemos observar, no nicho deste retábulo, uma imagem de Santo António. Trata-se da mais antiga estrutura retabular, ainda hoje existente em Guimarães e no seu concelho.

Através dos sepultamentos temos referência, embora indireta de algumas características da capela⁶⁰. Existiam sepulturas pegadas ao altar de Santa Catarina e por vezes são mencionadas sepulturas de ladrilho nesta capela. Por vezes, temos também menção à porta, que ligava o corpo da Igreja a esta capela, por exemplo: “*Sepultada a porta que vai pera a capella de Sancta Catherina defronte do altar das Chagas*”⁶¹.

Tal como hoje sucede, a entrada para a capela de Santa Catarina, podia-se fazer por uma porta através da nave da Igreja, do lado do altar das Chagas ou diretamente do adro da igreja por um portal exterior.

Muitas vezes a capela de Santa de Santa Catarina, especialmente é referida nos seguintes termos⁶²:

- Anexa à igreja;
- Pegada à igreja;
- Junto da igreja;
- Unida à igreja.

58) No Museu de Alberto Sampaio encontra-se uma pintura a óleo sobre madeira de Santa Catarina, proveniente da Capela de Santa Luzia, de Guimarães, datada cerca 1540-1550 (Serrão, 1996: 84). No século XVI, na Igreja da Colegiada de Guimarães existia uma capela vinculada, sob invocação de Santa Catarina.

59) Sobre a sua vida, culto e iconografia, veja-se Bastos, 2011: 36-44.

60) Veja-se quadro I.

61) AMAP, P- 719, fl. 166, 13 de fevereiro de 1689.

62) Veja-se quadro I.



Fig.4 – Capela de Santa Catarina: retábulo-baldaquino, antes de 1924
Muralha - Associação de Guimarães para a Defesa do Património



Fig.5- Capela de Santa Catarina: retábulo-baldaquino (2022)

Ainda hoje o acesso ao retábulo-baldaquino faz-se através de três degraus, cujas escadas, já surgem referenciadas em 1811 e 1824⁶³.

Através da fotografia do retábulo de Santa Catarina, integrante da coleção fotográfica da Muralha, anterior a 1924, podemos concluir, aliás, como era recorrente na época, que o interior da capela de Santa Catarina era rebocado e pintado a cal branca e com um rodapé colorido a negro. Atualmente, a Capela encontra-se sem o reboco⁶⁴.

Na parede do Evangelho e da Epístola desta Capela encontram-se duas pinturas de cerca dos inícios do século XVII⁶⁵, representando São Torcato e São Santiago, aqui colocadas na segunda metade do século XX, que julgámos terem pertencido ao primitivo retábulo da capela-mor desta igreja⁶⁶.

63) Veja-se quadro I.

64) Na capela do Corpo Santo ainda hoje, esse rodapé é visível.

65) António de Azevedo data-as do século XVI (Azevedo, 1962).

66) Mais à frente iremos nos dedicar a estas duas pinturas sobre madeira.



Do lado da Epístola, desta capela, ficava o templo onde estava o túmulo com o corpo de São Torcato. A Capela de São Torcato insere-se num espaço anexo à capela-mor e abriga o seu túmulo do santo, apresentando-se revestida a azulejos tipo tapete. Esta capela apresenta-se coberta por uma abóbada de berço. A separar este espaço uma grade de ferro. Analisando o quadro I, podemos constatar que o primeiro enterramento documentado na Capela de São Torcato remonta a 30 de março de 1659⁶⁷ e o último a 17 de junho de 1802⁶⁸. Na realidade, nesse período cronológico de 1659-1802, encontrámos 53 enterramentos realizados nesta capela. Os diversos párocos registam o local por capela de São Torcato ou do Corpo Santo. Apenas num enterramento é mencionado de forma explícita o túmulo de São Torcato: “*Sepultado na Capella de São Torcato junto ao sepulcro do Santo*”⁶⁹.

Pela consulta dos assentos de óbito, sabemos que grande parte dos vigários desta freguesia eram sepultados na Capela de São Torcato⁷⁰. A 6 de agosto de 1782, é igualmente sepultado nesta capela, o Doutor Luis Alves Pinheiro, assistente nesta residência paroquial, irmão do vigário de São Torcato, redator assento paroquial⁷¹.

Nesta capela não eram apenas enterrados os habitantes da freguesia. Num assento de óbito de 7 de junho de 1733, Manuel Afonso de Sousa, natural da freguesia de São Salvador do Paço de Sousa, termo de Penafiel e assistente na cidade do Porto, e “*por se achar nesta freguezia de Sam Torquato, e nella falecer foi sepultado na Capella de Sam Torquato desta Igreja elegida por elle como consta do seu testamento que fes (...)*”⁷².

Esta capela, além de acomodar o túmulo de São Torcato, servia de capela tumular, como refere o próprio Craesbeek, que como vimos atrás, transcreve as inscrições existentes nas sepulturas de Jerónimo Coelho e de Paulo Borges⁷³.

No que diz respeito ao altar de São Torcato, existente na capela dedicada ao mesmo Santo, num assento de óbito datado de 8 de abril de 1727, é referido este altar. Trata-se do assento de óbito de Torcato de Freitas, do lugar do Assento desta freguesia, que em testamento mandou, que se rezassem 12 missas no altar de Sam Torcato “*nesta mesma Igreja*”⁷⁴.

Em 1787, o altar primitivo desta capela é destruído e substituído por um novo. Através

67) AMAP, P-719,127v.

68) AMAP,P- 739, fl.67v.

69) Trata-se do assento de 21 de maio de 1692, de óbito do Reverendo Vigário João Mendes, vigário que foi neste mosteiro (AMAP, P-719, fl. 169).

70) Encontrámos os seguintes vigários aqui sepultados: João Mendes (AMAP., P- 719, fl.169,21 de maio de 1692); João do Vale Peixoto (AMAP, P-737, fl. 64, 9 de junho de 1719); Silvestre Pires da Silva (AMAP., P-738, fls. 13v-14, de 23 de novembro de 1736).

71) AMAP., P- 738, fl. 148v.

72) AMAP., P-738, fl.3.

73) Neste túmulo de Paulo Borges além da sua família eram igualmente sepultados os seus criados. Por exemplo, no assento de óbito de Maria solteira, moradora em casa de Paulo Borges. Fez seu testamento em seu irmão, igualmente criado de Paulo Borges (P- 719, fl.14.?, de 17 de junho de 1679). Outro caso de um familiar de Paulo Borges é o António, solteiro (P-719, fl.140v, 1 ago. 1679).

74) AMAP., P-737, fl. 80v.

do testemunho de Frei Silvestre da Conceição Xavier, natural de São Torcato, datado de 1762 e com anotações posteriores⁷⁵, podemos ler:

No anno de 1787 mandou o Reverendo Cabido de Guimarães (sic) deitar abaixo o retabolo antigo do Altar da Capela do Corpo Santo, no qual estava esculpido, ou aberto hua oliveira, e hua ponte; e mandarão por de novo, hum ao modo de Nicho sem sinal de ponte nen oliveira. Não estranhe quem agora o vir, e ler. E tenha presente a pintura antiga do dito Altar, com a dita ponte, e oliveira, como se ve neste livro folhas 50; e lea tambem o que se diz a folhas 79, e 80⁷⁶.

Pelo exposto, até 1787, existia um retábulo com a representação pictórica de uma oliveira e de uma ponte⁷⁷.

Nesta descrição é dito que no ano de 1637, se aperfeiçoa este sepulcro. O mesmo descritor refere-se do seguinte modo, à Capela:

Esta he hua capella particular immediada ao mosteiro, ainda que fora do corpo delle, da parte do Evangelho, pequena na extensão, mas perfeitamente ornada, onde alumea hua alampada continuamente, ardente juntamente alia a charidade de seos devotos, que de longe vem venerar tam grande preciosidade, levando arêa, que das pedras da sepultura tirão, raspando as com outra pedra mais dura, para remedio de suas enfermidades. No retabolo do altar desta capella, se ve no meio hua imagem do Santo Bispo, e Martyr por sima do sacrário; e mais abaixo, ao lado do retabolo a Oliveira; na parte esquerda desta capella esta o sepulchro (...)⁷⁸.

Atualmente, na capela não existe o retábulo que substituiu o primitivo, e que terá sido encomendado cerca de 1787. No entanto, consultando a coleção de fotografia da Muralha-Associação de Guimarães para a Defesa do Património encontrámos um cliché fotográfico da capela anterior a 1924, na qual podemos observar o retabulo sem douramento e pintura. Ao visitarmos o Museu da Irmandade de São Torcato, e segundo indicação de Susana Meneses e António José Chaves Fernandes, foi possível reencontra-lo embora com policromia. Terá sido deslocado para este espaço museológico no século XX. Neste cliché visualiza-se a urna-relicária do Santo, em talha dourada neoclássica.

75) Este manuscrito foi transcrito e publicado entre 1981 e 1985, por Francisco José Velozo (Velozo, 1979:77-144; Velozo,1980: 200-221; Velozo, 1981:159-177; Velozo, 1983: 280-296; Velozo,1984: 238-254; Velozo, 1985: 270-286).

76) Velozo, 1985: 280.

77) Noutro capítulo da obra, é dito que se tratava de uma pintura de uma ponte e de uma oliveira florescente (Velozo, 1985: 244).

78) Velozo,1984: 243.



Fig.6 – Capela de São Torcato antes de 1924
Muralha - Associação de Guimarães para a Defesa do Património



Fig.7 – Antigo retábulo da Capela de São Torcato
Museu da Irmandade de São Torcato

A urna que ainda hoje, podemos observar na Capela de São Torcato, em talha neoclássica, terá sido mandada executar em 1805⁷⁹. Nesta segunda urna, o corpo santo esteve exposto até 1852, aquando da sua transladação para o novo santuário em construção. O túmulo que existiu na Capela e terá servido de urna ao corpo santo entre 1637-1805, durante o século XIX, terá sido deslocado para a Capela de Santa Catarina⁸⁰.

A 14 de julho de 1637, os prelados e o povo abriram a urna encontrando o corpo do Santo: «*Estava inteiro em carne sem lesão alguma mais que em o pescoço tinha um buraco, que denotava ser golpe, e na pá entre uma, e outra um buraco redondo, o mais estava inteiro*»⁸¹.

Terá sido nesta altura que o Cónego Rui Gomes Golias, terá furtado ao Santo, um osso

79) Moraes, 1978: 81; Almeida, 1924: 274.

80) Sillos, 1998: 35, nota 41, refere que é o mesmo túmulo, que existe na Capela de Santa Catarina à direita da porta principal, removido da capela do Santo, quando se fez a Elevação.

81) Veja-se o respetivo auto de abertura, publicado por Eduardo de Almeida (Almeida, 1923: 269-270). Entre as testemunhas, assina Domingos de Freitas, mestre arquiteto da obra de pedraria, que andava no mosteiro (Almeida, 1923: 270).

do tornozelo⁸², relíquia que mais tarde seria exposta no Tesouro da Colegiada de Guimarães e hoje se encontra na sala de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio⁸³. Nesse ano, com receio de que roubassem o corpo do Santo, fez-se a expensas dos paroquianos, um túmulo, dentro do qual se meteu o antigo em calcário e se rodeou com grades mais fortes, e com um frontão com duas colunas, rematado por uma cruz, com a seguinte inscrição⁸⁴:

“HOC TUMULO ILLESIS CONDUNTUR
CARNIBUS OSSA TORQUATI D. PIGNORA CHARA DEO”

Na parte inferior deste túmulo, podemos ler outra inscrição:

“ANNO DE 1637
SE GUARNECEU ESTA SEPULTURA
E ABRIU-SE E ACHOU-SE
O CORPO E CARNE INTEIRO,
VESTIDO DE PONTIFICAL, COM BÁCULO”⁸⁵

A 17 de junho de 1805, volta o corpo santo a ser examinado⁸⁶. Para procederem à abertura do túmulo são chamados dois oficiais de pedreiro: Francisco José Castro, da freguesia de São Torcato; e Manuel Domingues, da freguesia de São Sebastião, de Guimarães⁸⁷. Os dois oficiais de pedreiro procederam deste modo:

e logo elles ditos officiaes pedreiros depois de tirarem a lampada começaram a tirar as grades que cerravam o dito tumulo, e as mais pedras que o formavão e chegando á ultima no interior do mesmo Tumulo apareceu um cadaver, que sendo examinado pelo Doutor Medico da Villa de Guimarães chamado Miguel Rebello ao qual ele Reverendo Commissario elegeu para esta diligencia o achou na forma seguinte⁸⁸.

82) Bellino, 1900: 223. Nesta mesma página, Albano Bellino publica uma gravura do túmulo.

83) Possui o seguinte número de inventário: MAS O26. Sobre esta custódia relicário veja-se Santos, 2005: 53-54.

84) Sillos, 1998: 36.

85) Inscrições transcritas por Bellino, 1900: 222.

86) Eduardo Almeida, publica o termo o descobrimento do túmulo em que se achava o corpo de São Torcato (Almeida, 1923: 276-279). Neste termo é dito que defronte do túmulo estava um altar com uma imagem de São Torcato

87) Almeida, 1923: 277.

88) Almeida, 1923: 277.



Após a abertura do túmulo, a 27 do mesmo mês, é movido o corpo para a sua nova urna, que ainda hoje observamos na capela⁸⁹.

A Capela de São Torcato encontra-se revestida a azulejos tipo tapete, do século XVII⁹⁰. Esta capela apresenta-se coberta por uma abóbada de berço. A separar este espaço uma grade de ferro, com um aloquete de grandes dimensões.



Fig. 8 – Túmulo de São Torcato

3 — Obras de pedraria, carpintaria e talha realizadas na igreja de São Torcato (1686-1800)

Ao longo dos tempos várias foram as encomendas de pedraria, carpintaria, talha, pintura e ourivesaria, que enriqueceram este templo. Pela análise da documentação podemos reencontrar algumas dessas encomendas, que balizamos entre 1686-1800.

89) Almeida, 1923: 289.

90) Agostinho Guimarães analisa estes azulejos (Guimarães, 1997: 110-112). Segundo este autor, estes azulejos terão sido colocados em data compreendida entre 1630-1650 (Guimarães, 1997: 110). Cada padrão é composto por três cores: azul, branco e amarelo.

3.1 — Obras de pedraria e carpintaria (1686-1698)

Através do rol dos gastos realizados pelo Reverendo Cónego Diogo da Silva, na igreja de São Torcato e na Capela de São João de Segade, em 1686, sabemos que nesse ano são retelhados os telhados das capelas de Santa Catarina e de São Torcato⁹¹. Nesse ano, também é consertado o frontal do altar de São Torcato e uma vestimenta⁹².

No ano de 1690, a Colegiada de Guimarães, empreende o seguinte conjunto de obras na Igreja de São Torcato⁹³:

- Concertaram-se os telhados de toda a Igreja e capela-mor; da capela de São Torcato e da Capela de Santa Catarina;
- Concertou-se “*uma parte da casa da renda sobre as telhas e se retelharão todas as cazas do vigário*”;
- Concertou-se “*a cozinha que tinha todas as madeiras despregadas e se consertaram genellas e portas*”;
- Concertou-se a escada do sino e todas as portas da igreja e “*algumas miudezas mais*”.

Além destas empreitadas realizadas em 1690, encontrámos achegas importantes sobre os artistas que concretizaram estas empreitadas, bem como de despesas com materiais construtivos⁹⁴. Vejamos:

Quadro II

Artistas que trabalharam na Igreja de São Torcato e dispêndio de materiais construtivos (1690)

| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------------------|
| Domingos João, mestre | 3\$000 réis | 20 dias, a \$150 réis | |
| João de Freitas | 2\$800 réis | 20 dias, a \$140 réis | |
| João Francisco | 2\$800 réis | 20 dias, a \$140 réis | |
| André da Costa | 2\$100 réis | 15 dias, a \$140 réis | |

91) AMAP., C-739, fl. 13.

92) AMAP., C-739, fl. 13v.

93) AMAP., C-739, fl.14. Transcrevemos na íntegra: “*De hum rol que deu o Reverendo Vigario João Fernandes Luis que com este vai junto de hum concerto que fes em hum frontal do altar de Sam Torcato e huma vestimenta-2\$450 réis*”.

94) AMAP., C-739, fls.14v-15.



| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|-------------------------------------|-------------|---|--|
| Fernando de Freitas, de São Torcato | 2\$000 réis | 20 dias, a \$100 réis | |
| | \$800 réis | | “De nove leiros que se comprarão ao vigário pera serrar em ripos” |
| | \$800 réis | “a quem trouxe a sobredita madeira e acarretou area pera os telhados” | |
| | 1\$200 réis | | De 5 dúzias de ripos se gastarão na casa da renda e algumas taboas para a escada do sino e concerto das portas |
| | 6\$000 réis | | Dois carros de cal |
| | \$600 réis | Concerto das cadeias do sino | Uns ferros para segurar dois tirantes |
| | 1\$350 réis | | De pregos para toda esta obra |

Todos estes gastos com os mestres e oficias e dispêndio de materiais totalizavam 23\$150 réis. Além desta quantia, são especificadas outras despesas relacionadas com a obra e bens móveis adquiridos, a saber:

- “de sinco alugeis de bestas que gastei em ir ver esta obra: \$400 réis”;
- “de três Evangelhos e três lavabos: \$128 réis”;
- “de os emcaixilhar: \$600 réis”;
- “de huma besta quando fui assistir o Vizitador: \$100 réis”;
- “de hum troco de humas galhetas: \$180 réis”;
- “de hum cordão pera huma alva: \$ 140 réis”;
- “de hum alugel de huma besta quando fui buscar o Vizitador suposto o não achei: \$100 réis”.

Entre o São João de 1690 e o São João de 1691, a Colegiada executa mais obras na Casa da Renda, na Igreja e no claustro⁹⁵. Vejamos:

Retelhou se a casa da Renda e se caiu todo o cume e a banda que esta pera a parte da

95) AMAP., C-739, fl.15.

estrada e pella parte da Igreja retelhou se todo o claustro e se caleou o telhado que esta encostado a Igreja e algumas partes mais onde era necessario e toda a Igreja pera parte de dentro se percintou e apinzou onde era necessario e se fizerão algumas couzas mais que abaixo se declara e se consertarão as telhas com cal.

Quadro III

Artistas que trabalharam na Igreja de São Torcato e dispêndio de materiais construtivos (1690-1691)⁹⁶

| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|--------------------|-------------|-----------------------|--|
| | 3\$000 réis | | Um carro de cal posto em São Torcato |
| | \$960 réis | | 12 alqueires de cal que se compraram na Alfandega a \$80 réis |
| | \$100 réis | | Aluguer de uma besta que levou a cal |
| | \$360 réis | | De madeira a que se serraram ripas para o claustro |
| | \$400 réis | | De madeira de que se serraram ripas para fazer uma “ <i>rachoada junto à escada dos sinos por donte se destroião os telhados</i> ” |
| | \$400 réis | | De pregos para esta obra e para a do claustro atrás declarada |
| | \$60 réis | | De um carro de saibro e areia |
| | \$120 réis | | De uma tábua para se consertarem as portas principais da Igreja |
| | \$60 réis | | De um mangual com seu ferro para as mesmas portas |
| | \$300 réis | | De duas braceiras de ferro para as mesmas portas |
| | \$120 réis | | De uma aldraba para as mesmas portas |
| Domingos João | 1\$920 réis | 12 dias, a \$160 réis | |

96) AMAP., C-739, fls.15-15v.



| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|---|-------------|--|-------------------------|
| Ao Cunha | 1\$800 réis | 12 dias, a \$150 réis | |
| Francisco da Costa | 1\$800 réis | 12 dias, a \$150 réis | |
| João Francisco | 1\$200 réis | 8 dias, a \$150 réis | |
| Ao Freitas de São Torcato | 1\$200 réis | 12 dias, a 1\$00 réis | |
| Ao mesmo Freitas de retelhar a Capella da Fonte | \$200 réis | | |
| | \$400 réis | Aos pedreiros que consertaram o canto da Casa do Vigário pela parte do caminho | |
| | \$100 réis | Do aluguel de uma besta “em que fui ver a obra assim” | |

Todos estes gastos totalizaram 14\$500 réis. Através destas despesas, podemos constatar que o claustro, na última década de Seiscentos ainda possuía a cobertura.

O fabricante Reverendo Jerónimo Lopes de Sá apresentou ainda o rol das obras concretizadas no Mosteiro de São Torcato, no triénio de 1693-1696⁹⁷.

Quadro IV

Artistas que trabalharam na Igreja de São Torcato e dispêndio de materiais construtivos (1693-1696)⁹⁸

| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|--------------------|--------------|---|-------------------------|
| | 3\$200 réis | 18 braças de parede obrada, a \$400 réis, a braça | |
| | \$320 réis | Mas 80 palmos, a \$4 réis, o palmo | |
| | 13\$000 réis | 13 braças de perpianho, a 1\$000 réis, a braça | |
| | \$960 réis | 8 dias de jornais do concerto da escada e parede, a \$120 réis, por dia | |
| | 1\$500 réis | De quem acarretou a pedra a obra | |

97) AMAP., C-739, fls.16-16v. As contas iniciavam e finalizam no dia de São João.

98) AMAP., C-739, fls.16-16v.

Obras de pedraria, carpintaria e talha da Igreja Paroquial de São Torcato (1686 - 1800)

| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|---|-------------|---|---|
| | 3\$800 réis | | Duas dúzias de tabuada mediana a 1\$900 réis |
| | 1\$920 réis | | Meia dúzia de couçoeriras a \$160 réis cada uma |
| | \$800 réis | | 10 caibros para o telhado a \$80 réis, o caibro |
| | \$550 réis | | 1 cume para a obra |
| | \$800 réis | | Pregagem para a obra |
| | \$800 réis | | 1 trave de carvalho |
| | 2\$880 réis | | Da ferragem para as portas e janelas |
| | 1\$110 réis | | 440 tijolos, a \$2 réis o tijolo |
| | \$120 réis | | De 2 mancais para as portas da Igreja |
| | 2\$100 réis | | De 21 alqueires de cal, a \$100 réis o alqueire |
| De 2 homens que trabalharam na obra a 11 dias, a \$140 réis, a seco | 3\$080 réis | | |
| Mais de outro homem, 3 dias | \$420 réis | | |
| Mais de outro homem, 17 dias | 2\$380 réis | | |
| Mais de outro homem, quatro dias e meio | \$630 réis | | |
| Mais de outro homem, 9 dias | 1\$260 réis | | |
| De outro homem, 6 dias, a \$120 réis | 1\$200 réis | | |
| A um homem que tirou a terra da Casa | \$480 réis | | |
| Mais da obra da empreitada que tomou Domingos Francisco | 9\$450 réis | “que sam portas, 2 do claustro huma janella solho da cozinha” | |

Todos estes gastos totalizaram 14\$000 réis.

Além destas obras realizadas na igreja, no claustro e na cozinha do Reverendo Vigário, nesse triénio são apresentadas igualmente os gastos da sacristia da Igreja, vejamos:



Quadro V

Gastos da sacristia (1693-1696)⁹⁹

| Descrição do gasto | Quantia |
|---|-------------|
| 3 varas de pano de linho, a \$220 réis | \$660 réis |
| De feitio, linhas e fitas para os amitos e concertos | \$240 réis |
| De concertos de duas estolas e três manípulos | \$060 réis |
| De uma corda para a campainha e concerto do missal | \$160 réis |
| De uma manga de cruz nova e concerto de outra | 2\$930 réis |
| De um manual novo e duas galhetas e conserto de outro | \$900 réis |
| Do concerto da cadeia do sino da Igreja | \$060 réis |

Estes gastos com as alfaias litúrgicas, paramentos e missais totalizaram 5\$010 réis.

Para os anos de 1696-1697¹⁰⁰, o fabricante Jerónimo Lopes de Sá apresenta a listagem das obras.

Quadro VI

Artistas que trabalharam na Igreja de São Torcato e dispêndio de materiais construtivos (1696-1697)¹⁰¹

| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|--------------------|-------------|---|-------------------------------------|
| | 9\$000 réis | De concertar 4 cubas, de 4 tampos, arcos e “de concertar outra que foi toda desfeita com a madeira que lhe hera necessária, quasi todos os arcos novos” | |
| | 2\$600 réis | De concertar mais 3 cubas “em que foy huma toda desfeita de arcos e todo o mais, que lhe for necessario” | |
| | \$200 réis | | 2 alqueires de cal para as telhas |
| | \$700 réis | | De colmo para o palheiro do vigário |

99) AMAP., C-739, fl.16v.

100) As contas iniciavam e finalizam no dia de São João.

101) AMAP., C-739, fl.17. As contas iniciavam e finalizam no dia de São João.

| Artista / Artífice | Quantia | Descrição da obra | Dispêndio com materiais |
|--|-------------|---|---|
| | \$140 réis | | “De huma besta quando fui a Sam Torcatto, Sam João de Segade e Aldão” |
| Ao oficial que concertou o palheiro “do que lhe hera necessario” | \$480 réis | | |
| Ao oficial de concertar o telhado de São João de Segade | \$580 réis | | |
| | 1\$500 réis | | Cal para o telhado e Capela de São Joao de Segade, 15 alqueires |
| | \$240 réis | De retelhar a casa do Reverendo Vigário | |
| | \$200 réis | “De rubricar o Vizitador os Livros” | |
| | \$580 réis | | 4 dúzias de ripas, de pregos para a Igreja de São João de Segade |

Todos estes gastos totalizaram 16\$220 réis. Estes gastos referem-se a obras realizadas na Capela de São João de Segade, no palheiro e nas cubas.

No biénio de 1697-1698, foram despendidos 15\$000 réis nas obras da Igreja de São Torcato e por forrar e consertar os telhados das casas do Reverendo Vigário¹⁰². Esta quantia foi dada a um carpinteiro, do qual não é mencionado o nome.

3.2 — Obras de talha na capela-mor (1760-1781)

Atualmente, toda a estrutura retabular da capela-mor da Igreja de São Torcato, é neoclássica¹⁰³. O retábulo anterior terá sido apeado e desmontado, aquando da ampliação da capela-mor, realizada em 1800, pelo mestre pedreiro Custódio Moreira, como veremos de seguida

As referências que encontrámos ao primitivo retábulo referem-se de um modo indireto, quando em 1781, o mestre entalhador vimaranense José António da Cunha, sobrinho de conceituado entalhador António da Cunha Correia Vale, como ele próprio afirma, em 27 de janeiro de 1781, passa um recibo assinado em Guimarães, ao fabricante da mesma igreja. Este recibo referia-se ao conserto do retábulo da Igreja de São Torcato,

102) AMAP., C-739, fl.17v.

103) Por detrás do retábulo-mor encontra-se uma pedra de ara. No altar-mor, encontram-se as imagens de São Torcato e de São Bento.



Fig. 9 – Igreja de São Torcato: capela-mor e retábulo neoclássico (2022)



pela quantia de 12\$000 réis¹⁰⁴. Efetivamente, ocupando mais de metade desse recibo, José António da Cunha apresenta o risco, que publicámos¹⁰⁵. Na parte inferior, encontrámos pela caligrafia do próprio entalhador, o teor do recibo:

Na forma dos apontamentos de meu thio António da Cunha louvado que foi na vistoria do retabollo de Sam Torcato satisfiz a tudo na forma dos mesmos apontamentos e recebi ao fazer deste da mão do Reverendo Senhor Conego Francisco Alves Vellozo fabricante da mesma Igreja doze mil reis que tanto importou a dita obra, lhe passei este de que me dou pago e satisfeito Guimarães 27 de janeiro de 1781.

São 12000

(ASSINADO:;) JOZE ANTONIO DA CUNHA ¹⁰⁶.

No entanto, julgamos que este risco não é da autoria de José António da Cunha, mas do seu tio António da Cunha Correia Vale. Efetivamente, consultando o maço de recibos avulsos da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, encontrámos sequencialmente seguido ao risco e ao recibo, os apontamentos desse conserto assinados por António da Cunha Correia Vale¹⁰⁷. Nesses apontamentos, que o próprio José Antonio da Cunha, afirmava

104) AMAP, C-1274 (documento avulso nº84).

105) Trata-se do único risco de uma obra de talha documentada para Guimarães e seu termo, até ao momento.

106) AMAP, C-1274 (documento avulso nº84).

107) AMAP, C-1274 (documento avulso nº85). Veja-se apêndice documental, doc. nº2.

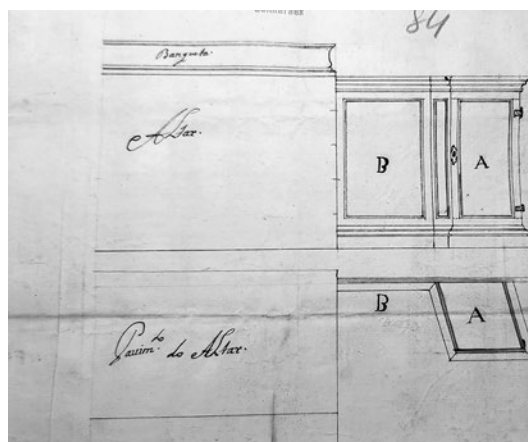


Fig. 10 - Risco da autoria de António da Cunha Correia Vale, 1760
Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, C-1274, documento avulso nº84.

serem de seu tio, é dito no preâmbulo dos mesmos, o seguinte: “Apontamentos do concerto do retabollo da Igreja de Sam Trocato, o qual há de ser feito na forma que se mostra no risco em frente; e da vistoria, e sua determinação feita em 16 de julho de 1760”¹⁰⁸.

Como podemos ver acima, António da Cunha Correia Vale, declara que a obra seria feita na forma do risco “em frente”. De facto, trata-se do risco que apresentámos. Pela comparação da caligrafia dos apontamentos assinados por António da Cunha Correia Vale e pelo risco, nomeadamente as letras “A” e “B”, denotamos que são idênticas. Concluimos, que José António da Cunha terá assinado o recibo, na mesma folha de papel, do risco da autoria de seu tio.

Outra conclusão, que podemos retirar é que o altar-mor intervencionado por José António da Cunha terá sido executado em data muito anterior a 1760.

Pela leitura dos apontamentos elaborados por António da Cunha Correia Vale, na sequência da vistoria realizada ao retábulo-mor da Igreja, denota-se que o retábulo tinha vários problemas de conservação. Vejamos em pormenor:

- A banquetta seria feita de novo na forma da planta /risco;
- Na coluna da parte do Evangelho se lhe faria o plinto de novo, por “estar o que tem, em pedaços, comido do caruncho”;
- Os capiteis das colunas seriam “reformados de novo, fazendo-lhes algumas cabeças que lhe faltão, nas folhas dos mesmo capiteis, como tambem, o mais, de que ellas necessitarem, isto as colunas”¹⁰⁹.

108) AMAP, C-1274 (documento avulso nº85). Publicamos na íntegra em apêndice documental estes apontamentos assinados por António da Cunha Correia Vale (veja-se apêndice documental, doc. nº2).

109) AMAP, C-1274 (documento avulso nº85). Veja-se apêndice documental, doc. nº2.



Em suma foram necessários 21 anos, até que se realizassem obras de manutenção, conservação e restauro de toda esta estrutura retabulística. Além desta intervenção preventiva, os apontamentos e a planta referem a feitura de armários com portas, fechadura e reparamentos, para se guardarem as lanterna e as toalhas para a administração do Sacramento.

Após a intervenção de José António da Cunha, cujo pagamento é realizado a 27 de janeiro de 1781, António José da Costa, mestre pintor, da vila de Guimarães, realiza a respetiva obra de douramento e pintura do retábulo-mor. Através do recibo assinado por António José da Costa, datado de 2 de junho de 1781¹¹⁰, conhecemos a intervenção realizado por este mestre pintor. No recibo é dito que o mestre e os seus oficiais se deslocaram à freguesia de São Torcato, com o intuito de dourarem e pintarem o retábulo do altar-mor, na forma combinada. Segundo o mesmo manuscrito, António José da Costa e seus oficiais, a pedido do Reverendo Cabido douraram o sacrário, a mordente, e retocaram as pinturas do mesmo retábulo. Por esta empreitada, António José da Costa recebeu quatro moedas e meia¹¹¹, pela mão do Reverendo Cónego Pedro Francisco de Leiva, procurador-geral do Reverendo Cabido da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Em suma, nestas duas intervenções, o Cabido da Colegiada desembolsou 33\$600 réis.

Através de uma carta, datada de 1 de junho de 1781, remetida pelo pároco de São Torcato Baltazar dos Reis Alvares Pinheiro, a Francisco Álvares Veloso, cónego fabricante da Igreja de São Torcato¹¹², este dava conta do resultado da intervenção dos mestres António da Cunha e de António José da Costa, no retábulo da mesma igreja. Nesta missiva, o vigário de São Torcato, declarava, que não podendo se deslocar a Guimarães, o faria brevemente para dar mais pormenores sobre a obra da tribuna¹¹³. Entretanto, na carta endereçada ao Cónego da Colegiada, Baltazar Pinheiro afirmava que a obra:

*pelo que respeita a obra da tribuna; esta se acha na melhor forma que puder ser; toda ela foi lavada; e pintada por todos os claros por onde não havia ouro; os painéis limpos e os pedestaes que se puzerão de novo pintados e fingidos de (...) o capitel que se lhe tinha posto, tambem foi dourado de novo; e o sacrário dourado de novo e em alguns claros com suas pinturas; está tudo decente e composto, e conforme pedia a mesma tribuna como tambem encarnou o rosto do Senhor que está na porta do sacrário (...)*¹¹⁴.

110) AMAP, C-1274 (documento avulso nº52). Veja-se apêndice documental, doc. nº4.

111) No final do recibo o total recebido é de 21\$600 réis.

112) AMAP, C-1274 (documento avulso nº54), carta assinada por Baltazar dos Reis Alvares Pinheiro.

113) *Nesta ocasião não posso hir aos seus pés, o que farei brevemente para lhe dar mais larga averiguação pelo que respeita a obra da tribuna*” (AMAP., C-1274, documento avulso nº54).

114) AMAP, C-1274, documento avulso nº54.

Nesta carta expedida para Guimarães, podemos ver o modo como foi feita a intervenção no retábulo-mor. Pela primeira vez, é feita referência aos painéis, que julgamos ser as pinturas sobre madeira existentes no retábulo, bem como à encarnação do rosto do Senhor existente na porta do sacrário.

No Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, no fundo da Colegiada, a respeito do retábulo encontrámos a determinação da vistoria de São Torcato¹¹⁵. Nesta vistoria realizada a 17 de junho de 1760, foram louvados da mesma, a saber: mestre entalhador António da Cunha Correia Vale, de Guimarães; por parte do Cabido e dos fregueses Domingos Francisco Guimarães, lavrador, da freguesia de Gominhães; e o Ministro de Braga Doutor Jerónimo Coelho da Costa Maia. Depois de visto e examinado pelos ditos louvados foi dito:

*A saber fazendo lhe huns padraes lizos, com sua guarniçam de molduras, que recebem os padraes as colunas, e a hum destas como he a da parte da Epistolla, se lhe reformara o capital por estar quebrado, como tambem da parte do Evangelho o plinto, e razo, e ser reparado de mais algumas faltas que tem, retocando de ouro naquelas partes, que lhe falta, como nas maes partes que levam tintas, que fingem mármores; e entendem eles louvados, que fica o retabolo muito capaz, e na sua estimação melhor do que alguns modernos, por estar muito bem executado antigo; e nesta parte ouveram eles louvados por dada a sua determinação na forma que acharam e assim o entendem*¹¹⁶.

Através desta vistoria, temos referência ao estado de conservação do retábulo, ao nível do entalhe e do douramento e pintura. Temos indicação, de que este retábulo possuía policromia fingindo o mármore. Com esta vistoria, os louvados achavam que o retábulo, apesar de apresentar vestígios de má conservação ficaria capaz e melhor do que alguns retábulos modernos. Denote-se a seguinte menção: “estar *muito bem executado antigo*”. Esta intervenção de reabilitação de um retábulo, trata-se da única que temos documentada para Guimarães e seu termo.

Até ao momento, desconhecemos os autores deste retábulo, bem como a data da sua feitura, que seria como vimos, muito anterior a 1760. No entanto, apresentamos a hipótese, de que poderá ser um retábulo-mor dos inícios do século XVII. Efetivamente, na parede da Capela de Santa Catarina encontram-se duas pinturas sobre madeira, de inícios do século XVII, representando São Torcato e São Santiago, aqui colocadas na segunda metade do século XX, que julgámos terem pertencido ao primitivo retábulo da capela-mor desta igreja. Segundo António de Azevedo, estas pinturas foram redescobertas em

115) AMAP, C-1274 (documento avulso nº53). Transcrevemos na integra em apêndice (veja-se apêndice documental, doc. nº3).

116) AMAP, C-1274 (documento avulso nº53). Veja-se apêndice documental, doc. nº3.



1958, pelo padre Guilhermino Arieira, pároco da freguesia de São Torcato¹¹⁷. O mesmo autor vimaranense declara, que estas pinturas estavam a servir de pano de fundo a dois altares laterais¹¹⁸:

cobertos por camadas sucessivas de papel de várias épocas, quando um modesto pintor, encarregado de proceder a obras de pintura e limpeza suspeitou que por baixo destas crostas houvesse qualquer coisa de valor e, cuidadosamente, como nos contou, mandei humedecê-las, e assim escaparam e vieram à luz do dia e da História de Arte (...) ¹¹⁹.

Estas duas pinturas a óleo pertenceriam aos painéis do retábulo da capela-mor, referidos no relato de 1762, que nos dá uma descrição dessa obra de talha:

aquelle antigo retábulo do nosso mosteiro; onde vemos pintados na capella major, como ideado, que dá regras a idea, artefacto, que ilustra a arte no primoroso efeito do pintor, da parte de Epístola a Santiago, e da parte do Evangelho a São Torquato, indicando esta pintura, que o nosso São Torquato foj discipulo de Santiago.

Tem este retabolo hua primorosa pintura de Maria Santissima da qual Senhora tomou este mosteiro o nome de Santa Maria de Riba de Ave, São Salvador, São Torquato, e outros Santos mais; porem sempre preservou o nome de São Torquato, esquecidos os demais (...). Isto vemos tambem no retabolo da capella major da dita Igreja mostrando as duas primorosas pinturas, que foj este S. Torquato discípulo de Santiago, e as outras duas mais abaixo, se devisão São Pedro e São Paulo, quererão dizer que estesa forão os que mandarão o nosso Santo pregas as Hespanhas ¹²⁰.

Pelo exposto no testemunho acima, aferimos que na parte superior do retábulo-mor da Igreja existiam duas pinturas, da parte da Epístola, Santiago e da parte do Evangelho, São Torcato. Na parte inferior das mesmas, duas pinturas de São Pedro e de São Paulo. Existia igualmente uma pintura de Santa Maria. Estes quatro painéis referenciados, seriam como atrás exposto, alvo da intervenção do mestre pintor António José da Costa, que refere "retocar as ditas pinturas do mesmo retabollo" ¹²¹. Na missiva enviada pelo pároco

117) Azevedo, 1962.

118) Trata-se dos altares Nossa Senhora do Rosário e das Chagas.

119) Azevedo, 1962: 9. Segundo António Azevedo medem estas obras: 1,83x0,80 (Azevedo, 1962: 10).

120) Velozo, 1984: 242.

121) AMAP, C-1274 (documento avulso nº52). veja-se apêndice documental, doc. nº4.

de São Torcato, ao fabricante são mencionados uns painéis que foram “limpos”¹²².

António da Cunha Correia Vale, José António da Cunha e António José de Costa são artistas com atividade conhecida, pelo que as suas obras não têm passado despercebidas aos investigadores, pelo que podemos esboçar os seus percursos profissionais e pessoais.

António da Cunha Correia Vale, irmão do entalhador Manuel da Cunha Correia Vale, natural de Delães, radicou-se em Guimarães, onde executou imensas obras. António Correia Vale foi um reputado entalhador, embora tenha igualmente colaborado em obras de pedraria, como seja a frontaria da Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos, de Guimarães, em parceria com o mestre canteiro galego, Vicente José de Carvalho, em 1763¹²³. Anos antes, em 1745, em parceria com o seu irmão Manuel da Cunha Correia Vale executa os dois altares laterais da Igreja do Convento de Santa Rosa de Lima, de Guimarães¹²⁴. Dois anos depois, arremata em parceria com o seu irmão Manuel da Cunha Correia Vale a feitura do retábulo da capela-mor da Igreja do Convento de São Domingos¹²⁵. Em 1750, contrata em parceria com o mestre de obras de pedraria José da Silva Matos morador em Vilar de Frades, a obra de pedraria da Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Guimarães¹²⁶. Em 1759, executa o retábulo-mor da Igreja da Misericórdia de Guimarães¹²⁷. Em 1775, regressa à Igreja da Santa Casa, para em parceria com o mestre entalhador Manuel Fernandes Novais arrematar a caixa dos órgãos de tubos¹²⁸. Em 1781, realiza ainda na igreja da Misericórdia, a feitura dos dois púlpitos e respetivas sanefas¹²⁹. Entre 1772-1775, juntamente com o seu sobrinho José António da Cunha realiza várias empreitadas no retábulo, trono e camarim da igreja da Colegiada de Guimarães¹³⁰.

No que diz respeito ao seu sobrinho, José António da Cunha exerce a sua atividade na Igreja do Convento de Santa Marinha da Costa, executando em 1779, em parceria com o mestre entalhador Manuel Joaquim Proença a caixa do órgão¹³¹; em 1780, um retábulo e em 1784, executa as cadeiras e respetivos espaldares em madeira de castanho do coro alto da igreja, e a estante do coro em pau-preto, segundo o risco de Carlos Luís Ferreira da Cruz, arquiteto, da cidade de Braga¹³². No Convento de Santa Rosa de Lima, executa

122) AMAP, C-1274 (documento avulso nº54), carta assinada por Baltazar dos Reis Alvares Pinheiro.

123) Oliveira, 2012: 18-19.

124) Oliveira; Oliveira, 2002.

125) Oliveira, 2011: vol.2, 36-37.

126) Contrato parcialmente publicado por Oliveira, 2011: vol.2, 222-223. Sobre este contrato notarial veja-se: Oliveira, 2014.

127) Oliveira, 2016.

128) Oliveira, 2016.

129) Oliveira, 2016.

130) Oliveira, 2011a.

131) Oliveira, 2004-2005.

132) Oliveira, 2004-2005.



Fig.11 - Pintura a óleo sobre madeira, São Dâmaso, Capela de Santa Catarina, cerca inícios séc. XVII



Fig.12 - Pintura a óleo sobre madeira, Santiago, Capela de Santa Catarina, cerca inícios séc. XVII

em 1776, a caixa do órgão. Em 1775, é o autor do risco do arco cruzeiro e de uma sanefa da Igreja da Misericórdia¹³³. Em 1782, executa a estrutura retabular da tribuna da capela-mor da Ordem Terceira de São Francisco¹³⁴. Segundo Flávio Gonçalves, desenha o risco do frontispício da Capela da Venerável Ordem Terceira de São Domingos, de Guimarães, no último quartel do século XVIII¹³⁵.

António José da Costa, mestre pintor, em 1786, arremata o douramento do retábulo-

133) Oliveira, 2016.

134) Oliveira, 2014.

135) Gonçalves, 1969: 142.

-mor da Capela da Venerável Ordem Terceira entalhado por José António da Cunha, bem como os dois altares colaterais do mesmo templo¹³⁶.

3.3 — Outras empreitadas (1781-1782)

A 14 de dezembro de 1781, Fabião Monteiro Pereira recebeu do Reverendo Cónego Francisco Alves Veloso, fabricante da Igreja de São Torcato, \$180 réis de uma vara de fita para a chave do sacrário do retábulo-mor da Igreja de São Torcato¹³⁷.

A 2 de dezembro de 1781, encontrámos dois recibos referentes a pequenas intervenções nos sinos deste templo. Num dos recibos, o Reverendo Cónego Francisco Alves Veloso, fabricante da Igreja de São Torcato despendeu \$480 réis, por uma mancal, que se fundiu para o sino da mesma igreja¹³⁸. O outro gasto de \$500 réis, referia-se à obra do sino, especificamente à cadeia, gatas e “ibeio” do sino¹³⁹.

No ano seguinte, José António Teixeira, carpinteiro, colocou uma tranca de ferro na porta da Capela do Corpo Santo, pela quantia de 1\$60 réis¹⁴⁰.

3.3 — Obras de pedraria na capela-mor (1800)

No dia 21 de junho de 1800, na Casa do Cabido da Colegiada de Guimarães, celebrou-se um contrato de obra, entre os Cónegos Prebendados da Colegiada e Custódio Moreira, mestre pedreiro, morador na rua Travessa, da vila de Guimarães, com o objetivo principal de alargar a capela-mor da Igreja de São Torcato¹⁴¹.

Segundo a nota notarial, redigida pelo tabelião Paulo Pereira de Guimarães, a capela-mor seria ampliada, deste modo: “*que crescerá a capela mor da dita sua Igreja para a parte do Nascente nove palmos na sua traseira e na altura crescerá por toda sinco palmos e metendo lhe e ornando se lhe este crécimo sua cornigem em roda.*”

Se observarmos este templo pelo exterior, nomeadamente, na cabeceira, ainda é perfeitamente visível a ampliação da capela-mor.

O mestre comprometia-se no espaço do dito acréscimo fazer de cada parte uma fresta

136) Oliveira, 2014.

137) AMAP, C-1274 (documento avulso nº114). Recibo avulso assinado por Fabião Monteiro Pereira.

138) AMAP, C-1274 (documento avulso nº115).

139) AMAP, C-1274 (documento avulso nº116).

140) AMAP, C-1274 (documento avulso nº117). Recibo assinado por José António Teixeira, datado de 23 de junho de 1782, passado ao Reverendo Cónego Francisco Alves Veloso, fabricante da Igreja de São Torcato.

141) AMAP, C-1007, “*Obrigaçõ de obra de pedraria que fez o mestre pedreiro Custodio Moreira da rua Travessa desta villa*”, nota da Colegiada de Paulo Pereira de Guimarães, Livro n.º 52, fls.114v-116v. Contrato transcrito na integra no apêndice documental (veja-se apêndice documental, doc. nº5).



com 12 palmos de altura e 6 de largo. O pedreiro obrigava-se a fazer os buracos necessários nestas frestas para os chumbadouros das escapulas para as grades de ferro. Na empena da capela-mor, Custódio Moreira, colocaria uma cruz de pedra com suas pirâmides nos pedestais, de cinco palmos de alto. O mestre retiraria o arco inferior da capela-mor e repararia o superior. Simultaneamente, o arrematante rebaixaria o ladrilho da capela-mor um palmo, ficando ao nível do pavimento da sacristia.

Nos apontamentos é dito que o artista colocaria “*o presbitério e altar em lugar suficiente e acomodado conforme o pedir o mesmo acréscimo com os degraus necessários*”. Teria ainda de fazer seis lugares, de cada parte para os confessionários¹⁴². Nas paredes do corpo da igreja abriria duas frestas, uma de cada lado, com mais um palmo de altura e meio de largo das da capela-mor.

O mestre obrigava-se a colocar a porta da entrada para a Capela do Corpo Santo, correspondente à outra porta que vai para o claustro. O arrematante comprometia-se a meter o púlpito¹⁴³ “*mais abaixo também em lugar proporcionado*”.

O encomendador recomendava que o executante desta empreitada fizesse todo este acréscimo e o mais declarado com toda a segurança e regulamento necessário. Seria por conta do mestre pedreiro toda a despesa de matérias e o achegamento de pedra e “*tudo o mais que para a mesma obra necessario for sendo os mesmos materiais compostos com forma a arte e que deles se siga a melhor segurança*”. O Cabido da Colegiada apenas daria para a referida obra a pedra das paredes que dividia o quintal, chamado do Senhor, e a horta do Reverendo Vigário, bem como:

da outra parede e que se lhe segue afixar na parede da sacristia e toda a mais que poder tirar na face do muro que divide o mesmo quintal do Senhor sem ofender a outra face que tapa as cazas que ahi estão encostadas a elle como também alguma fiada de pedra que possa tirar ao menor prejuízo por cima da porta que vai para a horta do Reverendo Vigario donde já se acha principiado a tirar alguma de sorte que com o desmontar da dita pedra senão aruine a face que há edificar (...) parte do claustro que arruinando se o dito mestre pedreiro a segurar.

Toda esta empreitada teria de estar concluída até meados do mês de novembro de 1800. Feita e acabada a obra, seria revista e examinada para se verificar se estava segura

142) Atualmente subsistem apenas três confessionários.

143) O púlpito que, hoje, encontramos em granito, possui nas suas laterais, as seguintes inscrições “607” e “1867”. O púlpito encontra-se adossado à parede lateral da Igreja, junto da porta de acesso ao claustro. O acesso ao mesmo, é feito através de uma porta que conduz a uma escada interior. Sobreposto ao púlpito, encontra-se uma sanefa em talha dourada neoclássica.



Fig.13 – Igreja de São Torcato: exterior da capela-mor, antes de 1924
Muralla-Associação de Guimarães para a Defesa do Património

com bom regulamento desempenho. A empreitada foi arrematada pelo preço de 164\$800 réis, pagos em quatro prestações, a saber: o primeiro no princípio da obra de 46\$660 réis; o segundo de outra igual quantia feita a obra do corpo da Igreja; o terceiro na mesma forma completa e acabada toda a obra de outra igual quantia; e o resto se lhe pagaria depois de vista e examinada. O mestre não dando a obra finda e completa até ao prazo estipulado perderia o resto dos pagamentos.

Para maior segurança do encomendar, Custódio Moreira apresentava como seu fiador e principal pagador Jerónimo Ribeiro, seu sogro, mestre cutileiro, morador na rua de São Domingos, de Guimarães.

Foram testemunhas presentes: o Reverendo Padre José Simões e Castro, sacristão da Igreja da Colegiada, que “assinou a rogo do fiador por lhe pedir e dizer que não sabia ler nem escrever”; e José António da Silva, assistente da anterior testemunha; e Paulo José de Freitas, escrevente do tabelião.

Este contrato de pedraria celebrado por vontade de capítulos de visitantes, iria provocar o apeamento e a destruição do retábulo seiscentista, bem como das pinturas murais medievais existentes por detrás desta estrutura retabulística. Aquando do alargamento da capela-mor, muitas das pedras com pintura mural foram reutilizadas na reconstrução da



capela-mor¹⁴⁴. Quando visitámos este tempo, pudemos reencontrar na parede testeira da capela-mor ao nível da cripta inferior ao piso térreo, algumas pedras com vestígios de pintura mural, possivelmente do século XV, colocadas de forma aleatória, onde se pode ainda observar anjos e a figura de São Torcato, com a sua mitra¹⁴⁵.



Fig. 14 - Igreja de São Torcato, cripta, pintura mural, possivelmente São Torcato



Fig.15 – Igreja de São Torcato, cripta, pintura mural

Aquando deste alargamento da capela-mor, surgem oito caixas relicários, já mencionadas anteriormente por António Carvalho da Costa, em 1709¹⁴⁶. Observemos o auto de abertura datado de 20 de maio de 1802¹⁴⁷, seis meses após o término das obras realizadas por Custódio Moreira:

(...) havendo de fazer hum acrescimo a Cappella mayor desta Igreja tribuna e mais certos se acharam no Altar mayor oito caixas de madeira toscas com reliquias dos dez Martires companheiros de S. Torcato como consta de hum papel, que aqui mesmo se conserva, as quais tem hums escriptozinhos que declaram o nome dos Martires de q.m são; e retornarão a meter no mesmo Altar que se fez de novo.

144) Facto já reforçado por Armindo Cachada, que publica uma fotografia dessas pedras com frescos (Cachada, 1994: 17).

145) Agradecemos ao sr. Joaquim Alberto da Silva Martins, sacristão desta igreja, que nos abriu o templo durante a visita que aí realizamos em junho de 2022. Não podemos deixar também de agradecer à Susana Meneses, ao António José Chaves Fernandes e ao Diogo Santa Maria Sousa de Oliveira, que igualmente nos acompanharam nesta incursão.

146) Costa, 1706, p. 23.

147) Este auto é publicado na íntegra por Barroca, & Real, 1992:142-143.

Segundo o mesmo auto, testemunharam este ato, o Reverendo Padre Manuel Monteiro Viegas, natural da freguesia de São Miguel do Monte, e coadjutor desta freguesia e António Pereira, pedreiro, morador “*ao pé desta mesma igreja e mais povo que estava presente*”.

Estas oito caixas ou lipsanotecas foram redescobertas em 1986, aquando das obras de restauro deste imóvel. Estas caixas-relicários foram minuciosamente estudadas e fotografadas em 1988, por Mário Barroca e por Manuel Luís Real, que as dataram dos séculos X-XIII¹⁴⁸. Destas oito lipsanotecas, a mais antiga datada do século X, que guardaria as relíquias do Santo Lenho, de São Cosme, de São Damião e de São Torcato, esteve exposta ao público aquando da realização da Exposição Guimarães: mil anos a construir Portugal, comissariada por Isabel Maria Fernandes, que decorreu no Museu de Alberto Sampaio, entre 31 de julho de 2000 a 31 de dezembro do mesmo ano¹⁴⁹.

4 — Conclusão

Em suma, todas estas encomendas de pedraria, carpintaria e talha favoreceram a laboração de mestres pedreiros, carpinteiros, entalhadores, douradores e pintores, que exerceram a sua atividade neste imóvel, para onde foram chamados para dar corpo a empreitadas de maior ou menor envergadura, para as quais os prelados reivindicavam qualidade e notoriedade. O espírito empreendedor e a robustez económica da Colegiada, bem como a existência do Corpo Santo, foram os motores para o vasto programa de obras incrementadas.

A Igreja Paroquial de São Torcato é na História de Arte Portuguesa uma referência incontornável ao longo dos séculos X a XIX. Referência pelo número de encomendas, pela contratação de artistas de nomeada e principalmente por aquilo que ainda nos nossos dias podemos admirar.

Um trabalho deste tipo, devido à vasta documentação existente em arquivo, nunca está completamente finalizado. Esperamos que as pesquisas arquivísticas a que continuamos a proceder, permitam que o futuro ofereça novos elementos que possibilitem estudar com mais minúcia a Igreja Paroquial de São Torcato.

148) Deste estudo foi publicado em 1992 um profundo e minucioso artigo científico (Barroca; & Real, 1992).

149) Ao referir-se sobre esta Lipsanoteca moçárabe, afirma Mário Barroca: *A presença de relíquias de S. Torcato, assim como o facto de esta ser a mais decorada de todas as caixas-relicário desta Igreja, é importante. Revela-nos que, dentro do conjunto das oito lipsanotecas medievais aparecidas na Igreja Velha de S. Torcato, esta caixa é o exemplar mais antigo, aquele que foi depositado no Altar durante a cerimónia de Sagração do templo moçárabe, no Séc. X* (Barroca, 2000: 79). Nesta exposição além desta lipsanoteca, estiveram expostas dois frisos e um capitel moçárabe provenientes da Igreja de São Torcato, pertencentes à coleção do Museu de Alberto Sampaio (Barroca, 2000a: 79-80; Barroca, 2000b: 80).

Bibliografia

- ALMEIDA, Eduardo de (1923) – *S. Torcato: Algumas notas dispersas*. “Revista de Guimarães”, vol. 33 (4) Out.-Dez. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 261-327.
- ALMEIDA, Eduardo de (1924) – *S. Torcato: Algumas notas dispersas*. “Revista de Guimarães”, vol. 34 (4) Out.-Dez. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 248-278.
- ALVES, José Maria Gomes (1981) – *Apontamentos para a História do concelho de Guimarães: manuscritos do Abade de Tagilde (notas e comentário)*. “Revista de Guimarães”, vol. 91. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p.119-171.
- AZEVEDO, António (1962) – *O Pintor de São Torcato*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães
- BARROCA, Mário Jorge (2000) – Lipsanoteca moçárabe de S. Torcato, In FERNANDES, Isabel Maria coord. - *Guimarães: mil anos a construir Portugal*. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio/ Câmara Municipal de Guimarães, p. 79.
- BARROCA, Mário Jorge (2000a) – Friso moçárabe da Igreja de S. Torcato, In FERNANDES, Isabel Maria coord. - *Guimarães: mil anos a construir Portugal*. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio/ Câmara Municipal de Guimarães, p. 79-80.
- BARROCA, Mário Jorge (2000b) – Capitel moçárabe da Igreja de S. Torcato, In FERNANDES, Isabel Maria coord. - *Guimarães: mil anos a construir Portugal*. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio/ Câmara Municipal de Guimarães, p. 80.
- BARROCA, Mário Jorge; REAL, Manuel Luís (1992) – *As caixas-relicário de São Torcato: Guimarães (Séculos X-XIII)*. “Arqueologia Medieval”. Vol.1. Porto: Afrontamento; Campo Arqueológico de Mértola, p. 135-168.
- BASTOS, Isabel da Conceição Ribeiro Soares (2011) – *Iconografia de Esposas Místicas na pintura portuguesa. Análise de casos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado de História da Arte Portuguesa.
- BELLINO, Albano (1900) – *Archeologia Christã*. Lisboa: Empresa da História de Portugal.
- CACHADA, Armindo (1994) – *São Torcato: Guia Turístico e Monográfico*. Guimarães: AC-Gabinete de Publicações.
- CAPELA, José Viriato (2003) – *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de Braga de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista*. Braga: Barbosa & Xavier, 2003.
- CARDOSO, Mário (1985) – *Catálogo do Museu de Martins Sarmento: secção de epigrafia latina e de escultura antiga*. 3ª ed. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- COSTA, António Carvalho da (1706) – *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portuga*. Lisboa: Oficina de Valentim da costa Deslandes, Tomo I.
- CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra (1992) – *Memórias ressuscitadas da província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda., vol. 2.
- FARIA, Rui Jerónimo Lopes Mendes de (2008) – *Um olhar sobre os registos paroquiais de São Torcato: Uma Crítica de Fonte*. “Boletim de Trabalhos Históricos”. 2ª Série, vol. 8. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, p. 211-255.
- GONÇALVES, Flávio (1969) – *Um século de arquitectura e talha no Noroeste de Portugal*. “Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto”. Vol.31. Porto: Câmara Municipal do Porto, p.142
- GUIMARÃES, Agostinho (1997) – *Azulejos de Guimarães*. Guimarães: edição do autor. 2ª edição.
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de (1978) – *Guimarães, Terras de Santa Maria*. Guimarães: ed. autor.

- OLIVEIRA, António José de (2004-2005) – *Elementos para a história do Convento da Costa: artistas e obras (1598-1784)*. “Poligrafia”. Vols.11/12. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, p.87-134.
- OLIVEIRA, António José de (2011) – *Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIII*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 vols. Tese de Doutoramento em História de Arte Portuguesa.
- OLIVEIRA, António José de (2011a) – *A obra de talha da Colegiada de Guimarães (1572-1789): subsídios para o seu estudo*. In *A Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: História e Património*. Guimarães: Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, p. 154-169.
- OLIVEIRA, António José de (2012) – *O Convento de Santo António dos Capuchos, de Guimarães: subsídios para o seu estudo*, in SAMPAIO; Maria Rui coord. - *Igreja de Santo António dos Capuchos: Guimarães*. Braga: Instituto de História e Arte Cristãs / Arquidiocese de Braga.
- OLIVEIRA, António José de (2014) – *Obras de pedraria, carpintaria e talha na Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, de Guimarães (1702-1786)*. “Museu”. IV série, vol. 21. Porto: Círculo Dr. José Figueiredo, p. 31-42.
- OLIVEIRA, António José de (2016) – *Artistas e artífices que exerceram a sua atividade na Misericórdia de Guimarães*, In OLIVEIRA; António José de coord.- *500 anos da Misericórdia de Guimarães*. Guimarães: Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 2016, p. 182-185.
- OLIVEIRA, António José de; OLIVEIRA, Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa (2002) – *Mestres pedreiros portuenses em Guimarães (1734-35): sua actividade no convento de Santa Rosa de Lima*, in *I Congresso sobre a Diocese do Porto – Tempos e Lugares de Memória, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Porto/Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão / Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, Vol.1, p. 297-328.
- SANTOS, Manuela de Alcântara (2005) – *Ourivesaria*. In *Roteiro do Museu de Alberto Sampaio*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- SARMENTO, Francisco Martins (1999) – *Antíqua: Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SERRÃO, Vítor (1996) – *As oficinas de Guimarães nos séculos XVI-XVIII e as coleções de pintura do Museu de Alberto Sampaio*. In *A coleção de pintura do Museu de Alberto Sampaio séculos XVI-XVIII*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- SILLOS, Domingos da Soledade (1998) – *Vida preciosa e glorioso martírio de S. Torcato*. São Torcato: Irmandade de São Torcato, 20ª edição.
- VELOZO, Francisco José (1979) – *Um manuscrito sobre São Torcato*. “Boletim de Trabalhos Históricos”. Vol. 30. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, p. 77-144.
- VELOZO, Francisco José (1980) – *Um manuscrito sobre São Torcato*. “Boletim de Trabalhos Históricos”. Vol. 31. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, p. 200-221.
- VELOZO, Francisco José (1981) – *Um manuscrito sobre São Torcato*. “Boletim de Trabalhos Históricos”. Vol. 32. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, p. 159-177.
- VELOZO, Francisco José (1983) – *Um manuscrito sobre São Torcato*. “Boletim de Trabalhos Históricos”. Vol. 34. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, p. 280-296.
- VELOZO, Francisco José (1984) – *Um manuscrito sobre São Torcato*. “Boletim de Trabalhos Históricos”. Vol. 35. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, p. 238-254.
- VELOZO, Francisco José (1985) – *Um manuscrito sobre São Torcato*. “Boletim de Trabalhos Históricos”. Vol. 36. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, p. 270-286.

Apêndice documental

Documento nº 1

1723, julho, 7 – Guimarães.

Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, texto manuscrito de João Lopes de Faria, Velharias da Colegiada de João Lopes de Faria, anos 1896-1897, vol. 6, fls. 143-143v

“São Torcato

Em 27-07-1723 sendo vigário Silvestre Pires da Silva; esta vigararia era in solidum da apresentação do cabido. – “ Igreja: Item primeiramente esta igreja do Bem aventurado São Torcato que é sagrada com sete cruces estampadas nas paredes dela no interior e tem a capella-mor com o sacrário do Santíssimo Sacramento cujos ornamentos pertencem aos moradores e confrades da confraria, o qual sacrário se acha encostado a um retábulo fabricado ao modo romano inda em bom uso, e abaixo da dita capella para a parte do evangelho junto ao arco outro retabulo com uma perfeitíssima imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo redentor Chagas crucificado, e da outra parte, da epístola correspondente a este outro retabulo com a imagem da Virgem Maria Senhora Nossa com a invocação das Candeias, e continua para baixo até as portas principaes entrada d’ela por cima das quaes na parte interior tem seu coro e por baixo d’este a pia baptismal, e por se achar a dita Igreja enleada com mais officinas e não se pode medir pela parte exterior tem pelo interior d’ela de comprido 22 varas e de largo seis. – Item logo pegado ao dito retabulo de Nossa Senhor Jesus Cristo à entrada para uma capella de Santa Catarina da qual se communica pelo vão de um arco para outra capella onde se acha o corpo do bem aventurado São Torcato metido em um tumulo de pedra muito bem levantado da terra e sircundado de grades de ferro, e é a dita capella do corpo do dito santo menos espaçosa do que a da dita bem aventurada Santa Catarina, e por tambem se não poderem medir pelo exterior, tem pelo interior de cumprido nove varas e de largo seis, e a do dito santo que se acha azulejada e pintada com um retábulo com uma imagem do mesmo Santo de vulto, tem de comprido cinco varas e de largo três e meia, e tem para estas capelas místicas outra entrada pelo adro exterior da dita Igreja que fica para o poente e atrás das costas da capella do tumulo do dito santo tem uma casinha onde se recolhe o thezouro da confraria do Santíssimo Sacramento, e defronte d’ela a sacristia de toda esta igreja, e pegada a esta e à dita sacristia um claustro fabricado ao modo antigo que mostra ser antigamente casa de claustraes com suas columnas e cobertos em quadra onde se acham varias campas jazigos e sepulturas de corpos racionaes e tem o vão dele de norte a sul 22 varas e de nascente a poente 21 e meia e deste claustro se comunica a casa da residência dos reverendos vigários enleada com a casa do recolhimento dos frutos da dizimaria que pertence sem contradição ao reverendo cabido abade desta igreja, as quais casas medidas pelas partes exteriores à face da serventia da casa da residência entrando a casa da confraria tem 37 varas e pela face da serventia da casa do recolhimento dos ditos frutos 30. E logo pega o adro cemitério exterior circuitado de parede que tem a nascente e poente 21 varas e de norte a sul 15, e pegado a este tem uma casa alagada e de // (fl.143v) frente desta um torrilhão com 2 sinos e por baixo deles estampado em pedra armas reaes fabricadas ao antigo as quaes ficam sobre uma porta pela qual se entra para o dito claustro no meio do qual tem laranjeiras um cipreste e latas e dele se entra para outra oficina antiga que se acha quasi demolida e para uma horta do dito Reverendo Vigário o qual tem também na estrada pegado de frente da casa da residência três uveiras e uma oliveira e duas velhas no adro, e parte tudo de todas as partes com terras dos casaes do Assento

d'este cabido e estrada e mais serventias da dita Igreja e vizinhança dela. – Bens da sacristia. – Item declarou elle Reverendo Vigario que a fabrica da sacristia e coro pertence a Confraria do Santissimo Sacramento e os bancos da igreja e coberto à porta d'ella pertence aos freguezes e a fabrica da igreja e residência ao Reverendo Cabido como abbade d'ella, e que das sepulturas da igreja se paga cada pessoa de 7 annos para cim assim n'ella como na capella de Santa Catharina 400 reis de covage para o parochio e sendo menor dos 7 annos 200 reis e na capella de São Torcade a esmola é do arbítrio do dito parochio e na forma da posse e estilo observado [...]”.

Documento nº 2

1760, julho, 16 – Guimarães.

A.M.A.P.= Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, C-1274 (documento avulso nº85).

“Apontamento do concerto do retabollo da Igreja de Sam Trocato, o qual há de ser feito na forma que se mostra no risco em frente; e da vistoria, e sua determinação feita a 16 de julho de 1760.

Primeiro, o pedestal .**A.** há de abrir a sua fronteira como porta de almario, de alto a baixo, com suas dobradiças, e fechadura, e abrirá pelas linhas occultas, passadas a pontos.

Tambem este, será na sua altura, repartido pello meyo com seu fundo, pera por bayxo servir, pera se goardarem as lanternas, e no repartimento de sima, as toalhas pera ademenstração do Sacramento; E o mesmo será e da mesma sorte, o da outra parte com advertência, que os caixois que estão por baixo, e existem agora debaixo dos pedrestais que recebem as colunas; Estes se tirarão e se ocupará, e fará na forma que mostrão as letras **B.B.** o lugar donde se tirarem, até topar no altar, como na planta se mostra.

Também se fará de novo a banquetta na forma da planta.

Item a coluna da parte do Evangelho, se lhe fará o plinto de novo, por estar a que tem, em pedaços comido do caruncho.

Item, os capiteis das colunas, serão reformados de novo, fazendo-lhes algumas cabeças que lhe faltão, nas folhas dos mesmos capiteis, como tambem, o mais de que ellas necessitarem, isto as colunas”.

(ASSINADO:) ANTONIO DA CUNHA CORREA VALLE

Será entregue, ao Muito Reverendo Senhor Conigo.

Francisco Alveres Vellozo”.

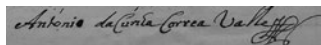


Fig.16 - Assinatura de José António da Cunha Correia Vale
Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
C-1274 documento avulso nº85)

Documento nº 3

1760, junho, 17 – Guimarães.

A.M.A.P., C-1274 (documento avulso nº53).

“Determiniações da vistoria de Sam Trocato a respeito do retabolo.

Logo depois de visto e examinado pelos ditos louvados foi dito que hera.

A saber fazendo lhe huns padraes lizos, com sua guarniçam de molduras, que recebem os padraes as colunas, e a huma destas como he a da parte da Epistola, se lhe reformara o capitel por estar quebrado, como tambem da parte do Evangelho o plinto, e razo, e ser reparado de mais algumas faltas que tem, retocando de ouro naquelas partes, que lhe falta, como no maes partes que levam tintas, que fingem mármores; e entendem eles louvados, que fica o retabolo muito capaz, e na sua estimação melhor do que alguns modernos, por estar todo muito bem executado o antigo; e nesta parte ouveram eles louvados por dada a sua determinação na forma que acharam e assim o entendem.

Foram louvados da dita vistoria feira em 17 de junho de 1760.

António da Cunha Correa Valle, desta villa, por parte do Cabido; e da parte dos freguezes, por ele nomeado Domingos Francisco Guimarães, lavrador, da freguezia de Gominhães e Ministro de Braga o Doutor (...) ¹⁵⁰ Jerónimo Coelho da Costa Maia.

He necessario saber se dos autos em Braga, quem he o escrivam desa pera mandar vir a (...) ¹⁵¹ da opa que se acha (...) ¹⁵² aos autos pera se meter no cartorio”.

Documento nº 4

1781, junho, 2 – Guimarães.

A.M.A.P., C-1274 (documento avulso nº52).

“Digo eu Antonio Joze da Costa mestre pintor desta vila que eu fui a Sam Trocato Igreja do Reverendo Cabido com meus ofeciais dourar e pintar o retabollo do altar mor na forma que se tinha asertado na vistoria que se fez por ordem da Relação de Braga em 17 de junho de 1760 e demais alem do dito mandou o dito Reverendo Cabido dourar o sacrário e foi a mordente, e retocar as ditas pinturas do mesmo retabollo.

O que tudo ajustei com o Senhor Reverendo Conigo fabriqueiro o Senhor Francisco Alvares Vellozo pela coanti de coatro moedas e meia que delle recebi por mão do Senhor Reverendo Conigo Pedro Francisco de Leiva Procurador Geral do mesmo Reverendo Cabido e pera clareza paei o presente em Guimarães 2 de junho de 1781.

150) Palavra de difícil leitura.

151) Palavra de difícil leitura

152) Palavra de difícil leitura

Sam 21\$600 reis

(ASSINADO:) ANTONIO JOZE DA COSTA”

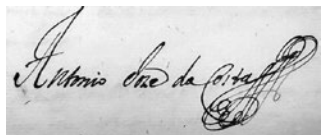
A black and white photograph of a handwritten signature in cursive script. The signature reads 'Antonio Jose da Costa' and is written in dark ink on a light-colored paper background.

Fig.17 - Assinatura de António José da Costa
Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, C-1274 documento avulso nº52

Documento nº 5

1800, julho, 21 – Guimarães.

A.M.A.P., nota da Colegiada de Paulo Pereira de Guimarães, C-1007, Livro n.º 52, fls.114v-116v.

“(fl.114v) Obrigação de obra de pedraria que fez o mestre pedreiro Custodio Moreira da rua Travessa desta villa”.

Em nome de Deos Amem. Saibão quantos este publico instrumento de obrigação de obra de pedraria qual em direito melhor tenha lugar virem como no anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil e oitocentos aos vinte e hum dias do mes de julho do dito anno nesta villa de Guimarães na Insigne Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira na Caza do Illustrissimo Cabido della adonde eu publico tabelião vim e ahi achei em cabido e cabido fazendo para elle chamados e convocados por som de campa tangida os Muito Reverendos Senhores Dignidades e Conegos Prebendados no fim deste publico instrumento asinados e com elles juntamente estava Custodio Moreira mestre pedreiro morador na rua Travessa desta villa pessoa que eu publico tabelião reconheço de que dou fe e ahi em minha presença e das testemunhas ao diante nomeados e asinadas por elles Muito Reverendos Senhores Dignidades e Conegos Prebendados foi dito que elles se achavão juntos e contratados com o dito Custodio Moreira mestre pedreiro de lhe fazer a obra que por vontade de capítulos de vizita determinão fazer na sua igreja de Sam // (fl.115) de Sam Torcato na forma seguinte a saber que crescerá a capela mor da dita sua Igreja para a parte do Nascente nove palmos na sua traseira e na altura crescerá por toda sinco palmos e metendo lhe e ornando se lhe este crêscimo sua cornigem em roda e no espaço do dito acréscimo se meterá e fara de cada parte huma fresta por dentro apilaradas e por fora digo (sic) huma fresta apilarada por dentro somente de doze palmos de altura e seis de largo pedindo o assim os panos? e não o admetendo serão conforme elles o pedirem de forma que fiquem em bom regulamento com obrigação do dito mestre fazer os buracos necessários para os chumbadouros das escapolas para as grades de ferro que as ditas frestas hão de levar isto he sendo ellas medidas em quanto o dito mestre andar na dita obra por que tendo a feita não será delle esta obrigação e sera obrigado o dito mestre a pôr na empena desta obra sua cruz de pedra com suas piramedes nos pedrestais de sinco palmos de alto livres dos mesmos pedrestais pedindo assim o bom regulamento da obra alias as porá a proporção della e tirará todo o arco inferior da capella mor e reparará o superior e rebaixará o ladrilho da mesma hum plamo de sorte que fique em o nivel como da sachristia e por o presbitério e altar em lugar suficiente e acomodado conforme o pedir o mesmo acréscimo com os degraos necessários para o seu regula-

mento com mais obrigação de fazer seis lugares a saber três de cada parte para os confeccionarios a porporção que o pedir e âmbito largura e comprimento para mais no cor digo (sic) e comprimento das paredes do corpo da Igreja e nas mesmas abrirá em sima duas frestas huma de cada parte com mais hum palmo de altura e meio de largo das da capella mor e porá a porta da entrada para a capella do Corpo Santo correspondente a outra porta que vai para o claustro metendo o púlpito mais abaixo tambem em lugar proporcionado fazendo todo o dito acréscimo e o mais asima declarado com toda a segurança e regulamento necessario fazendo por conta do dito mestre pedreiro toda a despeza de materaes achegamento de pedra e tudo o mais que para a mesma obra necessario for sendo os mesmos materiais compostos com forma a arte e que deles se siga a melhor segurança e somente elles Reverendos Senhores do Cabido lhe darão para a mesma obra a pedra das paredes que devida o quintal chamado do Senhor e a orta do Reverendo Vigario e da outra parede e que se lhe segue afixar na parede da sachristia e toda a mais que poder tirar na face do muro que devida o mesmo quintal do Senhor sem ofender a outra face que tapa as cazas que ahi estão encostadas a elle como também alguma fiada de pedra que possa tirar ao menor prejuízo por sima da porta que vai para a orta do Reverendo Vigario donde já se acha principiado a tirar alguma de sorte que com o desmontar da dita pedra senão aruine a face que há edificar (...) ¹⁵³ para a parte do claustro que arruinando se o dito mestre pedreiro a segurar a qual obra o dito mestre pedreiro dará finda completa e acabada athe o meado do mes de novembro do presente anno e feita e acabada será revista e examinada para a ver se está segura com bom regulamento desempenho e conforme asima se declara e isto tudo por preço e quantia de cento sessenta e quatro mil e oitocentos reis paga a dita quantia em quatro pagamentos // (fl.115v) pagamentos a saber o primeiro no principio da obra de quarenta e seis mil e seiscentos e sessenta reis o segundo de outra igual quantia feira a obra do corpo da Igreja e o terceiro na mesma forma completa e acabada toda a obra de outra igual quantia e o resto se lhe pagara depois de vista e examinada ella e em condição que não dando a dita obra finda e completa athe o dito tempo e mais quinze dias que por equidade mais lhe concedem perderá o dito resto e por ser esta a forma de seu ajuste logo por elle dito mestre pedreiro Custodio Moreira foi dito que na dita forma e com todas as dita condições clauzullas penas e obrigações se obrigava a fazer a dita obra pelo dito preço e quantia de cento e sessenta e quatro mil e oitocentos reis paga nos ditos pagamentos athe o dito tempo asima declarado com a dita pena tudo por sua pessoa e bens moveis e de rais havido e por haver e terços de sua alma e que para maior segurança desta obrigação apresentava por seu fiado e por principal pagador a Jeronimo Ribeiro seu sogro mestre cutileiro morador na rua de Sam Domingos desta dita villa que sendo presente e reconhecido de mim tabelião por elle foi dito que muito de sua própria e livre vontade fiava e abonava ao dito seu genro mestre pedreiro Custodio Moreira tanto pelo que respeita ao cumprimento e segurança da obra como em toda a quantia dos pagamentos recebidos pena e prejuízo que se lhe possa seguir que tudo se obrigava pagar e satisfazer por elle dito mestre pedreiro como fiador e principal pagador que por tal se constituía tomava e removia sobre si como couza sua própria por sua pessoa e bens moveis e de raiz havidos e por haver e terços de sua alma dizendo mais o fiador e tomados que pelo dito cumprimento e pagamento poderia o Illustrissimo Cabido o pegar e puxar por qualquer deles pegando de hum largando delle e outra vez pelo deixado por que ainda que qualquer deles aja dado principio de pagamento nem por isso o outro ficará desobrigado em maneira alguma porque ambos se obrigão hum por ambos e ambos por hum e cada hum de per si insolidum e que pelo cumprimento desta responderião no juízo da correição privativa do Illustrissimo Cabido pera

153) Palavra de difícil leitura.

donde disseram se desforvão de juízo e justiça de seu foro e renunciavão as leis privilégios e liberdades que em seu favor façam terças dias de doente e enojados e os des dias da lei concedidos as escrituras publicas que sem embargo de tudo responderião no dito juízo breve e sumariamente athé real cumprimento deste instrumento e assim disseram quizerão outorgarão e aceitarão e requererão este instrumento donde concederão os necessários que deste theor prometerão cumprir que tudo eu tabelião lhes estipulei e aceitei em nome de quem a aceitação mais toque auzente ao que tudo forão testemunhas presentes o Reverendo Padre José Simões e Castro sachristão // (fl.116) sachristão desta Igreja que assinou a rogo do fiador por lhe pedir e dizer que não savia ler nem escrever e José António da Silva com elle assistente e Paulo José de Freitas meu escrevente que todos aqui assinarão lido este a todos por mim Paulo Pereira de Guimarães tabelião que o escrevi e declararão que a cornigem sera conforme a que já há antiga e que quanto a materiaes serão os vãos de veios? de barro e nos leitos e face de cal e saibro na forma da arte determinadas as mesmas dito tabelião o escrevi.

(ASSINADO:) tesoureiro mor Prezidente ANTONIO DE CARVALHO

(ASSINADO:) (...) ¹⁵⁴

(ASSINADO:) ALVIM

(ASSINADO:) COELHO

(ASSINADO:) A rogo e testemunha O PADRE JOZE SIMOENS CASTRO

(ASSINADO:) de fiador + JERONIMO RIBEIRO

(ASSINADO:) JOSE ANTONIO DA SILVA

(ASSINADO:) COSTODIO MOREIRA

(ASSINADO:) PAULO JOSE DE FREITAS

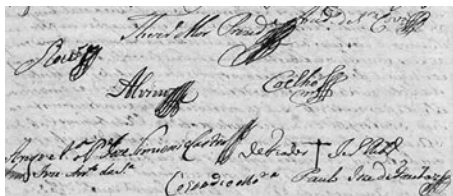
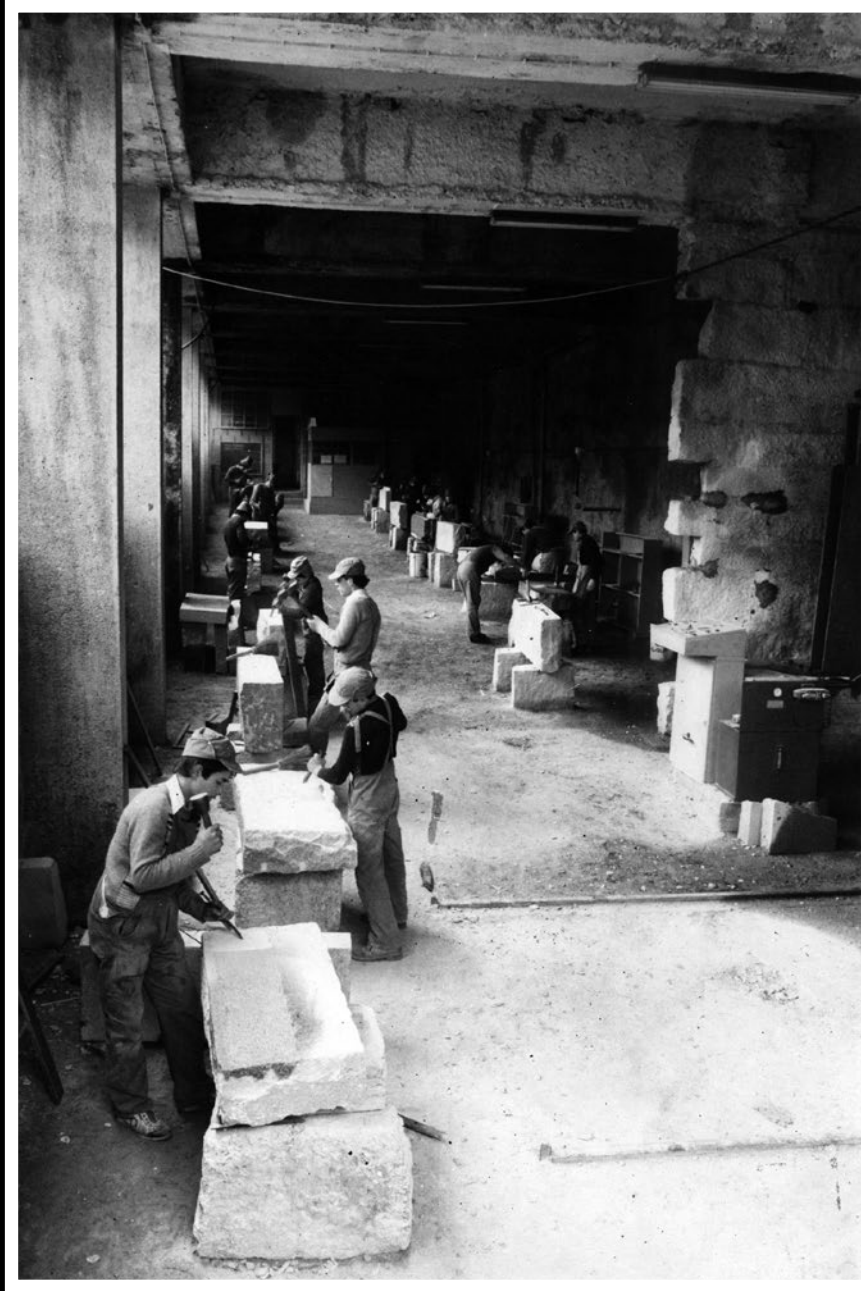
A photograph of a document page showing several handwritten signatures in dark ink. The signatures are written in a cursive style typical of the 19th century. Some of the names are clearly legible, including 'Antonio de Carvalho', 'Alvim', 'Coelho', 'Padre Joze Simoens Castro', 'Jerônimo Ribeiro', 'José Antonio da Silva', 'Costodio Moreira', and 'Paulo José de Freitas'. The document is aged and has some staining.

Fig.18 - Assinaturas dos outorgantes do documento de 21 de julho de 1800 Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, C-1007, fls114v-116v

154) Palavra de difícil leitura.



Arquivo da Irmandade de São Torcato

Património



Vitor Fernandes

A escola de cantaria

Arquiteto

A expansão do culto de São Torcato a partir da criação, em 1806, da Irmandade de São Torcato, sucedânea da confraria seiscentista até então existente, torna necessária a aquisição de um local para a edificação de um templo destinado a acolher o corpo incorrupto do Santo e a ele exclusivamente dedicado.

A obra de construção da atual Basílica inicia-se, em 1871, após deliberação da Mesa da Irmandade que aceita o parecer de Cesário Pinto (então Eng. diretor de projeto da obra da estrada Famalicão-Guimarães), de substituir o projeto da obra de edificação em curso desde 1825 (do qual foi construído a Capela-mor, para onde foi trasladado o corpo de São Torcato em 1852), por se achar “mesquinho e acanhado” e apelar: “faça-se um monumento que nos honre” – um templo que se mostre digno da grandeza do orago de São Torcato.



Para isso é aberto um concurso público internacional, que selecionou o projeto da autoria do arquiteto prussiano Ludwig Bohnstedt. De acordo com o programa de concurso o projeto deveria, entre outras coisas:

- evitar o estilo «grego» ou «romano», (caraterizados por não possuírem torres na frontaria e possuírem na sua generalidade uma grande cúpula central). O Zimbório, entretanto erigido, não segue este requisito do programa de concurso.

Esse projeto, alterado por diversas vezes pelos sucessivos arquitetos diretores da obra nomeados, previa uma obra totalmente construída em granito azul de grão fino, extraída na região, de grande dureza, com ornatos complexos e delicados, que exigiam técnicas de execução apropriadas somente capaz de concretização por mão de obra especializada.

Dizia Alberto Pimentel no jornal «S.Torcato»:

Toda a igreja é de pedra, lavrada com notável perícia por hábeis canteiros minhotos, que não receberam outra educação artística senão a que provem duma aptidão intuitiva.

Essa monumental construção é já por si mesma uma escola de escultores portugueses: cada dia nasce ali um artista, espontaneamente. Chega a ser prodigioso.



Interior da Basílica de São Torcato.
Paulo Pacheco

Se estas circunstâncias criaram uma forte tradição da arte de cantaria na região, constituindo o telheiro de canteiros da Irmandade São Torcato uma oficina de cantaria de qualidade reconhecida, onde várias gerações de canteiros obtiveram a sua aprendizagem, a estagnação e falta de entusiasmo posterior e, finalmente, a suspensão dos trabalhos de construção do mosteiro, verificada na década de setenta, interromperam definitivamente a renovação das últimas gerações de artífices canteiros.

A escassez de mão de obra especializada no trabalho da pedra quente, atrasaram o recomeço dos trabalhos de construção do Mosteiro de São Torcato, tanto mais que a especificidade do projeto inviabilizava a utilização de técnicas ou métodos construtivos contemporâneos onde o uso de máquinas e equipamentos modernos, a pudessem porventura substituir.

É neste panorama de falta de canteiros especializados na técnica do trabalho da pedra com ornato, que surge o protocolo assinado entra a Irmandade de São Torcato e o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), no dia 19 de julho de 1982, que definia as condições de funcionamento e comparticipação financeira do Governo à Escola de Cantaria da Irmandade de São Torcato, entretanto criada.

A escola terá a capacidade de 20 formandos por curso, remunerados mensalmente com um subsídio de formação.

Estes serão pré-selecionados através de testes específicos, elaborados pelo IEFP, em idades compreendidas entre os 15 e 20 anos, que possuam a escolaridade obrigatória, verificando-se as vocações e motivações mesmo a partir do seu curriculum escolar.

A aprendizagem faz-se naturalmente de forma progressiva, primeiramente os alunos aprendem a talhar a pedra e a dar-lhe os diversos aparelhos (acabamentos), seguindo-se o trabalho de ornato (a pedra é esculpida com relevo mais ou menos acentuado).

Os exercícios práticos são elementos de obras em curso, o que permite o contacto com a realidade das construções. Muros, alvenarias para edifícios, pavimentos e acabamento do Mosteiro de São Torcato, os artistas realizam o trabalho de acordo com o projeto da obra e eles próprios aprendem e fazem o assentamento na obra.

Evitam-se assim trabalhos abstratos ou dissimulados, bem como o desperdício de matéria prima, no caso dispendiosa.



Escola de Cantaria de São Torcato - Canteiros em formação prática
Arquivo da Irmandade de São Torcato



— O talho e tratamento da pedra - cantaria

Obra de pedra, à vista, talhada em formas regulares é mais ou menos trabalhada ou lavrada para efeitos estruturantes ou decorativos – para simples paredes, para socos, pilastras, mísulas cornijas ou cimalthas, para balaústres e degraus e ombreiras, simples ou complexos elementos ornamentais.

O acabamento das superfícies pode ter vários aspetos – aparelhos – depende das sucessivas operações por que passam as pedras, desde a sua extração até à colocação na obra. O interesse é maior se a pedra ficar à vista, como na enxilharia, na cantaria e nas pedras ornamentais.

A pedra depois de desmontada ou extraída da pedreira sofre o primeiro desbaste, operação a que se dá o nome de escassilhar, que é feito com o auxílio da marreta, dos escopos e ponteiros percutidos pela maceta.

Entra-se depois na fase dos acabamentos, indo do rústico, em que a pedra é grosseiramente desbastada, até à superfície plana picotada, riscada ou mesmo lisa. Utilizam-se para isso ferramentas apropriadas, desde o picão, grosso ou fino, até à bujarda, à picola, à escoda e aos escopros. Daqui, e conforme o acabamento o dizer-se que as pedras ficam com o aparelho “a picão”, grosso ou fino, à “bujarda” ou “bujardado”, “penteado” se for feito à escoda.

Por vezes, por motivos de ordem construtiva ou simples aspeto, o contorno da pedra é feito com uma faixa lisa que se chama o “golpe de aresta”, e que é feito com os escopros, de que há uma diversidade com designações próprias, como sejam o cinzel, as goivas, os badames, etc.

Se se pretender uma face mais lisa, a pedra é depois sujeita a um acabamento mais perfeito, com o auxílio dos rebotes e da pedra de brunir. É o aparelho brunido. Seguir-se-á o polimento feito com o auxílio dos abrasivos.

Mas até as simples pedras irregulares empregadas nas alvenarias têm de sofrer o aparelho, não só no desbaste ou escassilhar, para remover as maiores irregularidades, mas também na preparação do leito de assentamento ou preparação das faces exteriores.

O aparelho das pedras remonta aos tempos imemoráveis e acompanha o desenvolvimento da técnica.

Das civilizações antigas vieram-nos as construções maciças dos egípcios, obras monumentais de templos ou de sarcófagos com exclusivo emprego da pedra no próprio lugar da jazida ou trazidos de pedreiras afastadas em grandes blocos de onde eram extraídos e com um aparelho rudimentar.

Já os Gregos, aproveitando os calcários, deixaram-nos obras brilhantes. Atingiu, no entanto, já maior desenvolvimento a arte de trabalhar ou de aparelhar as pedras, bem patente na preciosidade dos grandes estilos.



Mas é com os romanos, apesar de dominarem já a técnica da construção em tijolo, que o emprego da pedra se estende a todos os géneros de construção, desde as monumentais às simples construções de edifícios, de obras de arte em estradas, aquedutos, etc.

Desenvolve-se então o emprego das alvenarias, nas quais as pedras eram colocadas ou dispostas de maneiras apropriadas, que ainda hoje se repetem.

Se as pedras eram de forma regular colocadas à fiada, em forma de losango, ou ainda em espinha, tinham técnicas especiais de colocação, que dependia da caracterização das obras, obtendo efeitos diversificados, conforme fosse desejo do artista.

— **Organização tradicional do trabalho**

Atendendo a que a vigilância técnica se faz mais facilmente e se evitam transportes, não só prejudiciais sob o ponto de vista económico, mas ainda à boa conservação das arestas da cantaria, é preferível, sempre que as dimensões do terreno permitam, localizar neste as seguintes dependências oficinais, distribuídas por um ou mais edifícios, maiores ou menores, segundo a importância da empresa:

- o escritório, onde o mestre executa orçamentos e pormenores desenhados – ou tem para esse fim um desenhador –, faz o contrato e pagamento do pessoal e tem conferências com os outros colegas ou com os construtores, que lhe encomendam a cantaria;
- a oficina de desenho ou “atelier” onde, nas grandes empresas, desenhadores e modeladores executam, respetivamente, desenhos de pormenor e modelos em chapa ou em gesso;
- a oficina do canteiro, onde se executa a lavra da pedra e que quando se apresenta sob a forma de alpendre com a frente constituída por pilares suportando uma cobertura de uma água – como acontece nas empresas modestas – se designa por telheiro;
- a casa do risco, onde, sobre o seu pavimento plano de pedra serrada, se traçam as grandes e complicados trechos arquitetónicos, para melhor estudo da concordância de molduras e corte de pedras, sobretudo nas formas poligonais ou circulares;
- o grande eirado, onde a cantaria – depois de betumada e submetida aos indispensáveis repasses para que as linhas e juntas das pedras contíguas concordem – é colocada num cais anexo para se carregarem em veículos transportadores;
- a casa da ferramenta, onde se guarda a ferramenta pertencente à empresa;



Museu da Irmandade de São Torcato
Paulo Pacheco
Museu da Irmandade de São Torcato

— A Escola de Cantaria de São Torcato

Efetivamente, o primeiro curso da escola teria início no dia 3 de janeiro de 1983. Funcionava com vinte e um alunos/formandos, orientados por dois Mestres de cantaria e um Diretor Arquiteto, após preparação técnico-pedagógica promovida pela Secretaria de Estado e do Emprego.

Para o efeito, foi fechado e remodelado o espaço coberto denominado dos Catorze Irmãos (recinto coberto e aberto, inicialmente destinado a abrigar romeiros do São Torcato por altura dos eventos festivos), localizado na parte lateral poente da Basílica de São Torcato, o qual foi remodelado e dotado de instalações modernas apropriadas, orçadas em 9 267 218\$00 o que incluía, uma sala de aula teórica, zona de convívio/cantina e dormitório, instalações sanitárias e balneares, e uma sala de formação prática equipada máquina fixa de corte de pedra para disco com diâmetro de 1,5 metros.

A Escola de Cantaria foi ainda dotada de materiais de estudo e de trabalho adequados, de equipamentos e maquinismos modernos ligeiros, de corte e trabalho do granito.



Com este primeiro curso foram gastos cerca de 6 690 975\$00 mensais, assim distribuídos:

- Remunerações a 21 estagiários (incluindo caixa de previdência e fundo de desemprego) – 4 970 975\$00
- Outras despesas (água e luz, reposição de materiais de desgaste e aguços de ferramenta) – 1 720 000\$00.

Com data de 27 de Setembro 1983, nove meses passados do início do curso é apresentado pela equipa formadora responsável um relatório que, sobre a situação do curso, referia que:

uma seleção de candidatos com grande heterogeneidade de idades, níveis culturais diversificados (em alguns casos muito abaixo do nível mínimo aceitável) devido ao insuficiente número de candidatos para a seleção, dificultou a tarefa pedagógica dos monitores agravada pela inexistência de experiências e modelos orientadores, levando a um contínuo trabalho de programação com inerentes prejuízos na lecionação das aulas teóricas e práticas... apesar do prestimoso apoio do I E F P com a presença assídua de um técnico de formação profissional que tanto contribuiu para um desenvolvimento mais eficaz da ação formativa.

Esse relatório propõe a estruturação do curso de canteiros em duas fases:

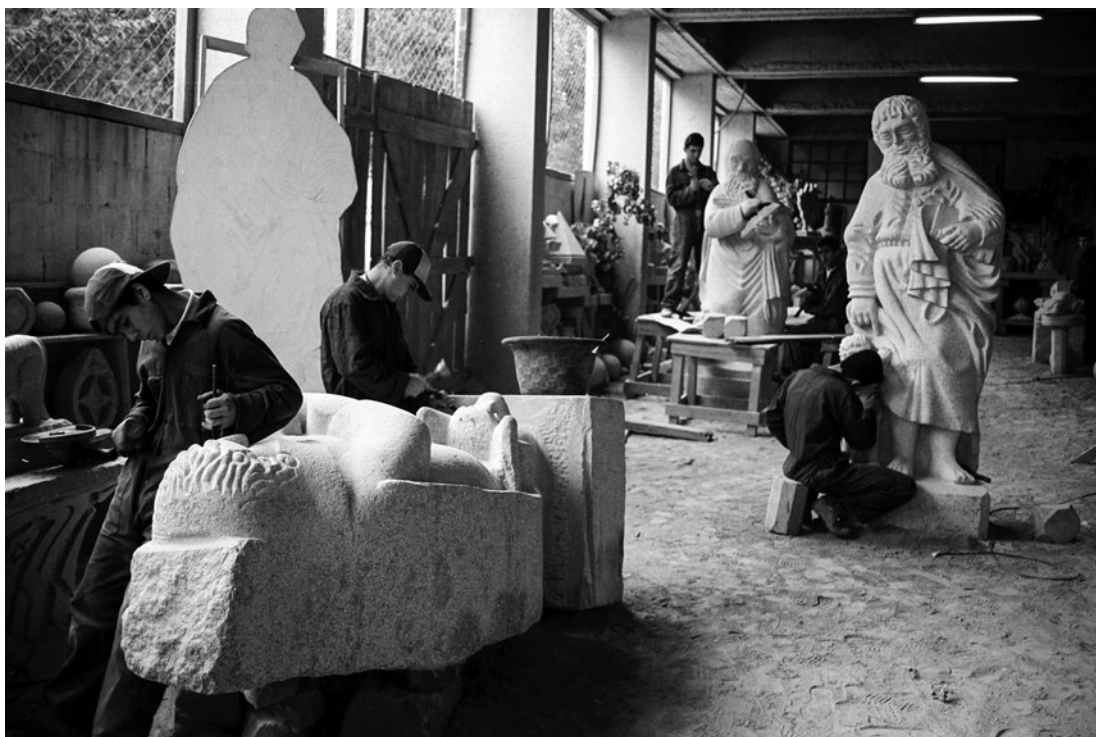
- Curso Geral de Canteiros com a duração de 12 meses, incluindo um mês de pré-formação – é nesta fase que sairão os estagiários para o mercado de emprego corrente, mais solicitado, formados profissionalmente para satisfazer essa tarefa; para esta fase deverá ser reduzido de 20 para 15 o número mínimo de estagiários.

- Curso Complementar de especialização no ornato, com a duração de 12 meses, aberta exclusivamente para estagiários que, pelo seu aproveitamento e vocação, reuniam condições de uma maior capacitação profissional, sendo o número de estagiários variável, conforme o aproveitamento dos estagiários do Curso Geral.

Os trabalhos nesta fase incidiriam numa maior formação artística e criativa do estagiário.

Foi desta fase que saíram canteiros que ingressaram nos quadros da Irmandade para prosseguir a obra da Basílica.

O IIEFP concorda com as alterações propostas no relatório e releva “a segurança do emprego oferecido pela Irmandade de S. Torcato àqueles que desenvolvem as capacidades artística e criativa, no referido curso complementar, para continuarem as grandiosas obras projetadas para o Mosteiro.”



Escola de cantaria
Paulo Pacheco

A parte teórica representa cerca de 30% do tempo do curso e são-lhes ministradas áreas que complementam a sua formação, permitindo-lhes qualificação e polivalência em todos os ramos da atividade, com as seguintes áreas de estudo/disciplinas:

História da Cantaria

Espalhadas de norte a sul de Portugal, as obras de cantaria, matéria enriquecida pela mão do artista, são documentos de modos de ver e sentir os homens e as coisas, de formas de estar no mundo. Herança dos nossos antepassados, elas constituem ainda, e sobretudo as raízes da nossa civilização, da nossa personalidade coletiva. E sabemos que nenhum povo sobrevive sem a consciência da sua cultura própria. Desde que os homens conseguiram romper o isolamento que os continha em pequenas áreas, os aperfeiçoamentos técnicos e as inovações formais da Arquitetura alastraram por todo o lado, acompanhando a expansão territorial de certos povos, das doutrinas religiosas e do intercâmbio económico e cultural.



Os estilos artísticos resultam das civilizações a que correspondem e são geralmente condicionados pelo grau de desenvolvimento cultural e técnico, que as mesmas atingem e pelos materiais disponíveis nas regiões, onde se desenvolvem.

A par da renovação e da expansão que essas feições eruditas conhecem, outras existem que se mantêm através dos tempos, não menos importantes, que são as da arquitetura popular.

Expressar o conjunto de características técnicas e artísticas das obras de arte, é o objeto desta área:

- projeção de slides
- visitas exteriores

Desenho e Geometria

O desenho é dos mais eficientes instrumentos de investigação na criação de formas e do espaço e na comunicação.

É sabido que algumas linhas convenientemente desenhadas numa folha de papel dar-nos-ão mais indicações sobre a forma de um objeto do que a mais minuciosa e clara exposição escrita. Os técnicos e os canteiros comunicam entre si, reciprocamente, através do desenho.

Por outro lado, o canteiro tem necessidade de conhecer a geometria para poder construir os moldes em chapa e concretizar o seu trabalho de dar forma regular às pedras.

Desenvolvimento do assunto:

- Aulas teóricas
- Aula teórico-prática (desenho e moldagem)

Geologia

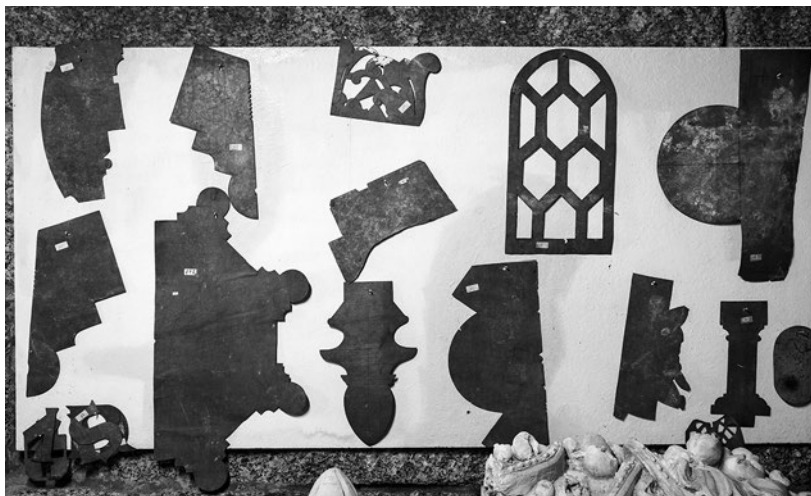
As rochas graníticas, os mármore, os calcários e as ardósias, são os minerais mais usados como materiais de construção e que mais predominam no subsolo português.

Conhecer a sua distribuição no solo, as suas características, as suas variedades, e tomar contato com cada um deles, completa a formação e experiência do artista.

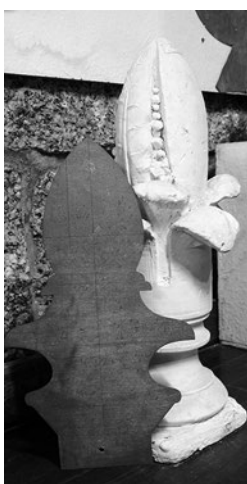
O granito será o material privilegiado. Quase exclusiva no subsolo onde a escola se implanta, será objeto de estudo mais profundo, quanto à sua constituição, fatores que influem na qualidade e aspeto decorativo e a sua extração nas pedreiras.

Desenvolvimento do assunto:

- Aulas teóricas
- Análise prática dos minerais



Moldes em chapa e modelo em gesso para friso
Paulo Pacheco
Museu da Irmandade de São Torcato



Modelo em gesso de onde se construiu modelo em chapa
Paulo Pacheco
Museu da Irmandade de São Torcato



Pedra esculpida com a ajuda do modelo em chapa
Paulo Pacheco
Museu da Irmandade de São Torcato



- Exposição de variedades e sua classificação
- Visita a uma pedreira (desmonte de blocos)

Exemplo de um exercício prático (para formandos do segundo ano de formação).

Ex. nº 6

TÍTULO - FUSTE

Trabalho de Equipa
(2 Est/Peça)

FASES DE EXECUÇÃO

1ª Parte

- Verificar as medidas da pedra em grosso, compassando-as com as do desenho
- Colocar a pedra na máquina de serrar, com o comprimento paralelo ao disco; (galgada por uma das faces que vai ser serrada.
- Executar a 1ª fase de forma a tirar uma placa de espessura mínima aproveitável ~2 cm, tendo em conta a cota de 35,5.
- Rodar a pedra 90º (face cortada para cima) e de forma que o comprimento fique perpendicular ao disco através de um traço central.
- Nivelar a face de cima compensando a conicidade.
- Cortar o topo a limpar.
- Cortar o 2º topo à medida.
- Rodar a pedra 90º de forma que o comprimento desta fique paralela ao disco.
- Nivelar a pedra.
- Traçar com o riscote a face nas dimensões (18 para cada lado do traço central, num dos topos e 15 para cada lado no outro
- Galgar a pedra, através do traço, (paralelo ao disco)
- Executar o 1º corte pela traçagem.
- Repetir a operação para o 2º corte, verificando as dimensões.

- Rodar a pedra à feição de cortar a outra face (4º)
- Nivelar a face no sentido transversal, galgando-a de forma a obter as dimensões 29,5 e 35,5 em relação à face oposta já serrada.

II PARTE

- Montar a pedra nas tamancas.
- Marcar os furos nos topos, centrados.
- Executar a traçagem das circunferências nos topos.
- Marcar 4 raios desfasados de 90º nos topos **EX GALGADOS**
- Marcar 4 gerotrises partindo dos raios.
- Furar com broca manual na extensão de 12 cm e ϕ 3 cm

III PARTE

- Suspender a pedra em ferros introduzidos nos furos dos topos, nas tamancas.
- Preparar escantilhões de 1/4 de circunferência para os raios de 14,75 - 16,25 e 17,75.
- Escacilhar os topos e pontear "PELA TRAÇAGEM" numa extensão de

- 5 cm e 1/4 do arco de circunferência, deixando material para acabamento cerca de 0,5 cm.
- Desbastar um tento ao meio e acertá-lo pelos topos.
- Repetir esta operação nos outros quadrantes.
- Desbastar uma tirada de um quadrante até ao meio e do meio para o outro extremo. Deixar cerca de 1 cm para acabamento.
- Executar a mesma operação nos outros 3 quadrantes.
- Acertar todos os tentos na medida exacta (a palhete)
- Picar um quadrante até ao meio e do meio ao outro extremo deixando cerca de 4 mm para acabamento, verificar com a régua e alinhamento.
- Executar esta operação nos outros 3 quadrantes.
- Lavar pedra quadrante por quadrante, verificando cotas (raios) e alinhamentos.

MATERIAL DE CONSUMO:

- 4 pedras com 200 x 40 x 40
- 8 Ferros β 3 x 35
- 0,5 m² de chapa de zinco (60 x 60 cm)

FERRAMENTAS E UTENSÍLIOS:

- Disco de corte de diamante ϕ 150
- Alavancas
- Nível
- Metro (Duplo)
- Régua
- Esquadros
- Compasso de bicos
- Marcadores de traçagem
- Broca de β 3 x 30
- Marreta

- Maceta
- Ponteiros
- Escopro
- Palhetes
- Emeriz
- Vassoura
- Picola
- Picão
- Escacilhador
- Rebarbador
- M6 taça nº 20 C

TECNOLOGIA:

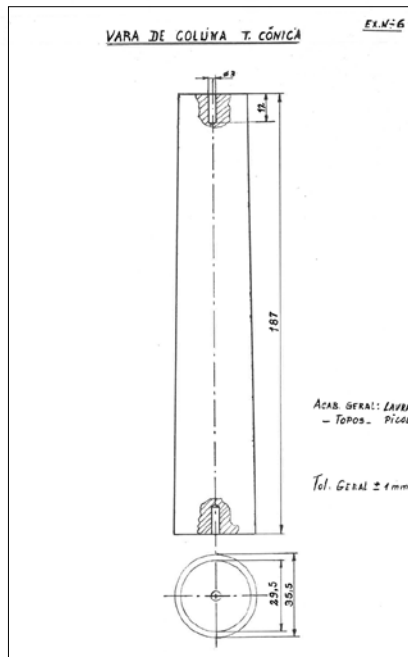
- Da broca manual
- Do rebarbador
- da M6 taça
- Da máquina de serrar

CÁLCULO:

- Conicidade (Noção)
- Geratrizes
- Velocidade de corte (N.T.)

HIGIENE E SEGURANÇA:

- Perigos no uso do rebarbador
- Cuidados a ter com as M6
- O broqueamento Manual





Ferramentas a utilizar

FERRAMENTAS DE LAVRA DE PEDRA DURA



Picole Liso



Picole de dentes



Escoda de dentes



Escoda Liso



Bujarda plana



Bujarda convexa



FERRAMENTAS DE DESBASTE E SEPARAÇÃO



Carrado



Pico



Escachimaria



Machete



Picadeira



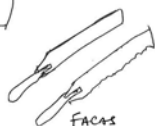
Cunha



Carrado



Gadinho



Facas



Fleete



Escopio de Desbaste



Poncho



Escopio de Afinita

CINTEIS

(Ponchos e Escopios)



Cinzeis

Estruturada desta maneira, a Escola de Cantaria de São Torcato formou os canteiros especializados na arte do ornato em pedra necessários ao prosseguimento e conclusão das obras do Mosteiro, artífices capazes de executar os delicados rendilhados que podemos observar sobretudo no seu interior e de que nos dá notícia Fialho de Almeida em «Estancias d'Arte e Saudade»:

Internamente, a basílica impressiona melhor do que por fora, pois apesar do aspeto pesado, a profusão dos altos relevos decorativos dá um donaire d'elegancia, marca da amorosa paciência que o canteiro português põe nos trabalhos de pedra que lhe entregam. Aos entendidos recomendo as fachas d'alto relevo que vestem no cruzeiro alguns pannos oblongos de muralha; representam varas de cepa, enroladas de gavinhas e inteiramente cobertas de uvas e de parras. Toda a basílica é de granito grão fino, d'um aristocratico tom de cinza claro.

A escola é um centro de aprendizagem contínua e colabora com as empresas da especialidade, na atualização e conhecimentos a ministrar.

As gerações de mestres e artífices que formou, são agora artistas do trabalho da pedra com capacidades e conhecimentos técnicos e teóricos bem mais abrangentes, não só no apuro da técnica inerente à prática da cantaria, mas também aquisição de noções e conhecimentos na área da geometria, aritmética e, de forma didática simplificada, do panorama da história da arquitetura e seus principais movimentos e estilos consagrados que surgiram ao



Interior da Basílica.
Pormenor de friso
Paulo Pacheco



longo dos tempos – desde os estilos Clássicos, ao movimento contemporâneo, adquirindo conceitos como o arco em ogiva, abóbada, arco quebrado, zimbório, cúpula, etc.

A formação ministrada pela escola, pelos saberes amplos que oferece, contribuiu muito significativamente para o prestígio da profissão de canteiro, antes muito desqualificada, tornando-a agora mais atrativa pelo encanto e fascínio que oferece.

Esta valorização profissional especializada, conferiu à Escola de Cantaria reputação nacional, concedendo créditos acrescidos aos formandos por ela certificados. Desde cedo, entidades públicas e privadas endereçavam à Escola de Cantaria de São Torcato pedidos de admissão de Canteiros, com especial relevo para empresas de construção civil responsáveis pelas obras de recuperação de igrejas e monumentos danificados pelo sismo de 1980, nos Açores.

A Escola de Cantaria fechou no ano de 1995, essencialmente pela falta de candidatos a formandos, a quem era atribuído um subsídio mensal de formação, já que o início de um novo curso obrigava a um número mínimo de 15 formandos.

Deixou, contudo, uma equipa de profissionais de cantaria especializada que a Irmandade de São Torcato integrou nos seus quadros. Foram os responsáveis pelo final dos trabalhos de construção do Mosteiro, concluído no ano de 2001 com a simbólica imposição do enorme zimbório, ao estilo clássico (Grego/Romano) sobre o transepto, iniciado em 1825, 176 anos depois, pondo fim ao dizer popular “...tal como as obras de S. Torcato”, quando alguém ironicamente se queria referir à demora de qualquer obra de construção civil.

Com ela, foi reabilitada uma profissão de técnica tradicional, com métodos artesanais, que na região já escasseava, constituindo-se oficinas de escultura em pedra e produção artística em atelier em espaço coberto ou ao ar livre, que podem ser usadas por artista experientes ou em formação em regime de residência artística ou de aprendizagem e experimentação, com partilha de conhecimento. Um bom exemplo dessa partilha é o trabalho de criação das esculturas que compõem o monumento evocativo da batalha de São Mamede, no Campo da Ataca, da autoria do arquiteto Augusto Vasconcelos. Foi um trabalho realizado no telheiro da Irmandade de São Torcato, promovendo a mútua transmissão de conhecimentos entre o autor e os diferentes profissionais residentes. É ainda conhecido o trabalho de escultura artesanal em pedra de empresas / oficinas representadas nas principais feiras de artesanato realizadas na região.



Campo da Ataca

Também fábricas de tratamento do granito, mármore de calcário, foram fundadas por formandos da escola de Cantaria, em São Lourenço de Selho e Atães, a empresa José Castro Silva & Irmão Lda, na zona industrial Chão da Mata, em Selho São Lourenço e a empresa Artecanter – Indústria Criativa Lda, na Rua 1º de Maio em Atães, que se dedicam à indústria de transformação da pedra em cantaria, escultura e ornamentações, entre outras. São estas empresas, entre outras, que salvaguardam as necessidades atuais do trabalho em pedra na região, demonstrando-se fundamentais em programas de restauro do edificado com valores patrimoniais reconhecidos, e que podem ser visitadas e constatada a excelente qualidade e sucesso económico da sua atividade.

Aqui mantém-se a prática tradicional de lavar a pedra em formas geométricas ou figurativas, usando as ferramentas tradicionais de pico e da maceta, a bujarda ou o cinzel



Filipe Leite
Os Fredericos

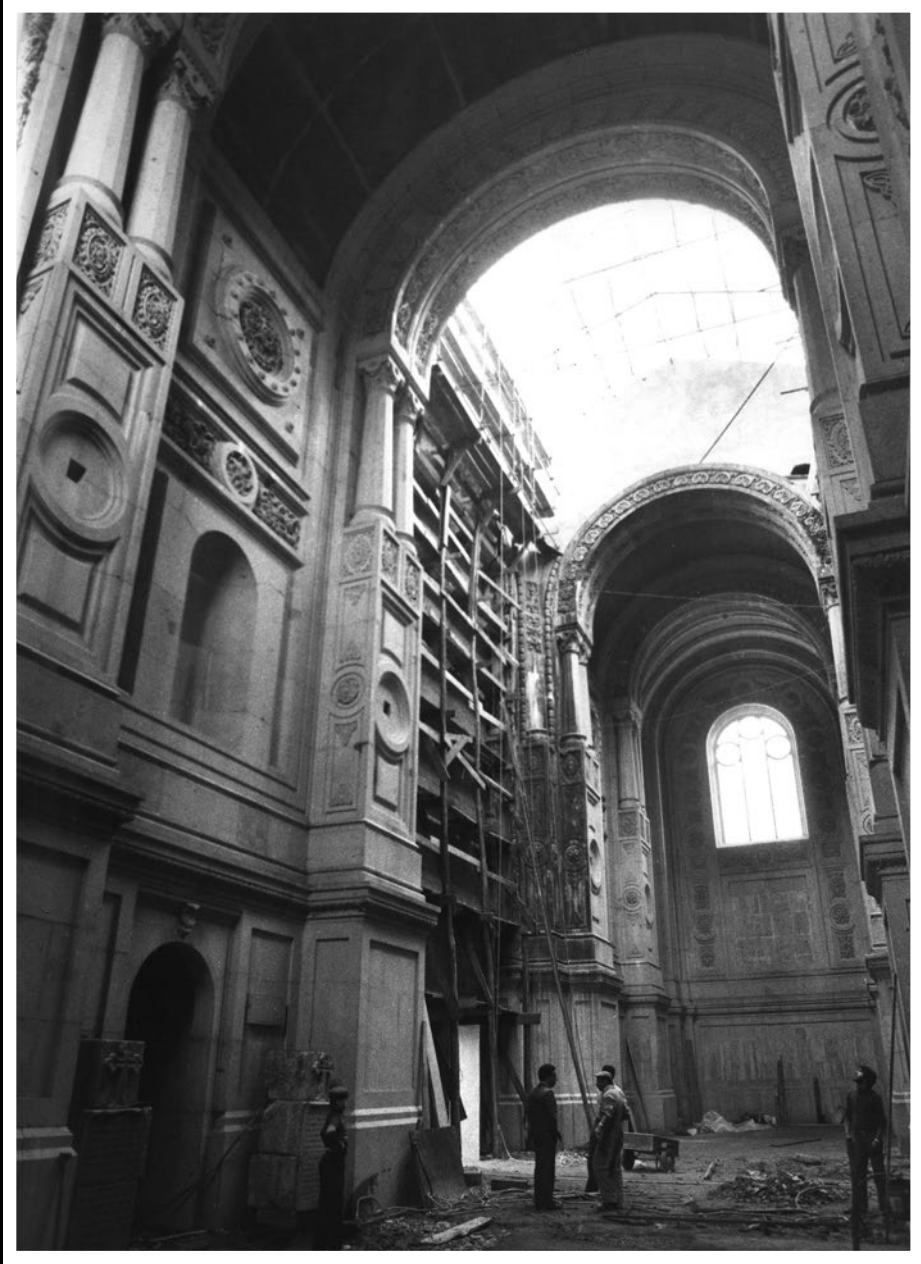
fazendo cumprir o risco delineado, conforme aprendido na escola de cantaria de São Torcato. Nestas oficinas e fábricas, pelo menos por agora está garantida a continuidade da aprendizagem, já que nelas são admitidos aprendizes a quem os 'Mestres' transmitem os conhecimentos e trabalho técnico até se transformarem também eles em novos mestres, e também eles puderem com autoridade assinar em cada uma das pedras esculpidas a sua "marca de canteiro".

A Basílica de São Torcato,

“É uma obra de notável recorte artístico, que impressiona sobretudo pela delicadeza e perfeição do ornato, esculpido em granito fino, cor de cinza, arrancado às pedreiras de Gonça.”

Armando Cachada «Guia Turístico e Monográfico

À sua volta 'desenrolou-se, ao longo dos séculos, toda a vida da aldeia, criaram-se tradições, hábitos e costumes, muitos dos quais ainda hoje permanecem ou foram objeto de recuperação cultural'.



Arquivo da Irmandade de São Torcato



João Luís
Marques

Arquitecto
—
Fundação Marques da
Silva
Universidade do Porto

SIT 1867, a arquitectura (des)conhecida de Ludwig Bohnstedt

— Resumo

Procura o presente contributo dar continuidade ao trabalho: “São Torcato, a construção de um santuário: Leitura do projecto a partir do espólio de Marques da Silva”, apresentado em 2019 e publicado em 2021. A investigação então realizada permitiu reconhecer a importância desta obra no percurso do arquitecto portuense ao mesmo tempo que revelou a singularidade do contexto da produção arquitectónica portuguesa dos séculos XIX e XX, identificando uma curiosa teia de relações além-fronteiras que marcariam a história da construção do santuário. A investigação em torno de fontes documentais, parcialmente já exploradas por Regina Anacleto e António Cardoso, conduzem agora a outras novas, de espectro geográfico,



temporal e disciplinar mais alargado, que densificam e confirmam a relevância desta obra ‘esquecida’ na história da arquitectura portuguesa. Elege-se como o objecto central história(s) em torno da proposta SIT 1867 apresentada por Ludwig Bohnstedt para São Torcato, um (des)conhecido arquitecto natural de São Petersburgo que venceu um pioneiro concurso internacional de arquitectura realizado em Portugal.

— A crítica à obra iniciada na primeira metade do século XIX

“Falando com franqueza e sem reбуço, devemos confessar que a architectura em Portugal tem sido summamente rutineira, falha de ideias e de bom gosto. A não ser o Convento da Batalha e Igreja dos Jerónimos em Belém – infelizmente incompletos –, não temos um unico monumento religioso digno de admiração, tudo é pesado, sem elegancia, sem cunho característico nem de estylo nem de nacionalidade, e só nos podemos jactar, de termos gasto milhares de contos, em centenares de Igrejas que apenas pelas suas torres e cruzeiros, se distinguem dos armazéns de vinhos de Villa Nova, ou das tercenas do trigo de Lisbôa.”¹

Foram estas as palavras escolhidas por Cesário Augusto Pinto (*Lisboa, 1825; †Guimarães, 1896) para enquadrar a crítica ao projecto do Santuário de São Torcato na carta dirigida àquela irmandade, no início de 1866. Ali expressava a sua leitura do estado da arquitectura portuguesa, convocando temas então actuais em torno do restauro de monumentos, dos estilos e do nacionalismo. Com pouco mais de 40 anos, o autor, descendente de famílias nobres vimaranenses, formado na sua juventude em Bruxelas e regressado a Portugal ao serviço da engenharia e da construção de estradas, tecia uma severa crítica à obra em curso.

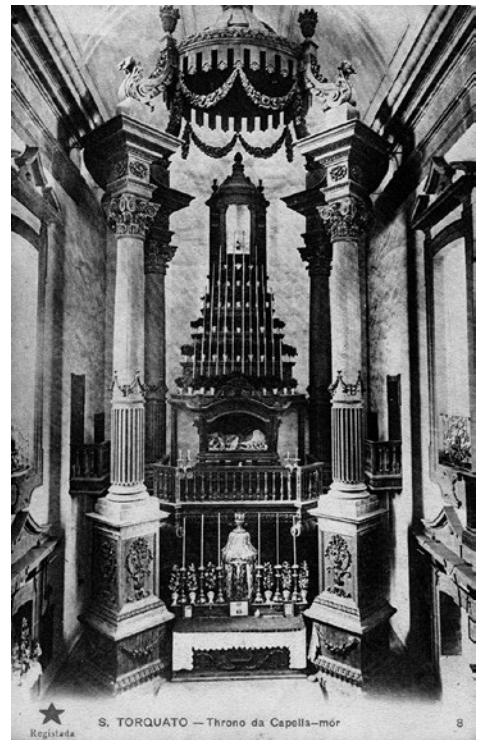
Em causa estava o projecto riscado por Luís Inácio de Barros Lima (*Guimarães, 1764, †Guimarães, 1844), que trabalhara para a Junta das Obras Públicas no Porto e iniciara a construção do santuário minhoto em 1825, ano de nascimento de Cesário Augusto Pinto. O local escolhido, denominado ‘Penedos de Maria do Monte Maio’, ficava um pouco abaixo do antigo mosteiro, que se achava pequeno para acolher os romeiros que ali prestavam culto a São Torcato. Para tal, muito contribuíra a abertura do túmulo ordenada pelo arcebispo D. Frei Caetano Brandão em 1805. Em 1852, o corpo do santo seria trasladado

1) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 13.Jan.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

para a capela-mor do novo santuário, integrando a urna o majestoso retábulo-relicário executado pelo mestre entalhador José Vieira², à imagem do baldaquino existente no Santuário do Bom Jesus do Monte (Braga). De facto, a construção deste novo polo de devoção religiosa, lugar de romaria, concorreria como os demais anteriores e os que viriam a ser construídos no Minho, nomeadamente os altaneiros santuários marianos do Sameiro (Braga) e da Penha (Guimarães), ou do Sagrado Coração de Jesus (Santa Luzia, Viana do Castelo). Ainda que a popularidade da romaria fosse crescente por aqueles anos, o mesmo não se aplicava à construção da igreja do santuário que, ali no vale, tardava.



Postais ilustrados, edição Estrela Vermelha
Arquivo da Irmandade de São Torcato



2) Cf. Lameira, Francisco; Lopes, Raúl Sampaio; Loureiro, José João. "Retábulos da Arquidiocese de Braga", Promontoria Monográfica - História da Arte, 23. Faro: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, 2020. p.125.



Paralelamente àquela construção, outras obras foram iniciadas, nomeadamente o arranjo do recinto com o pequeno escadório e fontes fronteiras à futura igreja, segundo risco de Daniel Fernandes³, e a edificação do “Casão”, sede da Irmandade, com desenhos de Pedro J[oaquim] Ferreira⁴. Ambas as obras, na parte fronteira e posterior do templo, contribuiriam para a definição de uma nova centralidade no vale, conferindo forma regular e atribuindo usos diferenciados às partes do grande terreno negociado pela Irmandade desde o início do século XIX, cuja dimensão inicial era de 190 por 88 varas.⁵



Escadório
Fotografia de Filipe Leite, Os
Fredericos

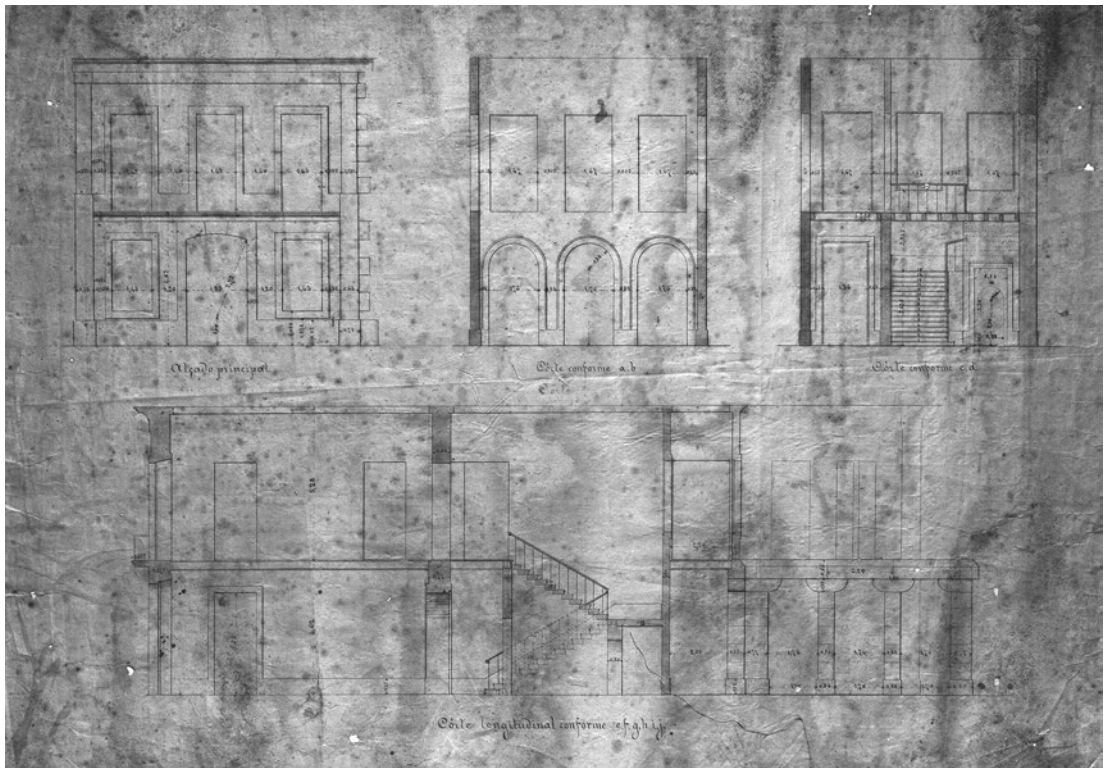


“Casão”, sede da Irmandade
de São Torcato
Fotografia do autor

3) Os desenhos do escadório e fontes, outrora integrantes dos Arquivo da Irmandade e reproduzidos na obra “Arquitectura Neomedieval Portuguesa” (1997), não foram localizados na presente investigação.

4) Ferreira, Pedro J. “Pavimento do 1º andar” 1857. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

5) Sillos, Domingos da Soledade. “Vida preciosa e glorioso martyrio de S. Torquato, arcebispo de Braga” Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. pp.35-36.



Desenhos da sede da
Irmandade, Pedro Joaquim
Ferreira
Arquivo da Irmandade de São
Torcato

A Sede da Irmandade organizar-se-ia em dois pisos de generoso pé direito: no térreo um átrio de acolhimento e acesso à escada, a que se somava o aquartelamento, serventias, adega, armazéns, casa para irmãos e cozinha; no primeiro piso, um conjunto de grandes compartimentos e outras dependências incluíam, junto à sala de jantar, uma copa com o grande louceiro ainda hoje existente no salão da irmandade. A casa, de fachadas simétricas, teria na frente principal três balcões somando sete janelas de sacada; e na parte posterior, varandas e escadas de serviço. Deste grande projecto apenas o módulo poente foi construído, ou seja, menos de um terço da área total. Ainda que não se tenham encontrado os desenhos de todas as frentes da casa, a parte edificada revela bem o rigor e sobriedade que caracterizaria este edifício. Sobre ele, ainda que incompleto, nada escreveu Cesário Augusto Pinto. Já sobre o projecto de arquitectura para o santuário não poupou a crítica:



“Poucas cousas tenho visto tão pobres de ideias, e menos próprias para recolher os restos venerados de um Santo de tanta nomeada, tudo neste projeto é mesquinho e acanhado. O pórtico é de mau aspecto e insuficiente para o grande acesso a que está destinado, as torres desde a sua base até à grimpada, nada têm de notável nem de elegante, são apenas duas grandes torres de alvenaria. As fachadas laterais não sofrem crítica, principalmente do lado da nave onde apresenta janelas em meio círculo que há muito se usam nas cocheiras, e nas cavalharias. A transição do cumeeiro da nave para o da capela-mor, opera-se de modo mais infeliz, por que desequilibrada a simetria que deve existir na base da cúpula. Na cúpula não falaremos! Finalmente a elevação posterior é ridícula, quando é certo que um edifício de esta ordem, de qualquer lado que fôr visto deve apresentar bellezas de contornos, originalidade no todo e especialmente nos detalhes, que com quanto não sejam os que mais prendem a atenção dos apreciadores, são estes os que mais agradam ao povo, e os que mais concorrem para a celebridade do qualquer monumento.”⁶

Nas palavras escritas é evidente o incómodo causado pela obra em curso, agravado pela natureza do edifício que exigia, no seu entender, qualidade superior e “aspecto majestoso (...) rico pelas formas nobres e severas, e não pelos damascos e galões”⁷, capaz de atrair crentes e não crentes. Infelizmente hoje já não é possível reunir todas as peças desenhadas do projecto, nomeadamente a ‘Planta Baixa’ e as da fachada principal e lateral da ‘Nave Exterior’.⁸ Contudo, os desenhos assinados por Barros Lima na posse da Irmandade, em particular os cortes (longitudinal e transversal) aguarelados, permitem compreender alguns aspectos da crítica então tecida àquela igreja de gosto tardobarroco. Do percurso profissional de Barros Lima fez parte o projecto de reedificação da igreja de São Cristóvão (Ovar, 1804-c.1830).

A carta, assinada por Cesário, ‘bom português e sincero admirador da bella architectura’, terminava, deixando a sugestão à irmandade de realizar um concurso com vista à revisão do projecto.

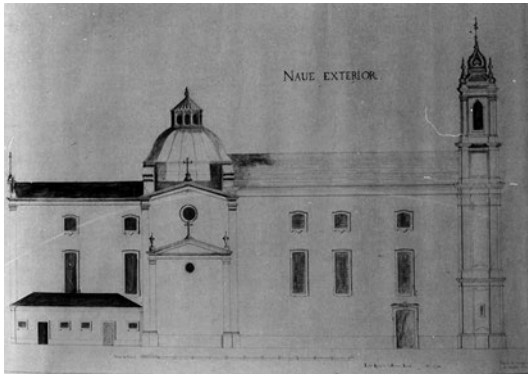
“Aproveite-se muito embora o que está feito, mascarem-se-lhe com arte os defeitos e a monotonia, mas por Deus sahiamos de este vergonhoso ramram, e faça-se um monumento digno de ser visitado por nacionais e estrangeiros.”⁹

6) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 13.Jan.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

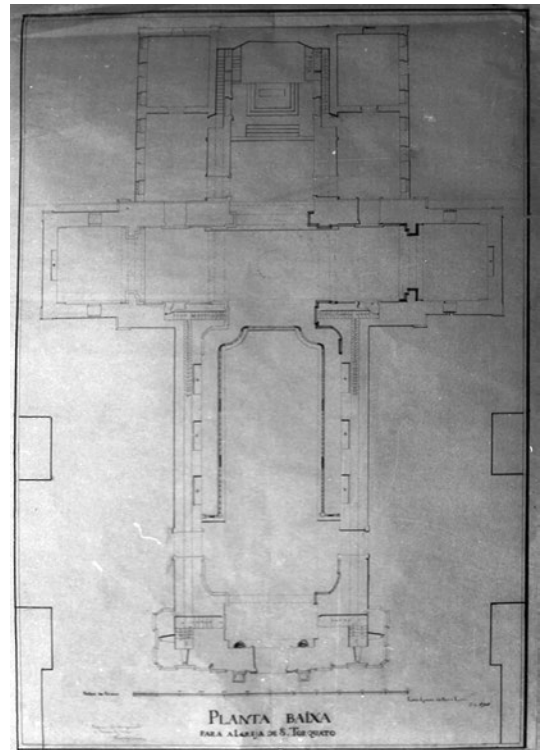
7) Ibidem.

8) Os desenhos mencionados, outrora integrantes dos Arquivos da Irmandade e reproduzidos na obra “Arquitetura Neomedieval Portuguesa” (1997), não foram localizados na presente investigação.

9) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 13.Jan.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.



Fotografias dos desenhos de Inácio de Barros Lima para o Santuário de São Torcato (desaparecidos)
Biblioteca Municipal de Arganil — Regina Anacleto



— O concurso internacional e a exposição itinerante

Acolhida a proposta do concurso pela Mesa da Irmandade, Cesário Augusto Pinto liderou a ‘comissão de homens entendidos e de bom gosto’, um júri com que discutiria o programa a lançar. Idealizou-o composto por representantes nacionais de diferentes organismos, nomeadamente da Academia de Belas Artes de Lisboa e do Porto, contrariando a lógica regionalista.

A correspondência dá nota da participação de Joaquim Possidónio Narciso da Silva (*Lisboa, 1806; †Lisboa, 1896), arquitecto da Casa Real, que integraria o júri. Este vivera a infância e juventude no Brasil, estudara em Paris, passara por Roma e, regressado a Portugal, fundara a *Associação dos Architectos Civis Portugueses*¹⁰, presidindo-a a partir de 1863. Três anos depois, deve-se-lhe a iniciativa de distribuir o programa do concurso deste santuário às associações congêneres europeias sedeadas em Londres, Paris

10) Cf. Ribeiro, Ana Isabel. “Arquitectos Portugueses - 90 Anos de Vida Associativa (1863-1953)”, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, 2000.



e Berlim¹¹, sendo o principal responsável pela divulgação internacional do concurso. Atente-se que, para lá de Cesário Augusto Pinto ser sócio correspondente da associação de arquitectos (a partir de 1866), mais dois sócios fundadores deste organismo, José da Costa Sequeira e Paulo José Ferreira da Costa, integraram o júri.¹² O próprio presidente do júri, Januário Correia de Almeida, sucederia anos mais tarde a Possidónio da Silva à frente da direcção da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*.

A divulgação do concurso contribuiu para o fortalecimento da rede internacional de contactos que promoviam o intercâmbio das práticas da Architectura e das Beaux-Arts. Não será por acaso que em 1871 se lia no catálogo do *Royal Institute of British Architects* a existência do enigmático “(J) Da Silva - Projet pour un sanctuaire St. Torquato a Lisbonne P[1866]”¹³. Em Portugal foi especialmente relevante a cobertura feita pelo *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes* que não só enalteceu a iniciativa da irmandade de São Torcato¹⁴, como publicou o programa detalhado de concurso¹⁵ e o seu resultado¹⁶, reconhecendo tratar-se duma pioneira iniciativa que procurava afirmar, estimular e valorizar a prática da architectura. Sublinhe-se o facto daquele ser, ao que sabemos, o primeiro concurso internacional de architectura lançado no nosso país. A natureza pública do equipamento, a ambição de erguer “aquella edificação (...) executada com todos os preceitos d’arte” era expressão de que “Já era tempo que em Portugal a architectura civil fosse exercida por aquelles que para isso se acham habilitados”, mostrando a “diferença que existe na pratica de um officio ou a sciencia necessária para se exercer a profissão de architecto”¹⁷. Estavam, pois, reunidas as condições necessárias para que a encomenda civil e religiosa portuguesa fosse divulgada no estrangeiro, contribuindo para modernidade e internacionalização do país.

11) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 4.Fev.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

12) Constituição do Júri publicada em 1866: *presidente* - Januário Correia de Almeida (Barão de S. Januário); *vogais* - Possidónio Narciso da Silva (arquitecto da Casa Real), José da Costa Sequeira (professor na Academia de Belas Artes - Lisboa), Paulo José Ferreira da Costa (membro da Associação dos Architectos Civis), João Joaquim de Matos (director das Obras Públicas do distrito do Porto), Gustavo Adolfo Gonçalves e Ribeiro (professor na Escola Politécnica - Porto), Manuel de Almeida Ribeiro (professor na Academia de Belas Artes - Porto), José Gomes Monteiro (amador do Porto), Cesário Augusto Pinto (Irmandade de São Torcato).

13) “Catalogue no. 2. Projects, designs, figure subjects, portraits, & ornaments, with Collection of drawings not places in the previous catalogue” in *Catalogues of the drawings, prints and photographs in the library of the Royal Institute of British Architects*. Londres: 1871. p.51.

14) “Concurso de Architectura” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº6, Out. 1866, cl.96.

15) “Concurso de Architectura, Novo Projecto para o Sanctuario de S. Torquato, Programma” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº8, Mar. 1867. cl.130-132.

16) “Concurso do Sanctuario de S. Torquato, em Guimarães” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº9, Jul. 1867, cl.152.

17) Construcção de Edifício Publico” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº8, Mar. 1867, cl.130.

A correspondência reunida na Irmandade permite perceber a evolução sobre os moldes do concurso. A negociação do desdobramento do primeiro prémio em dois e a dispensa da obrigatoriedade de visita ao estaleiro, suplantada pelos desenhos de levantamento fornecidos aos concorrentes, abririam espaço para que o concurso fosse mais participado, nomeadamente por estrangeiros. Ainda que Cesário Augusto Pinto tenha manifestado o seu desacordo, alegando que o prémio era desencorajador para a participação internacional, o concurso deste importante “equipamento público” acabaria por ser divulgado no espaço europeu¹⁸.

Em janeiro de 1867, o *Intime Club – croquis d’architecture*¹⁹, periódico francês especializado na divulgação de concursos, dava nota da iniciativa portuguesa. Por sua vez a *Gazette des architectes et du bâtiment*²⁰ anunciava um concurso de restauro parcial, não fosse aquela revista dirigida pelo filho de E. Viollet-de-Duc. De facto, o próprio programa era ambíguo, desde logo na 1ª alínea:

“Achando-se já construída a capella-mór, sacristia e os alicerces de toda a obra, segundo o projeto que estava em construção, e não convindo desprezar o trabalho que está feito, é indispensavel que os concorrentes o aproveitem, sendo-lhes pôrem permittido qualquer pequena alteração, e occultar exteriormente com novas construcções, mas de pequeno vulto, os pannos de muro da capella-mór cujo estylo não possa harmonisar com qualquer outro que houver de se adoptar. No interior pôde-se fazer uso da obra de entalha.”²¹

Ao longo de quinze alíneas, o programa explicava as exigências e os procedimentos concursais – as peças desenhadas²² e escritas exigidas, a obrigatoriedade de anonimato, a constituição do júri, a atribuição de prémios, os prazos, a exposição pública dos trabalhos e a sua posterior devolução. No que ao desenho de arquitectura concerne, para lá do estímulo à preservação das alvenarias e fundações realizadas, era indicada a posição da capela para veneração do Santo (a capela à mão direita) e a necessidade de prever a integração de

18) Pinto, Cesário Augusto [Correspondência] Taipas: 29.Dez.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

19) “Concours pour la construction du Sanctuaire de S. Torquato” in *Intime Club – Croquis d’architecture*. Paris, Ducher & C.ie, nº9, Jan.1867, f. 5.

20) “Um concours est ouvert dans la ville de Guimarães (Portugal) pour la restauration partielle du sanctuaire de San Torquato” in *Gazette des architectes et du bâtiment*, nº2, 1867, p. 30.

21) “Concurso de Architectura, Novo Projecto para o Sanctuario de S. Torquato, Programma” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*, nº8. Lisboa: Mar.1867. cl.130-132.

22) Os elementos desenhados deveriam ser cotados no sistema métrico; planta baixa, alçados (principal, lateral e posterior), cortes (longitudinal e transversais – na nave e no arco cruzeiro) à escala 1:100 e a pormenorização à 1:25.



um carrilhão numa das torres. Ficaria, porém, à escolha dos concorrentes o “(...) estylo que quizerem adoptar, com tanto que se não faça uso nem do grego nem do romano.”²³ Este ponto levantaria dúvidas, nomeadamente na Alemanha, onde após o anúncio do concurso²⁴, perante a proibição de grego e romano, se colocava a pergunta no *Wochenblatt, Architekten- Vereins zu Berlin se as formas do renascimento eram admitidas!*²⁵ – refletindo talvez a força do pensamento de Gottfried Semper.

Ainda que tenha sido gerada muita expectativa sobre a participação nacional e internacional²⁶ apenas três projectos seriam admitidos e apreciados pelo júri, reunido no Porto a 24 de Novembro de 1867 para deliberação final.

A reunião realizou-se após o encerramento da itinerante ‘Exposição de architectura’ dedicada aos projectos para São Torcato, que ali se tinha realizado entre os dias 14 e 23 de Novembro. Inicialmente prevista para ser apresentada numa Sala nas Belas Artes, a exposição acabaria por ser transferida para um dos espaços mais emblemáticos da cidade, o Palácio de Crystal, local que espelhava o progresso e a modernidade inaugurado dois anos antes para acolher a Exposição Internacional do Porto (1865). Com o pronto apoio de [Alfredo] Allen, Cesário Augusto Pinto ia ao encontro da vontade manifestada pelo presidente do júri, o Visconde São Januário, governador civil do Porto. A exposição, que no mês anterior estivera na capital²⁷, seguiria depois para Guimarães no início de Dezembro. Os pequenos anúncios encomendados em periódicos como *O Comercio do Porto*²⁸, *O Vimaransense*²⁹, e o *Religião e Pátria*³⁰ expressam a vontade de despertar o interesse do grande público para aquela iniciativa. Não há porém registo que fosse feita reportagem alongada sobre a exposição ou decisão do júri, tal como faria notar o secretário da irmandade:

“Os periódicos não fizeram análise dos projetos, limitaram-se a anunciar as exposições, deixando como é costume nos concursos, ao cuidado do jury a apreciação e livre escolha.”³¹

23) Ibidem.

24) “Konkurrenzen” in *Wochenblatt Architekten- Vereins zu Berlin*. Berlim, ano 1, nº7; 16.Fev.1867, p.56.

25) “Konkurrenzen” in *Wochenblatt Architekten- Vereins zu Berlin*. Berlim, ano 1, nº7; 30.Mar.1867, p.121.

26) São vários os nomes que se leem pedindo informações sobre o concurso. Identificámos na correspondência existente no Arquivo da Irmandade de São Torcato : Maximiano Júlio de Figueiredo e Silva; Joaquim Vaz de Lima; José Carlos Conrado Chelmicki; e outros de França. T. J. Groux (Bordeaux) ; U. Joyau (Angers); Fr. Germer-Durand (Paris).

27) A exposição na capital foi apresentada na sede da Companhia das Águas, no Largo do Pelourinho (actual Praça do Município).

28) *O Comercio do Porto* 13.Nov.1867, p.4, cl.1; 16.Nov.1867, p.4, cl.1; 05.Dez.1867, p.3, cl.4.

29) *O Vimaransense* 03.Dez.1867, p.3, cl.5.

30) *Religião e Pátria* 30.Nov.1867 p.4, cl.1.; 04.Dez.1867, p.4, cl.1.

31) Machado, Joaquim José Azevedo. [Correspondência dirigida a L. Bohnstedt] Guimarães: 4.Mar.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

Exposição de architectura
Os projectos a concurso para o santuario de S. Torquato estão expostos ao publico, até ao dia 23 do corrente, no Palacio de Crystal, sala ao lado do bazar dos moveis.
 (5333)

Recortes de imprensa
O Comércio do Porto, 1867

Concurso de architectura
O jury nomeado pela meza da irmandade de S. Torquato para julgar do merecimento relativo dos projectos que se apresentaram ao concurso, classificou em primeiro grau e por unanimidade o projecto de Mr. Louis Bohnstedt, de Gotha e em segundo, por maioria, o do snr. Luiz Caetano Pedro de Avila, residente em Pariz.
 Guimarães, 3 de dezembro de 1867.
 (5646)

É de relevar a dinâmica gerada em torno da apresentação dos projectos, sujeitos a apreciação pública anterior ao veredicto do júri. Ainda que a imparcialidade e autonomia dos jurados pudesse estar condicionada pela pressão da opinião pública, o concurso internacional e a exposição itinerante representavam uma moderna e inovadora dinâmica que promoveria o debate em torno da arquitectura. A partir das propostas para o santuário nos subúrbios de Guimarães, discutiam-se os modelos e as formas da arquitectura religiosa dos finais do século XIX. A arquitectura começava assim a conquistar espaço na vida cultural das cidades.

— Os concorrentes, as propostas e a apreciação do júri

Ainda que o concurso fosse anónimo *A Revolução de Setembro*, diário da capital, dava nota da participação do “architecto portuguez” Caetano d’Avila com um “trabalho (...) completo debaixo de todos os respeitos”³². Luís Pedro Caetano de Ávila (*Goa, 183(?); †Lisboa, 1904) era um dos candidatados portugueses que se apresentara a concurso, a partir de Paris onde se encontrava a estudar após ter cursado na Escola Politécnica de Lisboa.³³ A autoria dos desenhos de Ávila, marcados com duas estrelas vermelhas, era revelada em carta selada que o identificava. Nela dizia dar-se “(...) por muito feliz se o meu pensamento coincidir com o gosto daquele povo.”³⁴ Ainda que tenha reunido opiniões favoráveis, o projecto acabaria por ser preterido.

32) “Nova igreja de Guimarães” in *A Revolução de Setembro. Lisboa, 17.Set.1867, p.3.*

33) Cf. Nunes, Maria Helena. “O Engenheiro-Militar e Architecto Luís Caetano Pedro Ávila (183[2?]-1904). A condição profissional e as práticas do métier” Tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2006.

34) Ávila, Luís Caetano Pedro de. [Correspondência] Paris: 24.Ago.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.



“O público que visitou as três exposições mostrou, geralmente tendência para o projeto do Sr. Ávila, e talvez tivesse sido elle sido preferido, se não tivesse cometido o grave erro de alargar consideravelmente os alicerces, desprezando parte dos existentes”³⁵

A integração dos trabalhos realizados das fundações e alvenarias já executadas eram alvo de valoração na apreciação das diferentes propostas. Sobre o projecto apresentado por Ávila, para lá da crítica exposta, pouco mais podemos adiantar. Apenas sabemos, graças à referência existente no Arquivo da Irmandade, que tinha ‘uma torre só’ – solução tipológica que viria a ser muito explorada em igrejas naquele período.³⁶ Ainda que não tenha vencido o primeiro prémio, desenhos do “Projecto de construção de uma igreja de S. Torquato, em Guimarães, premiado em concurso europeu”³⁷ integrariam a secção de Arquitectura, da representação portuguesa à Exposição de Belas Artes de Madrid, conforme se lê no catálogo em 1871.

Foi também preterido o projecto de Pedro Augusto Serrano. O do architecto Groux, de Bordéus, fora precedido de pedidos prévios de esclarecimento que revelam a atenção ao levantamento fornecido aos candidatos. Prontamente as incongruências seriam justificadas, em parte

“porque o indivíduo que se encarregou de passar o desenho é desenhador de música, não de arquitetura acresce que quando passou o desenho a pedra (o que se faz percorrendo todos os traços com uma ponta de aço), também passou as cotas e como depois desta operação o papel fica inutilizado quando teve de escrever as cotas viu-se atrapalhado em todas aquelas que não ficaram transportadas com bastante clareza”³⁸

Outros pequenos erros estavam relacionados com a conversão de palmos para o sistema métrico, que naqueles anos se realizava. O atraso no envio da proposta de Groux, que chegara já com as exposições a decorrer, ditou o afastamento do concurso.³⁹ Contudo

35) Machado, Joaquim José Azevedo. [Correspondência dirigida a L. Bohnstedt] Guimarães: 4.Mar.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

36) Em Portugal, recordem-se a título de exemplo, a igreja de Santo António de Reguengos de Monsaraz, (1887-1912, arq. António José Dias da Silva), Espinho (arq. Adães Bermudes), Tondela (c.1884-1889) e Vila Nova de Tazem (Figueiredo e Silva 1894-)

37) “Catalogo das obras de arte executadas por artistas portuguezes enviadas a Exposição de Madrid em 1871 pela Comissão nomeada pelo Governo Portuguez” Lisboa: Typographia Universal, 1871. p.23.

38) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Taipas: 6.Jun.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

39) Groux, T. J. [Telegrama] Bordéus: 21.Nov.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

pode-se ler na correspondência interna da Irmandade, uma carta de Cesário Augusto Pinto, que já depois da reunião de júri, escreveu:

“O projecto do francez é pobrezinho em tudo, por isso o orçamento é tão barato, é o mais simples que se apresentou e o mais fácil de executar mas acho-o excessivamente triste.”⁴⁰

Ora nenhuma das atitudes extremas – construção de novos alicerces ou manutenção das estruturas existentes – seria a premiada.

Ainda que o Cesário Augusto Pinto, desiludido as propostas apresentadas ao concurso que tão empenhadamente lançara, procurasse suspender a votação para evitar despesas à irmandade, o júri acabaria por votar aceitá-las e avaliá-las, por propostas do Visconde de S. Januário.

José da Costa Sequeira, professor na Academia de Belas Artes de Lisboa, na impossibilidade de estar presente na reunião do júri, manifestou por carta o seu desalento perante as propostas apresentadas pois também ele achava não responderem cabalmente aos requisitos estabelecidos. Porém, procurando contribuir para o desenlace do concurso, escreveu:

“(…) de todos os projectos, o que me parece reunir maior número de condições e predicados artísticos, o que revela em seu author mais aptidão e profundidade de conhecimento technico da arte de construir, é o que se acha marcado com este signal [SIT1867].

Ainda assim, não me parece, que elle possa ou deva ser approvedo e premiado, sem que haja de soffrer primeiro bastantes modificações e emendas; para se pôr em completa relação e harmonia com todas as necessidades, com os precisos commodos e bellas judiciosamente recommendadas; e que muito seria para desejar se oferecessem e ostentassem n’um Templo monumental que deve recordar aos Christãos a memoria do bem-aventurado Santo, acreditando os Devotos que o fizeram construir, a época e o país em que foi erigido!”⁴¹

40) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Taipas: 23.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

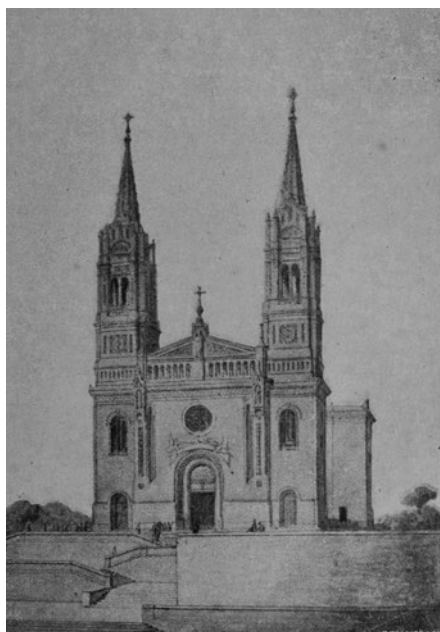
41) Sequeira, José da Costa. [Correspondência dirigida ao júri] Lisboa: 2.Set.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.



O veredito do júri acabaria por premiar, curiosamente por unanimidade, esta mesma proposta ainda que o projecto tivesse de “bom e mau” e não tivesse “agradado principalmente aos entendedores, por que apresenta o absurdo de juntamente com torres gothicas ter um zimbório que não é próprio daquela architectura.”⁴² Somava-se a esta crítica o modo como organizara os elementos apresentados. Na mesma carta em que o candidato era felicitado pela conquista do prémio, lia-se:

“O projeto apresenta desenhos que se não exigiram, taes que o corte longitudinal em variante, e uma vista perspetiva, de um merecimento incontestável, mas que não suppre de forma alguma a falta de detalhes indispensaveis n’um projecto, cuja execução tem de ser confiada a um simples mestre de obras. As seis folhas de detalhes que exigimos no nosso programma, são apenas representadas no seu projeto por duas que V. E.ia elevou a quatro por um meio assaz e engenhoso, mas que não agradou a muitos. As peças escriptas acham-se incompletas, e a memoria descriptiva contendo o systema detalhado da construção, deixa tudo a desejar.”⁴³

Fotogravura publicada no livro *Archeologia Christã* de Albano Bellino, 1900



42) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Porto: 16.Nov.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

43) Sequeira, José da Costa. [Correspondência dirigida ao júri] Lisboa: 2.Set.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

Todavia o risco, arriscado, traçado por Franz Ludwig Carl Bohnstedt (*São Petersburgo, 1822; †Gotha, 1885)⁴⁴ conquistaria o primeiro prémio. Tratava-se de um concorrente, desconhecido em Portugal, mas com experiência acumulada, conforme ele próprio escreveria mais tarde:

“Tenho ganho mais de 10 prémios em concursos públicos, tanto na Rússia como na Alemanha, Itália, Espanha e Suíça e foi nestes concursos que adquiri a convicção de que um projeto de concurso não é mais do que uma obra de liminar, uma solução artística das principais condições do programa, e é somente quando se resolve que este projeto sirva de base para a execução, que o artista trata de completar com os detalhes as alterações que se julguem indispensáveis.”⁴⁵

Cinco anos depois, em 1872, Ludwig Bohnstedt alcançaria, entre 103 candidatos, o primeiro prémio num dos concursos mais disputados da história da Alemanha, o Reichstag de Berlim. No Porto, a sua identidade fora revelada aquando da abertura dos três sobescritos dos concorrentes. Entre eles, o da proposta vencedora:

“Louis Bohnstedt - Architecte, conseillere de cour, membre er profeseur de l’académie Imperiale des Beaux-Arts à St. Petresbourg, chevalier de l’orde de Charles III etc etc. – residant à Gotha (...)”⁴⁶

— A revisão do projecto vencedor SIT 1867

A correspondência trocada mensalmente de 1867 a 1869, em francês, entre o vencedor do concurso e a Irmandade de São Torcato é especialmente rica no que ao processo de inculturação arquitectónica diz respeito. As cartas de Joaquim de Azevedo Machado (secretário da Mesa da Irmandade) e Ludwig Bohnstedt foram mediadas, traduzidas e comentadas por Cesário Augusto Pinto. Esta documentação organizada no Arquivo da Irmandade evidencia um triângulo cúmplice de trabalho.

Logo na carta da comunicação da decisão do júri ao concorrente vencedor foi imposto um conjunto de condições tendo em vista a construção de um “templo comodo, elegante

44) Cf. Dolgner, Dieter. “Architektur im 19. Jahrhundert. Ludwig Bohnstedt. Leben und Werk” Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1979.

45) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência] Gotha: 12.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

46) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência do concurso] Gotha: 1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.



e duradouro”, ecoando nestas palavras a tríada vitruviana ‘Utilitas, Venustas, Firmitas’. Era necessário que o projecto compatibilizasse usos, nomeadamente que durante a construção da nova igreja a circulação dos romeiros fosse assegurada. Apontava o júri a necessidade de garantir a instalação de um carrilhão nas torres, e estas deveriam ser revistas juntamente com o zimbório:

“Quando fizemos a abstração no nosso programa de templo grego e romano, tínhamos por fim evitar os zimbórios cuja construção difícil e custosa nos não convinha, e nos desagradava no projeto que estávamos edificando; mal podíamos nós pensar, que por um capricho é inexplicável o seu projeto nos havia de apresentar justamente o que nós procurávamos evitar. O remate das duas torres a ninguém tem agradado, e o corpo principal da fachada tem sido julgada de uma simplicidade excessiva, e de nenhum modo em harmonia com a riqueza da ornamentação interior. Também devo pouco auscultar a Vossa Excelência; que a altura das Torres tem parecido a excessiva a muitas pessoas, aliás entendidas, e dizem-nos que apenas as da catedral de Estrasburgo lhes podem ser comparadas nas proporções – duas vezes e meia a base – parece-nos extraordinariamente pretensiosas para o templo de uma pobre aldeia.”⁴⁷

Em resposta, Ludwig Bohnstedt dispôs-se a rever o projecto, desde que aquele fosse executado. De modo a detalhá-lo solicitou cópias dos desenhos, levantamento rigoroso e esclarecimentos sobre os meios e as matérias-primas disponíveis. O desconhecimento do contexto português levaram-no a pedir:

“(…) uma relação dos materiais que estão mais em uso em Guimaraes taes como granito, cantaria, pedra artificial, madeira – carvalho, pinho, etc. – e dos materiaes que se empregam nos telhados, taes como zinco, chumbo, cobre, louza, etc, a fim de eu poder melhor ajuizar dos materiaes que devo fazer uso.”⁴⁸

A resposta, para lá dos aspectos da revisão do projecto avançava identificando a necessidade colocar, nas torres, para raios – ao jeito de premonição do acidente de 1912 que fez ruir a agulha da torre sineira –, e relógios – substituindo a velha estrutura provisória

47) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 6.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

48) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência] Gotha: 12.dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

fronteira à igreja. Fornecia ainda ao arquitecto as primeiras informações contextuais, nomeadamente sobre as características naturais e a história do lugar, o culto do santo e as romarias. Numa cuidadosa e extensa prosa de sete páginas explicava Joaquim de Azevedo Machado os anseios da Irmandade, as possibilidades e as particularidades da obra, confiando na capacidade e talento do arquitecto para responder aos desafios colocados.

“O ladrilho terá de certo ser feito com pedra de granito, por que a pedra artificial, ou tijolo colorido inglez, não resistiria muito tempo ao attrito dos tamancos guardados de largas tachas, que constituem o usual calçado do nosso povo. O mármore além de escorregadio, tem o defeito de se riscar facilmente. (...)”

A lousa por enquanto não tem sido empregada n’este reino senão como ensaio, e não encontrará de certo muitos partidários, por que a sua côr escura, que a torna bastante desagradável, tem além d’isso o inconveniente de atrair os raios de sol, e de fazer o templo uma verdadeira estufa, mas o seu maior defeito e de fazer empenar os emadeiramentos, e de os requeimar e tornar carunchosos.”⁴⁹

Ironia do destino, o novo santuário, ainda que não tenha tido cobertura em lousa, sofreria um ataque de formiga branca que motivou a execução de uma nova urna em cristal e latão, solenemente apresentada em 1946 – detalhado por Marques da Silva, a partir do desenho inicial de Bohnstedt. A par das questões de natureza técnica expôs também o secretário da irmandade a vontade de equilibrar a ornamentação interior / exterior do edifício, indo ao encontro da opinião de Cesário Augusto Pinto que afirmara ser indispensável a “ornamentação da fachada” ainda que devesse recomendar “moderação, para que o auctor não abuse”⁵⁰. Era assim recuperada a ideia de que era “de uma simplicidade excessiva” o tratamento



A urna de cristal e latão apresentada em 1946
Fotografia de Arcelino Augusto de Azevedo
Arquivo da Irmandade de São Torcato

49) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 5.Fev.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

50) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência à IST] Taipas: 27.Fev.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.



dado à fachada principal face à exuberante “riqueza da ornamentação interna”. Atente-se ao delicado trabalho escultórico da nave com arcos torais de inspiração vegetalista, contrastante com o desenho mais abstracto e geométrico da cornija que envolve o perímetro exterior do edifício. Justificada em parte pelas características da matéria-prima, a decoração em granito ganha expressão graças ao tratamento diferenciado das superfícies, macias e/ou estriadas, e às sombras por elas geradas. A singularidade deste trabalho conduziria, já no século XX, à criação de uma escola de cantaria naquele estaleiro. Apesar de todo o investimento e técnica, a assaz crítica não tardou, afirmando tratar-se:

“(…) d’um joughou simplesmente bonito e sem typo, d’essa architectura de thesoura que tira do romão, da renascença e do gothico, bocados que ligam por um processo de salada, dando esse catitismo chamado em architectura moderno, um dos fricassés recosinhados pela chateza dos commis voyageurs francezes de Bellas Artes, sobre a ignorância confusa do antigo.”⁵¹

Atente-se ainda ao capitel coríntio, onde o ábaco tem óculos, onde o fuste da coluna é facetado e não canelado – tudo isto é uma reinterpretação livre do que a gramática estilística clássica não previa. Nas palavras de Regina Anacleto caracteriza o edifício o “gosto eclético, com predomínio de elementos decorativos neo-românicos”⁵², veja-se a arcaria cega na fachada. Com recurso a um léxico e uma gramática variadas, Bohnstedt compôs um templo novo que no interior anulava a estranha redução da largura da nave para o transepto e capela-mor. Os diferentes registos de ornamentação do interior e exterior do edifício, propostos por Bohnstedt e continuados por Marques da Silva, sujeitos ao exame popular anteciparia uma das discussões teóricas da arte em torno da *Abstracção e Empatia* (Wilhelm Worringer, 1907), que marcaria o debate alemão no início do século XX. É neste contexto interessante considerar o paralelismo que se pode estabelecer entre



Abóboda da nave
Biblioteca Municipal de Arganil –
Regina Anacleto

51) Almeida, Fialho de. “Estancias d’arte e da saúde.” Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1921, p.115.

52) Anacleto, Maria Regina. “Arquitectura Neomedieval Portuguesa” Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p.480.

obras cronologicamente tão distantes, como os fragmentos de frisos e ajimezes moçárabes reintegrados no antigo mosteiro românico – (re)descobertos na história recente⁵³ –, com o desenho de alguns elementos decorativos do novo santuário.

Naquela e em cartas posteriores, para lá das questões construtivas, Bohnstedt procurou conhecer melhor a organização e ornamentação do espaço litúrgico do santuário: altar-mor, trono eucarístico (de tradição portuguesa que desconhecia), púlpitos (fixos / móveis), urna do Santo, cofre subterrâneo para as oferendas, procissões com estandartes e andores. Dada a sua naturalidade, desconhece-se o grau de conhecimento que tinha sobre o culto católico. Note-se que do seu currículo profissional faziam parte, por exemplo, dois projectos para a Igreja Ortodoxa Grega.

Dão nota as cartas dos desenhos e cópias que, anotados, circulavam entre Portugal e Alemanha permitindo o desenvolvimento do projecto, a várias escalas. Na Irmandade encontram-se algumas das peças, hoje, porém, nenhuma assinada por Ludwig Bohnstedt. Surgem algumas desenhadas por Cesário Augusto Pinto que assumira gratuitamente a direcção técnica da obra até à sua morte. As telas mostram a pormenorização de arcos, de óculos, da estereotomia e do desenho dos elementos decorativos. Os cortes longitudinais, alçados e plantas foram executados a partir dos de Ludwig Bohnstedt – atente-se à legenda, já em português: "Egreja de S. Torquato".

—Os desenhos originais

Apenas um desenho parcial do Santuário, na posse da Sociedade Martins Sarmento, está assinado por Bohnstedt e datado (Gotha:1.Mar.1868). Atente-se à caligrafia gótica da assinatura e ao título do desenho, em francês: "Eglise S. Torquato". Trata-se de uma planta do braço do transepto destinado a acolher a urna do Santo, desenhada à escala 1:25, cuidadosamente cotada e anotada. Note-se a ausência dos corpos anexos (sacristia e casa dos milagres) que viriam a ser introduzidos, abandonada a ideia de uma galeria exterior presente em muitas igrejas de romaria. Talvez se trate de um estudo anterior à revisão do projecto, organizado em dez folhas, que em Junho daquele ano foi dado por concluído.

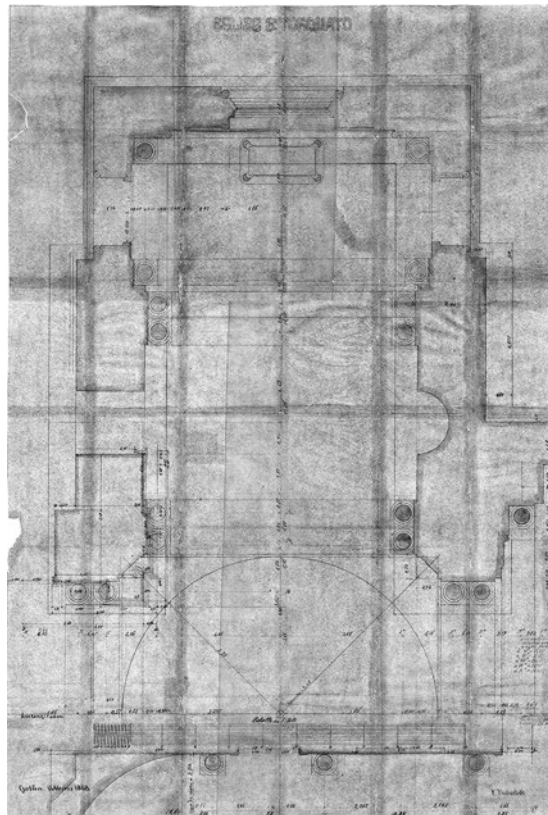
“A Mesa da Irmandade é a primeira a reconhecer e a avaliar a importância do excelente trabalho que acaba de receber de V. Ex.a por isso vai sem perda de tempo em

53) Cf. Barroca, Mário Jorge; Real, Manuel Luís “As caixas-relicário de São Torcato, Guimarães (Séculos X - XIII)” in *Arqueologia Medieval*, 1, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1992, pp. 135–168.



empregar os meios de que pode dispôr para lhe alcançar uma remuneração digna de um tam raro talento.”⁵⁴

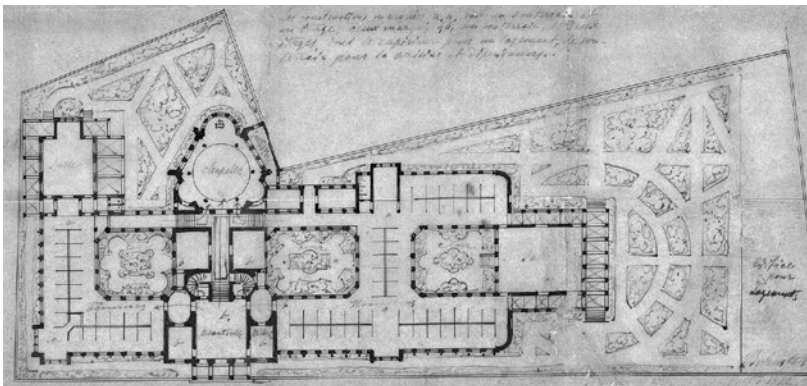
Desenho parcial do transepto de São Torcato
Ludwig Bohnstedt
Sociedade Martins Sarmento



Contudo, nem a remuneração que vinha sendo requerida pelo arquitecto foi conseguida, nem o trabalho de estaleiro avançou, conforme desejado. A obra não seria tomada de empreitada total por um capitalista tornado do Brasil, tal como chegou a ser anunciado por carta ao arquitecto. A conjuntura político-social, associada à instabilidade provocada pela guerra Brasil-Paraguai, o estado das finanças do Reino e a ameaça da invasão espanhola, foram os primeiros de muitos argumentos que ao longo dos anos haviam de condicionar o ritmo da obra. Seria, contudo, a generosidade de alguns beneméritos que havia de permitir ir continuando a erguer, paulatinamente, a obra a partir de 1870.

54) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: Jun.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

Sendo desconhecidas, ou mesmo inexistentes, as peças desenhadas e escritas do projecto de arquitectura, das décadas de 1870 e 1880, ganha, por isso, especial importância uma solitária e enigmática planta de um piso térreo, desenhada e assinada por Ludwig Bohnstedt em 1872, que hoje se encontra apenas ao já referido desenho existente na Sociedade Martins Sarmento. Talvez fosse um projeto autónomo que Bohnstedt procurou angariar, a par do que estava a desenvolver para São Torcato. Também Marques da Silva, meio século depois, haveria de propor um hotel fronteiro ao parque do santuário com lago, que à data estava a desenvolver. A geometria irregular do lote no desenho de 1872 sugere tratar-se de um terreno real. Nele surgiria um edifício de grande escala, de duas alas assimétricas, destinada a cada um dos sexos. As alas organizavam-se em torno de pátios interiores ajardinados. Cada uma das extremidades do edifício seria rematada por grande sala, rodeada por galerias voltadas ao jardim envolvente. O interior tinha uma inesperada organização em espinha que definia pequenos compartimentos, com circulação perimetral: 24 para as mulheres, 48 para os homens, servidos por instalações sanitárias independentes. As fachadas seriam fortemente fenestradas, sendo as principais adornadas com colunas adossadas aos vãos. Frente à entrada principal, antecedida por um majestoso pórtico, e com acesso a partir das diferentes alas localizava-se a capela, de invulgar geometria triangular coberta por cúpula. As escadas, entre o átrio e a capela, denunciavam a existência de outros pisos, que a anotação no desenho confirma. No piso inferior estaria a cozinha, no superior mais áreas de alojamento. Considerando a dimensão, o programa, e a distribuição dos espaços aponta-se como possibilidade, tratar-se de um equipamento assistencial / hospitalar. Atente-se, por exemplo, às semelhanças formais com asilos e sanatórios, programas em voga no último quartel do século XIX e início do XX. Cesário Augusto Pinto, presumível detentor dos documentos entregues por José Craveiro à Sociedade Martins Sarmento, trabalhara a partir de 1870 ao serviço da Câmara de



Planta de um piso térreo
(desconhecido)
Ludwig Bohnstedt
Sociedade Martins Sarmento



Guimarães, mais tarde em Viana do Castelo e participaria nas obras das Caldas de Vizela. Não seria de estranhar que este desenho de Bohnstedt fizesse parte da correspondência trocada entre ambos, a propósito de um possível trabalho em curso na região minhota.

— O reconhecimento do arquitecto Ludwig Bohnstedt

No Arquivo de Possidónio da Silva depositado na Torre do Tombo, para lá das mais 50 cartas trocadas com Cesário Augusto Pinto sobre assuntos vários, da arquitectura à arqueologia, passando naturalmente por São Torcato, encontram-se duas cartas de Bohnstedt datadas de 1876. Naquele ano, o arquitecto de Gotha foi feito correspondente estrangeiro e sócio honorário da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes*⁵⁵ por convite do seu presidente, que como vimos participara na concepção do concurso e integrara o respectivo júri. No mesmo ano Bohnstedt consta da “Notícia dos nomes e das obras dos architetos civis mais notáveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações”⁵⁶. Ao arquitecto alemão era associado o novo palácio legislativo de Berlim, o Reichstag. Ainda que não tenha sido construído, esta seria uma obra de referência do seu percurso, contribuindo para o reconhecimento internacional do autor. A pedido de Possidónio, Bohnstedt colabora para a lista do boletim. Reconhecendo a sua dificuldade em identificar os “arquitectos modernos da Alemanha”⁵⁷ por estar há mais de dez anos a viver em Gotha, elabora uma lista dos que mais apreciava e respectivas obras. O trabalho dos autores seleccionados, maioritariamente de Berlim e Viena, é bem revelador do gosto classicizante.⁵⁸ Em Portugal, em 1869, o arquitecto de Gotha tinha já sido agraciado com a comenda da “ordem de S. Thiago, de merito scientifico, litterario e artístico”⁵⁹. Esta é aliás uma das informações que consta no detalhado Currículo Vitae manuscrito que anexa à última das cartas.⁶⁰

Nesse currículo dá nota da partida, aos 17 anos, de São Petersburgo para a Universidade em Berlim, com passagem pela Escola Real de Architectura e pela Academia de Belas

55) “Trabalhos da Associação de Arqueólogos Portuguezes”, vol.4, Lisboa: 1938, p.73

56) “Notícia dos nomes e das obras dos architetos civis mais notáveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações” in *Boletim Architectonico e de Archeologia*. Lisboa, 2ª Série, n.9, 1876, p.142

57) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

58) Berlim: Heinrich Strack (1805-1880) seu professor, Friedrich August Stüler (1800-1865), Hermann Ende (1829-1907), Martin Gropius (1824-1880), Carl Ferdinand Langhans (1781-1869), Eduard Knoblauch (1801-1865), Friedrich Adler (1827-1908) e Georg Friedrich Heinrich Hitzig (1811-1881). Viena: Gottfried Semper (1803-1879), Hansen, Terstel, Schmict?; Romano E ainda: Neureuther (Munique); Egle (Estugarda); Raschdorf (Colónia).

59) Diário do Governo. Lisboa, nº20, 4.Set.1869. p.1071.

60) Bohnstedt, Ludwig. [Curriculum Vitae] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Artes naquela cidade. Relewa ainda a viagem ao sul da Europa, iniciada em 1841, com estadia em Roma, onde sob direcção de [Robert] Salemann e Matthäi [Ernst] aprendeu a escultura; e passagem por Nápoles e Palermo. Regressou em 1842 a São Petersburgo, via Marselha, Paris, Estrasburgo, Colónia e Berlim. No ano seguinte, a Academia Imperial de Belas Artes de São Petersburgo reconhece-o ‘artista livre’; em 1847, membro da academia e, em 1858, seu professor. Em 1851, assumiu o cargo de arquitecto chefe do palácio da Grã-duquesa Helena Pavlovna, e funções para o Governo Imperial. A um período caracterizado pelas obras de natureza palaciana e pública seguir-se-iam, a partir 1854, o das construções particulares e da participação em concursos públicos, com obra para a sua cidade, Moscovo e Riga, entre outras, que no currículo detalhou. Já casado e com filhos, parte para Gotha na Alemanha em 1863, onde trabalhou e construiu um número significativo de moradias e, também, obras municipais. À arquitectura alia o gosto pela pintura que concebe a par da sua prática profissional. No mesmo ano em que redige o currículo manuscrito de que aqui se dá nota, venceria o concurso para a sede do Banco da Finlândia, em Helsínquia. Uma das suas obras mais conhecidas, a par do Teatro Nacional de Riga.



Banco da Finlândia, em
Helsínquia



Teatro Nacional de Riga

O perfil erudito, cosmopolita e premiado aqui resumido, influenciariam certamente o convite dirigido por Possidónio da Silva, que vinha procurando estabelecer uma rede internacional de contactos. Com ela partilhava os seus interesses e obras, como informa a carta de Bohnstedt:

“J’ai à vous exprimer mes sincères remerciements pour les deux ouvrages (Souvenirs du Congrès International et dissertation artistique) que je possède depuis quelque semaine (...)



J'ai serieusement étudié Vos ouvrages, surtout celui qui traite l'art portugais"⁶¹

A escolha das obras que Possidónio ofereceu reflete a variedade de matérias que estudava assim como dá nota da sua participação no debate internacional, muito para além da sua ligação inicial a São Torcato: fosse a propósito das descobertas pré-históricas que comunicara ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica em Bolonha (1871)⁶², fosse a partir da discussão em torno dos mosteiros de Alcobaça, Batalha, Belém e Palácio de Maфра que levava ao Congresso Internacional dos Arquitectos em Paris (Jun.1867)⁶³, celebrado a par da Exposição Universal – onde Bohnstedt apresentara aguarelas dos seus trabalhos em Palácios de São Petersburgo.⁶⁴ A matéria tratada por Possidónio, em torno da arquitectura portuguesa, seria mais tarde desenvolvida na obra dada à estampa em 1873, por ocasião da participação Portuguesa na Exposição Internacional de Viena. Aí apresentou um estudo em torno das sés de Braga; do Porto, de Lisboa e das igrejas dos conventos de Alcobaça e Batalha com levantamentos desenhados à meia escala.⁶⁵ Seria o tema da arte, em torno da arquitectura religiosa portuguesa, aquele que mais despertara o interesse de Ludwig Bohnstedt.

— As vistas aguareladas oferecidas a D. Fernando

A propósito da comenda referida, escrevera Cesário Augusto Pinto a 15 Junho de 1869:

“Sinto muito que dessem a D. Fernando a vista principal do monumento, porque além de ser uma obra de muito merecimento artístico, era a única cousa que a Irmandade tinha para apresentar e que falasse aos olhos do publico (...) aquela aquarella bem encaixilhada (...).

Acho que cedendo aquella vista, pagou a Irmandade demasiadamente caro a distinção honorífica com que brindou o architecto.”⁶⁶

A investigação conduziu naturalmente à procura deste valioso documento. Onde

61) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
 62) Silva, Possidónio. “Souvenirs du Congrès International d'Antropologie et d'Archeologie pré-historique en Bolgne.” Lisboa:1873
 63) Silva, Possidónio. “Dissertation Artistique sur l'Architecture em Portugal depuis le XII au XVIII siècle.”Lisboa: 1869
 64) Garnier, Charles. “A Traver les Arts”. Paris: Librairie de L. Hachette et C.ie, 1869. pp. 63-64.
 65) Silva, Possidónio. “Notice Historique et Artistique des Principaux Édifices Religieux du Portugal avec la description des plans de leurs églises (...)” Lisboa: Imprensa Nacional, 1873.
 66) Pinto, Cesário Augusto Pinto [Correspondência] Ponte de Lima: 15.Jun.1869. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

estaria hoje tal aguarela? Se fora doada a D. Fernando II, e se ele a conservara, talvez pudesse surgir no extenso inventário orfanológico realizado entre 1886 e 1897, já após a morte de Ludwig Bohnstedt. No inventário, um universo de natureza muito variada digna de grande colecionador, com admiração se constatou não se tratar apenas de uma vista do santuário. Localizado o verbete 5737, entre um “Desenho de uma machina de destilação (...) por José Pedro Collares Junior” e a “fachada do convento de Mafra desenhada e aguarelada a claro escuro por José Pereira”; afinal do “Projecto da igreja de S. Torquato por Boluisteat. Consta[va] da fachada e grande nave aguarelladas”⁶⁷. Infelizmente, para lá do valor atribuído, que somava 60\$000, nada informava o inventário quanto às dimensões dos suportes, contrariando a tendência descritiva no que às telas de pintura nacional⁶⁸ e estrangeira dizia respeito. À semelhança de muitos “Quadros existentes no Real Palácio das Necessidades pertencentes À herança da Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando” as aguarelas integraram o leilão que ali se realizou, de março a abril de 1893, conforme atesta o catálogo publicado que reproduz o erro / gralha na identificação do autor.⁶⁹

Conhecendo a qualidade de aguarelas executadas por Bohnstedt, quer do seu período de formação, quer das realizadas a par da prática profissional, tornava-se imperioso continuar a procurar tal registo que facilitaria a compreensão da proposta para São Torcato na esperança de melhor conhecer o ambiente interior idealizado.

Encontra-se nova referência às aguarelas no ‘Arrolamento de bens do Palácio das Necessidades’ realizado após a implantação da República. Surpreendentemente, neste também extenso inventário, encontramos na biblioteca “Uma gravura impressa em



Lenço estampado
Arquivo da Irmandade de São
Torcato

67) Inventário Orfanológico de D. Fernando II, vol.3, fl.2325, nº5737. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

68) Cf. Marques, Inês Coelho. “Constituição e dispersão da colecção portuguesa do rei D. Fernando II” Relatório de Projecto para a obtenção do grau de Mestre em História da Arte e Património. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2021

69) “Catalogo dos quadros existentes no Real Palacio das Necessidades pertencentes à herança da Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando” Lisboa: Typ. E Lith. a vapor da Papelaria Progresso, 1892. p.42.



seda, representando o santuário e a imagem de S. Torquato (subúrbios de Guimarães)⁷⁰ e, numa arrecadação, o “Projecto da Igreja de S. Torquato com dois desenhos aguarelados”⁷¹. A primeira seria talvez idêntica à do lenço exposto na vitrine da Irmandade; quanto ao segundo é especialmente notória a ausência da identificação do autor no verbete. Se em 1893, o nome de Ludwig Bohnstedt surgiu no catálogo do leilão com gralhas, passadas três décadas sobre a sua morte, em 1915 o autor já nem era identificado. Ainda que se desconheça o motivo para tal omissão, é evidente o subsequente não exercício de direito de preferência do Estado Português, por não reconhecer nas aguarelas valor artístico, arqueológico e histórico que justificasse apartá-las dos pertences da Casa Real. É neste contexto que Fernando E. Serpa Pimentel as assinala e integra na listagem de bens a remeter à Casa de Bragança, anotando, porém, a enigmática expressão “inutilizadas” à margem daquele verbete, conforme consta na última das listagens conhecidas⁷². As inutilizadas vistas aguareladas podem até não ter chegado ao Paço de Vila Viçosa. Seja como for, sabemos terem cumprido o propósito de fazer reconhecer o mérito do arquitecto:

“Depois de muitas passadas perdidas e de tempo mal gasto conseguimos afinal poder apresentar o projeto de Vossa Excelência ao ministro do Reino, e a El Rei D. Fernando. Sua majestade gabou muito a sua obra e sei que estimou immenso ter esta ocasião de poder apreciar o seu merecimento. D. Fernando é um dos amadores de bellas artes dos mais inteligentes, e com quanto elle seja sempre o primeiro a animar os artistas não têm contudo por hábito de prodigalisar os louvores, devo pois acreditar que todos quando ele dirigiu ao seu projeto são muito bem merecidos. Tendo a pessoa a quem encarregámos de apresentar o seu projeto, notado que D. Fernando depois de um exame detalhado das diferentes folhas, não cançava de se extasiar diante das suas lindas aguarellas das vistas perspectivas – exterior e interior –, entendeu que o que lhe cumpria fazer era offerecer-lhas e assim fez.”⁷³

— A divulgação do projecto de São Torcato - estampas e fotografias

Na publicidade à publicação *Entwürfe von L. Bohnstedt*⁷⁴, divulgada em alguns periódicos

70) Arrolamento do Palácio Nacional das Necessidades, Inventário Judicial vol. 3 [Biblioteca], fl.969v e 970, nº6971. 1915. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

71) Arrolamento do Palácio Nacional das Necessidades, Inventário Judicial vol. 4 [Arrecadações], fl.1421v e 1422, nº9370. 1915. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

72) MBCB AH NNG 2705 lista nº29. [1915]. Museu Biblioteca Casa de Bragança.

73) Machado, Joaquim José. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 22.Out.1869. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

74) “Entwürfe von L. Bohnstedt” Halle: G. Knapp’s, 1875-1877.



alemães⁷⁵, era anunciada a edição de quatro fascículos anuais, compostos por seis estampas e um texto cada. Ao longo de três anos, entre 1875 e 1877, L. Bohnstedt divulgou dezena e meia de projectos, alguns construídos outros não. Conhecemo-las graças à cópia existente na Museu de Arquitectura da Universidade Técnica de Berlim. Em Portugal poderão ter existido alguns fascículos, pois Bohnstedt providenciara oferecê-las à Biblioteca da Associação dos Arquitectos e Arqueólogos.⁷⁶

As quarenta e oito estampas publicadas a partir de 1875 pela G. Knapp (Halle), de dimensão próxima do A3, cobriam uma diversidade de programas de arquitectura, do habitacional ao institucional, dando grande destaque aos edifícios de natureza pública, civis e religiosos (católicos e ortodoxos). Projectados para o espaço europeu, da igreja em Guimarães a aposentos de palácios em São Peterburgo, do cemitério monumental de Milão à câmara municipal de Hamburgo, as litografias reuniam plantas, cortes e perspectivas cuidadosamente detalhadas, independentemente do estilo adoptado, contribuindo para a divulgação e afirmação do percurso profissional do arquitecto, que do norte da Europa, tinha obra espalhada até no sul. Releve-se a escolha de um projecto tão distante de Gotha, a igreja de São Torcato, para o primeiro número dessa colecção de fascículos. Foram-lhe reservadas 6 estampas, distribuídas nos dois primeiros números. O primeiro fascículo incluía uma reprodução da gravura da perspectiva exterior da fachada principal; a que seguia, em estampa dupla, o alçado principal; e por fim uma surpreendente estampa que, a diferentes escalas, reunia corte longitudinal, planta e cortes parciais com apontamentos sobre a decoração diferenciada dos tramos abobadados. Reside neste desenho a maior novidade. O interior da igreja, com as superfícies em granito aparente e abóbada rebocada, fora afinal pensado como superfície plena de pinturas de natureza bíblica. A policromia, tão em voga no século XIX, fazia parte do imaginário do arquitecto para aquele espaço sacro como aliás se lê no texto que acompanhava a publicação da estampa, referindo 'ouro

75) "Berzeichniss Techniker Werte" [Suplemento] in *Technische Neuigkeiten*. Viena, nº7, 1875, p.2.

76) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Apesar da carta referir o pedido de envio das estampas, estas não foram localizadas nem na Biblioteca/ Arquivo do Museu do Carmo, nem na Bibliotca de Possidónio da Silva que integra a do Palácio de Mafra.



sobre azul' e o revestimento mármore em diferentes cores e tonalidades. Reforça esta ideia a legenda dos desenhos de pormenorização dos arcos torais densamente trabalhados. Certamente, a 'inutilizada' vista aguarelada do interior permitira perceber melhor o interior idealizado por Bohnstedt .

Quanto à perspectiva exterior do santuário, a primeira estampa da referida colecção constava já da série *Miniaturfaçaden - Album publicada a partir de 1870*.⁷⁷ Com este histórico da gravura, não seria de estranhar que o projecto de Guimarães pudesse ter integrado um dos doze volumes de desenhos de arquitectura que Bohnstedt apresentara na 1ª Exposição Internacional de Arte de Munique (Glaspalast, Jul-Out.1869)⁷⁸. Em Portugal, vemos idêntica perspectiva publicada pela Phot. Talbot, em albumina colada sobre cartão. Ao contrário das gravuras alemãs, a estampa portuguesa parece reproduzir um trabalho de pintura de Bohnstedt, quem sabe se "a vista perspectiva de um merecimento incontestável"⁷⁹ apresentada a concurso em 1867, ou uma outra para qual Bohnstedt solicitara a execução de uma fotografia, em 1868:

"Se fosse possível à illustre mesa mandar-me uma vista photographica do local, tomada pouco mais ou menos dos pontos z ou t d'este esboceto estimal-o hia muito para poder apresentar uma vista perpectiva."⁸⁰

Porém, perante a dificuldade da execução de estrutura que a montagem do equipamento fotográfico implicava, Cesário Augusto Pinto proporia a resposta:

"não há actualmente em Guimarães photographo habilitado para tirar vistas, e tendo escripto a alguns do Porto, pediram-nos um preço tão excessivo que nos vimos forçados a desistir (...)"⁸¹

Apesar das dificuldades enunciadas, a Mesa acabaria por enviar uma vista fotográfica do local do santuário. Ainda que não fosse a que Bohnstedt desejasse era a melhor possível, pois a diferença de cotas dos dois terreiros condicionara a escolha do ponto de vista,

77) "Miniaturfaçaden – Album" Leipzig: G. Knapp, 1870.

78) "Katalog zur I. internationalen Kunstausstellung in Königlichen Glaspalaste zu Munchen: Eröffnung am 20. Juli, Schluss am 31. Oktober 1869". München: Verlag des Ausstellungscomités, 1869. p.106.

79) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 6.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

80) Bohnstedt, Ludwig [Correspondência] Gotha: 15.Mar.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

81) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Taipas: 4.Abr.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

conforme justificou Azevedo Machado.⁸² Muito provavelmente, poderá ter sido este o primeiro registo fotográfico de São Torcato. Não é possível aferir se Bohnstedt acedeu a outros elementos para lá da vista e dos desenhos cotados que lhe permitissem conhecer a envolvente do santuário. Talvez seja essa a razão para as perspectivas publicadas serem enquadradas pela escadaria fronteira, curiosamente omitindo as fontes e anulando a representação das encostas circundantes. Talvez possa essa perspectiva fotografada ser a de uma das aguarelas oferecidas a D. Fernando, desconhecida, ou afinal talvez não, graças ao registo fotográfico do final da década de 1860 início de 1870, pela Phot. Talbot na Rua de Bonjardim 145 – conforme atesta o cartão da casa portuense, que viria a integrar a colecção de Marques da Silva.⁸³ Deste registo localizaram-se outros exemplares enviados pelos Mesários da Irmandade a Possidónio da Silva no ano de 1872⁸⁴. Posteriormente, em 1900, o mesmo desenho seria publicado em *Archeologia Chistã*, sendo uma das “66 photogravuras dos monumentos religiosos mais notáveis das duas cidades do Minho”⁸⁵ produzidas pela oficina de Pires Marinho.

Já a fachada principal do Santuário que integrava a colecção alemã de 1875, esteve certamente na base da “nossa gravurinha [d]o projecto definitivo” publicada em *O Minho Pittoresco* de José Augusto Vieira, de 1886.⁸⁶ Composição semelhante surge nas

”estampas do alçado das torres, frontaria e planta da basílica, por onde em conjunto [se pode] vêr a que tende essa massa de pedras lavradas que lentamente sobe na colina.”⁸⁷

Conserva-se ainda na Irmandade uma destas placas-matriz de zincogravura.

Em contraponto à edição alemã, a estampa portuense produzida pela Lith. E. Biel apresenta uma colorida composição de gosto naif, em que a fachada da igreja surge envolta por céu azul com nuvens, arvoredo verde, e terreiro castanho com a perspectiva pouco

82) Machado, Joaquim José de Azevedo [Correspondência] Guimarães: Abr.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

83) Phot. Talbot – Bonjardim, 145 – Porto. Dimensões: 14x18,5 cm cartão; 9,2x13,2 cm imagem.

84) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Guimarães: 11.Mar.1872. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

85) Nesta publicação é atribuída a data de 2 de abril de 1868 ao desenho de L. Bohnsted. Bellino, Albano. “Archeologia Christã” Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1900, pp.221-230.

86) Vieira, José Augusto. “O Minho Pittoresco” Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira – Editor, 1886. p.613.

87) Almeida, Fialho de. “Estancias d’arte e da saúde.” Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1921, p.115.



controlada.⁸⁸ Atente-se ainda à deformação do desenho do alçado principal face ao desenho original de Ludwig Bohnstedt e à introdução, por detrás das duas torres da fachada com sinos, de uma cúpula assente sobre tambor. Desenho idêntico seria estampado nos lenços lembrança, recorrendo ao mesmo sugestivo título 'Basílica de S. Torquato (subúrbios de Guimarães)'. Não sendo possível datar a produção da estampa com exactidão, e julgando a descrição - Basílica em alternativa a Santuário e/ou Igreja - é bem possível que o desenho fosse semelhante ao impresso em seda, já acima referido. Há que recordar que a irmandade convidou D. Manuel para juiz emérito, corria o ano de 1908. Em Novembro daquele ano, D. Manuel visitara Guimarães vindo de comboio, tal como D. Carlos tinha feito em 1906. A abertura do caminho de ferro, em 1884, tinha-se revelado instrumental para atrair romeiros a São Torcato. Em 1907 Aurélio da Paz testemunha e eterniza, pela fotografia, a afluência ao Santuário ainda em construção. As populares romarias seriam objecto de reportagem jornalística e cinematográfica, na década seguinte. Desde cedo, a fotografia e a edição de postais ilustrados permitem-nos acompanhar o andamento do estaleiro na dobra do século. Talvez a cromolitografia seja já contemporânea deste período.

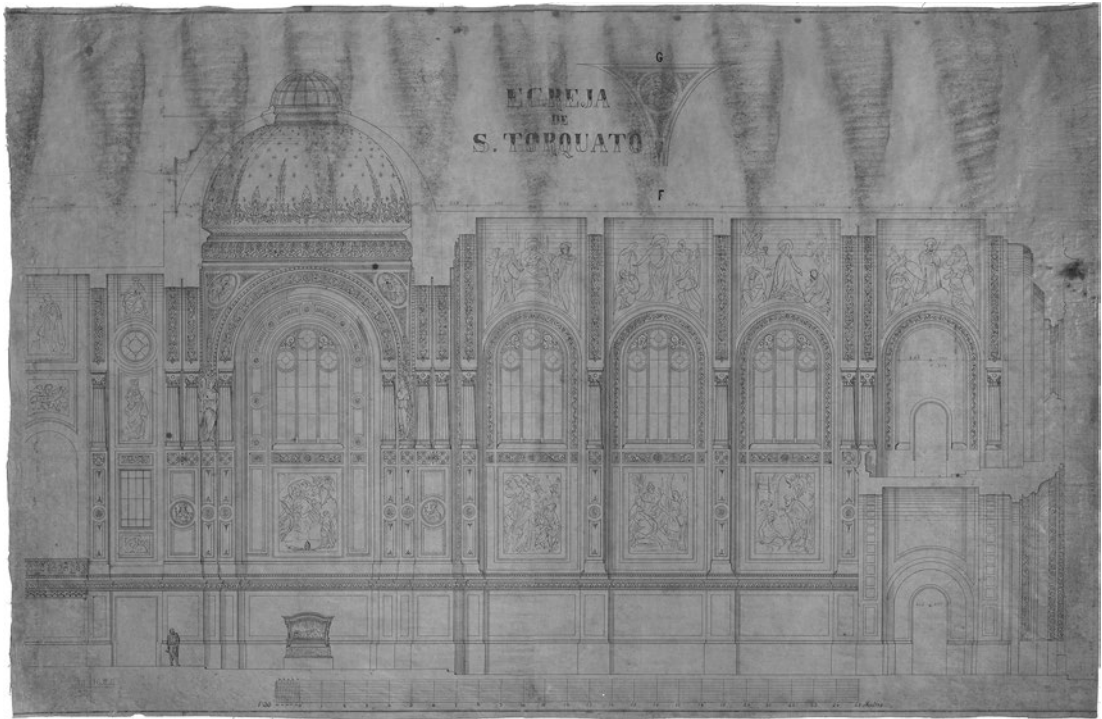


Estampa "Basílica de S. Torquato"
Lith. Emilio Biel & C^a, Porto
Arquivo da Irmandade de São Torcato

— A 'nova' cúpula, a continuação da obra por novos protagonistas

A cúpula assente em tambor, representada na cromolitografia, parece incompatível com o corte longitudinal publicado em 1875, que apresentava uma cúpula rebaixada. Porém,

88) Lith. Emilio Biel & Ca Porto – Dimensões: 21,8x31,4 cartolina; 11,2x18,1 imagem. Assinada por A. Cardozo (à esquerda) e Arth. Gui (à direita). Foram identificadas duas estampas coloridas semelhantes, produzidas em diferentes séries de impressão. Atente-se, por exemplo, às variações na representação do céu na cromatografia da FIMS quando comparada com a existente no AIST.



Corte longitudinal pela nave
Arquivo da Irmandade de São
Torcato

talvez vá ao encontro da solução apresentada a concurso e tão duramente criticada pelo júri e que foi tema recorrente de discussão com o projectista.

“Quanto ao zimbório, se V. Ex.a entender que se não deve prescindir da luz que elle ha de dar, não lhe parece que seria mais económico, e de igual efeito interno, substituí-lo por uma abobada no genero da dos banhos de Caracalla, ou da igreja de S.ta Sofia?”⁸⁹

A construção de um zimbório, como o que hoje marca o perfil do santuário implantado no vale, exigiria um acompanhamento técnico muito especializado. Cesário Augusto Pinto embora não concordasse com a opção, não deixou de recomendar a supervisão e direcção de obra por architecto:

89) Machado, Joaquim José de Azevedo; “Tradução da carta dirigida pela Mesa da Iramandade de S Torquato, au architecto Luiz Bohnstedt [5.Fev.1868] Arquivo da Irmandade de São Torcato.



“A construção do zimbório, além de muito dispendiosa é difficílissima e perigosa, e não poderá ter lugar sem que as obras sejam dirigidas por um architecto assistente”⁹⁰

Consciente desse desafio, Bohnstedt também defendera desde o início do processo a sua presença. Para o bom andamento da obra era

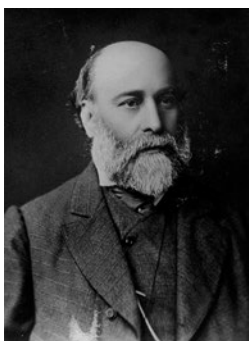
“(…) muito conveniente que o auctor do projecto fique em correspondência com os operários que estiverem encarregados de o executar, o que é fácil tendo elle em seu poder a copia do projecto que o habilite a responder a qualquer pergunta que lhe fôr dirigida.”

Ainda que a experiência de Bohnstedt mostrasse a possibilidade de, à distância, executar e acompanhar obras de grande envergadura, o ritmo desta obra portuguesa ditaria o seu progressivo afastamento. Não sabemos qual o conhecimento que o architecto manteve sobre os trabalhos em estaleiro até 1883, quando, por motivos de saúde, largou a actividade profissional. Acabaria por morrer dois anos depois, sem nunca ter visitado a obra. Ao engenheiro Cesário Augusto Pinto, que acompanhara a elaboração do projecto de Bohnstedt e o arranque do estaleiro, sucederia em 1897 o jovem architecto José Marques da Silva (*Porto, 1869, †Porto, 1947), recém-chegado de Paris.

A ausência do retrato de Ludwig Bohnstedt na galeria de benfeitores da Irmandade terá contribuído para o seu progressivo esquecimento. Nas notas de obituário publicadas em periódicos de arquitectura estrangeiros, na Alemanha e até nos Estados Unidos da América⁹¹, foi dado destaque à ‘Catedral de São Torcato’, enquanto os periódicos locais não parece terem noticiado a sua morte. A obra não seria continuada pelo seu filho também architecto. Já a José Marques da Silva, depois de cinquenta anos ao serviço da Irmandade de São Torcato, sucederia, a partir 1947, sua filha e genro, sendo a reformulação da grande cúpula o seu maior contributo. Terminada em 2006, marcou o fecho da construção do santuário que tardara quase dois séculos a erguer.

90) Pinto, Cesário Augusto [Correspondência] 27.Fev. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

91) “The British architect”, 23.Jan.1885, p.39; “The building news” 23.Jan.1885, p.152; “The Artist and Journal of Home Culture” Londres: 2.Fev.1885, p.63; “The American Architect an Building News” 28.Mar.1885, p.151.



Cesário Augusto Pinto
(Lisboa 1825 - Guimarães
1896)
Arquivo da Irmandade de São
Torcato



Ludwig Bohnstedt
(São Petersburgo 1822 -
Gotha 1885)
Arquivo Nacional - Torre do Tombo



José Marques da Silva
(Porto 1869 - Porto 1947)
Arquivo da Irmandade de São
Torcato

Ainda que a obra tenha sido iniciada segundo o projecto de Barros de Lima e terminada pelos de Maria José Marques da Silva (* Porto, 1914, † Porto, 1996) e David Moreira da Silva (*Maia, 1909; † 2002) é incontornável a relevância e o impacto da proposta desenhada por Ludwig Bohnstedt para a qualificação e afirmação arquitectónica do Santuário de São Torcato, elevado a Basílica Menor em 2020.

Agradecimentos

António Cota; Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Biblioteca Municipal de Arganil – Miriella Vocht; Biblioteca Ordem dos Arquitectos – Fátima Coelho; Biblioteca Palácio Nacional de Mafra – Mafalda Nobre; Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo – Carla Garrido de Oliveira, Marta Oliveira; Centro Português de Fotografia, Fundação Casa de Bragança-Palácio de Vila Viçosa – Maria Jesus Monge, Marta Páscoa; Fundação Marques da Silva – Luís Urbano, Maria Graciela Machado, Paula Abrunhosa; Irmandade de São Torcato; José João Loureiro; José Pedro Tenreiro; Maria José Meireles; Museu Arqueológico do Carmo – Paulo Gonçalves, Sónia Tavares; Nuno Borges de Araújo; Parques de Sintra-Monte da Lua – António Nunes Pereira, Hugo Xavier; Paulo Duarte de Almeida; Regina Anacleto; Royal Institut of British Architects; Sociedade Martins Sarmento – Antero Ferreira.



Arquivo Municipal Alfredo Pimenta



Armando
Cachada

Jornalista

São Torcato: uma paixão e curiosidade de décadas

Desde há séculos que a história da localidade de São Torcato gira à volta do Santo que lhe dá o nome, e da veneração do seu corpo incorrupto que se encontra guardado em urna vidrada, no espaço mais sagrado do seu santuário - a capela mor.

Quando, no dia 1 de agosto de 1983, então jornalista, tomei conta da Filial de Guimarães do Jornal de Notícias (do Porto), ficou ao meu cuidado a cobertura jornalística não só da cidade, mas de todo o território concelhio. Este era constituído, na altura, por 73 freguesias, tendo perdido cinco destas para o novo concelho de Vizela, quando esta vila, então vimaranense, se autonomizou administrativamente em março de 1998. Com esta perda, as freguesias do concelho de Guimarães ficaram reduzidas a 69.

Antes desta data, o concelho de Guimarães integrava apenas três aglomerados urbanos com estatuto administrativo relevante: a cidade de Guimarães e as vilas de Vizela e Caldelas.





Filipe Leite
Os Fredericos



Com a reorganização administrativa de 2012, as 69 autarquias locais foram reagrupadas em 48 freguesias e uniões de freguesia, mantendo as que se uniram preservadas a sua identidade histórica, cultural e social.

— São Torcato: vila em 1995

Algumas destas povoações ascenderam, em 1995, à categoria de vila: Lordelo, Moreira de Cónegos, Pevidém, Ponte, Serzedelo e São Torcato. Mais tarde, viriam também a ascender à categoria de vila as freguesias de Ronfe (1999) e Brito (2001).

Este facto aumentou também a minha responsabilidade jornalística no tocante à sua cobertura informativa para o jornal noticioso que eu representava na região de Guimarães.

Embora a localidade de São Torcato e as freguesias da sua área de influência fossem já alvo da minha atenção informativa, a partir da data da sua elevação a vila foram-no com mais intensidade, sem, no entanto, descurar a atenção sobre as outras áreas do território vimaranense ou de municípios vizinhos, mais localizados para o interior.

Os meus contactos exploratórios com a localidade de São Torcato deram-se logo após a instalação da Redação Filial do JN em Guimarães, a 1 de agosto de 1983, no edifício contíguo ao Hotel Fundador, ao cimo da Avenida D. Afonso Henriques. Na altura em que abri a Redação, a cidade estava em festa, com a realização das *Gualterianas*, o que, em termos informativos, absorveu toda a minha atenção jornalística.

— As forças vivas da terra

Durante esse mês de agosto de 1983, a minha preocupação, além de instalar condignamente a Redação, foi contactar também as forças vivas de São Torcato, cuja atividade sociocultural, económica e política era fundamental para alimentar a informação da secção de Guimarães no JN.

Gradualmente, fui estabelecendo contactos com os responsáveis da Junta de Freguesia, na altura presidida por *Manuel Faria Lage* e com outros notáveis da localidade, nomeadamente: com o juiz da Irmandade de São Torcato, *António Fernandes*, fundador e responsável da Escola de Cantaria; com os diretores dos grupos folclóricos de São Torcato e da Corredoura, respetivamente *Alberto Vieira* (que viria a falecer em 2002) e *Alberto Oliveira*; com o proprietário da Casa senhorial e Galeria de Gilde, *Luís Teixeira da Mota*; com o pároco da freguesia, *Pe. Guilhermino Arieira*; e, nos anos seguintes, com os responsáveis do projeto *Ed.Des – Educação para o desenvolvimento*, que na altura desenvolviam campanhas faseadas de intervenção social e educativa, nomeadamente da luta



Os primeiros contactos com as lideranças locais

contra a pobreza e exclusão social, bem como do combate ao insucesso escolar, abrangendo um número significativo de freguesias na área de influência de São Torcato.

Numa primeira fase, estavam abrangidas, no âmbito do Projeto Ed.Des, criado em 1987, as freguesias de *S. Torcato*, *Gominhães* e *Gonça*, onde os índices de insucesso escolar e de fuga à escolaridade obrigatória se tornavam mais preocupantes; mas numa segunda fase o projeto, que tinha o apoio da autarquia vimaranense e da Segurança Social, alargou-se a 13 freguesias.

Recordo, entre os que se destacavam nessa tarefa de promoção educativa e social, *Fernando Capela Miguel*, *Isabel Batista*, *Manuel Sarmento*, *Carlos Mesquita*, *Jorge Correia*, *José Salazar* e *Firmino Mendes*, além de outros dirigentes de entidades associativas e públicas da localidade.

Estes contactos, prévios à minha atividade jornalística na região, proporcionaram-me uma base de conhecimentos que me permitiram acompanhar de perto tudo o que de importante e de interesse público veio a passar-se, nos tempos posteriores, na região de São Torcato, nas diferentes áreas socioculturais, políticas, económicas e outras.

Mantive o relacionamento com estas pessoas e entidades ao longo dos anos seguintes, fazendo de São Torcato um ponto de referência noticiosa de certo modo privilegiado para o *Jornal de Notícias* e também de amizades pessoais, muitas das quais ainda hoje perduram.



— Arte e cultura

Pude assim acompanhar de perto, ano a ano, a atividade das principais instituições culturais torcatenses, entre outras:

- a dos dois *grupos folclóricos* e respetivos festivais anuais que contavam com a participação, em intercâmbios, de ranchos congêneres internacionais;
- os trabalhos da *Escola de Cantaria*, fundada em 1982, para formação de canteiros e aparelhamento da pedra para o recomeço das obras de construção do *Santuário*, que tinham ficado interrompidas desde 1947 ou 1948;
- a reabilitação da *Casa senhorial de Gilde*, transformada em *Galeria de Arte* em finais de 1983, com as primeiras exposições no início de 1984, em que foram apresentadas obras de *Vieira da Silva* e *Manuel Cargaleiro* e, nos anos seguintes, de muitos pintores renomados, em boa parte formados em Paris.

Nessa mesma Galeria, promovi eu próprio, em 1984, uma entrevista coletiva a alguns *pintores de Guimarães*, para apurar o *estado da arte*, saber quem eram, como viviam, o que faziam, o que pensavam e porque não se associavam para obterem melhores condições de exercer a sua arte. Enfim, dar-lhes espaço no JN para exporem a sua atividade, os seus problemas e darem-se a conhecer ao grande público.

Nessa entrevista coletiva, que foi publicada no JN nos dias 26 e 27 de agosto de 1984, participaram os pintores então em alta: o *Guima*, o *Vitor Costa*, o *Salgado Almeida*, o *Vasco Carneiro* e o *A. M. Soares*.

— Uma terra que se desenvolve

Ao longo dos anos, fui-me inteirando das iniciativas que se iam desenvolvendo na localidade de São Torcato: do nascimento do *Museu Etnográfico*; da criação da *Escola Agrária*; dos *festivais de folclore* e intercâmbios internacionais que os dois ranchos etnográficos da freguesia anualmente promoviam; das iniciativas da *Irmandade* que se assumia como promotora incontornável de desenvolvimento em São Torcato; das duas romarias - a *grande* e a *pequena* - em veneração ao santo taumaturgo da terra; da *Feira Franca dos 27*, um dos principais certames de gado da região, coincidente com a data do martírio de São Torcato e dos seus 26 companheiros, a 27 de fevereiro; do avanço constante das obras no *Santuário*, por intervenção da *Escola de Cantaria* que ia gradualmente formando os canteiros especializados no tratamento artístico da pedra, o que permitiu, já em 1993, a inauguração do *Transepto*; do forte incremento cultural da vila com programas como *Em São Torcato o Verão tem Tradição*, factor de grande atração turística; além de muitas outras iniciativas.

Sem dúvida uma terra cheia de vida e em franco crescimento.



Escola de Cantaria. Aqui foi elaborada a pedra para a conclusão do Santuário de São Torcato

Claro que nem tudo terá sido exemplar no relacionamento entre as instituições promotoras do desenvolvimento, tendo surgido, ainda em 1993, uma desavença que opôs a Irmandade de São Torcato à Junta de Freguesia local e à Câmara Municipal de Guimarães, em razão da construção de uma estrada de ligação do lugar do Mosteiro ao Lugar da Corredoura, passando pelo terreiro do Santuário, terreno que a Irmandade considerava de sua propriedade, mas que a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal entendiam tratar-se de usufruto público.

Nesse processo, a Irmandade acabou por sair perdedora, mas com o andar dos tempos as coisas acalmaram e a estrada de ligação entre os dois lugares que outrora se manifestavam rivais, revelou-se muito importante para o próprio desenvolvimento da localidade.

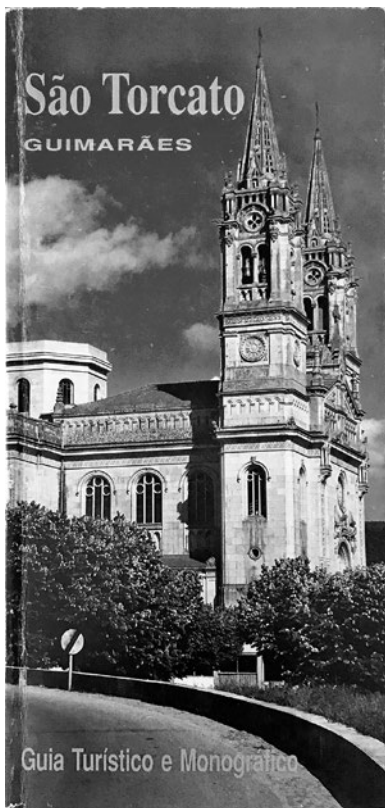
— Um guia turístico e monográfico de São Torcato (1994)

Desde os meus primeiros contactos com São Torcato, apercebi-me do seu enorme potencial em termos de património arqueológico, religioso, turístico e cultural e daí que cedo me tenha aventurado a elaborar, quer para os leitores do *Jornal de Notícias do Porto*, quer para uso de quem vive ou visita Guimarães, publicações com informação alargada sobre São Torcato, destacando não só a parte histórica das suas origens, mas também as suas potencialidades nos campos da produção agrícola, da implantação de empresas industriais e do turismo, este último com ênfase marcadamente religiosa, etnográfica e cultural.

Tal divulgação pode encontrar-se, por exemplo, no *Roteiro Turístico de Guimarães*, que



editei e foi publicado, em 1992, pela *Zona de Turismo de Guimarães*, num capítulo com quase vinte páginas sobre São Torcato; e também no *Guia Turístico e Monográfico de São Torcato*, que publiquei em 1994, contendo, numa trintena de páginas, o que de mais significativo na altura se podia encontrar, em termos patrimoniais, turísticos e religiosos nesta localidade.



Uma consulta a esse *roteiro*, que se encontra atualmente disponível na loja do Santuário, permite ficar com uma ideia, igualmente resumida, da monumentalidade religiosa existente na vila, a qual, não sendo abundante, pois trata-se de um centro histórico relativamente pequeno, é, contudo, muito rica em antiguidade histórica, arquitetónica, museológica e de arte religiosa, abrangendo períodos que vão desde o século VII até à atualidade.

Os monumentos religiosos de maior referência são, naturalmente, a *Igreja do Mosteiro* (paroquial), que assenta numa primitiva construção visigótica atribuível ao século VII; o *Santuário*, de arquitetura revivalista e eclética, cujo início de construção remonta a 1825, tendo a sua sagração ocorrido após o termo de obras, já em 2015; a *Capela da Fonte do Santo*, construída em data antiquíssima, mas desconhecida, no local onde foi encontrado o corpo do mártir São Torcato, para o recolher, local que ficou conhecido como *São Torcato o velho*; e o *Cruzeiro da Rua do Assento*, do século XVI.

Outros assuntos são abordados neste pequeno guia monográfico, com especial destaque para os *museus* (Museu Agrícola, Museu de São Torcato, Casa-Museu e sede da Irmandade); *património rural e turístico* (casas e quintas senhoriais); *fontes cantareiras*; *rios e pontes*; *arquitetura rural*; *alminhas e cruzeiros*; *artesanato*; *etnografia* e *folclore*; *festas e romarias*; *feiras*; *instituições*; *associativismo*; *indústrias*, etc..

— **Descobertas arqueológicas na igreja do Mosteiro (Matriz)**

Tive também a oportunidade de acompanhar, na segunda metade dos anos oitenta, os trabalhos de restauro na *Igreja Matriz* (paroquial), ligada ao antigo mosteiro, durante os



Túmulos dos séculos VI (sob o altar mor da igreja) e VII (necrópole da sacristia)

quais foram descobertos, sobretudo na capela-mor, na sacristia e no subsolo do templo, importantes vestígios do período suevo-visigótico.

Quando apareceram os primeiros vestígios, foram alertados os Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte, que de imediato enviaram para lá os arqueólogos *Luís Fontes* e *Henrique Regalo*, especialistas em arqueologia medieval, que passaram a orientar as escavações arqueológicas, entretanto alargadas a todo o templo.

Dada a importância dos achados, tive a oportunidade de entrevistar, na altura, o arqueólogo *Luís Fontes* e recolher elementos informativos para o *Jornal de Notícias*. Este fez-me um primeiro balanço dos resultados alcançados durante as escavações, considerando-os largamente compensadores.

Relativamente aos aspetos da arquitetura pré-românica (séculos VII-IX), o arqueólogo referiu o aparecimento, nas paredes do templo, dos *frisos* e *ajimezes*, sublinhando ainda que as escavações realizadas na capela-mor permitiram identificar as diversas fases construtivas do edifício.



Foi possível identificar, também, sob o altar mor da igreja, uma sepultura *sui generis*, em telha, que conservava ainda o esqueleto, com um lastro de argamassa e imbricas (telhas redondas ou de meia cana) e um tijolo trapezoidal no lugar da cabeça. Segundo o arqueólogo, trata-se de um túmulo de que não se conhece paralelo em lado nenhum e que deve remontar à fase mais antiga do templo, fora de cujos muros, aliás, se encontrava, pois era proibido, nessa época, o enterramento nas igrejas.

Definiu-se também com segurança o edifício românico que aponta para os séculos XI-XII, em cuja construção foram utilizados materiais pertencentes a fases construtivas mais antigas, nomeadamente *frisos* e *ajimezes* de calcário, com decoração normalmente atribuída ao período visigótico.

Na sacristia, descobriram-se restos de uma *necrópole* que remonta também ao período visigótico. Foi possível detetar ali diversas fases de utilização, desde túmulos visigóticos escavados na rocha, a sarcófagos medievais dos séculos X e XI e a ossários do século XIII e posteriores. Em todos estes túmulos foram encontrados esqueletos.

Entre os achados mais significativos proporcionados pelas investigações na igreja paroquial, salienta-se o aparecimento de um conjunto de caixas-relicário, cuja análise permitiu traçar com segurança a evolução cronológica construtiva do templo, definindo diferentes fases de abertura do altar-mor e de colocação das sucessivas *lipsanotecas*.

O estudo aprofundado destas *caixas-relicário* foi publicado posteriormente pelos arqueólogos *Manuel Luís Real* e *Mário Jorge Barroca*.

— O santo e o achamento do seu corpo incorrupto

Tratando-se de uma figura de tanta antiguidade, que nos remete ao início do século VIII, é natural que a realidade se apresente, muitas vezes, enroupada em lenda, sendo difícil perceber onde é que começa uma e termina a outra.

Na *Corografia Portuguesa*, tomo I, o *Pe. António Carvalho da Costa*, tendo como fonte informativa o *Papa Calisto Segundo*, dá São Torcato como um dos nove discípulos que o Apóstolo Santiago juntou a si quando, no ano 36, veio à Província de Entre Douro e Minho.¹

Há muita lenda à volta de São Torcato, quer quanto à época em que viveu, quer quanto aos locais da sua origem. Claro que a fonte onde o *Pe. António Carvalho da Costa* foi beber, não terá sido a mais fidedigna, pois é dado como certo que São Torcato foi arcebispo de Braga no século oitavo, portanto, em distância temporal bem longe do séc. I, como defenderam alguns autores.

1) Costa, P. António Carvalho (1868). *Corografia Portuguesa, Iled. Tomo I*, cap. VIII, pg. 18, Braga.



Capela da Fonte do Santo

A própria narrativa do achamento do corpo de São Torcato é contada de uma forma algo mirífica pelo autor da *Corografia Portuguesa*, que assim a descreve:

O corpo do Bemaventurado São Torcato, conforme a tradição, se achou afastado de Guimaraens huma legoa para o Nascente em parte, que do Ceo se viaõ cahir como humas Estrellas, de que admiradas as gentes, & indagando o mysterio, rompendo aquelles asperos, & intrincados matos, acháraõ aquelle santo corpo em huma cova, donde sahia um admirável cheiro, indicio daquelle precioso thesouro; o qual assim que foy desenterrado com a veneraçam devida deixou em seu logar huma caudalosa fonte, que foy remedio de muitos enfermos, que com fé vinhaõ buscar suas águas.

Naquelle santo lugar se levantou huma Ermida, em que está a imagem deste Santo, a que inda hoje chamaõ Saõ Torcato o velho; de dentro de suas paredes ficou recolhida a sua milagrosa fonte com uma bica fóra dellas para communicar a todos sua virtude.



Nesta Ermida esteve o corpo de São Torcato até se fazer o Mosteiro de sua invocação, o qual foy duplex de Frades, & Freiras da Ordem de São Bento²

Há uma versão, de cunho mais popular mas igualmente de invocação milagrosa, que eu próprio tive a oportunidade de recolher, em 2003, junto de uma devota do santo, numa das celebrações da *Festa da Água*.

Explicou-me ela:

A fonte milagrosa brotou no sítio onde, há 1300 anos, quando se roçava um silvado, se achou o corpo incorrupto de S. Torcato. Na altura não se sabia que era ele, só quando o homem deu uma sacholada na cara do santo – olhe, ainda tem lá a marca - é que se ouviu uma voz: “cuidado que está aqui Torcato”! Vieram tirar o corpo, mas não havia água para o lavar. Brotou então, milagrosamente, uma fonte, que ainda hoje, como vê, jorra abundantemente.



A Fonte do Santo (a água considerada milagrosa é a da torneira no meio)

2) Idem, pg. 19

Na secretaria do Santuário de São Torcato há um livro à venda, intitulado “*Vida Preciosa e Glorioso Martírio de São Torcato, arcebispo de Braga e Bispo do Porto do Padrão e de Dume*” que, pelo que conheço, poderá ser talvez o melhor, mais sério e mais fidedigno trabalho de investigação e confrontação de fontes escritas e da tradição, já publicado, que dá garantias de credibilidade sobre a vida de um santo em parte enroupada na lenda, mas também com alguma fundamentação documental, plausível de veracidade.

O livro, de autoria de *Domingos da Soledade Sillos*, foi editado pela primeira vez, em 1853, pela Imprensa Nacional, em Lisboa, mas atualmente vai já na XX edição, publicada em 1998 em Guimarães.

Nele, o autor recolhe o que de histórico foi possível documentar e comprovar sobre São Torcato. Referindo-se ao túmulo para onde o seu corpo foi trasladado após a construção do mosteiro na época medieval, diz que

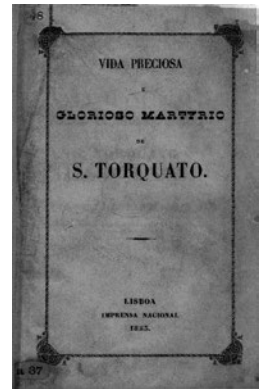
*o puseram num túmulo de pedra, muito grande, pouco aperfeiçoado, sobre quatro colunas, e cercado com um gato de ferro, dentro de uma capela que está da parte do norte.*³

O túmulo de pedra que atualmente se vê na Capela lateral da Igreja paroquial de São Torcato, com uma placa em que se lê a data de 1637, é uma nova construção, efetuada na sequência de uma tentativa de transferência do corpo do santo para a Igreja da Colegiada da Oliveira, transferência a que o povo se opôs, construindo um novo túmulo para enquadrar o antigo, como relata *Domingos Sillos*:

Em virtude disto, o povo fez sentinela de dia e de noite ao santo e, multando-se a si mesmo, resolveu segurar o túmulo do santo. Para isso fez de pedra e com alguma arquitetura, um magnífico túmulo, dentro do qual meteu o antigo e o rodeou com grades mais fortes, pondo-lhe por fora, em letra romana, este letreiro:

*Hoc Tumulo illesis conduntur
carnibus ossa torquati D. Pignora Chara*

É o mesmo que ainda hoje se lê. E no mesmo túmulo, antes de ser mudado, tinha mais o seguinte:



Versão mais antiga do livro de Domingos Sillos, sobre São Torcato

3) Sillos, Domingos da Soledade (1998). *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de São Torcato*, XX edição, Guimarães.



Anno de 1637, Se guarneceu esta sepultura, E, abriu-se, e achou-se o corpo, e carne inteiro, vestido de pontifical, com báculo.

Segundo a descrição de *Domingos Sillos*, antes de o encerrarem na nova construção, foi aberto o túmulo do santo com grande pompa e acompanhamento oficial, bem como de muita gente da freguesia e fora dela e, descreve o autor:

aberto o túmulo, acharam o santo inteiro em carne, sem lesão alguma, mais que no pescoço, onde tinha um buraco que denotava ser o golpe, e na pá, entre uma e outra. Tudo o mais estava inteiro: a mão esquerda assentava sobre o peito e a direita sobre ela; os olhos cheios e compostos; era calvo, e o rosto grande; era grosso, e os joelhos estavam encolhidos.⁴



O túmulo de pedra e a inscrição

A descrição sobre as condições e a forma como acharam o corpo incorrupto do santo, continua, mas há um detalhe curioso referido por *Domingos Sillos*, que esclarece:

De tudo isto se fez auto que foi para o arquivo da Colegiada.

4) *Idem*, pg. 36.

E acrescenta:

*Foi nesta ocasião que o Mestre Escola, Doutor Rui Gomes Golias, arrancou ao Santo um tornozelo, que ainda veio com raios de sangue; porém, o Céu tanto castigou o roubador que desde então nunca mais teve saúde, e morreu miseravelmente.*⁵

Esse tornozelo ainda hoje se encontra no Museu de Alberto Sampaio, guardado num relicário de prata dourada, com dois vidros e devidamente referenciado, para poder ser visto por todos os lados.

Sobre a devoção a São Torcato, eram muitos os romeiros que de todos os lados acorriam ao templo para o venerarem e suplicar graças e cura para as suas doenças, atestando o Reitor *Domingos Sillos*, no seu livro, que foram muitos os milagres obtidos pela intercessão do santo.

As romarias

Entre as tradições que se perpetuaram, ao longo do tempo, nas vivências festivas anuais da localidade de São Torcato, contam-se: a *Romaria Grande*, que atrai milhares de forasteiros e devotos o santuário, no início de julho; e a *Romaria Pequena*, ligada à *Festa da Água*, anualmente comemorada a 15 de maio.

— A Romaria Grande

Esta peregrinação, realizada anualmente no início do mês de julho, está relacionada com a trasladação do corpo de São Torcato da Igreja Paroquial para o novo templo, cuja construção estava em curso, na altura, no *lugar do Mosteiro*, mas já com capacidade para acolher a urna do santo e os romeiros que vinham em peregrinação a São Torcato.

A solene trasladação foi efetuada a 4 de julho de 1852, com grande pompa e acompanhamento de altos dignitários eclesiásticos e civis, de muitas dezenas de membros da Irmandade de São Torcato e de instituições religiosas e civis, além de uma imensa



Relicário com o tornozelo de São Torcato
José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

5) Idem, pg. 17.



Carros alegóricos na Romaria Grande

multidão de povo e romeiros que na altura acorreram a São Torcato para acompanhar a cerimónia.

Incorporavam-se também na procissão *carros triunfais* e muito *figurado*, representando quadros da vida religiosa e a relação que tais figuras tinham com a vida e as virtudes do santo. Esta procissão constitui ainda hoje o núcleo principal das Festas de São Torcato.

— A Romaria Pequena

A Romaria Pequena, também conhecida por *Festa da Água*, ocorre anualmente a 15 de maio, mas não tem, nem de longe, a grandeza ou movimentação popular da Romaria Grande.

Consta de uma romagem à *Capela da Fonte do Santo*, onde a tradição localiza o achamento milagroso do corpo incorrupto de São Torcato. Do subsolo das fundações da capela brotam, para o exterior, três bicas de água, uma das quais recolhe a água da nascente milagrosa que, segundo a tradição, ali brotou no dia em que foi descoberto o corpo do santo.

Todos os anos, no dia 15 de maio, se cumpre uma tradição de muitos séculos à volta da capelinha: os romeiros descem o pequeno escadório que dá acesso à fonte das três bicas, bebem da água milagrosa da bica do meio, enchem os cantis e garrações, molham os cabelos e o rosto, assistem às cerimónias religiosas celebradas na Capela sob a qual tem origem a nascente e depois, pela noite fora, divertem-se em arraial popular, com cantares ao desafio e animação festiva no terreiro em frente ao santuário.

As instituições

E já que estamos a falar da localidade e do património monumental e religioso de São Torcato, não posso deixar de salientar, também, a importância e a riqueza das suas instituições, cuja atividade fui seguindo ao longo dos tempos, pois a elas se deve também muito do desenvolvimento económico e cultural desta memorável terra, que se projeta bastante para além das suas fronteiras locais, regionais ou mesmo nacionais.

São fatores desta projeção nacional e internacional, por exemplo, os dois *grupos folclóricos* da terra, que com suas danças e cantares atraem muita gente à localidade, mas também levam a cultura da sua região a vários continentes do nosso globo. Referir-me-ei a elas, com algum pormenor, mais adiante.

Mas a instituição que, ao longo dos tempos, foi marcante e decisiva no desenvolvimento desta localidade, foi, sem dúvida a *Irmandade de São Torcato* e as organizações que à sua volta nasceram, principalmente nas últimas décadas.

Com estas instituições, a que junto igualmente a *ADCL- Associação para o Desenvolvimento das comunidades Locais*, sucedânea da *Ed.Des* e também a *Casa do Povo*, mantive sempre contactos muito aproximados, quer na minha função jornalística para o *Jornal de Notícias*, quer de amizades granjeadas ao longo do tempo com alguns dos seus dirigentes e associados.

— Irmandade de São Torcato



Fotografias dos irmãos da confraria, nas paredes da loja de lembranças

A antiguidade desta organização, de cunho religioso, remonta ao século XVII, com a criação, em 1693, da *Confraria do Azeite*, cuja obrigação era manter um candelabro com chama permanente, alimentada a azeite, junto ao corpo incorrupto de São Torcato.



Esta obrigação manteve-se até 1805, altura em que o arcebispo da diocese de Braga, D. Frei Caetano Brandão, religioso da Ordem Terceira de São Francisco, decidiu que o corpo do glorioso mártir deveria ficar exposto à veneração dos fiéis.

Com o corpo resguardado em urna com transparência de vidro, a devoção ao santo foi crescendo e os irmãos da *Confraria do Azeite* foram também aumentando em número, o que levou à reformulação, em 1806, dos Estatutos da instituição, passando esta a designar-se *Irmandade de São Torcato*.

Esta nova dinâmica levou também ao desenvolvimento do culto e à crescente multiplicação de peregrinações, tornando-se necessário criar melhores condições de acolhimento aos devotos. Isso permitiu à Irmandade começar a considerar a hipótese de levar a cabo a construção de um santuário mais amplo que o da Igreja do Mosteiro onde então se expunha a *urna* do santo.

Adotada essa medida, os trabalhos de construção do novo templo iniciaram-se em 1825. Em 1852, estando já concluída a capela-mor, procedeu-se à trasladação da *urna* da igreja do Mosteiro para o novo espaço.

Os anos seguintes levaram a muitas alterações no desenvolvimento da arquitetura do templo, cuja construção ficou formalmente concluída apenas em 2015, com a sagração do santuário. Neste processo teve papel fundamental a *Irmandade de São Torcato*, que não se poupou a esforços, nem a custos para levar por diante, até à sua conclusão, a obra do santuário. Para tanto, criou a *Escola de Cantaria*, hoje extinta, mas que, além de formar canteiros especializados, proporcionou-lhes a aplicação dos conhecimentos que iam adquirindo nas obras que ainda faltavam para a conclusão do projeto do santuário: a construção da *cúpula (zimbório)* e da *Capela-mor*.

Pôs-se assim termo a um período, quase lendário, das obras inacabadas em São Torcato, semelhantes às da Igreja de Santa Engrácia (Panteão Nacional), em Lisboa, que levaram 400 anos a ser concluídas. As de São Torcato levaram quase metade desse tempo; foram iniciadas em 1825, suspensas em 1947/8 e retomadas em 1982 com a criação da *Escola de Cantaria*, tendo terminado oficialmente em 2015 com a cerimónia de Sagração do Santuário. No total, foram necessários mais de 180 anos para construir, em pedra de cantaria, um dos mais belos e icónicos edifícios religiosos do nosso país.

Paralelamente à obra do santuário, a *Irmandade de São Torcato* levou a cabo importantes melhoramentos nos espaços envolventes ao templo, nomeadamente o amplo terreiro arborizado que permite a realização de feiras e de todo o tipo de manifestações socioculturais e religiosas; e a implantação de espaços de lazer como o Parque do Lago, a construção de um edifício para a sua sede e a criação de um Museu Etnográfico e de Arte Sacra, além de outras benfeitorias.

— Associações Etnográficas

A localidade de São Torcato é rica em tradições folclóricas, à volta das quais nasceram e se desenvolveram prestigiados grupos, dos mais genuínos no panorama do folclore nortenho: o *Grupo Folclórico da Corredoura* e o *Grupo Folclórico de São Torcato*. Creio ser caso único, em Portugal, o de uma localidade que tem dois agrupamentos folclóricos federados, considerados dos melhores do país e ambos com múltiplas internacionalizações.

Ao longo dos anos fui também acompanhando e dando a conhecer ao país, através do *Jornal de Notícias*, a sua intensa atividade etnográfica.

Embora concorrentes na performance da atuação folclórica, os dois grupos foram mantendo as suas características próprias, não se anulando, mas alcançando elevados patamares de qualidade de atuação, que os fizeram alcandorar a níveis de notoriedade, muito para além das fronteiras regionais, nacionais e até internacionais. Aqui deixo uma breve apreciação de cada um deles.

O Grupo Folclórico da Corredoura (GFC)

Fundado há 66 anos, em 1956, o GFC é, atualmente, o terceiro mais antigo do país. A sua primeira apresentação oficial decorreu em 1957, enquadrada no programa das *Festas Gualterianas de Guimarães*, tendo sido já então elogiada a pureza dos cantares, danças e trajes apresentados.



O GFC na sua atividade folclórica de arrancar o linho



Depois de alguns anos de relativa estagnação, o grupo renovou-se culturalmente, centrando as suas atividades à volta da *cultura do linho* nos seus moldes tradicionais, já que esta atividade agrícola, que em tempos predominou na região, está hoje praticamente extinta, sobrevivendo apenas em pequenas bolsas de produção, mas com fins muito específicos.

Paralelamente, foi desenvolvendo um verdadeiro trabalho de investigação e de recolha dos usos, costumes e tradições do povo e da terra, um trabalho que envolveu não apenas a pesquisa dos trajes ancestrais, mas também as danças de terreiro e os cantares do povo quando se dedicava às tarefas campestres, entre as quais a do cultivo do *linho*, outrora muito enraizado na Corredoura. Esta preocupação em estudar e tentar preservar a memória e a identidade dos costumes e tradições locais, deu origem à publicação de um livro intitulado *O Linho no Campo e na Arca*, trabalho de pesquisa e de elaboração que me foi solicitado e que procurei desenvolver em sintonia com as práticas culturais do rancho.

No mesmo âmbito, elaborei um trabalho sobre o *Traje Regional do Baixo Minho*, dando especial destaque ao *Traje da Ribeira* ou à *Lavradeira*, e, neste, ao traje folclórico e às práticas culturais do GFC.

Este trabalho, um estudo de duas dezenas de páginas de texto descritivo, foi apresentado em 2005, nas Jornadas de Folclore de Vila Nova de Sande, mas não chegou a ser publicado. Dada a sua fundamentação didática, poderá, eventualmente, vir ainda a ser publicado.

Entre as suas diversificadas atividades, o GFC promove, durante os meses da primavera, a *Festa do Linho (Linhal)*, fazendo reviver os rituais e as atividades que, ao longo de séculos, as populações rurais tradicionalmente cultivavam para produzir o linho com que confeccionavam a sua própria roupa. Esta é também uma das atividades que venho acompanhando, presencialmente, desde o início do evento.

Organiza também anualmente, durante o mês de agosto, o *Festival de Folclore da Corredoura*, nos últimos anos substituído pelo *Fest'In Folk Corredoura - O Mundo Dança em Guimarães*, com forte participação de ranchos folclóricos de países dos vários continentes.

Grupo Folclórico de São Torcato (GFST)

Com sede no lugar do Mosteiro, este rancho dá como data original da sua fundação o 25 de maio de 1957, embora as suas primeiras atuações em público tenham sido efetuadas apenas em princípios de 1958.

Pouco tempo depois, começaram a organizar o *Festival Folclórico de São Torcato*, que arrancou em 1960 e continua a realizar-se anualmente até hoje, com a participação de

ranchos internacionais, geralmente na segunda quinzena de julho. Neste ano de 2023, deverá ter lugar a 63ª edição do Festival.

Desenvolve a sua atividade etnográfica através de iniciativas enraizadas nas tradições do mundo rural, entre outras as *vindimas* e *desfolhadas*, bem como as *malhadas* ou *espadeladas*, estas últimas ligadas à cultura do linho.

Em termos de *danças tradicionais*, o GFST privilegia o *Vira*, o *Malhão*, a *Chula*, a *Cana Verde*, a *Vareira* e outras.

Os seus *trajes folclóricos* abarcam as representações do vestuário tradicional, desde os do trabalho no campo, ao fato domingueiro, ao de luxo, de namorados, de noivos, da mulher do leite, e outros. Trajes que eram tradicionais na segunda metade do século XIX e primeira metade do séc. XX.

As suas *representações etnográficas* multiplicam-se por todo o Portugal e Ilhas, mas o grupo tem feito também inúmeras deslocações a países estrangeiros, para mostrar, em festivais de folclore organizados por grupos congéneres, a forma como as populações rurais do Baixo Minho outrora dançavam nos terreiros ou em zonas campestres, nas tardes domingueiras, nos trabalhos do linho, nas vindimas ou noutras situações em que as vivências populares o permitissem.

Ao longo da sua atividade, em Portugal e no estrangeiro, o GFST foi arrecadando inúmeros prémios e distinções, tendo festejado em maio de 2022 o seu 65º aniversário.



O GFST numa desfolhada típica minhota



Conferência de Imprensa na casa de Alberto Vieira, fundador do GFST (anos 80)



As feiras

Quero fazer ainda, neste meu texto, que é evocativo de uma relação cultural e de certo modo também afetiva, de quase quarenta anos, com a localidade torcatense e com as suas gentes, referência a dois eventos, ambos de realização anual nesta vila: a antiquíssima *Feira Franca dos 27*, e a *Feira da Terra*, de organização mais recente.

— A Feira dos 27

O dia 27 de fevereiro, tem certamente a ver com os 27 mártires (São Torcato e os 26 companheiros) que foram mortos na invasão árabe da península, em 719.

Domingos da Soledade Sillos, na sua *“Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato”*, diz que este *padeceu seu martírio a 26 de Fevereiro de 719, governando a Igreja de Deus o Santíssimo Padre Gregório II.*⁶

Esta informação é coincidente, efetivamente, com o tempo do papado de Gregório II, que governou a Igreja de maio de 715 a fevereiro de 731, ou seja, foi Papa durante quinze anos.

A *Feira dos 27*, de cariz marcadamente rural e dedicada ao comércio do gado, tem bastante antiguidade, embora a sua atual versão remonte a 1931, por deliberação camarária.

Como referi no meu *Guia Turístico e Monográfico de São Torcato*,⁷ o impacto da sua realização, praticamente no seguimento da *Feira de Santo Amaro*, em Mascotelos, a 15 de janeiro, onde os lavradores fixam as cotações do preço do gado para o resto do ano, transforma-a numa das mais importantes e movimentadas manifestações agropecuárias da região, com uma animação festiva muito aproximada da que se regista no Verão, em plena época das romarias.

Não há, no entanto, referências concretas sobre a verdadeira antiguidade desta manifestação agro-pecuária; apenas alguma documentação que revela a existência, já em 1758, de uma *Feira Franca de Gado* na Devesa de Maio, no 1º dia de maio, que dura três a quatro dias, como refere o paleógrafo vimaranense João Lopes de Faria, citando o Dicionário Geográfico guardado na Torre.

6) Idem, pg. 45

7) Cachada, Armindo (1994). São Torcato, Guia Turístico e Monográfico, p.25, Guimarães.



Feira Franca dos 27 (Feira do Gado)

— A Feira da Terra

É justo que, antes de concluir este trabalho, cite ainda uma outra feira com realização anual, que já ganhou algum estatuto em São Torcato, não tanto pela antiguidade, mas pela qualidade.

É a *Feira da Terra*, criada em 1995 pela *Associação Para o Desenvolvimento das Comunidades Locais* (ADCL), com o objectivo expresso de promover os produtos típicos e artesanais da região, procurando fazer valer como produtos regionais, a broa, o vinho, o mel, a castanha e todos os que representam as atividades económicas tradicionais e a riqueza agrícola da região torcatense, para, desse modo, potenciar o desenvolvimento dos recursos ainda existentes na comunidade.

Com o decorrer dos anos, a feira alargou-se a outros produtores, registando atualmente um crescimento e uma estabilidade que atrai muitos potenciais expositores de outras regiões.

Em 2019, a Feira comemorou o seu 25º aniversário com uma representação alargada de muitas dezenas de expositores e a publicação de um jornal comemorativo intitulado *Jornal da Terra 2019*, em que foram analisadas, uma a uma, as sucessivas edições anuais deste certame, verificando-se, nesta análise, que o propósito inicial não foi alterado, antes se foi desenvolvendo no seguimento do primitivo fio condutor, não só em favor da região de São Torcato, mas alargando-se a todo o concelho de Guimarães, que é igualmente o campo de ação da ADCL.



A primeira Feira da Terra, organizada em 1995, era muito didática e tinha apenas meia dúzia de bancas



Em 1996, a propaganda da Feira da Terra estendeu-se à cidade de Guimarães

Registo aqui, também, que acompanhei a realização desta *Feira da Terra* desde a primeira edição, em 1994, até à última, realizada em 2019, e que, neste contexto, organizei eu próprio, a pedido da organização, as duas publicações do *Jornal da Terra* que foram editadas: uma em 2004, no 10º aniversário da Feira e outra na comemoração do seu 25º aniversário, em 2019.

Cartaz do 25º aniversário da Feira da Terra



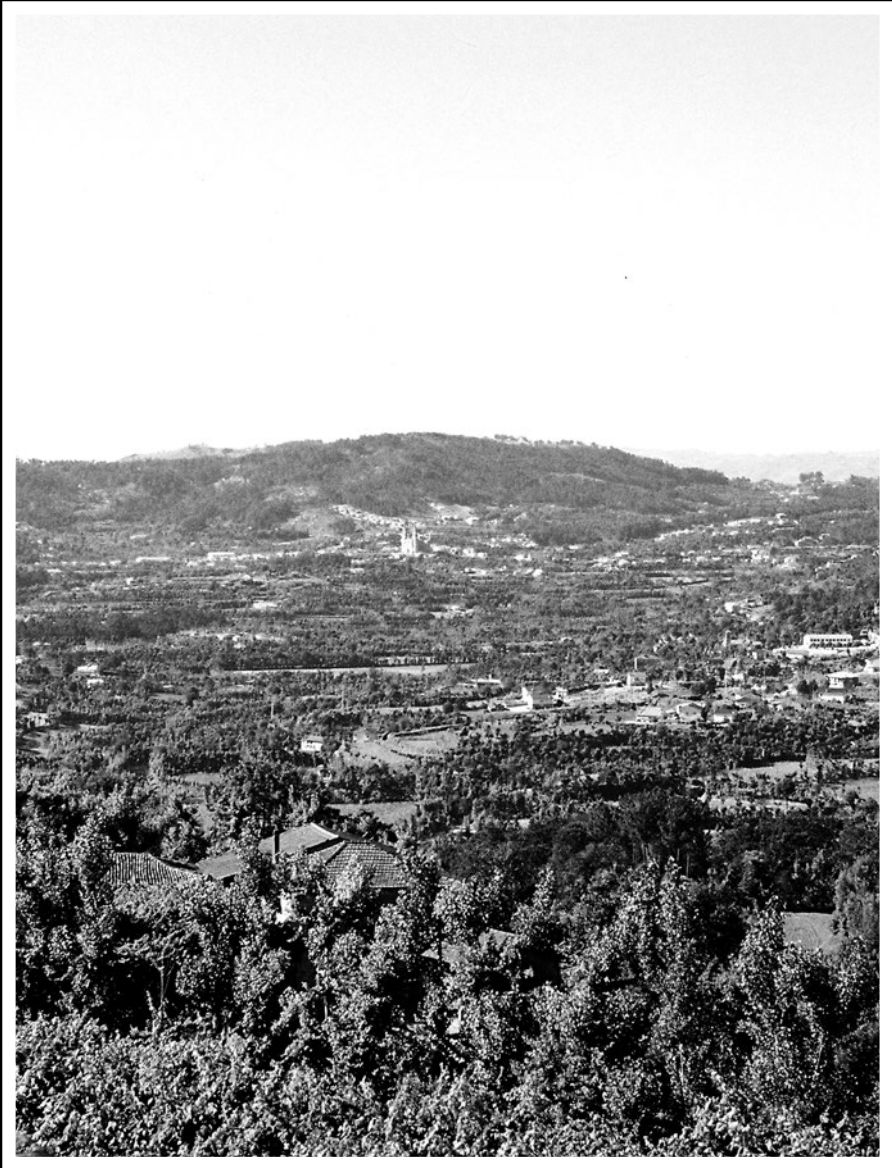
Nos anos 2020 e 2021, a Feira da Terra não pôde realizar-se, em razão da pandemia de covid-19.

No ano de 2022, a Feira da Terra entrou na sua 26ª edição, que ocorreu entre os dias 6 e 9 de julho. A *Agricultura*, o *artesanato* e a *gastronomia* foram as suas principais componentes, além da *animação*, muito dirigida ao público infantil.

— Outras iniciativas culturais e festivas

São igualmente manifestações da atividade cultural e festiva desenvolvida em São Torcato, o *Linhal*, organizado nos meses da primavera pelo *Grupo Folclórico da Corredoura* e a *Festa das Colheitas*, levada a cabo no mês de outubro pelo *Grupo Folclórico de São Torcato*.

Termino aqui as referências à vila de São Torcato, localidade que, no meu entender, tem manifestado, ao longo das últimas quatro a cinco décadas, uma dinâmica de desenvolvimento notável, tendo sempre, como pano de fundo, a devoção ao santo e, como elemento estrutural o corpo altaneiro do magnífico Santuário granítico, que emerge no centro do rico vale agrícola torcatense, atravessado pelo rio Selho, e se torna majestosamente visível de todas as colinas que se estendem em seu redor.



Paulo Pacheco



Nuno Vieira e
Brito

Professor Catedrático do
Instituto Universitário
das Ciências da Saúde

—
Professor Coordenador
da Escola Superior
Agrária de Ponte de Lima
/ Instituto Politécnico de
Viana do Castelo

O vale do sustento

Verde e rico é o Vale. Com o tempo, que muito tempo tem, foi-se construindo ao longo de séculos, fértil, de campos e várzeas, povoado de gente trabalhadora que se dedicou ao amanho das terras e à criação de gado, com um espírito empreendedor e precursor, a seu tempo, de atividades industriais, como o vestuário, os curtumes ou a cutelaria.

Verde e rico é o Vale. Atravessado pelo Selho e enriquecido por riachos, ribeiras e poças, numa convivência tantas vezes partilhada, negociada e conflituosa, pois a água é a seiva que alimenta as culturas e sustenta a Família.

Verde e rico é o Vale. Luxosos e imponentes, os bois barrocos que eram o motor do trabalho dos tempos de antanho, capados e em junta, que lavravam o milho em maio e colhiam em outubro, carregavam as pipas em setembro, durante as festas das vindimas, e se transformavam em adorno das lavradeiras, depois de mercados na Feira Semanal.



Pois o Vale de São Torcato, o Vale do Sustento, é um dos mais extensos do concelho de Guimarães, aquele que mantém ainda algumas das tradições agrícolas como o milho, cultura rica do Minho, introduzido em Portugal primeiramente nos campos do Mondego, na era pós-Colombo, e que se tornou indispensável nas relações proprietário/rendeiro, com os primeiros registos das rendas pagas em milho [1]. O milho foi-se adaptando essencialmente às regiões Norte-Centro do País e Algarve, e foi responsável pela revolução agrícola dos séculos XVII e XVIII, tendo, assim, moldado a paisagem e a cultura.

Milho bem presente no século XIX, tal como nos conta o pároco de São Lourenço de Cima do Selho [2], que nos diz que “*produz este terreno milho grosso amarelo e branco e é o que mais abunda*”, para uma alimentação de “*pão de milho grosso, vinho, caldo de feijão, unto, arroz, e carne de vaca*”. O mesmo se observa em Santa Maria de Atães [3], na relação de “*com proprietários de bens e casas suas 18, e caseiros dos bens e cabanas destes 112*”.

Bem ao lado, o pároco de São Romão de Rendufe diz-nos que [4], “*produz este terreno milho grosso e é o que mais abunda, centeio, painço, feijão, azeite, mel, linho*”, para uma alimentação de “*milho grosso, caldo, batatas, sardinhas, bacalhau, carne de toucinho*”. O mesmo refere o pároco de São Mamede de Aldão [5] quanto à predominância do milho grosso dando nota que quanto a “*alimentos usuais: pão de milho grosso, vinho, caldo de unto, dito de azeite, dito de carne de toucinho, dito de vaca, pouco bacalhau, sardinhas e tudo isto economicamente por causa da pobreza*”.

Lamuria o Reverendo António da Graça Basto, de São Pedro Fins de Gominhões [6], que “*o alimento usual: pão de milho, centeio, pouco para quem o não tem, carne de porco, sardinhas quando há dinheiro para as comprar,...*” e o “*consumo: é igual ao rendimento e não se consome mais por não haver*”, pois “*Há pedras que nada servem senão para calços e paredes*”.

Subsiste, à data e persiste até aos nossos dias, neste Sustento do doméstico, a organização do espaço agrícola que os romanos nos legaram: a horticultura e as plantas de consumo direto na proximidade dos assentos; os cereais cultivados nas chãs das encostas, nas planuras dos outeiros e nas planícies enxutas dos vales [7]. São, aliás, unânimes os relatos do trigo e do centeio (em menor quantidade que o milho) ou as couves, as favas e os feijões, suporte da economia doméstica e do caldo que alimenta o jornaleiro, tantas vezes com unto, seja ele de porco ou de vaca.

O vinho está, ainda, presente nos testemunhos dos párocos de Guimarães, seguindo uma longa tradição, suportada nos achados arqueológicos de sementes de *Vitis vinifera*, nomeadamente no castro de Briteiros, mais frequentes, mesmo que apenas 20 sementes tenham sido encontradas datadas da época romana, juntamente com 14 atribuídas à Idade do Ferro [7].

"O vinho é ordinariamente palhete e de aquele a que os gostadores chamam rascante, porém alguns anos a esta parte se vai introduzindo a repodação e poda à semelhança da de Basto, donde resulta serem os vinhos mais amadurecidos e escuros", diz-nos o pároco de São Pedro de Azurém [8], quem sabe se o néctar proveniente das vinhas de São Torcato "produz milho, vinho, laranja e é notável a indústria dos Curtumes", como anota o Abade de Tagilde [9] ou o Abade de São João Baptista de Penselo [10]

"madeira é a de castanheiro de que há abundância, não só para esse fim como para as vides, que neles produzem muito vinho a que chamam de enforcado (em outras províncias) tem melhorado muito com a repoda e já se colhe vinho excelente e abundância (que) os naturais preferem a qualquer outro".

Aliás, recorda-nos Amândio Galhano [11] o papel do vinho na Batalha que nos deu a Nacionalidade, aqui neste Vale e no Campo da Ataca

*"Sem querer fazer humorismo fácil porque não pensar que os ricos homens, peões e arraia miúda que compunham as hostes de Afonso Henriques, lançadas do Noroeste à conquista do território da futura nação eram, sem dúvida, na sua maioria:
Homens do Minho/ Que vestiam linho/ Que calçavam de pau/ Que comiam pão de passarinho/ Que bebiam vinho de enforcado/ E eram fortes como o diabo".*

Vale de Sustento e Vale de Suor, no esforço do lavrar dos campos. "Os instrumentos de que se usa na lavoura são arados, segas, grades, ingaços, enxadas, sachos; os animais para a lavoura são bois, e vacas; o estrume é de matos, e de tojo calcado pelos animais acima ditos; os terrenos são bons, a terra areenta e saibrosa e seca dá menos frutos e a húmida e escura dá melhor renovos de pão [3]".

Sustento que nos é dado pela criação da natureza "Peixes produz o Rio Selho que atravessa esta freguesia, panchorcas, escalos, bogas, e algumas enguias, alguns barbos, lontras (ainda que devendo mencionar-se entre os animais quadrúpedes pode ter aqui lugar), as peles servem para coldres de pistolas pela diversidade de suas cores [10]", da caça "de coelhos, lebres e perdizes, tordos, melros, gaios, codornizes, e esta livre [5]", e de animais para consumo, transporte e trabalho.

Conta-nos Gil Peres Conde, trovador português do século XIII, que Resende de Oliveira [12] relaciona com Guimarães, supondo ter pertencido a uma linhagem Conde, proveniente dos Sousa por via bastarda (da ligação do conde D. Mendo de Sousa com uma



dona de Guimarães, ligação de que resultou, segundo os Nobiliários, um Martim Mendes Conde), na sua Cantiga de Escárnio e Maldizer “*Pôs conta el-rei em todas sas fronteiras*”:

*Pôs conta el-rei em todas sas fronteiras
que nem em vilas nem em carreiras
que nom cômiam galinhas na guerra;
ca diz que dizem as veedeiras
que será perdimento da terra.*

*A concelhos e a cavaleiros
mandam comer vacas e carneiros,
mais nom cômiam galinhas na guerra;
ca diz que dizem os aguireiros
que será perdimento da terra.*

*Cômiam porcos frescos e toucinhos,
cabritos, cachaç’e ansarinhos
mais nom cômiam galinhas na guerra;
ca diz que lhi dizem os devinhos
que será perdimento da terra.*

Pois, *mais nom cômiam galinhas na guerra*, sendo que nos primórdios, as galinhas eram criadas com uma finalidade lúdica e o consumo da sua carne interdito. Mais tarde, frangos, capões, galinhas e galos eram comida de festa, mas acima de tudo de doentes e mulheres nos dias seguintes a darem à luz. Local privilegiado para transações, na Feira de São Torcato, as galinheiras, com os seus cestos ou as suas canastras, mercavam as poedeiras ou as galinhas velhas, destinadas a canjas e cozidos para repasto dos seus comensais.

E o Sustento inicia-se com a Boa-Nova. Não há, no Vale, agricultor que não tenha o seu galinheiro ou capoeiro que lhe permite confeccionar variadas iguarias, como as canjas, que tradicionalmente alimentavam as mulheres depois do parto, a carne de galinha, que acompanha os saborosos e ricos cozidos à portuguesa, os deliciosos galos assados ou os impressionantes capões. E as várias formas de fazer sarrabulho, a cabidela com as vísceras e o sangue que alimentava a restante família dando jus ao rifão à “*custa do doente come toda a gente*”.

E não nos esqueçamos dos ovos e das gemadas, composta por duas ou três gemas de ovos frescos com açúcar ou mel, com a finalidade de fortalecer os doentes, pessoas mais débeis ou, até, estimular a virilidade masculina. E, no final de um dia de intenso trabalho, aquecer ligeiramente, para evitar cozer, um ovo no borralho, fazer um pequeno orifício na parte pontiaguda, colocar uma pitada de sal, mexer com um palito e de seguida beber, recompondo forças para, no dia seguinte, continuar a labuta [13].

Pois certamente na célebre quinta nobre de Poveiras, de muitos caldos e rezas a São Torcato e Santa Justa, D. Isabel Gomes do Valle se alimentou, pois com seu Braz Affonso de Meira, gerou 7 filhas, cujas ultimas sobreviventes Helena e Maria de Meira instituíram morgadio “*que devia andar em femea, por testamentos de 14.7.1618 e 27.4.1622 com obrigação de 38 missas em S. Domingos, e abolido por sentença de 1.8.1843. Encontra-se nota de Possuidores, 1748, D. Domingos de Meira Peixoto, depois sob Paulo de Moira Peixoto, 1843 D. Antonia de Moira Peixoto* [9]”.

Pois “*Tem a freg.*” 500 fogos- São lugares mais povoados o Mosteiro, Corredoura e Villar. São quintas Principaes o Gilde de ‘D...’, Agra de Fran.” Martins da Costa; *Corrondella de Antonio Ribeiro de Faria; Assento de Antonio Joaquim de Freitas* [9]” e festeja-se o momento da Festa Pascal, que Couto Viana celebra “*Duas grandes festas alegram a casa do lavrador, nestas Estações do Ano diferenciadas: a matança (do porco, com vossa licença!) e o compasso pascal. Festa pagã! Festa cristã!* [14]”.

O porco, e a sua matança, encontram-se, pois, associados a momentos festivos e são partilhados pela estrutura social da época, tantas vezes rojões para os proprietários e lavradores abastados e sarrabulho para os trabalhadores [14]. Nos dias seguintes à matança, refestelam-se todos os convidados com as vísceras, bucho e o sangue em sarrabulho, chouriços de verde, farinhotes, sarapatel e outras iguarias. Depois previne-se o Futuro, da Família e da bolsa, na azáfama dos presuntos, toucinho, chouriços e salpicões, a melhor forma de conservar os lombos. As banhas e as carnes mais gordas são o unto e o pingue que servirão para cozinhar. O resto (cabeça, pés, ossos, orelheira, fígado...) eram conservadas na salgadeira ou potes de banha, para durante o ano municiar as refeições de alguns ou enriquecer o caldo. Conta-nos Alfredo Guimarães, sobre o triste destino de um porco que veio da aldeia para ser vendido no Campo da Feira [15]:

“Era um animal preto, cumprido e enxuto, com umas orelhas de asa, assaz discretas, vedando-lhe o segredo orgulhoso dos olhos raiados de sangue. Uma vez internado no curral, aninhou-se, melancólico, em lembranças várias, insistindo em não fitar, sequer, a face céptica dos seus algozes.”



Não falava — pensava. O seu espírito abria-se em doloroso diálogo com a visão da morte, estranho ao clamor sombrio das gulas humanas que o cercavam. Queremos crer que uma saudação profunda, e sinceramente envolta em lágrimas ardentes, era todo o seu louvor derradeiro à vida de que ia apartar-se. Em redor do seu coração — compreendia-o, sugestionado — vagueava já um forte perfume de cominhos, cebola e alho. Maldisse, então, a impiedade e a baixeza carnívora dos homens. Vingá-lo-ia, mais tarde, a trombeta clamante de Jeová no Juízo Final. Todos então seriam igualmente queimados. Realizar-se-ia o seu sonho de vingança. Vida, ó Vida, porque o deixas?!... Couves da sua aldeia, porque não vínheis em meu socorro?!... Lamentou-se, chorou e adormeceu!...

Na cozinha, aberta no alto do prédio para o quintal comprido com limoeiros e couve galega, Dona Clara e a criada apressavam o jantar, na cozinha de ferro; e já ao lado, sobre a laje do lar, sobre lavaduras infernais, aquecia num caldeirão negro, de ferro, a água que serviria para lavar o cadáver, cozer o sarrabulho e limpar as facas agudas (temperadas em Guimarães, no Miradouro), com que trabalhariam cruelmente os assassinos.

A roda do fumeiro, bem empandeirada sobre a lareira, provera-a o meu vizinho, de véspera, com o luxo de enleia nova. Ao lado, cheios de vento, enroscavam-se já, prontas para a enchedura, alguns metros de tripa de vaca. Sobre o armário havia cartuchos apertados de pimentos e cominhos, réstias mas de alhos galegos, um cabo comprido de cebolas novas, para picar; e mais adiante, sobre um banco longo, de pinho, um alguidar vermelho de Barcelos esperava a hora de ser estreado ao serviço da imolação negreganda.

Dona Clara, lidando e declamando ordens, revolvia-se na cozinha, vermelha de calor.”

“O modo de amanhar a terra, universalmente adoptado, é lavrá-la com um instrumento a que chamam arado, charrua, depois semeiam o milho, e por cima com um instrumento a que chamam grade a cortam, e a aplanam. Os bois são os animais empregados em todo este serviço.”, diz-nos o abade Manoel Luiz d’Antas Pereira e Cunha [16], testemunhando o papel relevante que os bovinos tiveram na construção da estrutura agrícola e, mesmo industrial, do Vale do Sustento.

São, aliás, os Bois, os Barrosos. “Os animais são quase usuais pela província, bois castrados quase todos de raça de Barroso, pontas grandes, cor castanha; há alguns a que vulgo chamam galegos, estes quase todos são vermelhos, pontas pequenas”, particulariza o pároco Manoel Joaquim Roiz [17].

Relata-nos Óscar Jordão Pires que a raça Barrosã “era o comum por estas paragens de entre Ave e Vizela, se bem que e mesmo nelas, e sobretudo noutras cercanas, houvesse quem preferisse as vacas da mesma raça [18].”, confirmando a presença em “grande parte da província do Minho, entre o Cávado e o Tâmega, para o interior e fôra da beira-mar (...)” mesmo que no “Minho seja menos importante a produção, do que a secreção dos vitelos que vem diretamente do Barroso [19]”.

“Bois que ainda eram ferrados. E em tempos que se usava o aguilhão [18].”, “para preparar a terra e fazer as sementeiras para todos os géneros, sendo este serviço feito com bois ou vacas [20]”, que “tirava-se a junta da corte, deitava-se-lhe o jugo e lá se atrelava para ir fazer o trabalho que competia, desde buscar o mato roçado – e aí vinham os carros com afiados fueiros ocultos pelo volume de carga a cantar (...) – até aos carretos de lenha (...), ou ao transporte de pedras; (...) e desde as lavras, o gradar ou o tirar agua das noras aonde as havia, a irem buscar as ervas aos lameiros, ou as palhas e folhetos [18]”.

Bois cevados e musculados por uma heróica vida de trabalho originam uma rota de exportação e notoriedade da carne para Inglaterra (The Portuguese Beef). “Mercados, também, na Feira de S. Torcato, que dura um dia e se celebra no primeiro Domingo de Julho e que o povo costuma concorrer. É o povo inclinado aos divertimentos, pelos quais deixa até o trabalho, e várias vezes acompanha este com toque de instrumentos, e os mais favoritos são a rebeca, a viola, e o clarinete [16]”.

Momento de festa em que se renova a junta, se guarda uns reais na bolsa de linho e se compra umas arrecadas ou um cordão em ouro (consoante o sucesso do negócio) para a Mulher que ficou em casa à espera de novo rebento. É “uma das mais concorridas e animadas do paiz, não só pela grande devoção popular para com a milagrosa relíquia do corpo inteiro incorrupto do Santo martyr Torquato, arcebispo de Braga, mas também pela formosura do local, crescendo agora a magnificência das obras do vasto templo, que já avulta formosíssimo em rendilhados e florões de pedra [21]”.

Mas também é Sustento do corpo. “Trabalhando nos lavradores, estes comem algumas vezes e (...) vaca e arroz raríssimas vezes. Os proprietários alguns usam mais frequentemente de vaca e arroz [8]”, constatando-se que as “elites consomem quotidianamente carne de vaca, em almondegas ou em picado, ou mesmo caldo, e, em momentos festivos, deliciavam-se com as sopas secas, nas quais brilhavam as melhores carnes [22]”.

Força de Sustento em vida, motor de Sustento em Morte. Escreve Avelino Guimarães [23], em 1888 que “A industria de cortumes é antiquíssima n’esta povoação. Antes de constituida a monarchia, no foral do conde D. Henrique era tributada com um ceitel ou dinheiro a venda de



cada couro. Em 1517, no foral de D. Manoel, já se tributava em três reaes por carga maior o sumagre, e a casca; e pelos generos tributados e isentos, expressos n'este foral, se vê que era já então mui desenvolvido e avultado o commercio vimaranense”.

No Minho Pitoresco, José Augusto Vieira corrobora [21], “*o burgo de S. Torquato era dos mais populosos do concelho; dos seus habitantes devemos accrescentar, que se entregam bastante ao trabalho industrial, alternando-o com a vida agrícola. A industria dos couros floresce no logar da Corredoura e, porque a matéria prima abunda, a sapataria estabelece-se ao pé, fabricando para exportação o bello sapato amarello, o sócco atauxiado, a chinella com posponto e retroz de côres.*”

Em São Torcato, foram demarcadas duas fábricas que não laboravam por falta de tração, uma no lugar de Pinhô e outra no Lugar da Corredoura, mas “*há mais algumas manufacturas de bezerros de sumagre, mas não se acham estabelecidas como fábricas*”, e os trabalhadores ocupam-se na maior parte do tempo na “*laboira por jornais*”, como refere o «*Mapa das Fábricas que existem na vila, termo e Comarca de Guimarães em 1815*», do Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas [24].

Junto ao Selho, na Corredoura e até meados do século XX, foram praticados processos de curtimenta na preparação das peles (de qualquer animal imputrescíveis) para diferentes finalidades. Todavia, nem neste novo mister, o couto de São Torcato perdeu o seu cunho de ruralidade [9], com as fábricas (manufacturas) instaladas em casas onde igualmente se desenvolviam atividades agrícolas, com a compaginação do ofício de curtimenta com a de lavrador e a participação das mulheres, as «*pilhadeiras*» [25].

Importante também o papel das cutelarias e o desenvolvimento desta indústria em Guimarães, que numa fase inicial refletia as características socioeconómicas da região, baseadas numa agricultura de subsistência, atividades artesanais de baixo rendimento, população com débeis índices de alfabetização, poucos recursos e, conseqüentemente, dispondo de um reduzido nível de vida. As oficinas de cutelaria constituíam unidades de pequeníssimas dimensões, muitas vezes complementando a fábrica de cutelarias à produção de pentes – duas indústrias que se encontravam frequentemente associadas, uma vez que utilizavam a mesma matéria-prima – hastes de bovino –, embora para diferentes fins, cabos de cutelarias e pentes [26]. O processo de industrialização e a introdução de inovações tecnológicas modificaram e caracterizam, hoje, a indústria de cutelaria de Guimarães.

Mas se o ancestral ofício dos curtumes se diluí ao longo do Selho, a cutelaria se renovou, renasce a tradição do linho, relembrando os tempos idos de Ramalho Ortigão [27] “*A pequena cidade de Guimarães (...) sustenta umas poucas de indústrias importantíssimas: a dos panos de linho, a da cutelaria, a das linhas e a do couro, ...*”. Confirma Avelino Guimarães

“Entre as indústrias mais antigas de Guimarães, deve incluir-se, já como florescente na época da constituição da monarquia, no século XII, a de tecelagem de linho. O Minho, no começo da monarquia, avantajava-se, no exercício d’esta indústria, a todas as terras que hoje formam o continente português. Considerando o desenvolvimento, ou importância relativa d’esta povoação, n’essa remota época, devemos dar por averiguado que a velha Vimaranes ou Guimarães era uma d’essas terras do Minho, onde prosperava a indústria da tecelagem de linho, sustentando-se até hoje, com incontestável crédito, apesar do seu exercício em domicílio com os seus tradicionais processos e teares manuaes [23].”

Confirmam-nos, entre outros, os párocos de São Lourenço de Cima do Selho [2] *“Vestuário ordinário: saragoça, jardo, palmilha, varas, linho, estopa, pano grosso, e algum fino (...)”*, de São Cosme e Damião da Lobeira [28] *“Vestuário ordinário: palmilha, saragoça, pano grosso e algum fino, linho, estopa (...)”*, Santa Maria de Atães *“vestuário saragoça e pano de cores grosso e pano de estopa e linho; o que produz este terreno chega para o povo dele, e ainda hoje sobeja algum”*, ou o abade da rica paróquia de São João Baptista de Penselo *“As mulheres vestem saias e roupinhas de palmilha, bata no Inverno e no Verão, tenilhas e linhos e chitas, tem para os Domingos melhores vestidos, os ricos vestem como na corte (...)”*[10].

Hoje, a cultura do linho promove-se lentamente, constituindo uma riqueza patrimonial que, em grande parte, se perdeu, embora algumas organizações (como o Grupo Folclórico da Corredoura) e programas comunitários procurem recuperar e revitalizar essa atividade e o seu potencial, animando algumas comunidades rurais com a recuperação de artesanatos ancestrais de cultivo do linho e sua transformação. Compreende este processo diferentes operações, tipificadas em três grandes grupos, desde o lançamento das sementes à terra, colheita da planta e trabalhos tendentes ao isolamento e qualificação da fibra (libertando-a das matérias incrustantes), para transformação em fio [29, 30]:

- Cultura do linho (Preparação do terreno, Sementeira, Monda, Colheita, Secagem, Debulha ou ripagem);
- Preparação do fio [Curtimenta ou maceração, Lavagem e secagem, Maçagem (normalmente em engenhos hidráulicos), Espadelagem, Assedagem, Fiação, Branqueio];
- Tecelagem.

Retornemos ao Abade Manoel Luiz d’Antas Pereira e Cunha [16]

“A agricultura, que é o manancial do sustento, e dos teres e haveres deste povo, podia ter um maravilhoso melhoramento (...) e a ele se lhe deve dar princípio por



excitar mais zelo no trabalho, amanhando melhor as terras, que semeiam quase em crú, ou sem serem bem volvidas, de maneira que sua dureza não pode deixar desenvolver os vapores necessários para a nutrição da planta, ou germe da semente, nem ela profundar suas raízes para sustentar seu tronco, e atrair em proporcionada profundidade os sucos necessários ao seu desenvolvimento, e resistir a dissuação que o vento e o sol faz à terra mais facilmente na sua superfície."

E compreendemos como este foi, e é o Sustento dos Seres e das Almas que habitam o Vale de São Torcato.

Sustento que se roga a 27, na Feira Franca, onde se pede ao Senhor a bênção do gado e, complementarmente, para todo o ano agrícola, em que *“a abundância e a riqueza acompanha o trabalho com assiduidade, parcimónia, e execução dos vícios [16]”*. Ora, São Torcato e a sua Feira Franca representam o primeiro grande momento das Feiras e Festas ligadas à pecuária, o momento em que criadores de gado, e particularmente os das raças autóctones, esquecem *“lágrimas que tantas vezes são o único resultado de seus trabalhos”*.

Ora, se o divino pode intervir, pois estamos convictos que a “Feira Franca dos 27”, será o momento preciso. Hoje, perante uma conjuntura internacional que coloca em causa a Soberania Alimentar, mas simultaneamente se promove biodiversidade e sustentabilidade — que se pretende económica, social e ambiental —, quem melhor que São Torcato, que pretendeu vencer o inimigo com persuasão (o General Muça, hoje transfigurado em abandono e descrédito), como exemplo para o que deveremos acrescentar em esforço, dedicação, coragem, vigor e inovação?

Reconhecendo que o martírio (a que todos adicionamos paixão) dos pequenos produtores, responsáveis e guardiões de um património genético único, o das raças autóctones, merece uma “intervenção” de quem tenha a arte e o engenho de fazer *“rebrantar uma fonte de água cristalina”*, símbolo de Vida e Futuro, deverá ser também do Berço da Nacionalidade e de uma das mais icónicas Romarias, que se inicie a reconquista da harmonia de um território, a dignificação da Agricultura e o reconhecimento dos cuidadores do espaço, que todos prezamos. Porque hoje, ao contrario do que sugere Eça de Queirós, não assistimos impassíveis ao trabalho da natureza.

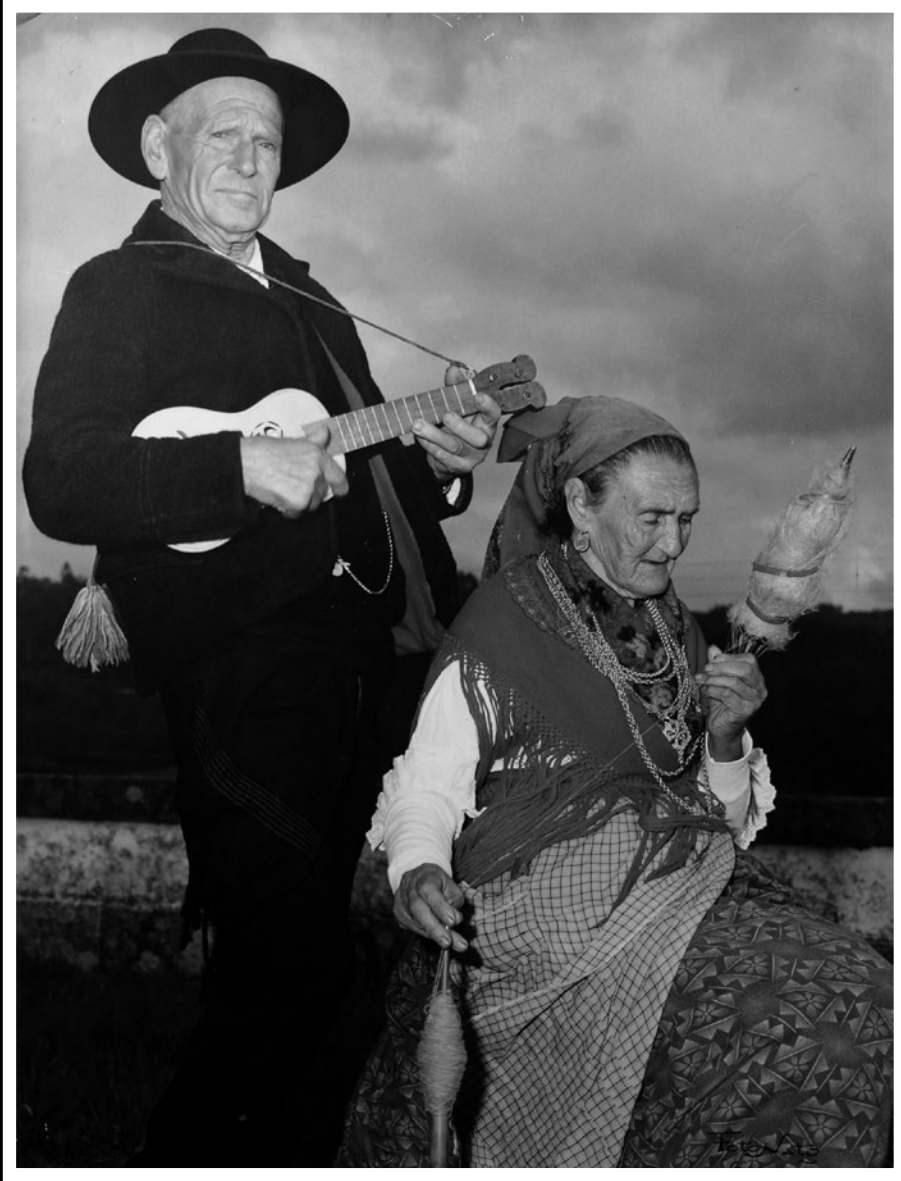
Referências

- [1] Ferrão J.E.M. (1992). A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses. Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses.
- [2] Inquérito paroquial de 1842 – S. Lourenço de Cima de Selho. *Revista de Guimarães*. 108 Jan.- Dez. 1998, pp. 544-551.
- [3] Inquérito paroquial de 1842 – Santa Maria de Atães. *Revista de Guimarães*. 108 Jan.- Dez. 1998, pp. 99-104.
- [4] Inquérito paroquial de 1842 – S. Romão de Rendufe. *Revista de Guimarães*. 108 Jan.- Dez. 1998, pp. 487-492.
- [5] Inquérito paroquial de 1842 – S. Mamede de Aldão. *Revista de Guimarães*. 108 Jan.- Dez. 1998, pp. 65-72.
- [6] Inquérito paroquial de 1842 – S. Pedro Fins de Gominhães. *Revista de Guimarães*. 108 Jan.- Dez. 1998, pp. 303-305.
- [7] Tereso, João Pedro, Ramill-Rego, Pablo, Almeida da Silva, Rubim (2013). *Roman agriculture in de conventus bracaraugustanus* (NW Ibéria). *Journal of Archeological Sciense*, 40.
- [8] Inquérito paroquial de 1842 - S. Pedro de Azurém. *Revista de Guimarães*, 108 Jan.- Dez. 1998, pp. 105-115.
- [9] Alves, José Maria Gomes (1981). Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães. Manuscritos do Abade de Tagilde. Notas e comentários. *Revista de Guimarães*, 91 Jan.-Dez. pp. 119-171.
- [10] Inquérito paroquial de 1842 - S. João Baptista de Penselo. *Revista de Guimarães*, 108 Jan.-Dez. 1998, pp. 441-449.
- [11] Galhano, Amândio (1981). *Um documento histórico: tentativa setecentista para a organização do mercado dos vinhos verdes*. Porto: Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.
- [12] Oliveira, António Resende (1994). *Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*, Lisboa, Edições Colibri.
- [13] Brito, Nuno Vieira e, & Gouveia, A., & Leite, J. V., & Ribeiro, J. V. R, & Alves, J. Mota, & Dantas, R. (2018). *Galinhas de Portugal*. Ed. Camara Municipal de Ponte de Lima, Portugal, 128 pp. ISBN 978-972-8846-73-2.

- [14] Brito, Nuno Vieira e, & Vale, A. P. (2011). *Sarrabulho de Ponte de Lima: Gastronomia na Tradição*. Ed. Município de Ponte de Lima e Associação das Feiras Novas, pp.135. Ponte de Lima, Portugal. ISBN 978-972-8846-35-0.
- [15] Guimarães, Alfredo. (1911). Historia Triste de um Cevado. In: *Alvorada* 22 de janeiro. Guimarães.
- [16] Inquérito paroquial de 1842 - S. Miguel de Gonça. *Revista de Guimarães*, 108 Jan.-Dez. 1998, p. 307-317.
- [17] Inquérito paroquial de 1842 - Santa Maria de Souto. *Revista de Guimarães*, 108 Jan.-Dez. 1998, pp. 571-576.
- [18] Pires, Óscar Jordão. (1997). A ambiência dos campos. In: *Raça Barrosã*. AMIBA.
- [19] Anónimo. (1910). Gado Barrosão. *Agricultura Moderna*, 11.
- [20] Inquérito paroquial de 1842 - S. Faustino de Vizela. *Revista de Guimarães*, 108 Jan.-Dez. 1998, pp. 627-635.
- [21] Vieira, José Augusto. (1886). Guimarães. In: *O Minho Pittoresco*. Tomo I. Ed. Livraria de António Maria Pereira. pp. 585-657.
- [22] Ramos, Anabela, & Freire, Dulce. (2022). Culinária Minhota: Identidades em (re) construção. In: *Referencial Gastronómico do Minho*. Coord. Joana Santos e Nuno Vieira e Brito. Ed. Consórcio Minho Inovação.
- [23] Guimarães, Avelino da Silva. (1888) Subsídios para a história das indústrias vimaranenses. Excesso de reforma liberal em detrimento agrícola e industrial. *Revista de Guimarães*, 5 (1) Jan.-Mar, pp. 12-24.
- [24] Pinto, Elisabete. (2012). *Curtidores e surradores de S. Sebastião – Guimarães (1865-1923): a difícil sobrevivência de uma indústria insalubre no meio urbano*.
- [25] Carvalho, A. L. (1941). *Os Mesteres de Guimarães*, Vol. III, Barcelos.
- [26] Cordeiro, José Manuel Lopes, & Costa, Francisco S. (2014) 'A Jangada de Pedra'. *Geografias Ibero-Afro-Americanas. Atas do XIV Colóquio Ibérico de Geografia*. pp. 1107-1112.
- [27] Ortigão, Ramalho. (1875). *Banhos de caldas e águas minerais*, Livraria Universal, Porto, pp. 50-51.
- [28] Inquérito paroquial de 1842 - S. Cosme e S. Damião da Lobeira. *Revista de Guimarães*, 108 Jan.-Dez. 1998, pp. 369-374.

[29] Alves, Jorge Fernandes. (2002). O Trabalho do Linho. In Mendes, José Amado; Fernandes, Isabel (Coord.) - *Património e Indústria no Vale do Ave*. Vila Nova de Famalicão: Adrave, pp. 292-299.

[30] Lança, José Coelho Estevéns, & Baptista, José Manuel Fernandes. (1993). *A Cultura do Linho*. Série Divulgação nº6, DGADR. Ministério da Agricultura, Lisboa, Portugal.



Arquivo Municipal Alfredo Pimenta



São Torcato: música, comunidade e património

“**N**em só de pão vive o homem, e o do Minho vive especialmente de broa e de canções, canções que são a broa do espírito migada em versos e rimas”. É desta forma que, em 1905, o jornalista, escritor e investigador português Alberto Pimentel romantiza sobre as que chama de “alegres canções do Norte”, assim caracterizadas em oposição à suposta “tristeza” dos cantos do sul do país. Se a broa é em si uma alusão ao milho como base da alimentação e da produção agrícola minhota na viragem do século XIX para o século XX, não menos distantes dessa paisagem rural são situadas as práticas expressivas “alegres” por si descritas, tais como as cantigas dançadas (o *malhão*, a *chula*, a *cana verde*), as cantigas de trabalho e de lazer ou os cantos religiosos das procissões, romarias e devoções tradicionais. Já em 1929, Gonçalo Sampaio, botânico de profissão, mas dedicado a uma intensiva recolha do folclore do Minho, afirmaria igualmente a inigualável



imensidão e variedade de repertório associado ao “cancioneiro popular minhoto”, destacando a diversidade e a longevidade dos coros polifónicos (“já existentes no século XVI”)¹.

Evocada como pertencendo ao universo rural minhoto², São Torcato, situada no concelho de Guimarães, à semelhança de outras localidades da região e do país, é rica em paisagens sonoras e em património expressivo – músicas, canções, danças, instrumentos, etc. – cujos significados que lhes são atribuídos constituem dimensões fundamentais para a compreensão das abundantes práticas culturais populares e religiosas que nela se manifestam. Numa freguesia com pouco mais de 3000 habitantes, é significativa a existência atual (ou muito recente) de múltiplos grupos e conjuntos dedicados à prática musical, desde grupos corais, grupos de cantares tradicionais, grupos folclóricos, conjuntos de bombos, de concertinas, entre outros. No seu todo, estes grupos envolvem largas dezenas de participantes e, em alguns casos, dadas as décadas de atividade, integram várias gerações familiares. Embora com práticas distintas entre si, representam um considerável repertório de músicas e canções, de diferentes tipologias e estilos, mas cuja atividade remete para a sua ligação íntima a São Torcato, seja através de repertórios referentes à história do culto e das práticas de devoção ao santo, seja através de referências a *usos, costumes e tradições* da região e ao seu papel de representação identitária e simbólica da comunidade; assuntos que, em diferentes contextos, têm merecido particular atenção de antropólogos e etnomusicólogos. Não sendo objetivo desta pesquisa³ fazer uma análise e descrição densa da sua historiografia e da produção musical associada, este artigo procura assinalar a importância individual e coletiva dos grupos existentes em São Torcato, enquanto exemplos de modos de cultura expressiva local que conferem relações de sociabilidade profunda e que são reveladores de um forte sentimento comunitário.

Por outro lado, é igualmente relevante assinalar que a atividade destes grupos e o papel das pessoas responsáveis pela produção de sons e músicas cruza-se, em larga medida, com

1) Gonçalo Sampaio propõe a divisão deste cancionário em quatro tipos (“grupos”) de canções: *cantos dos velhos romances; cantos coreográficos; modas de romaria; e modas de terno*.

2) Conferir Silva, 1993.

3) A abordagem metodológica utilizada na elaboração deste artigo centrou-se na recolha de bibliografia dedicada a São Torcato e em aspetos relacionados com as práticas expressivas da região, sendo que o enquadramento teórico baseou-se em publicações especializadas em questões de património e de pesquisa etnomusicológica. Contudo, não deixa de ser importante assinalar que uma parte dos dados utilizados neste artigo foram recolhidos através de algumas entrevistas e de notas de observação de terreno realizadas de forma intermitente ao longo dos últimos dez anos. Por outro lado, foram notórios os constrangimentos impostos pela situação pandémica o que, em parte, limitou a realização de trabalho de terreno focado nas práticas musicais de certo tipo de eventos ocorridos recentemente, pelo que este artigo não contempla uma reflexão exaustiva do presente, aspeto que poderá ser aprofundado em pesquisas futuras, tendo também em conta a análise do possível impacto proporcionado pela pandemia. Ainda assim, uma parte essencial de informação acerca de todo o tipo de produção musical associado ao tema deste artigo, encontra-se dispersa em várias páginas e vídeos publicados online, cuja análise motivou uma visão multissituada e imaginada do “terreno etnográfico” associado a São Torcato (Cooley *et al*, 2008).

os momentos publicamente ritualizados e celebrados em São Torcato. Como salienta o antropólogo Jean-Yves Durand, a propósito de um estudo levado a cabo no concelho minhoto de Vila Verde (2004), é sobretudo no contexto de tradições celebrativas e festivas que se observam práticas que “evidenciam uma impressionante vitalidade e uma notável adaptabilidade a condições novas” (Durand, 2004: 14). Assim, procuro refletir acerca das dinâmicas de transformação e inovação que se podem observar em algumas práticas musicais nestes contextos.

À semelhança de outras localidades do país, o ciclo anual de celebrações em São Torcato liga-se aos diversos períodos do ano e à sua relação com os ciclos agrícolas e com o culto do santo (Saraiva, 2004: 69), como são exemplo a Feira dos 27 (realizada a 27 de fevereiro, dia de celebração da memória litúrgica do santo) e as duas romarias anuais - a “Pequena” e a “Grande” - reguladas pela Irmandade de São Torcato. Estes são eventos considerados como sendo de incontestável valor estrutural para a história e tradições da vila, que se enquadram nas manifestações ligadas ao mundo das festas e dos rituais, sendo caracterizados por uma intimidade contínua entre o sagrado e o profano (Sanchis, 1983; Barroso, 2004; Saraiva, 2004). Sobretudo na Romaria Grande, a vertente religiosa coexiste lado a lado com o arraial, sendo que os diferentes tipos de sons e géneros musicais presentes no dia da romagem e da procissão, assim como nos dias que a antecedem, ocupam papéis específicos, definidos para diferentes momentos, atuando de forma central tanto na parte respeitante ao culto, como no lado mais profano da celebração.

Outros eventos em São Torcato, que incluem festas de caráter mais laico e feiras, decorrem por iniciativa das associações e dos grupos folclóricos locais que, em conformidade com tendências gerais de valorização de tradições regionais, promovem a recriação de atividades e práticas tidas como antigas, desaparecidas ou em vias de, invariavelmente associadas à atividade agrícola. Entre estas, destaca-se a Festa do Linhal, organizada pelo Grupo Folclórico da Corredoura; a Feira da Terra, promovida pela Associação de Desenvolvimento das Comunidades Locais (ADCL); e a Festa das Colheitas, organizada pelo Grupo Folclórico de São Torcato.

Tendo em conta as inerentes especificidades dos contextos festivos e de celebração em São Torcato, esta pesquisa procura salientar a forma como estes são também construídos através de música e sons. Neste sentido, este texto visa igualmente oferecer um conjunto de apontamentos e reflexões acerca do papel das práticas inerentes à produção sonora e à atividade musical existente no âmbito do profuso calendário festivo e religioso de São Torcato, entre as suas feiras, festas e romarias.



— Em busca de património etnomusicológico

Tendo em conta que este trabalho se situa numa ampla publicação de pesquisas dedicadas à “história, à devoção e ao património de São Torcato”, integrada no Pedido de Inscrição da Romaria de São Torcato no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial da Direcção-Geral do Património Cultural, torna-se premente incluir uma síntese historiográfica que enquadre a atual perspectiva das investigações realizadas em torno de patrimónios musicais, sobretudo no contexto da “salvaguarda” de práticas expressivas emergidas do mundo rural.

Como observa Durand, dificilmente se fala em património sem se referir um certo “sentimento de ameaça pairando sobre a capacidade de reproduzir e de transmitir às novas gerações um bem que um grupo social valoriza e que, em consequência, parece merecer ser objecto de protecção” (2004: 8). Assim, já em 1905, no ensaio de Alberto Pimentel acima citado, este ilustrava as “canções do Norte” com abundantes recolhas de material poético e musical, assumindo como objetivo “fixar a memória de tradições moribundas”. Para tal, enquadrava os cantos e as danças numa perspectiva atenta aos contextos performativos, aos quadros de valores e aos processos sociais subjacentes (Nunes & Nery, 2010: 1005).

Precisamente, as primeiras tentativas de sistematização da pesquisa em torno de música de matriz rural em Portugal surgiram no início do século XX. O apelo à recolha, ao registo e ao aprofundar de conhecimento sobre práticas musicais em contextos rurais, assente no ideal de *autenticidade* vigente nesse período, herdava paradigmas de investigação desenvolvidos um pouco por toda a Europa desde a segunda metade do século XVIII. Intelectuais, etnógrafos e compositores, estimulados pelas ideias do iluminismo e dos movimentos nacionalista e romântico, interessaram-se pelo estudo do património expressivo rural de vários países europeus, norteados pela necessidade de representação da sua “essência” enquanto pilar da nação, assim como pela urgência da sua salvaguarda e preservação, perante as ameaças do poder transformador da “modernidade” (Castelo-Branco, 2010).

Dentro deste quadro, a que se chamou de “folclore musical”, ancorado numa ideologia de cariz nacionalista e no conceito de “povo” (*folk* na língua inglesa e *volk* na língua alemã), foi configurado em Portugal o estudo da música criada e disseminada em ambiente rural, através da elaboração de etnografias musicais e de cancioneiros focados em regiões ou localidades, desenvolvidos em torno da “cultura popular”, tida como componente central na construção da nação. Conceptualizada como o património “autêntico” da população rural supostamente unida por um “espírito comum”, a noção de cultura popular desempenhou um papel central na política de instrumentalização da cultura expressiva promovida pelo

Estado Novo, a qual foi ilustrada de forma mais evidenciada no processo de folclorização⁴ do país (*idem*). Dezenas de folcloristas afetos ao regime (a maioria dos quais exerciam funções profissionais de sacerdócio, ensino, atividade militar ou administração pública), dedicaram-se então à documentação e ao estudo de repertórios locais de música e dança presumidos como antigos, contribuindo para a configuração de um cânone para o imaginário folclórico e para a cristalização das práticas associadas à música tradicional das diferentes regiões do país.

Contrapondo esta visão monolítica das práticas expressivas rurais, um conjunto de músicos e investigadores opostos ao Estado Novo, com particular destaque para o compositor Fernando Lopes-Graça, o etnomusicólogo Michel Giacometti e o etnógrafo Ernesto Veiga de Oliveira, entre outros, empenharam-se na divulgação da diversidade de estilos e de géneros musicais associados à música tradicional e à canção popular portuguesa, da qual entendiam que o seu valor estético constituía um meio de educação artística e, simultaneamente, de combate ideológico aos modelos culturais propostos, procurando contribuir para uma visão alternativa a uma identidade nacional hegemónica promovida pelo regime. Esta perspetiva, que articulava a análise do papel da música para a construção identitária e para o impacto dos contextos de transformação nos processos criativos do mundo rural, sobretudo resultantes das profundas mudanças sociais e económicas da década de 1960, encontraria um novo fulgor após o 25 de Abril de 1974.

Para a etnomusicologia, desde a década de 1980 até à atualidade, a questão do renovado interesse pelas tradições expressivas rurais e pela sua revitalização e ressignificação (p.e. por grupos urbanos de recriação) levou a que o estudo das práticas musicais em contexto rural se centrasse no papel destas, não apenas em questões de construção de identidades, relações sociais e transmissibilidade, mas também em associação a outras problemáticas, tais como as atuais transformações musicais decorrentes de mudanças estruturais locais, as apropriações dinâmicas de representação das tradições e, não menos relevante, a relação entre música, ideologia e poder, sobretudo através da análise do impacto das políticas culturais.

Sendo um fenómeno transversal a diferentes contextos geográficos, têm sido cada vez mais frequentes os discursos centrados na autopromoção do património cultural, geralmente motivados pela evocação dos universos rurais a estes associados em tempos idos (Durand, 2004), nos quais são centrais os contextos (de trabalho, de lazer, celebração ou de

4) Segundo Salwa Castelo-Branco e Jorge de Freitas Branco: “o processo de folclorização iniciou-se na década de 30, tendo sido antecedido por décadas de «folclorismo», um conjunto de ideias, atitudes e valores que enalteciam a cultura popular e as manifestações nela inspiradas. Desde finais do séc. XIX nota-se o empenhamento de intelectuais em difundir o folclore e a cultura popular. Tratava-se de um acto cívico em prol do aporuguesamento da cultura.” (2010:508).



culto religioso) a que a música e as práticas performativas (cantigas, danças, instrumentos, etc.) estão ligados.

Nesse sentido, tem-se assistido regularmente a processos de incentivo à intervenção de instituições e autarquias no sentido da patrimonialização e da objetificação de determinadas práticas, transformadas em ícones de identidade regional e em mercadoria no âmbito das indústrias do património e do turismo (Castelo-Branco, 2010). Não é assim de estranhar que a etnomusicologia olhe para as questões de património musical e dos processos de patrimonialização sob uma perspetiva crítica conjuntural, em que as decisões políticas e as ações culturais adquirem, por vezes, tanta ou mais importância do que aquela que está refletida neste texto, o qual está essencialmente focado numa reflexão sobre o papel dos sons e da música em São Torcato e nas suas transformações do presente, à luz de passados musicais que não se consideram inertes.

— São Torcato: o que se canta, entre o culto e a celebração

As vozes populares de outrora

Embora seja volumosa a bibliografia que aborda vários aspetos relacionados com a história de São Torcato e das suas celebrações, é significativa a inexistência de cancionários e de estudos recentes que sistematizem abordagens aos sons e a músicas de carácter popular ou religioso associado ao santo e à terra (e, já agora, sobre o concelho de Guimarães), sendo que é possível encontrar alusões sonoras, musicais e poéticas, dispersas em algumas publicações.

Não sendo intenção no âmbito deste texto fazer um mapeamento historiográfico e tipológico de repertórios – de músicas, danças, quadras populares, cantigas, hinos, etc. – já recolhidos ou por recolher, assinala-se brevemente alguns exemplos que denotam a longevidade das práticas expressivas relacionadas com a devoção popular ao santo.

Recorrendo novamente a Pimentel (1905) e às suas “Alegres canções do Norte”, este reúne algum material musical e poético referente à história da vida e morte de São Torcato e ao seu culto. Desde logo, na descrição que faz de um episódio ocorrido em maio de 1637, quando os habitantes da freguesia, julgando tratar-se de uma tentativa de transladação, foram chamados pelo rebate de sinos para impedir o Arcebispo de Braga de ver o corpo do santo, tendo sido criada uma quadra sobre o acontecimento:

S. Torcato, corpo santo,
 Fechae a porta por dentro,
 Que o Arcebispo de Braga
 Quer o vosso rendimento.⁵

A esta quadra, que “ficou na tradição dos romeiros” vindos de diferentes partes do país e da Galiza (cuja romagem é descrita por Pimentel como sendo feita “cantando e dançando ao som da viola”), juntar-se-iam cantigas sobre outros momentos “que ficaram na memória do povo”, tais como as que se referem à aparição do santo e da “milagrosa água da fonte”⁶, ou à festa que marcou a transladação do seu corpo em 1852⁷, dando início à Romaria Grande. Como nota Pimentel, na transição do séc. XIX para o séc. XX, a estas cantigas acrescentar-se-iam várias outras “de carácter profano, inspiradas pelo amor e pela alegria” - do género da *Chula* - as quais seriam executadas por filarmónicas, tocatas ou *estúrdias*⁸, nos “cinco coretos para música” espalhados pelo terreiro da festa.

Não obstante as manifestações expressivas terem tido possivelmente um papel relevante em vários momentos da história mais antiga de dedicação ao culto do santo – tais como nas festas e feiras mencionadas por Torquato de Azevedo nas *Memorias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* (1845), ou ainda anteriormente, como é sugerido pelo Auto de 1662⁹, a propósito da transladação da relíquia de São Torcato da Capela das Lamelas para a Colegiada de Guimarães, onde é feita a alusão a música e danças que acompanhavam “a solenidade da procissão” - será possível afirmar que é sobretudo entre a segunda metade do séc. XIX e inícios do séc. XX, período coincidente com o início da Romaria Grande e com o seu apogeu¹⁰, que são criados e publicados vários versos de carácter popular dedicados ao santo, para serem cantados.

Tal será possível verificar, por exemplo, em algumas quadras e versos que se encontram em diferentes ex-votos localizados na Capela de São Torcato, embora que na maioria destes casos não exista qualquer tipo de registo melódico¹¹. Contudo, nas *Curiosidades de*

5) A transcrição desta quadra por Paulo Barroso: *São Torcato, corpo santo / Trancai as portas por dentro / Que o Arcebispo de Braga / Quer o vosso rendimento*. (2004: 226).

6) S. Torcato, corpo santo, / Que daes a quem vos vem vér? – Aguiña da minha fonte / Para quem a quer beber.

7) No templo da Virgem / Torcato aprendeu / A lei do Senhor / Por ella morreu.

8) As *estúrdias* referem-se a um tipo de “tunas tradicionais”, habitualmente com incidência rural. Eram compostas por dimensões variáveis de grupos de homens que se apresentavam em festas e bailes, interpretando arranjos de música tradicional e recorrendo a instrumentos de baixo custo, geralmente de fabrico local (Capela & Cruz, 2010:1282).

9) A transcrição do “Auto da Trasladação da Relíquia de S. Torcato” foi consultada em Eduardo de Almeida (1923).

10) De acordo com Augusto Santos Silva (1993) e António Amaro das Neves (artigo do jornal Público, 2010) que refere a Romaria Grande nesse período como tendo uma “adesão impressionante”, também intensificada pela chegada do comboio a Guimarães em 1884.

11) Segundo João Matos, atual diretor do Grupo Coral de São Torcato, podem encontrar-se alguns destes registos em quadros e azulejos, mas que nunca terão sido musicadas ou compiladas na forma de canção.



Guimarães de Alberto Vieira Braga, num ensaio sobre o “culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora” (1955), este atesta que a reverência popular a São Torcato é frequentemente inscrita em “versos de adoração e de amor que lhe dedicam”, tal como seria o caso de um “primitivo hino a S. Torcato”¹². Mais significativo, porém, é o levantamento que AV Braga faz de um vasto número de versos criados por “poetas populares”, publicados em diferentes períodos, para serem cantados pelos romeiros no contexto das celebrações. AV Braga menciona o caso de três “folhetos de cordel” publicados em 1877, da autoria de “três ilustres e desconhecidos poetaços vimaranenses”, sendo que estes versos se destacam pelo seu teor jocoso, crítico e provocatório¹³; um folheto de versos com 14 páginas, da autoria de Inácio Rijão (“leiloeiro-mor de todas as rifas festeiras do Minho”), publicado em 1905; assim como uma recolha realizada pelo professor Martins Lima, de São Torcato, de um conjunto de vários versos que seriam cantados por altura da publicação do estudo de AV Braga. Sobretudo em alguns poemas desta última recolha, é possível identificar que os mesmos seriam inspirados em melodias, estilos e repertórios tradicionais associados a romarias realizadas em diferentes regiões do país, da qual é paradigmática a quadra: *S. Torcato, corpo santo, / A vossa capela cheira, / Cheira a cravos cheira a rosas, / Cheira à flor da laranjeira*, que é uma adaptação de melodia e parte da letra de uma popular “cantiga de romeiros”, utilizada, por exemplo, em honra da *Senhora do Almortão*, em Idanha-a-Nova, na Beira Baixa; em honra da Senhora Santa Combinha, em Vouzela, Viseu; ou ainda em várias celebrações dedicadas a São João Batista¹⁴.

As vozes religiosas

Se o levantamento publicado por AV Braga demonstra que em meados do século passado existia um significativo repertório popular de canções dedicadas ao santo, o mesmo autor menciona também os cânticos religiosos, considerando que a sua “feição do arranjo e da compostura hierático(a) (...) são já duma nobreza aristocrática de formação” (1955:52).

12) Do qual AV Braga publica os seguintes versos: *Pois logo que o mártir Santo, Em favor nosso ergue a voz, Acabam a dor e o pranto E os p'rigos fogem de nós. Desde Monção até Sagres, Narram os devotos seus, Mil estupendos milagres Que alcançaram de Deus.*

13) Estes três folhetos continham título e estavam assinados da seguinte forma: o primeiro “Versos a S. Torquato por L.A. Figueiras. Para serem cantados pelos romeiros no estylo do S. João.”; o segundo “Parodia aos Versos de Figueiras dedicados a S. Torquato por Juliano Gaston”; e o terceiro “Os Algozes de S. Torquato. Poemeto em dois cantos (A propósito de uns versos de S. Torquato de A. L. Figueiras e uma parodia aos mesmos versos de Juliano Gaston) por Um pobre diabo que não sabe latim”. Pelo teor neles contido, e embora sejam apontados como “curiosidades panfletárias” associadas a São Torcato, os mesmos parecem constituir um caso interessante de olhar para a forma como a música pode atuar e ter um papel para potenciar ou resolver conflitos. AV Braga descreve-os como sendo uma espécie de contenda entre os seus autores e contextualiza da seguinte forma o ambiente que a terá proporcionado: *Este Santo, desde as romarias mais antigas, algazarrentas de foliões, de festadas e de chaguentos pedintes, ao serviço das esmolas e dos furtos, onde acudiam as violas, os tambores, os pandeiros, os ferrinhos, as rabecas, os cegos e os menestres de caminho, com saquites de panfletos e com panais vermelhuscos e pandemônicos dos crimes nefandos e lancinantes praticados por esse mundo fora, este Santo, como íamos dizer, foi o maior e mais fértil inspirador da veia poética do nosso povo, que ali se debatia em crespas lufadas, ao desafio e à porrada.*

14) Consultar o *Cancioneiro Popular Português* (1981), de Michel Giacometti e Fernando Lopes-Graça.

Neste sentido, um exemplo de canção que integra o património musical de cariz religioso associado a São Torcato é o *Hino a São Torcato*, da autoria do padre e compositor Manuel Ferreira Faria, autor de uma vasta obra musical e que foi também diretor do Grupo Coral de Azurém. De acordo com Eduardo Guimarães e Armindo Cachada (2014), terá sido a proximidade deste pároco com o padre José Ribeiro, natural de São Torcato, que terá estado na origem deste hino, sendo que das duas versões guardadas no espólio da Banda da Sociedade Musical de Guimarães (“Banda dos Guises”) - uma delas com arranjo para Banda Filarmónica - a versão com arranjo para vozes e harmónio (órgão) tem a data de 9 de maio de 1951, o que leva os autores a supor que o Hino terá estreado no âmbito da Romaria Pequena desse ano.

Embora seja desconhecido o registo de publicações comerciais¹⁵ deste hino, segundo João Matos, atual dirigente do Grupo Coral de São Torcato, este é um exemplo de canção que pode habitualmente ser interpretada em contexto litúrgico, mas que tem tido ao longo dos anos uma projeção singular, inclusive fora de Portugal (“em parte devido a ser de quem é”), tendo já sido alvo de diferentes arranjos¹⁶, incluindo uma adaptação pelo Grupo Folclórico de São Torcato, o que remete para a sua utilização também em atividades não estritamente religiosas.

Precisamente, é no âmbito da atividade do Grupo Coral que é interpretado um variado repertório religioso associado a São Torcato. Segundo João Matos, não existirá uma data oficial da criação do coro, tendo a sua atividade iniciado há mais de 60 anos (“algumas das pessoas que ainda fazem parte eram crianças”¹⁷), por iniciativa de párocos que vinham a São Torcato e que começaram a incentivar a prática coral. Inicialmente ligado à igreja paroquial, só mais tarde o coro passou a ter uma ligação direta com o Santuário e com as celebrações litúrgicas aí realizadas. Do repertório do coro, João Matos dá particular destaque a um espólio de cânticos harmonizados pelo antigo diretor Fernando José Teixeira, que também introduziu no Coro algumas peças da sua autoria alusivas a São Torcato (por exemplo *Santo de São Torcato*, *Cordeiro de São Torcato*). Outra peça herdada, tal como

15) Recentemente, Eduardo Magalhães publicou uma gravação deste hino num podcast sobre São Torcato no site de comunicação Guimarães Digital (05-07-2022). Dentro do universo da música gravada, serão escassos os registos de publicações comerciais contendo repertório alusivo a São Torcato (não contando aqui com as publicações dos dois grupos folclóricos locais, essencialmente compostas por “canções tradicionais do folclore” da região de Guimarães). É, contudo, de assinalar a canção *A Menina do Mirante*, da autoria do fadista Alfredo Marceneiro, publicada em 1961 no LP *The Fabulous Marceneiro* (Columbia – 33 CSX 21), na qual é feita referência às “festas de São Torcato”, embora que não tenha sido possível confirmar se a mesma é alusiva a São Torcato ou a festas de outras localidades dedicadas a este santo.

16) Recentemente, a 27 de fevereiro de 2020, no concerto realizado no âmbito da cerimónia de elevação do Santuário a Basílica, foi interpretada uma versão do Hino pela Orquestra de Norte dirigida por Fernando Marinho, com acompanhamento de um coro de alunos da EB de São Torcato.

17) João Matos refere que a atual constituição do Coro é quase exclusivamente feminina e, maioritariamente, de pessoas acima dos 50 anos de idade.



À *porfia cantemos louvores*, também dedicada a São Torcato, tem um papel especial, tendo sido em tempos considerada como um segundo hino ao santo.

Contudo, sendo a atividade do coro realizada maioritariamente em contexto litúrgico, fora desse contexto, João Matos aponta como ponto alto a participação na procissão de encerramento da Romaria Grande, onde todos os anos participam nos dois carros alegóricos, um dedicado a São Torcato e outro de temática variável¹⁸. Nestes carros vão atualmente grupos de rapazes e raparigas (entre 8 a 10 em cada um), organizados em duas filas e que, em determinados momentos de paragem da procissão, acompanhados pela banda filarmónica, interpretam um cântico original dedicado ao santo, com letra e música da autoria do diretor, elaborado especificamente para esse momento. Um aspeto inovador relacionado com esta participação na procissão, prende-se com o facto de, até muito recentemente, o coro nos carros alegóricos ser constituído exclusivamente por raparigas¹⁹.

Nos últimos anos, é este o principal contexto que propicia a elaboração de novo repertório “não litúrgico” do Coro, invariavelmente associado a São Torcato. Deste novo repertório para ser estreado na Romaria Grande, fazem parte, entre outras, canções como *São Torcato*, *Bom Pastor* e *São Torcato, Pregoeiro Imortal*, da autoria do anterior diretor, padre José António Carneiro; assim como *Celebremos S. Torcato*, *Tradições de São Torcato*, *Sois o Santo Deste Povo* e *São Torcato dos Milagres*, da autoria de João Matos. Esta última, composta no seu primeiro ano como responsável pela participação do coro na procissão, é baseada em aspetos da vida de São Torcato, pelo que João Matos entendeu poder ser adotada enquanto uma espécie de “segundo hino” para ser cantado em momentos de comunhão, de forma a dar a conhecer um pouco da história do santo, sendo assim utilizada também em contexto litúrgico.

— **Fazer música em São Torcato: identidade e comunidade**

Uma das contribuições distintivas da pesquisa etnomusicológica tem sido a de procurar testar as abordagens que colocam a questão de como a atividade musical – ou melhor, o *fazer música* - em oposição a outras atividades ou em relação com estas, cumpre um importante papel na simbolização da comunidade, para a qual pode expressar e estruturar o

18) Que pode estar relacionado com o ano pastoral, com a lembrança de alguma celebração ou uma temática atual que mereça ser destacada.

19) Segundo João Matos, pelo menos desde o início do século XX que há registos da participação das raparigas cantoras nos carros alegóricos (ver Barroso, 2004), sendo que muito recentemente foi chegado a um consenso de que não fazia sentido serem só raparigas a participar, por um lado, porque não havia tantas raparigas disponíveis e, por outro, por considerarem que estava a ser feita uma “discriminação positiva que não era benéfica para ninguém”, embora reconhecendo que tem existido uma certa resistência por parte de alguns rapazes em participar nestes momentos.

relacionamento individual e coletivo, ou mesmo potenciar e resolver conflitos entre tradição e modernidade. Esta é uma ação que designa as possibilidades da música para a vida social, isto é, o como e o porquê de *fazer música* corresponde a uma prática socialmente significativa e importante para o reconhecimento identitário, para a formação de grupos e movimentos, para a comunicação espiritual e emocional, entre outros aspetos da vida social e humana (Turino, 2008). No fundo, tentar perceber a forma como as comunidades indubitavelmente se representam a si próprias pela música e se definem, através e em torno deste reconhecimento, em “grupos sonoros” (Blacking, 1995).

No contexto de práticas musicais associadas a São Torcato, estes aspetos podem ser observados, por exemplo, no papel de representação comunitária que é assumido pelos dois grupos folclóricos locais, Grupo Folclórico da Corredoura e Grupo Folclórico de São Torcato, que são possivelmente os dois maiores “embaixadores” além-fronteiras da região. Surgidos em meados da década de 1950, de acordo com Alberto Oliveira, antigo diretor do Grupo Folclórico da Corredoura, estes dois grupos partilham a sua origem com a ação de vários elementos do grupo da Festada de Guimarães, embrionários de vários grupos folclóricos da região de Guimarães e responsáveis pela transmissão dos seus “cantares e danças tradicionais”, correspondendo este a repertório geralmente tipificado e difundido um pouco por toda a região do baixo Minho. Neste sentido, o repertório dos dois grupos reflete o forte impacto do processo de folclorização e institucionalização da prática do folclore implementado na década de 1930, predominando também nestes dois casos versões cristalizadas de danças ou géneros coreográficos tipificados, tais como a chula e o vira, entre outros²⁰. Por outro lado, a proximidade física e temporal dos dois grupos, norteados pela partilha do ideal da autenticidade, tem contribuído para algumas manifestações de desacordo acerca de diferenças do ponto de vista interpretativo e de execução de algum do repertório partilhado.

Pelo seu historial de várias décadas, ilustrado pela intensa atividade musical que exercem nos mais diversos eventos de diferentes regiões do país e no estrangeiro, passando por uma significativa produção de fonogramas comerciais publicados²¹ e pela promoção de festivais internacionais de folclore²², os dois grupos ocupam um lugar especial para a imagem construída sobre as tradições do património folclórico associado a São Torcato

20) Como nota João Matos, no âmbito das comemorações dos 65 anos do Grupo Folclórico de São Torcato, foi recentemente realizada uma missa festiva cantada por elementos deste grupo, utilizando peças litúrgicas e do seu repertório, adaptadas para acordeão, violão e violino, de forma a imprimir um arranjo mais “animado, mais folclórico”. Este tipo de atividade parece denotar algum contraste com as habituais práticas interpretativas dos grupos folclóricos, aspeto que poderá ser interessante de analisar numa outra pesquisa.

21) Entre discos de vinil em diferentes formatos (EP, LP), cassetes e CD, os dois grupos folclóricos têm dezenas de fonogramas comerciais publicados.

22) É no âmbito deste tipo de festivais que os ranchos usualmente comparam os seus desempenhos. Estes eventos são espaços de “excelência”, não apenas de exposição e representação, mas também de réplica total ou parcial de modelos ou de repertórios.



e a toda a região de Guimarães. Desta forma, o estatuto destes dois grupos é um aspeto frequentemente salientado pelos seus membros, que recorrentemente afirmam a sua pertença aos mesmos enquanto forma de valorização do seu papel de representação comunitária.

Não obstante, a diversidade estilística do universo da música tradicional tem sido dominante nas práticas musicais associadas a São Torcato. Como exemplo, os TorCanta, grupo formado há cerca de sete anos, sendo de dimensão significativamente mais reduzida do que os grupos folclóricos, tem tido uma atividade que aparenta uma imagem renovada relativamente às práticas interpretativas de música tradicional. Em grande medida, tal tem acontecido por iniciativa de Luís Almeida, dirigente do grupo, que há vários anos se tem dedicado à reinterpretação e a arranjos (sobretudo para adufe e cavaquinho) de repertórios de diferentes regiões do país, assim como à elaboração de canções (muitas das quais dedicadas especificamente a São Torcato) inspiradas pelo universo da música tradicional portuguesa e estrangeira, que constituem o repertório principal deste grupo. O grupo participa frequentemente em várias atividades da vila e do concelho, com destaque para as deslocações a escolas, lares e outras instituições, assim como para a sua participação nas *Reisadas* (também conhecida por *Janeiras*) promovidas pelo município e que recentemente tem tido maior projeção e um impacto considerável na freguesia.

Por outro lado, sendo a música uma componente através da qual é possível reconhecer a transformação e a reprodução de comunidades, é também através do *fazer música* que é potenciada a ação criativa e proporcionada a participação de pessoas em eventos coletivos que podem não ser necessariamente celebrativos ou festivos e, nem sempre, estritamente musicais. Desta forma, o significado da atividade participativa na prática musical encontra-se na necessária interação entre as características sonoras que estão a ser partilhadas pelo grupo, a prática individual (seja através de canto, instrumento ou dança) e o estabelecimento de um elo social e emocional entre os indivíduos que o constituem, assim como com o meio que os rodeia (Turino, 2008).

Este aspeto sintoniza, desde logo, com a perceção da importância do papel das práticas expressivas no âmbito da atividade de associações e coletividades locais, sendo neste contexto de realçar, por exemplo, a atividade do Grupo Coral e da fanfarrinha do Corpo Nacional de Escutas de São Torcato, que podem atuar de forma distinta no contexto das atividades festivas e religiosas de São Torcato (seja pela participação numa missa cantada, na procissão, ou como componente lúdica das festas).

Por outro lado, várias coletividades de São Torcato desempenham um papel simultaneamente lúdico e de cariz social e pedagógico, várias vezes consubstanciado pela formação de grupos informais ou formais associados às práticas expressivas. Tal é o caso da ADCL, que

no âmbito do seu trabalho comunitário e formativo envolvendo diferentes faixas etárias, tem desenvolvido várias atividades no domínio das práticas expressivas, através da formação de grupos de dança, de teatro e de cantares tradicionais.

Uma outra coletividade com particular significado para o desenvolvimento de uma perspetiva simultaneamente identitária e formativa das práticas expressivas de São Torcato é o Centro Recreativo Cultural e Artístico (CRCA). Formado no contexto do movimento associativo de cariz revolucionário no pós-25 de Abril de 1974, por um grupo de jovens em rutura com a vertente religiosa do grupo de escuteiros de São Torcato²³, estes procuraram imprimir novas dinâmicas de politização da cultura popular, sobretudo através da música, do teatro e do desporto. Ao longo dos anos, tem sido no âmbito do CRCA que têm sido fomentadas algumas práticas musicais contrastantes com as práticas “tradicionais” habitualmente associadas a São Torcato, tanto relativamente à habitual tipologia dos grupos musicais, assim como dos seus contextos festivos. Nesse sentido, o CRCA teve um importante papel na promoção de géneros tidos como mais apelativos para a juventude, como o *pop / rock*, sendo que, desde 2006, e em colaboração com a Junta de Freguesia, têm sido responsáveis pela organização do Festival da Juventude, precisamente com o intuito de responder a uma “lacuna existente na comunidade no que diz respeito aos jovens”²⁴. Realizado anualmente no Terreiro da vila, este Festival envolve a realização de concertos de bandas e a atuação de DJs de música eletrónica, assim como de espetáculos de *stand up comedy*, eventos de desportos radicais, entre outros. Por outro lado, o CRCA tem-se focado na transmissão cultural, sobretudo de música regional, tendo vindo a fomentar a atividade pedagógica e formativa no ensino de vários instrumentos musicais, como o cavaquinho, a viola e as concertinas (inclusivamente, através da criação de um grupo infantil de tocadores de concertinas - Os Concertininhas do CRCA), sendo que foi também no âmbito do CRCA que, há poucos anos, foi criado o Grupo de Cantares do Vale de São Torcato. Formado por um grupo de homens e mulheres que se reuniam na associação para cantar canções populares portuguesas, utilizando instrumentos tradicionais como o reco-reco, os ferrinhos, a pandeireta, o tambor e a concertina, trata-se de um exemplo do contexto de convivialidade e informalismo que norteia a atividade de vários destes grupos.

É precisamente este sentido, simultaneamente identitário e comunitário do “espírito de grupo”, que parece nortear a atividade de alguns dos grupos já aqui mencionados, ou melhor, que leva a que uma significativa parte das pessoas que os integram, o façam de

23) Inicialmente, terá sido criada a JRT – Juventude Revolucionária Torcatense.

24) Retirado da página de Facebook do CRCA.



forma a estarem envolvidas em algo mais que é proporcionado pelo ato de *fazer música*. Não é assim por acaso que, em São Torcato, várias pessoas estão envolvidas em vários grupos musicais ou exercem diferentes contextos de atividade musical, em que quase sempre são partilhados fortes laços de amizade e familiares, tornando-se estes espaços privilegiados de convívio, confiança e consolo, aspetos que, apesar de observados nas várias tipologias dos grupos já mencionados, ocorrem de forma mais evidente nos grupos folclóricos²⁵. Aos grupos folclóricos acabam por estar atribuídas várias funções sociais que ultrapassam os seus próprios objetivos, por exemplo, conferindo para os membros mais jovens um espaço de convívio consentido, proporcionando igualmente a valorização da confraternização inter-geracional (Castelo-Branco, 2010)²⁶.

— O que se ouve nas festas: aspetos da atividade musical e da paisagem sonora festiva de São Torcato

Como já aqui foi dado a entender, não é difícil de perceber para quem observa e participa nas múltiplas festas e feiras realizadas em São Torcato, de que a componente expressiva ocupa um papel específico. Tal como é observado pelo etnomusicólogo francês Bernard Lortat-Jacob, existe uma ligação estreita entre música e festa, sustentada pela possibilidade de “ver na música uma forma de transposição sonora da festa” (Lortat-Jacob em Nunes, 2010: 483). De acordo com este autor, a música pode desempenhar múltiplas funções em contextos festivos, seja através de referências temporais à ação festiva, indicando as suas diferentes etapas; seja através da sua regulação, impondo comportamentos e distribuindo papéis. Em síntese, a ideia de que as festas são também construídas através da música (*idem*: 482). Tal verifica-se nos vários eventos realizados em São Torcato (na sua maioria, no Terreiro da vila) embora que, nalguns casos, de forma mais acentuada do que outros.

Por exemplo, na secular Romaria Pequena, realizada a 15 de maio, segundo o estudo de Paulo Barroso publicado em 2004, era já notória a quase inexistente prática de atos religiosos e profanos. Embora relacionada com os já mencionados versos dedicados à importância da fonte e da água, a componente expressiva deste evento pauta-se pela realização de um “pequeno arraial”, que pode contar com a presença e atuação de grupos de

25) Como afirma Castelo-Branco (2010), em finais do século XX, a família constituía a base social na qual a esmagadora maioria dos grupos estava ancorada, garantindo o equilíbrio no recrutamento de membros dos dois sexos, a continuidade e a coesão dos grupos.

26) Ainda segundo Castelo-Branco (2010), durante décadas, o grupo folclórico constituía “o único espaço de convívio consentido para os adolescentes, que permitia não apenas as saídas noturnas, para os ensaios, como também variadas oportunidades de passeio. Talvez por esta razão se registava, em quase todos os ranchos, uma enorme profusão de casamentos no interior do próprio agrupamento (...) Por vezes, os ranchos folclóricos utilizavam esta situação privilegiada para se formalizar como território de convívio comunitário e até como agente pedagógico.”

concertinas, de cantares ao desafio, assim como dos dois grupos folclóricos locais.

Também de tradição secular é a Feira dos 27, realizada anualmente a 27 de fevereiro, dia da celebração do martírio do santo. Caracterizada essencialmente por ser uma Feira Franca com a realização de um concurso pecuário de gado bovino, é dotada de um ambiente simultaneamente solene e efusivo, a qual não prescinde de uma significativa componente de práticas expressivas, ilustrada pela realização de um “arraial minhoto” na sua véspera (Barroso, 2004: 235), assim como de um conjunto de atividades geralmente relacionados com a atividade agrícola, mas na qual se incluem a demonstração de cantigas e danças que geralmente envolvem a participação de grupos formalmente constituídos, tais como os dois grupos folclóricos locais, havendo igualmente espaço para desempenhos informais, onde as concertinas e os cantares ao desafio têm particular destaque.

Por seu turno, outros eventos de “antiguidade recente”, caracterizam-se por serem revestidos por um caráter lúdico e pedagógico inerente às recriações baseadas no ideal da “autenticidade”, tendo como principal objetivo promover e dar a conhecer aspetos culturais da região de São Torcato, práticas expressivas e produtos artesanais e agrícolas, numa constante sobreposição entre o “tradicional e a inovação” (Saraiva, 2004: 70).

A Feira da Terra, organizada por iniciativa da ADCL e realizada num fim de semana de julho, apresenta-se com o objetivo de privilegiar valores culturais e sociais da região de São Torcato, através da promoção de artesanato, produtos agrícolas, gado e gastronomia, assumindo como mote a valorização dos “costumes do mundo rural”²⁷. Nesta se inclui, portanto, uma série de atividades enquadradas como “recriação de tradições”, como por exemplo as demonstrações de fiadas e espadeladas do linho, habitualmente protagonizadas por elementos femininos do Grupo Folclórico da Corredoura. A sua componente musical está em conformidade com um programa de atuações regulares, que tanto inclui os encontros de concertinas e as arruadas de bombos (na qual é presença habitual a participação do grupo de bombos da Associação Recreativa e Artística Bombos do Mestre Zé, de São Torcato), como os espetáculos realizados em palco por grupos folclóricos, de cantares ao desafio e, denotando também a conjugação entre “tradição e modernidade” que caracteriza este tipo de eventos²⁸, por grupos musicais (por vezes com origem em meios urbanos) de recriação de música tradicional portuguesa.

Da mesma forma, as festas organizadas pelos dois grupos folclóricos de São Torcato, enquadram-se no tipo de demonstrações e recriações de atividades associadas ao trabalho

27) Expressão retirada do texto promocional da XXV edição da Feira da Terra.

28) Ilustrado também pela exposição de artesanato contemporâneo enquanto exemplo de apropriação moderna de alguns tipos de produtos artesanais, ou em certo tipo de atividades lúdicas.



agrícola que, sobretudo desde a década de 1980, vêm sendo fomentadas por diversos grupos folclóricos de diferentes regiões do país. Tal como explica Saraiva, é através das iniciativas de “recriação de tradições” que se procura “fazer perdurar na memória performances e actos que antes se enquadravam num quotidiano rural e prático mas em que o ludismo se associava de forma constante ao trabalho diário” (2004: 70).

A Festa das Colheitas, organizada pelo Grupo Folclórico de São Torcato há pouco mais de vinte anos, é apresentada com o objetivo de fazer uma “recriação de atividades agrícolas dos inícios do século XIX de São Torcato”²⁹. Realizada em outubro, marca o fim do ciclo agrícola anual, dividindo-se habitualmente em três dias, cada um dedicado a um tema específico que denota a recorrente intimidade entre o profano e religioso: o vinho, o pão e o Senhor. Já a Festa do Linhal realiza-se desde 1980 em junho e é efetuada pelo Grupo Folclórico da Corredoura que, ao longo de um dia, faz uma demonstração pública das várias fases do linho. Tendo sido uma iniciativa que partiu de um trabalho de recolha realizado por este grupo acerca de um conjunto de *tarefas e costumes* associados ao ciclo do Linho, cuja valorização e importância para o lugar da Corredoura enforma uma série de aspetos relacionados com as suas danças, cantares e trajes, constitui uma das principais atividades culturais de reconhecida importância para toda a região.

Nestas duas festas, a componente expressiva tem uma presença praticamente omnipresente, com as várias demonstrações das fases das atividades agrícolas a serem acompanhadas por sucessivas rúgas, tocatas, cantares ao desafio, jogos tradicionais e atuações dos grupos³⁰. Apesar da sua “antiguidade recente”, estes eventos têm demonstrado uma dinâmica que reforça o seu peso para a região, sendo que, tal como acontece noutros locais, têm como objetivo serem projetados não só para os habitantes locais, mas também para além das fronteiras da comunidade, o que fica evidenciado pela significativa afluência de públicos oriundos de meios urbanos.

— ***Porque não pode ser em silêncio: a Romaria Grande de São Torcato***

Pois são assim as romarias, um misto de sacro e de profano, tradições pagãs enxertadas no cristianismo, por uma tendência irresistível dos povos para festas ruidosas em que a

29) Segundo Bruno Fernandes, presidente do grupo, em várias notícias publicadas por ocasião da apresentação da edição de 2019.

30) Como dá nota Raposo sobre este aspeto: “a encenação de práticas expressivas tradicionais com vista a um público exterior, regra geral urbano, substituiu o ritual integrado na comunidade, introduzindo alterações profundas no conteúdo e no significado da festa (Raposo apud Saraiva, 2010).”

invocação religiosa é um pretexto para folgar e divertir-se em certos dias do ano, como era uso nos povos antigos. (Revista O Ocidente, julho de 1910³¹).

Se os contextos celebrativos e festivos até aqui descritos atestam a importância dos conteúdos expressivos nos seus diversos momentos, as várias descrições existentes sobre a Romaria Grande de São Torcato fazem-na destacar-se como o evento no qual a música e o som adquirem um papel central e regularizador, tanto na celebração religiosa, como na sua vertente profana. Como salienta Sanchis (1983), os relatos da imprensa, das obras literárias e das notas de observação de etnógrafos e folcloristas, impõem uma constatação massiva de que, até ao último terço do século XX, as romarias constituíam, na generalidade dos casos, o lugar privilegiado dos cantos e das danças populares. Como exemplo, a descrição feita numa reportagem da revista *O Ocidente* de 1910 sobre as romarias do Minho e dedicada especialmente à Romaria Grande de São Torcato, na qual se lê: “*Ouvem-se descantes e toques ao som dos quais o povo dança em grande contentamento e alegria, que mais se expande a cada momento que os foguetes de grandes bombas estalam no ar com enorme estrondo*”³². Da mesma forma, pelo menos desde inícios do século XX, uma parte significativa dos cartazes e postais ilustrados da Romaria Grande de São Torcato, incluíam invariavelmente representações da sua componente expressiva e musical, seja através de ilustrações de danças, de bandas e de tocadores de bombos, caixas e concertinas. Estes complementam as várias descrições que demonstram que os arraiais das romarias (sobretudo minhotas) eram espaços que proporcionavam vários momentos de sociabilidade animados por grupos musicais informalmente constituídos, com exibições espontâneas de tocadores de concertina a acompanhar cantares ao desafio desempenhados por dois ou mais participantes na festa, de improvisos de tocadores de bombo e caixa, assim como de rusgas formadas pelos instrumentos disponíveis (bombo, concertina, cavaquinho, reco-reco, ferrinhos, violas regionais) que tocavam canções dançadas da região (cana verde, vira, malhão), acompanhadas pela dança dos foliões (Nunes e Saraiva, 2010).

Sobretudo desde a década de 1960, período caracterizado por profundas transformações na sociedade portuguesa através da intensificação das migrações internas e para o estrangeiro, assim como pelo desenvolvimento do turismo e de novas indústrias e

31) Consultado no blog de António Amaro das Neves, *Memórias de Araduca*: <http://araduca.blogspot.com/2018/04/as-romarias-do-minho-s-torcato-1910.html>.

32) O mesmo pode ser constatado num vídeo da Romaria de 1912, pertencente ao espólio da Cinemateca Portuguesa e publicado no blogue *Memórias de Araduca*: <http://araduca.blogspot.com/2013/02/s-torcato-1912-romaria-em-tempos.html>.



tecnologias, têm ocorrido mudanças no universo festivo no mundo rural³³. Desde então, a revitalização do fenómeno festivo levou à valorização de tradições locais e à defesa de ideias de autenticidade, o que levou a que a festa moldada pelos parâmetros de uma sociedade rural e tradicional, tenha adquirido outras expressividades (Saraiva, 2004: 68). Nas últimas décadas, as manifestações populares que “davam tradicionalmente a principal característica aos arraiais da romaria: a voz dos coros espontâneos rurais, a música dos instrumentos populares e as danças” (Sanchis, 1983: 157), foram substituídas pela exibição de músicos profissionais e de grupos formalmente estruturados, como os ranchos folclóricos, as bandas filarmónicas, os grupos de bombos, de zés-pereiras, de cavaquinhos e de concertinas, aos quais se acrescentou a realização de espetáculos com cantores e grupos de pop/rock, de “música ligeira”³⁴ e de música popular portuguesa e estrangeira, a quem está habitualmente incumbida a animação noturna.

O mesmo se tem verificado na Romaria Grande de São Torcato, cujo mais recente programa de 2022, para além dos atos religiosos (missas, orações e procissão) nos quais participam vários grupos corais (em 2022, assinala-se as missas cantadas e solenes com a participação do Coro da Manhã, do Grupo Coral do Corpo Nacional de Escutas de São Torcato e do Grupo Coral de São Torcato), inclui ainda as atuações de vários grupos e artistas locais: os grupos folclóricos de São Torcato e da Corredoura, o grupo de bombos do Mestre Zé, o Grupo de Cantares do Vale de S Torcato do CRCA, Fanfarra do Corpo Nacional de Escutas de São Torcato, grupos de concertinas e de cantares ao desafio e também a já habitual participação da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários da Póvoa de Lanhoso. A estes está geralmente atribuída uma função lúdica e recreativa do ambiente festivo do arraial, com sucessivas e programadas “entradas” (arruadas e desfiles) no Terreiro da vila ao longo dos dias da romaria³⁵. Por sua vez, é à noite, no palco principal, que atuam os cantores e grupos musicais convidados, normalmente de fora da freguesia, sendo que as últimas edições tiveram como convidados os cantores populares Quim Barreiros, em 2022 e Zé Amaro, em 2019. Note-se, contudo, que também na Romaria Grande tem

33) Ainda assim, como refere Santos Silva, as tentativas de mudanças e de modernização do panorama expressivo em São Torcato terão sido alvo de medidas preventivas: “Nos anos 60, face à tímida difusão de valores e comportamentos juvenis menos conformes à moral salazarista, as prevenções das autoridades eram extremas. No jornal religioso local, intitulado *S. Torcato*, condenavam-se, por exemplo, em 1969, as danças modernas em que “os pares se apertam e agarram, há então excitação de paixões e faltas de respeito mútuas” (Santos Silva, 1993).

34) Aqui entendida como compreendendo uma diversidade de estilos situados entre a música popular urbana e o folclore. Historicamente, o termo tem vindo a ser utilizado para designar canções de conteúdo sentimental e romântico, canções concorrentes ao Festival da Canção, assim como repertórios que, desde a década de 1990, têm sido designados de “música pimba”.

35) Normalmente, estas arruadas acontecem durante o dia, podendo haver desfiles e atuações dos grupos folclóricos ou de cantares ao desafio no palco principal, que acontecem geralmente na primeira noite da festa. Por outro lado, tem sido também habitual a participação da Fanfarra dos escuteiros e da Banda dos BVPL na procissão, que acontece durante a tarde de domingo.

havido espaço para a atuação de grupos associados a géneros e estilos de música popular urbana, como sucedeu em 2019, com a atuação das bandas pop/rock Cave Story, Smartini e Noise at Valve.

Desta forma, confirma-se que a Romaria Grande tem vindo também a enquadrar-se na noção de “festa-espetáculo” (Saraiva, 2004), na qual se conjugam as práticas expressivas tidas como tradicionais e representativas da região, com a atuação de cantores e grupos de diferentes géneros e estilos musicais, geralmente de reconhecido sucesso comercial, que passaram a figurar no circuito de várias festas e romarias do país e que podem mesmo constituir motivos de atração de públicos menos interessados no carácter celebrativo da romaria.

Por outro lado, como é possível de constatar a partir do excerto acima publicado, às romarias estão associadas celebrações festivas que constituem contextos primordiais de disrupção de uma suposta paisagem sonora *natural* dos locais em que estas acontecem. Às descrições do vale de São Torcato como estando ladeado por florestas, bosques e terrenos agrícolas³⁶, estão comumente associadas construções sociais que continuamente o enquadram no mundo sonoro rural e em noções, por vezes romantizadas, de paisagens bucólicas e tranquilas nas quais prevalecem os “sons naturais”, em contraste com a sobreposição de diferentes “fontes sonoras” (que, por vezes, resulta em “ruído”) das zonas urbanas e industrializadas (Ray, 2006).

Se, atualmente, as atuações e arruadas de cantores e grupos constituem os principais momentos musicais e performativos da Romaria Grande, estas não incorporam, contudo, a sua total dimensão sonora. Qualquer ouvido de um visitante ou participante na romaria poderá captar a contínua sobreposição de “fontes sonoras e musicais” existentes ao redor da basílica, entre campainhas dos carros de diversões ou dos geradores das roulottes e carrinhos de comes e bebes, assim como, e de forma mais significativa, a seleção de músicas transmitidas pelos vários sistemas de sonorização envolvente, desde as aparelhagens e colunas das barracas de venda ambulante e dos carrosséis, até aos altifalantes colocados pela Irmandade de São Torcato. Este mesmo aspeto foi já constatado por Sanchis, que aponta mesmo que a introdução dos altifalantes nas festas e romarias em Portugal, por alturas da Segunda Guerra Mundial, terá tido como efeito o desaparecimento da espontaneidade e do imprevisto associado às manifestações musicais e performativas, concedendo às

36) Descrição encontrada, por exemplo, na página online da Irmandade de São Torcato: <http://www.irmandadesaotorcato.pt/pt/visitar-torcato>.



autoridades eclesiásticas o “monopólio (...) para criar a atmosfera musical da festa” (1983: 155)³⁷. Da mesma forma, as descrições realizadas por Sanchis há cerca de 40 ou mais anos, continuam a ajustar-se à atualidade, na medida em que a seleção das músicas transmitidas nos espaços da festa continua a ser dominada por coletâneas de êxitos comerciais de canções populares e românticas portuguesas, assim como por diferentes estilos musicais associados à música popular, à música ligeira e à música eletrônica, maioritariamente brasileira, anglófona e latino-americana³⁸.

Existem, contudo, dois elementos distintivos da paisagem sonora festiva da Romaria Grande de São Torcato, que integram atualmente o próprio programa: os foguetes e os toques dos sinos. Se os primeiros constituem geralmente o anúncio sonoro do início e do decorrer das festas, através de salvas de morteiros ou, de forma mais exuberante, de sessões de fogo-de-artifício, que ocorrem no encerramento de cada dia da festa, a longevidade do uso dos sinos no contexto de São Torcato, confere-lhes um prestígio singular. Nuclearizados nas normas da igreja, os sinos seriam outrora centrais tanto na regulação do ritmo quotidiano e na manutenção da vida social e religiosa das comunidades (Ray, 2006; Castro, 2014). Como menciona AV Braga (1936), logo para a trasladação do corpo do Santo a 4 de julho de 1852, foi emprestado o sino do castelo de Guimarães, que terá então quebrado, sendo em 1877 instalado um carrilhão de 14 sinos numa das torres da atual basílica. Sendo longínqua a tradição sineira de São Torcato (*idem*), a quase extinção da função do sineiro ou do carrilhador³⁹ levou a que, ao longo das últimas décadas, se tenha procedido à motorização e automatização do carrilhão⁴⁰, tal como aconteceu na grande maioria das igrejas da região. Este aspeto, que acabou por facilitar os processos de agendamento do relógio e de cumprimento dos toques cerimoniais correspondentes ao calendário litúrgico, proporcionou a possibilidade de ter à disposição um repertório diversificado, o que levou a que os toques dos sinos se ajustassem às vicissitudes dos

37) Ainda de acordo com Sanchis, a introdução dos altifalantes foi por diversas vezes alvo de regulamentação por parte das organizações religiosas das festas e romarias.

38) Sendo que para Sanchis, o predomínio destes estilos poderá refletir os protestos da juventude perante a ausência de certos tipos de música (o que seria entendido como sinal de “atraso cultural da sua romaria”) e, em alguns casos, ser “revelador(a) do grau de modernidade desejado ou aceite pela população para a sua festa” (1983: 157).

39) São vários os sineiros e carrilhadorees em São Torcato mencionados por AV Braga, sendo que o último terá sido o Sr. Martins (?) que cessou atividade ainda na década de 1990. A estes era incumbida uma responsabilidade de interpretação musical das peças de um repertório diverso e sujeito às condicionantes físicas inerentes à prática. Neste sentido, partia da criatividade e do manejo do próprio sineiro a boa execução do toque, permitindo-se inclusive a um certo virtuosismo ou improvisado. A seleção do repertório obedecia geralmente ao contexto religioso que se realizava, sendo que era habitual o sineiro manter a execução dos toques para lá do período cerimonial (Castro, 2014).

40) Contudo, pelo menos até 2011, o “sino grande” do carrilhão de São Torcato era ainda tocado manualmente durante a Romaria Grande, através do puxo de cordas, tarefa que teria de ser sempre executada por, pelo menos, duas pessoas.

tempos, despegando-se por vezes do contexto religioso e capacitando-os para figurar em diferentes tipos de eventos sociais e culturais (Castro, 2014).

Neste sentido, o repertório do carrilhão de São Torcato inclui várias peças de carácter religioso e popular, utilizadas em diferentes contextos. Para além dos sinos das horas, o atual carrilhão pode reproduzir vários hinos, como o *Hino de São Torcato*, o *Hino de Guimarães* ou o *Hino de Sua Santidade Leão XIII*, várias valsas, bem como um conjunto de peças religiosas utilizadas em momentos específicos do calendário litúrgico e, igualmente, um conjunto de peças de carácter popular, desde músicas tradicionais de cancioneros populares, tais como *Agora é que pinta o bago*, o *Malmequer mentiroso* ou o *Parabéns a vocês*, que podem ser tocadas em diferentes momentos, celebrativos ou não, como excursões à basílica ou encontros familiares. Contudo, em particular na Romaria Grande, o destaque vai para os repiques festivos e para o repique festivo Patriarcal em seis sinos, que são toques utilizados exclusivamente em contextos festivos e que constituem atualmente momentos inscritos no próprio programa da Romaria Grande.

— Conclusões: a música viva de São Torcato

Em julho de 2021, em plena crise pandémica que assolava a realização de todo o tipo de manifestações festivas (e não só) no país, e já após o cancelamento da edição de 2020, a Romaria Grande de São Torcato realizou-se em moldes diferentes do habitual, restringida às indispensáveis cerimónias religiosas. Sem o volume de romeiros, sem as bancas de comes e bebes, sem os carrosséis e diversões, sem a venda ambulante, sem os produtos artesanais e agrícolas locais, sem procissão, sem concertos ou arruadas, sem altifalantes... O que podia ter sido em silêncio, não o foi. Por iniciativa da Irmandade de São Torcato, foi realizado um vídeo, disponibilizado em plataformas online, com a gravação das atuações da Banda de Música dos BVPL, e com a simulação da “entrada” no Terreiro do Grupo de Bombos do Mestre Zé e do Grupo Folclórico de São Torcato. Manifesta este vídeo que qualquer tipo de celebração do património cultural, religioso e festivo de São Torcato parece não dispensar a sua componente expressiva e musical.

Longe de constituir um trabalho encerrado, este texto procurou oferecer um conjunto de apontamentos e descrições baseadas em observações de terreno e bibliografia, que possibilitem um conjunto de reflexões que podem ser entendidas como pontos de partida para futuras investigações, necessariamente mais densas, acerca do património expressivo e musical associado a São Torcato. Em particular, tal como foi descrito, os contextos festivos e celebrativos de São Torcato constituem-se como ocasiões especiais para as práticas musicais, através dos quais a comunidade é mobilizada, criando espaços de comunicação



e possibilitando a partilha não questionada entre os seus participantes, assim contribuindo para o reforço do reconhecimento identitário coletivo (Nunes, 2010). A reforçar este aspeto, note-se, por exemplo, que o “regresso” da Romaria Grande em 2022 foi o contexto de apresentação de uma nova canção dedicada a São Torcato e intitulada *Promessa a São Torcato*, que partiu de uma encomenda da Irmandade ao cantor popular Carlos Ribeiro, natural da freguesia de Longos. Neste sentido, é possível de comprovar que, à semelhança de outras localidades do país, as festas de São Torcato são contextos que demonstram uma impressionante vitalidade e capacidade de renovação, sendo igualmente contextos que, em grande medida, sustentam a atividade e visibilidade dos vários grupos e artistas locais, os quais, por sua vez, afirmam-se como detentores e continuadores das tradições expressivas locais.

Da mesma forma, as análises das práticas expressivas de São Torcato são reveladoras da forma como se organizam as atmosferas socioculturais do quotidiano da vila. Assim, no pouco tempo de trabalho de terreno realizado para este artigo, e considerando as óbvias diferenças entre o sentimento de pertencer a um grupo folclórico ou a um grupo coral “de igreja”, do ponto de vista de quem *faz música*, a motivação de participar ativamente num grupo musical parece situar-se nos interstícios de duas diferentes perspetivas: uma, de que a música e a dança são entendidas como fazendo parte de tradições longínquas e, como tal, inerentes à vida social quotidiana e a processos de desenvolvimento de formação cultural (regional e comunitária); e outra, de que a ideia de participar em atividades de música e dança surge como *pretexto* para a criação de grupos culturais que só *existem durante* os eventos performativos, sendo que, nestes casos, a atividade musical é vista como algo contrastante com a vida quotidiana. De qualquer das formas, ambas sugerem que participar no contexto de um grupo musical em São Torcato é uma atividade enlaçada a entendimentos “antimodernos” (não necessariamente tradicionais) e “não-capitalistas” (não necessariamente amadores) dos modos de fazer música (Turino, 2008).

Não obstante, uma das questões que poderá levar a futuras reflexões prende-se necessariamente com o legado e transmissibilidade destas práticas. Neste sentido, à exceção de alguns fenómenos pontuais, tais como a já mencionada Festa da Juventude, tanto no contexto das manifestações celebrativas e festivas de São Torcato, como do fomento da atividade artística na vida social quotidiana, não deixa de ser premente observar a quase invisibilidade de práticas musicais associadas a diferentes géneros musicais ditos *modernos*, como por exemplo, as diversas tipologias ligadas ao universo da “música popular urbana” – o pop/rock, a música eletrónica, o hip-hop, etc.. Embora esta afirmação careça de uma pesquisa e análise mais exaustiva e dedicada, que eventualmente abranja outros contextos associados à promoção da atividade cultural e artística existente em toda

a freguesia, esta observação pressupõe que as ações de decisão cultural em São Torcato parecem corresponder a certo tipo de expectativas da parte dos agentes culturais e políticos locais e concelhios, no sentido da promoção, valorização e projeção de uma imagem da região, associada exclusivamente a práticas tradicionais e religiosas do mundo rural, desta forma definindo o seu património expressivo.

Bibliografia

- Almeida, E. (1923). S. Torcato. Algumas notas dispersas. *Revista de Guimarães*, 33 (4), 261-327.
- Azevedo, J.J. (198?). *Apontamentos de Etnografia e Folclore para uso dos Grupos Folclóricos do Concelho de Guimarães*. S/e.
- Azevedo, T. P. (1845). *Memorias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*. Porto.
- Barroso, P. (2004). *Romarias de Guimarães. Património simbólico, religioso e popular*. NEPS, ICS-UM.
- Blacking, J. (1995). *Music, Culture, and Experience: Selected Papers of John Blacking*. University of Chicago Press.
- Braga, A.V. (1936). As Vozes dos Sinos na Interpretação Popular e a Indústria Sineira em Guimarães. *Revista Lusitana*, 34 (1-4), 5-104.
- Braga, A.V. (1955). Curiosidades de Guimarães. XVI O Culto Poético Popular e romeirinho a Nossa Senhora. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2), 41-95.
- Cachada, A.C.S. (2004). *O Linho no campo e na arca*. Grupo Folclórico de Corredoura.
- Capela, C. & Cruz, L. (2010). Tuna. Em Castelo-Branco, S. (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates.
- Carvalho, J.S. (ed.) (2000). *O Alto-Minho na Obra Etnográfica de Abel Viana*. Academia de Música de Viana do Castelo.
- Castelo-Branco, S. (ed.) (2010). *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates.
- Castelo-Branco, S. (2010). Etnomusicologia. Em Castelo-Branco, S. (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates.
- Castelo-Branco, S. & Branco, J.F. (2010). Folclorização. Em Castelo-Branco, S. (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates.
- Castelo-Branco, S. et al (2010). Rancho Folclórico. Em Castelo-Branco, S. (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates.
- Castro, Hugo (2014). Entre sinos e tambores: aspetos da paisagem sonora em Guimarães, *Veduta – Revista de Estudos em Património Cultural*.
- Cooley, T., Meizel, K. & Syed, N. (2008). Virtual Fieldwork: Three Case Studies. Em Barz, GF. & Cooley, TJ. (Eds.) *Shadows in the Field: New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. 2ª edição. Oxford.
- Giacometti, M. & Lopes-Graça, F. (1981). *Cancioneiro Popular Português*. Círculo de Leitores.
- Lima, J.A. & Lima, F.C.P. (1943). *Romanceiro Minhoto*. Portucalense Editora.
- Magalhães, E. & Cachada, A. (2014). *Hinos e Marchas Históricas de Guimarães: De colectividades e instituições vimaranenses antigas da cidade tocadas pela extinta Banda da Sociedade Musical de Guimarães mais conhecida por "Banda dos Guises"*. Sociedade Musical de Guimarães / Fundação Cidade de Guimarães.
- Nunes, C.S. & Nery, R. V. (2010). Alberto Pimentel. Em Castelo-Branco, S. (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates.
- Nunes, C.S. & Saraiva, C. (2010). Festa. Em Castelo-Branco, S. (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates.
- Pimentel, A. (1905). *As Alegres Canções do Norte*. Livraria Viúva Tavares Cardoso.
- Ray, C. (2006). Soundscapes and the Rural: a Conceptual Review from a British perspective. *Centre for Rural Economy Discussion Paper*, nº5.
- Sampaio, G. (1986). *Cancioneiro Minhoto*. (3ª edição). Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio.
- Sanchis, P. (1983). *Arraial: Festa de um Povo as romarias portuguesas*. Publicações D. Quixote.

Santos Silva, A. (1993). A Paixão segundo São Torcato. *Sociologia – problemas e práticas*, nº13, 9-17.

Santos Silva, A. (1994). *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*. Afrontamento.

Saraiva, C. & Salesse, E. & Durand, J-Y (2004). *Vila Verde: Uma Etnografia no Presente*. Câmara Municipal de Vila Verde.

Turino, T. (2008). *Music as social life: The politics of participation*. University of Chicago Press.

Vários (2014). *Caminhos e Diálogos da Antropologia Portuguesa: Homenagem a Benjamim Pereira*. Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Entrevistas realizadas

António Araújo (2022)

Alberto Oliveira (2011, 2022)

Henrique Macedo (2011)

João Bastos (2022)

João Alberto Oliveira Araújo (2011)

Luís Almeida (2022)



Miguel Sousa (pormenor) Museu de Alberto Sampaio



Maria José
Queirós Meireles

Historiadora
—
Museu de Alberto
Sampaio

Os tesouros e a arte desconhecida de São Torcato: a identidade e a fé

— Os tesouros e a arte desconhecida de São Torcato: a identidade e a fé¹

São Torcato é uma freguesia de Guimarães cujo orago é o próprio São Torcato, um santo cujo corpo incorruptível aí apareceu, sendo venerado e origem de peregrinação. A freguesia é antiga, anterior ao século X, e nela foi criado o um mosteiro em honra deste seu padroeiro. A fé era grande, o mosteiro engrandeceu-se e ampliou-se até que, em 1474, foi extinto, mas a fé ao Santo permaneceu nos seus devotos até aos nossos dias. Parte do acervo aí existente foi transferido para a Colegiada de Guimarães, que também foi dissolvida alguns séculos mais tarde, tendo algumas das peças de Arte Sacra relacionadas com o mártir passado para o Museu de

1) Para facilitar a leitura do texto por todas as pessoas, a escrita antiga foi atualizada.



Alberto Sampaio, onde se encontram expostas aos visitantes.

No século VIII, o cristianismo dispersou-se por toda a Europa e a Igreja criou o seu próprio conjunto de alfaias religiosas, destinadas a cumprir a missão que Cristo lhe atribuiu. Mais tarde, também a Colegiada de Guimarães formou um acervo de Arte Sacra e de bens móveis de grande qualidade, como já tinha acontecido com o antigo Mosteiro da condessa Mumadona Dias, que a tinha antecedido no século X. A Colegiada procurava ampliar com alfaias litúrgicas o seu sumptuoso cerimonial, como era sua missão. Estes objetos sagrados passaram mais tarde a ser designados por Arte Sacra, devido aos seus valores estéticos e religiosos, pois foram desenvolvendo um género de manifestação artística relacionada com a religiosidade e o sagrado, que deveria ser compreensível, pedagógica ou catequética e sobretudo, apresentar a verdade da fé. Por isso, quando uma dessas peças é recolhida num museu pelo seu valor estético e simbólico, «a museologia do património religioso, sem descurar o valor patrimonial, recupera-lhe o sentido sagrado, apresentando-o na totalidade dos seus conteúdos materiais, funcionais, semânticos e simbólicos. Mantendo a norma museográfica, o museu tende a equilibrar ambas as competências: o objeto vale como obra de arte e como peça do sagrado» refere a museóloga Maria Isabel Roque (Roque, 2011: 311). E acrescenta que:

o sagrado pode ingressar no museu desde que este refira tudo aquilo que o informa: o objeto religioso encontrou aí um espaço e uma forma de expressão; ao museu cabe garantir a memória da existência passada e o conteúdo teológico da ação ritual em que interveio.
(Roque, 2011: 314).

Há necessidade de conservar determinados objetos que fizeram outrora parte da cultura, da fé e da mentalidade de um povo, salvando-os do esquecimento e conservando-os, investigando-os e expondo-os, para educação, estudo e deleite de um património material e imaterial da humanidade (ICOM²). A Arte Sacra, à semelhança de outras formas de arte, é assim estudada e inventariada, na sua feição material, artística e religiosa ou simbólica. Para o património móvel, o inventário é o principal instrumento de trabalho, sendo fundamental para o estudo de uma peça ou de uma coleção, porque permite registá-la e simultaneamente aprofundar o seu conhecimento, para se efetuar uma eficaz gestão do acervo e a sua ampla divulgação. Este assenta numa técnica específica que permite fazer a

2) ICOM Portugal. Definição de Museu – O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. <https://icom-portugal.org/recursos/definicoes/> [consultado em 03-04-2022].

sua classificação, conhecer a sua cronologia, fazer uma observação cuidada através do seu estudo e registo para a poder interpretar e compreender no contexto da sua época. Procura-se enquadrá-la no tempo e no espaço, e conhecendo os seus utilizadores, saber-se-á como era usada, como era valorizada e como era entendida. A erudição de cada época impõe perspectivas diferentes que a valorizam, influenciando a sua compreensão e interpretação, não esquecendo que, até ao século XVIII, era a forma de arte mais comum. Com uma investigação histórica e multidisciplinar, poder-se-á conseguir atingir os objetivos do inventário e este conhecimento deverá permitir a valorização da coleção e obter uma eficiente divulgação junto dos públicos-alvo.

Procurando conhecer os objetos relacionados com a vivência de São Torcato, um religioso venerado desde a alta Idade Média no termo de Guimarães, cujo corpo apareceu incorruptível na freguesia de São Torcato, por volta do século XVI, verificamos que o património móvel relacionado com este Santo está guardado e protegido no Museu do Peregrino, da Irmandade de São Torcato, e que uma pequena parte se encontra no Museu de Alberto Sampaio, em Guimarães. A Irmandade possui um curioso e interessante acervo de diversificados ex-votos, enquanto que o Museu de Alberto Sampaio apenas guarda um pequeno conjunto de peças relacionadas com a devoção a São Torcato, mas nem todas têm a mesma origem e particularidades. Uma delas, designada por cálice de “São Torcato”, é proveniente do próprio Mosteiro, outras da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e outras de doações, mas todas se relacionam com uma intensa devoção ao Santo. Quatro delas foram classificadas como Bem de Interesse Nacional, ou Tesouros Nacionais, segundo a Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que «Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural»³ e que, posteriormente, pelo decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006, «Procede à classificação como bens de interesse nacional», referindo no artigo 1, alínea d) «Os bens ou conjuntos de bens sobre os quais a produção de conhecimento - entendido como o estudo e a investigação que os situe relativamente à sua proveniência e ao seu contexto cultural de produção, ao seu percurso histórico e artístico ou cultural e social até à incorporação em contexto museológico, à sua relação com outros bens e contextos de produção, bem como os identifique como obras síntese e exemplos do expoente de uma cultura ou expressão e produção artística - se constitua como um marco que assegure a transmissão de uma herança cultural visando o enriquecimento das sucessivas gerações, bem como a fruição e a democratização da cultura»⁴.

3) Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro, publicado no Diário da República n.º 209/2001, Série I-A de 2001-09-08, páginas 5808 – 5829). <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/107-2001-629790>

4) Decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006, publicado no Diário da República n.º 137/2006, Série I de 2006-07-18. <https://dre.tretas.org/dre/200045/decreto-19-2006-de-18-de-julho>



Para estudar cada uma destas peças, geralmente segue-se a bibliografia existente e os inventários elaborados ao longo de quase um milénio, mostrando-nos o percurso das obras de arte, observando a avaliação e opinião de vários especialistas que as estudaram nas diferentes épocas e distintas mentalidades, procurando deste modo apresentar o seu parecer de acordo com o tempo, o espaço e a erudição de cada sociedade.

Alfredo Guimarães, fundador e primeiro diretor do Museu de Alberto Sampaio, lembrava que no século X, no ano de 959, o Livro de Mumadona já referia a existência de peças de ourivesaria decoradas com esmaltes, têxteis de qualidade e outras peças de interesse, que a condessa doou ao seu Mosteiro⁵, e comentou a existência de registos de inventário cíclicos, que as instituições religiosas iam realizando. Recordava que no inventário da Colegiada de 1286, se alude a peças em esmalte limosino ou de Limoges (Guimarães, 1935: 46-47), e acrescentava que no inventário atribuído do século XV, apareciam peças interessantes, entre as quais o cálice de prata decorado com esmaltes, atribuído a São Torcato (Guimarães, 1935: 47). Mencionava ainda a renovação técnica do século XIII, que conduziu ao desenvolvimento e consolidação desta arte de cariz gótico, com a aplicação de esmaltes translúcidos sobre a prata (Guimarães, 1935: 48).

O inventário do Tesouro da Colegiada de Guimarães de 1459⁶ é outro exemplo da existência de peças de grande beleza e mestria, como refere Ana Paula Machado Santos (Santos, 2018: 164). Em meados do século XV, o inventário da Colegiada assinalava as diversas peças de ourivesaria que eram usadas nas suas principais festas e cerimoniais. Estas continuavam a ser registadas no inventário da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, como se pode ver no ano de 1665, e voltaram a ser referidas em 1756, como «por tradição antiga celebrava S. Torcato» (Oliveira, 2006-2007: 398). Os investigadores e autores que estudaram o tema, como Mário Barroca e Manuel Luís Real, também aludem à existência desse interessante património móvel, referindo peças de ourivesaria que pertenciam ao mosteiro de São Torcato, já no século XIII e inícios do XIV. Torcato Peixoto de Azevedo é um dos primeiros monógrafos de Guimarães que descreve algumas peças de ourivesaria utilizadas nos cerimoniais litúrgicos (Azevedo, [1692] 2000: 214), assim como o padre António Carvalho da Costa que, na *Corografia portuguesa*, de 1706, também faz a descrição de peças de ourivesaria, comentando a existência de um cálice de prata dourado com seus esmaltes no pé e seis no nó e acrescentando que «é tradição que com ele dizia missa São Torcato» (Costa, 1706: 33). Albano Belino comprova que igreja de São Torcato foi anexada à Colegiada de Guimarães no século XV, e comenta aspetos técnicos e artísticos

5) Ver documento de doação e data em: Amaral, 2016: 198, 202.

6) Ana Paula Santos refere este inventário não possuía data, sendo-lhe atribuída por Avelino de Jesus da Costa (Santos, 2018: 163).

das suas peças de ourivesaria (Belino, 1900: 117). No *Mobiliário artístico português: elementos para a sua história* (1935), Alfredo Guimarães refere-se a peças de ourivesaria, do século XIII e XIV, como já foi dito.

Manuela Alcântara Santos e Nuno Vassallo de Silva, no catálogo *A Coleção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio* (1998), analisaram cuidadosamente o cofre relicário mandado fazer para a Colegiada de Guimarães pelo D. Prior Luís Vasques da Cunha (Santos, Silva, 1998: 68). Entretanto, criaram-se novas peças de ourivesaria, como o relicário dedicado a São Torcato, feito «da generosidade do Dom Prior D. Diogo Lobo da Silveira, em 1664» (Guimarães, 1928: 16). Deste modo ressalta a existência de um património muito antigo, que remonta praticamente ao início da nacionalidade e que transparece com um caráter de valorização da religiosidade popular.

Mas tarde, já no século XIX, verificou-se o desenvolvimento das novas ideias liberais que conduziram à extinção dos conventos e posteriormente das colegiadas. A forma de pensar começou a mudar perante as várias correntes de ideias oitocentistas, entre as quais as positivistas, defendendo que todo o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, colaborando na tendência de um laicismo que começou a fragilizar a Igreja. O cerimonial e os ofícios religiosos foram enfraquecendo e conduzindo a uma humilde simplicidade que fomentou o desuso das peças de qualidade e ostentação. As alfaias litúrgicas foram perdendo pouco a pouco a importância protocolar, e passaram a exercer, para além da função religiosa, a pedagógica e técnica, mas sobretudo a cultural. A Arte Sacra tornou-se durante algum tempo uma das bases da educação dos jovens operários e estudantes, pois era necessário sensibilizá-los para a técnica do desenho e a graciosidade da forma. Tentava-se aperfeiçoar o seu sentido estético a fim de melhorar a qualidade das peças a produzir na industrialização.

Procurava-se sobretudo, que os alunos do ensino técnico desenvolvessem conhecimentos de história da arte, estilos artísticos e regras de composição, para não executarem apenas cópias, mas terem bom gosto e serem criativos no trabalho desempenhado, produzindo peças de boa qualidade artística (França, 1966: 1, 423). De modo semelhante, Joaquim de Vasconcelos pretendeu valorizar o trabalho e a sua estreita relação com a obra de arte, porque defendia que não era a antiguidade ou a preciosidade de um objeto que lhe conferia qualidade artística, mas sim a arte do operário ao trabalhar uma peça, transformando e dando vida ao seu material, e colaborando para o bem comum (Rosas, 1997: 232).

Quase simultaneamente, em meados do século XIX, começavam a surgir as primeiras exposições industriais como forma de apresentar novidades e tornava-se necessário dar a conhecer aos portugueses a beleza da Arte Ibérica. Por isso, decidiu-se organizar em Lisboa uma enorme exposição de arte, com peças portuguesas de particulares e as que



pertenceram aos extintos conventos, que devido à sua extinção encontravam-se dispersas pelo país. Assim, foi necessário organizar-se a representação de Portugal à *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola*, de acordo com o decreto de 22 de junho de 1881, publicado no *Diário do Governo* de 25 desse mês, que incluía algumas peças de Guimarães, entre as quais o cálice de São Torcato e a respetiva patena. A mostra ir-se-ia efetuar em Lisboa, e ficaria patente ao público desde novembro desse ano até aos fins de janeiro de 1882. De notar que o referido diploma determinava a apresentação pública de todos os produtos de arte ornamental ou decorativa, considerados como produzidos por Portugal e por Espanha, antes do século XIX (Ocidente, 21-8-1881: 187). Esta primeira Exposição, reuniu em Lisboa as melhores peças das coleções de artes decorativas de cada um dos dois países. A *Revista Ocidente* que acompanhou a organização, comentou que Charles Émile Yriarte, jornalista e amador de arte francês, visitou a exposição, e alegou numa das suas cartas «nunca ter visto reunidas tantas e iguais maravilhas», e referindo que a exposição era digna do país (Ocidente, 1-4-1882:75). O espaço escolhido para a sua implantação foi o Palácio dos Condes de Alvor (atual Museu Nacional de Arte Antiga), alugado em 1879, por um período de 30 anos, e que teve como grande novidade técnica a instalação da luz elétrica com «lâmpadas de carvão, com focos de luz em arco voltaico» (Bastos, Sousa, 2008: 2), iluminada pela empresa Cohen & C^a (Rosas, Pereira, 1991: 330). Nesta exposição, esteve exposto, para além de várias peças vimaranenses, o cálice e patena atribuídos a São Torcato, que ficaram colocados na sala M (cat. n.º 183, p. 23; Ocidente, 21-12-1883: 287). Desta mostra foi publicado o *Catálogo Ilustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola celebrada em Lisboa em 1882 sob a proteção de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Luís I e a presidência de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Fernando II*, editado em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em 1882. Foi a primeira publicação a apresentar património móvel, com a imagem de algumas das peças. No catálogo, o cálice cedido pela Colegiada era descrito da seguinte forma:

183. Cálice de prata dourada e esmaltada, com sua patena. Altura 0,22m. Copa lisa e piramidal. Nó hexágono, ornado de ramagens e esmaltes. Base também hexágona, dividida em gomos e com seis esmaltes nos ângulos reentrantes. Uns e outros esmaltes representam bustos de santos. A patena tem no centro um esmalte que representa o Padre Eterno. Século XIII. Fig. 113. Colegiada de Guimarães.

A inauguração do evento realizou-se em 12 de janeiro de 1882, sendo solenemente aberta pelos reis portugueses D. Luís e D. Maria Pia e pelos reis espanhóis D. Afonso XII e D. Maria Cristina, que foram convidados. Foi um êxito que contou com mais de quinze

mil visitantes logo nos primeiros quinze dias e cerca de cem mil no total, entre janeiro e maio de 1882 (Porfírio, 2005: 12; França, 1981: 2, 73). Esta exposição, pela diversidade e qualidade de peças quase desconhecidas que foram mostradas ao público, já inventariadas e desenhadas, ajudou a desenvolver a sensibilidade para a conservação do património e alargou o estudo, inventariação e divulgação do património móvel.

Alguns anos mais tarde, algumas dessas peças que faziam parte do acervo da Colegiada de Guimarães, vieram a incorporar o Museu de Arqueologia Cristã, organizado pelo próprio Cabido da Colegiada e criado em 22 de dezembro de 1891, numa das salas da Casa Capitular (Belino, 1900: 108; Santos, 2005: 9-10). Esteve aberto aos visitantes desde 17 de julho de 1899 até 9 de agosto de 1931, recebendo em média 214 visitantes por ano de acordo com o Livro de Visitantes (Meireles, 2011: 33). Foi no dia 1 de agosto de 1931 que foi inaugurado oficialmente o Museu de Alberto Sampaio, uma instituição de cultura e deleite, que foi criada por decreto n.º 15209, de 17 de março de 1931, com a finalidade de receber, entre outros, objetos que eram propriedade do Estado e que pertenceram à extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, ao Convento de Santa Clara e ao das Capuchinhas, de Guimarães.

Como já foi referido, há no acervo da colegiada algumas peças, que fazem uma ligação entre a Colegiada de Guimarães, São Torcato e o Santo. A Colegiada é uma instituição religiosa gerida por cónegos que organizavam o cerimonial em louvor de Nossa Senhora da Oliveira, padroeira de Guimarães, mas que, como refere João Durães Magalhães, os meios eclesiásticos, sempre que podiam, procuravam «controlar – quanto possível – e re-direcionar os cultos populares para uma veneração compatível com os preceitos cristãos» (Magalhães, 2021: 185). Mas, no contexto social da época quinhentista e na mensagem enviada aos crentes, os cónegos divulgavam o culto do Homem Santo, procurando retirar proveitos, rendimentos e prestígio (Magalhães, 2021: 54). A história de São Torcato perde-se no tempo e na imaginação popular. A lenda tem-se confundido com a realidade e por isso tentou-se recorrer a diversas fontes, que permitissem um melhor conhecimento do tema. Há a ideia que a igreja velha de São Torcato é um património arquitetónico de grande interesse, que ainda existe e está aberta ao público, mas que remonta ao período pré-românico, remetendo-se para um património imaterial ou oral, que o consolida e lhe concede uma identidade específica. Foi nesta igreja que se sepultou o corpo de São Torcato, quando apareceu no século XVI.

Conta-se que São Torcato e os discípulos se tornaram santos combatendo o paganismo romano, na província da Bética, especialmente na zona de Cádiz, no sul, onde o santo faleceu e foi sepultado, originando o nascimento de um culto local. No século VIII, deu-se a invasão dos mouros do norte de África e, no século seguinte, começaram a aparecer



vestígios da devoção ao Santo, como a divulgação da publicação *Vita Torcati*, a existência em Toledo de uma igreja em sua devoção, de um provável hino litúrgico em sua honra e de uma festa em louvor dos Varões Apostólicos em que ele se integrava. Mas segundo a lenda, após a invasão dos sarracenos, os cristãos que aí viviam fugiram para a Galiza, no norte, trazendo consigo o corpo do Santo, que foi depositado no Mosteiro de Celanova. Pensa-se que, com as migrações dos moçárabes nos séculos IX-X, o culto passou para a Galiza. Para Mário Barroca e Manuel Real, que estudaram o Mosteiro de São Torcato, o desenvolvimento desse culto em Guimarães deveu-se às ligações dos condes portucalenses com o Mosteiro de Celanova (Barroca, Real, 1992: 136).

Na Idade Média, em São Torcato existia um Mosteiro habitado por monges que, apesar de extinto, da passagem do tempo e de várias intervenções, ainda existe como igreja paroquial, que ainda conserva alguns indícios do primitivo edifício. Segundo Mário Barroca e Manuel Real, já no século X deveria existir uma igreja em São Torcato (Barroca, Real, 1992: 135). Mais tarde, D. Afonso Henriques passou o Mosteiro de São Torcato para os cónegos Regrantes de Santo Agostinho e, «em 1132 a igreja estava a ser reconstruída e o altar-mor era sagrado pelo arcebispo D. Paio Mendes» (Barroca, Real, 1992: 138). Mas, em 1474, a comunidade foi extinta pelo Papa Sisto IV (Barroca, Real, 1992: 139), e os seus bens transferidos para a Colegiada de Guimarães. Deles, ficou-nos um cálice de prata, de grande valor patrimonial e histórico, que ainda podemos apreciar, sendo salvaguardado pela classificação de tesouro nacional.

A Colegiada de Guimarães possuía outras alfaias litúrgicas de qualidade que, embora não fossem originárias de São Torcato, foram utilizados na devoção e no cerimonial ao Santo. As peças do tesouro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira permaneceram aí guardadas até ao século XIX, uma época muito instável devido às invasões francesas, à extinção dos conventos, à guerra civil, à dissolução das colegiadas e, pouco tempo depois, à implantação da República, que nacionalizou o Tesouro. Depois da fundação do Museu de Alberto Sampaio em 1928, alguns bens da Colegiada passaram para esta instituição, a fim de serem estudados e mostrados aos visitantes.

Após esta introdução, vai-se seguir uma descrição sumária e técnica, procurando sintetizar em cada peça o conhecimento que se tem sobre ela, proveniente de vários estudos já feitos por historiadores, para ajudar à sua compreensão e tornar as suas particularidades mais explícitas. Não se pretende adulterar a correta interpretação atribuída aos estudos feitos, pelo que se opta pela apresentação de algumas transcrições alusivas a cada peça. É no Museu de Alberto Sampaio que se podem atualmente ver objetos relacionados com São Torcato, que são as seguintes: um cálice com patena, dois cofres relicários, um relicário, um busto entalhado e uma pintura do Santo de corpo inteiro, que vamos conhecer

e apreciar a seguir. Não possuem novidades, pois o texto assenta fundamentalmente em trabalhos já publicados, tanto pelo Museu de Alberto Sampaio, como por outros autores que estudaram as peças. Será apenas uma reflexão sobre uma pequena coleção de Arte Sacra, com a qual se fica a conhecer a origem, a peculiaridade e a contextualização que, ao longo de séculos apresenta a persistente e venerada memória de São Torcato.



José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

Cálice

Esta peça é, provavelmente, de origem ibérica, executada em prata dourada relevada e cinzelada, decorada com esmaltes translúcidos. É atribuída ao século XIV, e tem como principais dimensões, a altura de 22 cm, de diâmetro 21 cm, e pesa 994,5 g. Faz parte da coleção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio e possui o número de inventário MAS O 38. O cálice possui uma patena e as duas peças estão classificados como Bens de Interesse Nacional, pelo decreto N.º 19/2006, de 18/07/2006.

O cálice e a patena são um dos mais conhecidos e respeitados símbolos cristãos, porque simbolizam o próprio Cristo. Na sociedade medieval oferecia-se a Deus o que houvesse de melhor e este cálice impressiona pelo pormenor, pela elegância, pelo desenho e pela interessante base larga, de forma hexagonal, separada em gomos e trabalhada em dois



suaves planos. O nó também é hexagonal e cada cartela possui uma folha pousada sobre o suporte que alterna com a imagem em esmalte de Cristo, São Pedro, São Lourenço e outros santos. A copa é lisa, quase de forma cónica, com o fundo arredondado e sem decoração. A beleza da sua forma, o trabalho de esmalte que o decora e a ação pedagógica que as imagens dos apóstolos e mártires apresentam, aliados à sua antiguidade e ao local a que pertenceu, tornam-no numa peça muito especial.

É proveniente do Mosteiro de São Torcato, da Ordem dos Agostinhos. Pouco tempo depois do ano de 1474, provavelmente após a bula dada em Roma a 19 de julho desse ano, pelo Papa Sisto IV, que extinguiu a ordem, os bens do Mosteiro foram transferidos para a Colegiada de Guimarães.

Como já foi referido, com a implantação da República e a lei da separação entre o Estado e a Igreja, publicada em 20 de abril de 1911, a Colegiada foi extinta. Em 1928, por decreto lei n.º 15209, de 17 de março, foi criado o Museu de Alberto Sampaio para receber as peças de artes decorativas da Colegiada de Guimarães, entre as quais o cálice de esmaltes. Em 1986, quando se realizaram obras na igreja do Mosteiro de São Torcato, surgiu um conjunto de oito lipsanotecas em madeira, que deram origem a um estudo mais profundo da instituição, desde a sua fundação por volta do século X. Nesse local foi ainda encontrada uma legenda da sagração da obra românica, feita pelo arcebispo de Braga D. Paio Mendes, em 1132. Mário Barroca considera que o cálice deveria ter sido adquirido na primeira metade do XIV, numa época de exuberância, pois a partir de meados do século iniciou-se uma grande crise europeia e surgiu a peste negra (Barroca, 2002: 251). Provavelmente essa catástrofe originou a extinção do mosteiro em 1474, por decisão do papa Sisto IV, e a passagem dos bens para a Colegiada de Guimarães, até que, após 1928, foram transferidos para o Museu de Alberto Sampaio (Barroca, Real, 1992: 139)

Ao longo do tempo, os inventários foram registando as peças existentes e foram-nos dando conhecimento do que existia. Alfredo Guimarães comenta o Testamento da Madona, em que «os esmaltes davam lugar às ornamentações, nas peças de ourivesaria e vestuário sacro das pedras lapidadas», mas refere que no inventário da Colegiada de 1286, já constam peças em esmalte limosino (Guimarães, 1935: 46-47). Chama ainda a atenção para o inventário atribuído ao século XV, da época de D. Afonso V, onde já aparece descrito um número interessante de peças com esmaltes para a época. Nele já se identificava discretamente, o Cálice de São Torcato e a patena de Cristo em Majestade que se distinguiam, pois:

Ao passo que os esmaltes do cálices, mal purificados no material, se exibem com pouca transparência, o da patena pelo contrário, é de uma pureza e brilho de vitral exposto à luz

– *contradição esta que aliás é vulgar, atento a que se trata de uma obra de oficina, entregue por certo a artistas de diferentes categorias»* (Guimarães, 1935: 49). *Refere-se ainda a renovação técnica do século XIII, que desenvolveu e consolidou esta arte de cariz gótico, com a aplicação de esmaltes translúcidos sobre prata.* (Guimarães, 1935: 48).

No *Inventário da Colegiada*, de 1665, já se registava a seguinte transcrição atualizada: «Cálice antigo de Santo Torcato. Item. Outro calix⁷ antigo que dizem é o com que disse missa Santo Torcato. É todo chão e a patena todo ao antigo». (Meireles, 2014: 117).

Este cálice era decorado com esmalte, e era considerado uma das peças simbólicas e primosas da Colegiada de Guimarães pois, segundo a tradição, pertenceria a São Torcato. Avaliando a opinião de alguns estudiosos e especialistas, estes comentaram-no da seguinte forma:

Torcato Peixoto de Azevedo, nas *Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães* (1692), descreveu o cálice referindo:

Tem um cálice de prata dourada, com seus esmaltes no pé, e um no meio da patena, figurando a Santíssima Trindade, com o qual dizia missa o bem-aventurado São Torcato, que pesa 5 marcos e meio, e se não diz missa com ele senão no dia do Santo. (Azevedo, [1692] 2000: 214).

Quase um século depois, no *Inventário da Colegiada* de 1756, registava-se o seguinte: «Item um cálice antigo sobredourado com sua patena com esmalte no meio com o qual dizem por tradição antiga celebrava São Torquato que tudo pesa cinco marcos três onças e sete oitavas». (Oliveira, 2006-2007: 398).

O Padre António Carvalho da Costa referia na *Corografia Portuguesa* (1706), capítulo X, intitulado:

Em que se descreve a igreja de Nossa Senhora da Oliveira [...].

Outro cálix de prata dourado com seus esmaltes no pé e seis na maçã do meio e esmalte no meio da patena, com a figura da Santíssima Trindade, que pesa 5 marcos e meio e é tradição que com ele dizia missa São Torcato. (Costa, 1706: 33).

7) Cálix – O mesmo que cálice. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/c%-C3%A1lix> [consultado em 30-04-2022].



António José Ferreira Caldas, em *Guimarães, apontamentos para a sua história* (1881), também menciona o cálice de São Torcato escrevendo:

É igualmente estimável como relíquia santa e como objeto arqueológico e muito antigo um cálice chamado de São Torcato, porque segundo a tradição e antiquíssimas memórias escritas, pertenceu àquele santo arcebispo de Braga. É de prata dourada e de singular feitio, sobretudo pelo grande diâmetro da base, pesando cinco marcos e meio. Não sobressai por delicadezas e primores de escultura, mas tem alto merecimento artístico pela obra de esmalte. A base é recortada em oito grandes divisões pontiagudas, separadas por ornatos de volta redonda. Nas oito grandes divisões estão as imagens de Nossa Senhora e as de sete Apóstolos, todas de esmalte e cada uma ocupando um daqueles oito repartimentos. A patena tem representada a Santíssima Trindade. (Caldas, [1881] 1996: 302).

Já em finais do século XIX, o texto do catálogo da *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental de 1882*, descrevia-o da seguinte forma, como já foi referido:

183 – Cálix de prata dourada e esmaltada, com sua patena. Altura 0,22 m. Copa lisa e piramidal. Nó hexágono, ornado de ramagens e esmaltes. Base também hexágona, dividida em gomos e com seis esmaltes nos ângulos reentrantes. Uns e outros esmaltes representam bustos de santos. A patena tem no centro um esmalte que representa a Padre Eterno. Século XIII. Fig. 113. Colegiada de Guimarães. (Catálogo, 1882: 23).

Mas em 20 de abril de 1911, a lei de separação do Estado da Igreja, de imediata aplicação, determinou a separação efetiva e o Tesouro da Colegiada foi nacionalizado. Em 1928, pelo decreto-lei n.º 15209, de 17 de março, o Museu de Alberto Sampaio foi criado, sendo oficialmente inaugurado em 1 de agosto de 1931, apresentando ao público a coleção de ourivesaria da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Em 26 de julho de 1932, foi publicado o decreto-lei 21514, que definia e normalizava o estatuto funcional do Museu.

Albano Belino, em *Archeologia Christã* (1900), refere o «cálice de São Torcato» e comenta: «É assim denominado porque a tradição nos diz que apareceu na sepultura do glorioso mártir, junto do seu corpo que ainda se venera incorrupto a pequena distância de Guimarães, e que o referido santo celebrava missa com ele!» (Belino, 1900: 117). A seguir descreve-o, dizendo que:

...é de prata dourada e esmaltada, com 22 cm de altura, copa lisa e piramidal. O nó é hexagonal decorado com ramagens e esmaltes e a base também hexagonal, dividida em

gomos e com seis esmaltes nos ângulos, que representam bustos de vários santos. A patena possuía ao centro um esmalte com o Padre Eterno. Século XIII. (Belino, 1900: 118).

Não se pode deixar de lembrar que, pouco mais de uma década após a *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental de 1882*, Albano Belino comunicou uma tentativa realizada pela Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, para organizar uma espécie de Museu de Arte Sacra, onde se preservou e se podia visitar o Tesouro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Este vigorou entre 1899 a 1931, como demonstra o «Livro de Registo dos Visitantes ao Tesouro de Nossa Senhora da Oliveira» (Meireles, 2011: 33). Diz Albano Belino que:

Hoje todos esses objetos constituem o núcleo do florescente museu de arqueologia cristã, fundado numa das salas da casa capitular, por deliberação do ilustrado Cabido, que em 22 de dezembro de 1898 reunira para este fim sob a presidência do Sr. Cônego Dr. António Júlio de Miranda, encarregando de todo esse trabalho o então tesoureiro-mor Sr. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, que no dia 6 de janeiro do ano imediato, auxiliado pela dedicação entusiástica do antiquário João Lopes de Faria, removeu para ali todos os objetos de valor, dispondo-os com a melhor ordem possível. (Belino, 1900: 108).

O *Inventário da Colegiada*, de 1912, foi feito por Abel Cardoso, como presidente da Comissão Concelhia de Administração dos Bens pertencentes ao Estado por virtude da Lei de Separação do Estado das Igrejas, no concelho de Guimarães. Regista e descreve a peça n.º 3167 do seguinte modo:

Um cálix antigo e respetiva patena, tudo de prata dourada, com seis figuras em esmalte na base do cálix e três na parte média. A patena tem no centro uma figura em esmalte. Este objeto é conhecido por cálice de São Torcato. (Inventário, 1912).

Alfredo Guimarães, fundador do Museu de Alberto Sampaio e seu diretor entre 1932 até 1952, estudou profundamente as coleções do Museu, produzindo uma vasta biografia sobre história da arte de Guimarães. Nasceu numa casa do largo da Oliveira, no coração da cidade Guimarães. Trabalhou em Lisboa como jornalista de *O Século* e da *Ilustração Portuguesa* e regressou, «[...] depois de uma ausência de quase um quarto de século, voltamos a Guimarães em 1928, com um mandato oficial de procedermos à instalação do Museu Regional de Alberto Sampaio [...]» (Guimarães, 1942: IX). Alfredo Guimarães fora:



nomeado delegado do Governo para, em colaboração com o arquiteto Baltasar de Castro, diretor dos Monumentos Nacionais do Norte, acompanhar as obras de recuperação do claustro de origem românica da Colegiada, classificado como Monumento Nacional. Foi também incumbido de fazer a instalação do Museu de Arte Sacra. (Meireles, 2019: 146-149).

Alguns dos seus artigos sobre temas de arte analisam as peças que outrora pertenceram ao Mosteiro de São Torcato. Assim, na obra intitulada *Exposição de Arte Sacra* (1928), escreveu:

Século XIV – Cális de prata dourada e esmaltada, documentativo da integração da arte decorativa ogival, e de uso chamado “de S. Torcato”. Deve compreender-se por esta designação que o cálice pertenceu ao Mosteiro agostinho de S. Torcato, ingressando no tesouro da Colegiada pela extinção da autonomia dessa casa religiosa, na primeira metade do século XV. Torna-se necessário salientar desta peça: a configuração da sua copa (larg. 0,14 ½ m), a qual, em exame comparativo com o primeiro dos exemplares já descritos, indica iniciar-se nela o encerramento gradual da floração desse motivo, aliás sob uma característica de evolução técnica e histórica que há-de documentar-se ainda, ou mais além, através das estações de predomínio artístico dos séculos XVI e XVIII; o emprego do elemento floral em grande figura – ocupando uma situação de caráter construtivo, que não parcialmente ornamental – representado pelo seu motivo médio do cálice de tília em disposição invertida e convergente sobre a base, produzindo não só um bom e original elemento de composição, como ainda uma fatura de singular interesse e equilíbrio, a que o ornato interno, de caráter românico, acrescenta por sua vez graças excecionais de desenho e execução; e por fim salientam-se os esmaltes, enriquecendo consideravelmente o cális e desdobrando a estilização, ainda de certo sabor bizantino, que se inicia na patena, reveste depois o hexágono do nó e termina por decorar os lóbulos junto de que repousa, em expressão de finidade artística, pelas suas seis longas, calmas e elegantes pétalas, o milagre de realização da grande tília. Esses esmaltes representam, na patena (diâm. 0,18 m), o Padre Eterno na atitude de abençoar o Mundo, e nas restantes decorações do nó e a base, pelas que são visíveis, São Mateus, São João, São Pedro e São Paulo. (Guimarães, 1928: 18-19).

Noutra publicação do mesmo autor, intitulada *Mobiliário artístico português: elementos para a sua história* (1935), Alfredo Guimarães refere um cálice de prata, do século XIV, em estilo gótico, decorado na base com um motivo floral do estilo românico. Não deixa de falar nas suas aplicações de esmalte translúcido, que pensa serem originárias de Limoges e

que a peça pertenceu ao Mosteiro de São Torcato (Guimarães, 1935: 29). Sobre os esmaltes, refere que, após a decadência do esmalte de Limoges, quase sempre opaco e aplicado sobre cobre no final do século XII, se verificou a renovação técnica no período gótico do século XIII. Indica que começaram a surgir em Guimarães, na segunda metade desse século, algumas peças com a aplicação do esmalte translúcido sobre prata, como o cálice grande, que pertenceu ao Mosteiro de São Torcato e a patena (Guimarães, 1935: 48-49). *O inventário do século XV*, época de D. Afonso V, descreve o cálice de São Torcato como um cálice grande de prata, com seis esmaltes no pé, outros seis no nó e outro na patena, usando a técnica do primeiro período da renovação limosina, dentro da classe dos góticos, «pois representa um trabalho de aplicação do esmalte sobre fundo gravado na prata, sendo as figuras (com situação central) relevadas pelo contorno e cobertas como o fundo de esmalte vidroso, variadamente colorido – azul, roxo, dourado, sépia, verde e preto» (Guimarães, 1935: 49). A peça possui seis esmaltes no nó, outros seis na base representando os apóstolos e a patena Cristo em Majestade. Alfredo Guimarães refere ainda que há uma diferença de técnica e artística entre os esmaltes do cálice:

mal purificados no material, se exibem com pouca transparência; o da patena, pelo contrário, é de uma pureza e brilho de vitral exposto à luz - contradição esta que é vulgar, atento a que se trata de uma obra de oficina, entregue por certo a artistas de diferentes categorias. (Guimarães, 1935: 49-50).

Assim, «o inventário do século IV (1302), nada menciona de novo com relação a peças esmaltadas. Ao contrário, o inventário do século XV, sem data, mas com certeza executado no reinado de D. Afonso V, indica-as em número considerabilíssimo e cremos que raro no país em coleções dessa época» diz o autor e, a seguir transcreve algumas descrições desse inventário (Guimarães, 1935: 47). Continua dizendo que

Seguem-se a este os inventários do século XVI, os quais, pelo que respeita a esmaltes, nada de artisticamente extraordinário mencionam, como adiante faremos ver. É positivo que as decorações deste gênero a que se refere o inventário de 1286, são esmaltes opacos, quase sempre aplicados sobre cobre, e dizem respeito ao período da decadência de Limoges, que teve início nos fins do século XII e veio a expirar no século imediato. Os esmaltes do inventário do século XV, a que acabamos de referir-nos, não são, pela falta de indicações, possíveis de discriminar no seu processo técnico. É natural que entre as dezenas de peças mencionadas por esse manuscrito estejam ainda incluídos vários exemplares com a decoração do esmalte opaco sobre cobre, e as restantes digam respeito, já, à renovação técnica do



século XIII, do período gótico, com aplicação dos esmaltes translúcidos sobre prata. (Guimarães, 1935: 48).

Na série intitulada *Estudos o Museu de Alberto Sampaio III*, Alfredo Guimarães escreveu o artigo «O cálice gótico do Mosteiro de São Torcato e outros estudos» (1953). Nele referia que o esmalte «Foi esta uma das maiores conquistas decorativas de Bizâncio» e acrescentou que:

Pode todavia afirmar-se que o conhecimento da técnica dos esmaltes veio a Constantinopla por exemplo e ação das oficinas da Pérsia, e que se fizeram esmaltes bizantinos, no género do “tabicado” (cloisonné) antes do século VI da era cristã, tendo-se no século imediato desenvolvido extraordinariamente não só a técnica como a produção, e chegado a resultados de esmaltagem, de verdade deslumbrantes, adiante, do século IX ao século XIV. (Guimarães, 1953: 10).

Após a introdução, o autor trata do cálice do Mosteiro de São Torcato, referindo que este se classificaria numa 2.^a fase do sistema construtivo da arquitetura e descreve-o da seguinte forma:

Produto da mais pura e estimável fase da ourivesaria gótica francesa, o cálice do Mosteiro dos Cónegos Regulares de S. Torcato caracteriza-se, nas suas linhas gerais, pela copa de formato cónico – que só mais tarde, no século XV, por influência da Renascença, deixará de ser o modelo preferido, - pelo nó hexagonal e em símile de duplo capitel, e sobretudo pela sumptuosa organização da base, que o torna digno de seleção e estima. Por sua vez, a patena, perfeitamente consagrada como modelo da época dos séculos XIII e XIV, é um raro documento de esmaltaria que adiante estudaremos, em exame comparativo com obras orientais e ocidentais. Pelo que respeita ao resultado das formas características deste período artístico, vemos que a copa, prescindindo dos modelos romano e românico, da secção anterior, se comprimiu, realizando uma forma cónica, não sabemos bem se pelo espírito do estilo, se por circunstância económica... Esta última hipótese damo-la apenas a título de sugestão. Icónicas a seu tradicionalíssimo modo, e absolutamente lisas, as copas deste modelo de ourivesaria, ao contrário do ciclo sob todos os pontos de vista faustoso da Arte Bizantina oriental, criaram uma profundidade interior que antes da sua execução não era conhecida e, cremos, nunca foi realizada em vasos litúrgicos. Nas extremas superior e inferior do nó, os nodetes de fixação e decoração daquele outro elemento são hexagonais como ele, e quer parecer-nos que, pelo que respeita às suas superfícies, apenas ali se executou uma cobertura

de massa vítrea opaca que, aliás, desapareceu quase que pela sua totalidade. O nó, não pode considerar-se um trabalho de opulência artística. Na arte arquitetónica paleocristã e visigótica (como, a exemplo, na Igreja de Cristo da Luz, de Toledo) encontram-se algumas vezes conjugações deste caráter, que, no entanto, não desejamos concluir que no espírito de tal obra se tenha procurado adaptar a este exemplar da ourivesaria francesa do século XIV. Imagem geométrica de dois cones em disposição de hexágono, conjugados entre si pelo motivo central de uma moldura calada cujo resultado artístico se tornou comum nos frisos ornamentais da arquitetura gótica, - o nó inclui, nos doze pequenos quadros que o subdividem dentro de semelhantes formas geométricas gerais, um trabalho alternado de folhagens, em prata doirada, da espécie sugestivíssima dos cardos, e placas com aplicação de imaginária, em esmalte. Da esmaltaria limosina ali exibida, em retratos rigorosamente emblemados, se falará ao diante. O trabalho de ourivesaria do nó reflete, igualmente, a atividade sumária da oficina, não só quando emprega as molduras prensadas e produzidas em série, como quando procura obter fundos de realce à modulação, tracejando a prata dos extremos em sulcos transversais de buril, que estabelecem contraste com as formas entumecidas dos ornatos, em relevo, do primeiro plano. Aplicadas em semelhantes condições, devemos dizer que as folhagens elegantes dos cardos criam ali um volume e maleabilidade finamente plástica. Ao fim, na conjugação dos elementos construtivos, a base. O centro, com a imagem de uma grande flor de tília em disposição invertida, continua, com a série das suas folhas, o número já conhecido do hexágono. Este formoso motivo vegetal, que centra o perímetro da base, repousa, pela periferia, sobre uma soca arquitetónica de altura limitada, acrescida de lóbulos semiesféricos nas intercessões angulares das folhagens modelarmente estilizadas – lóbulos que admitem a mais importante representação esmaltada. Já dissemos que o motivo central da base resulta perfeito, e pode considerar-se a parte mais notável, como obra de arte, da execução do cálice. Esse motivo, porém, não é de pura conceção francesa, pelo que respeita ao ornato de laços e folhagens que decoram a parte interna das folhas de tília. (Guimarães, 1953: 14).

Termina referindo que «a obra do cálice possui unidade entre todos os elementos que a realçam» (Guimarães, 1953: 16) e, considera que:

Não é possível estudar as doze placas de esmalte que ornaram o cálice gótico do Mosteiro de S. Torcato sem estabelecer o ponto de partida, em estilização e caráter, na situação culminante da esmaltaria de Bizâncio – a mais representativa entre todas as que se conhecem. Assim, podemos afirmar que a estilização e o caráter das imagens, a aplicação dos nimbos e o desenho da numerosa série emblemática, tem puro sabor bizantino, coado todavia, dentro



das consideráveis circunstâncias materiais, pela sempre inteligente e delicada sensibilidade francesa. (Guimarães, 1953: 16).

Para Alfredo Guimarães, as aplicações esmaltadas do cálice, representam Cristo, alguns apóstolos e anjos, cada um deles isolado na edícula da sua placa, tendo por suporte a prata que é gravada e vazada, recebe o esmalte *closonné* (Guimarães, 1953: 16).

Refere ainda que:

A patena, todavia, alcança, sem favor, as obras de esmaltaria de Bizâncio e é honra da esmaltaria francesa. Em tal objeto, Cristo, sentado em "Majestade", dentro da auréola amendoada, sustenta o Mundo, sob a cruz grega, na mão esquerda, e tem dois dedos soerguidos, na mão direita, em atitude de bênção. Em torno da auréola mística, que é serrilhada na moldura, desenvolveu-se uma silva de oiro sobre campo negro, de tipo verminado. Esta obra de esmalte instala-se ao centro de uma robusta peça de prata doirada, com a periferia corregida de rosas, em trabalho evidentemente moldado e, embora de desenho regular, sem maior distinção de procedimento artístico. O restante trabalho da patena, que envolve aquele motivo central, é uma sequência de arcos ou de seis meias luas, de classe arcaica, derivando para o centro e para a larga moldura geral do objeto. (Guimarães, 1953: 17).

Na *Coleção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio* (1998), Manuela Alcântara Santos e Nuno Vassallo e Silva estudaram as peças de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio, com vista à publicação do catálogo da coleção. Descrevem o cálice referindo a base dividida em gomos e decorada com placas de esmalte que apresentam figuras de santos e a haste sextavada, com o nó decorado com ramagens e placas de esmaltes, representando Cristo e alguns santos. Comentam que «A copa de forma cónica é totalmente lisa, sendo muito provavelmente posterior». Acrescentam que os inventários dos séculos XV a XVII não associam o cálice ao Santo, mas que o Padre António Carvalho da Costa, na *Corografia Portuguesa*, editada em 1706, descreve o cálice pela primeira vez, a patena com a imagem da Santíssima Trindade e refere que «é tradição que com ele dizia missa S. Torcato» (Costa, 1706: 33). Os autores acrescentam que os inventários dos séculos XV a XVII não fazem essa associação e dizem que a patena atual não é a da Santíssima Trindade, que o prelado refere, mas Cristo em Majestade que teria pertencido a outro cálice.

Anotam que a peça pertenceu ao Mosteiro de São Torcato e foi transferida para a Colegiada na segunda metade do século XV. Referem ainda que «Devemos a Alfredo Guimarães a atribuição desta obra a uma oficina francesa, mais provavelmente de Limoges, justificada pela presença de doze placas de esmalte. Atribuição seguida, se bem que

com algumas reservas, por Lúcia Cardoso Rosas no catálogo da exposição *Nos confins da Idade Média*.» Mencionam ainda George Duby, o qual aproximava a aplicação de esmaltes translúcidos à arte do vitral e aos seus efeitos de luz nas igrejas góticas, e acrescentam que com as limpezas que eram feitas periodicamente às peças, se perderam muitas destas decorações esmaltadas, deixando apenas as bases gravadas.

Referem que:

Se bem que, certamente, estas placas esmaltadas pudessem ser fabricadas em Portugal, tendo em conta a fragilidade da camada de esmalte, que não é mais do que vidro fundido, deverão ter tido origem num pequeno número de oficinas especializadas. Oficinas provavelmente, dirigidas por oficinas estrangeiras, não apenas franceses, mas igualmente italianos ou catalães. Estes últimos mestres ocupam, na ourivesaria europeia medieval, papel destacado na produção de obras de esmalte.

Recordam ainda que, «em 1404, partiram de Barcelona, para Lisboa, dois ourives, Pere Roca e Bartolomeu Salvador, para ensinarem o seu ofício em que constava certamente a esmaltagem». Os autores referem o uso de pergaminhos pintados imitando o efeito de esmaltes e que, aquando das festas do casamento do Infante D. Afonso, filho de D. João II, vieram ourives de Espanha para se executarem obras esmaltadas. Rematam dizendo:

Regressando à discussão de Alfredo Guimarães sobre a origem francesa do cálice, não conhecemos até ao momento obra de idêntica tipologia nas coleções públicas francesas que possam comprovar a sua afirmação, pelo que julgando-o contudo um caso único, atribuímo-lo a uma oficina ibérica mas não francesa, até se chegar a conclusões mais profundas já que por si só merece desenvolvido estudo estilístico, iconográfico e mesmo tecnológico. (Santos, Silva, 1998: 50).

Devido aos esmaltes, Alfredo Guimarães atribuiu o cálice a uma oficina francesa, de Limoges. Esta opinião foi, em parte, seguida por Lúcia Rosas⁸ e também por Manuela Alcântara Santos e Nuno Vassallo e Silva.

Na publicação intitulada *História da Arte em Portugal: O Gótico: ourivesaria e eborária* (2002), Mário Barroca considera que o Cálice do Mosteiro de São Torcato é «o melhor

8) ROSAS, Lúcia Maria Cardoso - Cálice e patena, nº 44. In *Nos confins da Idade Média: Arte Portuguesa, séculos XII-XV. [catálogo de exposição]*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1992. p. 131-132.



de todos os cálices góticos portugueses» (Barroca, 2002: 250). Descreve minuciosamente o Cálice do Mosteiro de São Torcato e a patena, que se transcreve totalmente, devido ao interesse da informação:

O Cálice do Mosteiro de S. Torcato, uma peça de prata dourada com 22 cm de altura e 1010 g de peso, apresenta uma copa ovoide, e não hemisférica como fora mais comum entre os cálices românicos. Contrastando com a sua copa lisa, toda a metade inferior da peça é densamente ornamentada. Nela encontramos um volumoso nó hexagonal, organizado em torno da haste prismática e decorado alternadamente com folhas cinzeladas e campos esmaltados, onde se representaram bustos de Santos. A base polilobada, trabalhada em dois planos, adota a forma de uma estrela de seis pontas com lóbulos arredondados posicionados entre estas, numa sequência alternada de ângulos agudos e superfícies semicirculares. O primeiro plano da base, correspondendo à superfície estrelada, foi densamente ornamentado com temas vegetalistas repuxados. Nos lóbulos arredondados, que correspondem a um segundo plano que emerge entre as pontas da estrela, foram incluídos novos campos esmaltados com bustos de Santos, num total de seis. O Cálice possui, ainda, uma Patena que no centro ostenta um esmalte com Cristo em Mandorla, com nimbo cruciforme, segurando o Livro Sagrado e erguendo a mão em bênção. (Barroca, 2002: 250).

Após a descrição, Mário Barroca começa a analisar a peça:

Esta peça, que pertenceu ao mosteiro agostinho de S. Torcato, tem sido considerada peça de origem francesa por uma valorização dos campos esmaltados, uma técnica que, em princípio, seria desconhecida nos meios artísticos nacionais. No entanto, deve-se sublinhar que há outras peças da nossa ourivesaria, sensivelmente contemporâneas deste cálice, que têm sido unanimemente consideradas obra de artistas nacionais e que ostentam esmaltes. É o caso, por exemplo, da estátua-relicário da Virgem com o Menino ou do Relicário do Santo Lenho, ambos do Tesouro da Rainha St.^a Isabel, peças que, tal como o Cálice de S. Torcato, podem ser atribuída ao primeiro quartel do século XIV. De resto, um pouco mais tarde, nos fins da centúria e no século XV, não há dúvida de que a técnica do esmalte era dominada pelos artistas nacionais. Deste modo, julga-se não haver bases suficientemente sólidas para considerar o Cálice de S. Torcato como peça de fabrico francês. Como se referiu, este cálice pode ser atribuído ao primeiro quartel do século XIV, correspondendo a um dos derradeiros momentos de pujança desta instituição, fruto do seu sucesso enquanto centro de peregrinação. Efetivamente, aqui se veneravam as relíquias de S. Torcato, um dos Varões Apostólicos ligados à evangelização da Península. O Mosteiro agostinho nunca se conseguiu, no entanto,

recompor dos efeitos devastadores da Peste Negra e da crise da segunda metade do século XIV, acabando por ser anexado à Colegiada de Guimarães no século XV. (Barroca, 2002: 250-251).

O estudo mais recente sobre a decoração de esmaltes é de Ana Paula Machado Santos que apresenta em anexo um catálogo com as peças em que analisa: o cálice, n.º 32 e a patena n.º 37. O estudo de Paula Machado Santos, investigadora e especialista na técnica de esmaltes, intitulado *Esmaltes de Limoges e Peninsulares em Portugal da época medieval à época Moderna* (2018), comenta que:

Não temos, à data, dados que suportem a tese de Joaquim de Vasconcelos de que no século XIV, já se fabricariam vulgarmente esmaltes em Portugal, tão-pouco que tal acontecesse no século XV. Cremos sim que a circulação de artífices de que temos vindo a falar e a ligação conjuntural a grandes centros produtores de ourivesaria e esmaltes possam ter favorecido a presença pontual de ourives esmaltadores em Portugal. Se a produção de escudos de armas esmaltados implicaria necessariamente a proximidade geográfica entre a oficina e o encomendado é já uma outra questão. (Santos, 2018: 1, 183).

Esta autora refere como documento de trabalho, o Inventário da Colegiada de Guimarães, «(documento sem data, mas que não deverá ser posterior a 1459). Neste inventário, como de resto nos que lhe sucedem da mesma instituição encontra-se de facto uma descrição antiga que lhe pode corresponder:

*"Quallez grande de prata com seis esmaltes no pee e seis na macaa e huũ na patena dourado o qual quallez e patena pesou cinco marcos e quatro oncas e mea"*⁹, mas não encontramos explicação clara para a sua presença entre os bens da Colegiada quando ainda seria propriedade do Mosteiro.

A autora refere a opinião de Lúcia Rosas, que colaborou num texto do catálogo da exposição *Nos confins da Idade Média*¹⁰, que refere que, provavelmente, isso terá acontecido devido ao Mosteiro de São Torcato ter entrado em crise profunda em meados do século XIV, provavelmente na sequência da Peste Negra de 1348, que muito fragilizou a freguesia. A investigadora interroga-se:

9) Transcrição para português atual: «Cálice de prata dourado com seis esmaltes no pé e seis na maçã e um esmalte na patena no meio com a da Trindade».

10) Rosas, 1992: 131-132.



Terão os bens da instituição recolhido ao Tesouro da Colegiada mesmo antes da anexação? Ou será a descrição a que nos referimos e desde há muito associada a esta peça afinal relativa a outro cálice dos muitos com esmaltes que este Tesouro guardou? Ou, ainda, seria o cálice que hoje conhecemos o mesmo referido nos inventários afinal desde sempre propriedade da Colegiada? (Santos, 2018: 1, 194).

E comenta:

Este cálice é certamente das peças de ourivesaria mais referenciadas pela historiografia de arte nacional, sendo quase sempre destacada a ambiguidade da sua linguagem, com subsistências do românico nos elementos decorativos da base mas anunciando já o gótico no seu perfil e na haste prismática. (Santos, 2018: 1, 194).

Ao estudar o cálice atribuído a São Torcato, Ana Paula Santos constata que uma boa parte da ourivesaria com esmaltes translúcidos dos séculos XIV e XV que existem nas coleções portuguesas, sem marcas de fabrico, apresentam afinidades com peças catalãs ou aragonesas, e acrescenta que «O facto não obsta a que tenham sido produzidas em Portugal, mas sugere, como mais provável, que o fossem por artistas estrangeiros» (Santos, 2018: 1, 330). Refere que é uma das peças mais antigas com esmaltes translúcidos, que existem nas coleções portuguesas e lembra que, em 1926, Alfredo Guimarães o tinha classificado como pertencendo ao primeiro período de renovação limusina inserida no gótico (Santos, 2018: 1, 194). Anos mais tarde, Lúcia Rosas aceitou a possibilidade do fabrico francês e antecipou a datação para a primeira metade do século XIV, devido à crise que abalou o Mosteiro, à terrível peste que atingiu a zona e que afetou o mosteiro (Santos, 2018: 1, 194). A autora menciona ainda Nuno Vassallo e Silva e Manuela Alcântara Santos que, em 1998, levantavam a hipótese de o cálice ser uma produção catalã (Santos, 1998: 1, 194). Menciona que as lacunas nos esmaltes do cálice tornaram a leitura e a identificação difícil, mas descreve-os, reconhecendo as seis placas revestidas de esmaltes com representações de seis santos em meio-corpo, com os seus símbolos icnográficos:

São Pedro segurando uma chave em cada mão; São Tiago Menor (ou outro santo com a palma do martírio) também segurando um livro; Santo André com a cruz em aspa; São João Baptista (?)¹¹ vestido de pastor, segurando uma cruz em tau e um escudo com o Agnus

11) Pontos de interrogação colocados pela própria autora, Ana Paula Santos, indicando que existe alguma dúvida.

Dei; São Lourenço segurando uma grelha e São Paulo segurando uma espada e um livro. (Santos, 2018: 1, 194).

Continua a descrição dizendo que:

Na zona superior do nó sextavado, alternam as faces de superfície ponteadas com as folhas aplicadas com elementos trapezoidais esmaltados. Aí parece repetir-se a figura de São Paulo, com a espada e o livro; uma outra figura nimbada, jovem e imberbe, segurando um livro e erguendo a mão direita em diálogo ou bênção e uma terceira figura representando São Lourenço, com a grelha na frente do corpo. Na secção inferior deste nó repete-se o esquema de alternância e aqui as figuras são a de um personagem nimbado, barbado, segurando um elemento em forma de pluma ou faca (?) e apontando para cima, um outro jovem, imberbe, segurando o livro e a palma (?) e finalmente São Pedro, imberbe e segurando apenas uma chave. Pelo menos seis destes personagens são representados com tonsura. Neste grupo de figuras santas, onde nem todas são inequivocamente identificáveis, como vimos, poderão estar incluídos São Simão e/ou São Bartolomeu, o que corresponde a um esquema iconológico largamente utilizado ao longo do século XIV e XV (e mesmo posteriormente). A única figura que desobedece a esse esquema é a de São Lourenço, repetida na base e nó, talvez uma pista para posteriores estudos. (Santos, 2018: 1, 195).

A autora refere que é:

Particularmente marcante no perfil geral da peça a forma algo exótica da base constituída por seis folhas nervuradas e com motivos vegetais relevados, unidas pela base; as folhas recortadas em lâmina, encurvadas e aplicadas sobre as placas do nó e finalmente a banda de quadrifólios vazados inseridos em círculos, delimitada por frisos de perlado, que acompanha todo o perímetro da base e do nó. Duas destas características podem encontrar-se numa peça de origem catalã, de Barcelona, um cálice oferecido à Catedral de Sevilha por D. Pedro Nunes de Lara, conde de Maiorca, datável dos anos 50 ou 60 do século XIV. Nesta peça, onde se regista a policromia de esmalte muito mais ampla e um desenho diferente das figuras, pois encontramos esmalte opaco laranja num dos nimbos, uma banda de quadrifólios vazados inseridos em círculos em todo o perímetro da base e folhas recortadas, em lâmina encurvada, aplicadas nos espaços entre os elementos em esmalte. Em nada mais se assemelham estas duas peças, no entanto deixam-nos entrever uma proximidade de linguagem a que não devemos ser indiferentes, tendo embora presente a facilidade com que estas formas e elementos circulavam e se reproduziam e, ainda, que a banda de quadrifólios inserta em



círculos, de inspiração arquitetónica, se encontra em peças ao longo de todo o século XV e XVI. (Santos, 2018: 196).

Paula Santos refere ainda o paralelo da aplicação em esmalte do cálice de São Torcato é o busto relicário de Santa Úrsula do Museo Civico de Castiglion Fiorentino, Arezzo, atribuído a oficina de Paris ou Avinhão do quarto ou quinto decénio do século XIV.

Ao referir-se à patena associada ao cálice, Paula Santos também refere que «levanta questões ainda mais intrincadas» (Santos, 2018: 1, 197) e acrescenta que «no inventário de 1527 em que o conjunto (já descrito em meados do século XV) volta a ser registado, desta vez com mais detalhe: “Quallez de prata dourado co sex esmaltes no pee e seis na maçaa e huũ esmalte na patena no meo com a figura d t’ndade”»¹² (Santos, 2018: 1, 197).

Paula Santos verifica o seguinte: «Acabamos por constatar que uma parte muito considerável da ourivesaria com esmaltes translúcidos dos séculos XIV e XV que encontramos nas coleções portuguesas, lamentavelmente sem quaisquer marcas de fabrico, apresenta afinidades com peças catalãs ou aragonesas» (Santos, 2018: 1, 330).

A autora, no segundo volume do seu livro, organiza um catálogo com o estudo individual de cada peça, da seguinte forma:

Catálogo de Esmaltes: descrição da peça, n.º 32

Cálice

*Paris ou Avinhão (?)*¹³

Primeira metade do século XIV

Alt. máx.: 22 cm; diâmetro máx.: 21 cm

Prata dourada e esmaltes

Inv. n.º MAS O 38

Museu de Alberto Sampaio, Guimarães

Historial: Pertenceu ao Mosteiro de São Torcato, da Ordem de Santo Agostinho, em Guimarães. Deverá ter entrado na Colegiada de Guimarães em 1474, na sequência da anexação desse Mosteiro. A tradição dava-o como pertencente a São Torcato (que terá vivido nos séculos VII-VIII).

12) Transcrição para português atual: «Cálice de prata dourado com seis esmaltes no pé e seis na maçã e um esmalte na patena no meio com a da Trindade».

13) Origem atribuída pela investigadora Ana Paula Santos.

Classificado como bem de interesse nacional pelo decreto n.º 19/2006, de 8/07/2006¹⁴ (Santos, 2018: 2, 93).

Esmalte: Translúcido verde, azul, amarelo e castanho. Esmalte opaco laranja.

Descrição: Apresenta no pé, ou base, seis placas revestidas de esmaltes com figuras de seis personagens santos em meio corpo, providos de atributos de identificação: São Pedro segurando uma chave em cada mão; São Tiago Menor (ou outro santo com a palma do martírio) e segurando um livro; Santo André com a cruz em aspa; São João Batista (?) vestido de pastor, segurando uma cruz em tau e um escudo com o Agnus Dei; São Lourenço segurando uma grelha e São Paulo segurando uma espada e um livro.

Na zona superior do nó sextavado alternam as faces de superfície ponteadas com as folhas aplicadas e os elementos trapezoidais esmaltados. Aí parece repetir-se a figura de São Paulo, com a espada e o livro, uma outra figura nimbada, jovem e imberbe, segurando um livro e erguendo a mão direita e uma terceira figura representando São Lourenço, com a grelha na frente do corpo. Na secção inferior deste nó repete-se o esquema de alternância e aqui as figuras são a de um personagem nimbado, barbado, segurando um elemento em forma de pluma (?) e apontando para cima, um outro jovem, imberbe, segurando o livro e a palma (?) e, finalmente São Pedro, imberbe e segurando apenas uma chave. Pelo menos seis destes personagens são representados com tonsura.

Todas as figuras são individualizadas, todas são inseridas numa faixa verde central e ladeadas por dois caules ou árvores, faixa essa, por sua vez, ladeada a azul. Os rostos e

14) MINISTÉRIO DA CULTURA

Decreto n.º 19/2006, de 18 de Julho

Artigo 1.º Critérios de classificação

São considerados bens de interesse nacional, de entre o património cultural móvel nacional dos museus dependentes do Instituto Português de Museus:

a) Os bens ou conjuntos de bens que se enquadram nos n.º 3 e 6 do artigo 2.º em conjugação com a aplicação dos critérios genéricos de apreciação definidos no artigo 17.º, da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, e que sejam insubstituíveis, no sentido em que a sua perda ou degradação constitua dano irreparável para o património cultural;

b) Os bens ou conjuntos de bens de referência internacional que, pelo valor patrimonial de exceção que revestem, em termos de testemunho de civilização ou cultura, e enquanto portadores de valor universal, são passíveis de integração num regime ou sistema de formas de proteção de âmbito internacional;

c) Os bens ou conjuntos de bens de autores estrangeiros que, pela sua exemplaridade ou raridade em território nacional, bem como pelo valor de referência patrimonial que detêm, enquanto testemunhos da cultura ocidental ou de outras culturas de todos os tempos, se imponha cometer ao Estado Português a obrigação da sua proteção através de todos os instrumentos legais ao seu dispor;

d) Os bens ou conjuntos de bens sobre os quais a produção de conhecimento - entendido como o estudo e a investigação que os situe relativamente à sua proveniência e ao seu contexto cultural de produção, ao seu percurso histórico e artístico ou cultural e social até à incorporação em contexto museológico, à sua relação com outros bens e contextos de produção, bem como os identifique como obras síntese e exemplos do expoente de uma cultura ou expressão e produção artística - se constitua como um marco que assegure a transmissão de uma herança cultural visando o enriquecimento das sucessivas gerações, bem como a fruição e a democratização da cultura;

e) Os bens ou conjuntos de bens sobre os quais devam recair severas restrições de circulação no território nacional e internacional, nos termos da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, e da respetiva legislação de desenvolvimento, devido ao facto de a sua exemplaridade única, raridade, valor testemunhal de cultura ou civilização, relevância patrimonial e qualidade artística no contexto de uma época e estado de conservação, que tornem imprescindível a sua permanência em condições ambientais e de segurança específicas e adequadas.



mãos são deixados em reserva, isto é, sem esmalte; todos apresentam um desenho muito particular dos olhos, triangulados, delineados num escavado fundo que, à vista desarmada, parece reforçado a negro (provavelmente esmalte negro), tal como o desenho anguloso dos restantes traços de fisionomia. Os nimbos são invariavelmente representados num esmalte opaco, numa cor alaranjada, que alterna com zonas em reserva.

O nó apresenta vestígios de aplicação de esmalte, hoje totalmente perdido. (Santos, 2018: 2, 93-94).

Como conclusão, verifica-se que inicialmente o mosteiro de São Torcato tinha ligações com o Mosteiro de Guimarães. Posteriormente separou-se do Mosteiro de Guimarães e, algum tempo depois, por volta do século XII, aderiu à Regra Agostinha, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. No século XIII e inícios do XIV, o Mosteiro alcançou o auge religioso e económico, provavelmente devido às peregrinações regionais que vinham venerar as relíquias de São Torcato. Considerava-se que o cálice era proveniente de uma oficina francesa e que pertencia ao mosteiro de São Torcato, mas os estudos atuais ligam-no à influência catalã ou ibérica. O trabalho de esmaltes que o decora embeleza-o, imprimindo-lhe a característica personalizada da sua época, mas simultaneamente possui também uma ação pedagógica cristã, pois apresenta pequenos bustos de santos que aliados à sua antiguidade, à graciosidade da forma e aos locais de uso, que o tornam uma peça peculiar.



José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

Patena

Esta patena é uma peça proveniente do tesouro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e complementa o cálice dito de São Torcato.

É atribuída a uma oficina portuguesa e foi executada no último quartel do século XIII. É feita em prata dourada relevada, cinzelada e decorada com esmaltes translúcidos. Tem como principal dimensão, um diâmetro de 17,5 cm e pesa 248 g. Consta do inventário do Museu de Alberto Sampaio e possui o número de inventário, MAS O 39. O cálice e patena estão classificados como Bem de Interesse Nacional (Tesouros Nacionais), pelo decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006.

A patena é uma pequena bandeja dourada, quase sem profundidade, onde se deposita o pão consagrado na Eucaristia. Em conjunto com o cálice, fazem parte do ritual eucarístico da Igreja.

O cálice atribuído a São Torcato era originalmente acompanhado por uma patena decorada com esmaltes que representavam a Santíssima Trindade.

Assim, o *Inventário da Colegiada*, de 1527, refere um cálice de prata dourado, com seis esmaltes no pé, que era acompanhado pela patena decorada com a Trindade no centro (Santos, 2018: 1, 197).

Pouco mais de um século depois, as *Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães*, de Torcato Peixoto de Azevedo (1692), referiam que o tesouro da colegiada:



Tem um cálix de prata dourado com seus esmaltes no pé, e um no meio da patena, figurando a Santíssima Trindade, com a qual dizia missa o bem-aventurado São Torcato, que pesa 5 marcos e meio, e se não diz missa com ele senão no dia Santo. (Azevedo, [1692] 2000: 214).

Na *Corografia Portuguesa*, o Padre António Carvalho da Costa (1706), diz que:

Outro cálice de prata dourado com seus esmaltes no pé, e seis na maçã do meio, e um esmalte no meio da patena, com a figura da Santíssima Trindade em esmalte, que pesa cinco marcos e meio, e é tradição que com ele dizia missa S. Torcato. (Costa, 1706: 33; Santos, Silva, 1998: 49).

António José Ferreira Caldas, na sua monografia sobre o concelho intitulada, *Guimarães, apontamentos para a sua história*, cuja primeira edição foi publicada em 1881, ao descrever a “Relação dos objetos preciosos do Tesouro da Colegiada”, após comentar o cálice chamado de São Torcato, refere que «A patena tem representada a Santíssima Trindade também em esmaltes» (Caldas, 1996: 303).

No *Catálogo Ilustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola celebrada em Lisboa em 1882*, a descrição do catálogo, refere no n.º «183. [...] A patena tem no centro um esmalte que representa o Padre Eterno. Século XIII. Fig. 113. *Colegiada de Guimarães*».

Ao compararmos a publicação do Padre Caldas e o *Catálogo Ilustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental*, verificamos que foi neste ano de 1882, que a patena do Padre Eterno (ou Cristo em Mandorla), substituiu a patena da Santíssima Trindade, para acompanhar o cálice, dito de São Torcato, à referida exposição.

Albano Belino, na *Archeologia Christã* (1900) já comenta «A patena tem no centro um esmalte que representa o Padre Eterno. Século XIII» (Belino, 1900: 118).

Manuela de Alcântara Santos e Nuno Vassallo e Silva, em *A coleção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio* (1998), referem que «A representação da figura de Cristo em majestade dentro de uma mandorla¹⁵, aproxima-se das obras suas contemporâneas produzidas, nomeadamente, em Limoges» (Santos, Silva, 1998: 49). Confirmam que a patena que atualmente pertence ao cálice não representa a Trindade, mas Cristo em Majestade, e que foi produzida no último quartel do século XIII. Os autores referem que no *inventário*

15) Mandorla – Representação com formato de amêndoa da auréola de Cristo ou da Virgem Maria. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Mandorla> [consultado em 05-06-2022].

da *Colegiada*, de 1527, aparece uma descrição de uma patena com o Salvador ao centro, pertença de um cálice desaparecido (Santos, Silva, 1998: 49).

Na *História da Arte em Portugal: O Gótico. Ourivesaria e eborária* (2002), Mário Barroca comenta a patena, «que no centro ostenta um esmalte com Cristo em mandorla, com nimbo cruciforme, segurando o Livro Sagrado e erguendo a mão em bênção». Refere a atribuição de alguns especialistas a uma origem francesa, mas acrescenta que «No entanto, devemos sublinhar que há outras peças da nossa ourivesaria, sensivelmente contemporâneas deste cálice, que têm sido consideradas obra de artistas nacionais e que ostentam esmaltes» (Barroca, 2002: 251).

Ana Paula Santos refere esta segunda patena, como sendo proveniente de uma oficina peninsular (Santos, 2018: 2, peça n.º 38), e atribui-lhe como data da execução, o último quartel do século XIV.

A mesma autora, na publicação *Esmaltes de Limoges e peninsulares em Portugal da época Medieval à época Moderna* (2018), examina a patena e identifica-a referindo que «Ao cálice de Guimarães está hoje associada uma patena que nos levanta questões ainda mais intrincadas (Catálogo, n.º 37). Dela se tem dito não dever ser a original do cálice, partindo da descrição que se supõe ser deste cálice, no inventário de 1527, em que o conjunto (já descrito em meados do século XV) volta a ser registado, agora com mais detalhe:

"Quallez de prata dourado co sex esmaltes no pee e seis na maçaa e huũ esmalte na patena no meo com a figura d t'ndade"¹⁶. Um outro fundamento para esta aceção é o registo no rol do tesouro da Colegiada publicado pelo Padre Carvalho da Costa no século XVIII, onde o cálice dito de São Torcato aparece ainda associado à sua patena com a representação da Trindade. A patena hoje associada ao cálice apresenta o centro rebaixado em dois níveis, o mais profundo dos quais com perfil lobulado. Ao centro, inserido numa moldura de hexafólios¹⁷ estampados, uma figuração de Cristo em mandorla, sentado num trono, com a mão direita erguida e a esquerda segurando um globo encimado por cruz. Esta mandorla é delimitada por banda em reserva com ziguezague irregular e cercada por um delicado padrão vegetal em enrolamentos em reserva sobre esmalte translúcido, onde alternam o verde, o azul e o violeta (hoje muito escurecidos). A figuração de Cristo, com o rosto e as mãos em reserva, apresenta a fisionomia desenhada em escavado fundo, reforçado a negro, cabelo, barba e parte do manto em esmalte amarelo, túnica em violeta, restante manto em azul e

16) Transcrição para português atual: «Cálice de prata dourado com seis esmaltes no pé e seis na maçã e um esmalte na patena no meio com a da Trindade».

17) Hexafólios – Elemento decorativo com seis folhas, geralmente arredondado. Caracterizava as pessoas divinas.



fundo verde. Os esmaltes, além de excepcionalmente bem preservados, são de uma transparência e limpidez incomuns. O mesmo esmalte opaco laranja que vemos no cálice é aqui usado para desenhar um reticulado sobre o trono, pequenas estrelas que polvilham o fundo verde e a cruz sobre o nimbo em reserva. Este medalhão circular tem uma orla externa sulcada de modo irregular que esta parcialmente encoberta pela adaptação algo grosseira a patena. Esta foi visivelmente recortada no centro para receber em adaptação o medalhão esmaltado. (Santos, 2018: 1, 197).

A investigadora Paula Santos continua a analisar a patena e comenta a cronologia referindo:

A aproximação da forma lobulada do centro da patena a uma outra peça afim, associada ao cálice doado por Dona Dulce a Santa Marinha da Costa (que igualmente se guarda no Museu de Alberto Sampaio), sugeriu uma datação do século XIII que não corroboramos. Em nosso entender [refere a autora], as características da banda de hexafólios com pequena corola ao centro puncionada não parece concordante com datação tão recuada. Além disso conhecemos outras peças com o centro trabalhado rigorosamente da mesma forma, de que aqui damos como exemplo (por se tratar de uma peça marcada) uma patena e cálice com marcas de Barcelona de cerca de 1500 provenientes de uma igreja de Lérida e hoje no Victoria & Albert Museum. Por outro lado, datam do último quartel do século XIII as peças consideradas incunábulo do esmalte translúcido, ou seja, os seus primeiros e extremamente escassos exemplares, produzidos na região da Toscana e que em nada se assemelham ao esmalte que aqui vemos. A época de produção efetiva do esmalte translúcido nos ateliers sienenses, e mais tarde catalães, aragoneses ou parisienses começa já entrado o século XIV. Ao compararmos os esmaltes da patena com os do cálice, encontramos uma diferença gritante que se prende com o estado de conservação da matéria vítrea. Grande parte do esmalte do cálice desvitrificou outra parte perdeu-se, como dissemos, sendo já difícil descortinar a paleta total. Na patena as cores mantém-se vibrantes e cristalinas. A observação à vista desarmada não permite concluir se tal acontece porque sejam tecnicamente melhor executadas ou porque tenham sido sujeitas a diferentes condições de conservação. A paleta de uma peça e da outra aparentemente diferem na ausência do violeta no cálice e da ausência do castanho na patena, o que não é de todo irrelevante, mas de modo algum pode ser considerado conclusivo. O desenho das cabeças e das mãos é também diferente numa peça e na outra, embora se repitam os olhos triangulados e o formato das bocas. Este conjunto de fatores faz-nos pensar se esta patena não será uma peça tardia, feita à semelhança da patena mais antiga

já existente no Tesouro da Colegiada e à qual, nalgum momento foi adaptado o centro em esmalte, talvez subsistente de uma patena de datação aproximada do cálice mas de distinta produção. (Santos, 2018: 1, 197-198).

Para Ana Paula Santos, os esmaltes da patena de Cristo em Majestade não são vulgares e a autora analisa-os no catálogo de esmaltes, que faz parte da sua publicação.

Catálogo de Esmaltes: descrição da peça, n.º 37

Patena:

Oficina peninsular (?)¹⁸

Século XIV¹⁹

Diâmetro: 17,5 cm

Prata dourada, incisa e relevada e esmalte

Inv. n.º MAS O 39

Museu de Alberto Sampaio, Guimarães

Historial: Atualmente associada ao cálice de São Torcato, mas, provavelmente, na origem associada a outro cálice.

Esmalte translúcido amarelo, azul, violeta e verde, opaco laranja e negro.

Descrição: A figuração de Cristo, com o rosto e as mãos em reserva, apresenta a fisionomia desenhada em escavado fundo, reforçado a negro (nielo ou, mais provavelmente, esmalte negro), cabelo, barba e parte do manto em esmalte amarelo, túnica em violeta, restante manto em azul e fundo verde. Os esmaltes, além de excepcionalmente bem preservados, são de uma transparência e limpidez incomuns. O mesmo esmalte opaco laranja que vemos no cálice dito de São Torcato é aqui usado para desenhar um reticulado sobre o trono. (Santos, 2018: 2, 107).

Desde muito cedo que os inventários da Colegiada e os autores das monografias vimaranenses começaram a referir a riqueza da ourivesaria da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. A patena de Cristo em Majestade em prata dourada e decorada com esmaltes, é considerada pelos especialistas como uma das peças mais preciosas do acervo, devido à qualidade do seu trabalho de esmaltes estar bem preservado e pela excelência da sua transparência e nitidez.

18) Origem atribuída a uma oficina peninsular pela investigadora.

19) Data atribuída por Ana Paula Santos (ver Santos, 2018: 1, 198).



José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

Cofre-relicário

Cofre relicário provavelmente feito em Portugal ou França, no século XIII, em prata dourada, tendo como dimensões alt.9,5 cm x larg. 19,5 cm x prof. 10 cm; peso: 676 g. Pertence à coleção do Museu de Alberto Sampaio e está inventariado com o número, MAS O 37.

Foi classificado como Bem de Interesse Nacional (Tesouro Nacional), pelo decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006).

Um relicário é um objeto geralmente feito com materiais nobres e onde se guardam relíquias de santos, que devem ser tratadas com respeito, espiritualidade e fé. A relíquia é um objeto preservado para veneração religiosa, estando associado a uma história. Pode ser ainda um objeto que tocou num santo, como as vestes, um cajado, ou outro.

Ao longo da Idade Média desenvolveu-se a veneração das relíquias dos santos e estas começaram a ser colocadas em cofres-relicário para serem veneradas e postas no próprio altar. Este cofre-relicário possui uma tampa abaulada de quatro faces, decorada com arcos quase simétricos e repetidos, formando uma fiada de arcos de influência francesa. A parede frontal, as laterais e a posterior possuem imagens provavelmente estampadas sobre um molde de madeira e apresentam a imagem da Virgem com o Menino, o Calvário e a Virgem em Glória.

O *inventário da Colegiada de 1527* menciona o cofre como «uma arca de pau cintada de prata velha que está vazia e a chaparia muito delgada e está aberta que não tem chave e tem o nariz de cobre» (Santos, Silva, 1998: 52; Carvalho, 1939: 76). Manuela Alcântara e Nuno Vassallo e Silva consideram que as características da caixa justificavam a vontade do cardeal D. Henrique, que pretendia ordenar o restauro desta peça e de outras do tesouro da Colegiada, feito pelo ourives João Rodrigues (Santos, Silva, 1998: 52). O *inventário de 1665*

descreve um «Cofre. Item outro cofrinho de prata maciça dourado com sua fechadura e dentro está a relíquia de São Torcato discípulo de Santiago. O dito cofre está cravado». Esta descrição tem a seguinte nota entre as linhas de escrita, redigida posteriormente: «Este cofrinho se acha aberto e serve de se meter dentro do outro cofre acima no Enterro e a relíquia está na custódia adiante declarada» (Meireles, 2014: 117). Isso indicava que o cofre, durante o século XVII, ainda era usado para guardar a relíquia de São Torcato. Entretanto, em 1664, já estava feito um relicário com vidro, semelhante a uma custódia, para permitir observar a relíquia. O trabalho fora encomendado pelo Prior Dom Diogo Lobo da Silveira ao ourives Bento de Antas, morador na rua sapateira, em Guimarães.

No inventário da *Colegiada de 1756*, já se descreve a peça da seguinte forma:

tem outro cofre de prata maciça sobre dourado com sua fechadura com alguns engastes e figuras levantadas ao redor e só conserva uma pedra ao presente de pouco valor cujo cofre serve de se meter dentro do cofre acima para o enterro da Sexta-feira Santa e pesa dous marcos e cinco onças. (Oliveira, 2006-2007: 391).

O monógrafo de Guimarães António José Ferreira Caldas, no seu livro *Guimarães apontamentos para a sua história* (1881), ao fazer a referência à “Relação dos objetos preciosos do tesouro da Colegiada”, menciona «Um cofre de folha de prata sobre madeira, que serve no enterro do Senhor, e outro mais pequeno, todo de prata, que se mete dentro daquele no mesmo enterro» (Caldas, 1998: 305).

Sobre o cofre-relicário, Alfredo Guimarães, no *Mobiliário artístico português* (1935), escreveu: «Século XIII – Um cofre em prata doirada, do estilo românico, com numerosos trabalhos escultóricos, relevados a punção, representando a Virgem com Jesus ao colo, o Calvário, etc. Peça que reflete as expressões da arquitetura e escultura francesa do século XII e é ela própria um produto da ação artístico-industrial da ourivesaria da França» (Guimarães, 1935: 28).

Manuela Alcântara Santos e Nuno Vassallo e Silva, autores do catálogo da *Coleção de Ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio* (1998), começaram por descrever a peça, salientando a sua forma retangular e descrevem os três principais quadros de ornamentação do cofre: a Virgem e o Menino, o Calvário e a Virgem em Glória, que aparecem nas quatro faces laterais do cofre, chamando a atenção para a sua repetição. Estes especialistas referem que «as chapas de prata são decoradas por estampilhado, tendo sido batidas sobre um molde de madeira», que se repete pelas superfícies. Os autores referem, confirmando a opinião de Lúcia Rosas, que houve restauros anteriores da peça, provavelmente em 1958, que «alteraram profundamente as dimensões, cortando alguns dos motivos e



desequilibrando-a» (Santos, Silva, 1998: 52). No topo, o cofre possuía outrora uma cruz de prata atribuída ao século XVIII. Pensa-se ainda que, provavelmente, devido à antiguidade da peça, esta chegou a ser mandada restaurar pelo cardeal D. Henrique juntamente com outras peças do tesouro da Colegiada. No século XVII, era usada para acondicionar a relíquia de São Torcato, referem estes historiadores (Santos, Silva, 1998: 52).

Mário Barroca, na *História da arte em Portugal: o Gótico: Ourivesaria e eborária* (2002) diz-nos que:

Ao nível dos relicários góticos podemos detetar duas formas predominantes: a do cofre relicário e a do relicário-expositor. A primeira solução, mais remota, esconde as relíquias do olhar dos crentes, deixando apenas registado no exterior a sua natureza. (Barroca, 2002: 258).

Este autor descreve cuidadosamente este cofre relicário e refere que:

A forma como a chapa metálica se encontra aplicada, com os seus motivos mutilados (quer ao nível da tampa, onde se truncaram dois arcos, quer ao nível frontal, onde se cortou um dos quadros com a Crucificação) revela-nos que a forma atual desta arca-relicário resulta de um trabalho tardio, que reaproveitou materiais oriundos de uma peça maior. Apesar de tudo, este cofre-relicário deve ser arrolado entre os primeiros exemplares deste tipo de peça do nosso Gótico, sendo possivelmente obra de um ourives nacional. (Barroca, 2002: 258-259).

Como complemento final, o *Inventário da Colegiada* de 1912, coordenado por Abel Cardoso, que confirma o n.º 3170 e que regista: «Um pequeno cofre, de prata dourada de tampa abaulada e encimada por uma cruz, com diversos relevos de figura nas quatro partes aliás faces» (Inventário, 1912: 83-84).



José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

Cofre-relicário

Peça feita por uma oficina portuguesa em 1419 da era de Cristo, em prata dourada. Possui as seguintes dimensões alt. 18,7 x larg. 26 cm x prof. 120 cm, pesa 2292,5 g e o número de inventário, MAS O 34.

Está classificada como Bem de Interesse Nacional (Tesouro Nacional), pelo decreto n.º 19/2006; 18/07/2006.

Este cofre-relicário possui uma decoração fora do comum, pois as suas faces são adornadas com escrita antiga, relevada, descrevendo o que contém no seu interior. O texto é o seguinte:

(1) IHesUS / AVE M(aria)

(2) ERA DE MIL / E CCCC LVII / ANOS EN DIA / DE S(anta) MARIA DE Mar / ÇO
LUIS VASQ(u)EZ / PriOL DESTA IGrejIA / FEZ ABRIR HUA / ARCA Q(ue) ESTA EN O /
ALTAR MOOR A / QUAL NO(m) SABIAN / ABERTA DES MAM / ORIA DOS (h)OME(n)
S / E FORON EN ELA / ACHADAS ESTAS / RELICAS - ParTE DA / VESTEDURA DE
/ NOS(s)0 SENHOR / IH(es)U XP E ParTE / DE HU VEO DE / SA(n)TA MARIA / E DAS
VESTE / DURAS DOS / APÓSTOLOS E / MART(i)RES E DE / OUTRAS RELIQ(u)I / AS
DE SANTOS / E SANTAS 0(u)TRAS. (Leitura de Mário Barroca, 2000: 2129)²⁰.

20) Adaptação do texto a português atual: "Jesus. Avé Maria. Era de 1457 anos, em dia de Santa Maria de março Luís Vasques prior desta igreja fez abrir uma arca que está no altar-mor, a qual a não tinham aberto desde a memória dos homens, e foram nela achadas estas relíquias – Parte da vestidura de Nosso Senhor Jesus Cristo e parte de um véu de Santa Maria e das vestiduras dos apóstolos e mártires e de outras relíquias de santos e outras santas".



Este tipo de escrita é classificada por Mário Barroca como “caracteres góticos minúsculos angulosos” (Barroca, 2000: v. 2, t.2, 2133).

A igreja do Mosteiro de São Torcato possuía diversas relíquias de santos, entre as quais as de São Torcato, que ali foram colocadas aquando da primeira sagração do altar-mor, no século X (Barroca, Real, 1992: 160). Mais tarde, em 1474, o papa Sisto IV extinguiu o referido Mosteiro e muitos dos seus bens passaram para a Colegiada de Guimarães.

O padre António Carvalho da Costa, na *Corografia portuguesa* (1706), refere:

Uma arca de prata maciça com as armas dos Cunhas, que deu o D. Prior daquela Colegiada Rui da Cunha, a qual tem dentro muitas relíquias, de que se não sabe os santos de que são e outras, que trouxe de Roma o Arcipreste Fernão Gonçalves. Tem de peso vinte e sete marcos e duas onças e serve nas procissões. (Costa, 1706: 33).

O Padre Caldas, que escreveu *Guimarães, apontamentos para a sua história* (1881), refere que, «em 1420 D. Luís Vasques da Cunha abriu a caixa das relíquias, que desde tempo imemorial estava no altar-mor [da Colegiada], e encerrou-as numa caixa de prata, que tem as suas armas com um letreiro em gótico, em que se declara este facto» (Caldas, [1881] 1996: 283). Continua dizendo que:

Outra peça antiga e muito curiosa é um cofre de prata maciça, todo guarnecido de labores em relevo, com o brasão de armas dos Cunhas. Foi oferecido a esta Colegiada pelo seu D. Prior Rui da Cunha. Nele se depositam algumas relíquias de diferentes santos, as quais trouxe de Roma para esta igreja o arcebispo Fernando Gonçalves. Pesa vinte e sete marcos e duas onças, e era dantes conduzido em algumas procissões. (Caldas, [1881] 1996: 305).

Albano Belino, na *Archeologia Christã* (1900) confirma que o cofre-relicário «É de prata dourada e encerra numerosas relíquias encontradas em 1419, pelo D. Prior Luís Vasques dentro de uma caixa que estava no altar-mor da Colegiada de Guimarães» (Belino, 1900: 119).

No *Inventário da Colegiada de 1912*, o n.º 3168 identifica e regista a existência de:

Um cofre pequeno de prata lavrada que está fechado e pregado, com diversas inscrições nas faces anterior e posterior e um brasão em cada uma das faces laterais, encimado por uma tampa dividida em cinco faces e que dizem, contém relíquias de Cristo e de Nossa Senhora. (Inventário, 1912).

Alfredo Guimarães no seu catálogo de ourivesaria intitulado, *Exposição de Arte Sacra* (1928), acrescenta que:

Salvas as inscrições, está inteiramente dentro de tais circunstâncias a arca de relíquias de caráter gótico, executada no primeiro quartel do século XV, que o D. Prior D. Luís Vasques da Cunha ofereceu em 1420 ao santuário de Santa Maria de Guimarães. (Guimarães, 1928: 20).

No *Mobiliário artístico português* (1935) o referido autor diz que já em meados do século XV, o inventário da Colegiada referia «*It outra arca de rreljqujas dourada q. mādou ffazer Lujs Basques com suas armas que pesou sete marcos e meo...*», frase que nos nossos dias se lê, «*Item outra arca de relíquias dourada que mandou fazer Luís Vasques com suas armas, que pesaram sete marcos e meio...*» (Guimarães, 1935: 36).

Mário Barroca e Manuel Luís Real, em *As caixas-relicário de São Torcato, Guimarães (séculos X-XIII)* (1992), referem que D. Luís Vasques da Cunha foi D. Prior da Colegiada de Guimarães, de 1419 a *circa* de 1423, durante o reinado de D. João I (Barroca, Real, 1992: 163, nota 9). Estes autores declaram que:

*No Museu de Alberto Sampaio conserva-se um cofre relicário em prata, proveniente da Colegiada de Guimarães, o qual foi mandado fazer pelo prior D. Luís Vasques Cunha em 1457²¹ [era hispânica ou de César] para aí depositar as relíquias de S. Torcato. É indiscutível a estreita ligação do Mosteiro Vimaranense – e, mais tarde Colegiada – ao culto deste Santo. É mesmo possível que se devam aos cônegos da Colegiada de N.^a Sr.^a da Oliveira algumas iniciativas destinadas a revitalizar este culto». Referindo-se ainda ao culto de São Torcato, Mário Barroca e Manuel Luís Real, dizem que «*Ele vem do tempo da Mumadona, como dissemos.*» (Barroca, Real, 1992: 163, nota 9).*

Para Manuela Alcântara Santos e Nuno Vassallo e Silva, o cofre-relicário está decorado «*com o brasão de armas dos Cunhas adossado em placas com esmalte. As faces principais estão decoradas com a inscrição em caracteres góticos*» (Santos, Silva, 1998: 68). Os investigadores explicam que:

21) O ano da era hispânica ou era de César, de 1457, corresponde ao ano da era de Cristo, de 1419. A era hispânica ou de César era usada para datar os documentos, mas foi abolida por carta régia de D. João I, datada de 22 de agosto de 1422, para unificar o calendário. Passou a ser adotada a Era de Cristo, que ainda hoje seguimos.



segundo a lenda, reforçada com as armas que apresenta, foi o Prior da Colegiada D. Luís Vasques da Cunha que o mandou fazer para proteger as relíquias dos mantos de Jesus Cristo, Nossa Senhora, dos Apóstolos e de outros Santos e Santas (Santos, Silva, 1998: 68).

Com a publicação do decreto de separação entre o Estado e a Igreja, em 1911, a Colegiada foi extinta e a caixa-relicário, em conjunto com o tesouro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, foi transferida para o Museu de Alberto Sampaio. Esta instituição que foi criada por decreto n.º 15209, de 17 de março de 1928, e inaugurada em 1 de agosto de 1931, continua a sua missão de recolha, conservação, estudo e divulgação das coleções que possui. O cofre-relicário foi aberto em 2000, verificando-se que continha muitas relíquias, incluindo a de São Torcato, vários fragmentos de tecidos, pequenas caixas, um documento de autenticação de relíquias e uma bula, que foram tratadas e estão a ser estudadas por especialistas, para um melhor conhecimento das peças de arte e de Guimarães.



José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

Relicário de São Torcato

O relicário de São Torcato é uma peça trabalhada pelo ourives vimaranense Bento de Antas, em 1664. Foi executada em prata dourada, relevada e gravada, com as seguintes dimensões: alt.41,1 cm x l. 19 cm x p. 10 cm; peso 1476,5 g. O número de inventário é, MAS O 26.

Possui a seguinte inscrição: «ESTA RELIQUIA HE DS TO(R)CATO D(I)SIPVLO D(O) / SAMTIAQO APOSLO CVIO CORPO SE C(H)OVINTEIRO + DD (I)OQOLOBO D(A) SILVR^a IN D (I) QNO PRIOR DESTA REAL COLEGIADA DE N SRA D(A) OLIVEIRA DEV ESTA COSTODIA ANNO 1664» (Leitura de Santos, Silva, 1998: 34).

Em português atual diz o seguinte «Esta relíquia é de São Torcato discípulo do Santiago apóstolo cujo corpo se achou inteiro. Dom Diogo Lobo da Siveira indigno Prior desta Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira deu esta custódia. Ano 1664».

Desde a persistente perseguição aos mártires cristãos feita pelos romanos durante os governos dos imperadores Nero e Diocleciano, as relíquias passaram a ter uma profunda simbologia, pois estes fiéis defendiam a Palavra de Deus, protegendo-a com a própria vida. A partir da Idade Média as relíquias ganharam ainda mais relevância, verificando-se o desenvolvimento do seu culto e o reforço dos devotos, que por vezes chegavam em enormes peregrinações. Com o Concílio de Trento em meados do século XVI, a devoção foi reforçada e conduziu à consolidação dessa religiosidade com uma fé intensa e uma profunda devoção pelo Santo.

O doutor João de Barros na sua *Geografia de entre Douro e Minho* (séc. XVI), comentou o Mosteiro de São Torcato, referindo que era anexo ao Cabido da vila de Guimarães e que já não tinha frades, mas acrescentou que «Jaz ali um homem Santo, porque os originários nessa conta o têm pela fama de seus milagres» (Barros, [15--?] 1919: 72). Mário Barroca e Manuel Luís Real consideraram que seria esta a primeira referência ao corpo incorrupto e, ponderaram ainda que «A partir do século XVI, começaram a surgir referências ao “corpo do Santo” que se dizia ter sido descoberto incorrupto no local onde, pretensamente, lhe fora dada sepultura» (Barroca, Real, 1992: 139). Segundo a tradição foi descoberto porque começaram a «aparecer luzentes chamas no meio de entrelaçados matos» e, após ser retirado, saiu da terra uma caudalosa fonte que sarava várias enfermidades (Azevedo, [1692] 2000: 422).

Neste contexto, em 22 de junho de 1512, o cónego mestre-escola da Colegiada, Rui Gomes Golias, e alguns cónegos foram a São Torcato para realizar a transladação, mas como se dirá mais à frente, não chegaram a ter a ousadia de a realizar.

Torcato Peixoto de Azevedo nas *Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães* (1692), conta a história do Santo, cujo corpo com vestes pontificais, foi trasladado para o antigo Mosteiro, para «um sepulcro de pedra tosca levantado sobre quatro colunas e cercado de grades de ferro em uma pequena capela, que tem a porta principal para norte» (Azevedo, [1692] 2000: 253). Mas, em 29 de fevereiro de 1501, D. Manuel pedia que se recolhesse às igrejas das cidades e vilas, as relíquias dos Santos que estavam nas aldeias, por lhe parecer que haveria uma maior veneração. D. Manuel explicava aos cónegos por carta régia que,



«fazemos-vos saber, que nós havemos por bem que o corpo do bem-aventurado São Torcato seja trasladado da igreja Colegiada dessa vila em o lugar onde ao prior parecer bem, o qual levará o Breve para a dita transladação se fazer²²» (Azevedo, [1692] 2000: 254). Mas, o povo não aceitou essa decisão, e:

quando o cabido, com os clérigos e religiões chegaram perto do mosteiro ao lugar da Cruz da Galharda, acharam um exército armado para defesa do seu objetivo, e havendo debates de uma e outra parte, fizeram os lavradores seus protestos ao ministro da justiça e cabido, e finalmente insistiram em que primeiro perderiam as vidas do que deixar levar o santo corpo pois estava entre católicos com toda a vereação e não entre gentios que o desacatassem, o que visto, receando o perigo que podia suceder, se recolheram à vila e os lavradores ficaram em guarda do corpo do santo para que lho não tirassem ocultadamente. (Azevedo, [1692] 2000: 254).

Mais tarde houve então uma segunda tentativa de retirar o santo do seu local. Torcato Peixoto de Azevedo começou por avisar que era necessário ter cautela ao tratar com os santos, pois:

Quem se anima a ofender o que toca à santidade sempre recebe a paga na desgraça» e conta a história do doutor Rui Gonçalves Golias²³, mestre-escola da real Colegiada, «porque não dissimula Deus Nosso Senhor o castigo a quem agrava seus santos. (Azevedo, [1692] 2000: 255).

Então conta que:

A 22 de junho de 1512, foi este com outros cónegos ao mosteiro de São Torcato e juntamente com o vigário que residia na dita igreja, o licenciado Jerónimo Coelho, abriram o sepulcro do Santo e com tochas acesas examinaram o corpo muito bem e o acharam todo perfeito, e as vestes sacras intactas. Com esta vista se animou o mestre-escola a tirar do santo corpo, escondidamente, um osso de um pé sem ser visto de muita gente que ali estava,

22) Carta de D. Manuel aos cónegos da Colegiada de Guimarães: «Por El Rei aos cónegos da Igreja de Guimarães: Cónegos da Igreja de Guimarães eu El-Rei vos envio muito saudar. Fazemos-vos saber que nos havemos por bem, que o corpo do bem-aventurado São Torquato seja trasladado à Igreja Colegiada da dita vila, em lugar, aonde ao Prior parecer bem, o qual levará o Breve para se a dita transladação fazer; e por tanto havemos por escusadas as despesas, que se haviam de fazer onde até agora aí houve. E porem vos mandamos, que deis ordem como se logo assim faça. Feita em Lisboa, a 19 de fevereiro 1501. REI» (Estaço, 1754: 165).
23) O mestre-escola da Colegiada pode aparecer como Rui Gomes Golias ou Rui Gonçalves Golias.

e toda a relíquia que arrancou saiu manchada de sangue claro, como se fosse tirada de corpo vivo, como ainda se está vendo no santuário da Real Colegiada.

O autor concluiu referindo o castigo do mestre-escola, pois:

Tornaram a compor as vestes do Santo e fechado o sepulcro se recolheram todos a suas casas e fez o mestre-escola na sua, depósito da sagrada relíquia que havia furtado ao corpo do Santo obrigado da sua devoção. Mas como Deus não era servido que casa profana fosse depósito da relíquia de seu Santo, deu ao mestre-escola tantos achaques que conhecendo o mestre-escola que sem dúvida procediam do remédio que para estes enganosamente tinha furtado, mandou entregar ao santuário de Nossa Senhora de Oliveira a santa relíquia e ali se conserva em relicário de prata dourado com suas vidraças. (Azevedo, [1692] 2000: 255).

Mas houve ainda uma terceira tentativa, organizada pelo Arcebispo de Braga, D. Frei Agostinho de Jesus, pois:

chegou o Arcebispo de Braga, acompanhado de muita gente da cidade de Braga, em 1597, à igreja de São Torcato, e querendo abrir o sepulcro, dizendo que era para examinar o santo corpo, picaram os sinos da igreja, e acudindo os homens e mulheres armados, do sítio, e de todos os contornos, chegando à presença do arcebispo, e toda a sua gente os entretiveram com requerimentos enquanto não chegava aviso ao povo de Guimarães, os quais em o tendo vieram logo com armas para defender o seu Santo do intento do Arcebispo, que era de o colocar na Sé de Braga» (Azevedo, [1692] 2000: 255). No capítulo 64.º do livro de Torcato Peixoto de Azevedo, intitulado «Das relíquias que se veneram no santuário da Real Colegiada», este autor refere que, entre as relíquias de grande devoção que se conservavam no Santuário da Real Colegiada, existia «Um tornozelo do pé de São Torquato. (Azevedo, [1692] 2000: 212), que pertencia à referida instituição religiosa.

D. Diogo Lobo da Silveira (ca. 1662-1666) era, nessa época, o D. Prior e mandou fazer em 1664, ao ourives Bento de Antas morador na rua Sapateira²⁴, um relicário em prata dourada com vidros para guardar a relíquia de São Torcato, que deveria ser vista e venerada, segundo as orientações do Concílio de Trento. Em São Torcato, o Corpo do Santo continuou também a ser venerado e a sua devoção a expandiu-se pelo norte do país.

24) Hoje designada como rua da Rainha D. Maria II, ou apenas rua da Rainha, Guimarães.



No inventário da Colegiada de 1756 descreve-se assim o relicário «Item uma custódia de prata sobredourada com seu remate de cruz a qual tem a relíquia de São Torcato com duas vidraças que tudo assim como está pesa seis marcos e três onças» (Oliveira, 1756-1769: 398)

Albano Belino, na *Archeologia Christã* (1900), quase dois séculos depois, conta a história desta relíquia de forma ligeiramente diferente, comentando o seguinte:

Quando em 1637 se dirigiram à freguesia de São Torcato o doutor Rui Gomes Golias mestre-escola da Colegiada, e outros capitulares, com o fim louvável de mandarem restaurar o túmulo do santo, aquele mestre-escola extraiu parte do calcanhar direito do bem-aventurado mártir, trazendo para a capela da sua casa da rua das Lamelas aquela veneranda relíquia. Surpreendido pela morte a 29 de março de 1649, tendo completado 20 anos do seu mestre-escolado que principiou a exercer em 7 de abril de 1629, por ter permutado com o seu antecessor a abadia de Vila Nova de Sande, não pode ordenar que, depois do seu falecimento, a referida relíquia fosse entregue a quem mais cuidadosamente a venerasse. Decorridos 13 anos constatará ao atívisimo D. Prior desse tempo D. Diogo Lobo da Silveira, que existia essa relíquia em poder de Inês de Guimarães, Catarina Golias, e Luísa de Guimarães, sobrinhas do falecido Rui Golias, e conseguiu que aquelas senhoras a cedessem sendo trasladada festivamente da Capela do Senhor Jesus, da casa da Lamelas, para a igreja da Colegiada no dia 21 de dezembro de 1662. Assim se conservou durante dois anos, findos os quais o mesmo Dom Prior lhe mandou fazer à sua custa o relicário aludido. (Belino, 1900: 117).

Este investigador refere a existência de um relicário de prata, onde se guarda o tornozelo de São Torcato, que possuía as seguintes inscrições:

Frente: D DIOQº LOBO DA SILVR.^a INDIGNO PRIOR
 DESTA REAL COLEQUIADA DE N SR.^a
 D'OLIVEIRA DEV ESTA COSTODIA ANNO 1664
 Verso: ESTA RELIQVIA HE DE S.TORCATO DISI
 PVLO DE SAMTIAQO APOSTOLO CUIO
 CORPO SE ACHOV INTEIRO* (Leitura de Albano Belino, 1900: 118)²⁵

25) Em escrita atual pode ler-se: Frente - D. Diogo Lobo da Silveira indigno prior desta Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira deu esta custódia ano 1664. Verso - Esta relíquia é de São Torcato discípulo de Santiago apóstolo cujo corpo se achou inteiro.

O Prior da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Dom Diogo Lobo da Silveira, na época final da Guerra da Restauração, que se sustentou entre 1640 e 1668, estava preocupado com a debilidade do cerimonial da Colegiada, desejava a sua renovação e o incremento do culto, com vista a recuperar a sua antiga dignidade. Por isso empenhou-se em realizar o restauro e a recuperação das antigas alfaias religiosas e a fazer a aquisição de novos utensílios sagrados. Como já foi referido, recebeu a relíquia de São Torcato e encomendou ao ourives vimaranense Bento de Antas, em 1664, uma custódia-relicário de prata dourada para resguardar a relíquia do Santo. Assim acondicionou e dignificou a relíquia num relicário próprio, de prata dourada, embelezando-a e mostrando-a aos fiéis através de valiosos vidros que mandou vir de Lisboa (Meireles, 2014: 101). O padre Hilário Silva confirma que a relíquia foi solenemente trasladada da Capela do Senhor Jesus para a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em procissão solene, realizada em 21 de dezembro de 1662 (Silva, 2004: 229). O D. Prior Diogo Lobo da Silveira foi um dos distintos mecenas da vila de Guimarães, apoiando o uso, o restauro e a aquisição de novas peças, a fim de renovar o acervo de bens litúrgicos das instituições religiosas vimaranenses pois, «De facto, em 1664, em visita feita à igreja [de São Miguel], pelo Dom Diogo Lobo da Silveira, este encontra “o retábulo sem estar engessado” e manda, à sua custa “engessar o retábulo”» (Fernandes, 2020: 60); «Em 1664, o Dom Prior Diogo Lobo da Silveira manda, a suas expensas, “pintar a têmpera a imagem de Santa Margarida”» (Fernandes, 2020: 88); «Em 1664, o prior Dom Diogo Lobo da Silveira encontra os paramentos mal conservados e manda fazer novos à sua custa» (Fernandes, 2020: 90). Doou ainda, em 1664, à Colegiada, o relicário de São Torcato, em prata dourada, tendo-o financiado com o seu património pessoal (Santos, Silva, 1998: 100).

Em 1881, o Padre António José Ferreira Caldas, autor de *Guimarães, apontamentos para a sua história* (1881), ao salientar a Relação dos objetos preciosos do Tesouro da Colegiada, referia «Uma outra custódia de prata com peso de 6 marcos, e com uma relíquia do calcanhar direito de S. Torcato, dada pelo D. Prior Diogo Lobo da Silveira» (Caldas, [1881] 1996: 304).

Finalmente, com a implantação da República e a publicação da lei da separação entre o Estado e a Igreja, de 1912, vemos registado no *Inventário Colegiada de 1912*, mandado fazer pelo Estado para tomar conhecimento dos bens que ainda existiam, a peça n.º «3180, uma custódia de prata dourada contendo uma relíquia de S. Torcato» (Inventário, 1912).

As peças passaram para o Estado que se tornou seu proprietário e permaneceram durante algum tempo à guarda da Sociedade Martins Sarmento, até que se arranhou um espaço seguro e condigno para as colocar. A Câmara republicana procurou encontrar um espaço adequado, mas não o conseguiu devido à crise relacionada com a I Grande Guerra



e com a gripe pneumónica que angustiou e devastou o país. Pouco tempo depois, em 1928, Alfredo Guimarães regressou à cidade de Guimarães e ficou responsável pelo restauro do claustro da extinta Colegiada, onde ficaria instalado o novo museu de artes decorativas e o tesouro da Colegiada. Bom conhecedor das obras de arte antiga, Alfredo Guimarães na sua obra intitulada *Exposição de Arte Sacra: conferência*, de 1928, conta-nos que a partir do século XVI, houve alguma diminuição na qualidade no desenho das peças de ourivesaria. Destacou três peças de excelência existentes no tesouro da colegiada, sendo uma delas o «relicário dedicado a S. Torcato, da generosidade do D. Prior Diogo Lobo da Silveira, em 1664» (Guimarães, 1928: 16).

Manuela de Alcântara Santos e Nuno Vassallo e Silva, que trabalharam no catálogo da *Coleção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio* (1998), são dois estudiosos e especialistas de ourivesaria antiga, que descreveram o relicário de São Torcato e confirmaram existência da relíquia encastoadada num suporte de prata, no interior da caixa relicário. Referiram que «Para além da notável ação de conservação do espólio da Colegiada, uma das principais doações do Prior D. Diogo Lobo da Silveira foi este relicário», que serve igualmente de testemunho da sua passagem por Guimarães (Santos, Silva, 1998: 100). Comentam que a sua pesquisa documental os conduziu à descoberta, no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, do nome do ourives, assinado num recibo de pagamento da obra, que assentava o seguinte:

Recebeu Bento de Antes ourives desta Igreja o custo que fez a Custódia de São Torcato, com prata, ouro e feitio soma quarenta e dois mil réis e os vidros mandou buscar a Lisboa o senhor Dom Prior Dom Diogo Lobo da Silveira, e deixou outros dois vidros numa caixinha na sacristia e de como o recebeu assinou Bento Dantes ourives. (Santos, Silva, 1998: 100).

Os autores referem que «O relicário de São Torcato revela uma conceção algo fruste, servindo a decoração ritmada e repetitiva dos motivos para, de algum modo, atenuar o peso do relicário, sobrecarregado pelo maciço ostensório onde se conserva a relíquia». Terminam referindo que D. Diogo Lobo da Silveira «procurou, através deste relicário, proteger um dos mais importantes “tesouros espirituais” da Colegiada» (Santos, Silva, 1998: 100).

Volta-se atrás para referir que em 1825, o Santuário de São Torcato começou a ser construído a expensas da Irmandade do Santo, e que em 1852, o seu corpo foi solenemente trasladado para o novo santuário. A obra de edificação deste templo foi concluída em 2015.

Entre os Mosteiros de Guimarães e o de São Torcato manteve-se uma ligação antiga, que já existia aquando das suas fundações, no século X. Em Guimarães, ainda hoje se consegue observar no Cruzeiro da Oliveira, a cruz de Cristo rodeada pela imagem de vulto de São Torcato, e de outros santos adoradores. Foi junto dessa cruz, colocada na praça em 8 de outubro de 1342, que aconteceu o milagre da Oliveira. Segundo a tradição, em São Torcato existia uma oliveira que dava o azeite para iluminar a lâmpada do Santo, mas foi transplantada para a vila e secou. Por milagre de Santa Maria de Guimarães, a árvore reverdeceu três dias depois, tendo-se considerado o acontecimento como um milagre de Nossa Senhora da Oliveira.

As peças de arte sacra ligadas ao culto de São Torcato, que estão atualmente expostas ao público no Museu de Alberto Sampaio, relembram a forte ligação e a colaboração intensa entre as duas localidades, não só a nível da arte, mas também das tradições populares, como acima foi referido.

Não se pode concluir sem abordar e conhecer algumas imagens do próprio Santo em vida. As suas representações são escassas e idealizadas, mas interessantes. Destaca-se o painel com o busto do Santo que está representado no retábulo do altar da capela do Senhor Jesus, da casa de Rui Gomes Golias, e uma pintura maneirista, provavelmente proveniente de um retábulo que existiu no claustro da Colegiada de Guimarães. Ambos pertencem ao acervo do Museu de Alberto Sampaio. São as seguintes peças:

Busto de São Torcato

Imagem entalhada e dourada, pertencente ao retábulo de altar da capela do Senhor Jesus.

Fabrico: oficina do norte do país.

Cronologia: séc. XVII, 1.^a metade

Dimensões: Alt. 113 cm; Larg. 155 cm

Material: madeira de castanho entalhado e dourado.

Proveniente da Casa do Dr. Rui Gomes Golias, Mestre-Escola da Colegiada, situada na antiga rua dos Fornos, atual rua de João Lopes de Faria.

MAS ED 2



Miguel Sousa
Museu de Alberto Sampaio



São Torcato

Mestre desconhecido

Cronologia: final do séc. XVI.

Material: pintura a óleo sobre madeira de castanho.

Dimensões: Alt. 166 cm x Larg. 49, 5 cm

MAS P 06

A imagem de São Torcato é uma pintura maneirista que, segundo Vítor Serrão, provavelmente pertencerá a um retábulo que existiu no claustro de Colegiada, sendo talvez proveniente da capela de São José. Possui um interessante desenho, com uma aliciante modelagem dos tecidos e carnações e, sobretudo, o uso de cores escuras. Vítor Serrão chama a atenção para alguma influência de Pedro de França, antigo pintor da Colegiada que aí trabalhou no terceiro quartel do século XVI, e que se salienta por uma forte pintura de inspiração nórdica, evidente na decoração do pluvial, na sinuosidade das formas e nos interessantes efeitos de claro-escuro (Serrão, 1996: 92, 110-111).



José Pessoa
Museu de Alberto Sampaio

— São Torcatinho e a devoção popular Os Ex-votos de pintura em São Torcato

A Irmandade de São Torcato possui uma coleção de pintura com retratos dos beneméritos que ajudaram a instituição a desenvolver-se e a consolidar-se. Está colocada nos espaços nobres do edifício. Mas a Irmandade possui ainda outra coleção de pintura, muito mais sensível e comovente. Foi exposta no Museu do Peregrino e transmite a vivência de uma grande fé e de uma intensa devoção a São Torcato, que rapidamente se expandiu pelas terras do norte de Portugal. Trata-se de ex-votos pintados, oferecidos pelos crentes ao Santo. Costuma considerar-se que “ex-voto” ou “milagre”, é a oferta de um objeto como prova de agradecimento pela concretização de um pedido ou favor, a uma divindade ou santo, na sequência de um voto ou promessa. Assim, pode-se dizer que é um procedimento de fé, ou pelo contrário, uma espécie de “contrato” realizado com o santo, mas é sobretudo, a eficaz concretização de um pedido.

Desde o século X, que existe no concelho de Guimarães uma perene devoção a São Torcato, que se tem mantido viva ao longo do tempo. No século XVI, apareceu o corpo incorrupto do Santo, que foi sepultado num mausoléu, mas em 1805, o Arcebispo D. Frei Caetano Brandão pôs à exposição dos fiéis o Corpo do Glorioso Mártir, estimulando uma

intensa devoção que incentivou as peregrinações ao seu túmulo. Com a sua trasladação para a capela-mor do Santuário que lhe era dedicado, em 1852, e complementando-se a cerimónia religiosa com uma intensa divulgação das romarias tradicionais (respetivamente a Feira dos 27, a Romaria pequena e a Romaria grande), que se tornaram afamadas e incrementaram o forte culto ao Santo. O povo acorreu a venerá-lo, deixando-lhe as suas esmolas, agradecendo as graças alcançadas e a concretização dos seus rogos, com a oferta de ex-votos.

Há o conhecimento que, desde a sua origem, o homem pedia apoio às diversas divindades. Com o aparecimento do cristianismo e o seu desenvolvimento a partir do século VIII, essa tradição foi-se mantendo com um peculiar incremento no século XVIII, e sobretudo no XIX, época em que começaram a surgir e a desenvolver-se as novas tecnologias. Estas permitiram o avanço da captação da imagem através da gravura, da fotografia ou do filme, tornando-se mais económicas, mais fáceis de manusear e possibilitando a sua ampla divulgação com a consequente vulgarização. Por isso, no século seguinte as pinturas começaram a ser substituídas por fotografias que, tal como os anteriores ex-votos, passaram a cobrir as paredes interiores de alguns edifícios religiosos, testemunhando a fé dos crentes e merecendo ser guardadas e estudadas.

Outrora a falta de saúde, os acidentes de trabalho ou os desastres naturais, não possuíam um apoio social suficiente, pois a ciência e a tecnologia eram ainda muito débeis. As pessoas recorriam à fé e à oração, como a forma de alcançar uma graça ou uma mercê divina. Na freguesia de São Torcato, em Guimarães, desde a Idade Média que os crentes veneravam o Santo, tornando-o intermediário junto de Deus e dos anjos, e pedindo-lhe fervorosamente o auxílio nos seus sofrimentos. Após a concretização do “milagre” costumavam deixar um ex-voto para firmar o pedido. Os materiais a usar e as técnicas de os fazer eram diversificadas. Por vezes eram pequenas pinturas, geralmente sobre madeira, folha-de-flandres, cartão ou papel, mas também podiam ser peças de vulto moldadas em cera, em metais pobres ou nobres, em materiais têxteis tecidos e bordados, ou trajas diversos, despertando uma enorme criatividade de formas de agradecer ao Santo, assim como a graça de curar uma mazela ou uma dor prolongada. Mas pedia-se também para concretizar uma intenção ou uma salvação, aquando da ocorrência de um desastre natural, como uma tempestade na terra ou uma tormenta no mar. O mais habitual seria o pagamento da promessa ou agradecimento pela mercê alcançada com a oferta de um ex-voto, que comprovava o milagre acontecido a uma pessoa, a um grupo de pessoas ou ainda a animais de sua pertença, que lhes traziam alegria e felicidade. A oferta dos pequenos quadros do acervo da Irmandade em madeira pintada com grande ingenuidade, era comum, fazendo parte do respetivo “pagamento do voto” ou demonstrando uma



enorme gratidão, pois ficava registada como testemunho, num reconhecimento escrito geralmente abaixo da pintura, que mostrava o poder sobrenatural do Santo. Aí, era habitual escrever-se o nome do crente, o do santo milagroso, o local do milagre e como aconteceu, dando o seu exemplo aos outros peregrinos. Transmitia-se a ideia de um intenso sofrimento, com uma sólida e desesperada confiança em alcançar o objetivo, e a grande alegria de superar essa infelicidade, que ficava registada numa mensagem comovente.

O milagre poderia localizar-se no interior de uma casa, mobilada ou sem decoração, ou no exterior, num campo, junto de um rio, no mar ou mesmo sem qualquer construção do espaço, apenas sobre fundo liso. O Santo aparecia em todas as pinturas, podendo ter uma dimensão maior, que ocupava quase metade do painel, ou menor reduzida a uma miniatura simbólica, ou apenas mostrando-se envolvido numa auréola de nuvens que simbolizavam o sagrado, mas que conferia ao Santo maior visibilidade. O Santo poderia estar pousado sobre o chão sagrado, ou no céu, mas estava sempre presente junto do doente, perto da sua cama, ou no exterior, na natureza, onde ocorreu o milagre. Mostrava-se o devoto ou os familiares que, geralmente de joelhos, com as mãos em oração e um olhar desesperado dirigido para cima, ao Santo, ou com grande humildade reverenciando com a cabeça baixa e o corpo derreado, pedindo o milagre para a pessoa sofredora, para o animal doente, ou a acalmia de uma tempestade, ou ainda a sobrevivência de um acidente.

Os milagres de São Torcato que chegaram até nós realizaram-se principalmente nos séculos XIX e XX, sobretudo entre cerca de 1847 e 1952. As cores preponderantes são principalmente, os azuis e o laranja forte. Na Irmandade de São Torcato existe uma interessante coleção destes quadros pintados, que se encontram expostos ao público no Museu do Peregrino da Irmandade. A instituição ainda possui uma grande variedade de ex-votos em materiais diferentes, como a cera, o têxtil, a fotografia, ou os metais. Neste material, destacamos um curioso par de jarras de altar em latão, trabalhado a punção, recordando o grande sofrimento da I Guerra Mundial e agradecendo ao Santo o bem da vida.

Os ex-votos de pintura apresentados são quase todos feitos em pequenos painéis emoldurados, pintados sobre madeira ou folha-de-flandres e dispostos na horizontal. A pintura é ingénuo, mas surpreendentemente comunicativa, minuciosa e emotiva, pelo ambiente de dor e aflição que transparece nos desenhos feitos com rigor, geralmente muito singelos, ainda que bastante esclarecedores.

Nesta coleção de vinte e cinco ex-votos, na qual há vinte e um pintados e quatro criativos, feitos com materiais diferentes, utilizando fotografia, tecido de seda e de estopa, o latão e a prata. Cinco não possuem referência ao local de procedência geográfica. Os que apresentam a origem do crente são provenientes dos seguintes lugares: três pertenceram

às freguesias da Póvoa de Varzim (Estela, Amorim e Póvoa) e outro que se atribui à Póvoa por ser proveniente de um naufrágio. Nestes três ex-votos pintados, há um que nos chama a atenção, por tratar-se de um peregrino vindo de “Morim” ou Amorim, na Póvoa de Varzim, que ao passar por Guimarães se sentiu mal. Na pintura, o doente está estendido no Tournal, junto do cruzeiro do Fiado, nome por que era conhecido o cruzeiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, do convento de São Domingos. Neste local fazia-se a feira do linho fiado manualmente por mulheres, usando a roca e o fuso, para depois ser tecido em tear manual. O enfermo pediu a proteção de São Torcato e curou-se. Também a vila de Guimarães ofereceu ao Santo quatro ex-votos pintados, sendo um provavelmente, do centro da freguesia de São Torcato, outro da Corredoura, outro da Casa da Bornaria, em Azurém, e outro provavelmente do antigo largo de João Franco, em Guimarães. Também existem os de Barcelos, que vieram da freguesia de Cristelo, Vilar de Figos e Milhazes. Um da Póvoa de Lanhoso, de Taíde, no lugar de Quintela. De Esposende foram três ex-votos todos de Gemeses. Do Porto veio um. De Vieira do Minho dois, sendo um de Ventosa e outros dois da freguesia de Joane, em Famalicão. Os pedidos de ajuda são muito diversificados, mas predomina o cuidado com a saúde, seja humana ou animal, como o caso de uma vaca que foi mordida na língua, o de um cão com raiva e outro de um touro saudável, que foi prometido ao Santo. Houve também cinco milagres desconhecidos por não possuírem qualquer justificação, sete painéis agradecendo “um bom parto”, especialmente um referindo o saudável nascimento de «três meninas de um ventre», outro de uma vaca que sarou, um homem que sobreviveu a um tiro nas costas, uma criança que recuperou a visão, a herança de uma casa que estava em perigo, mas que acabou bem. Dois ex-votos agradeciam a cura da erisipela²⁶ (doença de pele), um homem que foi mordido por um cão, mas não apanhou a doença da “raiva”, de que padecia o animal, e um viajante que escapou de um assalto marítimo no Paraguai, sendo fortemente agredido e atirado ao mar, salvando-se por intervenção de São Torcato.

De todas as pinturas existentes, as mais simbólicas são provavelmente, a imagem do cruzeiro do fiado, no Tournal, a vista de Paraguai, realizada no rio e em plena natureza, e as «três meninas de um ventre». Todas elas são, sobretudo, documentos muito valiosos para estudo da história humana.

Os ex-votos ainda hoje nos fascinam e emocionam pela simbologia e simplicidade das suas mensagens, pelos materiais usados e pelas técnicas aplicadas. Eram o melhor que os devotos podiam oferecer ao Santo, como intermediário direto de Deus no céu. Muitas

26) Erisipela – Infecção cutânea aguda, causada geralmente por estreptococos, que provoca vermelhidão, dor e edema, acompanhados de febre e mal-estar (ex.: erisipela difusa). In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/erisipela> [consultado em 06-06-2022].



vezes representavam a última oportunidade de se realizar uma cura, uma necessidade premente ou evitar um sofrimento. Por isso, vamos aprofundar um pouco mais informação sobre os principais materiais usados na construção destes símbolos repletos de espiritualidade e ligados aos “milagres” de fé e devoção.

A cera é um material fácil de trabalhar, muito maleável à temperatura ambiente e económica, sendo por isso muito utilizada na indústria. Possui ainda, uma interessante vertente religiosa e simbólica, que a torna indispensável aos ritos sagrados de diversas religiões. Para os cristãos, a cera em forma de vela com pavio aceso, simboliza Cristo ressuscitado, Luz do mundo (João 8, 12), mas também o respeito que Lhe é devido, na fé dos crentes, na oração, no amor pelo próximo e na súplica pelo bem almejado. Pode ainda significar, entre outros atributos, o sol que com a sua energia dá a vida.

Desde os tempos recuados que a Igreja utiliza as velas de cera para honrar e louvar Deus, os santos e os anjos. Estas possuem um pavio e os crentes oferecem geralmente as que possuem forma cilíndrica, com um determinado peso, altura e diâmetro, de acordo com a promessa feita pelo devoto que, geralmente, as levava na procissão em honra do Santo.

Os ex-votos de cera também podem ser modelados com várias formas e, por vezes, possuem gravado o nome do crente ou um agradecimento, mas a maior parte é anónima. Há outros ex-votos de cera que não possuem pavio e que habitualmente são modelados em pequenas peças com a forma de uma pessoa ou um órgão humano específico, que está doente e para o qual pedem cura. Podem ser trabalhados em forma de cabeça, coração, barriga, perna, braço, olhos, pés, mas também de menino ou menina, animais domésticos ou de companhia e muitos outros exemplos relacionados com o pedido. Podem ainda, ser representados como escultura de uma pessoa que pede uma mercê ou milagre. No Museu do Peregrino da Irmandade de São Torcato, existe uma extraordinária imagem de vulto em cera de uma senhora em tamanho quase natural, que apenas possui a inscrição «Trindade 1968» (IST 912).

De entre a variedade de ex-votos de metal, como o ferro, o cobre, o latão, a prata e o ouro, há um exemplo pouco conhecido e bastante raro, que revela a profunda devoção e o sacrifício por que passou o doador. Como já referimos, trata-se de um par de jarras de altar em latão, que foram oferecidas a São Torcato, provavelmente pouco tempo depois de 1918. São de forma cilíndrica e profusamente decoradas. A base é lisa, seguida de uma haste apertada formando uma espécie de caneluras côncavas²⁷, com uma parte superior

27) Caneluras – 1. Estria no caule de certas plantas. 2. Sulco vertical em meia-cana. 3. [Arquitetura] Cada um dos sulcos no fuste de colunas ou pilastras, = ESTRIA. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Caneluras> [consultado em 13-06-2022].

cilíndrica, pontilhada, fazendo sobressair um caule de hera gravado e relevado, realçando uma tarja disposta em sentido oblíquo, com a inscrição em letras maiúsculas, lisas e salientes: «VERDUN». O bordo é voltado para fora e possui um recipiente em folha-de-flandres, que reveste o seu interior e se apoia no rebordo da peça. De entre todos os ex-votos do Santuário é provavelmente o mais enigmático e simbólico. Parece tratar-se de um par de jarra de altar que, pelo material em latão forte, a forma cilíndrica e a paciência para fazer o pontilhado e o relevado, mas sobretudo a tarja oblíqua referindo VERDUM, traz à lembrança a I Grande Guerra Mundial e os cartuchos²⁸ de involucro dos projéteis²⁹ das armas de canhão³⁰ (IST 146 (2)). A I Grande Guerra (1914-1918) foi trágica e Portugal também participou nela, enviando, em janeiro de 1917, os primeiros militares. Em maio desse ano foi criada uma única brigada de infantaria, conhecida por “Brigada do Minho” que reunia o Batalhão de Infantaria n.º 3 de Viana do Castelo, os Batalhões de Infantaria n.º 8 e n.º 29 de Braga, e o Batalhão de Infantaria n.º 20 de Guimarães, todos pertencentes à 8ª Divisão do Exército de guarnição do Minho. Esta Brigada do Minho foi «enviada para as trincheiras no dia 23 de setembro. Permaneceu desde então na linha da frente até 9 de abril de 1918», aquando da batalha de La Lys (Sousa, 2015: 69). Guimarães participou na I Grande Guerra com jovens que lutaram corajosamente nesta terrível ofensiva. Por isso, pensa-se que estes objetos podem ser provenientes de França e oferecidos por soldados da Brigada do Minho, pertencente ao CEP-Corpo Expedicionário Português, como objetos simbólicos de uma missão perigosa ocorrida em contínuo perigo de vida. Por isso, provavelmente são ex-votos oferecidos ao Santo como agradecimento por voltarem sãos e salvos à sua terra natal.

No acervo do museu existem ainda ex-votos em têxtil. Estes são muito frágeis e por isso degradam-se com o uso, com o calor, a humidade, o pó, o excesso de luz ou com um acondicionamento deficiente, mas são imprescindíveis à melhor interpretação da vida quotidiana, sendo usados de acordo com a necessidade do momento e a época em que são confeccionados.

No Museu do Peregrino da Irmandade de São Torcato existem várias tipologias têxteis. São os paramentos sagrados, a roupa branca das alfaias litúrgicas, os trajés profanos dos crentes e os de uso doméstico.

28) Cartucho – 6. [Armamento] Invólucro da carga de arma de fogo. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Cartucho> [consultado em 12-06-2022].

29) Projétil - 1. Corpo esférico ou cónico arremessado pelo impulso de um explosivo. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/proj%C3%A9til> [consultado em 12-06-2022].

30) Canhão – 1. [Armamento] Peça de artilharia. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/canh%C3%A3o> [consultado em 12-06-2022].



Os paramentos sagrados usados na eucaristia pelos sacerdotes e nas cerimónias religiosas são feitos em seda geralmente lavrada. Os que existem na Irmandade apresentam as seguintes cores: o branco, símbolo da alegria, da paz, da pureza e da luz, com que se celebra a Virgem Maria e os Anjos, entre outros. A maior parte dos existentes são de cor vermelha, símbolo do martírio, usados no Domingo de Ramos, Sexta-feira Santa e nos dias dos santos mártires, como São Torcato. Existe ainda um de cor verde símbolo da esperança, usado durante o tempo comum; e outros de cor preta, ligados ao luto e aos defuntos. A instituição possui casulas, dalmáticas, pluviais e véus de ombros, sendo de destacar um deles pela beleza do tecido de seda, lavrado a fio de seda e a lâmina metálica prateada, de finais do século XVIII (IST 98). Existe ainda uma grande variedade de bolsas de corporais, estolas e manípulos. A coleção é complementada por várias peças de roupa branca, em linho, um material mais resistente de que são feitas as alvas, sobrepelizes adornadas com largas e delicadas rendas manufaturadas, e outras vestimentas religiosas. Existem toalhas de altar geralmente decoradas com um pequeno bordado, como a que refere «Lembrança de Vizela», ou com rendas, e vários têxteis de uso doméstico, geralmente destinados a convidados ou peregrinos, como algumas toalhas de mesa, guardanapos, lençóis, fronhas e outra roupa miúda, oferecida e para uso da Irmandade.





Nesta coleção, são curiosos os vestidos de procissão, usados por devotas que participavam na procissão, em promessa, usando delicados vestidos geralmente em cetim de seda, com cortes de costureira que marcaram uma época, por vezes decorados com lantejoulas ou galões. Eram monocromáticos, mas possuíam diversas cores como a branca, a vermelha, verde ou rosada, gola rente e mangas compridas. Pertenciam a senhoras e meninas que iam na procissão, sendo provavelmente doadas ao Santo por algum voto realizado.

Para além de outras coleções como louças, objetos de cozinha, cartazes e outras peças indispensáveis às romarias e aos romeiros, na Irmandade existe ainda uma interessante coleção de moldes preparatórios de escultura, feitos em gesso, na cidade do Porto. Pensa-se que foram encomendados pelo arquiteto Marques da Silva (1869-1947), como moldes para esculpir os motivos decorativos do Santuário de São Torcato, a realizar na dura pedra de granito. Geralmente, apresentavam motivos decorativos naturalistas e geométricos, como volutas, enrolamentos, rosetas e outros ornamentos criativos e simbólicos. São mais de noventa peças em que sobressai o molde de vulto inteiro de São Torcato (IST 593), o busto do anjo da frontaria (IST 503), uma gárgula feita ao gosto medieval (IST 500) e a maquete do zimbório do Santuário (IST 595). É ainda de notar a simplicidade das ferramentas antigas que ajudaram a construir um Santuário com esta dimensão e exigência.





Muito mais há que ver e admirar no acervo da coleção de ex-votos da Irmandade de





São Torcato, cujos milagres e segredos não cabem nesta apresentação, mas a devoção a “São Torcatinho”, permanece como um dos Santos mais populares do norte.

Ex-votos pintados a São Torcato e outros curiosos




| N.º de inventário | Transcrição do texto original e atualização | Cronologia | Material | Dimensões (cm) |
|--|---|--------------------------------|--------------------|-----------------|
| IST 823  | «Milagre que Fes S. / Trocate.. a Joze Joaquim / de Sá (?)» Milagre que fez São Torcato a José Joaquim de Sá (?) | Século XIX década de 40 (?) | Óleo sobre madeira | 34,5 x 40,5 x 2 |
| IST 817  | «Milagre que fes S. Trocato a Joaq ^m . Alz- de / Lima da fg ^a . da Estella tendo huma baca p. ^a morrer / com huma bixa ferrada na raiz da lingua e logo q. accorreu a es / te S. ^{to} logo melhorou» Milagre que fez São Torcato a Joaquim Alvares de Lima da freguesia da Estela tendo uma vaca para manter com uma bicha ferrada na raiz da língua e logo que ocorreu a este Santo logo melhorou. | Século XIX década de 40 (?) | Óleo sobre madeira | 29 x 20,6 x 2,5 |
| IST 815  | «MILAGRE / AN. ^{to} M. ^{to} GOMES DA CORRE- DOVRA, TENDO SVA / ESPOZA; EMPRGOS DE MORTE. DE HVM PARTO, SE VOTOV / DE GOELHOS AO MILAGROZO S. ^{to} TORCATO, E SE DENTRO DE / 8 OU 15 DIAS POZEÇE ANDAR, LHE FAZIA HUMA GRANDE / FESTEBELIDADE, A QUAL A FEZ E LHE DEU MAIS COM GOSTO / E SATISFAÇÃO DO MILAGRE ESTES 2 ANJOS QUE AQUI / SERVE PARA LENBRANÇA DE TODOS OS DEVOTOS» Milagre. António Manuel Gomes da Corredoura tendo sua esposa em perigo de morte de um parto se botou de joelhos ao milagroso Santo Torcato e dentro de 8 ou 15 dias pudesse andar lhe fazia uma grande festividade, a qual a fez e lhe deu mais com gosto e satisfação do milagres estes 2 anjos que aqui serve para lembrança de todos os devotos. | Século XIX década de 40 (?) | Óleo sobre madeira | 29 x 20,6 x 2,5 |
| IST 826  | «MILAGRE Q FES S.TORCATO A BENTO FERRA. DO LUGAR DE QUINTELA FREG. ^a DE TAÍDE. / Implorando ao mesmo Sancto juntam. ^{te} com sua Fam. ^a , foi prontam ^{te} socorrido.» Milagre que fez São Torcato a Bento Ferreira do lugar de Quintela, freguesia de Taide, que juntamente com sua família foi prontamente socorrido. | Século XIX meados (?) | Óleo sobre madeira | 56 x 69 x 2,5 |


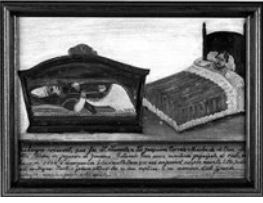


| N.º de inventário | Transcrição do texto original e atualização | Cronologia | Material | Dimensões (cm) |
|--|--|-------------------------------|---------------------------------------|-----------------|
| IST 833  | <p>«Milagre q- fes S. Torcato a Joaquina Roza, q- / estando seu f.º sego F.º Martins logo teve vista».</p> <p>Milagre que fez São Torcato a Joaquina Rosa, que estando seu filho cego Francisco Martins logo teve vista.</p> | Século XIX meados (?) | Óleo sobre folha de flandres, madeira | 34 x 49,5 x 1,5 |
| IST 818  | <p>«Manuel Fernandes de Brito, da freguezia do Santo da grande Villa Sacra / estando gravemente enfermo dezamparado dos Faculdades e ecostado nos / braços de seo irmão cuaze próximo de dar a alma ao Criador. assistindo-lhe / seo R.º Pancho apenas seo Pai prustado de joelhos afacendo seus votos ao Milagrozo / S. Torquato seu filho Recuperou a saúde».</p> <p>Manuel Fernandes Brito, da freguesia do Santo da grande Vila Sacra estando gravemente enfermo desamparado das facultades e acostado nos braços de seu irmão quase próximo de dar a alma ao Criador, assistindo-lhe seu Reverendo (?) Pancho apenas seu Pai prostrado de joelhos afagando suas vestes ao milagroso São Torquato seu filho recuperou a saúde.</p> | Século XIX meados (?) | Óleo sobre madeira | 23 x 31,5 x 2,5 |
| IST 813  | <p>«Milagre q- fes o Milagrozo S.º Torcato a Antónia Joaquina de Miranda da Freguezia de / Gemezes. Estando de parto em tres dias sem sentidos. i Logo que se apegaram / com u milagrozo S.º Torcato Logo se achou milhore. promessa que prometeu / Maria de Jazus»</p> <p>Milagre que fez o milagroso Santo Torcato a Antónia Joaquina de Miranda da freguesia de Gemezes. Estando de parto em três dias sem sentidos e logo que se apegaram com o milagroso Santo Torcato logo se achou melhor. Promessa que prometeu. Maria de Jesus.</p> | Século XIX meados (?) | Óleo sobre madeira | 36 x 48,5 x 3,5 |
| IST 816  | <p>«Milagre q- fes S. Torcato a Mª. m.ª. de João G.ª. de Campos da Freg.ª. de Milhazes / Con.ª. de Bar.ª. q- tendo tres meninas de um bentre se apegou devotamente com a / mesma milagroza Imagem as quaes se restabeleceram»</p> <p>Milagre que fez São Torcato a Maria mulher de João Guimarães de Campos da freguesia de Milhazes concelho de Barcelos que tendo três meninas de um ventre se apegou devotamente com a mesma milagrosa imagem as quais se restabeleceram.</p> | Século XIX segunda metade (?) | Óleo sobre madeira | 21,5 x 36,5 x 3 |

| N.º de inventário | Transcrição do texto original e atualização | Cronologia | Material | Dimensões (cm) |
|--|---|--|-------------------------------------|------------------------|
| <p>IST 868</p>  | <p>«NAUFRAGO – DO / A. O. G. MENI / NUJES»</p> <p>Naufraço – do A. O. G. Menino Jesus.</p> <p>(Inscrição sobre o colete salva-vidas)</p> | <p>Século XIX, finais - Século XX, inícios (?)</p> | <p>Óleo sobre tecido de estopa.</p> | <p>23 x 92 x 4</p> |
| <p>IST 827</p>  | <p>«Concelho de Barcellos 1847 / Millagre que fes S. Trocato a Manoel I.º Lopes de Miranda. / da fregª. de Cristello estando em prigos de uida / por cauza de hum tiro q~ lhe derão nas Costas e logo q~ re - / correu a este milagrozo Stº foi restabelecido a sua saude».</p> <p>Concelho de Barcelos 1847.</p> <p>Milagre que fez São Torcato a Manuel José Lopes de Miranda da freguesia de Cristello estando em perigos de vida por causa de um tiro que lhe deram nas costas e logo que recorreu a este milagroso Santo, foi restabelecido à sua saúde.</p> | <p>1847</p> | <p>Óleo sobre madeira.</p> | <p>38 x 46,5 x 2</p> |
| <p>IST 828</p>  | <p>«MILAGRE QUE FES O MILAGROZO S.TORCATE NO / MÉS DE MARÇO NO ANNO DE 1852 A HUMA DEVOTA».</p> <p>Milagre que fez o milagroso São Torcato no mês de março, no ano de 1852, a uma devota.</p> | <p>1852, março</p> | <p>Óleo sobre madeira.</p> | <p>41,5 x 58,3 x 3</p> |
| <p>IST 819</p>  | <p>«MILAGRE QUE FEZ S. TORCATO A TOMAS PRA Q. ESTANDO / EM PRIGO D. VIDA RECOREO AO DITO SANTO E ELLE LHE DEO / SAUDE PERFEITA EM 1854»</p> <p>Milagre que fez São Torcato a Tomás Pereira que estando em perigo de vida recorreu ao dito santo e ele lhe deu saúde perfeita em 1854.</p> | <p>1854</p> | <p>Óleo sobre madeira.</p> | <p>28,5 x 37,5 x 2</p> |











| N.º de inventário | Transcrição do texto original e atualização | Cronologia | Material | Dimensões (cm) |
|--|---|-----------------------|---------------------------|------------------------|
| <p>IST 821</p>  | <p>«Milagre q~ fes S. Trocato a Jozè Gomes d' Campos e a sua / mulher da Freg.a de Villar de Figos do Concelho de Barcelos q. vendo sua caza / quaze perdida por traicoens de irdeiros chegarão a fazer com q~ se tirase / uma folha do Libro do Rezisto p.a melhor opoder roubar; apegarão-se com este / milagrozo S.to permetendole um Touro q~ pesuia e logo lhe forão discubertas as falcidades q~ lhe ti / nhão tramado e hoje esta com a sua caza libre e deixaram a casa em 1856»</p> <p>Milagre que fez São Torcato a José Gomes de Campos e a sua mulher da freguesia de Vilar de Figos do Concelho de Barcelos que, vendo sua casa quase perdida por traições de herdeiros chegarão a fazer com que se tirasse uma folha do Livro do Registo para melhor o poder roubar; apegaram-se com este milagroso Santo permitindo-lhe um touro que possuía e logo lhe foram descobertas as falsidades que lhe tinham tramado e hoje está com a sua casa livre e deixaram a casa em 1856.</p> | <p>1856</p> | <p>Óleo sobre madeira</p> | <p>31 x 45,5 x 3,5</p> |
| <p>IST 812</p>  | <p>«Milagre que fez S. Trocato a António Rodrigus Barboza, estando em prigo de vida, pedindo por ele, António Dias Gonçalves logo se a / chou com saude perfeita. Porto Dezbrº d 1861.»</p> <p>Milagre que fez São Torcato a António Rodrigues Barboza, estando em perigo de vida, pedindo por ele, António Dias Gonçalves logo se achou com saúde perfeita. Porto dezembro de 1861.</p> | <p>1861, dezembro</p> | <p>Óleo sobre madeira</p> | <p>60,5 x 79 x 3,5</p> |
| <p>IST 829</p>  | <p>«Milagre que fez Sº Trocato a Manuel Martins Fernandes da freguezia da morim q: / à vinda para S. Trocato foi atacado por uma doença, a sua familia de grande benção recorreu ao dito Santo / e ficou São como antes estava, e isto aconteceu na cidade de Guimarães no campo de Lemal do fiado e depois / seguiu a sua jornada com a sua saúde perfeita assim como dantes tinha. anno de 1864».</p> <p>Milagre que fez São Torcato a Manuel Martins Fernandes da freguesia de Amorim, que à vinda para São Torcato foi atacado por uma doença. A sua família de grande bênção recorreu ao dito Santo e ficou são como antes estava, e isto aconteceu na cidade de Guimarães, no campo do linhal do fiado, e depois seguiu a sua jornada com a sua saúde perfeita assim como dantes tinha. Ano de 1864.</p> | <p>1864</p> | <p>Óleo sobre madeira</p> | <p>27 x 46 x 3</p> |

| N.º de inventário | Transcrição do texto original e atualização | Cronologia | Material | Dimensões (cm) |
|---|--|------------|---------------------------------------|----------------|
| IST 820  | <p>«Milagre visível que fez S. Turcato, a D.^a Joaquina Correia Machado, da Casa d. / Villa Bôa da freguezia de Joannes Estando com uma monstroosa grijsipeta do mes d. / Maio de 1864 e desenganada pela Facultativa, que era impossível escapar a morte. Ella pediu / a este milagroso Santo, e foram attendidas as suas supplicas E em memoria d'este grande / milagre, mandou fazer este quadro».</p> <p>Milagre visível que fez S. Torcato, a Dona Joaquina Correia Machado, da Casa de Vila-Boa da freguesia de Joane. Estando com uma montruosa erisipela do mês de maio de 1864 e desenganada pela facultativa, que era impossível escapar a morte. Ela pediu a este milagroso Santo, e foram atendidas as suas súplicas E em memória deste grande milagre, mandou fazer este quadro.</p> | 1864 | Óleo sobre madeira | 31 x 41x 3 |
| IST 830  | <p>Milagre visível, que fes S. Turcato, a D. Joaquina Correia Machado da Casa de / Villa Bôa, da freguesia de Joanne. Estando com uma mon[s]trosa gripsipela de resto, em / Maio de 1864, e desenganada pelos Facultativos que era empossivel escapar a morte. Ella pedio / este milagrozo Santo, e foram attendidas as suas supplicas. E em memoria d'este grande / milagre mandou fazer este quadro»</p> <p>Milagre visível que fez São Torcato, a Dona Joaquina Correia Machado da Casa de Vila-Boa, da freguesia de Joane. Estando com uma montruosa erisipela¹ de resto, em maio de 1864, e desenganada pelos facultativos que era impossível escapar à morte. Ela pediu a este milagroso Santo, e foram atendidas as suas súplicas. E em memória deste grande milagre mandou fazer este quadro.</p> | 1866 | Óleo sobre folha de flandres, madeira | 29 x 38,5x 5 |

31) Erisipela – Infecção cutânea aguda, causada geralmente por estreptococos, que provoca vermelhidão, dor e edema, acompanhados de febre e mal-estar geral (ex.: erisipela difusa). In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. <https://dicionario.priberam.org/erisipela> [consultado em 28-05-2022].



| N.º de inventário | Transcrição do texto original e atualização | Cronologia | Material | Dimensões (cm) |
|--|--|------------|---------------------------------------|-----------------|
| IST 822  | <p>«Milagre que fes S. Torquato a Aurora Maria Machado da Freguezia de Joanne da Caza dos Bau estan / do enferma d'cinta prolongada molestia precedida d'um parto em 30 de Maio de 1866 a qual / logo se deregiu a este Santo se achou restabelecida e Fica apreciar d'saúde».</p> <p>Milagre que fez S. Torcato a Aurora Maria Machado da freguesia de Joane da Casa dos Bau estando enferma da cinta(?) prolongada moléstia precedida de um parto em 30 de maio de 1866 a qual logo se dirigiu a este Santo se achou restabelecida e fica apreciar de saúde.</p> | 1864 | Óleo sobre folha de flandres, madeira | 29 x 38,5 x 5 |
| IST 831  | <p>«Milagre que fes S. Torcato a Jozefa Maria Gomes, da Caza da Bornaria, suburbio de Gui / m.ªs que estando gravemente doente com todos os sinaes de morte, e desengana / da por facultativos sua familia; recorrerão ao Milagrozo Santo, e a sua suplica lhe foi / ouvida em 7 de Maio de 1869».</p> <p>Milagre que fez S. Torcato a Josefa Maria Gomes, da Casa da Bornaria, subúrbio de Guimarães, que estando gravemente doente com todos os sinais de morte e desenganada por facultativos, sua família recorreu ao Milagrozo Santo e a sua súplica lhe foi ouvida em 7 de Maio de 1869.</p> | 1869, maio | Óleo sobre folha de flandres, madeira | 48,5 x 63 x 3 |
| IST 811  | <p>«Milagre que fêz S. Torcato a José Antonio Marques da Matta da Povia / de Varzim que vendo-se em perigo no mez de Fevereiro de 1874 no rio / Paraguay na viagem que fêz para os hervaeos com tres passageiros estes / se tornaram assassinos de seus dois companheiros escapando o devoto depois / de muito mal tratado e lançado ao már por o julgarem já morto, e recuperando os sem / tidos recorreu a S. Torcato ao auxilio de quem reconhece dever a vida».</p> <p>Milagre que fez S. Torcato a José António Marques da Mata da Póvoa de Varzim que vendo-se em perigo no mês de fevereiro de 1874 no rio Paraguai na viagem que fez para os ervais com três passageiros estes se tornaram assassinos de seus dois companheiros escapando o devoto depois de muito mal tratado e lançado ao mar por o julgarem já morto, e recuperando os sentidos recorreu a São Torcato ao auxílio de quem reconhece dever a vida.</p> | 1874 | Óleo sobre tela, madeira | 49,2 x 63,8 x 4 |

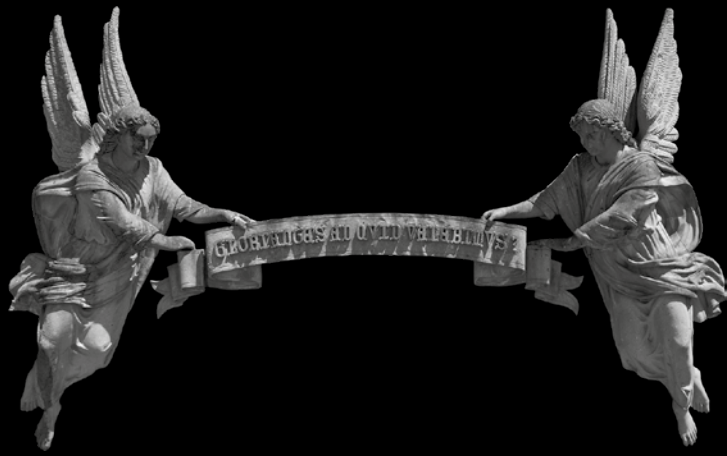
| N.º de inventário | Transcrição do texto original e atualização | Cronologia | Material | Dimensões (cm) |
|--|--|----------------|--|--------------------------|
| <p>IST 814</p>  | <p>«Milagre que fes u milagroso s. Torquato a Manoel José Barvoza / da freguezia de Gemezes. achandose ferado de um cão que anda / va com a ravia com muito sosto bivia logo que se lamur / ou du milagroso s. torquato logo ficou a leviado du sosto não tive prigo algum; Feito no anno de 1883».</p> <p>Milagre que fez o milagroso São Torcato a Manuel José Barbosa da freguesia de Gemezes. Achando-se ferrado de um cão que andava com a raiva com muito susto vivia logo que se lamurou do milagroso São Torcato logo ficou aliviado do susto não teve perigo algum. Feito no ano de 1883.</p> | <p>1883</p> | <p>Óleo sobre madeira</p> | <p>37,8 x 46,5 x 4</p> |
| <p>IST 825</p>  | <p>«MILAGRE QUE FEZ / S. TORQUATO / a MANOEL DUARTE GUERRA, da freguezia de Ventosa, comarca de Vieira, que padecendo ha vinte annos d'uma molestia incuravel, foi por este Santo curado. / Foz do Penedo, 1905».</p> <p>Milagre que fez S. Torcato a Manuel Duarte Guerra da freguesia de Ventosa, comarca de Vieira, que padecendo há vinte anos de uma moléstia incurável, foi por este Santo curado. Foz do Penedo, 1905.</p> | <p>1905</p> | <p>Papel fotográfico, papel impresso, madeira, vidro</p> | <p>49,5 x 36,5 x 2</p> |
| <p>IST 146</p>  | <p>«VERDUN»</p> <p>[Jarras de altar, par]</p> <p>Inscrições na base: S c B x_ 152L 18C 75 DE C. S c B x_ 157L 18C 15 DE C.</p> | <p>Ca.1918</p> | <p>Latão repuxado, pontilhado e gravado</p> | <p>33,4 x 9</p> |
| <p>IST 832</p>  | <p>«MILAGRE QUE FEZ S. TORCATO A PORFÍRIO PORTELA, ESTANDO EM PRIGO DE VIDA / LOGO QUE SE APEGOU COM O SANTO TEVE MELHORAS. / GEMESES 24 JUNHO DE 1928»</p> <p>Milagre que fez São Torcato a Porfírio Portela estando em perigo de vida logo que se apegou com o Santo teve melhoras, Gemeses, 24 de junho de 1928.</p> | <p>1928</p> | <p>Óleo sobre folha de flandres</p> | <p>37,5 x 46,5 x 3</p> |
| <p>IST 824</p>  | <p>«[Bordado:] Maria Antónia da Mota Prego Cunha Martins / Oferece Muito Reconhecida / Guimarães 1952»</p> <p>[Manuscrito em relevo sobre fora de seda cor de rosa]</p> <p>«Oferecido em 18-XII-1952 / depois de 5 Missas celebradas / em acção de graças»</p> <p>Manuscrito a tinta sobre papel].</p> <p>Maria Antónia da Mota Prego Cunha Martins oferece muito reconhecida. Guimarães 1952.</p> <p>Oferecido em 18-XII-1952 depois de 5 Missas celebradas em ação de graças.</p> | <p>1952</p> | <p>Tecido de seda, material plástico, prata.</p> | <p>40,5 x 30,5 x 5,5</p> |

Bibliografia

- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, & Barroca, Mário Jorge. (2002). *História da Arte em Portugal: o gótico*. Lisboa: Presença.
- Amaral, Luís Carlos. (2016). coord. – *Diplomata et chartae-chartularia: Livro de Mumadona, cartulário do mosteiro de Guimarães*. Edição crítica. Nova série. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Araújo, Agostinho. (2000). Os «Milagres» dos santos da casa. In *Brasileiros de torna-viagem no noroeste de Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 149-166.
- Araújo, Agostinho. (2014). Em redor dos Milagres da Senhora da Lapa. In Ramos, Luís Oliveira; Ribeiro, Jorge Martins; Polónia, *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Porto: FLUP, DL 2001. Vol. I, p. 147-168. ISBN 972-9350-59-0.
- Azevedo, Torcato Peixoto de. (2000). *Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães em 1692*. 2.^a ed. Guimarães: Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro. [1.^a ed. Porto, 1945].
- Barroca, Mário Jorge. (2000). *Epigrafia medieval portuguesa (1862-1422): Corpus epigráfico medieval português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, FCT, 2000. Vol. 2, tomo 2.
- Barroca, Mário. (2000). Século X: lipsanoteca moçárabe de S. Torcato. In Isabel Fernandes, coord. – *Mil anos a construir Portugal*. Guimarães: CMG, IPM, MAS.
- Barroca, Mário Jorge, & Real, Manuel Luís. (1992). As caixas-relicário de São Torcato, Guimarães (século X-XIII). *Arqueologia Medieval*. N.º 1, p. 135-168.
- Barros, João. (nd). doutor; [ed. lit.] Biblioteca Pública Municipal do Porto – *Geographia d' Entre Douro e Minho e Tras-os-montes*. Porto: Tip. Progresso, 1919.
- Bastos, Celina, & Sousa, Conceição Borges de. (2008). *Museografias*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- Belino, Albano. (1900). *Archeologia Christã*. Lisboa: Empresa da Historia de Portugal.
- Carvalho, António Lopes de. (1939-1951). *Mesteres de Guimarães*. Guimarães: [s.n.], 1939. Vol.1.
- Cardoso, Abel de Vasconcelos. (1912). *Inventário da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira*. [Manuscrito]. (Arquivo Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, A/60).
- Catálogo ilustrado da Exposição retrospectiva de Arte ornamental portuguesa e Hespanhola celebrada em 1882: texto*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882.
- Craesbeeck, Francisco Xavier da Serra. (1992). *Memórias ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Carvalhos de Basto.
- Estaço, Gaspar. (1754). *Várias antiguidades de Portugal*; dado novamente à luz por Luiz de Moraes. Lisboa: Na offic. dos herd. de Antonio Pedrozo Galrão.
- Fernandes, Isabel Maria. (2020). *Igreja de S. Miguel do Castelo*. Guimarães: Associação de Amigos do Paço dos Duques de Bragança e do Castelo de Guimarães, 2020 (Monte Latito: guias; 2).
- França, José-Augusto. (1966). *A arte em Portugal no século XIX*. Lisboa: Livraria Bertrand, cop. 1966. 2 vol.
- Guimarães, Alfredo. (1935). *Mobiliário artístico Português: (Elementos para a sua história): II Guimarães*. Guimarães: Edições Pátria.
- Guimarães, Alfredo. (1942). *A degolação de S. João Baptista*. Porto: Litografia Nacional. (Estudos do Museu de Alberto Sampaio; 1).
- Guimarães, Alfredo. (1953). *O cálice gótico do Mosteiro de São Torcato e outros estudos*. [s.l.: s.n.]. (Estudos do Museu de Alberto Sampaio; 3).
- Livro de Registo dos Visitantes ao Tesouro de Nossa Senhora da Oliveira*. [Manuscrito]. 1899-1931 (MAS).

- Magalhães, João Luís Durães Teixeira. (2021). *Entre o mito e a história: a construção da memória de São Torcato de Guimarães nos séculos XVI e XVII*. [Em linha]. Porto: FLUP. Dissertação de Mestrado em Estudos Medievais. [Consult. 14 maio 2022]. Disponível em WWW:<URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/139772>>
- Meireles, Maria José Marinho de Queirós. (2014). O Inventário da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de 1665. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Série 3, Vol. 3 (2014), p. 100-149.
- Meireles, Maria José Marinho de Queirós. (2015). A Colegiada de Guimarães e a Exposição de Arte Ornamental de 1882. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Série 3, vol. 1, p. 25-51.
- Meireles, Maria José Marinho de Queirós. (2019). Alfredo Guimarães. In Emília Ferreira, Joana d’Oliva Monteiro, Raquel Henriques da Silva, coord. científica - *Dicionário Quem é quem na museologia portuguesa*. [em linha]. [S.l.]: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA, 2019. P. 146-149. [Consult. 14 maio 2022]. Disponível em WWW:<URL: http://institutohistoriadaarte.com/wp-content/uploads/2019/03/dicionario_quemquem.pdf>
- Occidente: revista ilustrada de Portugal e estrangeiro*. Lisboa: Lallement Frères, 1878-1916.
- Oliveira, António José. (2006-2007). O inventário do património móvel do tesouro da sacristia da Colegiada de Guimarães (1756-1769). *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e técnicas do património*. Série 1, vol. 5-6, p. 391-435.
- Rosas, Lúcia Maria Cardoso. (1992). Cálice e patena, nº 44. In *Nos confins da Idade Média: Arte Portuguesa, séculos XII-XV. [catálogo de exposição]*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 131-132.
- Rosas, Lúcia Maria Cardoso. (1997). Joaquim de Vasconcelos e a valorização das artes industriais. In *Rodrigues de Freitas: a obra e os contextos: atas do Colóquio*. [em linha]. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, p. 229-240. Consulta [14 maio 2022]. Disponível em WWW:<URL: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5555.pdf>>
- Rosas, Lúcia Maria Cardoso, & Pereira, Maria da Conceição Meireles. (1991). Arte e nacionalidade: uma proposta de Yriarte a propósito da Exposição de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola de 1882. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto: Faculdade de Letras. 2ª Série, vol. 8, p. 327-338.
- Santos, Manuela de Alcântara, & Silva, Nuno Vassallo e. (1998). *A coleção de ourivesaria do museu de Alberto Sampaio*. Lisboa: IPM.
- Serrão, Vitor. (1996). As oficinas de Guimarães nos séculos XVI-XVII e as coleções do Museu de Alberto Sampaio. In *A coleção de pintura do Museu de Alberto Sampaio, séc. XVI – XVIII*. Lisboa: IPM. p. 89-147.
- Porfírio, José Luís. (2005). Introdução. In *Pintura europeia: Roteiro: Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. p. 10-35.
- Porto Editora. (2021). Lei de Separação do Estado e da Igreja. Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-12-27 12:02:00]. Disponível em WWW: <[https://www.infopedia.pt/\\$lei-de-separacao-do-estado-e-da-igreja](https://www.infopedia.pt/$lei-de-separacao-do-estado-e-da-igreja)>
- Santos, Ana Paula Machado. (2018). *Esmaltes de Limoges e Peninsulares em Portugal da Época Medieval à Época Moderna*. [Em linha] Porto: CITCEM, Afrontamento. 2 vol. [Consult. 14 maio 2022] Disponível em WWW:<URL: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1670&sum=sim>>
- Santos, Manuela Alcântara. (2005). Um Museu com História: De “Tesouro” a Museu. In *Museu de Alberto Sampaio: Roteiro*. Lisboa: Instituto Português de Museus. P. 9-15.
- Silva, Hilário Oliveira da. (2004). *Capelas, cruzeiros e clamores no Arciprestado de Guimarães e Vizela*. Guimarães: [s.n.].
- Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). *Boletim de Trabalhos Históricos*. Série 3, vol. 4, p. 67-84.





GEORGIUS AD ULRICUM

